

H.P. BLAVATSKY

A DOCTRINA SECRETA

síntese da ciência, da religião e da filosofia

Volume V

**CIÊNCIA, RELIGIÃO
E FILOSOFIA**

Pensamento

HELENA PETROVNA BLAVATSKY

A DOCTRINA SECRETA

Síntese de Ciência, Religião e Filosofia

Tradução de

RAIMUNDO MENDES SOBRAL

VOLUME V

CIÊNCIA, RELIGIÃO E FILOSOFIA



Editora
Pensamento
SÃO PAULO

Tradução do original inglês: *The Secret Doctrine – The Synthesis of Science, Religion and Philosophy*.

Edição Adyar.

Theosophical Publishing House, 1938.

Copyright © 1973 Sociedade Teosófica no Brasil.

Copyright da edição brasileira © 1980 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

1ª edição 1980.

15ª reimpressão 2017.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Pensamento não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas
Nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Direitos reservados
EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA.
Rua Dr. Mário Vicente, 368 – 04270-000 – São Paulo, SP
Fone: (11) 2066-9000 – Fax: (11) 2066-9008
E-mail: atendimento@editorapensamento.com.br
<http://www.editorapensamento.com.br>
Foi feito o depósito legal.



Esta obra
é dedicada aos verdadeiros Teósofos
de todos os países,
seja qual for a raça a que pertençam.
Eles a solicitaram e para eles foi escrita.

HELENA PETROVNA BLAVATSKY

SUMÁRIO

Prefácio da Edição de 1897, por Annie Besant	14
Introdução	16
Conceitos errôneos da Sabedoria Antiga — Os objetivos deste volume: 1) assinalar o simbolismo e as alegorias esotéricas dos antigos filósofos arianos, gregos e outros de renome; 2) provar que a chave de interpretação proporcionada pelas regras orientais indo-budistas de Ocultismo se adapta tanto aos Evangelhos cristãos como aos livros arcaicos egípcios, gregos, caldeus, persas e hebreu-mosaicos — Os eruditos negam o significado oculto das antigas Escrituras — Os marcos deixados no campo da Filosofia e das Ciências Físicas pelos eruditos da Antiguidade e da Idade Média — Os Iniciados e os Ensinamentos ocultos transmitidos durante os Mistérios — Só os Iniciados podem compreender o <i>Timeu</i> de Platão — Amônio Sacas, fundador da Escola Neo-platônica — As Doutrinas de Pitágoras e de Platão são orientais.	
Seção I — Exame Preliminar	28
O conhecimento da existência de Iniciados remonta à Quarta Raça-Raiz — Os "Protetores" da China — As viagens de Marco Polo na Ásia Central — O A.B.C. da Magia — Oriente, terra da Sabedoria e Erudição — A Magia tão antiga quanto o Homem — Os antigos cultivavam a magia no mais alto grau — A Doutrina Secreta do Oriente contém o Alfa e o Ômega da Ciência Universal — Os Ocultistas e sua Ciência Arcaica gradualmente vingados — Ainda floresce a Gnose da Irmandade Secreta — Há Cabalistas eruditos espalhados pela Europa e América — Feitiçaria consciente e inconsciente — Magia Negra e Hipnotismo — Magia Branca e Magia Negra — A existência de uma Doutrina Secreta Universal e seus métodos práticos de Magia não é uma ficção.	
Seção II — A Crítica Moderna e os Antigos	42
Respeito aos verdadeiros cientistas — Que é um Mito? — Os progressos feitos pela Filosofia, pelo Simbolismo e pela Religião comparada — Profundidade dos Oráculos Caldeus.	
Seção III — A Origem da Magia	48
Aspectos opostos da Filosofia Hermética — Exatidão dos Escritos de Hermes Trismegisto — Homero e Hesíodo inspiraram-se nos Hinos Órficos — Qual a origem das Ciências Ocultas, ou Magia? — Obras de Ciências Ocultas existentes na época de Clemente — Não há provas a favor do Diabo — Egito, berço da Química.	

Os Iniciados propagam Verdades por meio de Parábolas — Silêncio a respeito do verdadeiro significado dos Textos Bíblicos — O compilador do *Zohar* transmitiu só *oralmente* a sua Doutrina — A Doutrina Secreta de Amônio Sacas, Pitágoras e Platão haurida dos *Livros de Thoth* e dos Sábios do Oriente — O Primeiro Iniciador — “Sentenças obscuras” no *Antigo e Novo Testamento* — O egoísmo foi a causa da restrição do Conhecimento e do Poder — Perpetrou-se um crime quando se inventaram súplicas para tornar Deus propício — Para os cristãos primitivos a instrução era pecado — Por que as Grandes Verdades são alegorizadas? — Verdades ocultas na Poesia e na Sátira — A Doutrina Esotérica, ou Religião da Sabedoria.

Razões da reserva nas Ciências Ocultas — A Chave-Mestra da Teurgia prática — Que se entende por Deus *pessoal* do homem? — Os Ocultistas sabem que os “Deuses” são os Princípios Conscientes Videntes — Cada mortal tem seu Arquétipo imortal — Estados de consciência de Adeptos elevados — Os três Caminhos que se abrem para um Adepto — “Agora que os mortos se levantaram” significa renascimentos — Algumas das Parábolas de Cristo são “frases enigmáticas”.

Duplo é o poder da Magia — A Unidade é a base das Ciências Ocultas — As Cosmogonias se relacionam intimamente com os Números e as Figuras Geométricas — O Conhecimento do Cosmos se fundamenta na verdadeira Matemática — Por que os Químicos e os Físicos modernos se afastaram das Ciências Ocultas — As “Três Mães” dos antigos são a Luz, o Calor e a Eletricidade — A Cabalá é a essência da Maçonaria — A *Bíblia* é a última e a mais recente obra dos Tratados Ocultos da Antiguidade — Moisés era versado nos Ensinamentos Ocultos — Moisés velou as Verdades que lhe foram reveladas com engenhosas alegorias.

Os Protestantes nada sabiam sobre a verdadeira origem do Cristianismo — Dogmas e Símbolos antigos considerados pelos cristãos como plágios do Diabo — Jesus deve ter conhecido a linguagem de antiquíssimos Rituais de Iniciação — A *Bíblia* se serve da Ciência Arcaica Esotérica.

O *Livro de Enoch* foi repudiado por ser considerado uma Obra de Magia — O *Livro de Enoch* de hoje é uma transcrição de textos muito mais antigos — O que ensina o *Livro de Enoch* — As Profecias do *Livro de Enoch* abrangem cinco das sete Raças — O primeiro “Filho do Homem” significa os Divinos Iniciados da Primitiva Escola dos Homens, no término da Primeira Raça-Raiz — As Doutrinas dos *Evangelhos* e do *Antigo Testamento* foram tiradas do *Livro de Enoch* — O “Senhor das Ovelhas”, o Cristo, é o Hierofante-Vítima — O Supremo Iniciador na Terra — Todos os grandes hierofantes tiveram morte violenta — Esotericamente, Enoch representa simbolicamente a Primeira Sub-Raça da Quinta Raça-Raiz.

A Teoria Nebular está explicada na Cosmogonia da Doutrina Arcaica — Um dos nomes secretos do Eterno Uno — O conhecimento secreto de Simeão Ben Jochai — O Taro (Rota) do Livro de Enoch — No Ocultismo, cada Deus tem três biografias: a histórica, a astronômica e a mítica — O que se originou da "Origem das Medidas" faraônicas — Astronomicamente, Abraão é a Medida Solar, e Enoch é o Ano Solar.

Seção X — Vários Sistemas Ocultos na Interpretação de Alfabetos e Cifras Numéricas

103

As principais figuras do Sistema Pitagórico — O simbolismo dos Números e suas Relações Matemáticas é um ramo da Magia — Os alfabetos Deva-nâgari, Hermético, Caldeu e Hebraico têm um significado oculto — O Sistema Esotérico Hindu de Numeração resolve o problema da Cosmogonia — Anagramas e Diagramas cabalísticos — O significado do Triângulo — A Simbologia do Lótus e do Lírio — Uma linguagem universal entre os Iniciados — Os caracteres Devanâgari e Hebraicos têm vários significados secretos.

Seção XI — O Hexágono com o Ponto Central ou a Sétima Chave

110

O Grande poder do Hexágono — Armas ocultas — O verdadeiro Taro se encontra só nos cilindros babilônicos.

Seção XII — O Dever do Verdadeiro Ocultista para com as Religiões

114

Os poderes taumatúrgicos dos Adeptos — O estudante de Ocultismo tem o dever de respeitar toda Fé e Crença, para tornar-se um Adepto da Boa Lei — Os primeiros Adeptos Pós-Cristãos.

Seção XIII — Adeptos Pós-Cristãos e suas Doutrinas

116

Os Evangelhos Apócrifos contêm fatos veridicamente históricos — Quem foi Simão, o Mago? — Simão, o Mago, foi um cabalista e um místico — A linguagem simbólica usada por Simão, o Mago — O significado místico e numérico de Abraxas — Saturnilo foi um gnóstico da Ásia — Simão foi um Adepto entre os cabalistas.

Seção XIV — Simão e seu Biógrafo Hipólito

121

Por que se acusou Simão, o Mago, de blasfêmia contra o Espírito Santo — "Milagres Divinos" foram realizados mediante poderes adquiridos com Pureza de vida e Êxtases — Como nasceu o Dogma da Infalibilidade — Simão podia manter-se no ar.

Seção XV — São Paulo, o Verdadeiro Fundador do Cristianismo atual

126

Quando os Discípulos começaram a chamar-se Cristãos — Só os Iniciados podem ab-rogar a Lei — Jesus foi um Nazareno, uma classe de Caldeus Iniciados.

Seção XVI — Pedro foi um Cabalista Judeu, mas não foi um Iniciado

130

A Igreja Oriental manteve-se fiel aos Ensinaamentos Primitivos dos Apóstolos — A palavra Peter (Patar) o relaciona com a Doutrina Secreta e os Mistérios — Pedro não fundou a Igreja Latina; morreu na Babilônia, em idade avançada.

A viagem à Índia simboliza as provas de um Neófito — Por que os cristãos impediram a circulação das biografias de Apolônio — Os Anais Ocultos registram o nascimento e a vida de Apolônio — Apolônio, inimigo implacável da hipocrisia — A ética de Apolônio baseia-se na Filosofia Mística — Apolônio apresentado como um passivo “instrumento de Satã” — Que temos de criticar em Apolônio? — Monumentos erguidos como gratidão a Apolônio.

Os nomes de Jesus e Apolônio (Apolo) significam “o Sol no Céu” — Apolônio, um Iniciado da mesma Escola de Pitágoras, Buddha, etc. — Suas biografias são Anais Místicos de suas vidas públicas e íntimas como Neófitos e Iniciados — Cada “Salvador” é tentado, perseguido e finalmente “assassinado” no término dos Ritos da Iniciação — Descem-nos ao Reino da Matéria, de onde emergem como “Sóis de Justiça” — Etapas de sacrifício na Iniciação — Os Fundadores e suas Religiões são versões distintas do mesmo Pristino Mistério — Dificuldades concernentes à biografia e genealogia de Jesus — Idéias primitivas a respeito da Natureza de Cristo — A tradução correta de *Eli, Eli, Lamah azabv-tha-ni* — Como foram falsificadas essas palavras — A Cruz, um Signo Secreto de Reconhecimento entre Neófitos e Adeptos, antes de ser aceito como Símbolo Cristão — A “Doutrina Secreta” de Jesus — A Cruz e o Crucifixo — A origem dos Emblemas cristãos primitivos — Relato de Jesus baseado nos Signos do Zodíaco — Símbolos Esotéricos velavam Mistérios Cosmogênicos — A “Mulher primitiva” — I.N.R.I., iniciais místicas e cabalísticas — Interpretação cabalística dos relatos evangélicos — Ritos de Iniciação e a História de Jesus.

Cipriano, um Mago negro, segundo sua própria confissão, elevado à dignidade de Santo, por sua contrição e humildade — A confissão de S. Cipriano — Sofreu o martírio no tempo do imperador Diocleciano.

A linguagem esotérica dos Alquimistas era um véu — Os Dogmas Místicos cristãos adotam todos os antigos símbolos pagãos — A Maçonaria moderna é o pálido e obscurecido reflexo da Oculta Maçonaria Primitiva — Os Ensinaamentos Cabalísticos são mais antigos do que o povo judeu — A Literatura Cabalística não possui registros escritos, antes do séc. I d.C. — A paternidade do *Zohar* — Os judeus aprenderam dos caldeus os Princípios Cabalísticos — Quando o hebraico deixou de ser idioma falado — O atual *Antigo Testamento* não contém os Livros de Moisés originais — Adi é o nome dos primeiros homens dotados de fala (Ad-am) — O idioma de Abraão foi o caldeu — Discrepâncias aparentes do *Gênesis* ocultam segredos cabalísticos — A fidelidade da *Bíblia* depende da versão dos *Setenta* — Os idiomas mais antigos da Pérsia são o caldeu e o sânscrito — Tendo-se perdido a Linguagem de Mistério, as Nações ficaram limitadas à sua própria língua nacional — Esoterismo hebraico no Primitivo — As Escolas Eloísta e Jeovista nas Escrituras hebraicas — O *Ain-Soph* dos caldeus é uma cópia da Divindade vedantina — A Triada Pré-Cósmica — O Um, o Três e o Cubo de onde emana todo o Cosmos — Verdadeiro significado do nome de Jehovah — Eva aparece como a Evolução da Natureza — Os sete nomes de Sephira — Os três grupos de Sephiroth, os Construtores — A Cabala deve ser confrontada com o *Livro dos Números* caldeu, ou com os Ensinaamentos Secretos do Oriente.

O simbolismo maçónico deve ser estudado à luz dos ensinamentos arianos — A *Bíblia* judaica, tal como a conhecemos hoje, contém poucas verdades — Quem corrompeu o texto do *Antigo Testamento*? — O idioma dos Iniciados no tempo de Moisés era idêntico ao dos hierofantes egípcios — O "Texto Sagrado" posto ao nível das grosseiras Religiões Fálicas — A Criação e os Sete Deuses Criadores — Os dois Adãos são antigas alegorias arianas — Sofia é Aditi com seus Sete Filhos — Sete Chaves para todas as alegorias — Nem a Cronologia Septiforme nem a Teogonia Septiforme têm origem divina na *Bíblia* — Os Sete Criadores — Adão era o chefe dos Sete que caíram do Céu — Ecos universais da primitiva Doutrina Secreta.

Seção XXII — A Criação e os Elohim no Zohar

195

Teorias da Criação e Simbologia Oculta — A interpretação mais científica e satisfatória do primeiro capítulo e frase inicial do *Gênesis* se encontra em *A Origem das Medidas* — Pontos de vista gnósticos e cristãos sobre a Criação e os "Construtores" — Os Planetas são os Corpos Visíveis dos Sete Anjos Planetários — Quem são os Elohim? — O conceito hebraico dos Elohim corresponde ao dos Prajapati hindus — A Mônada, a Diade e a Triade — Voz, Espírito e Verbo — Os Elohim são uma Legião, o Exército de Potestades Criadoras — A função dessas Potestades Criadoras — "A Legião de Deus" se chama Dhyan-Chohans na Doutrina Secreta — Jehovah é Adão Kadmon de quem Logos se serve como Veículo em sua Descida para manifestar-se — Todas as Cosmografias Antigas se encontram nas Epístolas de S. Paulo.

Seção XXIII — O que os Ocultistas e os Cabalistas têm a dizer

206

A origem do *Zohar*, um véu da Doutrina Secreta — O "Sol da Iniciação" — Juliano, o último sacerdote do Sol na Europa — A "Causa Desconhecida" não era Jehovah, ou Júpiter — Os que estudavam Astrologia e Magia conheciam as Forças Ocultas dominantes das Constelações.

Seção XXIV — Os Modernos Cabalistas da Ciência e da Astronomia Oculta

210

A necessidade de Forças diretoras inteligentes na Ciência — Especulações de homens de ciência sobre a natureza dessas Forças — Teoria ocultista sobre Netuno — Movimento perpétuo ou Geração espontânea, *ex-nihilo*? — Pode a Força cega regular a Matéria cega, ou inerte?

Seção XXV — Ocultismo Oriental e Ocidental

216

O Ocultismo ocidental cabalístico de Eliphas Lévi — O "Grande Abismo", ou Trevas primitivas — O que a Doutrina Secreta ensina a respeito da Reconstrução do Universo — Eliphas Lévi procurou conciliar a Magia judaica com o Clericalismo Romano — Os Orientalistas não podem arrancar os marcos plantados no *Rig Veda* — Entre o "Pai" de tudo e a Divindade Infinita existe um abismo — A Água da Vida representa o Quinto Princípio do Cosmos — O significado secreto da Água e da Terra, a Matéria-Prima e o Princípio Criador (Feminino) — Caos, Espaço, o continente de todas as coisas do Universo — Cifras indicativas de dados cronológicos até o Dilúvio.

Seção XXVI — Os Ídolos e os Terafins

226

Os Terafins eram os Deuses que se revelavam por meio dos sacerdotes e Adeptos —

Adivinhações feitas com a ajuda dos Elementais — Os Tumins e Urins dos judeus são semelhantes ao Peitoral dos hierofantes dos Templos egípcios — A finalidade do "Tabernáculo" — Como os Ritos Ocultos degeneraram em "Superstição".

Seção XXVII — A Magia Egípcia

232

Os Papiros egípcios são restemunhos da Magia Antiga — Na maioria de tais papiros a Magia Branca e a Magia Negra acham-se misturadas — Os egiptólogos se referem à Magia egípcia e à Feitiçaria — Significados dados a um papiro, no Louvre — Símbolos comuns ocultam segredos antigos — Origem egípcia do Báculo dos Bispos — Símbolos egípcios para a Reencarnação — Nos Mistérios Funerários, os Iniciados representavam o drama do Nascimento e Morte de cada Raça — O "Mau Olhado" é cósmico em sua origem — Algumas das superstições comuns — A Astrologia judiciária admitida por Kepler — Amuletos e nomes místicos — Comunicação com os Deuses, no Egito — A Magia considerada como Ciência divina — Estátuas mágicas — A perniciosa feitiçaria atlante motivou a proibição da Magia Prática.

Seção XXVIII — A Origem dos Mistérios

247

Os Mistérios foram comunicados aos eleitos da Quarta Raça-Raiz pelos Reis-Iniciados — Hércules, de origem hindu, é a última encarnação de um dos "Senhores da Chama", como Balarâma ou Baladeva — Dvârakâ, cidade que substituiu Kushasthali de Râvara — O Conhecimento predominou universalmente na Idade de Ouro — As observações lógicas e científicas dos fenômenos naturais conduzem ao Conhecimento de Verdades Eternas — Por que as Verdades Primitivas ficaram em mãos dos Iniciados — Um verdadeiro sacerdócio — Os poderes curativos dos Iniciados — Conhecimentos maravilhosos dos sacerdotes egípcios — Os Mistérios foram anteriores aos hieróglifos — A Iniciação era a Ciência das Ciências — Os Preceitos que os Iniciados ensinavam se propagaram pelo mundo todo — Por que os sábios e escritores da antiguidade elogiaram os Mistérios — A Segunda Epístola de Pedro se refere à destruição da Quinta Raça e à aparição de um novo Continente para a Sexta Raça.

Seção XXIX — A Prova do Iniciado-Sol

258

O "Sol", o Neófito, desce às Regiões Inferiores e ressurge na glória de sua Regeneração — Os Deuses do Mistério — Por que as Iniciações não podem ser públicas — Os Ritos maçônicos de Iniciação são decalcados no simbolismo e ritual egípcio e outros mais antigos — O que os jesuítas fizeram para destruir a Maçonaria — O Simbolismo maçônico representa todo o drama do Ciclo da Vida.

Seção XXX — O Mistério do "Sol da Iniciação"

264

No Egito, os Mistérios eram conhecidos desde os dias de Moisés, e foram introduzidos na Grécia quando Orfeu os trouxe da Índia — Em lugares secretos da Europa, entretanto, celebravam-se os Mistérios — Que era o "Sol da Justiça"? — O Sol, Verbo, Hélios são imagens da Divina Sabedoria — Já-va ou IAO era o nome secreto de um Deus de Mistério — A identidade de Jehovah e Baco ou Dioniso.

Seção XXXI — A Finalidade dos Mistérios

268

Pitágoras, Platão e Jâmblico tomaram parte nos Mistérios — Poucos alcançavam a Suprema e Final Iniciação — Os Iniciados gozavam da Teofania: a visão dos Deuses — Os Chelas hindus do terceiro grau têm dois gurus — A Maçonaria assenta sobre três graus

fundamentais — Na América Central e na América do Sul os Mistérios existiam desde a época dos invasores espanhóis.

Seção XXXII — Vestígios dos Mistérios

274

As "Torres Redondas" estavam relacionadas com os "Mistérios da Iniciação" — Os Iniciados da *Via da Esquerda* se apropriaram dessas venerandas ruínas e as transformaram em monumentos fálicos — O significado da palavra Chrestos, na Iniciação; diferença entre Chrestos e Christos — O "Abismo" no Simbolismo Oriental — A Serpente ou Satanás era o "Deus da Sabedoria Secreta" — Nâgârjuna iniciou muitos, na China e no Tibete, nos Mistérios Ocultos de Gautama Buddha — O Simbolismo Oculto de Nârada — Símbolos cristãos antes do Cristianismo — Os Salvadores foram Bons Pastores — O Juízo da "Alma" — Dos Neófitos era exigido o domínio das paixões — O *Livro de Job* é o Poema da Iniciação — O Homem nasce da maneira atual como consequência da Lei Natural da Evolução — Os Mistérios comemoraram a transformação da Humanidade em puramente física — Conhecimento antigo da Fisiologia — A Rosa crucificada é o símbolo sexual mais secreto — O Puro Ideal da Natureza Mística foi personificado nas "Virgens do Mundo" — Os *Vedas* e Hinos Órficos eram transmitidos oralmente de geração em geração.

Seção XXXIII — Os Derradeiros Mistérios na Europa

284

Por que os Escribas e Hierofantes tiveram que fundar Sociedades e Congregações Secretas — A Destruição dos Druidas, do Colégio Sacerdotal e dos Neófitos de Alésia, nas Gálias — Em Bibracts, morreram para a Europa os segredos dos Grandes Mistérios — São raros os genuínos Adeptos — A Alquimia foi ensinada, no Egito, por sacerdotes eruditos.

Seção XXXIV — Os Sucessores Pós-Cristãos dos Mistérios

289

Mistérios Eleusinos na Escola Neoplatônica de Amônio Sacas — O Sistema dos Neoplatônicos era idêntico ao dos Vedantinos relativamente à Única e Suprema Essência — O Gênero Humano, do princípio ao fim, constitui sempre o mesmo conglomerado — Verdades fundamentais representadas em Dramas, Alegorias e Imagens durante os Mistérios — Gnosticismo na época dos Apóstolos — Amônio tencionava beneficiar o Mundo ensinando a parte da Doutrina, cuja revelação era permitida — O Sistema Teosófico Eclético antes do séc. III d.C. — Os Ensinamentos neoplatônicos de Amônio Sacas — A Escola neoplatônica da Alexandria, fundada por Amônio, é o protótipo proposto para a Sociedade Teosófica — Os Filaretos tinham Ensinamentos Esotéricos — O candidato moderno, como o seu predecessor, tem de vencer ou morrer — As Regras e Métodos para produzir o êxtase provinham da mesma fonte da Divina Vidyâ, como na Gnose — Sob o título de Magia, ensinavam-se todas as Ciências — A Escola neoplatônica encerrou-se por ordem do imperador Justiniano — Antigos Tratados foram deteriorados e obras de Porfírio foram queimadas pelos Padres da Igreja.

Seção XXXV — Simbolismo do Sol e das Estrelas

300

Os "Sete Espíritos da Presença" eram os Deuses Kabiri dos Antigos — Significado e aplicação da palavra Kabiri — Os Urim e Thummim eram Hieróglifos Simbólicos dos Kabiri — "Danças Circulares" Sagradas — Origem da frase "Enviarei meu filho desde o Sol" — Astrolatria Cristã vetada — Significado astrológico do Candelabro de Sete Braços — São Paulo se referiu aos Cosmocratores — Ormuzd e Mitra chegaram a ser os Devas de Cristo e Mikael — O Sistema Heliocêntrico ensinado vários milhares de

anos antes de Galileu — Jehovah é o Sol e o Cristo da Igreja Romana — Como os Cristãos limitaram os Deuses Solares.

Seção XXXVI — Astrologia ou Culto Sidéreo dos Pagãos

309

A Astrologia precedeu a Astronomia — A Astrolatria esotérica informava sobre os regentes ou as "almas" dos planetas — Os anjos são mencionados no *Pentateuco* pela palavra Tsaba — Identidade entre os kumâras e os sete anjos das estrelas — O arcanjo Miguel e Sanat Kumâra — Eram sete os regentes colaboradores do Demiurgo — "Esferas" e "Rodas do mundo" — O sétimo planeta, ou o Divino hierofante oculto — O "Batismo de fogo" é um mistério.

Seção XXXVII — As Almas das Estrelas, Heliolatria Universal

315

A diferença entre os planetas e os seus espíritos — A Astrologia e o Ocultismo anatematizados pelas igrejas — Os sete Dhyâni-buddhas maiores encontram-se em muitos símbolos — Miguel, o regente do planeta Saturno — A Teogonia caldéia e cabalística é sumamente parecida com a Angelogia e com a teodicéia católico-romana — Origem das palavras "O Sol Nosso Senhor" das orações cristãs primitivas.

Seção XXXVIII — Astrologia e Astrolatria

320

A grande diferença entre os astrólogos egípcios e a fraude nas *Novíssimas* do Império Romano — A influência sidérea é fisiológica e espiritual — A Astrologia branca e a negra — A primitiva Astrologia está acima da moderna Astrologia judiciária — O regente de cada planeta faz que se evolue de si cada alma nascida em sua casa — No tempo de Daniel, a Astrologia primitiva estava em decadência — Foi diretamente de Orfeu que a Grécia recebeu informações sobre a Astrologia — Os antigos astrólogos eruditos.

Seção XXXIX — Ciclos e Avatares

327

Os números 4, 3 e 2 têm um significado cósmico evolutivo — Quando os Avatares futuros descenderem do Shamballa — Característica do kali-yuga e a "Vinda de Cristo" — Os Ciclos secretos maiores e menores.

Seção XL — Ciclos Secretos

331

Os Anais dos Ciclos nas imediações de Benares e Stonehenge — O primeiro Ciclo secreto de 600, o Naros — A Índia, o berço da Aritmética e das Matemáticas — Antiguidade dos *Vedas* — Cálculos astronômicos que demonstram a antiguidade dos *Vedas* — Teorias acerca dos yugas hindus.

NOTA

O presente volume de *A Doutrina Secreta* e o que o segue (o V e o VI, respectivamente) constituem o tomo V da 4.^a edição inglesa (*Adyar*) da obra.

Desde o aparecimento da 2.^a edição espanhola, em 1922, adotou-se a mencionada separação do volume V da edição inglesa em dois tomos, critério este respeitado pelos Editores da presente edição.

Quanto ao que dizem aqueles que procuram convencer os outros de que a alma, uma vez separada do corpo, nada sofre nem é consciente, sei que és bastante versado nas doutrinas que nos legaram os nossos antepassados e nos mistérios sagrados de Dioniso para que possas dar-lhes crédito; porque os símbolos místicos são bem conhecidos de todos os que pertencemos à Fraternidade.

PLUTARCO

O problema da vida é o homem. A Magia, ou melhor, a Sabedoria, é o pleno conhecimento dos poderes do homem interno, poderes que são emanções divinas, assim como a intuição é a percepção de sua origem, e é pela iniciação que se adquire esse conhecimento... O instinto é o primeiro passo; o fim é a onisciência.

A. WILDER

PREFÁCIO DA EDIÇÃO DE 1897

Árdua e difícil foi a tarefa de preparar este volume para a impressão, e é necessário expor claramente de que modo pude levá-la a termo.

Os manuscritos que me foram entregues por H. P. B. estavam inteiramente por classificar, e não traziam indicação da ordem a seguir. Resolvi considerar cada um deles como uma Seção separada, e classificá-los em ordem a mais lógica possível. Salvo a correção de erros gramaticais e a eliminação de modismos de todo estranhos ao idioma inglês, os textos permanecem tais como H. P. B. os deixou, a não ser uma ou outra alteração expressamente assinalada. Em outros raros casos, procurei sanar lacunas; mas todos estes acréscimos figuram entre colchetes, para distingui-los do texto.

Na parte referente ao "Mistério de Buddha" surgiu nova dificuldade: algumas Seções haviam sido escritas quatro ou cinco vezes, e cada versão continha frases que não existiam nas demais. Fiz a unificação, tomando por base a versão mais completa e incluindo tudo o que fora acrescentado nas outras.

Não foi sem alguma hesitação que considerei tais Seções como parte integrante de A DOCTRINA SECRETA, visto que, a par de sugestivos pensamentos, encerram elas numerosos erros de fato e várias afirmações que se baseiam em escritos exotéricos e não em conhecimentos esotéricos. No entanto, como as recebi com o encargo de as publicar reunidas ao terceiro volume¹ de A DOCTRINA SECRETA, não me julguei com o direito de interpor-me entre a autora e o público, modificando as afirmações para conformá-las aos fatos, nem me pareceu lícito suprimir as Seções. A autora assumiu, e o declara, toda a responsabilidade; e o leitor esclarecido compreenderá facilmente que muitas afirmações confusas — talvez de caso pensado — representam simples véus, e outras não passam de má interpretação exotérica, provavelmente por inadvertência, de verdades esotéricas. Aqui como ali, cabe ao leitor nortear-se por seu próprio critério; mas, sentindo-me na obrigação de publicar estas Seções, não quero fazê-lo sem a advertência de que há nelas muita coisa incorreta. Tenho como fora de dúvida que, se a publicação deste volume estivesse a cargo da própria autora, os textos seriam por ela totalmente reescritos. Do modo como os deixou, pareceu-me preferível reproduzir tudo o que ela disse nas diferentes versões, conservando o que aparentemente está inconcluso, porque os estudantes desejarão por certo ter a sua palavra tal qual a registrou,

(1) Da primeira edição inglesa.

ainda que isso os obrigue a um estudo mais atento do que seria necessário se ela houvesse dado forma definitiva ao seu trabalho.

As citações foram quanto possível contrasteadas, indicando-se referências exatas; nesta laboriosa tarefa participaram estudantes devotados e infatigáveis, que voluntariamente se constituíram meus auxiliares, sob a direção da Sra. Cooper-Oakley. Sem a sua colaboração ter-me-ia sido impossível anotar as referências, já que muitas vezes havia mister de folhear todo um volumoso livro para localizar um parágrafo de poucas linhas.

Este volume enfeixa os manuscritos deixados por H. P. B., com exceção de alguns artigos esparsos que, ainda inéditos, serão publicados em sua própria revista Lúcipher.

Seus discípulos bem sabemos que são raras as pessoas da presente geração que hão de fazer justiça ao conhecimento oculto de H. P. B. e à magnitude do campo abrangido pelo seu pensamento; mas, assim como ela pode esperar que as gerações vindouras reconheçam a grandeza de sua missão como instrutora, assim também os seus discípulos temos a esperança de que um dia se verá plenamente justificada a nossa confiança.

INTRODUÇÃO

“O poder pertence àquele que sabe” — eis um axioma bem antigo. O conhecimento — cujo primeiro índice é a faculdade de compreender a verdade, de discernir o real do falso — destina-se tão somente aos que, libertando-se de todo preconceito, e vencendo sua auto-suficiência e egoísmo, estão dispostos a aceitar todas as verdades, quando lhes sejam demonstradas. Seu número é muito reduzido. A maioria julga uma obra segundo as idéias preconcebidas dos críticos, que, por sua vez, se deixam guiar mais pela popularidade ou impopularidade do autor que por seus erros ou méritos. Assim, fora do círculo teosófico, é certo que o público em geral receberá este volume com maior frieza ainda que os dois precedentes. Em nossos dias, nenhuma exposição pode ter esperança de um julgamento imparcial, ou mesmo de ser ouvida, se os seus argumentos não trazem a marca de uma legitimidade registrada, obedecendo aos estritos cânones da Ciência oficial e da Teologia ortodoxa.

Nossa época se caracteriza por uma anomalia paradoxal. É eminentemente materialista e, sem embargo, eminentemente pietista. Nossa literatura e o chamado pensamento progressista moderno seguem essas duas linhas paralelas, tão flagrantemente díspares, mas populares ambas, e tão essencialmente ortodoxas, cada qual em seu próprio estilo. Aquele que quiser enveredar por um terceiro caminho, que seja como que um traço de união entre os outros dois, deve estar preparado para enfrentar os piores percalços. Sua obra será mutilada pelos críticos e posta em ridículo pelos sicofantas da Ciência e da Igreja. Será citada em falso por seus adversários, e até excluída das piedosas salas de leitura. As más e absurdas interpretações da antiga Religião-Sabedoria (“Bodh-ismo”) pelos pretensos meios cultos da sociedade, após as explicações do livro *Esoteric Buddhism*, apresentadas de modo tão admiravelmente claro e científico, são uma boa prova do que afirmamos. E poderiam, inclusive, servir de advertência aos teosofistas, que, empenhados em uma penosa luta cotidiana em prol de sua Causa, não dão tréguas à pena, nem se deixam atemorizar ante as suposições dogmáticas e as autoridades científicas. Porque, façam o que fizerem os escritores teosóficos, jamais conseguirão que a sua filosofia seja ouvida com atenção imparcial, nem pelos materialistas, nem pelos pietistas doutrinários. Verão suas doutrinas sistematicamente repudiadas, negando-se a elas um lugar até mesmo entre as teorias efêmeras da Ciência, entre as hipóteses forjadas e sempre cambiantes do nosso tempo. Para os advogados da teoria “animalística”, os nossos ensinamentos cosmogonésicos e antropogonésicos não passam de “contos da carochinha”. Aos que desejam eximir-se de toda responsabilidade moral, parece

muito mais cômodo aceitar para o homem um comum antepassado simiano, e ver como irmão um babuíno mudo e sem cauda, do que admitir a paternidade dos Pitris, dos "Filhos de Deus", e reconhecer como irmãos os que vegetam e morrem de inanição nos bairros miseráveis.

"Para trás!" exclamam por seu turno os beatos. "Jamais convertereis em budistas esotéricos os cristãos respeitáveis que frequentam a Igreja!"

Em verdade, longe de nós a intenção de operar semelhante metamorfose. Mas isto não é nem será obstáculo a que os teósofos digam tudo o que têm a dizer, especialmente àqueles que, contrapondo a Ciência moderna à nossa doutrina, não o fazem no interesse desta mesma Ciência, senão para assegurar o êxito de seus próprios planos e visando à própria glorificação pessoal. Se não podemos provar muitas de nossas afirmações, outrotanto se passa com eles; podemos, no entanto, demonstrar que, em vez de expor fatos históricos e científicos — para edificação dos que, sabendo menos que eles, formam suas opiniões e nutrem o seu pensamento com o que dizem os homens de ciência —, na maioria os nossos eruditos parecem dirigir seus esforços unicamente no sentido de destruir os fatos antigos ou acomodá-los aos seus pontos de vista particulares. Talvez não seja por espírito de malícia ou de crítica que isso aconteça, e a autora acredita que a maior parte dos que incorrem nessa falta são incomparavelmente mais eruditos do que ela. Mas uma grande erudição não exclui a parcialidade e o preconceito, nem constitui uma salvaguarda contra o amor próprio: antes pelo contrário. Portanto, somente em legítima defesa de nossas afirmações, e para reivindicar as grandes verdades da Sabedoria Antiga, é que ousamos censurar (quando necessário) as nossas "altas autoridades".

Sim; pois, a não ser que tomemos a precaução de contestar antecipadamente certas objeções aos princípios fundamentais expostos nesta obra (objeções certamente apoiadas na autoridade deste ou daquele erudito e relativas ao caráter esotérico das arcaicas e antigas obras filosóficas), todas as nossas afirmações serão mais uma vez contrariadas e até desacreditadas. Um dos objetivos principais deste volume é assinalar o vigoroso simbolismo e as alegorias esotéricas que se acham presentes nas obras dos antigos filósofos arianos, gregos e outros, assim como nas Escrituras de todas as religiões. Outro objetivo é provar que a chave de interpretação proporcionada pelas regras orientais indo-budistas de Ocultismo (chave que se adapta tanto aos Evangelhos cristãos como aos livros arcaicos egípcios, gregos, caldeus, persas e ainda hebreu-mosaicos) deve ter sido comum a todas as nações, por diferentes que fossem seus respectivos métodos e "véus" exotéricos. Alguns dos mais eminentes eruditos contemporâneos desmentem categoricamente estas afirmações. O Professor Max Muller, em suas *Conferências de Edimburgo*, combate este asserto fundamental dos teósofos, dizendo que os Shâstras e os Pandits ignoram tal esoterismo. O ilustre sanscritista declarou sumariamente que nos *Purânas* e *Upanishads* não há nenhum sentido oculto, nem elementos esotéricos, nem "véus"¹. Considerando que a palavra "*Upanishad*", traduzida literalmente do

(1) A maioria dos Pandits atuais nada sabe de Filosofia Esotérica, porque per-

sânscrito, quer dizer "DOCTRINA SECRETA", a declaração do Professor é, na melhor das hipóteses, surpreendente. Sir M. Monier Williams sustenta igual opinião a respeito do Budismo. No seu entender, Gautama Buddha foi contrário a tudo quanto fosse ensinamento esotérico, e jamais o incluiu em suas prédicas! Acrescenta que todas essas "pretensões" de ensinamento oculto e "poderes mágicos" se devem aos Arhats posteriores, aos novos discípulos da "Luz da Ásia"! O Professor B. Jowett também passa, desdenhosamente, uma esponja sobre as "absurdas" interpretações do *Timeu*, de Platão, e dos Livros Mosaicos, por parte dos neoplatônicos. Ao ver do Real Professor de Grego, não há a menor sombra do espírito oriental (gnóstico) de misticismo nos *Diálogos* de Platão; nem traço algum de ciência. Enfim, para coroar o edifício, o Professor Sayce, assiriólogo famoso, embora admita um significado oculto nas inscrições cuneiformes dos ladrilhos assírios, diz que:

"Muitos textos sagrados estão escritos de modo que só os iniciados podem compreender",

insistindo, porém, que as "chaves e os comentários" estão agora entre as mãos dos assiriólogos, e acrescentando que os eruditos modernos possuem, para a interpretação dos Textos Esotéricos, elementos "que nem os próprios sacerdotes iniciados [da Caldéia] possuíram".

Assim, conforme a sábia conceituação de nossos modernos orientalistas e professores, a Ciência estava em sua infância nos dias dos astrônomos egípcios e caldeus. Panini, o maior gramático do mundo, nada entendia da arte de escrever. O mesmo sucedia com o Senhor Buddha e toda a gente da Índia, até o ano 300 antes de Cristo. A mais crassa ignorância reinava naqueles tempos dos Rishis indianos, e até mesmo nos de Tales, Pitágoras e Platão. Em verdade, é preciso que os teósofos sejam ignorantes e supersticiosos para falar como o fazem, diante de tantas provas eruditas em contrário!

Dir-se-ia realmente que desde a criação do mundo não houve sobre a Terra senão uma única época de verdadeiro saber — a época presente. No crepúsculo nebuloso, na aurora cinzenta da história, delineiam-se as pálidas sombras dos antigos Sábios de renome universal. Eles buscam desesperadamente o exato significado de seus próprios Mistérios, cujo espírito se desvaneceu sem se revelar aos Hierofantes, permanecendo latente no espaço até a vinda dos iniciados da Ciência e da Investigação moderna. Só agora refulge com meridiana luz o conhecimento para iluminar os "Oniscientes", que, banhando-se no rutilante sol da indução, empreendem o seu trabalho de Penélope de "construir hipóteses", proclamando em voz alta os seus títulos de saber universal. Quem há de espantar-se, pois, de que, em face das opiniões hodiernas, os ensinamentos do filósofo antigo, e até, por vezes, os de seus sucessores diretos dos séculos passados,

deram a chave; entretanto, nenhum deles pode, honestamente, negar que os *Upanishads*, e sobretudo os *Purânas*, sejam alegóricos e simbólicos; nem que ainda haja na Índia alguns homens de grande erudição que poderiam, se quisessem, dar-lhes a chave para a interpretação daquelas escrituras. Os Pandits não negam também a existência real de Mahatmas — Adeptos e Yogis iniciados — em nossa época de Kali Yuga.

tivessem sido sempre inúteis ao mundo e sem valor para eles próprios? Porque, conforme tem sido exposto repetidamente, com tanto excesso de palavras, enquanto os Rishis e os Sábios da antiguidade foram demasiado longe no campo árido do mito e da superstição, os filósofos medievais e ainda grande parte dos homens de ciência do século XVIII foram sempre tolhidos por sua religião e crenças "sobrenaturais". É verdade que se admite geralmente que alguns sábios antigos e da Idade Média, tais como Pitágoras, Platão, Paracelso e Rogério Bacon, seguidos por uma pléiade de nomes gloriosos, deixaram não poucos marcos sobre as minas preciosas da Filosofia e os filões inexplorados da Ciência Física. Mas as escavações feitas nessas minas, a fusão do ouro e da prata, a lapidação das pedras preciosas, ali encerradas, tudo isso se deve ao paciente labor dos modernos homens de ciência. Não é porventura ao incomparável gênio do cientista dos nossos dias que o até então ignorante e alucinado mundo deve o conhecimento da verdadeira natureza do Cosmos e da origem real do Universo, tal como o revelam as teorias automáticas e mecânicas dos físicos, de acordo com a filosofia estritamente científica? Antes de nossa era culta, a Ciência não passava de um nome, a Filosofia de um tecido de ilusões. Segundo as modestas pretensões das autoridades contemporâneas, em termos de genuína Ciência e Filosofia, somente agora é que a Árvore do Conhecimento brotou dentre as ervas daninhas da superstição, qual surge de feia lagarta graciosa borboleta. Nada temos, portanto, que agradecer aos nossos antepassados. Quando muito, os antigos amanharam o campo e o fertilizaram; mas foram os modernos que plantaram as sementes do conhecimento e cultivaram as viçosas plantas, que se chamam negativismo absoluto e agnosticismo estéril.

Tal não é, porém, a opinião dos teosofistas. Eles repetem hoje o que disseram há vinte anos. Não basta falar dos "conceitos insustentáveis de um passado inculto"²; nem da "linguagem infantil dos poetas védicos"³; nem dos "absurdos" dos neoplatônicos⁴ ou da ignorância dos sacerdotes iniciados da Caldéia e da Assíria em relação a seus próprios símbolos, comparativamente ao que sobre estes sabem os orientalistas britânicos⁵. Tudo isso havia de apoiar-se em algo mais consistente que a simples palavra desses eruditos. Porque a jactanciosa arrogância não pode esconder as canteiras intelectuais de onde tantos filósofos e eruditos modernos extraíram o material para esculpir as suas doutrinas. À posteridade imparcial caberá dizer se muitos sábios europeus não alcançaram fama e reputação por haverem simplesmente copiado as idéias daqueles filósofos antigos que eles tanto se apressam em denegrir. Assim, não será injusto dizer, como se expõe em *Ísis sem Véu*, que alguns orientalistas e filólogos de línguas mortas preferem sobrepor seu desmedido amor próprio e obstinação a suas faculdades lógicas e racionais, a admitir que os antigos filósofos pudessem conhecer algo que os modernos ignoram.

(2) Tyndall.

(3) Max Muller.

(4) Jowett.

(5) Sayce.

Como parte desta obra trata dos Iniciados e dos conhecimentos secretos que lhes eram transmitidos durante os Mistérios, devemos primeiro examinar as afirmações dos que sustentam não haver traço algum de Misticismo oculto, nas obras de Platão (apesar de ser Platão um Iniciado).

Muitos dos nossos atuais eruditos em grego e sânscrito, no interesse de suas teorias preconcebidas, baseadas em pontos de vista pessoais, passam por cima dos fatos com demasiada facilidade. Esquecem, por conveniência, em todas as oportunidades, não só as numerosas variações idiomáticas, mas ainda que o estilo alegórico das obras dos antigos filósofos e o segredo observado pelos Místicos tinham sua razão de ser; que os autores clássicos pré-cristãos, do mesmo modo que os da era pós-cristã — ou a grande maioria pelo menos — tinham a obrigação sagrada de não divulgar os segredos solenes que lhes eram confiados nos santuários; e que só este fato é suficiente para confundir os tradutores e críticos profanos. Mas, como vamos ver, os críticos nada querem admitir neste sentido.

Durante vinte e dois séculos, todos os que leram Platão sabiam que, como também a maioria dos outros grandes filósofos gregos, ele era um Iniciado, estando, por isso, preso ao "Juramento Sodalino" e sendo-lhe defeso falar de certas coisas, a não ser sob o véu da alegoria. Era ilimitado o seu respeito pelos Mistérios; confessava sem reservas que escrevia em termos "enigmáticos"; e vemos que tomava as maiores precauções para encobrir o verdadeiro sentido de suas palavras. Sempre que o assunto tangenciava os grandes arcanos da Sabedoria Oriental — a cosmogonia do universo, ou o mundo ideal preexistente — Platão ocultava a sua filosofia na mais profunda obscuridade. O *Timeu* é tão confuso que só um Iniciado pode apreender-lhe o sentido oculto. Conforme dissemos em *Ísis sem Véu*:

As especulações de Platão no *Banquete*, sobre a criação, ou melhor, sobre a evolução dos homens primordiais, e o ensaio sobre cosmogonia, no *Timeu*, hão de entender-se alegoricamente, para sua aceitação. É aquele sentido pitagórico oculto do *Timeu*, do *Cratilo*, de *Parmênides* e de algumas outras trilogias ou diálogos, que os neoplatônicos se propuseram esclarecer, quanto lhes permitia seu voto teúrgico de guardar segredo. A doutrina pitagórica de que Deus é a mente universal difundida por todas as coisas, e o dogma da imortalidade da alma são os traços principais desses ensinamentos aparentemente heterogêneos. A grande veneração e o amor de Platão para com os Mistérios eram garantia segura de que ele não permitiria que a indiscrição suplantasse o profundo sentimento de responsabilidade que é próprio dos Adeptos. "Só pelo constante aperfeiçoamento nos Mistérios perfeitos é que o homem se faz realmente perfeito", diz ele no *Fedro*.

Não escondia o seu pesar por ver que os Mistérios se haviam tornado menos secretos que dantes. E à profanação de expô-los ao alcance das massas preferia ocultá-los com o mais absorvente zelo, exceto aos mais dignos e dedicados de seus discípulos⁶. Apesar

(6) Platão corrobora expressamente este fato na seguinte passagem: "Dizeis que em meu discurso anterior não expliquei suficientemente a natureza do Primeiro. Falei de propósito em termos enigmáticos, para que, no caso de sobrevir algum acidente aos meus escritos, por mar ou por terra, só pudesse entender o texto quem tivesse prévio conhecimento do assunto" (Platão, *Ep. II*, 312; Cory, *Ancient Fragments*, pág. 304).

de em cada página referir-se aos Deuses, é indubitável o seu monoteísmo, pois em seus escritos tudo indica que pela palavra “Deuses” queria significar uma categoria de seres inferiores na escala às Divindades, e superiores ao homem em um grau apenas. O próprio Josefo observou e reconheceu esse fato, não obstante os preconceitos naturais de sua raça. Em sua famosa diatribe contra Apion, diz o historiador judeu: “Mas os gregos que filosofavam com a verdade, esses nada ignoravam... nem deixaram de notar a frieza superficial dos mitos alegóricos, e por isso justamente os desprezaram... E é também por isso que Platão diz não ser necessário admitir nenhum outro poeta ‘na República’, e, depois de haver coroado e incensado a Homero, dela suavemente o exclui, a fim de, com os seus mitos, não destruir a crença ortodoxa em um Deus único.”⁷

Este é o “Deus” de todos os filósofos: Deus infinito e impessoal.

Tudo isso, e muitas coisas mais, que não cabe aqui citar, conduz à inevitável certeza de que: (a) se toda as Ciências e Filosofias estavam em mãos dos Hierofantes dos templos, Platão, que fora iniciado por eles, devia conhecê-las; e (b) a lógica só por si é suficiente para justificar e explicar as alegorias e as “expressões obscuras” com que Platão velou em seus escritos as verdades que não devia divulgar.

Isso posto, como se explica que o Professor Jowett, um dos mais ilustres helenistas da Inglaterra, o tradutor moderno das obras de Platão, procure demonstrar que em nenhum dos Diálogos — inclusive o *Timeu* — existe o menor indício de misticismo oriental? Os que sejam capazes de discernir o verdadeiro espírito da filosofia de Platão dificilmente se convencerão com os argumentos que o professor do Balliol College apresenta aos seus leitores. Certo, é possível que o *Timeu* pareça “obscuro e inaceitável”; mas também é verdade que tal obscuridade não se deve, como pretende o Professor, “ao estado de infância das ciências físicas”, senão antes ao segredo que naquele tempo era observado; e que ela não deriva nem do “estado confuso das noções teológicas, matemáticas e fisiológicas”, nem do “afã de formular uma concepção integral da Natureza” sem o conhecimento adequado de suas partes⁸. Porque a Matemática e a Geometria são as pedras angulares da Cosmogonia Oculta, e portanto da “Teologia”, e as noções fisiológicas dos antigos Sábios estão sendo diariamente comprovadas pela Ciência atual, ao menos para os que sabem ler e interpretar os livros esotéricos. O “conhecimento das partes” nos é de pouca utilidade, se faz apenas aumentar a nossa ignorância do Todo ou da natureza e razão do Universal, como Platão chamava a Divindade, e se nos leva a cometer os mais graves erros, ocasionados pelos métodos indutivos de que tanto nos envaidecemos. Pode ser que Platão “fosse incapaz de induzir e generalizar, na moderna acepção destes termos”⁹. Pode ser que também ignorasse a circulação do sangue, a qual, conforme nos dizem, “era completamente desconhecida para ele”¹⁰. Mas isso não

(7) *Ísis sem Vêu*, I, 287-88.

(8) *The Dialogues of Plato*, tradução inglesa de B. Jowett, Real Professor de Grego da Universidade de Oxford, III, pág. 523.

(9) *Op. cit.*, pág. 561.

(10) *Ibidem*, pág. 591.

constitui prova de que ignorasse o que é o sangue — e temos aqui mais do que podem pretender os fisiólogos e biólogos de nossa época.

Ainda que o Professor Jowett conceda ao “filósofo naturalista” muito maior e mais generosa margem de conhecimentos do que quase todos os demais críticos e comentadores modernos, contudo as suas censuras superam de muito os elogios, como se pode ver pela transcrição de suas próprias palavras, onde claramente transparecem as restrições. Diz ele:

“Subordinar os sentidos ao governo da razão; descobrir um caminho através do labirinto ou caos das aparências, seja a estrada ampla da matemática, sejam os atalhos mais sinuosos sugeridos pela analogia do homem com o mundo e do mundo com o homem; ver que todas as coisas têm uma causa e tendem a um fim — tal é o espírito do antigo filósofo naturalista¹¹. Mas não podemos avaliar o grau de conhecimento a que estava ele condicionado, nem as idéias que influíam em sua imaginação têm o mesmo efeito sobre nós. Porque ele oscila entre a matéria e a mente; é dominado pelas abstrações; é quase ao acaso que são captadas as suas impressões do aspecto exterior da natureza; percebe a luz, mas não vê os objetos que ela ilumina; e justapõe coisas que nos parecem tão opostas como os pólos, porque nada vê entre elas.”

É evidente que a última proposição desagradará ao “filósofo naturalista” moderno, que vê os “objetos” diante de si, mas não percebe a luz da Mente Universal que os ilumina — isto é, procede de maneira diametralmente oposta. Conclui o emérito Professor que os antigos filósofos, que ele julga pelo *Timeu* de Platão, seguiam um método antifilosófico e irracional. Porque:

“Bruscamente passa das pessoas às idéias e aos números, e das idéias e dos números às pessoas¹²; confunde o sujeito com o objeto, as causas primeiras com as causas finais; e, sonhando com figuras geométricas¹³, perde-se em um fluxo de raciocínios. E então se

(11) Esta última definição situa (involuntariamente, é óbvio) o antigo “filósofo naturalista” muito acima dos seus “colegas” modernos, uma vez que a suprema aspiração destes últimos é inculcar em toda a humanidade a crença de que nem o universo nem o homem derivam de uma causa primeira — de uma causa inteligente pelo menos —, devendo a existência a um acaso cego e a um turbilhão de átomos inconscientes. Ao leitor imparcial cabe dizer qual das duas hipóteses parece mais racional e lógica.

(12) Os itálicos são meus. Todo principiante da filosofia oriental, todo cabalista, compreenderá a razão de ser desta associação de pessoas com as idéias, os números e as figuras geométricas. Porque o número, como diz Filolaus, “é o predominante e autógeno elo da eterna continuidade das coisas”. Só os sábios modernos fecham os olhos a esta grande verdade.

(13) Ainda aqui o antigo filósofo parece sobrepujar o moderno. Porque, enquanto aquele apenas “confunde... as causas primeiras com as causas finais” (confusão que é negada por todos os que conhecem o espírito da filosofia antiga), o seu sucessor moderno as ignora totalmente (e o confessa). O Sr. Tyndall nos apresenta a Ciência como “incapaz” de resolver um só dos problemas últimos da Natureza, e a imaginação disciplinada [leia-se: do moderno materialista] esquivando-se, desnorteada, a encarar os problemas do mundo e da matéria”. Ele também duvida de que os homens de ciência atuais “possuam os elementos intelectuais necessários à percepção das energias primárias e estruturais da Natureza”. Mas, para Platão e seus discípulos, os tipos inferiores não eram senão imagens concretas dos tipos superiores abstratos; a Alma imortal tem um

faz necessário um esforço mental de nossa parte *para compreender-lhe a dupla linguagem* ou para aprender o *caráter obscuro do conhecimento* e do gênio dos antigos filósofos, que, em tais condições [?], parecem, em muitos casos, graças a um poder divino, haver-se antecipado à verdade.”¹⁴

Não sabemos se “tais condições” devam significar ignorância e deficiência mental do “gênio dos antigos filósofos”, ou outra coisa. Mas vemos perfeitamente claro o sentido das expressões em itálico. Creia ou não o Professor Jowett no sentido oculto das figuras geométricas e da “gíria” esotérica, admite ele, contudo, existir uma “dupla linguagem” nos escritos daqueles filósofos. Reconhece, portanto, que há um significado oculto, que deve ter uma interpretação. Por que, então, na página seguinte, abertamente contradiz sua própria assertiva? E por que recusa um significado oculto ao *Timeu* — o Diálogo místico pitagórico por excelência — para depois se dar ao trabalho de convencer os seus leitores de que:

“A influência exercida pelo *Timeu* sobre a posteridade deve-se em parte a um erro de interpretação?”

A seguinte passagem, que transcrevemos da Introdução de seu livro, está em frontal oposição ao parágrafo anterior, já citado acima:

“Nas supostas profundezas deste diálogo, os neoplatônicos teriam encontrado um sentido oculto e conexões com as escrituras judaicas e cristãs; daí o ensinarem doutrinas de todo em todo divorciadas do espírito de Platão. Crendo que o filósofo estava inspirado pelo Espírito Santo e que havia recebido sua ciência de Moisés¹⁵, supunham ver em seus escritos a Trindade Cristã, o Verbo, a Igreja... e tinham os neoplatônicos um método de interpretação que lhes permitia inferir de um texto qualquer significado. Eram realmente incapazes de distinguir a opinião de um filósofo da de outro, e um pensamento sério de Platão de suas fantasias passageiras¹⁶. [Mas] os comentadores modernos não correm o risco de incidir nos absurdos dos neoplatônicos.”

É claro que não correm esse risco, pela simples razão de que nunca pos-
princípio aritmético, e o corpo um princípio geométrico. Este princípio, como reflexo do grande Arquétipo universal (*Anima Mundi*), é autocinético, e do centro se difunde por todo o corpo do Macrocosmo.

(14) *Op. cit.*, pág. 523.

(15) Os neoplatônicos não cometeram semelhante absurdo. O erudito professor de grego baseou por certo sua opinião em duas obras apócrifas atribuídas por Eusébio e S. Jerônimo a Amônio Sacas, que não deixou nada escrito; ou então confundiu os neoplatônicos com Filon, o Judeu. Mas Filon floresceu mais de 130 anos antes do nascimento do fundador do neoplatonismo, e pertencia à escola de Aristóbulo, o Judeu, que viveu no reinado de Ptolomeu Filometor (150 anos A.C.), sendo considerado o iniciador do movimento tendente a demonstrar que a filosofia de Platão e ainda a dos peripatéticos foram inspiradas na “revelação” mosaica. Valcknaer pretende provar que o autor dos *Comentários aos Livros de Moisés* foi Aristóbulo, o cortesão de Ptolomeu. Mas, fosse ou não o autor, não era neoplatônico, pois ele viveu antes da fundação desta escola, provavelmente no tempo de Filon, o Judeu, que parece ter conhecido suas obras e seguido seus métodos.

(16) São Clemente de Alexandria, cristão neoplatônico e escritor com excesso de fantasia.

suíram a chave de interpretação ocultista. E antes de dizer mais uma palavra em defesa de Platão e dos neoplatônicos, devemos respeitosamente perguntar ao erudito professor do Balliol College: que sabe ou pode ele saber do cânon esotérico de interpretação? Pelo termo "cânon" entendemos aqui a chave que era transmitida oralmente, "da boca para o ouvido", pelo Mestre ao discípulo ou pelo Hierofante ao candidato à iniciação; e isto desde tempos imemoriais, ao longo de uma série de idades, durante as quais os Mistérios internos (não os públicos) eram a mais sagrada das instituições de cada país. Sem essa chave, impossível interpretar corretamente os *Diálogos* de Platão e as Escrituras, desde os *Vedas* a Homero, desde o *Zend Avesta* aos Livros de Moisés. Assim, como pode o emérito Dr. Jowett saber que foram "absurdas" as interpretações dos neoplatônicos aos diversos livros sagrados das nações? E onde teve a oportunidade de estudar essas "interpretações"? Mostra a história que foram destruídas pelos Padres da Igreja e seus fanáticos catecúmenos todas as obras do gênero que lhes caíram nas mãos.

Não fica bem a um erudito afirmar que sábios e gênios como Amônio, cuja santidade de vida e caudal de conhecimentos lhe valeram o título de Teodidato, o "Instruído por Deus"; que homens como Plótino, Porfírio e Proclo fossem "incapazes de distinguir a opinião de um filósofo da de outro, e um pensamento sério de Platão de suas fantasias". Corresponde a dizer que os mais notáveis filósofos e sábios da Grécia e de Roma não passavam de uns beócios ou obtusos; e que os outros comentadores, que manifestaram admiração pela filosofia grega, alguns dos quais se contam entre os espíritos contemporâneos de maior acuidade intelectual — e que não compartilham a opinião do Dr. Jowett — são todos igualmente néscios e não valem mais que os filósofos a quem tanto admiram. O tom de proteção que transparece nas passagens antes citadas revela uma *ingênua* presunção, digna de nota ainda em nossa época de egolatria e de mútuas louvaminhas. Comparemos agora a opinião do Professor com as de outros eruditos.

O Professor Alexander Wilder, de New York, uma das mais ilustres autoridades em platonismo de nossos dias, referindo-se a Amônio Sacas, assim se externa:

"Sua profunda intuição espiritual, a amplitude de seus conhecimentos, sua intimidade com os Padres da Igreja, Panteno, Clemente e Atenágoras, e com os mais insignes filósofos de sua época, tudo isso o predispunha à tarefa que tão bem soube levar a cabo¹⁷. Conseguiu atrair as suas idéias os mais notáveis sábios e homens públicos do império romano, que não desejavam desperdiçar o tempo com sutilezas dialéticas ou em práticas supersticiosas. Os frutos do seu apostolado são ainda perceptíveis em todos os países do mundo cristão, pois os mais excelentes sistemas de doutrina trazem hoje a marca de suas mãos plásticas. Todos os sistemas antigos de filosofia tiveram partidários nos tempos modernos, e o próprio judaísmo... admitiu algumas modificações por influência do alexandrino "instruído por Deus"... Foi um homem de rara erudição, invejáveis dotes, vida irrepreensível e trato ameno. Sua sabedoria quase sobre-humana, a par de outros atributos relevantes, lhe valeu a antonomásia de

(17) A tarefa de conciliar os diversos sistemas religiosos.

Teodidato; mas ele, a exemplo de Pitágoras, preferiu o modesto título de Filaleto, ou amigo da verdade.”¹⁸

Como seria esplêndido, e quanto lucraria a verdade, se os sábios do nosso tempo seguissem assim modestamente os passos de seus grandes antecessores! Mas — não são Filaletos!

Sabemos, além disso, que:

“À semelhança de Orfeu, Pitágoras, Confúcio, Sócrates e o próprio Jesus, Amônio nada escreveu¹⁹. ... Ele transmitia oralmente seus principais ensinamentos a discípulos convenientemente preparados e disciplinados, impondo-lhes a obrigação de sigilo, como antes o haviam feito Zoroastro e Pitágoras e como sucedia nos Mistérios. Com exceção de alguns raros escritos deixados por seus discípulos, não conhecemos as suas doutrinas senão através de informações de seus adversários.”²⁰

É provável que o ilustrado professor de Oxford e tradutor dos *Diálogos* de Platão se tenha baseado nas afirmações eivadas de parcialidade de tais “adversários” para chegar à conclusão de que:

“O que havia de verdadeiramente grandioso e característico em Platão, os seus esforços para conhecer e relacionar as idéias abstratas, *não o entenderam* absolutamente os neoplatônicos [?].”²¹

E acrescenta, com certo desdém pelos antigos métodos de análise intelectual, que:

“Em nossos dias... um filósofo antigo deve ser interpretado segundo ele próprio e de acordo com a história contemporânea do pensamento.”²²

(18) *New Platonism and Alchemy*, de Alex. Wilder, M.D., págs. 7, 4.

(19) É sabido que, embora filho de pais cristãos, Amônio renunciou aos dogmas da Igreja — em que pese ao que dizem Eusébio e Jerônimo. Porfírio, que conviveu onze anos com Amônio e não tinha interesse algum em esconder a verdade, declara em termos inequívocos que o seu companheiro havia renunciado de todo ao Cristianismo. De outra parte, sabemos que Amônio acreditava nos Deuses protetores, e que a filosofia neoplatônica era, ao mesmo tempo, pagã e mística. Mas Eusébio, o mais inescrupuloso dos adulteradores dos textos antigos, e São Jerônimo, fanático extremado, contradizem Porfírio, movidos pelo interesse em negar a separação de Amônio. Preferimos crer em Porfírio, que legou à posteridade um nome impoluto e uma reputação de honradez a toda a prova.

(20) Duas obras são falsamente atribuídas a Amônio. Uma delas, hoje perdida, com o título *De Consensu Moysis et Jesu*, é citada pelo “fidedigno” Eusébio, bispo de Cesaréia e amigo do imperador cristão Constantino (que, em verdade, morreu “pagão”). Tudo quanto sabemos desta pseudo obra é que Jerônimo a enaltece com entusiasmo (*Vir. illustr.*, § 55, e Eusébio, *H. E.*, VI, 19). A outra obra apócrifa chama-se *Diatesseron* (ou “A Harmonia dos Evangelhos”), e dela só restam fragmentos de uma tradução latina feita por Vítor, bispo de Cápua (século VI), que mencionou Taciano como seu autor, incorrendo provavelmente em equívoco semelhante ao de nossos modernos eruditos que atribuíram o *Diatesseron* a Amônio. Não merece, portanto, muita confiança a sua interpretação “esotérica” dos Evangelhos. Será esta a obra que induziu o Professor Jowett a classificar como “absurdas” as interpretações dos neoplatônicos?

(21) *Op. cit.*, pág. 7.

(22) *Op. cit.*, III, pág. 524.

Equivale a dizer que o antigo cânon grego de proporções (se alguma vez descoberto) e a Atena Promaco de Fídias devem ser julgados hoje segundo a história contemporânea da arquitetura e da escultura; segundo o Albert Hall, o Memorial Monument e as horribéis Madonas de crinolina que se vêem por toda a parte na Itália. O Professor Jowett adverte que "o misticismo não é a crítica". Não o é, mas a crítica nem sempre é um juízo leal e seguro.

La critique est aisée, mais l'art est difficile.

E é esta "arte" o que falta inteiramente ao nosso crítico dos neoplatônicos — a despeito de toda a sua erudição helenística. E, por outra parte, é evidente que ele não apreendeu o verdadeiro espírito do misticismo de Pitágoras e Platão, pois chega até a negar a presença de qualquer indício de misticismo oriental no *Timeu*, e pretende que foi a filosofia grega que influenciou a do Oriente, esquecendo que a verdade é precisamente o inverso, ou seja, que "o profundo e penetrante espírito orientalista" é que deitou raízes na alma de Platão, por intermédio de Pitágoras e pela própria iniciação daquele nos Mistérios.

Mas não vê isso o Dr. Jowett; nem está disposto a admitir que algo de bom, de racional e conforme à "história contemporânea do pensamento" pudesse surgir daquele Nazaré dos Mistérios pagãos; nem tampouco que haja algo de secreto a investigar no *Timeu* ou em outro Diálogo. Para ele:

"O chamado misticismo de Platão é puramente grego; resulta do seu conhecimento imperfeito²³ e de suas elevadas aspirações, e corresponde a uma época de cultura em que a filosofia não estava de todo separada da poesia e da mitologia."²⁴

Entre diversas outras proposições igualmente errôneas, convém rebater principalmente duas: 1ª. — a de que os escritos de Platão não contêm elemento algum da filosofia oriental; 2ª. — a que afirma que todo erudito moderno, sem ser místico ou cabalista, está em condições de julgar o antigo Esoterismo.

Para isso, temos que apresentar testemunhos de maior autoridade que a nossa, inclusive os de outros professores tão sábios, se não mais, quanto o Dr. Jowett, e especializados nestes assuntos, a fim de destruir os argumentos do Real Professor de Grego de Oxford.

Ninguém contestará que Platão foi um ardente admirador e discípulo de Pitágoras. Também é inegável, como diz o Professor Matter, que Platão herdou, por um lado, as doutrinas de seu mestre, e, por outro, bebeu a sua sabedoria nas mesmas fontes que o filósofo de Samos²⁵. E as doutrinas de Pitágoras são orien-

(23) "Conhecimento imperfeito" — de quê? Que Platão ignorasse muitas das modernas "hipóteses científicas" (como certamente as ignorarão nossos descendentes, quando já desacreditadas se fundirem com a "grande maioria" de outras tantas semelhantes) poderemos considerar como uma vantagem.

(24) *Op. cit.*, pág. 524.

(25) *Histoire Critique du Gnosticisme*, por M. J. Matter, professor da Real Academia de Estrasburgo. "Em Pitágoras e Platão encontramos, na Grécia, os primeiros

tais em sua essência, e até bramânicas; pois este grande filósofo sempre indicou o longínquo Oriente como o manancial de onde recolheu os seus ensinamentos e a sua filosofia. Colebrooke mostra que Platão confessou isto mesmo em suas Epístolas, e que os seus ensinamentos foram inspirados em "antigas e sagradas doutrinas"²⁶. Além disso, as idéias de Pitágoras e de Platão oferecem demasiadas coincidências com os sistemas da Índia e de Zoroastro, para que possa subsistir alguma dúvida sobre a sua origem, por parte de quem conheça estes sistemas. E mais:

"Panteno, Antenágoras e Clemente de Alexandria conheciam a fundo a filosofia de Platão, e *compreendiam* sua unidade essencial com os sistemas orientais." ²⁷

A história de Panteno e seus contemporâneos pode dar a chave dos elementos platônicos, e ao mesmo tempo orientais, que nos Evangelhos predominam sobre os das escrituras judaicas.

elementos do Gnosticismo [oriental]" — diz ele. (Vol. I, págs. 48, 50).

(26) *Asiat. Trans.*, I, 579. [Citação em *Miscellaneous Essays*, de Colebrooke, vol. I, pág. 378, e em *Asiatic Researches*, IX, pág. 288; *Transactions of the Royal Asiatic Society*, I, 579.]

(27) *New Platonism and Alchemy*. pág. 4.

SEÇÃO I

EXAME PRELIMINAR

Recuando no tempo até a Quarta Raça-Raiz, é possível reconhecer os traços de Iniciados que haviam adquirido saber e faculdades transcendentais. A multiplicidade dos assuntos de que nos devemos ocupar não nos permite a inserção de um capítulo histórico que, apesar de sua veracidade e exatidão, tanto a Ciência como a Igreja impugnariam *a priori* por quimérico e blasfemo. Vamos por isso limitar-nos a uma breve sinopse da questão.

A Ciência passa de largo, segundo o seu capricho e fantasia, sobre dezenas de nomes e heróis da antiguidade, somente porque em sua história entram acentuados elementos míticos. A Igreja insiste em que os patriarcas bíblicos são personagens históricos, e dá aos seus sete "Anjos Estelares" o título de "canais e agentes históricos do Criador". Uma e outra têm suas razões, pois cada qual conta com numerosos partidários.

A humanidade é como um triste rebanho de Panúrgio, que acompanha cegamente o pastor que no momento o conduz.

A humanidade — a maioria pelo menos — detesta pensar por si mesma; e toma como insulto um simples apelo para sair dos velhos caminhos batidos e, a seu próprio juízo, enveredar por outras sendas em busca de novas metas. Daí-lhe a resolver um problema que não lhe seja familiar; se os matemáticos, por não aprovarem o enunciado, se eximirem de o estudar, o público, não afeito à Matemática, ficará aturdido à vista das quantidades desconhecidas e, perdendo-se no emaranhado dos "x" e "y", acabará por dar de ombros, ameaçando fazer em pedaços o importuno perturbador de seu Nirvana intelectual. Isso talvez explique os grandes e fáceis êxitos da Igreja Romana na conversão de tantos protestantes e livres pensadores (nominais) que nunca se deram ao trabalho de refletir por si mesmos nos grandes e importantíssimos problemas da natureza interna do homem.

Em verdade seriam bem débeis os nossos esforços se desprezássemos a evidência dos fatos, o testemunho da História e os incessantes anátemas da Igreja contra a "magia negra" e os magos da raça maldita de Caim. Quando, no espaço de dois mil anos, uma instituição humana jamais deixou de levantar a voz para condenar a magia *negra*, não pode haver dúvida de que esta existe; e, se existe,

forçoso é também admitir a magia *branca* em oposição e antítese: porque a existência da moeda falsa pressupõe necessariamente a da legítima. A Natureza é dual em todos os seus processos, e a perseguição eclesiástica contra a magia negra seria suficiente para abrir os olhos de todo o mundo há muito tempo.

Apesar de serem os viajantes inclinados quase sempre a deturpar os fatos que se refiram aos poderes extraordinários de que são dotados alguns homens de países “pagãos”, empenhando-se em inferir desses fatos conclusões falsas, e — para nos servirmos de um velho adágio — insistindo em “chamar um cisne branco de ganso negro” a fim de o matar, temos o testemunho dos próprios missionários cristãos, que os confirmam. E porque estes últimos preferiam ver obra satânica nas manifestações de certa classe, não é isto razão para que se recuse o seu depoimento quanto à existência daqueles poderes. Vejamos: que dizem eles sobre a China? Os missionários que viveram por muitos anos nesse país, que estudaram todos os fatos e crenças que podiam ser obstáculo às conversões, e que se familiarizaram não só com todos os ritos exotéricos da religião oficial, mas também com os das várias seitas ali existentes, são unânimes em afirmar que há um grupo de homens dos quais ninguém se pode aproximar, exceto o imperador e alguns dignitários da corte. Não há muito tempo, antes da guerra do Tonquim, o Arcebispo de Pequim [Peiping], à vista dos relatos de centenas de missionários e fiéis, transmitiu a Roma história idêntica à que fora contada vinte e cinco anos atrás, com ampla repercussão na imprensa clerical. Haviam sondado, segundo diziam, a causa misteriosa de certas deputações oficiais enviadas pelo Imperador aos seus *Sheu* e *Kiuay* (como são chamados entre o povo) quando algum perigo ameaça a nação. Conforme a explicação, estes *Sheu* e *Kiuay* são os gênios das montanhas, dotados de poderes os mais miraculosos. O público “ignorante” acredita que são “protetores da China”, e os bons e “sábios” missionários os têm na conta de encarnação do poder satânico.

“Os *Sheu* e os *Kiuay* são homens que pertencem a um estado de existência diferente do homem ordinário, ou do que tiveram quando revestidos de corpos. São espíritos desencarnados, espectros e larvas que ainda permanecem na terra com uma forma objetiva, habitando a solidão das montanhas inacessíveis a todos os que não obtêm sua permissão para visitá-los.”¹

No Tibete, certos ascetas são também chamados *Lhas* (espíritos) por aqueles com quem não lhes apraz comunicar-se. Os *Sheu* e os *Kiuay*, que merecem a mais alta consideração do Imperador e dos filósofos, inclusive os confucionistas que não crêem em “espíritos”, são simplesmente *Lohans*, Adeptos que vivem em retiros solitários e desconhecidos.

Mas, consoante a crença dos tibetanos, parece que a tradicional reserva dos chineses se aliou à Natureza contra a curiosidade profana dos europeus. O famoso viajante Marco Polo foi talvez o europeu que mais se aventurou no interior

(1) Este e muitos outros fatos constam de “Relatórios dos Missionários da China” e de uma obra escrita por Monsenhor Delaplace, Bispo da China, *Annales de la Propagation de la Foi*

dessas regiões. É oportuno repetir agora o que sobre ele dissemos em 1876.

O distrito do deserto de Góbi (e de fato toda a área da Tartária independente e do Tibete) está cuidadosamente resguardado de incursões estrangeiras. Aqueles a quem se permite atravessá-lo ficam sob as vistas e o cuidado de certos agentes da autoridade suprema, exigindo-se-lhes o compromisso de nada dizerem ao mundo exterior a respeito das localidades e dos habitantes. Não fossem tais restrições, muitos poderiam acrescentar a estas páginas narrativas de explorações, aventuras e descobrimentos, que seriam lidas com todo o interesse. Virá um dia, cedo ou tarde, em que as terríveis areias do deserto revelarão os segredos por tanto tempo soterrados, e então a nossa moderna vaidade passará por sérias e imprevisíveis decepções.

“Os habitantes de Pashai”², diz Marco Polo, aquele intrépido viajante do século XIII, “são dados à feitiçaria e às artes diabólicas”. É o seu erudito editor acrescenta: “Este Pashai ou Udyana foi a terra natal de Padma Sambhava, um dos principais apóstolos do lamaísmo, isto é, do budismo tibetano, e profundo conhecedor da arte do encantamento. As doutrinas de Sakya, que outrora predominaram em Udyana, estavam provavelmente impregnadas de magia shivaíta, e os tibetanos consideraram o lugar ainda como a terra clássica da bruxaria e do feitiço.

Os “tempos antigos” são exatamente iguais aos tempos modernos. Nada mudou no tocante às práticas da magia, senão que se tornaram ainda mais esotéricas e secretas, e que as precauções dos adeptos crescem na razão direta da curiosidade dos viajantes. Diz Hiuen-Tsang a respeito dos habitantes do país: “Os homens são afeiçoados ao estudo, mas não o cultivam com ardor. *A ciência das fórmulas mágicas passou a ser para eles uma verdadeira profissão.*”³ Não contestaremos neste ponto o venerável peregrino chinês, e ainda queremos admitir que no século VII *algumas* pessoas fizeram da magia “uma profissão”, como também o fazem hoje; mas não os adeptos genuínos. Demais, naquela época o Budismo mal havia penetrado no Tibete, e os povos deste país estavam engolfados nas feitiçarias do Bon — a religião anterior ao lamaísmo. O piedoso e valente Hiuen-Tsang, que cem vezes arriscou a vida para ter a felicidade de contemplar a sombra de Buddha na caverna de Peshawar, não acusaria os bons lamas e os monges taumaturgos de “fazerem profissionalismo” da magia quando mostravam seus poderes aos viajantes. O conselho de Gautama, dado ao seu protetor o rei Prasenajit, que o adjuvava a produzir milagres, devia sempre estar presente ao espírito de Hiuen-Tsang. “Grande Rei” — respondeu Gautama — “eu não ensino aos meus discípulos dizendo-lhes: ‘Sede santos, e na presença dos brâmanes e dos chefes de família realizai, com os vossos poderes sobrenaturais, prodígios que nenhum outro homem possa realizar.’ A eles eu digo, quando lhes ensino a Lei: *Vivei santamente, ocultai vossas boas ações e mostrai os vossos pecados.*”

Fascinado pelas histórias de fenômenos mágicos contadas pelos viajantes que as presenciaram em suas visitas à Tartária e ao Tibete, conclui o Coronel Yule que os naturais do país deviam “dispor de toda a moderna enciclopédia do espiritismo”. Duhalde menciona entre as feitiçarias a arte de fazer aparecer *no ar*, por meio de invocações, a figura de Lao Tse⁴ e as das divindades, assim como a de obter que *um lápis escrevesse respostas a certas perguntas sem que ninguém o tocasse*⁵.

(2) Regiões próximas a Udyana e Kashmir, segundo pensa o tradutor e editor de Marco Polo (o Coronel Yule); I, 173.

(3) *Voyage des Pélérins Bouddhistes*, vol. I; *Histoire de la Vie de Hiuen Tsang*, etc., trad. do chinês ao francês por Stanislaw Julien.

(4) Lao-Tse, filósofo chinês.

(5) *The Book of Sir Marco Polo*, I, 318. Ver *Ísis sem Véu*. T. 599-601., ed. inglesa.

As primeiras invocações pertencem aos mistérios religiosos dos seus santuários; se provocadas de outro modo, ou para fins de *lucro*, seriam consideradas como feitiçaria e nigromancia, sendo rigorosamente proibidas.

A arte de fazer um lápis escrever sem nenhuma intervenção visível era conhecida e praticada na China e em outros países já antes da era cristã; era o ABC da magia.

Quando Hiuen-Tsang desejou adorar a sombra de Buddha, não recorreu aos “magos profissionais”, mas ao poder invocativo de sua própria alma; ao poder da oração, da fé e da contemplação. Tudo era sombrio e lúgubre junto à caverna, onde, segundo se dizia, o milagre por várias vezes acontecera. Hiuen Tsang entrou, e deu início a suas devoções. Cem vezes as repetiu; mas nada viu nem ouviu. Então, julgando-se um grande pecador, lamentou-se amargamente, a ponto de desesperar. Quando já considerava perdida toda a esperança, percebeu na parede oriental da caverna uma débil luz, que logo se desvaneceu. Recomeçou a orar, com a esperança renovada, e tornou a ver a luz, que brilhou um instante para desaparecer outra vez. Ai, fez um voto solene: não sair da caverna sem que sentisse a felicidade de ver finalmente a sombra do “Venerável das Idades”. Teve que esperar ainda longo tempo, e só após duzentas orações é que, subitamente, foi a escura caverna “inundada de luz, e a sombra de Buddha, em sua alviluzente cor, se projetou majestosamente na parede, como nuvens que de repente se entreabrissem deixando ver a maravilhosa imagem da Montanha de Luz. Rutilante e esplendorosa claridade iluminava o divino semblante. Quedou-se Hiuen-Tsang extático na contemplação, não querendo desfrutar os olhos do espetáculo sublime e incomparável”. Em seu diário *Seeyu-kee*, acrescenta Hiuen-Tsang que somente quando um homem reza com sincera fé, e recebe do alto uma oculta inspiração, pode ver claramente a sombra, ainda que não lhe seja dado desfrutar por muito tempo a gloriosa visão (Max Muller, *Buddhist Pilgrims*).

De um a outro extremo, está o país cheio de místicos, filósofos religiosos, santos budistas e magos. É unânime a crença em um mundo espiritual, povoado de seres invisíveis, que em determinadas circunstâncias aparecem aos mortais com forma objetiva. “Segundo a crença difundida entre os povos da Ásia Central” — observa J. J. Schmidt — “a Terra e o seu interior, como a atmosfera que a envolve, estão repletos de seres espirituais, que exercem sobre toda a natureza orgânica e inorgânica uma influência que é em parte benéfica e em parte maléfica... Os desertos e outras regiões agrestes ou desabitadas, onde as influências da natureza se fazem sentir em tremenda e gigantesca escala, são especialmente considerados como o principal *habitat* ou lugar de encontro dos espíritos malignos, e é por isto que as estepes de Turã e em particular o grande deserto de Góbi foram tidos como povoados de seres malfazejos — e assim desde a mais remota antiguidade.

Os tesouros descobertos em Micena pelo Dr. Schliemann despertaram a cupidez popular, e muitos especuladores e aventureiros sentiram-se atraídos para os lugares onde se supunha estarem escondidas, em criptas e cavernas e sob a areia e os depósitos de aluvião, as riquezas de povos antigos.

De todas as regiões, inclusive o Peru, é o deserto de Góbi aquela a que se atribui maior soma de tradições. A Tartária independente, esse ressonante deserto de areias movediças, foi em outros tempos, se podemos crer nas tradições, o centro de um dos mais ricos impérios que o mundo já conheceu. Conta-se que ali jazem enterradas, em ouro, jóias, estátuas, utensílios, armas e outros objetos que implicam civilização, riquezas tais como nenhuma das capitais cristãs do Ocidente poderia hoje mostrar. As areias do deserto de Góbi se deslocam regularmente de Este para Oeste, sob o ímpeto de terríveis furacões que sopram sem cessar. De quando em quando, alguns dos tesouros ocultos afloram à superfície, mas os indígenas não ousam tocá-los, porque toda a região está

sob o domínio de um poderoso sortilégio. O castigo seria a morte. Os Bahtis (gnomos horríveis mas fiéis) guardam os tesouros ocultos daquele povo pré-histórico, à espera do dia em que a revolução cíclica dos tempos faça ressuscitar sua história, para o ensinamento da humanidade.”⁶

Transcrevemos de propósito o trecho acima de *Ísis sem Véu*, para reavivar a memória do leitor. Precisamente acaba de chegar ao seu termo um dos períodos cíclicos; e talvez não seja preciso esperar o fim do Maha-Kalpa para que se nos revele algo da história do misterioso deserto, apesar dos Bahtis e ainda dos não menos “horríveis” Rākshasas da Índia. Em nossos primeiros volumes não escrevemos contos nem ficções, não obstante a desordem da exposição, que a autora, livre de toda vaidade, é a primeira a confessar, com muitas escusas.

É opinião geralmente admitida nos dias atuais que, desde tempos imemoriais, foi o distante Oriente, e a Índia sobretudo, a terra clássica do conhecimento e da sabedoria. Entretanto, não há país a que mais se negue a origem de todas as suas artes e ciências do que a pátria dos primitivos Árias. Desde a Arquitetura ao Zodíaco, toda ciência digna deste nome teria sido ali introduzida pelos misteriosos Yavanas gregos — assim decidiram os orientistas! É lógico, portanto, que se tenha recusado à Índia até o conhecimento da Ciência Oculta, cuja prática seria menos conhecida naquele país do que em qualquer outro dos povos antigos. Se tal acontece, é porque:

Entre os hindus, a magia era, e ainda é, mais esotérica, se possível, do que entre os sacerdotes egípcios. Para os primeiros, era tão sagrada que só pela metade se admitia sua existência, não sendo praticada senão em caso de emergências de ordem pública. *Era mais que um assunto de religião: consideravam-na divina.* Os Hierofantes egípcios, apesar de observarem uma rigorosa e austera moral, não se podiam comparar aos ascetas gimnosofistas, quer em santidade de vida, quer nos poderes taumatúrgicos nestes desenvolvidos por sua renúncia sobrenatural a todas as coisas terrenas. Os que conheciam estes ascetas da Índia dedicavam-lhes ainda maior veneração do que aos magos da Caldéia. “Recusando o mínimo de comodidade material, residiam nas florestas e levavam uma existência de eremitas, na mais completa solitude”⁷, ao passo que os seus irmãos egípcios viviam pelo menos em comunidade. Apesar do estigma infligido a todos os que praticavam a magia e a arte da adivinhação, tem a história reconhecido que eles estavam na posse de valiosos segredos da ciência médica, em cujo exercício eram de insuperável habilidade. Muitos são os volumes preservados nos Mahatmas hindus, em que se acham registradas as provas daqueles conhecimentos. Aos eruditos escrupulosos há de parecer mera especulação dizer que os gimnosofistas foram os verdadeiros fundadores da magia na Índia ou que apenas herdaram suas práticas dos primitivos Rishis⁸ — os sete sábios primevos⁹.

(6) *Ísis sem Véu*, I, 598, 599-601, 603, edição inglesa.

(7) Amiano Marcelino, XXIII, 6.

(8) Os Rishis — o primeiro grupo de sete — viveram nos dias que precederam a idade védica. Hoje são conhecidos como Sábios e venerados como semideuses; mas agora se pode afirmar que eram algo mais que simples filósofos mortais. Há outros grupos, de dez, doze e até vinte e um. Diz Haug que eles ocupam na religião bramânica um lugar análogo ao dos doze filhos de Jacob na *Bíblia* judaica. Os brâmanes se consideram descendentes diretos dos Rishis.

(9) *Ísis sem Véu*, I, 90. ed. inglesa.

Contudo, tentaremos esclarecer.

Tudo quanto podíamos dizer em *Ísis sem Véu* a respeito de Magia foi exposto à guisa de indicações; e assim, dada a grande soma de matéria diluída em dois grossos volumes, muito de sua importância perdeu-se para o leitor, ao passo que um ordenamento inadequado contribuía para despertar-lhe ainda menos a atenção. Mas agora as indicações podem transformar-se em explicações.

Nunca será demais repetir: *a Magia é tão velha quanto o homem*. Já não se pode qualificá-la como charlatanismo ou alucinação, quando seus ramos menores — o mesmerismo, hoje impropriamente chamado “hipnotismo”, “leitura do pensamento”, “sugestão”, e outros nomes usados (quem sabe!) tão só para lhe evitar o nome verdadeiro e legítimo — são agora objeto de sérios estudos por parte de biólogos e fisiólogos entre os mais eminentes da Europa e da América.

A Magia está indissoluvelmente ligada à Religião de cada país, e lhe é inseparável desde a origem. É impossível à História assinalar uma época em que ela não existisse, ou a data em que surgiu, a não ser recorrendo às doutrinas preservadas pelos Iniciados. A Ciência não pode igualmente resolver o problema da origem do homem, se rejeita as provas oferecidas pelos mais antigos anais do mundo e se nega a receber das mãos dos legítimos guardiães dos mistérios da Natureza a chave do Simbolismo Universal. Sempre que um autor tenta estabelecer relação entre o despontar da Magia e determinado país, um acontecimento ou algum personagem histórico, investigações ulteriores vêm demonstrar que as hipóteses carecem de fundamento. Observam-se a esse respeito lamentáveis contradições entre os simbologistas. Querem alguns que foi Odin, o sacerdote e rei escandinavo, quem inventou a prática da Magia, no ano 70 antes de Cristo, sem atentar que sobre ela há iterativas referências na *Bíblia*. Provado, como ficou, que os ritos misteriosos das sacerdotisas Valas eram anteriores à época de Odin¹⁰, voltaram-se as vistas para Zoroastro, procurando sustentar que foi ele o fundador dos ritos mágicos. Mas Amiano Marcelino, Plínio e Arnóbio, e outros historiadores da antiguidade, esclareceram que Zoroastro foi apenas um reformador da Magia, praticada pelos caldeus e egípcios, e de modo algum seu fundador¹¹.

Quem, portanto, entre os que sistematicamente voltam as costas ao Ocultismo, e também ao Espiritismo, por “antifilosóficos” e indignos do pensamento científico; quem deles tem o direito de afirmar que estudou os Antigos ou, se por acaso os estudou, que entendeu tudo quanto estes disseram? Esses, que se presumem mais sábios que os de sua geração; que julgam conhecer tudo o que os Antigos conheciam, e saber hoje muito mais do que ontem; só esses é que se arrogam autoridade para zombar do que chamam de ingenuidade e superstição de outros tempos; só esses é que imaginam haver descoberto um grande segredo ao sustentar que o antigo sarcófago real, agora vazio de seu Rei

(10) Veja-se Munter: “Sobre as mais Antigas Religiões do Norte antes de Odin” *Mémoire de la Société des Antiquaires de France*, II, 230.

(11) Amiano Marcelino. XXVI, 6.

Iniciado, era um “depósito de trigo”, e a pirâmide que o encerra um celeiro ou talvez uma adega¹²!

A sociedade moderna classifica como charlatanismo a Magia, pela simples afirmação de alguns cientistas. Mas no mundo existem atualmente oitocentos milhões de pessoas que ainda crêem nela, e mais de vinte milhões de homens e mulheres de juízo são e inteligência lúcida, e pertencentes a essa mesma sociedade, que acreditam em fenômenos de Magia sob o nome de espiritismo. Todo o mundo antigo, com os seus sábios, filósofos e profetas, acreditavam na Magia. Onde o país em que não fosse praticada? Em que época terá desaparecido, inclusive neste próprio país? No velho como no novo continente (o primeiro bem mais jovem que o segundo), a Ciência das Ciências foi conhecida e praticada desde tempos remotíssimos. Os mexicanos tinham seus Magos e Sacerdotes-Hierofantes, assim como suas criptas de Iniciação. De duas estátuas dessoteradas nos Estados do Pacífico, uma é a imagem de um Adepto mexicano na postura ritualística dos ascetas hindus, e a outra representa uma sacerdotisa asteca com um adorno na cabeça exatamente igual ao que se pode ver na cabeça de uma Deusa indiana. Por outro lado, a “Medalha guatemalteca” ostenta a “Árvore do Conhecimento” (com suas centenas de olhos e orelhas, simbolizando a vista e o ouvido) rodeada pela “Serpente da Sabedoria” em atitude de sussurrar no ouvido da ave sagrada. Bernaz Diaz del Castillo, um dos companheiros de Cortez, nos dá uma idéia do extraordinário requinte, inteligência e civilização, e também das artes mágicas, do povo que os espanhóis submeteram pela força das armas. Suas pirâmides são idênticas às do Egito, a construção obedece ao mesmo cânon secreto de proporções que preside às dos Faraós, denotando que a cultura e a religião dos Astecas derivam, em mais de um aspecto, da mesma fonte que as dos egípcios e seus antecessores indianos. Entre os três povos, os arcanos da Filosofia Natural ou Magia eram cultivados no mais alto grau.

Que a magia era natural, e não sobrenatural e que assim a consideravam os antigos, ressalta do que nos diz Luciano com relação ao “Filósofo zombador”, Demócrito, quando afirma que este

“não cria em milagres... mas cuidou em descobrir o método que os teurgos usavam para produzi-los; em uma palavra, sua filosofia o levou a concluir que a magia se limitava a imitar e aplicar as leis e os processos da natureza”.

(12) Impossível fixar, por qualquer dos cânones da Ciência moderna, a data construção das centenas de pirâmides do vale do Nilo. Diz Heródoto que cada rei erigiu uma para comemorar o seu reinado e servir-lhe de túmulo. Mas Heródoto não disse tudo, embora soubesse que a verdadeira finalidade da pirâmide era outra, bem diferente da que lhe atribuiu. Se não fosse por seus escrúpulos religiosos, teria acrescentado que, exteriormente, a pirâmide simbolizava o poder criador da Natureza, como também ilustrava os princípios da Matemática, da Geometria, da Astrologia e da Astronomia; internamente, era um templo majestoso, em cujos recessos sombrios se celebravam os Mistérios, e cujas paredes haviam testemunhado as cenas de iniciação de membros da família real. O sarcófago de pórfiro que o Professor Piazzi Smyth, Real Astrônomo da Escócia, rebaixa ao nível de um depósito de trigo, era a fonte batismal de onde o neófito surgia renascido” e se tornava um Adepto. *Ísis sem Véu*, I, págs. 518-19.

Quem ainda poderia, pois, classificar como “superstição” a Magia dos antigos?

[A esse respeito] a opinião do “filósofo zombador” [Demócrito] é da maior importância para nós, já que seus mestres foram os magos deixados por Xerxes em Abdera; e, além disso, havia ele estudado a magia durante muito tempo com os sacerdotes egípcios¹³. Por espaço de noventa anos (dos cento e nove que viveu) o grande filósofo dedicou-se a experiências, registrando-as em um livro, que, segundo Petrónio¹⁴, *versava sobre a Natureza*. Eram fatos que ele próprio observara. E o vemos de todo negar e repelir os milagres; mas o vemos também afirmar que todos aqueles fatos extraordinários autenticados por testemunhas oculares haviam sido e podiam ser reais, porque eram, inclusive os mais *incríveis*, devidos “a leis ocultas da Natureza”¹⁵. ... Acrescente-se que a Grécia, “último berço das ciências e das artes”, e a Índia, berço das religiões, eram ambas devotadas (e uma ainda o são) ao estudo e à prática da magia. E haverá quem possa aventurar-se a considerá-la indigna de estudo e negar-lhe as honras de ciência?...¹⁶

Nunca o faria um verdadeiro reósofo. Porque, como membro de nossa grande corporação orientalista, ele sabe indubitavelmente que a DOUTRINA SECRETA do Oriente contém o Alfa e o Ômega da Ciência Universal; sabe que em seus textos obscuros, sob o frondoso e por vezes demasiado exuberante desenvolvimento do simbolismo e das alegorias, jazem ocultas a pedra fundamental e a chave da abóbada de toda a sabedoria antiga e moderna. Esta Pedra, trazida pelo Divino Arquiteto, é hoje rejeitada pelo operário excessivamente humanizado, e isto porque, em seu letal materialismo, o homem perdeu toda a recordação não só de sua santa infância, mas até de sua adolescência, quando ele próprio era um dos construtores; quando “as estrelas matutinas cantavam em coro e os Filhos de Deus entoavam hinos de alegria” depois de terem assentado as medidas para as fundações da terra — na linguagem poética, de profunda significação, do Iniciado árabe Job. Mas aqueles que ainda são capazes de acolher o Divino Raio no mais fundo do seu Eu interior, e que aceitam os dados das Ciências Secretas com fé e humildade, sabem perfeitamente que é nessa Pedra que jaz encerrado o absoluto da filosofia, chave dos obscuros problemas da Vida e da Morte, alguns dos quais procuraremos explicar, até certo ponto, nos presentes volumes.

Tem a autora plena consciência das imensas dificuldades inerentes à exposição de assuntos tão abstratos, e dos riscos do tentamen. É um insulto à natureza humana atirar à face da verdade o labéu de impostura; mas é coisa que vemos ocorrer diariamente e aceitar-se. Porque toda verdade oculta tem que passar por esta fase negativa, e os seus defensores que sofrer os espinhos do martírio antes que ela venha a lograr o consenso geral; e ainda depois disso não é senão muitas vezes

(13) Diógenes Laércio, *Vida de Demócrito*, III.

(14) *Satyricon*, livro IX, cap. 3.º.

(15) Plínio, *História Natural*; *Isis sem Véu*, I, 512.

(16) *Isis sem Véu*, I, 521.

... uma coroa de ouro na aparência,
e em verdade uma coroa de espinhos.

As verdades subjacentes nos mistérios ocultos encontrarão mil leitores que não se dignarão de apor-lhes o estigma de impostura, contra um só que as aprecie em seu justo e real valor. Isso é muito natural, e o único meio de evitá-lo seria comprometer-se o ocultista a observar o "voto de silêncio" pitagórico, e a renovar este voto cada cinco anos. De outra forma, a sociedade culta (da qual dois terços se consideram obrigados a crer que, desde o aparecimento do primeiro Adepto, metade do gênero humano engana a outra metade (nunca deixaria de invocar o seu direito hereditário e tradicional de apedrejar o intruso. Os críticos benevolentes, que com mais viveza proclamam o já famoso axioma de Carlyle, quando disse de seus compatriotas que eram "loucos em sua maioria", mas tomavam a precaução de alistar-se entre as raras e felizes exceções desta regra, sentir-se-ão mais estimulados com esta obra, recolhendo a convicção melancólica de que a raça humana se compõe apenas de velhacos e idiotas de nascença. Mas isto pouco importa. As reivindicações dos ocultistas e de sua Ciência Arcaica começam a desbravar, lenta mas seguramente, um caminho no coração da sociedade, hora por hora, dia após dia, ano após ano, sob a forma de dois ramos anormais, dois extraviados rebentos do tronco da Magia — o Espiritismo e a Igreja Romana.

Frequentemente os fatos emergem da ficção. Qual uma enorme *boa constrictor*, o erro, em todas as suas modalidades, envolve a humanidade, tentando estrangular com seus anéis mortíferos toda aspiração para a verdade, toda ânsia de luz. Mas o Erro só é poderoso na superfície; porque a Natureza oculta circunda o globo em todos os sentidos, sem que o mais escuro recanto esteja privado de sua presença. E, seja pelo fenômeno ou pelo milagre, pelo instrumento do espírito ou pelo báculo do bispo, o Ocultismo triunfará antes que a nossa era alcance o "tríplice setenário de Shani (Saturno)" do ciclo ocidental, na Europa; ou seja, antes de terminar o século XXI.

Em verdade, o solo do remoto passado não está morto, mas apenas em repouso. Os esqueletos dos sagrados carvalhos dos antigos druidas podem ainda brotar renovação de seus ramos secos, e renascer para uma vida nova, tal como aquele punhado de grãos de trigo do sarcófago de uma velha múmia de quatro mil anos, e que, plantados, germinaram, cresceram e "produziram uma excelente colheita". Por que não? A verdade é mais estranha que a ficção. Quando menos se esperar, a verdadeira sabedoria ressurgirá para humilhar a arrogante presunção de nossa época e provar que a Fraternidade Secreta não pereceu com os Filaletos da última Escola Eclética; que a Gnose continua a florescer na Terra e que seus discípulos são numerosos, ainda que permaneçam ignorados. Tudo isso pode ser levado a cabo por um ou vários dos grandes Mestres que visitam a Europa; então serão confundidos os pretensos intérpretes e os detratores da Magia.

Tais Fraternidades Secretas têm sido mencionadas por autores bastante conhecidos, e a elas se refere a *Royal Masonic Cyclopaedia* de Mackenzie. A autora, perante os milhões de pessoas que negam, pode hoje repetir, sem receio, o que disse em *Ísis sem Véu*:

Se eles [os Iniciados] têm sido considerados como simples ficção de novela, tal coisa apenas contribui para que os "irmãos-adeptos" mais facilmente se conservem incógnitos.

Os Saint-Germains e os Cagliostros deste século, alertados pelas amargas lições dos sarcasmos e perseguições do passado, adotam hoje táticas diferentes¹⁷.

Estas palavras proféticas, escritas em 1876, foram confirmadas em 1886. Não obstante, nós repetimos ainda:

Há grande número dessas Fraternidades místicas que nada têm a ver com os países "civilizados", e é no seio de suas comunidades ignoradas que jazem ocultas as relíquias do passado. Os "adeptos" poderiam, se o quisessem, reivindicar uma estranha série de antepassados e apresentar documentos que poderiam explicar muitas páginas misteriosas, tanto da história profana como da história sagrada¹⁸. Se os Padres da Igreja houvessem possuído as chaves dos escritos hieráticos e conhecido o segrado dos simbolismos egípcio e hindu, não teriam deixado sem mutilação um só dos monumentos da antiguidade.¹⁹

Mas há no mundo outra categoria de adeptos, pertencentes também a uma Fraternidade, sendo esta mais poderosa que todas as conhecidas dos profanos. Muitos desses adeptos são pessoalmente bons e generosos, e ainda, algumas vezes, puros e santos. Mas, por que a sua coletividade visa a um fim egoísta, com firme e incansável determinação, devem ser classificados entre os adeptos da Arte Negra. São os nossos modernos "padres" e clérigos romanos, que, desde a idade média, decifraram a maior parte dos escritos e símbolos hieráticos. Mais versados no Simbolismo secreto e nas antigas Religiões do que os nossos orientistas, e personificando a astúcia e a habilidade, cada um desses adeptos retém fortemente a chave do simbolismo em suas mãos cerradas, e cuida com o maior empenho por que se não divulguem facilmente os segredos.

Há em Roma, e em toda a Europa e América, cabalistas muito mais profundos do que se pode imaginar. Assim, as "fraternidades" públicas de adeptos "negros" oferecem, por sua grande soma de poder, um perigo maior para os países protestantes que uma legião inteira de ocultistas orientais. E há gente que ri da magia! Homens de ciência, biólogos e fisiólogos, ridicularizam-lhe o poder, e a crença no que o vulgo chama "bruxaria" e "magia negra"! Os arqueólogos têm seu Stonehenge, na Inglaterra, com milhares de segredos, e o irmão gêmeo Karnac, na Bretanha; nenhum deles, porém, suspeita do que se passou, durante o último século, nas misteriosas criptas e recâmaras ali existentes. Mais ainda: nem sequer conhecem as "salas mágicas" de Stonehenge, onde ocorrem cenas curiosas sempre que há um novo converso em perspectiva. Centenas de experiências foram feitas e se fazem diariamente na Salpêtrière, além de outras realizadas por hábeis hipnotizadores em seus domicílios privados. Está prova-

(17) *Op. cit.*, pág. 403.

(18) É precisamente o que alguns deles estão dispostos a fazer, e este livro traz à luz muitas "páginas misteriosas" da história sagrada e da história profana. Se as suas explicações serão aceitas ou não — é outra questão.

(19) *Op. cit.*, pág. 403.

do que certos sensitivos, homens ou mulheres, ao regressar ao estado normal, perdem toda a lembrança do que, achando-se eles em estado de transe, lhes mandou executar o hipnotizador, desde o ato simples de beber um copo d'água até o de simular um assassinio — o que a Ciência chama agora "atos sugeridos". Contudo, na hora e no momento de antemão fixados, o sujeito, apesar de consciente e perfeitamente desperto, se vê compelido, por uma irresistível força interna, a praticar o ato que lhe foi ordenado, seja qual for e qualquer que seja o período fixado pelo hipnotizador. A pessoa fica inteiramente submetida à vontade deste último (e por isso recebe o nome de "sujeito") — como um pássaro que se deixa fascinar pela serpente e finalmente cai em sua fauce. Ou pior ainda, porque o pássaro conhece o perigo e resiste, ainda que sem lhe poder escapar; enquanto que o hipnotizado não se revolta, parecendo antes obedecer ao impulso de sua própria e livre vontade.

Qual o sábio europeu que, crendo nessas experiências *científicas* (e poucos são os que ainda duvidam ou não se convenceram de sua realidade), estará disposto a admitir que se trata de magia negra? Entretanto, nisso consistiu a *genuína* e inegável *feitiçaria* ou *fascinação* de antigamente. Os Mûlu-Kurumbas de Nilgiri não procedem de outro modo em seus *envoûtements*, quando se propõem aniquilar um inimigo; nem os Duggas de Sikkim e de Butão usam de agente mais poderoso que a própria *vontade*. Somente, quanto a eles, essa vontade não opera por tentativas ou vagos impulsos, mas com certa determinação: não depende da maior ou menor receptividade ou impressionabilidade nervosa do "sujeito". Escolhida a vítima, e posto em *relação* com ela, o "fluido" do Dugpa atinge infalivelmente seu objetivo, porque a força de sua vontade é muitíssimo maior e mais desenvolvida que a do experimentador europeu (o que se fez bruxo *inconscientemente* e sem o devido preparo, para fins científicos). Este não tem noção da multiplicidade e potência dos métodos (e neles não acredita) empregados no mundo antigo pelo mago negro ou feitiçeiro *consciente* do Oriente e do Ocidente para desenvolver aquela força.

E agora cabe formular, direta e incisivamente, esta pergunta: Por que os fanáticos e zelosos sacerdotes, que tanto anseiam por converter a gente rica e influente da sociedade, não haveria de empregar, para a obtenção de seus objetivos, processos idênticos aos usados pelos médicos e experimentadores franceses com os seus pacientes? A consciência do sacerdote católico estaria provavelmente em paz, porque ele não visa a um fim egoísta *pessoalmente*, mas busca "salvar uma alma" da "condenação eterna". Em seu modo de ver, se há magia, é uma santa, meritória e divina magia. Tanto é o poder da fé cega...

Por isso, quando pessoas respeitáveis e dignas de fé, que ocupam elevada posição social e dão mostras de ilibado caráter, nos afirmam que há muitas corporações bem organizadas de sacerdotes católicos que, a pretexto de espiritismo e mediunidade, promovem sessões com o fito de obter conversões, por sugestão direta ou à distância — respondemos: Sim, nós o sabemos. E, quando ainda nos declaram que tais sacerdotes-hipnotizadores, sempre que desejam exercer ascendência sobre um ou vários indivíduos, cuja conversão os interessa, se recolhem a um subterrâneo especialmente destinado a esse propósito (isto é,

à magia cerimonial), e lá, reunidos em círculo, projetam a força resultante de suas vontades combinadas na direção desejada, e, com a repetição do processo, acabam por subjugar inteiramente a vítima — respondemos mais uma vez: É bem provável. Porque sabemos que outras não são as práticas de magia cerimonial que se verificam em Stonehenge ou em outra parte. Sim, nós o sabemos por experiência pessoal e também porque alguns dos nossos melhores e mais queridos amigos foram, inconscientemente, assim atraídos ao seio da Igreja Roma e à sua “benigna” proteção.

Por isso, não podemos deixar de rir-nos compassivamente da ignorância e obstinação daqueles ingênuos homens de ciência e experimentadores que, embora acreditando no poder hipnótico do Dr. Charcot e de seus discípulos para “enfeitiçar” os pacientes, não mostram senão um sorriso de desdém quando se lhes fala dos poderes da magia negra. O abade cabalista Eliphas Lévi morreu antes que a Ciência e a Faculdade de Medicina de França aceitassem o hipnotismo e a influência *por sugestão* nas experiências científicas; mas eis o que ele dizia há vinte e cinco anos em seu *Dogme et Rituel de la Haute Magie* a respeito dos “Feitiços e Sortilégios”:

“O que acima de tudo os feiticeiros e os nigromantes visavam em suas invocações do espírito do mal era aquele poder magnético, apanágio do adepto genuíno, que eles desejavam usurpar para fins maléficos... Um de seus objetivos principais era o poder de fazer sortilégios e exercer influências deletérias... Os enfeitiçamentos são comparáveis a verdadeiros envenenamentos por meio de uma corrente de luz astral. Exaltavam sua vontade com a prática de certas cerimônias, ao ponto de torná-la venenosa à distância. ... Já dissemos em nosso *Dogma* o que pensamos dos enfeitiçamentos e quanto este poder nos parece real e perigoso. O verdadeiro mago não precisa de recorrer a um cerimonial para enfeitiçar: basta-lhe reprovar aqueles que ele julga devam ser punidos²⁰; e até com o seu perdão enfeitiça os que lhe fazem mal. Os inimigos dos Iniciados não permanecem impunes por muito tempo. Em inúmeras circunstâncias temos sido testemunhas de exemplos da aplicação desta lei infalível. Os algozes dos mártires sempre perecem miseravelmente; e os Adeptos são os mártires da inteligência; a Providência [Karma] parece desprezar os que os desprezam, e conduz à morte os que procuram impedi-los de viver. A lenda do Judeu Errante representa a versão popular e poética deste arcano. Um povo mandou crucificar um Sábio; e, quando este queria descansar por um instante, disse-lhe: ‘Caminha!’ Pois bem! esse povo terá desde então que sofrer uma condenação semelhante; vai ser proscrito durante muitos séculos, e ouvirá dizer: ‘Caminha! Caminha!’, sem que possa encontrar piedade nem descanso.”²¹

“Fábulas” e “superstições” — será a resposta. Seja! Ao sopro letal da indiferença e do egoísmo, todo fato incômodo se transforma em ficção desprovida de sentido, e todos os ramos, outrora verdejantes, da Árvore da Verdade emurchecem e perdem a fragrância espiritual do seu primitivo conceito. A acuidade dos modernos simbologistas é inexcedível para ver em toda a parte cultos fálcos e

(20) A idéia não está expressa corretamente. O verdadeiro Adepto, o da “Direita”, jamais pune alguém, nem mesmo o seu mais cruel e perigoso inimigo; simplesmente o deixa entregue ao Karma, e o Karma, cedo ou tarde, nunca falha.

(21) *Op. cit.*, II, págs. 239, 240, 241.

manifestações de atributos sexuais, até mesmo onde nunca existiu coisa alguma semelhante. Mas, para o verdadeiro estudante da Ciência Oculta ou Divina, a Magia Branca não pode existir na Natureza sem o seu oposto, a Magia Negra; assim como não há dia sem noite, seja de doze horas ou seis meses de duração. Para ele, tudo na Natureza tem o seu lado oculto — e há um aspecto de luz e outro de trevas. As pirâmides do Egito e os carvalhos dos Druidas, os dólmens e as árvores “Bo”, as plantas e os minerais — tudo encerrava um sentido profundo e verdades sagradas da Sabedoria, quando o Arquidruída praticava suas curas e encantamentos mágicos, e o Hierofante egípcio invocava e dirigia o “espectro amável”, a criação feminina do Frankenstein dos antigos, que surgia para tentar e pôr à prova a fortaleza de ânimo do candidato à Iniciação, simultaneamente com o último e angustioso estertor de sua natureza humana e terrena.

Verdade é que a Magia perdeu o seu nome, e com ele o direito a ser reconhecida; mas subsiste na prática diária, e expressões sucedâneas — como “influência magnética”, “o poder da oratória”, “uma fascinação irresistível”, “o auditório inteiro como que subjugado e mantido sob o poder de um feitiço” — são admitidas e de uso corrente, embora hoje se ignore o que realmente significam. Contudo, os efeitos da magia se apresentam mais bem definidos e caracterizados em certas congregações religiosas, como as dos Shakers²², dos Metodistas Negros e dos Salvacionistas, que os denominam “a ação do Espírito Santo” e “graça”. Certo é que a Magia continua ainda viva e atuante na humanidade, apesar de passar despercebida sua silenciosa presença e sua influência sobre os indivíduos, não se advertindo a ignorante massa da sociedade de seus efeitos benéficos ou maléficos, que se estão verificando dia a dia, hora por hora. Cheio está o mundo desses magos inconscientes, na política como na vida ordinária, na Igreja como nos redutos do livre pensamento. Infelizmente, a maioria destes magos são “feiticeiros”, não por metáfora, mas como uma triste realidade, por causa do egoísmo que lhes é peculiar e do seu caráter vingativo, invejoso e maligno. O verdadeiro estudante da Magia, que compreende o exato sentido das coisas, olha para eles compassivamente; e, se é prudente, guarda silêncio. Porque todo esforço que fizesse para curar a cegueira universal teria por única recompensa a ingratidão, a calúnia e a maledicência, que, incapazes de o atingirem, voltariam sobre seus próprios autores. A mentira e a calúnia (que é a mentira envenenada com o ódio e a falsidade) procuram sempre ferir os bem intencionados: este é o prêmio dos que se esforçam por difundir a luz.

Creemos ter dito o suficiente para demonstrar que a existência de uma Doutrina Secreta Universal, com os seus métodos práticos de magia, não pertence de modo algum ao domínio da novela ou da ficção. O fato era conhecido de todo o mundo antigo, e este conhecimento ainda perdura no Oriente e na Índia em particular. E, se há esta Ciência, deve ter naturalmente os seus professores ou Adeptos. Mas pouco importa que os Guardiães da Sabedoria Sagrada vivam como pessoas humanas ou sejam considerados mitos. Sua filosofia há de

(22) Seita religiosa dos Estados Unidos, que preconiza o celibato e a vida em comum. (N. do T.)

triunfar ou desmoronar-se por seus próprios méritos, independentemente de qualquer Adepto. Porque, conforme as palavras do sábio Gamaliel ao Sinédrio: “Se esta doutrina é falsa, há de perecer e cair por si mesma; mas, se é verdadeira, então — *nada há que possa destruí-la.*”

SEÇÃO II

A CRÍTICA MODERNA E OS ANTIGOS

A DOUTRINA SECRETA do Oriente ariano se encontra reproduzida no simbolismo egípcio e na fraseologia dos Livros de Hermes. No início do presente século¹, a maior parte dos homens de ciência tinham como indignos de atenção os chamados livros herméticos, proclamando que não passavam de uma série de contos, mentiras e afirmações absurdas. "Nunca existiram antes da era cristã; foram todos escritos com o tríplice objetivo de especulação, embuste e fraude religiosa" — diziam; e todos, ainda os melhores, eram meras tolices apócrifas². Neste particular, o século XIX mostrou-se digno sucessor do século XVIII, pois no tempo de Voltaire, como no atual, tudo quanto não procedia diretamente das Academias oficiais se reputava falso, supersticioso e desprovido de senso. A crença na sabedoria dos antigos era objeto de escárnio e desprezo, ainda mais do que hoje. A idéia de aceitar como autênticas e válidas as obras e as especulações de "um falso Hermes, um falso Orfeu, um falso Zoroastro", falsos oráculos e sibilas, e do três vezes falso Mesmer, com o seu fluido absurdo, era, por si só, inapelavelmente condenada à mais decidida repulsa. Assim, tudo quanto fosse elaborado fora dos recintos de Oxford e Cambridge³ e da Academia de França, ou lhes não recebesse o selo dogmático e científico, era naquele tempo denunciado como "contrário à Ciência" e "ridiculamente absurdo". Essa tendência sobreviveu até os nossos dias.

(1) Século XIX.

(2) Veja-se a esse respeito o livro *Des Esprits*, do Marquês de Mirville, que consagrou seis grossos volumes a demonstrar o absurdo dos que negam a realidade de Satã ou da Magia (Ciências Ocultas), sendo para ele sinônimas as duas coisas.

(3) Parece que estamos vendo o espectro sideral do antigo filósofo e místico Henry More — que foi professor da universidade de Cambridge — agitar-se no nevoeiro astral por cima dos telhados cobertos de musgo da velha cidade onde ele escreveu a Glanvil a sua célebre carta a respeito das "bruxas". A "alma" do doutor parece tão inquieta e indignada como naquele dia de maio de 1678, quando amargamente se queixava de Scot, Adie e Webster, autor do *Sadducismus Triumphatus*. "Os nossos inspirados santos de hoje" (ouve-se a alma sussurrar), "advogados das feiticeiras..., que, contrariando o bom senso e a razão..., não querem ter um Samuel, mas um parceiro nas espertezas...; esses histriões inflados de vaidade, ignorância e estulta impiedade!" (Veja-se "Letter to Glanvil" e *Ísis sem Vêu*, I, 205-206.)

Menosprezar os esforços que se fazem no campo da investigação física é coisa que está longe da intenção do verdadeiro ocultista (que conta, mercê de suas faculdades psíquicas altamente desenvolvidas, com instrumentos de pesquisa muito superiores em potência aos de que dispõem os laboratórios). Sempre viram com satisfação e como dignas de respeito as tarefas empreendidas para solucionar o maior número possível dos problemas da Natureza. O espírito de humildade com que Sir Isaac Newton comparou todo o seu labor astronômico a uma simples coleta de pequenas conchas, à margem do vastíssimo oceano do Conhecimento, resulta de um profundo sentimento de reverência perante a imensidade e os infinitos aspectos da Natureza, que a própria Filosofia Oculta não pode eclipsar. E é de ver que semelhante atitude mental, revelada no magnífico exemplo do grande astrônomo, resume com admirável exatidão a da maioria dos *verdadeiros* homens de ciência em relação aos fenômenos físicos da Natureza. Em geral, quando com eles se defrontam, são a prudência e a moderação personificadas. Observam os fatos com insuperável paciência. Não se mostram apressados em deduzir teorias, dando assim um louvável exemplo de cautela; e, sujeitos a limitações que condicionam o seu estudo da Natureza, registram suas observações com o máximo de precisão e fidelidade. Deve-se, além disso, reconhecer que os cientistas modernos são extremamente cuidadosos em não enunciar negações. Podem julgar e dizer que é muito improvável que uma nova descoberta esteja em contradição com as teorias aceitas, baseadas neste ou naquele conjunto de fatos registrados; mas, até no tocante às generalizações mais amplas (que só revestem forma dogmática nos livros de texto ou compêndios de ciência popular), o caráter predominante da autêntica e genuína "ciência" — se é que podemos encarnar esta abstração em seus mais eminentes representantes — é de reserva e, frequentemente, de modéstia.

Assim, em vez de motejar dos erros a que os limitados métodos podem conduzir os homens de ciência, o verdadeiro ocultista estará em condições de melhor julgar o patético de uma situação em que um grande engenho e a ânsia de verdade são muitas vezes condenados a desalento e confusão.

O que é, porém, de lamentar na ciência moderna é o excesso de precaução que, se em seus devidos limites a preserva de conclusões prematuras, pode também dar lugar à obstinação com que os cientistas se negam a admitir a aplicação, na pesquisa dos mistérios da Natureza, de instrumentos outros que não os do plano físico; e a admitir que pode ser, portanto, impossível apreciar devidamente os fenômenos de um plano, sem observá-los também sob os aspectos que os outros planos proporcionam.

Cerrando voluntariamente os olhos à evidência, que lhes mostraria de modo irrecusável ser a Natureza muito mais complexa do que parecem inculcar os fenômenos físicos isoladamente; que há meios pelos quais as faculdades perceptivas do homem podem algumas vezes passar de um plano a outro; e que suas energias estão mal dirigidas quando se aplicam exclusivamente às minúcias da estrutura física ou da força material, aqueles homens de ciência se tornam menos merecedores de simpatia que de censura.

Sentimo-nos diminuídos e humilhados ao ler o que o Sr. Renan, este mo-

dermo “demolidor” de todas as crenças religiosas passadas, presentes e futuras, escreve a respeito do mísero gênero humano e suas faculdades de discernimento:

“A humanidade possui mente muito obtusa; e é quase imperceptível o número de homens capazes de apreender com precisão a verdadeira analogia das coisas.”⁴

Mas, ao comparar essa opinião com outra expressa pelo mesmo autor, de que:

“O espírito do crítico deve inclinar-se diante dos fatos e, de pés e mãos atados, deixar-se transportar por eles aonde quer que o conduzam”⁵,

experimentamos um certo alívio. Por outro lado, quando às duas afirmações filosóficas acrescenta o famoso acadêmico uma terceira opinião, segundo a qual

“Todo *parti-pris a priori* deve ser banido da Ciência.”⁶

resta pouco a recear. Infelizmente, o Sr. Renan é o primeiro a infringir esta preciosa regra.

O testemunho de Heródoto (chamado, sarcasticamente sem dúvida, o “Pai da História”, pois o seu critério nada vale quando não coincide com o do Pensamento Moderno) e as razoáveis e unívocas afirmações contidas nas dissertações filosóficas de Platão, Tucídides, Políbio e Plutarco, e até certos conceitos de Aristóteles, são invariavelmente postos de lado, sempre que se referem ao que à crítica moderna apraz classificar de mitos. Faz algum tempo, sentenciou Strauss que:

“A presença de um elemento sobrenatural ou milagre em uma narrativa é sinal infalível de que há nela um mito”,

e esta é a regra tacitamente observada por todos os críticos de nossos dias.

Mas que é um mito — ? *μῦθος*? Não disseram os autores antigos que esta palavra significa tradição? E a palavra latina *fabula* não exprimia algo que se havia passado em tempos pré-históricos — e não necessariamente uma invenção? Com críticos assim autocráticos e despóticos, como o são os orientistas franceses, ingleses e alemães em sua maioria, não é de admirar que estejam reservadas intermináveis surpresas históricas, geográficas, etnológicas e filosóficas ao século vindouro. Ultimamente chegaram a ser tão comuns as mistificações em filosofia, que nada mais pode assombrar o público neste particular.

Já afirmou um erudito especulador que Homero não foi senão “uma personificação mítica da epopeia” [poema épico]⁷; outro assegura que “se deve

(4) *Études Religieuses*.

(5) *Études Historiques*.

(6) *Mémoire* lida na Académie des Inscriptions des Belles Lettres, em 1859 [Em Ciência não é admissível o preconceito obstinado].

(7) Veja-se: *Histoire des Religions de la Grèce*, de Alfred Maury, I, 248, e as especulações de Holzmann em *Zeitschrift für Vergleichende Sprachforschung*, ano de 1852, pág. 487 e segs.

ter por quimérica” a existência de Hipócrates, filho de Esculápio; que os Asclepiades, não obstante seus setecentos anos de duração, eram simplesmente uma “ficção”⁸; que “a cidade de Tróia existiu somente nos mapas” (a despeito dos descobrimentos do Dr. Schliemann). Depois disso, por que não considerar como mitos, de ora em diante, todas as figuras históricas do mundo antigo? Se a Filologia não necessitasse de Alexandre Magno como uma espécie de martelo para destruir as pretensões cronológicas dos Brâmanes, há muito tempo que ele se teria convertido em um “símbolo da anexação” ou “um gênio da conquista”, conforme já insinuou certo escritor francês.

A negação pura e simples é o único recurso dos críticos, e também o mais seguro abrigo onde por algum tempo se refugiará o último céptico. A quem nega sistematicamente, escusa discutir: com isso, ele também se esquia de uma situação incômoda, qual a de ser obrigado a ceder em um ou dois pontos ante os fatos e argumentos irrefutáveis aduzidos por seu antagonista. Creutzer, o maior simbologista moderno e o mais erudito entre os muitos mitólogos alemães; deve ter invejado a plácida autoconfiança de alguns cépticos quando se viu forçado a admitir, em um momento de desesperada perplexidade, que:

“Somos obrigados a retroceder às teorias dos gnomos e dos gênios, como as entenderam os antigos; [é uma doutrina] sem a qual é absolutamente impossível explicar seja o que for no tocante aos Mistérios.”⁹

É claro que se trata dos Mistérios da antiguidade, cuja existência não se pode negar.

Os católicos romanos, que se davam precisamente à prática do mesmo culto, fazendo-o ao pé da letra — e que o copiaram dos últimos caldeus, dos nabateus do Líbano e dos sabeus batizados¹⁰ (e não dos antigos astrônomos e Iniciados), pretendem agora, com o anátema da Igreja, encobrir a fonte de onde proveio. A teologia e o clero bem que desejariam turvar o manancial cristalino que os alimentou desde o princípio, para que a humanidade não o veja ou não o reconheça como o protótipo original do culto carólico. Mas os ocultistas crêem que chegou a hora de dar a cada um o que lhe pertence.

Quanto aos outros adversários, o céptico moderno e o epicurista, o cínico e o saduceu, poderão encontrar nos primeiros volumes da presente obra a devida resposta ao seu negativismo. E no que tange às caluniosas imputações às doutrinas dos antigos, foram os seus motivos expostos nas seguintes palavras de *Ísis sem Véu*:

O pensamento dos atuais críticos e comentadores dos ensinamentos antigos está limitado e circunscrito ao *exoterismo* dos templos. Sua intuição não quer ou não pode penetrar nos augustos santuários da antiguidade, onde o hierofante instrua o neófito

(8) Corporação de médicos gregos que se diziam descendentes de Esculápio.

(9) Creutzer, *Introduction des Mystères*, volume III, pág. 456.

(10) Os últimos nabateus tinham a mesma crença dos nazarenos e dos sabeus, honravam a João Batista e praticavam o batismo. (Veja-se *Ísis sem Véu*, II, 127; *Palestine*, de Munck, pág. 525; *Sod, the Son of Man*, de Dunlap, etc.

sobre o verdadeiro significado do culto público. Nenhum sábio antigo teria ensinado que o homem é o rei da criação, e que para ele foram criados o céu estrelado e a nossa mãe-terra¹¹.

Ao ver que em nossos dias se publicam obras como *Phallicism*¹², compreendemos que já passou o tempo de ocultar e mascarar certas coisas. A Ciência já fez demasiado progresso em filologia, simbolismo e religiões comparadas para continuar insistindo em suas negações sistemáticas, e a Igreja é bastante inteligente e precavida para não tirar da situação o melhor partido possível. Enquanto isso, os "rombos de Hecate" e as "rodas de Lúcifer", encontrados diariamente nas ruínas de Babilônia, já não podem servir como provas de um culto a Satã, pois símbolos idênticos se vêem no ritual da Igreja Latina¹³. E esta, com sua inegável perspicácia, não ignora que nem mesmo os caldeus da decadência — que se haviam inclinado para o dualismo, reduzindo todas as coisas a dois Princípios primordiais — renderam jamais culto a Satã ou a qualquer ídolo, como tampouco o fizeram os seguidores do Zoroastrismo, contra quem hoje se levanta a mesma acusação. Porque a religião dos caldeus era de fundo tão filosófico quanto os demais sistemas religiosos; e em sua teosofia dual e exotérica se basearam as crenças dos judeus, que por sua vez as legaram em grande parte aos cristãos. Ainda hoje são os parses acusados de heliolatria; e, no entanto, entre os "Preceitos Mágicos e Filosóficos de Zoroastro", podemos ler os seguintes:

Não dirijas o teu pensamento para a vasta extensão da terra;
Porque em seu solo não cresce a planta da verdade.
Nem imagines leis para medir o tamanho do sol,
Porque ele é conduzido pela eterna vontade do Pai, e não para o teu proveito.
Não te detenhas em seguir o curso impetuoso da lua;
Porque sem cessar ela se afasta sob o impulso da necessidade.
A marcha das estrelas não foi criada para tua satisfação.

Havia uma grande diferença entre o verdadeiro culto, que era ensinado aos que se demonstravam dignos, e a religião do Estado. Aos magos, arguem-nos de toda a sorte de superstição; mas eis o que dizem os mesmos Oráculos caldeus:

Nada há de verdade no vôo altaneiro das aves,
Nem no dissecar das entranhas da vítima; são todos meros joguetes,
Que servem de pretexto a fraudes mercenárias; fuge deles,
Se queres entreabrir o sagrado paraíso da piedade,
Onde a virtude, a sabedoria e a equidade se reúnem¹⁴

Como dissemos em nossa primeira obra,

(11) *Ists sem Vêu*, I, 535.

(12) De Hargrave Jennings.

(13) Veja-se: De Mirville, *Des Esprits*, vol. III, págs. 207 e segs.

(14) *Psellus*, 4, em *Ancient Fragments*, de Cory, pág. 269. [Consta isto unicamente da edição primitiva, não revista.]

Certamente que não podem ser increpados de “fraude mercenária” os que põem os outros em guarda contra ela; e, se aqueles fizeram alguma coisa que parecia um milagre, quem será capaz de, em sã consciência, negar que tal aconteceu porque possuíam um conhecimento de filosofia natural e de ciência psicológica desconhecido em nossas escolas ¹⁵?

As estrofes acima são bem estranhas, partindo daqueles que, segundo a crença geral, adoravam como deuses o sol, a lua e as estrelas. A sublime profundidade dos Preceitos Mágicos supera e transcende as idéias modernas do mundo materialista; e por isso os filósofos caldeus são acusados de sabeísmo e heliolatria, que era somente a religião das massas incultas.

(15) *Ísis sem Véu*, I, 535-36.

SEÇÃO III

A ORIGEM DA MAGIA

As coisas mudaram muito nestes últimos tempos. Ampliou-se o campo de investigação; as antigas religiões são mais bem compreendidas; e, desde aquele infausto dia, em que uma comissão designada pela Academia Francesa de Ciências, e presidida por Benjamin Franklin, pronunciou seu veredicto acerca dos fenômenos de Mesmer, declarando que tudo não passava de charlatanice e hábeis trapanças — desde esse dia a filosofia pagã e o mesmerismo foram adquirindo certos direitos e privilégios, sendo olhados por ângulos inteiramente diversos. Dar-se-á, porém, que lhes fazem plena justiça e lhes dispensam maior consideração? Receamos que não. A natureza humana ainda é hoje a mesma do tempo de Pope, quando o poeta assim se externava sobre a força do preconceito:

... Guardam entre si tanta diferença,
O que vêem os olhos e o objeto visto:
Tudo assume a nossa cor pessoal,
Ou o desmerece a nossa paixão,
Ou a fantasia contrai, amplia,
Multiplica, inverte, dá outra forma,
E de mil matizes inda o reveste.

Nas primeiras décadas do nosso século, a Ciência e a Igreja consideravam a filosofia hermética sob dois aspectos diametralmente opostos. Diziam os padres que era pecaminosa e diabólica; negavam-lhe os homens de ciência toda autenticidade, a despeito das provas trazidas à luz pelos homens mais sábios de todas as épocas, inclusive a nossa. Nem mesmo se deu atenção ao que afirmava o erudito Padre Kircher: que os fragmentos conhecidos como obras de Hermes Trismegisto [o três vezes grande Hermes ou Mercúrio], Beroso e Ferécides de Ciro, etc, eram pergaminhos que foram salvos do incêndio da grande biblioteca de Alexandria, no qual se perderam 100.000 volumes preciosos. Tudo isso era olhado com um sorriso de desdém; não obstante, sabiam as classes instruídas da Europa que a famosa biblioteca de Alexandria, aquela "maravilha dos séculos", fora fundada por Ptolomeu Filadelfo, e que grande número de manuscritos haviam sido escrupulosamente copiados de textos hieráticos e de velhos pergaminhos caldeus, fenícios, persas, etc; e que as cópias e traduções somavam outros 100.000 volumes, de acordo com a informação de Josefo e Estrabão.

Dispomos ainda do testemunho adicional de Clemente de Alexandria, que devia merecer algum crédito¹. Clemente certifica a existência de mais 30.000 volumes dos Livros de Thoth, guardados na biblioteca do túmulo de Osíman-dias, sobre cujo portal se viam gravadas as palavras: "Medicina da Alma".

Desde então, como todos sabem, textos inteiros de obras "apócrifas" do "falso" Pimandro e do não menos "falso" Asclepias foram encontrados por Champollion nos mais antigos monumentos do Egito². Conforme dissemos em *Ísis sem Véu*:

Depois de haverem consagrado a existência toda ao estudo dos anais da velha sabedoria egípcia, tanto Champollion-Figéac como Champollion Júnior declararam publicamente, sem levar em conta o juízo apressado de alguns críticos levianos e indoutos, que os Livros de Hermes "contêm realmente um acervo apreciável de tradições egípcias, corroboradas em monumentos e escritos autênticos da mais remota antiguidade"³.

É indiscutível o mérito de Champollion como egiptólogo; e, partindo dele a afirmativa de que tudo converge para demonstrar a autenticidade dos livros do misterioso Hermes, cuja origem se perde na noite dos tempos, conforme deixam ver os pormenores, devia a crítica, sem dúvida, ficar plenamente satisfeita. Diz Champollion:

"Estas inscrições são apenas o eco fiel e a expressão de antiquíssimas verdades."

(1) Os quarenta e dois livros sagrados dos egípcios, que Clemente de Alexandria refere como existentes em sua época, eram só uma parte dos Livros de Hermes [*Stromata*, vol. II, pág. 324]. Jâmblico, apoiando-se na autoridade do sacerdote egípcio Abamon, atribui a Hermes 1.200 destes livros, e Maneton 36.000. Mas os críticos modernos não aceitam o testemunho de Jâmblico, por ser o de um neoplatônico e teurgista. Maneton, que Bunsen tem na mais alta consideração, como um "personagem histórico" a quem "nenhum outro historiador egípcio pode ser comparado" (*Égypte*, I, 97), subitamente decai deste conceito, quando suas ideias se mostram em conflito com o *parti-pris* da Ciência contra a magia e o conhecimento oculto dos antigos sacerdotes. Contudo, nenhum arqueólogo põe em dúvida a quase incrível antiguidade dos Livros Herméticos. Champollion fala com o maior respeito de sua antiguidade e veracidade, corroboradas por monumentos antiquíssimos; e Bunsen oferece provas irrefutáveis no mesmo sentido. As investigações deste último nos ensinam, por exemplo, que antes de Moisés houve uma dinastia de sessenta e um reis, cuja civilização, de vários milhares de anos, deixou vestígios indeléveis. Deste modo, só podemos acreditar que as obras de Hermes Trismegisto já existiam muitos séculos antes do nascimento do legislador hebreu. Diz Bunsen: "Estilos e tinteiros foram encontrados em monumentos da quarta dinastia, que são os mais antigos do mundo." Se o eminente egiptólogo não admite o período de 48.863 anos antes de Alexandre, até quando Diógenes Laércio retrotrai os registros sacerdotais, não pode esconder sua perplexidade ante as dez mil observações astronômicas, com declarar que: "se eram observações reais, *deviam* ter abrangido um período de 10.000 anos" (pág. 14), e acrescentar: "sabemos, contudo, por uma de suas mais antigas obras cronológicas... que as genuínas tradições egípcias, concernentes ao período mitológico, se referiam a miríades de anos". (*Égypte*, I, 15; *Ísis sem Véu*, I, 33.)

(2) Estes dados foram extraídos da obra *Des Esprits*, de De Mirville, vol. III, págs. 204-5.

(3) *Égypte*, 143; *Ísis sem Véu*, I, 625.

Desde a época em que tais palavras foram escritas, alguns dos versos "apócrifos" do "mítico" Orfeu têm sido descobertos, copiados em hieróglifos, palavra por palavra, em certas inscrições da quarta dinastia, dedicadas a vários Deuses. Finalmente, também Creutzer descobriu e assinalou o significativo fato de que em muitas passagens de Homero e Hesíodo se observa claramente que os dois grandes poetas se inspiraram nos Hinos Órficos, provando isso que estes últimos são muito anteriores à *Ilíada* e à *Odisséia*.

Assim, os direitos da antiguidade vão-se afirmando gradativamente, e não resta à crítica moderna senão render-se à evidência. Muitos escritores já confessam que um estilo literário como o das obras herméticas do Egito há de pertencer a um período antiquíssimo da idade pré-histórica. Os textos de muitos destes vetustos livros, inclusive o de Enoch (tão ruidosamente declarado "apócrifo" no princípio do século), agora estão sendo descobertos e identificados nos mais recônditos santuários da Caldéia, Índia, Egito, Fenícia e Ásia Central. Mas estas provas não são ainda suficientes para convencer a maior parte dos nossos materialistas. A razão é bem simples e óbvia. Todos esses veneráveis textos da antiguidade — encontrados nas bibliotecas secretas dos grandes templos, e estudados (embora nem sempre compreendidos) pelos maiores estadistas, autores clássicos, filósofos, reis, sábios e jurisconsultos — que eram eles? Tratados e livros de magia, pura e simplesmente; ou seja, a Teosofia, que hoje tanto se procura ridicularizar e denegrir. E daí o ostracismo.

Eram os homens, porventura, assim tão ingênuos e crédulos, nos tempos de Pitágoras e Platão? Eram os milhões de habitantes de Babilônia, Egito, Grécia, Índia — com seus grandes sábios à frente — todos imbecis ou insensatos, a tal ponto que homens, por outros títulos eminentes, consagrassem suas vidas a não mais que uma supersticiosa ilusão chamada magia, e isso naqueles períodos de memorável cultura e civilização que antecederam o ano *um* de nossa era (esta era que engendrou as trevas mentais do fanatismo medieval)? Assim haveria de parecer, se nos bastassem as palavras e as conclusões da filosofia moderna.

Todas as Artes e Ciências, sejam quais forem os seus méritos intrínsecos, tiveram seus fundadores e expositores, e depois os seus mestres para ensiná-las aos outros. Qual é a origem das Ciências Ocultas, da Magia? Quem foram os seus mestres, e que sabemos a respeito deles, através da história ou da lenda? Clemente de Alexandria, um dos mais inteligentes e eruditos padres da Igreja cristã primitiva, responde a esta pergunta em seu *Stromata*. O ex-discípulo da escola neoplatônica começa argumentando que:

"Se há um ensinamento, devemos procurar o mestre."⁴

E nos diz que Cleanto teve como preceptor a Zenon; Teofrasto, a Aristóteles; Metrodoro, a Epicuro; Platão, a Sócrates; etc; acrescentando que, se retroceder um pouco mais, até Pitágoras, Ferécides e Tales, terá ainda que lhes procurar os mestres. E a mesma coisa em relação aos hindus, egípcios, babilô-

(4) *Stromata*, VI, cap. VII, págs. 336 e segs.

nios e os próprios magos. E não cessaria de fazer indagações sobre quem foram os mestres; e até mesmo quando chegasse ao berço da humanidade, à primeira geração de homens, teria que formular novamente a inquietante pergunta: quem os ensinou? E a resposta não podia deixar de ser: não foi homem algum. Mas Clemente vai ainda mais longe: recuando até o nível dos Anjos, teria sempre que renovar a interrogação: quem foram seus instrutores? referindo-se tanto aos anjos “divinos” como aos anjos “caídos”⁵.

O que o bom padre tinha em mente era descobrir, sem dúvida, dois instrutores primevos distintos: um, o preceptor dos patriarcas bíblicos; e outro, o dos gentios. Mas os estudantes da DOUTRINA SECRETA não têm necessidade de se dar a tanto trabalho, porque os seus instrutores sabem quem foram os mestres dos que os precederam em ciências ocultas e sabedoria.

Ao cabo de seu raciocínio, Clemente de Alexandria encontra os dois instrutores que buscava, os quais são, como era de esperar: Deus e o seu eterno e perpétuo inimigo e adversário, o Demônio, objeto da indagação de Clemente relacionada com o aspecto *dual* da filosofia hermética, causa e efeito. Reconhecendo a beleza moral das virtudes preconizadas em todas as obras de ocultismo que havia perlustrado, Clemente estava ansioso por descobrir a causa da aparente antinomia entre a doutrina e a prática, entre a magia boa e a má, e deduz que a magia tem duas origens — uma divina e outra diabólica. Vendo-a bifurcar-se em duas direções, daí a sua conclusão.

Também nós o observamos; mas não temos necessidade de considerar como diabólica essa bifurcação, porque encaramos a “via da esquerda” tal como surgiu das mãos de seu fundador. De outro modo, se tivéssemos que julgar a própria religião de Clemente por seus efeitos e segundo as atitudes de alguns de seus instrutores, poderíamos chegar a conclusão análoga e dizer que, desde a morte de seu Mestre, ela também se bifurcou. Teríamos o direito de proclamar que, se Cristo, o Mestre de todos os *verdadeiros* cristãos, era por natureza divino, os que praticaram os horrores da Inquisição, exterminaram e supliciaram hereges, judeus e alquimistas; o protestante Calvino, que fez queimar vivo a Miguel Servet; e os perseguidores protestantes que lhe sucederam; e os que, na América, açoitaram e levaram à fogueira as bruxas — todos esses deviam ter como *seu* mestre o Demônio. Mas os ocultistas, que não crêem no Demônio, não se dão a esse tipo de revide.

Sem embargo, o testemunho de Clemente tem o mérito de provar: 1º o considerável número de obras sobre ocultismo existentes no seu tempo; 2º os poderes transcendentes que, por meio das ciências ocultas, chegaram a possuir certos homens.

Consagra ele todo o sexto livro de seu *Stromata* à perquirição de quem foram os dois primeiros mestres, o da verdadeira e o da falsa filosofia, conservadas ambas, conforme diz, nos santuários egípcios. Com muita oportunidade também, apostrofa os gregos, perguntando-lhes por que não aceitavam os “milagres” de Moisés, já que reclamavam privilégios idênticos para seus pró-

(5) Paráfrase do mesmo cap. de *Stromata*.

prios filósofos; e cita numerosos exemplos. Assim, o da chuva prodigiosa que Eaco obteve com os seus poderes ocultos; os ventos que sopraram a mando de Aristeu; a tempestade que Empédocles acalma e obriga a cessar; etc.⁶.

Os livros de Hermes Trismegisto, sobretudo, atraíram a atenção de Clemente⁷. Ele faz a apologia de Histaspes (ou Gushtasp) e também elogia com calor os livros sibilinos e a Astrologia legítima.

Em todas as épocas houve o uso e o abuso da magia, da mesma forma que atualmente se usa e abusa do mesmerismo ou hipnotismo. O mundo antigo teve os seus Apolônios e os seus Ferécides, e as pessoas cultas podiam distingui-los tão bem como hoje o podem. E, se nenhum escritor clássico articulou jamais uma só palavra de censura contra Apolônio de Tiana, por exemplo, já o mesmo não se deu quanto a Ferécides. Hesíquio de Mileto, Filon de Biblos e Eustácio acusam impietosamente a Ferécides de haver baseado sua filosofia e sua ciência em tradições demoníacas, isto é, na feitiçaria. Cícero afirma que Ferécides é *potius divinus quam medicus* ("mais um adivinho que um médico"), e Diógenes de Laércio nos refere muitos casos de suas predições. Um dia Ferécides anuncia o naufrágio de um navio a centenas de milhas de distância; de outra vez, prediz a derrota dos Lace-demônios pelos Acádios; e, por último, antevê sua própria morte em lamentáveis circunstâncias⁸.

Calculando as objeções a que darão lugar os ensinamentos da Doutrina Esotérica aqui expostos, a autora crê necessário antecipar a resposta.

Acusações como as de Clemente de Alexandria contra os Adeptos "pagãos" apenas provam que em todos os tempos existiram clarividentes e profetas; mas nada provam quanto à existência de um Demônio. Carecem, portanto, de valor; salvo para aqueles cristãos que vêem em Satã uma das principais colunas de sua fé. Barônio e De Mirville, por exemplo, vêem uma prova incontestável de demonologia na crença da coeternidade da Matéria e do Espírito!

De Mirville escreve que Ferécides

"expõe em princípio a primordialidade de Zeus ou Éter; depois, no mesmo plano, a existência de outro princípio, coeterno e coativo, que ele chama de quinto elemento, ou Ogenos"⁹.

Observa então que Ogenos significa "aquele que encerra, que retém cativo"; e isto é o Hades, "ou, em uma palavra, o Inferno".

Os sinônimos são conhecidos de todos os escolares, não precisando o Marquês dar-se ao trabalho de explicá-los à Academia; quanto à dedução, é claro que os ocultistas a rejeitam, e não farão senão rir de tamanha tolice. Vejamos agora a conclusão teológica.

(6) Veja-se: *Des Esprits*, III, 207. Por tal motivo, deram a Empédocles [de Agrigento] o cognome de *κλυθάνειμος*, o "domador do vento". *Stromata*, VI, cap. III, 320.

(7) *Ibid.*, IV.

(8) Condensado de *Des Esprits*, III, 209.

(9) *Loc. cit.*

A sùmula das opiniões da Igreja latina, tal como a apresentam autores do tipo do Marquês De Mirville, é que os livros herméticos, não obstante sua sabedoria (que Roma não deixa de reconhecer), são “a herança deixada ao gênero humano por Caim, o maldito”. A história “admite geralmente”, diz o moderno memorialista de Sarã, que:

“logo depois do Dilúvio, Caim e seus descendentes propagaram de novo os antigos ensinamentos dos Cainitas e da raça submergida”¹⁰.

Isso prova, quando menos, que a Magia — ou feitiçaria, como ele a denomina — é uma arte antediluviana: e temos assim um ponto ganho. Porque, conforme ele diz:

“Ham é identificado pelo testemunho de Beroso com o primeiro Zoroastro, fundador de Bactria e o primitivo autor de todas as artes mágicas da Babilônia, o *Chemese-nua* ou Cham¹¹, o *execrado*¹² dos fiéis seguidores de Noé, e finalmente o objeto de um culto no Egito, país que recebeu o nome de *χημια* (do qual deriva a palavra Química) e onde se edificou em sua honra uma cidade chamada *Choemnis*, ou a ‘cidade do fogo’¹³, Ham era ali adorado; daí o nome de *Chammaim*, que por sua vez deu origem ao nome vulgar de ‘chaminé’¹⁴.”

Essa afirmação não tem o menor fundamento. O Egito foi o berço da Química, conforme hoje todo o mundo sabe. Kenrick e outros autores esclarecem que a raiz da palavra é *chemi* ou *chem*, que não provém de *Cham* ou Ham, mas de *Khem*, o Deus fálico egípcio dos Mistérios.

Não é só. De Mirville insiste em descobrir uma origem satânica, inclusive ao inocente Tarot de hoje, e prossegue nestes termos:

(10) *Op. cit.*, III, 208.

(11) Aos ingleses, que pronunciam “Ham” o nome do irreverente filho de Noé, cabe observar que a grafia correta é “Kham” ou “Cham”.

(12) A magia negra ou feitiçaria é a prática das artes ocultas para a obtenção de resultados *maléficos*, sejam quais forem. Assim, é por seus efeitos que devemos julgar a magia. O nome de Cam e o de Caim nunca mataram ninguém quando pronunciados; ao passo que, se levamos a sério o que diz Clemente de Alexandria (para quem todo ocultista, fora do Cristianismo, tem por mestre o Demônio), o nome de Jehovah, pronunciado Jevo e de certa maneira, produz o efeito de matar um homem a distância. A misteriosa palavra Schemham-phorasch nem sempre a pronunciavam os cabalistas com propósitos sãos, especialmente depois que o Sabbath ou Sábado, dia consagrado a Saturno ou ao perverso Shani, passou, entre os judeus, a ser dedicado a “Jehovah”.

(13) Khoemnis, a cidade pré-histórica, pode ou não ter sido construída em honra do filho de Noé; mas o seu nome não deriva de Cam, e sim da misteriosa deusa Khoemnu ou Khoemnis (forma grega), a divindade que foi criada pela ardente imaginação do neófito, quando assim tantalizado durante os “doze trabalhos” ou provas a que era submetido antes da iniciação final. Seu oposto masculino é Khem. A cidade de Choemnis ou Khemnis (hoje Akhmen) era a residência principal do deus Khem. Os gregos, identificando Khem com Pan, deram a esta cidade o nome de “Panópolis”.

(14) *Des Esprits*, III, 210. Isto parece antes uma piedosa vingança que um argumento filológico. Contudo, o quadro se mostra incompleto: devia o autor acrescentar à “chaminé” uma bruxa saindo montada em um pau de vassoura.

"No que concerne ao modo de propagação desta magia má, a tradição no-lo revela em certos caracteres rúnicos inscritos sobre chapas metálicas [folhas ou lâminas] que escaparam à destruição do Dilúvio¹⁵. Podia parecer que não passava isso de simples lenda, mas descobrimentos posteriores vieram confirmar sua veracidade. Foram encontradas lâminas de positiva antiguidade, com caracteres curiosos e inteiramente indecifráveis, aos quais os Camitas [feiticeiros, na opinião do autor] atribuíram a origem de seus maravilhosos e terríveis poderes."¹⁶

Podemos deixar o piedoso escritor com suas crenças ortodoxas. Ele, pelo menos, parece sincero em suas opiniões. Mas os seus argumentos mais impressionantes devem ser destruídos pela base, porque importa estabelecer em termos matemáticos quem eram, ou melhor, o que eram realmente Caim e Cam. De Mirville é apenas o filho obediente de sua Igreja, interessada em manter Caim em seu caráter antropomórfico e em sua posição atual na "Escritura Sagrada". O estudante de Ocultismo, pelo contrário, só tem interesse pela verdade. Mas os séculos têm que seguir o curso natural de sua evolução.

(15) Como puderam escapar do Dilúvio, se não porque Deus o quis? Dificilmente a lógica se compadece com isso.

(16) *Loc. cit.*, pág. 210.

SEÇÃO IV

O SIGILO DOS INICIADOS

Não é de estranhar que se interpretem erroneamente muitas parábolas e ensinamentos de Jesus. Desde Orfeu, o primeiro Adepto que a história pode vislumbrar por entre as névoas da era pré-cristã, até Amônio Sacas, passando por Pitágoras, Confúcio, Buddha, Jesus e Apolônio de Tiana, nunca houve Instrutor ou Iniciado que deixasse algo escrito para o público. Todos e cada um deles recomendaram invariavelmente silêncio e sigilo em torno de certos fatos e acontecimentos. Confúcio não quis explicar pública e satisfatoriamente o que entendia por seu "Grande Extremo", nem dar a chave para a adivinhação por meio de "palhas". E Jesus exortou os seus discípulos a que não dissessem a ninguém que ele era Cristo¹ [Chrestos], o "homem das dores" e das provações, antes de sua suprema e final Iniciação, ou que havia realizado um "milagre" de ressurreição². Os Apóstolos deviam guardar silêncio, de modo que a mão esquerda ignorasse o que fazia a direita; ou, para falar mais claramente, de modo que os perigosos profetas da ciência da Mão Esquerda — inimigos implacáveis dos Adeptos da Mão Direita, especialmente antes da suprema Iniciação — não se pudessem valer da publicidade para causar dano tanto ao médico como ao paciente. E, se alguém pretender que tudo isso não passa de mera suposição, qual será então o sentido das terríveis palavras:

"A vós é dado conhecer os mistérios do reino de Deus; mas aos que estão de fora todas estas coisas se dizem por parábolas; para que, vendo, vejam, e não percebam; e, ouvindo, ouçam, e não entendam; para que se não convertam, e lhes sejam perdoados os seus pecados."³

Estas palavras, se não interpretadas no sentido da lei do silêncio e do Karma, evidenciarão um espírito profundamente egoísta e ausente de caridade. Elas se relacionam diretamente com o terrível dogma da predestinação. Consentiria o bom e inteligente cristão em lançar tão cruel estigma de egoísmo sobre o seu Salvador⁴?

(1) *Mateus*, XVI, 20.

(2) *Marcos*, V, 43.

(3) *Marcos*, IV, 11-12.

(4) As palavras "para que se não convertam" (ou: "para que porventura se não

A tarefa de propagar as verdades contidas nas parábolas era deixada aos discípulos dos grandes Iniciados. Cumpria-lhes o dever de observar os princípios fundamentais dos Ensinamentos Secretos, sem lhes revelar os mistérios. Assim o mostra a história de todos os grandes Adeptos. Pitágoras dividia seus alunos em duas classes de ouvintes: exotéricos e esotéricos. E os Magos eram instruídos e iniciados nas cavernas mais ocultas da Bactria. Quando Josefo menciona que Abraão ensinava Matemática, queria dizer que ensinava "Magia", pois no código pitagórico Matemática é sinônimo de Ciência Esotérica ou Gnose.

Observa o Professor Wilder que:

"Os essênios da Judéia e do Carmelo faziam distinções análogas, dividindo seus prosélitos em neófitos, irmãos e perfeitos... Amônio obrigava, seus discípulos, mediante juramento, a não divulgarem suas doutrinas mais importantes, salvo aos que estivessem completamente instruídos e aptos [preparados para a Iniciação]."⁵

Uma das mais fortes razões que impunham a necessidade de sigilo rigoroso nos é dada pelo próprio Jesus, a acreditarmos em Mateus. Eis aqui as palavras do Mestre, segundo o relato do evangelista:

"Não deis aos cães as coisas santas, nem deiteis aos porcos as vossas pérolas, para que não as esmaguem com os pés, e, voltando-se, vos despedacem."⁶

Palavras que encerram profunda verdade e sabedoria. Muitos são os que tiveram que recordá-las em nossa própria época — e não raro quando já demasiado tarde⁷.

convertam outra vez" — conforme a edição revista), "e lhes sejam perdoados os seus pecados", não é evidente que de modo algum significam reacar Jesus que algum estranho, um dos "que estão de fora", escapasse pelo arrependimento à condenação, como o indica a letra morta — mas encerram um sentido completamente diverso? Ou seja: "para que algum profano, tendo entendido os ensinamentos não encobertos por parábolas, não se assenhoreasse dos mistérios e das doutrinas secretas da Iniciação — e até mesmo de poderes ocultos"? "Converter-se" quer dizer, em outras palavras, alcançar um conhecimento privativo dos Iniciados; "e lhes sejam perdoados os seus pecados" significa que os seus pecados recairiam sobre o autor da ilícita revelação, sobre quem ajudou os indignos a colher onde nunca se deram ao trabalho de semear, propiciando-lhes com isso meios de escaparem neste mundo ao merecido Karma. Este, assim, terá que reagir sobre o inconfidente, que falhou, causando danos em vez de bem.

(5) *Neoplatonism and Alchemy*, 1869, págs. 7 e 9.

(6) *Mateus*, VII, 6.

(7) A história está referta de provas neste sentido. Se Anaxágoras não houvesse divulgado a grande verdade ensinada nos Mistérios, de que o Sol é certamente maior que o Peloponeso, não teria sido perseguido e quase levado à morte pelas multidões fanáticas. Se o povolêu açulado contra Pitágoras tivesse entendido o que o filósofo queria dizer ao falar que se recordava de haver sido o "Filho de Mercúrio" (o deus da sabedoria secreta), não se veria obrigado o sábio de Crotona a fugir para salvar a vida. Do mesmo modo, Sócrates não seria condenado à morte, se houvesse silenciado quanto às revelações de seu divino *Daimon*. Sabia ele que os homens do seu tempo — exceto os

Até Maimonides recomenda o silêncio quanto ao verdadeiro sentido dos textos *bíblicos*. Esta injunção contradiz a afirmação corrente de que a “Sagrada Escritura” é o único livro deste mundo cujos divinos oráculos contêm a verdade clara e sem reservas. Para os cabalistas eruditos, é possível que sim; mas, para os cristãos, é precisamente o contrário. Veja-se o que diz o sábio filósofo hebreu:

“Quem quer que venha a descobrir o verdadeiro sentido do Livro do *Gênesis* deve ter o cuidado de não o divulgar: este é um preceito que todos os nossos sábios nos repetem, sobretudo no que se refere aos seis dias da criação. Se alguém descobrir, por si só ou com a ajuda de outrem, o *verdadeiro* significado dos seis dias, deverá guardar silêncio, ou, se por acaso falar, fazê-lo em termos obscuros e enigmáticos, como eu o faço, deixando o resto à intuição daqueles que são capazes de compreendê-lo.

Se o grande filósofo judeu assim reconhece o simbolismo esotérico do *Velho Testamento*, é natural que também o façam os Padres da Igreja com relação ao *Novo Testamento* e à *Bíblia* em geral. Assim, vemos que Orígenes e Clemente de Alexandria o reconhecem explicitamente. Clemente, que foi iniciado nos Mistérios de Elêusis, diz que:

“As doutrinas ali ensinadas continham o *objeto de todas as instruções, pois que procediam de Moisés e dos profetas*”;

com uma ligeira alteração dos fatos, que é perfeitamente desculpável ao bom Padre. Estas palavras, afinal de contas, admitem que os Mistérios judaicos eram idênticos aos dos pagãos gregos, que os tomaram dos egípcios, e estes, por sua vez, os aprenderam dos caldeus, e estes dos arianos, dos atlantes, e assim sucessivamente — até muito além dos tempos daquela Raça. O significado oculto do Evangelho é ainda publicamente atestado por Clemente, quando diz que os Mistérios da Fé não devem ser divulgados a todos:

“Mas, pois que esta tradição não é proclamada somente para aquele que percebe a magnificência da palavra, se faz necessário, portanto, velar com um mistério a sabedoria falada e ensinada pelo Filho de Deus.”⁸

Orígenes não é menos explícito com respeito à *Bíblia* e suas fábulas simbólicas. Escreve:

“Se devemos ater-nos à letra e interpretar à maneira dos judeus e das pessoas co-

Iniciados — não eram capazes de compreender-lhe os ensinamentos a respeito da Lua, e por isso os encerrou em uma alegoria que agora se reconhece de maior valor científico que muitas hipóteses posteriores. Sustentava que a Lua era habitada, e que os seres lunares viviam em profundos, extensos e escuros vales, fora dos quais não existe ar nem atmosfera em nosso satélite. E não pode ser de outra maneira, a haver alguma atmosfera em nossa argêntea Selene — sem considerar o que de muito significativo se contém na revelação (para alguns poucos somente). Os fatos registrados nos anais secretos dos Mistérios deviam permanecer sigilosamente ocultos, sob pena de morte.

(8) *Stromata*, vol. T, XII, 388.

muns o que está escrito na Lei, então eu me envergonho de confessar em voz alta que essas leis procedem de Deus: as leis humanas parecem melhores e mais racionais.”⁹

E tinha razão de “envergonhar-se” o honrado e sincero Padre do Cristianismo primitivo, ainda em sua época de relativa pureza. Mas os cristãos do nosso tempo letrado e civilizado de nada se envergonham; pelo contrário, admitem a “luz” antes da formação do Sol, o jardim do Éden, a baleia de Jonas, e tudo o mais, embora o mesmo Orígenes, num assomo de natural indignação, formule as seguintes perguntas:

“Que homem de são juízo assentirá na afirmação de que nos três primeiros dias, com *manhã e tarde*, não houvesse nem sol, nem lua, nem estrelas, e que o primeiro dia não tivesse céu? Que homem será tão néscio para supor que Deus plantasse árvores no Paraíso, no Éden, como um lavrador?... Creio que se devem tomar estas coisas como imagens em que há um significado oculto.”¹⁰

Vêem-se, contudo, milhões desses “néscios”, não só no século III, mas também em nossa era de luz. Quando a isso se acrescenta a inequívoca declaração de São Paulo, de que a história de Abraão e seus dois filhos é uma “alegoria”, e “Agar é o monte Sinai”¹¹, então ninguém pode, em verdade, censurar o cristão ou o gentio que não vê senão engenhosas alegorias nos relatos bíblicos.

O rabino Simeão Ben-“Jochai”, compilador do *Zohar*, só oralmente ensinava os pontos mais importantes de sua doutrina, e ainda assim a um número limitado de discípulos. Por isso, sem a iniciação final na *Mercavah* ficará sempre incompleto o estudo da *Cabala*; e somente se pode aprender a *Mercavah* “nas trevas, em um lugar deserto e depois de muitas e terríveis provas”. Desde a morte daquele grande iniciado judeu, esta doutrina permanece um arcano inviolável para o mundo exterior.

“Entre os membros da venerável seita dos Tanaim, ou melhor, dos Tananim ou homens sábios, havia os que ensinavam praticamente os segredos e iniciavam alguns discípulos no grande e supremo Mistério. Mas na segunda seção do *Mishna Hagiga* se diz que a tábua das matérias da *Mercaba* [*Mercavah*] ‘deve ser confiada somente aos doutos anciãos’. O *Gemara* é ainda mais dogmático. ‘Os segredos de maior importância nos Mistérios não eram revelados nem mesmo a todos os sacerdotes. Só os iniciados podiam conhecê-los.’ E vemos o mesmo rigoroso sigilo prevalecer em todas as religiões antigas.”¹²

Que diz por sua vez a *Cabala*? Seus grandes rabinos anatematizam aquele que aceita *verbatim* tudo o que eles dizem. Lemos no *Zohar*:

(9) Ver *Homilias* 7, em *Levit.*, citado em *The Source of Measures*, 306-7.

(10) Orígenes: Huet, *Origeniana*, 167; Franck, 142.

(11) *Gálatas*, IV, 22-25.

(12) *Ísis sem Veu*, II, pág. 350.

“Ai do homem que só vê na *Thorah* (isto é, na Lei) simples narrações e palavras vulgares! Porque, se em verdade não contivesse senão isso, nós mesmos seríamos capazes, ainda hoje, de compor uma *Thorah* muito mais digna de admiração. Se nos tivéssemos literalmente às palavras, nada mais precisaríamos que recorrer aos legisladores da terra¹³, esses que mais frequentemente nos aparecem no ápice da grandeza. Bastaria imitá-los, e elaborar uma *Thorah* sob a inspiração de suas palavras exemplos. Mas não é assim: cada vocábulo da *Thorah* encerra um sentido profundo e um mistério sublime... As narrativas da *Thorah* são a vestimenta da *Thorah*. Ai de quem confunde a vestimenta com a *Thorah* em si mesma... Os simplórios só tomam conhecimento do vestuário, dos relatos da *Thorah*; de nada mais se advertem; não vêem o que se acha oculto sob a roupagem. Os doutos não dão atenção ao traje, senão ao corpo que ele veste.”¹⁴

Ensinava Amônio Sacas que a DOCTRINA SECRETA da Religião-Sabedoria estava toda contida nos Livros de *Thoth* (Hermes), onde Pitágoras e Platão beberam os seus conhecimentos e grande parte de sua filosofia; e que esses livros eram “idênticos aos ensinamentos dos sábios do Extremo Oriente”. Observa o Professor A. Wilder:

“Como o nome *Thoth* significa colégio ou assembleia, não é de todo improvável que os livros assim fossem chamados por serem uma coleção dos oráculos e das doutrinas da irmandade sacerdotal de Mênfis. O rabino Wise aventou a mesma hipótese quanto às expressões divinas registradas nas Escrituras hebraicas.”¹⁵

É bem provável. Só que até hoje os profanos jamais compreenderam as “expressões divinas”. Filon, o Judeu, que não era iniciado, tentou explicar o sentido secreto, e — falhou.

Mas tanto os *Livros de Thoth* como a *Bíblia*, os *Vedas* e a *Cabala* prescrevem idêntico sigilo a respeito de certos mistérios da Natureza, simbolizados em seus textos. “Ai de quem divulgar *ilegalmente* as palavras sussurradas ao ouvido do Manushî pelo *Primeiro Initiator!*”. O *Livro de Enoch* esclarece quem foi este “Initiator”:

“Deles [os Anjos] eu ouvi todas as coisas; e compreendi o que vi, e aquilo que vai suceder, não nesta geração, mas em outra geração que há de vir em época distante [6.^a e 7.^a Raças], segundo referem os eleitos [os Iniciados].”¹⁶

Fala-se também no julgamento daqueles que revelam “os segredos dos Anjos”:

(13) Os “legisladores” materialistas, os críticos e saduceus que tentaram desfazer das doutrinas e dos ensinamentos dos grandes mestres asiáticos do passado e do presente (não os sábios na acepção moderna do termo), deveriam meditar sobre estas palavras. Não há dúvida que as doutrinas e os ensinamentos secretos, se inventados e redigidos em Oxford ou em Cambridge, teriam uma exposição mais brilhante quanto à forma. Mas corresponderiam com igual perfeição às verdades universais e aos fatos? É o que resta indagar.

(14) Vol. III, fol. 1526; citado em *Qabbalah*, de Myer, pág. 102.

(15) *Neoplatonism and Alchemy*, pág. 6.

(16) Cap. I, pág. 2.

"Eles descobriram os segredos: e *são* os que foram julgados; mas não tu, filho meu [Noé]... tu és puro e bom, e não se pode acusar-te de descobrir [revelar] segredos." ¹⁷

Há, porém, em nosso tempo, homens que chegaram a "descobrir segredos" sem ajuda estranha e por sua própria sabedoria e sagacidade; e que, apesar de sua honradez e impecável procedimento, e de não temerem ameaças ou advertências, pois nunca se comprometeram a guardar sigilo, se mostram surpreendidos com tais revelações. Um destes homens é o erudito autor e descobridor de uma "Chave dos Mistérios hebreus-egípcios". Segundo ele, observam-se "algumas estranhas características relacionadas com a composição da *Bíblia*".

"Os que compilaram este livro eram homens como nós. Conheceram, viram, compreenderam e aplicaram, usando a chave das medidas ¹⁸, a *lei* do Deus vivo e sempre ativo ¹⁹. Não precisavam crer que Ele existisse, que Ele atuasse, traçando e executando planos, como um poderoso mecânico e arquiteto ²⁰. De onde lhes vinha, portanto, aquele conhecimento privilegiado, quando, primeiro como homens de Deus e depois como apóstolos de Cristo, instituíram um culto ritual exotérico e um estéril ensinamento de pura fé, sem substância, nem provas recebidas por meio dos sentidos, de que Deus dotou os homens justamente para lhes possibilitar uma compreensão exata das coisas? *Mistérios, parábolas e sentenças obscuras*, que encobrem o verdadeiro significado, constituem o ônus dos dois Testamentos, o Antigo e o Novo. Os relatos da *Bíblia* são ficções compostas intencionalmente para despistar as massas ignorantes, incutindo-lhes ao mesmo tempo um código de obrigações morais proporcionado à sua capacidade. Como é possível coonestar essas fábulas com a inspiração divina, se, pela própria natureza das coisas, a plenitude da *veracidade* é atributo inseparável do sistema de Deus? Que tem a ver o mistério com a promulgação das verdades de Deus?" ²¹

Absolutamente nada, com toda a certeza, se tais mistérios fossem revelados desde o princípio, como sucedeu com as primeiras Raças da humanidade, semidivinas, puras e espirituais. Essas possuíam as "verdades de Deus", com as quais conformavam suas vidas e seus ideais, preservando-as sempre, de modo que o seu conhecimento dificilmente podia causar algum mal, e eram, portanto, escassas as probabilidades de abuso. Mas a evolução, com a queda gradual na matéria, é também uma das "verdades" e uma lei de "Deus". À medida que o gênero humano progredia e se tornava mais terrestre em cada geração, principiou a afirmar-se a individualidade de cada Ego temporário. O egoísmo pessoal se desenvolve e incita o homem a abusar do seu conhecimento e poder. E o egoísmo é um edifício humano, cujas portas e janelas dão sempre passagem

(17) LXIV, 10.

(18) O autor intenta provar que esta *chave* foi "a origem da polegada inglesa e do côvado antiga".

(19) A palavra no plural pode dar melhor explicação do mistério. Deus é *onipresente*; pois se está *sempre ativo* já não pode ser infinito, nem onipresente em sua limitação.

(20) Evidentemente o autor é um maçom da escola do General Pike. Enquanto os maçons americanos e ingleses repudiarem o "Princípio Criador" do "Grande Oriente" da França, permanecerão em trevas.

(21) *The Source of Measures*, págs. 308-9.

livre a toda espécie de iniquidades, para que penetrem na alma do homem. Mui poucos foram, durante a primeira juventude da humanidade, e menos ainda em nossos dias, os homens dispostos a pôr em prática a varonil declaração de Pope, de que não hesitaria em despedaçar o próprio coração se unicamente o fizesse pulsar o amor egoísta, votando ao próximo o desprezo e o escárnio. Daí a necessidade de serem gradualmente subtraídos do homem o conhecimento e o poder divinos, que se faziam, a cada ciclo humano, mais perigosos, como espada de dois gumes, cujo lado mau estava sempre ameaçando o próximo, enquanto o que podia fazer o bem só era utilizado em proveito próprio. Os raros "eleitos", em que a natureza interna não sofreu a influência do desenvolvimento físico externo, chegaram, assim, com o tempo, a ser os únicos guardiães dos mistérios revelados; e transmitiram os seus conhecimentos àqueles que se mostravam mais aptos a recebê-los, mantendo-os inacessíveis aos demais. Exclua-se esta explicação dos Ensinamentos Secretos, e o próprio nome de Religião ficará sendo sinónimo de engano e fraude.

Todavia, não convinha deixar as massas sem um freio moral. O homem está sempre ansioso por um "além", e não pode viver sem um ideal, à guisa de farol e consolação. Ao mesmo tempo, não se podiam confiar ao homem comum (e isto também é válido para nossa época de educação universal) verdades demasiado metafísicas e sutis, de difícil compreensão para o seu intelecto, sem correr o risco de provocar-se uma reação iminente, e de a crença em Deus e nos Santos ceder lugar a um ateísmo radical e anticientífico. Nenhum verdadeiro filantropo, e portanto nenhum ocultista, sonharia um instante sequer com uma humanidade sem religião. E, ainda em nossos dias, a religião da Europa, limitada aos domingos, é preferível a nenhuma religião. Mas se, na expressão de Bunyan, "a religião é a melhor armadura do homem", não é menos certo que é a "pior capa"; e contra esta "capa" e contra esta falsa máscara lutam ocultistas e teósofos. Se puser de lado esta capa, tecida pela fantasia humana para vestir a Divindade, sob a inspiração astuciosa de sacerdotes ávidos de mando e domínio, poderá o homem adorar a verdadeira Divindade ideal, o único Deus vivente na Natureza.

A primeira hora deste século anunciou o destronamento do "supremo Deus" de cada nação em favor de uma Divindade Universal — o Deus da Lei Imutável, não o da caridade; o Deus da Justa Retribuição, não o da misericórdia, que é simplesmente um incentivo para o homem cometer o mal e nele reincidir. Quando o primeiro sacerdote inventou a primeira oração de súplica egoísta, nesse dia se perpetrou o mais nefando crime de lesa-humanidade. A idéia de um Deus propício às súplicas e orações para "abençoar as armas" de seus adoradores, e conduzir à derrota e à morte os inimigos (que são irmãos); de um Deus que dá ouvidos a hosanas entremeadas de rogos para que "os ventos sejam favoráveis" ao suplicante e adversos ao que navega em direção oposta — esta é a idéia que tem nutrido o egoísmo no coração do homem, privando-o de confiar em si mesmo.

A oração é ato nobre quando a move um sentimento intenso e ardente desejo de fazer o bem ao próximo, sem qualquer objetivo pessoal e egoísta. A ânsia por um "além" é natural e sagrada no homem; sob a condição, porém, de

que o homem partilhe sua felicidade com os semelhantes. Podemos compreender e apreciar com justeza as palavras do "pagão" Sócrates, quando dizia em sua profunda sabedoria não ensinada:

"Em nossas orações devíamos pedir a felicidade de todos em geral, pois os deuses sabem, melhor do que nós, o que particularmente nos convém."

Mas a oração oficial, para conjurar uma calamidade pública, ou em benefício de um só indivíduo, com prejuízo para milhares de outros, é crime dos mais ignóbeis, além de ser uma prática supersticiosa e uma impertinente manifestação de egoísmo, herança direta (por espoliação) dos jeovitas — os judeus do deserto e do bezerro de ouro.

Foi "Jehovah", como agora vamos demonstrar, que sugeriu a necessidade de velar o nome inefável, dando-lhe um sucedâneo, e que conduziu a todos esses "mistérios, parábolas, frases enigmáticas e ocultamentos". Moisés, em todo o caso, iniciou os seus setenta Anciãos nas verdades ocultas, e os autores do *Antigo Testamento* têm, portanto, e até certo ponto, a sua justificativa. Mas os do *Novo Testamento* não puderam fazer tanto, ou tão pouco. Com seus dogmas, descaracterizaram a grande figura central de Cristo, e induziram os povos à prática de erros e crimes abomináveis, sob a invocação do santo nome do Salvador.

É evidente que, com exceção de Paulo e Clemente de Alexandria, ambos iniciados nos Mistérios, nenhum outro Padre da Igreja sabia grande coisa das verdades secretas. Em sua maioria foram homens ignorantes e incultos; e, se homens como Agostinho, Lactâncio, o venerável Beda e outros se mostraram, até a época de Galileu²², lamentavelmente desconhecedores de verdades fundamentais ensinadas nos templos pagãos — a esfericidade da Terra, por exemplo, sem falar no sistema heliocêntrico —, quão imensa e palmar devia ser a ignorância dos outros! Para os cristãos primitivos, instrução e pecado eram sinônimos. Daí o acusarem de pacto com o Demônio os filósofos pagãos.

Mas a verdade tem que prevalecer. Os ocultistas, que escritores como De Mirville qualificam de "discípulos de Caim, o maldito", estão agora em posição de inverter os termos. O que até aqui só era conhecido pelos cabalistas, antigos ou modernos, da Europa ou da Ásia, atualmente é coisa pública e matematicamente demonstrada. O autor de *A Chave dos Mistérios hebreu-egípcios ou a Origem das Medidas* prova que os dois grandes nomes de Deus, Jehovah e Elohim, representavam, em um dos significados de seus valores numéricos, o diâmetro e

(22) Em seu *Des Esprits* (IV, 105-112), o Marquês De Mirville diz que o papa Urbano VIII expôs o sistema heliocêntrico muito antes de Galileu. E vai mais longe; apresenta o famoso papa não como o perseguidor do astrônomo florentino, mas como perseguido e caluniado por este. Se verdade fosse, pior seria a posição da Igreja Latina, porque os seus papas, conhecendo aquele fato, o teriam mantido em silêncio, para dar cobertura ao episódio bíblico de Josué ou à própria infalibilidade papal. Compreende-se que, exaltada a *Bíblia* como superior às escrituras de todas as outras religiões, e dependendo o seu monoteísmo do sigilo observado, não havia remédio senão calar acerca de seus simbolismos, deixando que se atribuísse a Deus a paternidade de todos os seus erros.

a circunferência, respectivamente; em outras palavras, que eram índices numéricos de relações geométricas; e que *Jehovah é Caim, e vice-versa*.

Esta idéia, acrescenta o autor,

"contribui ainda para apagar a terrível eiva que recai sobre o nome de Caim, desfigurando-lhe o caráter; pois, ainda sem estas demonstrações, do próprio texto se depreende que *ele [Caim] era Jehovah*. As escolas teológicas, portanto, ganhariam muito mais dispondo-se, mediante honrosa retificação (se tal coisa é possível), a devolver bom nome e fama ao Deus que adoram."²³

Não é a primeira advertência que recebem as "escolas teológicas", que, não obstante, sem dúvida o sabiam desde o começo, inclusive Clemente de Alexandria e outros. Mas, a ser assim, tal coisa as favoreceria ainda menos, porque sua admissão acarretaria para elas consequências outras que as relacionadas somente com o caráter sagrado e a dignidade da fé estabelecida.

Poder-se-ia, contudo, perguntar: Por que as religiões asiáticas, que nada têm de semelhante a ocultar, seguem o mesmo rumo? Se abertamente proclamam o esoterismo de suas doutrinas? A resposta é simples: enquanto o atual e sem dúvida forçoso silêncio da Igreja neste ponto se relaciona tão só com a forma exterior e teórica da *Bíblia* (cujos segredos poderiam ser revelados sem nenhum inconveniente, se fossem explicados desde o princípio), o caso é muito diferente no que se refere ao esoterismo e à simbologia do Oriente. A figura do grande protagonista dos Evangelhos em nada ficaria diminuída com a revelação do simbolismo do *Antigo Testamento*, como não o ficaria a do fundador do Budismo se se tivesse mostrado que eram alegóricos os escritos bramânicos dos *Purânas* que lhe precederam o nascimento. Além disso, Jesus de Nazaré teria mais a ganhar que a perder se fosse apresentado como um simples mortal que devia ser julgado por seus méritos e seus ensinamentos, e não como um Deus cujas palavras e atos se acham hoje tão expostos aos ataques da crítica. Por outra parte, os símbolos e as frases alegóricas que velam as grandes verdades da Natureza nos *Vedas*, nos *Brâhmanas* e especialmente no *Chagna Thogmed* lamaico, e

(23) *Op. cit.*, Ap. VII, 296. A autora congratula-se de ver que esta verdade foi hoje matematicamente demonstrada. Quando se mencionou em *Ísis sem Véu* que Jehovah e Saturno se identificavam com Adão Kadmon, Caim, Adão e Eva, Seth, etc; que na DOUTRINA SECRETA todos eles eram símbolos permutáveis; e que, em suma, correspondiam a números secretos que tinham mais de um significado, na *Bíblia* como em outras escrituras — as palavras da autora não foram levadas em consideração. Ísis não pôde apresentar-se em estilo científico; e, apesar de expor tantas coisas, não continha o suficiente para satisfazer os investigadores. Mas agora, se, além do testemunho da *Bíblia* e da *Cabala*, alguma valia tiverem a matemática e a geometria, deve o público estar satisfeito. As simultâneas investigações de Seyffarth e Knight, juntamente com a valedoura contribuição de Ralston Skinner em sua erudita obra, dão prova plena e científica de que o nome de Caim é a transmutação do nome de um dos Elohim (o Sephira Binah) no andrógino Jah-veh (ou Deus-Eva), e de que Seth é o Jehovah masculino. Mais adiante indicaremos no texto as ulteriores relações dessas personificações das primeiras raças humanas no curso de seu gradual desenvolvimento.

em outras escrituras, são de caráter inteiramente distinto e têm um significado oculto muito mais complexo. Enquanto os símbolos da *Bíblia* têm quase todos um fundamento trinitário, os dos livros orientais se baseiam num princípio setenário, estando relacionados tão intimamente com os mistérios da Física e da Fisiologia quanto com o Psiquismo e a natureza transcendente dos elementos cósmicos e da Teogonia. Revelado que fosse o seu sentido secreto, seriam mais que nocivos aos não iniciados; e seriam desastrosos os seus efeitos, e explicados sem reservas às gerações de hoje em seu atual estado de desenvolvimento físico e intelectual, com ausência de espiritualidade e ainda de senso moral.

Nada obstante, os ensinamentos secretos dos santuários não ficaram sem os seus confidentes, que os perpetuaram de maneiras diversas. Difundiram-se pelo mundo em centenas de volumes com a estranha e enigmática fraseologia dos alquimistas; e como cascatas impetuosas fluíram dos lábios dos bardos e poetas em cânticos de místico e oculto saber. Só o gênio teve determinados privilégios naqueles caliginosos dias em que nenhum sonhador podia oferecer ao mundo sequer uma ficção, sem acomodar os seus conceitos de céu e terra aos textos bíblicos. Só ao gênio coube revelar, sem obstáculo, algumas das grandes verdades da iniciação, durante esses séculos de cegueira mental, em que o temor ao "Santo Ofício" cobria de espesso véu todas as verdades cósmicas e psíquicas. De onde tirou Ariosto, em seu *Orlando Furioso*, a idéia daquele vale na Lua, em que, depois da morte, podemos encontrar os conceitos e as imagens de tudo o que existe na Terra? Como chegou Dante a imaginar as múltiplas descrições, em seu *Inferno* — esta verdadeira Revelação épica, qual novo Apocalipse de João —, de sua visita às almas das sete esferas, e da conversação que com eles entreteve?

As verdades ocultas não chocam o entendimento vulgar, se as enuncia a poesia ou a sátira, porque são vistas como fruto da fantasia ou imaginação. O Conde de Gabalis é mais conhecido e apreciado que Porfírio e Jámblico. Por ficção se tem a misteriosa Atlântida de Platão; mas o Dilúvio de Noé ainda hoje está impresso nos cérebros de certos arqueólogos, que zombam do mundo-arquétipo do *Zodiaco* de Marcelo Palingenius e receberiam como ofensa pessoal um convite para discutir os quatro mundos de Mercúrio Trismegisto: o Arquétipo, o Espiritual, o Astral e o Elemental, com três outros por trás do cenário visível.

É evidente que as sociedades civilizadas só estão meio preparadas para a revelação. Por isso, os Iniciados não dirão o segredo completo, senão quando a massa geral da humanidade houver modificado a sua natureza atual e estiver mais bem disposta a receber a verdade. Razão tinha Clemente de Alexandria em dizer que "é necessário velar com um mistério a sabedoria falada" que os "Filhos de Deus" ensinam.

Esta Sabedoria, conforme se verá, relaciona-se com todas as verdades primordiais comunicadas às primeiras Raças (os "Filhos da Mente") pelos próprios "Construtores" do Universo.

"Em todos os países antigos que se consideravam civilizados, havia uma Doutrina Esotérica, um sistema designado pelo nome de SABEDORIA²⁴, e aqueles que se

(24) Os escritos da antiguidade muitas vezes personificavam a Sabedoria como

devotavam ao seu estudo foram os primeiros a quem se chamou — sábios... Pitágoras denominou a esse sistema ἡ γνῶσις τῶν ὄντων — Gnose ou conhecimento das coisas que existem. Os antigos Mestres, os sábios da Índia, os magos da Pérsia e da Babilônia, os videntes e os profetas de Israel, os hierofantes do Egito e da Arábia e os filósofos da Grécia e do Ocidente incluíram sob o nobre título de SABEDORIA todos os conhecimentos de natureza para eles divina, distinguindo uma parte *esotérica* e outra parte *exotérica* ou secular. Os Rabinos davam a esta última o nome de *Mercavah*, corpo ou veículo do conhecimento superior.”²⁵

Mais adiante falaremos sobre a lei do silêncio a que estão sujeitos os discípulos orientais ou chelas.

uma emanção e auxiliar do Criador. Assim, temos o Buddha hindu; o Nebo babilônio; o Thoth de Mênfis; o Hermes da Grécia; e também as deusas Neitha, Metis, Atena e a potestade gnóstica Achamoth ou Sofia. O *Pentateuco* samaritano chamava Akamouth ou Sabedoria ao *Livro do Gênesis*; e dois fragmentos de antigos tratados, a *Sabedoria de Salomão* e a *Sabedoria de Jesus*, se referem às mesmas questões. O *Livro de Mashalim* (os *Discursos* ou *Provérbios* de Salomão) personifica a Sabedoria como auxiliar do Criador. Na Doutrina Secreta do Oriente esta função auxiliadora se encontra coletivamente nas primeiras emanções da Luz Primordial, os Sete Dhyân-Chohans, cuja descrição os identifica com os “Sete Espíritos da Presença” dos católicos romanos.

(25) *New Platonism and Alchemy*, pág. 6.

SEÇÃO V

RAZÕES PARA O SIGILO

Há quem reclame, e são frequentes as queixas neste sentido, contra o fato de serem as Ciências Ocultas mantidas à parte do mundo em geral, e de as sonegarem os Iniciados ao conhecimento da humanidade. Alega-se que os guardiães do Saber Secreto revelam egoísmo ao esconder os “tesouros” da Sabedoria Arcaica, e que é um crime ocultar dos homens de ciência tais conhecimentos (“se é que realmente existem”), etc.

Deve haver, contudo, motivos ponderosos para isso, pois desde o alvorecer da história todos os hierofantes e “mestres” assim procederam. A Pitágoras, o primeiro Adepto e verdadeiro homem de ciência da Europa pré-cristã, se increpa o ter ensinado em público a imobilidade da Terra e o movimento de rotação das estrelas ao seu redor, enquanto que aos discípulos prediletos declarava crer no sistema heliocêntrico e que a Terra se move como um planeta. Muitas são as razões que determinaram o sigilo. Em *Ísis sem Véu* já foi exposta a principal, que agora repetiremos.

Desde aquele dia em que o primeiro místico ensinado pelo primeiro instrutor, pertencente às “dinastias divinas” das primitivas raças, aprendeu os meios de comunicação entre este mundo e os mundos da legião invisível, entre a esfera da matéria e a do espírito, pôde ele compreender que seria malbaratear esta maravilhosa ciência o expô-la à profanação, voluntária ou involuntária, da massa ignorante. Seu abuso poderia conduzir a humanidade a uma rápida destruição; equivaleria a deixar substâncias explosivas ao alcance de crianças, com fósforos ao lado. O primeiro instrutor divino iniciou tão somente uns poucos discípulos eleitos, e estes mantiveram silêncio para com as massas. Reconheceram eles o *seu* Deus; e todo Adepto sentiu dentro de si o grande “EU”. O Âtman, o Eu, o Senhor e Protetor, mostrou a plenitude do seu poder aos que o reconheciam idêntico ao “Eu sou”, ao “Ego sum”, ao “Asmi”, e eram capazes de escutar “a voz ainda débil”. Desde aqueles dias do homem primitivo, descritos pelo primeiro poeta védico, até a idade moderna, não houve filósofo digno deste nome que não guardasse a grande e misteriosa verdade no silencioso santurário de seu coração. Se iniciado, aprendeu-a como uma ciência sagrada; se não, a exemplo de Sócrates, repetindo a si mesmo e a seus discípulos o nobre mandamento: “Homem, conhece-te a ti mesmo!”, pôde reconhecer dentro de si o seu Deus. O rei salmista nos disse: “Sois deuses”; e vemos que Jesus recorda aos escribas que esta expressão se dirigia a outros mortais que reclamavam, sem incorrer em blasfêmia, também o mesmo privilégio para

si próprios. E, como um eco fiel, afirma São Paulo que todos nós somos “o templo do Deus vivo”, observando prudentemente, em outra passagem, que tais coisas se destinam somente aos “sábios” e não é “lícito” falar sobre elas¹.

Podemos aqui expor algumas das razões determinantes do sigilo.

A lei fundamental e a chave mestra da Teurgia prática, em suas principais aplicações ao estudo sério dos mistérios cósmicos e siderais, psíquicos e espirituais, foram e ainda são o que os neoplatônicos chamaram “Teofania”. Esta, em seu significado geralmente aceito, é a “comunicação entre os Deuses (ou Deus) e os mortais iniciados que estão preparados para semelhante intercuro”. Esotericamente, porém, o sentido é muito mais amplo: porque não é só a presença de um Deus, senão uma encarnação atual, ainda que temporária, uma fusão, por assim dizer, da Divindade pessoal, o Eu Superior, com o homem, seu representante ou agente na terra. Em virtude de uma lei geral, o Deus Supremo, a Alma Superior (Âtma-Buddhi) do ser humano apenas envolve com sua sombra o indivíduo, com o fim de lhe proporcionar ensinamentos e revelações; ou, como diriam os católicos romanos (que dão a essa Alma Superior, impropriamente, a denominação de “Anjo da Guarda”), “está sempre ao nosso lado e nos protege”. Mas no caso do mistério teofânico a Alma Superior encarna plenamente no teurgista, para fazer revelações. Quando a encarnação é temporária, naqueles misteriosos raptos ou “êxtases” que Plótino definiu como

“a libertação da mente de sua consciência finita, para fundir-se e identificar-se ao Infinito”,

esse estado sublime é muito breve. A alma humana, fruto ou emanção do seu Deus, realiza então a união “do Pai com o Filho”, e “a fonte divina flui como uma torrente por seu leito humano”². Em casos excepcionais, porém, o mistério é completo: o Verbo se faz realmente Carne, e o indivíduo chega a ser divino em toda a acepção da palavra, pois o seu Deus pessoal toma o seu corpo como tabernáculo vitalício — e é este o “templo de Deus” a que se refere São Paulo.

O que aqui se entende por Deus *pessoal* do homem, insta esclarecer, não consiste, unicamente, em seu sétimo princípio, que, *per se* e em essência, é simplesmente um raio do infinito Oceano de Luz. É sua conjunção com a nossa Alma Divina, Buddhi, não configura uma Díada, como se poderia supor;

(1) Vol. II, 317-18. H.P.B. alterou em suas citações algumas palavras do texto original de Ísis sem Véu, e aqui as copiamos assim alteradas.

(2) Diz Proclo que experimentou este sublime êxtase seis vezes em sua vida mística. Porfírio assegura que Apolônio de Tiana esteve assim unido à sua Divindade quatro vezes, o que nos parece um equívoco, pois Apolônio foi um Nirmānakāya (encarnação divina, não *avatar*); e que ele, Porfírio, o esteve uma só vez, aos sessenta anos de idade. A Teofania (ou aparição real de um Deus ao homem), a Teopatia (ou assimilação da natureza divina) e a Teopneustia (a inspiração, ou melhor, a faculdade de ouvir ensinamentos orais de um Deus) nunca foram perfeitamente compreendidas.

porque, embora formado com os dois princípios mais elevados, Âtma e Buddhi, o primeiro destes não é uma entidade, e sim uma emanção do Absoluto, do qual é indivisível.

O Deus pessoal não é a Mônada, mas o protótipo desta, aquilo que, na falta de termo mais apropriado, chamamos *Kāranātmā* manifestado³, ou Alma Causal, um dos sete principais reservatórios das Mônadas humanas ou Egos. Estes últimos se vão formando e gradualmente robustecendo durante o ciclo de encarnação por constantes incrementos à individualidade, tomando das personalidades, em que encarna, aquele princípio andrógino, meio espiritual e meio terrestre, que participa ao mesmo tempo do celestial e do terreno, chamado Jiva e Vijnānamaya-Kosha pelos vedantinos, e Manas (Mente) pelos ocultistas; numa palavra, o que se encarna em cada renascimento, unindo-se parcialmente à Mônada. É o Eu Superior divino, em perfeita unidade com o seu (sétimo) princípio, o Espírito puro, como sabem todos os estudantes de Teosofia. Depois de cada encarnação, Buddhi-Manas extrai, por assim dizer, o aroma da flor chamada personalidade, cujos resíduos puramente terrenos (os dejetos) são abandonados e se desvanecem como sombras. Esta parte é a mais difícil da doutrina, porque pertence à metafísica transcendente.

Conforme já dissemos muitas vezes nesta e em outras obras, não podem os filósofos, sábios e Adeptos da antiguidade ser tachados de idólatras. Ao contrário, foram eles que, reconhecendo a unidade divina, graças à sua iniciação nos mistérios do Esoterismo, tiveram a perfeita compreensão da ὑπόνοια (hyponoia), ou seja, do significado subjacente ao antropomorfismo dos chamados Anjos, Deuses e Seres espirituais de qualquer categoria. Cultuaram a Essência Divina Una que impregna todas as coisas na Natureza; e, reverenciando aqueles “Deuses” superiores e inferiores, jamais os adoraram ou veneraram como ídolos, e não o fizeram nem mesmo às suas divindades pessoais, que invocavam, e de que eram raios eles próprios⁴.

“A Tríade Sagrada emana do Uno, e é a Tetraktys; os deuses, os gênios e as almas são emanções da Tríade. Os heróis e os homens reproduzem em si mesmos a hierarquia.”

Assim falava o pitagórico Metródoro de Quios; significando a última proposição que o homem encerra em si mesmo os sete pálidos reflexos das sete hierarquias divinas; e que o seu Eu Superior não é, portanto, senão o reflexo refratado do Raio direto. Aquele que considera este como uma entidade, na acepção usual da palavra, é um dos “infiéis e ateus” de que fala Epicuro, por subordinar o conceito de Deus às “opiniões do vulgo” — o que é um antropomorfismo dos mais grosseiros⁵. Os Adeptos e os ocultistas sabem que “os

(3) *Kāraṇa Sharīra* é o corpo “causal”, denominado algumas vezes “o Deus pessoal”. E o é em certo sentido.

(4) Isto seria uma espécie de egolatria.

(5) “Os deuses existem” — diz Epicuro — “mas não são o que supõe o vulgo [as multidões]. Não é infiel nem ateu quem nega a existência dos deuses adorados pelas multidões; mas o é aquele que os imagina segundo a opinião vulgar.

chamados Deuses são nada mais que os primeiros princípios" (Aristóteles). São, todavia, "Princípios" inteligentes, conscientes e *viventes*, as Sete Luzes Primárias *manifestadas* e procedentes da Luz *nao-manifestada*, que para nós equivale a Trevas. São os Sete Kumaras (esotericamente quatro) ou "Filhos Nascidos da Mente" de Brahmã. São ainda os Dhyân-Chohans, os protótipos, na eternidade cósmica, de Deuses inferiores e das hierarquias de Seres Divinos, em cuja escala os homens ocupam o último degrau.

Assim, pode muito bem ser que o politeísmo, quando filosoficamente compreendido, represente um progresso sobre o monoteísmo, como, por exemplo, o dos protestantes, que limitam e condicionam a Divindade, insistindo em ver nela o Infinito, sem atentar que os seus supostos atos fazem desse "Absoluto e Infinito" o mais absurdo paradoxo da filosofia. Visto por esse ângulo, o catolicismo romano está muito acima do protestantismo e é muito mais lógico, se bem que a Igreja romana houvesse aderido ao conceito exotérico do "vulgo" pagão e rejeite a filosofia do puro esoterismo.

Assim, todo mortal tem no céu a sua contrapartida imortal, isto é, o seu Arquétipo. Quer isso dizer que, durante todo o ciclo de nascimentos, em cada uma de suas encarnações, está o homem indissolivelmente unido ao seu Arquétipo; mas esta união se dá por meio do princípio espiritual e intelectual inteiramente distinto do *eu* inferior, e nunca por meio da personalidade terrena. Esta, em alguns casos, pode até chegar a romper a união, pela ausência de vínculos espirituais no indivíduo moral. Em verdade, como diz Paracelso em seu estilo abstruso e enigmático, o homem, com seus três espíritos (combinados), se acha, qual um feto, suspenso por todos os três da matriz do Macrocosmo; e o cordão que o mantém unido é a "Alma-Fio", Sûtrâtmã, é Taijasa (o "Luminoso" dos vedantinos). É por meio deste princípio espiritual e intelectual, por Taijasa, o "Luminoso" ("porque associado ao órgão luminoso interno"), que o homem permanece unido ao seu arquétipo celeste; e nunca por seu eu inferior ou Corpo Astral, que na maioria dos casos se desintegra, sem nada ficar.

O Ocultismo ou Teurgia ensina o meio de realizar essa união; mas são as ações do homem e os seus merecimentos pessoais que podem unicamente ensiná-la na terra e determinar-lhe a duração. Esta duração varia desde alguns segundos — um relâmpago — a muitas horas, quando o teurgo ou "teófono" se transfigura nesse "Deus" protetor, ficando assim, momentaneamente, dotado de relativa onisciência e onipotência. Em Adeptos tão perfeitos e divinos como Buddha e outros, esse estado hipostático de avatar pode durar toda a vida⁶; enquanto que, no caso de Iniciados completos, mas que ainda não alcançaram o estado perfeito de Jivanmukta⁷, a Teopneustia, quando em plena influência,

(6) O Budismo, esotérico ou exotérico, nega que Gautama fosse uma encarnação ou um avatar de Vishnu, mas ensina a doutrina que aqui expomos. Todo homem traz consigo os materiais, se não as condições, para alcançar a comunicação teofânica e a Teopneustia; em todos os casos, porém, o "Deus" inspirador é o seu próprio Eu Superior, ou protótipo divino.

(7) A purificação integral e absoluta do homem, sem nada de comum com a terra senão o corpo.

consiste em proporcionar ao Adepto a inteira recordação de tudo o que viu, ouviu e sentiu.

“Tajjâsa tem a fruição do supra-sensível.”⁸

Os que são menos perfeitos conseguem apenas uma lembrança parcial e indistinta; e o principiante, na primeira fase de suas experiências psíquicas, se vê simplesmente envolvido por uma sensação confusa, seguida de um rápido e total esquecimento dos mistérios que presenciou durante esse estado super-hipnótico. Ao voltar à condição normal de vigília física, o grau de recordação depende de sua purificação psíquica e espiritual; pois o maior inimigo da memória espiritual é o cérebro físico, o órgão da natureza sensorial do homem.

Os estados acima são descritos para melhor e mais clara compreensão de alguns termos empregados neste livro. São tantas as variedades desses estados que até os próprios Videntes estão sujeitos a confundi-los uns com os outros. Convém repetir: a palavra grega “Teofania”, raramente usada, tinha para os neoplatônicos um sentido mais lato que o indicado pelos dicionários modernos. Composta de “theos”, “Deus”, e “phainomai”, “aparecer”, não significa apenas “Deus manifestando-se ao homem por uma aparição *real*”, o que seria absurdo; mas a presença *real* de Deus no homem: uma encarnação *divina*. Quando Simão o Mago pretendia ser “o Deus Pai”, queria dizer precisamente o que acabamos de explicar, isto é, que era uma *divina* encarnação de seu próprio Pai — quer se veja neste um Deus, um Anjo ou um Espírito; e por isso dele se dizia: “Este poder de Deus que se chama Grande”⁹, ou o poder pelo qual o Eu Divino se engasta em seu eu inferior, isto é, no homem.

Esse é um dos vários mistérios do ser e da encarnação. Outro é o que se nos oferece quando um Adepto alcança em vida aquele estado de pureza e santidade que o torna “igual aos Anjos”. Então o seu corpo astral ou de “aparição”, depois da morte, se faz tão sólido e tangível como o seu corpo físico anterior, e se transforma no homem real¹⁰. O corpo físico se destaca como a pele que a serpente muda, e o corpo do “novo” homem aparece em seguida, podendo ainda, se o Adepto quiser, ficar invisível dentro da concha akáshica que o envolve. Neste último caso, três caminhos se abrem diante do Adepto:

1.º Permanecer na esfera da Terra (Vâyú ou Kâma-loka), naquela região etérea oculta aos olhos humanos (exceto durante os relâmpagos de clarividência). Então, o seu corpo astral, tendo perdido, em virtude de sua grande pureza e espiritualidade, as condições requeridas para que a luz akáshica (o éter inferior ou terrestre) absorva suas partículas semimateriais, teria o Adepto que ficar em companhia dos cascões astrais em processo de desagregação — sem nada fazer de bom ou útil. Isto, naturalmente, não pode acontecer.

(8) *Mândúkyopaniṣad*, 4.

(9) *Atos*, VIII, 10 (versão revista).

(10) Ver as explicações dadas sobre este assunto em “O Elixir da Vida” por G. M. (Do Diário de um Chei), *Five Years of Theosophy*, págs. 18 e segs.

2° Por um supremo esforço de vontade, imergir completamente em sua Mônada, e ficar unida a ela. Entretanto, se assim procedesse: (a) privaria o seu Eu Superior do Samâdhi póstumo — estado de bem-aventurança que não é o verdadeiro Nirvana —, pois o corpo astral, apesar de sua pureza, seria demasiado terreno para gozar de semelhante felicidade; e (b) com isto criaria karma, por ser egoísta a ação de colher os frutos em proveito próprio exclusivamente.

3.° Renunciar livre e conscientemente ao Nirvana, para ficar trabalhando na Terra em prol da humanidade. Pode fazê-lo de duas maneiras diferentes: dando ao seu corpo astral uma aparência física, como dissemos acima, e resumindo nele a sua personalidade; ou utilizando-se do corpo físico inteiramente novo de um recém-nascido, ou de “um corpo abandonado” (como se diz que Shankarâcharya fez com o de um Rajá morto), para nele viver o tempo que julgar necessário¹¹. É o que se chama “existência continuada”. Na seção “O Mistério de Buddha” explicaremos mais detidamente estes fenômenos, incompreensíveis para o profano ou simplesmente absurdo para a maioria das pessoas. Tal é a doutrina ensinada, sendo livre a cada qual aprofundar-lhe o estudo ou não fazer caso dela.

O exposto é apenas uma parcela diminuta do que poderíamos ter dito em *Ísis sem Véu*, se então fosse oportuno fazê-lo, como agora acontece. Ninguém poderá estudar proveitosamente as Ciências Ocultas sem lhes devotar — coração, alma e corpo. Algumas de suas verdades são demasiado terríveis e perigosas para as mentes mediócras. Não é possível manejar impunemente tão tremendas armas. E é por isso que São Paulo diz ser “ilícito” falar sobre elas. Aceitemos a advertência, e falemos só do que é “lícito”.

A citação que figura no princípio desta seção [de *Ísis sem Véu*], págs. 126 e 127, se refere unicamente à magia psíquica ou espiritual. Os ensinamentos práticos da Ciência Oculta são muito diferentes, e poucos têm o necessário vigor mental para recebê-los. Quanto ao êxtase e outras espécies de auto-iluminação, podem ser alcançados sem necessidade de mestre ou iniciação; ao êxtase se chega mediante o interno comando e domínio do Eu sobre o ego físico — ao passo que o domínio sobre as forças da Natureza só se adquire depois de longo exercício ou quando se é “mago de nascença”. Aos que não possuem nenhuma das qualificações requeridas, aconselha-se, portanto, que se limitem ao desenvolvimento espiritual. E este mesmo não é fácil de conseguir, porque o primeiro dos requisitos indispensáveis é a fé inquebrantável nos próprios poderes e no Deus interno; de outro modo, o homem se converteria em um simples médium irresponsável.

Em toda a literatura mística do mundo antigo encontramos a mesma idéia, espiritual e esotérica, de que o Deus pessoal está dentro e não fora do adorador. Esta Divindade pessoal não é uma vã aspiração ou uma fantasia, senão uma Entidade imortal, o Iniciador dos Iniciados, agora que os Iniciadores Celestes da primitiva humanidade (os *shista* dos ciclos precedentes) não mais se acham

(11) [*Sri Shankarâcharya*, por Krislmasami Alyar e Sitanath Tattvabhushan, pág. 73. Publicado pela Biblioteca Orientalista.] (Nota do Tradutor na Ed. argentina.)

entre nós. Qual uma veloz e límpida corrente subterrânea, ela flui sem macular a sua pureza cristalina nas águas lodosas e turvas do dogmatismo religioso com seu forçado Deus antropomórfico e sua intolerância.

Vemos essa mesma idéia no estilo emaranhado e tosco do *Codex Nazareus*, na grandiloquente linguagem neoplatônica do Evangelho de São João, nos antiquíssimos *Vedas*, no *Avesta*, no *Abhidharma*, no *Sâṅkhya* de Kapila e no *Bhagavad Gîtâ*. É impossível alcançar o Adeptado e o Nirvana, a Bem-aventurança e o "Reino dos Céus", sem a união indissolúvel com o nosso Rex Lux, o Senhor do Esplendor e da Luz, o Deus imortal que está em nós. "*Aham eva param Brahman*": "Eu sou, em verdade, o Supremo Brahman." Tal foi sempre a única verdade viva no coração e na mente dos Adeptos; e é esta verdade que ajuda o místico a ser um deles. Devemos, primeiro que tudo, reconhecer o nosso próprio Princípio Imortal, e só então podemos tomar de assalto o Reino dos Céus, ou conquistá-lo. Mas esta empresa só o homem superior pode levá-la a cabo — não o homem intermediário, nem muito menos o terceiro homem, que não passa de pó. Também não o pode fazer o segundo homem, o "Filho" neste plano (assim como o "Pai" é o Filho num plano ainda superior), sem a assistência do primeiro, o "Pai". Mas, para isso, será preciso identificarmo-nos com o nosso Pai Divino.

"O primeiro homem é da terra, terreno; o segundo homem [o interno, o superior] é o Senhor do Céu... Eis que eu vos digo um mistério."¹²

Assim falou São Paulo, referindo-se tão somente ao homem dual e ternário, para melhor compreensão dos não-iniciados. Mas não é tudo; importa cumprir o mandamento delfico: o homem deve conhecer-se a si mesmo, para tornar-se um perfeito Adepto. Entretanto, são poucos os que podem adquirir esse conhecimento, já não só em seu sentido místico, senão no de sua simples expressão literal — visto que o preceito do oráculo tem dois significados. Tal é, em sua essência e pureza, a doutrina de Buddha e dos Bodhisattvas.

Tal é, igualmente, o sentido místico do que São Paulo disse aos Coríntios: que eles eram o "templo de Deus"; pois aqui está o significado esotérico:

"Não sabeis que sois o templo de [do ou vosso] Deus, e que o Espírito de [um ou do vosso] Deus habita em vós?"¹³

(12) *1 Cor.*, XV., 47, 51.

(13) *1 Cor.*, III, 16. Terá o leitor alguma vez meditado sobre as sugestivas palavras de Jesus aos apóstolos: "Sede vós perfeitos como é perfeito o vosso Pai..." — diz o grande Mestre (*Mateus*, V, 48). As palavras são: "tão perfeitos como o vosso Pai que está no Céu", e se interpretam como referindo-se a Deus. Mas o completo absurdo de que um homem possa ser tão perfeito quanto a Divindade infinita, perfeitíssima, onisciente e onipresente, ressalta a olhos vistos. Dada à frase essa interpretação, estaria Jesus dizendo enorme falácia. O significado esotérico é: "Vosso Pai que está acima do homem físico e astral; o Princípio mais elevado (salvo a Mônada) no homem, seu próprio Deus pessoal, ou o Deus de sua própria personalidade, de quem ele é a 'prisão' e o 'templo'". "Se queres ser perfeito (isto é, um adepto ou iniciado), vai e vende tudo o que possuis" (*Mateus*,

Estas palavras encerram exatamente o mesmo significado da sentença dos vedantinos: "Eu sou verdadeiramente Brahman." E nesta declaração não há mais blasfêmia que na de São Paulo (se é que alguma blasfêmia contém uma ou outra, o que negamos). Só que a afirmação dos vedantinos é muito mais direta e explícita que a outra, porque eles nunca se referem aos seus corpos físicos como sendo "eles mesmos" ou sequer uma parte deles, ou algo mais que meras formas ilusórias que os outros vêem.

Todas as nações antigas compreendiam perfeitamente o mandamento delfico: "Conhece-te a ti mesmo." Ainda hoje o compreendem as religiões orientais, de cujos ensinamentos faz parte (excetuando os dos muçulmanos, mas incluindo os dos judeus versados na Cabala). Não obstante, para entender bem o seu significado é mister, antes de tudo, crer na reencarnação e em seus mistérios; não como a descrevem os reencarnacionistas da escola de Allan Kardec, mas tal como a expõe e ensina a Filosofia Esotérica. Em uma palavra, o homem deve saber quem foi, antes de saber o que é. E quantos são os europeus capazes de arraigar em si mesmos uma crença absoluta nas encarnações passadas e futuras, como uma lei geral — sem contar um ou outro místico que tenha consciência de sua vida precedente? A educação recebida, a tradição, o modo de exercitar o pensamento, tudo enfim concorre para contrariar essa crença durante a vida inteira. As pessoas cultas foram educadas na perniciosa idéia de que as profundas diferenças entre as diversas unidades de uma mesma família humana, ou de uma raça, são o resultado do acaso; de que os abismos de separação de homem para homem, em suas posições sociais, intelecto, capacidade física e mental — circunstâncias que tão grande influência exercem no processo de cada vida humana — tudo isso se deve ao cego acaso. E só os mais devotos encontram um duvidoso consolo na crença de que tal é "a vontade de Deus". Nunca eles se detiveram em refletir na enormidade do opróbrio que fazem recair sobre o seu Deus, e em analisar a própria insensatez, quando rejeitam a sábia e equitativa lei dos renascimentos múltiplos do homem na Terra. Meditaram alguma vez os cristãos sinceros e ansiosos de imitar a vida de Cristo sobre a pergunta que, conforme se vê em sua própria *Bíblia*, dirigiram ao Batista os sacerdotes judeus e os levitas: "És tu Elias?"¹⁴ A seus discípulos o Salvador ensinou esta grande verdade da Filosofia Esotérica; mas, se os Apóstolos a entenderam realmente, parece que ninguém mais lhe percebeu a exata significação. Não, nem mesmo Nicodemos, que às palavras de Jesus: "Aquele que não nascer de novo não verá o reino de Deus"¹⁵ respondeu: "Como pode um homem nascer, sendo velho?"; ao

XIX, 21). Então (como agora), devia fazer voto de pobreza quem desejasse ser neófito ou discípulo. Aos Iniciados dava-se o nome de "Perfeitos", e Platão assim os designa. Os Essênios tinham os seus "Perfeitos", e São Paulo diz explicitamente que os Iniciados só podiam falar diante de outros Iniciados. "Falamos a sabedoria [somente] entre os perfeitos" (I Cor., II, 6).

(14) *João*, I, 21.

(15) *João*, III. "Nascido" do alto, isto é, de sua Mônada ou EGO divino, o sétimo Princípio, que subsiste até o fim do Kalpa, e que é o núcleo e ao mesmo tempo o Princípio protetor, como Kāranātmā (Alma Causal) da personalidade em cada renascimento.

que replicou o Cristo: “És mestre em Israel, e ignoras estas coisas?” — porque ninguém tinha o direito de qualificar-se “Mestre” e Instrutor sem que fosse iniciado nos Mistérios (a) do renascimento espiritual através da água, do fogo e do espírito, e (b) do renascimento na carne¹⁶. Transparece ainda uma clara alusão à doutrina dos renascimentos múltiplos nas palavras com que Jesus respondeu aos saduceus “que negavam a ressurreição”, isto é, o renascimento (pois o próprio clero mais esclarecido considera hoje absurdo o dogma da ressurreição da carne):

“Os que forem dignos de alcançar aquele mundo [Nirvana]¹⁷ ... não hão de casar... nem mais poderão morrer”

— o que significa que já haviam morrido antes, e mais de uma vez. E ainda:

“Que os mortos se levantaram, já Moisés o mostrou... quando chamou de Senhor ao Deus de Abraão, e ao Deus de Isaac, e ao Deus de Jacob. Mas não é o Deus dos mortos, e sim o dos vivos.”¹⁸

As palavras “que os mortos *se levantaram*” evidentemente se referiam aos renascimentos, que já haviam ocorrido, dos Jacobs e Isaacs, e não à sua ressurreição futura; porque neste caso estariam mortos, e deles não se poderia falar como “vivos”.

Entretanto, a mais sugestiva das parábolas e das “frases enigmáticas” de Cristo está na explicação que dá aos seus discípulos sobre o homem cego:

“Mestre, quem pecou para que este homem nascesse cego: ele ou os seus pais? E Jesus respondeu: ‘Nem este homem [o físico, o cego] pecou, nem os seus pais; mas foi para que se manifestem nele as obras de [seu] Deus.’”¹⁹

O homem é apenas o “tabernáculo”, a “casa” de seu Deus; e portanto não

Neste sentido, a frase “nascido de novo” significa “descido do alto”, não, porém, do céu ou do espaço, nem de algo que suponha lugar e limite, pois o céu é um estado de consciência, e o espaço é infinito, não havendo assim pontos cardeais (*Novo Testamento*, loc. cit.).

(16) Isto não pode referir-se ao batismo cristão, que não existia nos dias de Nicodemos, nada podendo este saber a esse respeito, embora fosse um “Mestre”.

(17) Esta palavra, traduzida por “mundo” no *Novo Testamento* para conformar-se à interpretação oficial, antes quer dizer: uma “idade” (conforme se vê na *Versão Revista*), ou um dos períodos de um Manvantara, um Kalpa ou Æon. Esotericamente, a frase seria esta: “O que alcança através de uma série de nascimentos e de efeitos kármicos, aquele estado a que a humanidade há de chegar no fim da Sétima Ronda e da Sétima Raça, a que sucede o Nirvana, o Moksha, e quando o homem se torna “igual aos Anjos” — esse é um “filho da ressurreição” e “já não pode morrer”; então “deixará de haver casamento”, porque não haverá diferença de sexos, que é uma consequência de nossa materialidade e animalismo.

(18) *Lucas*, XX, 37-38.

(19) *João*, IX, 2, 3.

foi o templo, mas o seu morador — o veículo de Deus²⁰ — o que pecou numa encarnação anterior, e trouxe assim o karma de cegueira para a nova casa.

Vemos, pois, que Jesus disse a verdade; mas os seus seguidores ainda hoje não querem compreender as palavras de sabedoria que ele proferiu. E apresentaram o Salvador, na interpretação de suas palavras explicativas, como se preparasse um programa preconcebido que haveria de levar a um milagre previsto. Em verdade, o Grande Mártir, desde então e durante dezoito séculos, está sendo diariamente crucificado por seus discípulos eclesiásticos e laicos, com muito mais crueldade do que o foi por seus alegóricos inimigos. Porque tal é o sentido da expressão “para que se manifestem nele as obras de Deus”, se aceitamos a interpretação teológica; perdendo a expressão toda a dignidade, se não analisada à luz da explicação esotérica.

Haverá talvez quem considere tudo o que acabamos de dizer como mais uma blasfêmia. Não importa: sabemos que muitos cristãos, cujos corações palpitam pelo ideal de Jesus, e a cujas almas repugna aceitar a figura teológica do Salvador canônico, hão de meditar sobre aquela explicação, sem nela ver o menor vislumbre de blasfêmia, mas — quem sabe? — um consolo.

(20) O Ego consciente, ou o Quinto Princípio, Manas, o veículo da Mônada divina ou “Deus”.

SEÇÃO VI

PERIGOS DA MAGIA PRÁTICA

Duplo é o poder da magia, e nada mais fácil que transformá-la em feitiçaria; *para isso basta um mau pensamento*. Assim, enquanto o Ocultismo teórico é inofensivo e pode ser benéfico, a magia prática, o fruto da Árvore da Vida e do Conhecimento¹, ou a “Ciência do Bem e do Mal”, está carregada de espinhos e perigos.

Para o estudo do Ocultismo teórico, há sem dúvida muitas obras que podem ser lidas com proveito, além de livros como *Finer Forces of Nature* (“As Forças Sutis da Natureza”), etc, o *Zohar*, o *Sepher Yetzireh*, o *Livro de Enoch*, a *Cabala* de Franck, e numerosos tratados herméticos. Obras que tais são raras nas línguas comuns da Europa; mas existem muitas em latim, escritas pelos filósofos da Idade Média geralmente conhecidos como Alquimistas e Rosa-cruzes. A própria leitura destas, porém, pode ser nociva ao estudante sem guia, que as queira utilizar despercebido da chave adequada e, sem aptidão para a magia, não seja capaz de distinguir entre a Via da Direita e a Via da Esquerda. Neste caso, aconselharíamos o estudante a que se não aventurasse sozinho à tarefa, pois atrairia sobre si e os seus inesperados males e aflições, sem nunca suspeitar de onde provinham e sem conhecer a natureza dos poderes despertados por sua mente em semelhante estudo. Inúmeras são as obras para os estudantes adiantados; mas a elas só têm acesso os discípulos “juramentados” ou chelas, aqueles que prestaram o solene e perpétuo compromisso que lhes dá direito a assistência e proteção. Em qualquer outro caso, a leitura de tais obras, por mais bem intencionadas que sejam, pode extraviar o incauto e conduzi-lo imperceptivelmente à Magia Negra ou feitiçaria, se não a algo pior.

Os caracteres, alfabetos e algarismos místicos, especialmente estes últimos, que se encontram nas divisões e subdivisões da *Grande Cabala*, são talvez a

(1) Alguns simbologistas, fiando na correspondência dos números e nos símbolos de certos objetos e personagens, pensam que estes “segredos” se referem ao mistério da geração. Mas há mais do que isso. O símbolo da “Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal” contém sem dúvida um elemento fálico e sexual, como também sucede com o da “Mulher e a Serpente”; mas possui ainda um significado espiritual e psíquico. Os símbolos são elaborados para admitir mais de um significado.

parte mais perigosa desta obra. Perigosa pela grande e inusitada rapidez de seus efeitos, com ou sem a vontade do experimentador, e até sem que ele o perceba. Alguns estudantes podem duvidar da exatidão deste asserto, porque, tendo manipulado os números, não observaram nenhum resultado ou manifestação física terrível. Mas os efeitos desta natureza seriam os menos perigosos; as causas morais produzidas e os vários acontecimentos sobrevindos e desencadeados em imprevistas crises é que comprovariam o fundamento e a razão de ser de quanto acabamos de afirmar — se ao menos os estudantes profanos fossem dotados da faculdade de discernimento.

O ponto de partida do ramo especial do Conhecimento Oculto, a que se dá o nome de “Ciência das Correspondências” numéricas, literais ou alfabéticas, tem por epígrafe aqueles dois mal interpretados versículos dos cabalistas judeus e cristãos, segundo os quais Deus

*“ordenou todas as coisas em número, peso e medida”*²,

e

*“Ele a criou no Espírito Santo, e a viu, contou e mediu.”*³

Mas os Ocultistas orientais têm outra epígrafe: “*A Unidade Absoluta, x, em número e pluralidade.*” Os estudantes da Sabedoria Secreta, assim os ocidentais como os orientais, reconhecem esta verdade axiomática; mas os últimos talvez o façam com mais sinceridade: em vez de pôr uma máscara na sua Ciência, mostram-lhe abertamente a face, ainda que lhe velem cuidadosamente o coração e a alma perante os olhares do vulgo profano, incapaz de apreciá-la e sempre propenso a abusar, com fins egoístas, das mais sagradas verdades. E a Unidade é a base real da Ciência Oculta — física e metafísica. Também o indica o próprio Eliphaz Lévi, o erudito cabalista ocidental, não obstante suas inclinações jesuíticas. Diz ele:

*“A Unidade Absoluta é a razão suprema e final das coisas. Esta razão, portanto, não pode ser nunca uma pessoa nem três pessoas: é a Razão, e a Razão por excelência.”*⁴

A significação da Unidade na Pluralidade, em “Deus” ou na Natureza, somente pode ser descoberta por métodos transcendentais, pelos números e pelas correspondências entre uma alma e a Alma. Na *Cabala* como na *Bíblia*, os nomes Jehovah, Adão Kadmon, Eva, Caim, Abel, Enoch, etc, estão mais intimamente relacionados, por correspondências geométricas e astronômicas, com a Fisiologia (ou o Falicismo) do que com a Teologia ou a Religião. Por menos preparado que esteja o leitor para o admitir, a verdade deste fato vai ser demonstrada.

(2) *Wisdom*, XI, 21; tradução de Douay.

(3) *Ecclesiasticus*, I, 9; trad. de Douay.

(4) *Dogme et Rituel de la Haute Magie*, v. I, págs. 360-1.

Ainda que todos aqueles nomes sejam símbolos tanto de coisas ocultas como de coisas manifestadas, na *Bíblia* como nos *Vedas*, muito diferem seus respectivos mistérios. A divisa de Platão “Deus geometrizo” era igualmente aceita pelos arianos e pelos judeus; mas, enquanto os primeiros empregavam sua Ciência das Correspondências para velar as verdades mais sublimes e espirituais da Natureza, os últimos valiam-se de seu engenho para encobrir só um dos mistérios da Evolução — para eles o mais sublime —, a saber, o mistério do nascimento e da geração, divinizando depois os órgãos desta última.

Afora isso, todas as cosmogonias, desde as mais antigas às mais recentes, se entrelaçam e se relacionam estreitamente com os números e as figuras geométricas, e nestes e nestas se baseiam. Ao Iniciado que os interrogue, as figuras e os números darão expressões numéricas calcadas nos valores integrais do Círculo — chamado pelos alquimistas “a secreta mansão da sempre invisível Divindade” — e ainda todos os outros pormenores referentes a esses mistérios, sejam antropográficos, antropológicos, cósmicos ou psíquicos. “Associando as Ideias com os Números, podemos operar com as ideias do mesmo modo que com os números, e chegar à Matemática da Verdade” — escreve um ocultista que deseja permanecer incógnito, demonstrando com isso grande sabedoria.

Todo cabalista que conheça o sistema numérico e geométrico de Pitágoras estará em condições de provar que as idéias metafísicas de Platão se baseiam nos mais rigorosos princípios matemáticos. Diz o *Magicon*: “A verdadeira Matemática é algo que está no cerne de toda ciência superior; a matemática vulgar não passa de uma fantasmagoria enganadora, cuja tão apregoada infalibilidade decorre unicamente do convencionalismo de seus fundamentos.”

A teoria cosmológica dos números, que Pitágoras aprendeu na Índia e dos hierofantes egípcios, é a única capaz de conciliar as duas unidades: matéria e espírito, de modo que por uma delas se demonstre matematicamente a outra. Só a combinação esotérica dos números sagrados do Universo pode resolver o árduo problema, e explicar a teoria da irradiação e o ciclo das emanações. As ordens inferiores, antes de se desenvolverem nas superiores, foram emanadas de outras ordens de natureza espiritual e superior, devendo ser reabsorvidas no Infinito quando alcançarem o ponto de conversão⁵.

Sobre essa verdadeira Matemática repousa o conhecimento do Cosmos e de todos os mistérios; e quem os conhecer poderá facilmente demonstrar que tanto a cosmogonia védica como a bíblica têm como raiz a lei: “Deus na Natureza” e “a Natureza em Deus”. Por isso, esta lei — como tudo o que é imutável e fixo na eternidade — só podia encontrar expressão correta naquela Matemática pura e transcendente de Platão, e especialmente nas aplicações transcendentes da Geometria. *Revelada* (não evitamos nem receamos o emprego desta palavra) aos homens sob esse aspecto geométrico e simbólico, a Verdade cresceu e desenvolveu-se em outros símbolos adicionais, inventados pelo homem com o fim de torná-la mais compreensível às pessoas em geral, que, chegadas demasiado tarde em seu ciclo evolutivo, não a poderiam entender de outra maneira. Se mais tarde o clero (sempre astuto e ávido por dominar) degradou as ideias

(5) *Ísis sem Véu*, vol. I, págs. 6 e 7.

abstratas, representando como figuras humanas os Seres divinos da Natureza que presidem ao nosso mundo e são os guardiães e protetores do nosso período manvantárico, a culpa não é imputável às massas, senão que recai sobre os falsos e pretensos líderes.

Mas é chegado o tempo em que ao pensamento religioso já não satisfazem os conceitos grosseiros dos nossos antepassados da Idade Média. Os alquimistas e os místicos medievais são hoje físicos e químicos cépticos, observando-se que a maioria deles se desviam da verdade, por causa das idéias puramente antropomórficas e do crasso materialismo com que são apresentadas. Diante disso, restará às gerações futuras ou iniciarem-se gradualmente nas verdades subjacentes nas religiões exotéricas, inclusive as suas, ou quebrarem os pés de barro do último ídolo dourado.

Nenhum homem culto rejeitaria as chamadas “superstições” de hoje, que acreditam fruto da ignorância ou simples contos infantis, se pudessem ver os fatos que lhes servem de fundamento. Mas, uma vez inteirado de que todos os ensinamentos da Ciência Oculta se baseiam em fatos científicos e filosóficos da Natureza, ele se aplicaria ao estudo desta Ciência com tanto ardor como antes o rechaçara. Tal coisa não pode conseguir-se de uma vez, porque, para maior proveito da humanidade, tais verdades hão de ser reveladas pouco a pouco e com toda a precaução, pois a mente do público ainda não está preparada para recebê-las.

Embora muitos agnósticos de nossa época se achem na atitude mental que a Ciência moderna requer, o vulgo está sempre propenso a encastelar-se na velha rotina enquanto dura a sua lembrança. Ele faz como o imperador Juliano (cognominado o Apóstata, por ser demasiado amigo da verdade para aceitar outra coisa), que tendo em sua última Teofania contemplado os Deuses amados como sombras pálidas, desbotadas e mal perceptíveis, não deixou, contudo, de guardar fidelidade a eles. Que o mundo, portanto, permaneça fiel aos seus Deuses, seja qual for o plano ou categoria a que pertençam. O verdadeiro ocultista seria réu de lesa-humanidade, se derrubasse as velhas divindades antes de estar em condições de substituí-las pela Verdade integral e pura — e isto ele ainda não pode fazer. Mas ao leitor se permite aprender, pelo menos, o A-B-C dessa Verdade. Pode-se, em todo o caso, mostrar-lhe *o que são* os Deuses e Deusas do paganismo (que a Igreja classifica como entidades demoníacas), se ainda lhe não for possível saber a verdade completa e final sobre *o que são*. Certifique-se o leitor de que as “Três Matres” herméticas e as “Três Madres” do *Sepher Yetzireh* são a mesma coisa; de que não são divindades infernais, mas a Luz, o Calor e a Eletricidade; e então, quem sabe?, as pessoas cultas cessarão de menosprezá-las. Isso acontecendo, os Iluminados Rosa-cruzes talvez venham a encontrar prosélitos até mesmo nas Academias, que assim estarão mais dispostas do que hoje a reconhecer as grandes verdades da Filosofia Natural arcaica, sobretudo quando seus eruditos membros se convencerem de que, na linguagem hermética, as “Três Madres” são o símbolo de todas as forças e agentes aos quais é assinado um lugar próprio no moderno sistema de “correlação de forças”⁶. E

(6) Sinésio diz que em um dos livros de pedra que encontrou em Mênfis estava

até o politeísmo do “supersticioso” e idólatra brâmane tem sua *razão de ser*, pois os três Shaktis dos três grandes deuses Brahmâ, Vishnu e Shiva são idênticos às “Três Mães” do judeu monoteísta.

Simbólica é toda a literatura mística das antigas religiões. Os *Livros de Hermes*, o *Zohar*, o *Ya-Yahav*, o *Livro dos Mortos* egípcio, os *Vedas*, os *Upanishads* e a *Bíblia* são tão cheios de simbolismo como as revelações nabatéias do Qû-tâmy caldeu. Perguntar qual deles é mais antigo é perder tempo: todos são versões distintas da primitiva revelação e do conhecimento pré-histórico.

Os quatro primeiros capítulos do *Gênesis* são uma sinopse de todo o Pentateuco, e constituem apenas as diversas versões dos mesmos conceitos em diferentes versões alegóricas e simbólicas. O autor da curiosíssima obra *The Source of Measures* (livro muito pouco conhecido na Europa, sentimos dizê-lo) verificou que as dimensões da pirâmide de Cheops representam indicações minuciosas do Templo de Salomão, e que os nomes bíblicos Sem, Cam e Jafet determinam

“as medidas da pirâmide, em relação com o período de 600 anos de Noé e o de 500 anos de Sem, Cam e Jafet”,

e mais que

“os termos ‘Filhos de Elohim’ e ‘Filhas de H-Adão’ [são], em certo sentido, expressões astronômicas”⁷.

No entanto, parece que ele nada vê em sua descoberta senão a presença da Matemática e da Metrologia na *Bíblia*. E chega também a estranhas e inesperadas conclusões, que os fatos não justificam. Sua impressão é a de que, por terem um sentido astronômico os nomes judeus da *Bíblia*, daí se segue que as escrituras de todas as demais nações não exprimem outra coisa — “somente isso e nada mais”. Aqui labora em grande erro o erudito e perspicaz autor da *Origem das Medidas*, se é esse realmente o seu pensamento. A “Chave do Mistério Hebreu-Egípcio” decifra apenas uma parte dos escritos hieráticos desses dois povos, e nada revela quanto aos das outras nações. Sua opinião é que a Cabala “é somente a Ciência sublime em que assenta a Maçonaria”; para ele a Maçonaria é a essência da Cabala, e esta “a base racional do texto hebraico da Sagrada Escritura”. Não vamos discutir este ponto com o autor. Mas por que condenar aqueles que vêem na Cabala algo mais que a “sublime Ciência” em que se alicerça a Maçonaria?

Semelhante conclusão, por seu exclusivismo e parcialidade, é inteiramente errônea e daria lugar a novos e futuros erros de interpretação; a crítica é injusta e desmerece a própria “Ciência Divina”.

esculpida esta máxima: “Uma natureza se deleita em outra; uma natureza domina outra; uma natureza prevalece contra outra; mas todas elas são *uma só*.”

A turbulência inerente à matéria está indicada no seguinte aforismo de Hermes: “A ação é a vida de Phta.” E Orfeu chama à Natureza “a mãe que faz muitas coisas *πολυήκανος μάτηρ*” ou “a mãe engenhosa que imagina e inventa”. (Ísis sem Véu, vol. I, pág. 257.)

(7) *Op. cit.*, pág. X.

Efetivamente a Cabala está “na essência da Maçonaria”; mas só depende da Metrologia em um de seus aspectos, o menos esotérico, pois vemos que Platão jamais ocultou a idéia de que a Divindade geometriza. Para os não-iniciados, por mais talentosos e eruditos que sejam, a Cabala, que se ocupa unicamente da “vestimenta de Deus”, do *véu ou manto* da verdade.

“foi toda construída, desde os alicerces, com vistas a uma aplicação prática aos usos atuais”⁸.

Ou, por outras palavras, representa uma Ciência exata tão somente no plano terrestre.

Para os iniciados, o Senhor cabalístico descende da Raça primeva, da prole espiritual dos “Sete Filhos da Mente”. Ao chegar à Terra, a Divina Matemática (naquele tempo sinônima de Magia, conforme nos diz Josefo) velou a própria face. Assim, o segredo mais importante que ela deixou revelar à nossa idade moderna é a identidade das antigas medidas romanas com as inglesas atuais, e do côvado hebreu-egípcio com a polegada maçônica⁹.

A descoberta é maravilhosa, e conduziu a outras de menor importância, relacionadas com os símbolos e os nomes bíblicos. Está perfeitamente demonstrado, conforme declara Nachanides, que no tempo de Moisés a primeira frase do *Gênesis* era: *B'rash ithbara Elohim*, cuja tradução é: “Na primitiva fonte [Mulapra'riti, a Raiz sem Raiz] desenvolveram [ou evoluçionaram] os Deuses [Elohim] os céus e a terra”; mas agora, em virtude da Massora e das sutilezas teológicas, o versículo se transformou em: “*B'rashith Bara Elohim*”, que significa: “No princípio criou Deus os céus e a terra”, jogo de palavras que conduziu ao antropomorfismo e ao dualismo materialista.

Quantos exemplos semelhantes não se podem encontrar na *Bíblia*, o último e mais recente dos livros ocultos da antiguidade? Para os ocultistas é fora de dúvida que, a despeito de sua contextura e significação externa, a *Bíblia* — tal como se explica no *Zohar* ou *Midrash*, no *Yetzireh* (Livro da Criação) e no *Comentário aos Dez Sephiroth* (por Azariel Ben Manachem, do século XII) — é parte integrante da DOUTRINA SECRETA dos arianos, exposta da mesma maneira nos *Vedas* e nos demais livros alegóricos, O *Zohar* é cópia fiel e eco dos *Vedas*, ao ensinar que a Causa Única e Impessoal se manifesta no Universo por meio de suas emanções, os Sephiroth, e que este Universo, em sua totalidade, é simplesmente um véu tecido com a própria substância da Divindade. O estudo isolado da *Bíblia*, sem o cortejo dos textos com a literatura védica e bramânica em geral, não revelará jamais os segredos universais da Natureza oculta. Os côvados, as polegadas e outras medidas deste plano físico nunca resolverão os problemas do mundo no plano espiritual — porque o Espírito não pode ser pesado nem medido. A solução de tais problemas é reservada “aos místicos e aos sonhadores”, que são os únicos capazes de encontrá-la.

(8) *Masonic Review*, julho de 1886.

(9) Ver *The Source of Measures*, págs. 47-50, et passim,

Moisés foi um sacerdote iniciado, versado em todos os mistérios e conhecimentos ocultos dos templos egípcios — e, portanto, inteiramente a par da sabedoria antiga. É nesta última que se deve investigar a significação simbólica e astronômica deste “Mistério dos Mistérios”: a Grande Pirâmide. E, como os segredos geométricos que durante longos evos se esconderam em sua robusta estrutura — as medidas e proporções do Cosmos, inclusive as de nossa Terra — eram todos familiares a Moisés, não é de admirar que ele fizesse uso desses conhecimentos.

Em determinado momento, o Esoterismo do Egito foi o do mundo inteiro. Durante o largo período da Terceira Raça, esse Esoterismo foi o patrimônio comum legado a todo o gênero humano por seus Instrutores, os “Filhos da Luz”, os Sete primordiais.

Tempo houve ainda em que a Religião-Sabedoria não era simbólica, pois só gradualmente é que se tornou esotérica, tendo-se feito necessária esta mudança por causa dos abusos e da feitiçaria dos Atlantes. Porque foi o “abuso”, e não o uso, do divino dom, que conduziu os homens da Quarta Raça à magia negra e à bruxaria, e finalmente ao “esquecimento da Sabedoria”. E os homens da Quinta Raça, os herdeiros dos Rishis do Tretâ Yuga, utilizaram seus poderes para atrofiar esses dons na humanidade em geral, e depois, como a “Raiz Eleita”, se dispersaram. Os que escaparam do “Grande Dilúvio” conservaram apenas a memória dos ensinamentos divinos; e a crença de que houve uma mudança — crença fundada no conhecimento de seus ascendentes diretos — lhes deu a entender que tal ciência existiu e era agora zelosamente guardada pela “Raiz Eleita” que Enoch exaltou. Mas há de vir um tempo em que o homem voltará a ser o que foi durante o segundo Yuga (idade); estará cumprido o seu ciclo de provação, e ele retornará gradualmente à sua primitiva condição: semicorpóreo e puro. O Iniciado Platão nos diz no *Fedro* o que o homem foi e o que será de novo:

“Antes que o seu espírito caísse na sensualidade e, perdidas as asas, ficasse aprisionado no corpo, vivia o homem entre os Deuses, no mundo etéreo e espiritual, onde tudo é verdadeiro e puro.”¹⁰

Em outra passagem refere-se à época em que os homens não procriavam, mas viviam como espíritos puros.

Se isso provocar o riso dos homens de ciência, então por que não deslindam o mistério da origem do primeiro homem?

Não desejando ver o seu povo eleito — eleito por ele — incidir na grosseira idolatria da massa profana que o rodeava, valeu-se Moisés do seu conhecimento dos mistérios cosmogônicos da Pirâmide para sobre ele basear a Cosmogonia do *Gênesis*, mediante alegorias e símbolos muito mais ao alcance da compreensão dos *ποργοι* que as verdades ensinadas nos santuários às pessoas instruídas. Moisés foi original não só na forma de expressão; mas nada inventou, nem acrescen-

(10) Veja-se a tradução de Cary, págs. 322 e 323.

tou um átimo ao conceito, seguindo assim o exemplo dos povos e Iniciados mais antigos. Se revestiu de engenhosas imagens as grandes verdades que aprendeu dos Hierofantes, fê-lo para atender às exigência dos israelitas; pois esta raça obstinada não teria aceito um Deus que não fosse também antropomórfico como os Deuses do Olimpo; e ele próprio não foi capaz de prever a época em que legisladores eminentes e cultos viriam a defender a casca do fruto daquela sabedoria, que nele germinara e amadurecera sobre o Monte Sinai, quando se comunicava com o seu Deus pessoal, com o seu divino Eu. Moisés compreendeu o gravíssimo risco de confiar semelhantes verdades ao egoísmo das multidões, porque se recordava do passado e conhecia o significado da fábula de Prometeu. Velou-as, portanto, a fim de preservá-las dos olhares profanos, e deu-lhes somente alegorias. Diz o seu biógrafo, por isso, que, ao descer do Monte Sinai,

“Moisés não sabia que o seu rosto resplandecia... e cobriu a sua face com um véu.”¹¹

E da mesma forma “cobriu com um véu” a face do *Pentateuco*; e o fez de tal maneira que somente 3 376 anos depois (pela cronologia ortodoxa) é que o povo começou a perceber que era “realmente um véu”. Não foi a face de Deus, ou a de Jehovah, que resplandeceu; nem mesmo a face de Moisés; mas as dos últimos Rabinos.

Não é de surpreender que Clemente de Alexandria escrevesse em sua *Stromata*:

“Os enigmas dos egípcios, no tocante ao que encobrem, são também semelhantes aos dos hebreus.”¹²

[Esta Seção reproduz, textualmente às vezes, metade do que se continha na Seção II do manuscrito de 1886.]

(11) *Êxodo*, XXXIV, 29, 33.

(12) *Op. cit.*, v. II, L.V., cap. VII, pág. 245.

SEÇÃO VII

VINHO VELHO EM ODRES NOVOS

É bem provável que, na época da Reforma, nada soubessem os protestantes sobre a verdadeira origem do Cristianismo, ou, para sermos mais explícitos e corretos, da Igreja latina. Nem tampouco é provável que a Igreja grega o conhecesse muito; pois a separação entre as duas ocorreu num tempo em que a primeira, na luta pela supremacia política, buscava obter a todo custo a adesão das classes influentes e cultas do paganismo, que se mostravam dispostas a aceitar o aspecto externo do novo culto, contanto que lhes fosse conservado o poder. Não há necessidade de relembrar os pormenores dessa luta, de todos conhecida. É incontestável que os mais ilustres gnósticos e seus líderes — homens como Saturnilo, asceta intransigente, Márcion, Valentino, Basíledes, Menandro e Cerinto — não foram anatematizados pela Igreja latina por serem herejes, ou porque seus ensinamentos e suas práticas fossem realmente *"ob turpitudinem portentosam nimium et horribilem"* ("abominações monstruosas e repugnantes"), conforme Barônio qualifica as de Carpócrates; mas simplesmente porque eles conheciam fatos e verdades demais. Kenneth-R. H. Mackenzie faz a seguinte judiciosa observação:

"Anatematizou-os a Igreja romana porque entraram em conflito com a mais pura Igreja do Cristianismo — cuja posse os bispos de Roma usurpavam, mas cujo tipo original persiste, em sua fidelidade ao fundador, na Igreja Ortodoxa Primitiva."¹

Para que não se acoime de gratuita a nossa afirmação, citaremos, para aboná-la, mais de uma confissão pessoal e corajosa de fervoroso escritor católico romano, a quem certamente o Vaticano conferiu mandato para isso. O Marquês De Mirville envida o máximo de esforços para, no interesse do Catolicismo, explicar certas importantes descobertas arqueológicas e paleográficas, mas de modo que a Igreja fique sempre fora de discussão e controvérsia. É o que demonstram claramente as volumosas obras que remeteu à Academia de França entre 1803 e 1865. Sob o pretexto de chamar a atenção dos "Imortais" materialistas para a "epidemia do espiritismo" que com numerosas legiões satânicas invadia a Europa e a América, tenta provar o seu asserto por meio de comparações

(1) *The Royal Masonic Cyclopaedia, sub voce* "Gnosticismo"

genealógicas e teogônicas entre as divindades do Cristianismo e do Paganismo.

Segundo De Mirville, todas essas surpreendentes semelhanças e identidades são apenas “superficiais e aparentes”: os símbolos e também os personagens cristãos, o Cristo, a Virgem, os Anjos e os Santos, foram personificados muitos séculos antes pelas fúrias do inferno, com o propósito de desacreditar a verdade eterna mediante ímpios arremedos. Os demônios (continua dizendo De Mirville), graças ao seu conhecimento do futuro, “descobriram os segredos dos Anjos” e anteciparam os fatos. E conclui que as divindades pagãs, os deuses solares chamados Soters (Salvadores), que nasceram de mães imaculadas e morreram de morte violenta, não passavam de *Ferouers*² — como os chamavam os zoroastrianos — ou cópias antedatadas do Messias por vir.

Crescia efetivamente o perigo de que esses fac-símiles viessem a ser reconhecidos. A ameaça pairava no ar, qual espada de Dâmocles suspensa sobre a Igreja, desde os tempos de Voltaire, Dupuis e outros autores de índole similar. As descobertas dos egíptólogos, o encontro de relíquias assírias e babilônicas pré-mosaicas, que contavam a lenda de Moisés³, e especialmente as inúmeras obras racionalistas publicadas na Inglaterra, como *Supernatural Religion* por exemplo, faziam inevitável aquele reconhecimento.

Daí o aparecerem escritores católicos e protestantes incumbidos de explicar o inexplicável; de conciliar a Revelação Divina com o mistério da frequente semelhança entre os personagens, ritos, dogmas e símbolos do Cristianismo e os das grandes religiões pagãs. Fundaram os protestantes suas alegações de defesa

(2) No *Ferouers and Devs* de Jacobi (letras F e D) a palavra “Ferouer” é explicada como sendo aquela parte da criatura (homem ou animal) que lhe representa o tipo e que sobrevive ao corpo. É o *Nous* dos gregos, imortal e divino, e assim não pode ser o diabo ou a cópia satânica, a que se refere De Mirville (*Memoires de la Académie des Inscriptions*, vol. XXXVII, pág. 623, e cap. XXXIX, pág. 749). Foucher contradiz formalmente a opinião deste último. O Ferouer nunca foi o “princípio das sensações”, mas significou sempre a parte mais pura e divina do Ego humano, o princípio espiritual. Diz também Anquetil que o Ferouer é a parte mais pura da alma do homem. O *dev* persa é a *antítese* do Ferouer, porque Zoroastro converteu o *dev* em gênio do mal (e daí o “diabo” cristão — “devil” em inglês); mas ainda assim o *dev* é simplesmente finito, e, tendo-se apoderado da alma do homem por *usurpação*, deverá restituí-la no grande dia da Retribuição. O *dev* obsidia a alma do defunto durante os três dias em que ela vagueia ao redor do lugar onde foi obrigada a separar-se do corpo; ao passo que o Ferouer se eleva às regiões da eterna luz. Equivocou-se lamentavelmente o Marquês De Mirville ao imaginar que o Ferouer fosse “cópia satânica” de um original *divino*. Considerando todos os deuses pagãos — Apoio, Osíris, Brahmá, Ormuzd, Bol, etc. — como “Ferouers de Cristo e dos principais Anjos”, não fez senão apresentar Deus e os Anjos (que ele pretendia honrar) como inferiores aos deuses do paganismo, do mesmo modo que o homem é inferior à sua Alma e ao seu Espírito; já que o Ferouer é a parte imortal do nosso ser, do qual é o tipo e ao qual sobrevive. Talvez que o infeliz autor seja um profeta inconsciente; e Apoio, Osíris, Brahmá, etc, estejam destinados a sobreviver, como verdades cósmicas eternas, ao falaz e efêmero conceito da Igreja latina a respeito de Deus, Cristo e os Anjos!

(3) Ver *Babylon* e outras obras de autoria de George Smith.

em uma teoria sobre “idéias proféticas, precursoras”; e os católicos, como De Mirville, derivaram a explicação para uma suposta dupla série de Anjos e Deuses, uns divinos e verdadeiros, e os outros (os mais antigos) “cópias antecipadas dos originais”, devidas a um astucioso plágio do Maligno.

O estratagema dos protestantes é velho, mas o dos católicos o é muito mais, e de tão esquecido parece novo. *Monumental Christianity* e *A Miracle on Stone*, do Dr. Lundy, pertencem à primeira classe de obras. *Pneumatologie [Des Esprits]*, de De Mirville, à segunda. Os esforços que neste sentido fazem os escoceses e outros missionários cristãos na Índia e na China são tão ridículos quanto inúteis; mas o plano imaginado pelos jesuítas é mais sério. Assim, os livros de De Mirville são de muita importância, por se haver aproveitado o autor de toda a erudição de sua época, a que se aliam os artifícios casuísticos de que são capazes os filhos de Loiola. Pois é evidente que em sua tarefa contou o Marquês com o auxílio dos homens mais talentosos a serviço de Roma.

Não só principia ele por admitir a procedência de todas as imputações que se fazem à Igreja Latina, quanto à originalidade de seus dogmas, mas parece ainda que se compraz em antecipá-las, afirmando que todos os dogmas do Cristianismo já existiam nas religiões da antiguidade pagã. Passa em revista todo o Panteão das divindades pagãs, e mostra os pontos de semelhança que cada uma delas apresenta com as pessoas da Trindade e com a Virgem Maria. Não há mistério, dogma ou rito da Igreja latina que o autor não demonstre haver sido “parodiado pelos Curvati” — os “Encurvados”, os Diabos.

Admitido e explicado tudo isso, deviam os simbologistas refugiar-se no silêncio. E o fariam, se não houvesse críticos materialistas empenhados em negar a onipotência do Diabo neste mundo. Porque, se Roma reconhece a semelhança, também se arroga o direito de julgar entre o verdadeiro e o falso Avatar, entre o Deus real e o ilusório, entre o original e a cópia — em que pese à precedência da cópia sobre o original em milhares de anos.

Em seguida argui De Mirville que onde quer que os missionários tentem converter um idólatra obtêm invariavelmente a seguinte resposta:

“Nós tivemos o nosso crucificado antes do vosso. A que vem o vosso ensinamento?”⁴ Além do mais, nada teríamos a ganhar negando o aspecto misterioso da alegada cópia, sob o pretexto de que, segundo Weber, todos os *Purânas* atuais são refundições de outros mais antigos, pois temos aqui, na mesma ordem de personagens, uma positiva precedência que ninguém jamais ousaria contestar.”⁵

E o autor cita como exemplos Buddha, Krishna, Apolo, etc; e, depois de tudo isso admitir, contorna a dificuldade do seguinte modo:

“Mas os Padres da Igreja viram o que havia debaixo dessas peles de cordeiro... conhecendo, graças aos Evangelhos..., todas as astúcias dos pretensos espíritos de luz; e,

(4) Esta suposição é tão fantástica quanto arbitrária. Que hindu ou budista falaria em seu “Crucificado”?

(5) *Op. cit.*, VI, 237.

meditando nestas significativas palavras: 'todos os que vieram antes de Mim são ladrões' (João, X, 8), descobriram sem vacilar o agente oculto da obra, a geral e super-humana direção dada à impostura, os universais atributos e caracteres de todos esses falsos deuses das nações; 'omnes dii gentium daemonia (elilim)' (Salmo XCVI).⁶

Com tais recursos tudo é fácil. Não há semelhança, por mais evidente, não há identidade, por mais caracterizada, que se não possam repudiar. As palavras cruéis, em que ressumbra tanta vaidade e egoísmo, atribuídas por João a Quem foi a personificação da mansuetude e da caridade, não podiam jamais ter sido pronunciadas por Jesus. Os ocultistas repelem, indignados, a imputação, e estão dispostos a defender o homem contra o Deus, mostrando de onde vêm as palavras de que se apropriou o autor do Quarto Evangelho. Foram copiadas das "Profecias" do *Livro de Enoch*. Neste sentido são concludentes as provas oferecidas pelo erudito escritor bíblico Arcebispo Laurence e pelo autor de *Evolution of Christianity* (que editou a tradução). Na última página da Introdução do *Livro de Enoch* se lê a seguinte passagem:

"A parábola da ovelha que foi salva pelo Bom Pastor das mãos de guardas mercenários copiou-a evidentemente o quarto evangelista do capítulo LXXXIX do *Livro de Enoch*, onde o autor descreve como os pastores matavam as ovelhas antes que viesse o seu Senhor; revelando-se assim o verdadeiro significado daquele até então misterioso lance da parábola de João: 'todos os que vieram antes de mim são ladrões e salteadores', em que há uma transparente alusão aos pastores alegóricos de Enoch."

"Transparente", sem dúvida, e algo mais ainda. Porque, se Jesus proferiu aquelas palavras no sentido que se lhe atribui, denotaria ter lido o *Livro de Enoch*, reconhecendo implicitamente o mérito e a importância de uma obra oculta e cabalística, que as Igrejas cristãs hoje declaram apócrifa. Além disso, não devia ele ignorar que essas mesmas palavras faziam parte de um antiquíssimo ritual de Iniciação⁷. E se Jesus não leu o *Livro de Enoch*, e a frase pertence a João ou a

(6) *Loc. cit.*, 250.

(7) "P. — Quem bate à porta?

R. — O bom pastor.

P. — Quem te precedeu?

R. — Os três ladrões.

P. — Quem te segue?

R. — Os três assassinos", etc.

Assim começava o interrogatório a que os sacerdotes submetiam os candidatos à iniciação, durante os mistérios que se celebravam nos mais antigos santuários dos contrafortes do Himalaia. Ainda se oficia esta cerimônia em um antiquíssimo templo situado num recanto isolado do Nepal. Teve origem nos mistérios do primeiro Krishna, e foi transmitida ao primeiro Tirthankara, até chegar a Buddha. Dá-se-lhe o nome de rito Kurukshetra, celebrando-se em memória da grande batalha e da morte do divino Adepto. Nada tem a ver com a Maçonaria, sendo uma iniciação nos ensinamentos ocultos daquele Herói. Ocultismo, pura e simplesmente.

quem escreveu o Quarto Evangelho, que confiança podemos ter na autenticidade de outras sentenças e parábolas atribuídas ao Salvador cristão?

De modo que a explicação de De Mirville não podia ser mais infeliz. Com a mesma facilidade se podem reduzir a nada todos os outros argumentos da Igreja com a intenção de provar o caráter diabólico dos copistas anteriores e posteriores aos cristãos. Pode isto não agradar, mas é a verdade. *Magna est veritas, et prevalebit* [Grande é a verdade, e prevalecerá].

Assim respondem os ocultistas às duas acusações de que constantemente são alvo: "superstição" e "feitiçaria". Aos nossos irmãos cristãos que nos lançam em rosto o sigilo imposto aos chelas orientais, dizendo que sua "Escritura Sagrada" é um "livro aberto" para que todos "o leiam, compreendam e sejam salvos", redarguimos convidando-os a que estudem quanto acabamos de expor nesta Seção, e depois o refutem, se puderem. Pouca gente há em nossos dias que esteja ainda disposta a sustentar que a *Bíblia* teve

"Deus como autor, a salvação como fim, e a verdade estreme de erro como tema".

Se a Locke se pudesse hoje interrogar sobre o assunto, sua resposta certamente já não seria a de que a *Bíblia*

"é em tudo pura e sincera, sem nada conter de mais nem de menos".

Ainda que a *Bíblia* não seja o oposto de tudo isso, necessita, infelizmente, de um intérprete versado nas doutrinas orientais, como as expõem os livros secretos. E, depois que o Arcebispo Laurence traduziu o *Livro de Enoch*, já não é possível afirmar, citando Cooper, que a *Bíblia*

... ilumina todas as idades,
sem nenhuma luz tomar de empréstimo,

porque ela o faz em grande escala, sobretudo na opinião dos que, ignorando a sua significação simbólica e o caráter universal das verdades nela subjacentes e ocultas, julgam o seu contexto só pelas aparências da letra morta. É a *Bíblia* um grande livro, uma obra-prima, composta de sugestivas e engenhosas fábulas, que encerram importantíssimas verdades, ainda que perceptíveis somente a quem, como os Iniciados, possui a chave do significado oculto. É realmente uma série de contos sublimes, por seu alcance moral e seus ensinamentos; mas que não deixam de ser contos e alegorias; um repertório de personagens imaginados, em suas mais antigas partes judaicas, e um conjunto de parábolas e sentenças enigmáticas, em suas posteriores adições; e, portanto, capaz, tudo isso, de extraviar os que não conhecem o seu esoterismo. Por outra parte, o que há no *Pentateuco*, quando lido exotericamente, é puro sabeísmo ou astrolatria; convertendo-se, porém, em ciência arcaica e astronomia, numa escala maravilhosa e surpreendente, quando esotericamente interpretado.

SEÇÃO VIII

O "LIVRO DE ENOCH", ORIGEM E FUNDAMENTO DO CRISTIANISMO

Enquanto atribuem grande importância ao *Mercadah*, os judeus, ou melhor, as sinagogas, repudiam o *Livro de Enoch*, seja porque não foi desde o princípio incluído no Cânon hebreu, seja porque, conforme pensava Tertuliano, "os judeus o renegaram juntamente com todas as demais escrituras que se referem a Cristo"¹.

Mas nenhuma dessas razões era a verdadeira. O Sinédrio não podia ocupar-se dele porque era mais um livro de magia do que uma obra de cunho cabalístico. Os teólogos, tanto católicos como protestantes, classificam-no entre as escrituras apócrifas. Entretanto, o *Novo Testamento*, particularmente nos *Atos* e nas *Epístolas*, transborda de idéias e doutrinas (aceitas hoje como dogmas pela infalível Igreja romana e por outras Igrejas) e até mesmo de frases inteiras tomadas de Enoch ou do autor que sob este nome escreveu o citado livro em língua aramaica ou sírio-caldaica, segundo afirma o Arcebispo Laurence, tradutor do texto etíope.

São de tal modo evidentes os plágios que o autor de *The Evolution of Christianity*, que editou a tradução de Laurence, não pode deixar de fazer algumas observações bem sugestivas em sua Introdução. Está convencido² de que o livro foi escrito antes da era cristã (dois ou vinte séculos, pouco importa). E argumenta com toda a lógica:

É a previsão inspirada de um grande profeta hebreu, que com maravilhosa exatidão antecipou os futuros ensinamentos de Jesus; ou o romance semítico que inspirou a este último suas idéias sobre a volta triunfal do Filho do Homem para ocupar um trono de justiça entre os santos que se rejubilam e os pecadores que tremem, ante a perspectiva da bem-aventurança eterna ou do fogo eterno. Quer se aceitem essas visões como humanas ou divinas, exerceram elas tal influência nos destinos da humanidade durante cerca de dois mil anos, que as pessoas que buscam sincera e imparcialmente a verdade religiosa não podem demorar por mais tempo a investigação das relações entre o *Livro de Enoch* e a revelação, ou evolução, do Cristianismo."³

(1) *Livro de Enoch*, tradução do Arcebispo Laurence; Introdução, pág. V.

(2) O *Livro de Enoch* permaneceu desconhecido na Europa durante mil anos, até que Bruce descobriu na Abissínia alguns exemplares em etíope. Foi traduzido pelo Arcebispo Laurence, em 1821, do exemplar existente na Biblioteca Bodleyana de Oxford.

(3) *Op. cit.*, pág. XX

Diz mais que o *Livro de Enoch*

"também admite o domínio sobrenatural dos elementos pela ação de anjos que presidem aos ventos, aos mares, ao granizo, à geada, ao orvalho, aos relâmpagos e aos trovões. E menciona os nomes dos principais anjos caídos, entre os quais podemos identificar alguns dos invisíveis poderes mencionados nas invocações [mágicas] gravadas nos cálices de terracota que se usavam nos conjuntos hebreu-caldeus"⁴.

Também se lê nesses cálices a palavra "Aleluia", o que mostra que "uma palavra antigamente empregada pelos sírio-caldeus em seus conjuros se converteu, por vicissitudes da língua, no Shibboleth dos modernos Reformistas"⁵.

Em seguida, cita o editor da tradução Laurence cinquenta e sete versículos de passagens diversas dos *Evangelhos* e dos *Atos dos Apóstolos*, confrontando-os com outros semelhantes do *Livro de Enoch*, e acrescenta:

"A atenção dos teólogos concentrou-se na passagem da *Epístola de Judas*, porque o autor nomeia especificamente o profeta; mas a coincidência cumulativa de linguagem e de idéias em Enoch e nos autores do *Novo Testamento*, que transparece no paralelo que fizemos, está claramente a indicar que a obra do Milton semita foi a fonte onde os evangelistas e os apóstolos (ou aqueles que escreveram sob os seus nomes) beberam seus conceitos de ressurreição, juízo final, imortalidade, condenação, reino da justiça universal, com a eterna soberania do Filho do Homem. Estes plágios evangélicos atingem seu ponto culminante no Apocalipse de São João, que adapta as visões de Enoch ao Cristianismo, com retoques em que se nota a ausência da sublime simplicidade do Mestre admirável que profetizou em nome do patriarca pré-diluviano."⁶

Em homenagem à verdade, devia-se pelo menos aventar a hipótese de que o *Livro de Enoch* em sua forma atual é apenas uma cópia de textos bem mais antigos, com inúmeras adições e interpolações, umas anteriores e outras posteriores à era cristã. As investigações modernas chegam a assinalar que no capítulo LXXI Enoch dividiu o dia e a noite em dezoito partes, assinando ao dia mais comprido do ano doze dessas dezoito partes, quando não era possível haver um dia de dezesseis horas na Palestina. Observa o tradutor Arcebispo Laurence que:

"A região em que viveu o autor não devia estar situada abaixo do 45° grau de latitude norte, onde o dia mais longo dura quinze horas e meia, nem acima talvez do 49° grau, onde o dia de maior duração é precisamente de dezesseis horas. Daqui se infere que o autor do *Livro de Enoch* o escreveu em um país situado pelo menos na mesma latitude dos distritos setentrionais do mar Cáspio e do Ponto Euxino [mar Negro] ... e talvez pertencesse a uma das tribos que Saimanasar levou e fixou em Halah e em Habor, perto do rio Goshen, e nas cidades dos Medas."⁷

Mais adiante ele admite que:

"Não se pode dizer que seja evidente a superioridade do *Velho Testamento* sobre o *Livro*

(4) *Loc. cit.*

(5) *Op. cit.*, pág. XIV, nota.

(6) *Op. cit.*, pág. XXXV

(7) *Op. cit.*, pág. XIII.

de Enoch... O *Livro de Enoch* ensina a preexistência do Filho do Homem, o Eleito, o Messias, que 'desde o princípio existia em segredo'⁸, e cujo nome era invocado 'em presença do Senhor dos Espíritos, antes de serem criados o Sol e as constelações'. O autor também se refere a 'outro Poder que naquele dia estava na Terra sobre as águas' — uma aparente alusão à linguagem do *Gênesis* I, 2⁹. [Nós sustentamos que se aplica igualmente ao Nârâyâna hindu: 'aquele que se move sobre as águas']. Temos assim o Senhor dos Espíritos, o Eleito e um Terceiro Poder, o que parece sugerir a futura Trindade [do mesmo modo que a Trimurti]; mas, embora a idéia messiânica de Enoch exercesse uma importante e indubitável influência nas primitivas concepções sobre a Divindade do Filho do Homem, não temos suficientes indícios para identificar sua obscura referência a outro 'Poder' com o trinitarismo da escola de Alexandria; tanto mais que os 'anjos do poder' abundam nas visões de Enoch."¹⁰

Difícilmente um ocultista hesitaria em identificar o citado "Poder".

Eis como o editor conclui suas interessantes reflexões:

"Podemos assim conjecturar que o *Livro de Enoch* foi escrito antes da era cristã por algum ilustre desconhecido pertencente à raça semítica [?], o qual, crendo-se inspirado em uma época posterior à dos profetas, tomou o nome de um patriarca pré-diluviano¹¹ para dar cunho de autenticidade a sua exaltada predição do reinado do Messias. E como a tessitura deste maravilhoso livro entrou profusamente na composição do *Novo Testamento*, segue-se que, se não foi um profeta inspirado, que predisse os ensinamentos do Cristianismo, terá sido um visionário exaltado, cujas ilusões os evangelistas e os apóstolos perfilharam como verdades reveladas; conclusões alternativas que implicam a origem divina ou humana do Cristianismo."¹²

Tudo isso, ainda segundo as palavras do mesmo editor, conduz

"à descoberta de que a linguagem e as idéias da suposta revelação foram baseadas em uma obra preexistente, que os evangelistas e os apóstolos aceitaram como inspirada, mas que os teólogos modernos consideraram apócrifa"¹³.

Também se explica deste modo a relutância dos reverendos diretores da "Biblioteca Bodleyana" em publicar o texto etíope do *Livro de Enoch*.

As predições do *Livro de Enoch* são realmente profecias, mas abrangem cinco das sete Raças — deixando em segredo todas as coisas referentes às duas últimas Raças. É, portanto, errônea a observação do editor ao dizer que:

"O capítulo XCII registra uma série de profecias que se estendem desde os tempos de Enoch até mil anos depois da presente geração."¹⁴

As profecias vão até o fim da Raça atual, e não somente até daqui a "mil anos". É bem verdade que:

(8) O Sétimo Princípio, a Primeira Emanação.

(9) *Op. cit.*, págs. XXXVII e XI.

(10) *Op. cit.*, págs. XL e LI.

(11) Que representa o ano "solar" ou manvantárico.

(12) *Op. cit.*, págs. XLI e XLII.

(13) *Op. cit.*, pág. XLV111.

(14) *Op. cit.*, pág. XXIII.

"No sistema cronológico adotado [pelos cristãos] costuma-se [eventualmente] chamar dia a um século, e semana a sete séculos."¹⁵

Mas é um sistema fantasioso e arbitrário, que os cristãos imaginaram para acomodar certos fatos e teorias à cronologia bíblica, e não corresponde ao pensamento original. Os "dias" representam os períodos indeterminados das Raças Secundárias, e as "semanas" os das Sub-raças; as Raças-Raízes são expressas por uma palavra que a tradução inglesa omite. Além disso, é inteiramente errônea a proposição que se vê no final da página 150, a saber:

"Depois, na quarta semana... as visões dos santos e dos justos aparecerão, estabelecer-se-á a ordem de geração após geração."¹⁶

No original consta: "a ordem de geração após geração fora estabelecida na terra", etc.; isto é, depois que a primeira raça humana, procriada pelo método verdadeiramente humano, havia surgido da Terceira Raça-Raiz — o que altera completamente o significado. Tudo quanto se vê na tradução inglesa (e é provável que também no texto etíope, pois as cópias foram sensivelmente modificadas) como referente a coisas que iam suceder no futuro figura nos manuscritos caldeus originais como acontecimentos do passado; não se tratando, assim, de profecia, mas de uma narrativa de fatos que se passaram. Quando Enoch começa a falar "segundo um livro"¹⁷, está lendo o relato feito por um grande vidente, e a este pertencem as profecias, não a Enoch.

Enoch ou Enoichion significa "olho interno" ou vidente, e, portanto, a todo Profeta ou Adepto se pode dar o nome de "Enoichion", sem que seja um pseudo Enoch. Mas, aqui, o vidente que compilou o *Livro de Enoch* está procedendo à leitura de um livro, conforme se vê claramente da seguinte passagem:

"Eu sou o sétimo que nasceu na primeira semana [o sétimo ramo ou raça secundária da primeira sub-raça da terceira Raça-raiz, depois de iniciada a geração física] ... Mas, depois de mim, na segunda semana [segunda sub-raça], grandes maldades se manifestarão [ou antes, se manifestaram]; acontecendo nessa semana o fim da primeira, para salvação do gênero humano. Mas, quando a primeira se completar, a iniquidade crescerá."¹⁸

A tradução, tal como se acha (isto é, sem os colchetes da autora), carece de sentido. Segundo o que está no texto esotérico, o significado é que a primeira Raça-Raiz chega ao seu fim durante a segunda sub-raça da terceira Raça-Raiz, período em que se salva o gênero humano; nada tendo isso a ver com o dilúvio bíblico.

O versículo décimo alude à sexta semana [sexta sub-raça da terceira Raça-Raiz], quando

"Todos aqueles que dela fazem parte ficarão em trevas, e seus corações estarão completamente esquecidos da sabedoria [o conhecimento divino terá desaparecido], e nela surgirá um homem."

(15) *Locã cit.*

(16) CXII, 9.

(17) *Op. cit.*, XVII, 4.

(18) *Op. cit.*, XCII, 4-7.

Nesse “homem”, por misteriosas razões, vêem os intérpretes Nebuchadnezzar; mas em verdade é o primeiro Hierofante da raça propriamente humana (depois da alegórica queda na geração), eleito para perpetuar a sabedoria dos Devas (Anjos ou Elohim), que estava na iminência de extinguir-se. É o primeiro “Filho do Homem” — misterioso cognome dado aos divinos Iniciados da primeira escola humana dos Manushi (homens), já quase no fim da Terceira Raça-Raiz. Também se chama “Salvador”, porque foi ele quem, juntamente com os demais hierofantes, salvou os Eleitos e os Perfeitos do cataclisma geológico então ocorrido¹⁹ e em que pereceram todos os que haviam olvidado a antiga sabedoria, entregues aos prazeres sensuais.

“E durante este período [o da ‘sexta semana’, ou sexta sub-raça] queimará ele a casa senhorial [a metade do globo ou o continente então habitado], e a raça inteira da semente eleita será dispersada.”²⁰

Refere-se isso aos Iniciados eleitos, e de modo algum ao povo judeu, supostamente escolhido por Deus, ou ao cativo de Babilônia, conforme a interpretação dos teólogos cristãos. Considerando que vemos Enoch (ou quem lhe perpetuou o nome) mencionar a execução do “decreto contra os pecadores” em várias semanas diferentes²¹, e que durante este quarto período (a Quarta Raça) “toda obra ímpia desaparecerá da face da terra”, dificilmente podemos relacionar tais palavras ao único dilúvio da *Bíblia*, e menos ainda ao cativo de Babilônia.

Segue-se, portanto, que, abrangendo o *Livro de Enoch* cinco Raças do Manvantara, com raras alusões às outras duas (as últimas), decerto não é uma compilação de profecias bíblicas, mas simplesmente de fatos coligidos nos Livros Secretos do Oriente. Demais, confessa o editor que:

“Os seis versículos precedentes, a saber, do 13.º ao 18.º, foram tirados do 14.º e do 15.º do capítulo XIX, de cujo texto fazem parte nos manuscritos.”²²

Com essa arbitrária transposição, fez aumentar ainda mais a confusão. Contudo, está inteiramente certo quando diz que as doutrinas dos *Evangelhos*, e até as do *Velho Testamento*, foram todas extraídas do *Livro de Enoch*, porque isto é de uma clareza meridiana. Todo o *Pentateuco* foi escrito com o deliberado propósito de corroborar os fatos expostos, o que explica por que os judeus não reconheceram validade canônica ao *Livro de Enoch*, outrotanto sucedendo com os cristãos. Entretanto, o apóstolo São Judas e muitos Padres da Igreja a ele se referem como um livro sagrado e uma revelação, prova de que os primeiros cris-

(19) No fim de cada Raça-Raiz sobrevém um cataclisma geológico, alternadamente pelo fogo e pela água. Imediatamente após a “Queda na geração”, o refúgio da Terceira Raça-Raiz (os que caíram na sensualidade, esquecendo os ensinamentos dos Instrutores divinos) foi destruído, surgindo então a Quarta Raça-Raiz, em cujo final se deu o último dilúvio. Veja-se *Ísis sem Véu*, I, págs. 593 e segs., onde se fala nos “Filhos de Deus”.)

(20) *Op. cit.*, XII, 11.

(21) *Op. cit.*, XCII, 7, 11, 13, 15.

(22) *Op. cit.*, nota, pág. 152.

tãos o aceitavam; e os mais eruditos (como por exemplo Clemente de Alexandria) compreenderam o Cristianismo e suas doutrinas de modo inteiramente diverso do de seus sucessores modernos, vendo Cristo sob um aspecto que só os ocultistas podem apreciar. Os primitivos Nazarenos e *crestãos* (conforme os chama São Justino Mártir) foram seguidores de Jesus, do verdadeiro Chrestos ou Christos da Iniciação; mas os cristãos modernos, e em especial os do Ocidente, quer gregos ou romanos, calvinistas ou luteranos, dificilmente merecerão o título de cristãos, isto é, discípulos de Jesus, o Cristo.

O *Livro de Enoch* é, assim, inteiramente simbólico, e relata a história das Raças humanas e de suas primeiras relações com a Teogonia; e aos seus símbolos estão entressachados mistérios astronômicos e cósmicos. Falta-lhe, porém, um capítulo (tanto no manuscrito de Paris como no da Biblioteca Bodleyana), na parte referente a Noé, o capítulo LVIII da seção X, que não pôde ser aproveitado, por restarem apenas alguns fragmentos desfigurados. O sonho das vacas e das três novilhas, uma preta, outra vermelha e a terceira branca, relaciona-se com as primeiras Raças, sua divisão e seu desaparecimento. O capítulo LXXXVIII, no qual se diz que um dos quatro Anjos “se aproximou das vacas brancas e lhes contou um mistério”, e que este mistério nasceu e “se converteu em um homem”, alegoriza, por um lado, o primeiro grupo evolucionado dos árias, e, por outro, o chamado “Mistério do Hermafrodita”, que se refere ao nascimento das primeiras raças humanas, tais como hoje são. Nesse mistério se inspirou o conhecido rito indiano, que até hoje sobrevive, do renascimento ou transmigração através da vaca, cerimônia a que se devem submeter os homens de casta inferior que aspirem a ser brâmanes. Se um ocultista oriental ler atentamente o citado capítulo do *Livro de Enoch*, verá que o “Senhor das Ovelhas”, em quem os místicos e os cristãos europeus vêem o Cristo, outro não é senão o Hierofante-Vítima, cujo nome sânscrito não ousamos declinar. E, conquanto os clérigos ocidentais enxerguem na imagem “das ovelhas e dos lobos” um símbolo dos egípcios e israelitas, ela realmente simboliza as provas do neófito e os mistérios da iniciação, tanto na Índia como no Egito, e também a terrível pena em que incorriam os “lobos”, ou seja, aqueles que indiscretamente revelam os segredos cujo conhecimento era privativo dos Eleitos e dos “Perfeitos”.

Erram os cristãos que, enganados por interpolações posteriores²³, converteram esse capítulo em uma tríplice profecia — sobre o Dilúvio, Moisés e Jesus; porque na realidade ali se cogita do castigo e destruição dos Atlantes, e da pena imposta aos perjuros. O “Senhor das Ovelhas” é o Karma, e também o “Chefe dos Hierofantes”, o Supremo Iniciador na Terra. Ele responde a Enoch, quando este lhe implora que salve os pastores de serem devorados pelas feras:

“Farei com que venham à minha presença, ... e relatem quantos eles votaram à

(23) Estas interpolações e alterações se encontram em quase todas as passagens simbólicas, sobretudo onde figuram os números onze e doze, que os cristãos relacionam com o da tribo de Israel, o dos Patriarcas e o dos Apóstolos. O Arcebispo Laurence, tradutor do texto etíope, atribui geralmente a “erros dos copistas” as diferenças entre o manuscrito de Paris e o da Biblioteca Bodleyana de Oxford. Suspeitamos, porém, que na maioria dos casos tais erros de cópia não existem.

destruição, e... o que irão fazer; se procederão ou não segundo os meus mandamentos.

Contudo, eles deverão ignorar isso; nenhuma explicação lhes dará; nem os reprová-los; pois haverá uma conta de todas as destruições que cometeram em suas respectivas épocas²⁴.

... Ele olhou em silêncio, regozijando-se por terem sido devorados, tragados e arrebatados, e deixando-os com as feras, para servirem de alimento...²⁵

Enganam-se os que julgam que os ocultistas rejeitam a *Bíblia* em seu texto e significação originais. É como se rejeitassem os *Livros de Thoth*, a Cabala caldéia ou o próprio LIVRO DE DZYAN. Apenas não admitem o elemento humano e as interpretações parciais e tendenciosas da *Bíblia*, que, tanto quanto os outros, é um livro oculto e sagrado.

Terrível, em verdade, é o castigo dos que transpõem os limites assinados às revelações secretas. Desde Prometeu a Jesus, e desde Jesus ao mais elevado Adepto, como ao mais humilde discípulo, todos os reveladores de mistérios tinham que ser Chrestos, “homens de aflições” e mártires. Disse um grande Mestre: “Guardai-vos de revelar os mistérios aos estranhos!” — ou seja, aos profanos, saduceus e incrédulos.

Todos os grandes Hierofantes da história sofreram morte violenta, como Buddha²⁶, Pitágoras, Zoroastro, a maior parte dos grandes gnósticos, os fundadores das respectivas escolas, e, mesmo em nossos tempos modernos, muitos filósofos “do fogo”, rosa-cruzes e Adeptos. Todos eles aparecem, de modo claro

(24) *Op. cit.*, LXXXVIII, 99, 100.

(25) *Loc. cit.*, 94. Esta passagem, como veremos adiante, conduziu a uma descoberta extremamente curiosa.

(26) Segundo os historiadores profanos, Gautama Buddha morreu com a idade avançada de oitenta anos, passando desta vida com a serenidade de um grande santo e na mais completa paz de espírito. Assim o diz Barthélemy Saint-Hilaire. Mas esta afirmação não se compadece com a genuína interpretação esotérica, que dá o verdadeiro significado da versão profana e alegórica, segundo a qual o Buddha morreu prosaicamente em consequência de uma indigestão de carne de porco que lhe foi preparada por Tsonda. Os orientalistas ocidentais nunca se deram ao trabalho de excogitar como podia um filósofo como Buddha ter morrido por comer carne de porco, ele que sempre pregou ser a matança de animais um dos mais graves pecados, e que seguia rigorosamente o regime vegetariano. Alguns desses orientalistas, em coro com os piedosos missionários da ilha de Ceilão, viram na suposta ocorrência um motivo de galhofa. Mas a verdade é que o episódio do “arroz com porco” é simplesmente alegórico. O arroz representa, como a maçã de Eva, o “fruto proibido”, e entre os chineses e os tibetanos simbolizava o Conhecimento Oculto; e o “porco” era um emblema dos ensinamentos bramânicos, havendo Vishnu, em seu primeiro avatar, tomado a forma de javali, a fim de erguer a terra acima da superfície das águas. Não foi porque comesse “porco” que o Buddha morreu, e sim por haver divulgado os mistérios bramânicos; após o que, verificando o mau resultado que a revelação produzira em pessoas não preparadas para recebê-la, preferiu renunciar ao Nirvana, e, desprendendo-se de sua forma terrestre, permanecer ainda na esfera dos vivos, com o objetivo de ajudar o progresso da humanidade. Daí a razão de suas constantes reencarnações na hierarquia dos Dalai-Lamas e Teshu-Lamas — entre outras provas de compaixão.

ou sob o véu da alegoria, sofrendo punições por terem revelado certas coisas. E, ainda que para o leitor profano tais fatos não sejam mais que simples coincidências, para o ocultista a morte de cada “Mestre” se reveste de aspectos sumamente significativos. Onde quer que a história nos depare um “Mensageiro”, maior ou menor, iniciado ou neófito, que tenha tomado a iniciativa de divulgar alguma das verdades até então ocultas, vemo-lo crucificado ou atassalhado pelos “cães” da inveja, da maldade e da ignorância.

Tal é a terrível lei oculta; e quem não se sentir com coração de leão para não fazer caso dos selvagens latidos, e com alma de pomba para perdoar a estultícia dos ignorantes, deve renunciar ao estudo da Ciência Sagrada. Para vencer, o ocultista tem que desconhecer o medo; arrostar os perigos, a infâmia e a morte; estar disposto sempre a perdoar, e a calar o que não deve ser revelado. Os que se têm esforçado nesse sentido, que aguardem aqueles dias de que fala o *Livro de Enoch*, quando “serão consumidos os malfetores” e aniquilado o poder dos malvados. Ao ocultista não é lícito vingar-se, não é permitido alimentar o desejo de vingança. Mas antes lhe cumpre

“Esperar até que o pecado se desvaneça; porque os seus nomes [os dos pecadores] serão apagados dos livros santos [os registros astrais], destruídas as suas sementes e mortos os seus espíritos”²⁷.

Esotericamente, Enoch é o “Filho do homem”, o primeiro; e, simbolicamente, é a primeira sub-raça da *Quinta Raça-Raiz*²⁸. E se o seu nome convém, em face dos índices numéricos e astronômicos, ao significado do ano solar, ou 365, conforme a idade que lhe atribui o *Gênesis*, é porque, sendo o sétimo, ele representa e personifica o período das duas Raças precedentes, com as suas quatorze sub-raças. Por esse motivo, aparece no Livro como bisavô de Noé, que por sua vez personifica a humanidade da Quinta Raça-Raiz em luta com a da Quarta — o grande período dos mistérios revelados e profanados, quando os “filhos de Deus” baixaram à terra e tomaram por esposas as “filhas dos homens”, ensinando-lhes os segredos dos Anjos; em outras palavras, quando os homens “nascidos da mente” da Terceira Raça se mesclaram com os da Quarta, e a Ciência divina foi pouco a pouco degenerando em feitiçaria.

(27) *Op. cit.*, CV, 21.

(28) Na *Bíblia* (*Gênesis*, IV e V), vemos três personagens distintos com o mesmo nome de Enoch (Kanoth ou Chanock): o filho de Caim, o filho de Seth e o filho de Jared; mas são todos idênticos, e dois deles servem unicamente para desorientar. E só se mencionam as idades dos dois últimos, não havendo nenhuma referência à do primeiro.

SEÇÃO IX

DOUTRINAS HERMÉTICAS E CABALÍSTICAS

A cosmogonia de Hermes é tão velada quanto o sistema mosaico, mas os seus característicos externos estão muito mais em harmonia com os ensinamentos da Ciência Secreta, e até mesmo com os da Ciência moderna. Diz Trismegisto, o três vezes grande:

“A mão que modelou o mundo na matéria preexistente não é mão.”

No *Gênesis* — embora a *Cabala* negue seja este o significado de seus primeiros versículos — a frase correspondente é:

“O mundo foi criado do nada.”

Nem os cabalistas nem os hindus arianos jamais admitiram semelhante absurdo. Para eles, o Fogo, ou o Calor, e o Movimento¹ foram os agentes principais que modelaram o mundo na matéria preexistente. O Parabrahman e o Mulaprakriti dos vedantinos são os protótipos do Ain-Soph e do Shekinah dos cabalistas. Aditi é o original de Sefhira, e os Prajâpatis são os irmãos mais velhos dos Sephiroth. A teoria nebular da Ciência moderna, com todos os seus mistérios, está explicada na cosmogonia da Doutrina Arcaica; mostrando-se que no enunciado paradoxal, e sem embargo científico, de que

“o esfriamento produz a contração, e a contração produz o calor; e, portanto, o esfriamento produz o calor”,

está o principal fator da formação dos mundos, e especialmente do nosso Sol e do sistema solar.

Todo aquele que possuir a chave encontrará o significado de tudo isso nos trinta e dois admiráveis Caminhos da Sabedoria que, sob o signo de “Jah Jehovah Sabaoth”, se mencionam no *Sepher Yetzireh*.

(1) O eterno e incessante movimento de “inspiração e expiração de Parabrahman”, ou da Natureza e do Universo no Espaço, durante os Manvantaras e os Pralayas.

Quanto à exegese dogmática ou teológica dos primeiros versículos do *Gênesis*, a resposta pertinente está naquele mesmo livro, quando se refere às Três Mães — o Ar, a Água e o Fogo, que o autor descreve como uma balança contendo

“o bem em um dos pratos, o mal no outro, e entre ambos o fiel”².

Foi sempre o mesmo, em todos os países, um dos nomes secretos da Eterna, Una e Onipresente Divindade, nome esse que até hoje subsiste, com ligeiras variações fonéticas, nos diversos idiomas. A sílaba sagrada *Aum* dos hindus se converteu no *Ἀῶν*, *Aion*, dos gregos, e no *AEvum* dos romanos — o Pan, ou Tudo.

Ao “Trigésimo Caminho” chama o *Sepher Yetzireh* “compreensão do conjunto”, porque

“é por ele que os Adeptos celestes julgam o conjunto das estrelas e dos signos, constituindo suas observações das órbitas a perfeição da ciência”³.

O “Trigésimo segundo” e último é ali chamado “compreensão do serviço”, porque é

“o ordenador de todos os que estão servindo na obra dos Sete Planetas, segundo as Legiões a que pertencem”⁴.

A obra era a Iniciação, durante a qual se comunicavam todos os mistérios relacionados com os “Sete Planetas” e também com o mistério do “Iniciado-Sol” e suas sete irradiações ou raios separados — a glória e o triunfo do ungido, o Christos; mistério que esclarece estas enigmáticas palavras de Clemente:

“Porque veremos que muitos dos dogmas de tais seitas [dos bárbaros e dos filósofos gregos], que não chegaram de todo a perder o seu sentido e não se divorciaram da ordem da natureza [“suprimindo o Cristo”, ou melhor, o Chrestos], são afins por sua origem e como parcelas da verdade integral.”⁵

Em *Ísis sem Véu*⁶ encontrará o leitor uma informação mais ampla, que aqui não podemos dar, a respeito do *Zohar* e de seu autor, o grande cabalista Simeão Ben Jochai. Dissemos ali que Simeão, por estar de posse do conhecimento secreto e do *Mercabah*, que lhe permitia receber a “Palavra”, teve a vida em perigo,

(2) *Op. cit.*, III, 1.

(3) *Op. cit.*, 30.

(4) Compreenderão facilmente a alusão os que sabem que os gnósticos (como também os antigos iniciados do paganismo grego) chamavam Christos ao Ego Superior. Dizia-se que Christos se separava do Ego Inferior, ou Chrestos, após a final e suprema iniciação, quando ambos se haviam fundido em um; desaparecendo o Chrestos para ressuscitar no glorioso Christos. — Franck, *Die Kabala*, 15; Dunlap, *Sôd*, vol. II.

(5) *Stromata*, I, cap. XIII, 389.

(6) *Op. cit.*, II, cap. VIII.

e foi obrigado a fugir para o deserto, buscando abrigo em uma caverna, onde viveu por mais doze anos, cercado de fiéis discípulos, e morreu entre manifestações de prodígios⁷. Seus ensinamentos sobre a origem da DOUTRINA SECRETA, ou Sabedoria Secreta, como também a chamava, são idênticos aos que vemos no Oriente, com a diferença de que ele menciona “Deus” em vez de o Chefe de uma Legião de Espíritos Planetários, dizendo que no princípio Deus ensinou a Sabedoria a certo número de Anjos eleitos — não coincidindo neste ponto com os ensinamentos orientais, conforme mostraremos.

Temos sob os olhos alguns estudos sintéticos e cabalísticos sobre o sagrado *Livro de Enoch* e o Taro (Rota). É o manuscrito de um ocultista ocidental, em cujo prefácio se lêem as seguintes palavras.

“Não há senão uma Lei, um Princípio, um Agente, uma Verdade e uma Palavra. O que está em cima é análogo ao que está em baixo. Tudo o que existe é o resultado de quantidades e de equilíbrios.”

Essa tríplice epígrafe e o axioma de Eliphas Lévi mostram a identidade de pensamento entre o Oriente e o Ocidente no que se refere à Ciência Secreta, que é, conforme nos diz aquele manuscrito,

“A chave das coisas ocultas, a chave do santuário. É a Palavra sagrada, que dá ao Adepto a suprema razão do Ocultismo e de seus mistérios. É a quintessência das filosofias e das doutrinas. É o Alfa e o Ômega; é a Luz, a Vida e a Sabedoria Universal.”

O Taro (ou Rota) do sagrado *Livro de Enoch* contém ainda no prefácio a seguinte explicação:

“A antiguidade deste livro se perde na noite dos tempos. Sua origem é indiana, e remonta a época muito anterior a Moisés... Foi escrito sobre folhas soltas, que no princípio eram de ouro fino e de outros metais preciosos... Seu estilo é simbólico, e suas combinações se adaptam a todos os anelos do espírito. Apesar de alterado pela ação do tempo, conserva ainda, graças à ignorância dos curiosos, o primitivo caráter em seus principais tipos e figuras.”

Esta é a Rota de Enoch, chamada hoje o Taro de Enoch, a que, conforme vimos, alude De Mirville, dizendo que “as placas [ou folhas] metálicas não destruídas pelo dilúvio” foram utilizadas pela “magia diabólica”, que ele atribui a Caim. Escaparam ao dilúvio pela simples razão de que este não foi um “cata-

(7) Muitos são os prodígios que ocorreram em sua morte, ou, melhor diríamos, em sua translação; porque ele não morreu como os demais homens, mas desapareceu repentinamente; e, enquanto uma forte luz enchia a caverna com o seu resplendor, puderam ainda os discípulos ver sumindo o corpo de Simeão. Quando se desvaneceu a luz celestial, retornando a caverna à semi-escuridão habitual, só então — diz Ginsburg — “perceberam os discípulos que se havia apagado a lâmpada de Israel”. Contam seus biógrafos que durante as exéquias se ouviram vozes procedentes do Céu, e que no momento de baixar o ataúde ao sepulcro surgiu uma chama e ouviu-se uma potente e majestosa voz que dizia: “Este é o que fez estremecer a terra e abalar os impérios.”

clisma" universal. Diz-se que o livro é de "origem indiana" porque remonta aos árias da primeira sub-raça da Quinta Raça-Raiz, antes da completa destruição do último reduto da Atlântida. Mas, se o Taro é contemporâneo dos antepassados dos hindus primitivos, não coube à Índia a primazia de conhecê-lo. Sua origem vem de mais longe ainda, sendo preciso rastreá-la na região do Himaleh, a Cordilheira Nevada [Himalaia]⁸, ou mesmo além. Surgiu naquele misterioso rincão que ninguém pôde localizar e que é o desespero dos geógrafos e dos teólogos cristãos; ali onde o brâmane situa o seu Kailâsa, o monte Sumeru e o Pârvati-Pamir, transformado pelos gregos em Paropamisso.

As tradições que se referem ao Jardim do Éden também se relacionam com esse lugar; e dele os gregos derivaram o seu Parnaso⁹. Provieram de lá muitos dos personagens bíblicos, homens alguns, semideuses e heróis outros, e mais alguns — muito poucos — que não passavam de mitos, duplos astronômicos dos primeiros. Abraão era um destes — um brâmane caldeu¹⁰, segundo a lenda, cujo nome (Abram) mais tarde se transformou em A-brahm¹¹ ou A-braham, depois que ele renegou os seus deuses e saiu de Ur (*pur*, "cidade"?), emigrando da Caldéia. Assim se explica que Abraão se tornasse o "pai de muitas nações".

O estudante de Ocultismo deve ter na mente que os deuses e heróis dos antigos panteões (inclusive o da *Bíblia*) possuem, por assim dizer, três biografias nas tradições ou narrativas de suas vidas e feitos — biografias que são paralelas entre si, refletindo cada qual um dos aspectos do herói: histórico, astronômico e mítico. Este último aspecto serve de vínculo entre os outros dois, e se destina também a suavizar as asperezas e discrepâncias da narrativa, e a associar em um ou vários símbolos as verdades contidas nos dois primeiros. Os lugares guardam correspondência com acontecimentos astronômicos e mesmo psíquicos. Assim, ficou a História cativa do antigo Mistério, para tornar-se depois a grande Esfinge do século XIX. Sucede, porém, que não é ela que devora os importunos perguntadores que pretendem a todo custo decifrá-la; mas, em vez disso, é o moderno Édipo que a profana e mutila, forçando-a depois a afogar-se no mar das especulações. Está isso hoje evidenciado, não só pelos Ensinaamentos Se-

(8) Talvez Pockocke não esteja de todo errado quando supõe derivar-se de Himalaia a palavra alemã *himmel* (céu); nem se pode negar que da palavra hindu *Kailâsa* (céu) se originou o *koilom* dos gregos, assim como o latino *coelum*.

(9) No livro de Pockocke *India in Greece* se diz que a denominação do monte Parnaso vem de *pârnasa*, as choças dos ascetas hindus, feitas de folhas e ramos, mixto de santuário e habitação. "Dá-se o nome de Parnaso a uma parte do Par-o-Pamisus (a colina de Bamian)." "Estes montes se chamam Devanika, porque estão cheios de devas ou deuses, conhecidos por 'Deuses da Terra', Bhu-Devas. Segundo os *Purânas*, viviam eles em cabanas ou choças, que eram chamadas Parnasa por serem construídas com folhas (Parnas)" (pág. 302).

(10) Segundo Rawlinson, é inegável uma influência ariana e védica na mitologia primitiva e na história de Babilônia e Caldéia.

(11) Esta é uma afirmação da DOUTRINA SECRETA, que pode ou não ser aceita. Mas os personagens bíblicos Abraão (Abrahm), Isaac e Judah se parecem espantosamente com os indianos Brahmâ, Ikshvâku e Yadu.

cretos (ainda que em doses parcimoniosas), sendo também pelos estudos de geométricas e simbologistas cultos e sérios.

Em seu livro *Key to the Hebrew-Egyptian Mystery*, o esclarecido maçom ocupa-se em desvendar o enigmas de um Deus que se manifesta de forma tão pouco divina como o Jah-ve bíblico; e para prosseguir o estudo foi constituída uma sociedade de eruditos sob a presidência de um cavalheiro do Ohio, com quatro vice-presidentes, um dos quais é o conhecido astrônomo e egiptólogo Piazzi Smyth. O problema é também discutido pelo Diretor do Real Observatório da Escócia, autor de *The Great Pyramid, Pharaonic by name, Humanitarian by facts, its Marvels and its Teachings*. Trata ele de provar nessa obra, como o fez o citado autor americano, que o sistema de medidas atualmente usado na Inglaterra é o mesmo que os egípcios antigos empregaram na construção de sua Pirâmide; ou, conforme as palavras textuais de Skinner, que “o côvado antigo e a polegada inglesa” derivaram da mesma “fonte de medidas” faraônicas. Esta, porém, deu origem a muito mais do que isso, como ficará plenamente demonstrado antes de terminar o século XX. Não só tudo nas religiões ocidentais está relacionado com medidas, figuras geométricas e cálculos cronológicos que se vêem nas indicações referentes à maior parte dos personagens históricos¹², mas também estes se relacionam efetivamente com o céu e a terra; a relação, no entanto, é com o céu e a terra dos indo-arianos, e não com os da Palestina.

É no primitivo panteão da Índia que se devem buscar os protótipos de quase todos os personagens bíblicos. Os Patriarcas ou “Filhos da Terra” procedem dos Filhos “Nascidos da Mente” de Brahmâ, ou melhor, dos Dhyâni-Pitris (os “Deuses-Pais”) ou “Filhos da Luz”. Porque, assim como o *Rig Vêda* e seus três irmãos *Vedas* foram “elaborados com fogo, ar e sol”, isto é, com Agni, Indra e Sûrya, como nos diz o *Manu-Smriti*, também o *Antigo Testamento* foi inegavelmente “elaborado” com lucubrações de engenhosíssimos cérebros de cabalistas hebreus, em parte no Egito e em parte na Babilônia, “desde o princípio centro da literatura sânscrita e dos ensinamentos bramânicos”, segundo esclarece o

(12) Em sua obra *The Gnostics and their Remains* (pág. 13), diz C. W. King a propósito dos nomes de Brahmâ e Abram: “Esta cifra do *homem*, Seir Anpim, consta de 243 algarismos, que representam o valor numérico das letras do nome ‘Abram’, significando as diferentes ordens das hierarquias celestes. Os nomes de Abram e Brahmâ têm, realmente, o mesmo valor numérico.” A quem esteja familiarizado com o simbolismo esotérico, não há de parecer estranho, pois, ver nos Lokapâlas (os quatro pontos cardeais e os intercardesais da rosa dos ventos, personificados por oito deuses hindus) o elefante de Indra, chamado Abhra (mâtanga), e sua esposa Abhramu. De certo modo, Abhra é uma Divindade da Sabedoria, visto que este elefante teve a sua cabeça substituída pela de Ganesha (Ganapati), o Deus da Sabedoria, que Shiva decapitou. Ora, Abhra quer dizer “nuvem”, e, lido de trás para diante, é também o nome da cidade onde se supõe que Abram residiu: “Arba (Kirjath), a cidade de quatro... Abram é Abra com a adição de um *m* final; e Abra, lido às avessas, é Arba” (*Key to the Hebrew-Egyptian Mystery*, Apêndice II, pág. 211). O autor podia ter acrescentado que, sendo o significado de Abra em sânscrito “nas nuvens ou das nuvens”, se esclarece ainda mais o simbolismo cosmo-astronômico de Abram. Todos esses nomes devem ler-se em seus originais da língua sânscrita.

Coronel Vans Kennedy. Um dos tipos copiados foi o de Abram ou Abraham, em cujo seio esperam descansar depois da morte todos os judeus ortodoxos. Está o seio de Abraão situado no "céu das nuvens", ou Abhra¹³.

De Abraão ao Taro de Enoch parece haver uma enorme distância, conquanto estejam os dois estreitamente ligados por mais de um vínculo. Demonstrou Gaffarel que os quatro animais simbólicos que figuram na vigésima primeira chave do Taro, no terceiro setenário, são os Terafins dos judeus, inventados e adorados pelo pai de Abraão, Terah, e usados nos oráculos dos Urins e Thummins.

Além disso, astronomicamente Abraão é a medida solar e uma parte do sol, enquanto Enoch é o ano solar, como Hermes ou Thoth; e, numericamente, Thoth "era o equivalente de Moisés, ou de Hermes", "o senhor dos reinos inferiores e considerado um mestre de sabedoria", conforme diz o matemático maçom Skinner. E sendo o Taro, de acordo com uma das últimas bulas do Papa, "uma invenção do Inferno", como igualmente "a Maçonaria e o Ocultismo", evidente é a relação. O Taro, em verdade, contém o mistério de todas essas transmutações de personagens em corpos siderais e *vice-versa*. A "roda de Enoch" é um símbolo arcaico, dos mais antigos que se conhecem, encontrando-se também na China. Diz Eliphas Lévi que não havia uma só nação que o não tivesse; e que o seu verdadeiro significado era mantido no mais completo sigilo.

Vemos, portanto, que nem o [*Livro de Enoch* (sua "Roda"), nem o] *Zohar*, nem outra obra cabalística, seja qual for, contém pura e simplesmente sabedoria judaica. Sendo a doutrina em si mesma o resultado de milênios e milênios de pensamento, não pode deixar de constituir o patrimônio comum dos Adeptos de todas as nações da Terra. Nada obstante, é o *Zohar* o livro que mais ensinamentos práticos de Ocultismo encerra; não de acordo com as traduções e comentários habituais dos críticos, mas à luz dos signos secretos estampados à margem do original. Estes signos dão as instruções ocultas, que nada têm a ver com as interpretações e os aparentes absurdos tão apressadamente aceitos por Josefo, que, por não ser iniciado, expôs somente a *letra morta*, tal como lhe ensinaram¹⁴.

[Esta seção enfeixa apenas parte da Seção II do manuscrito de 1886.]

(13) Antes que estas teorias e especulações (admitindo-as como tais) sejam impugnadas, haverá que explicar os seguintes pontos:

1º Por que, depois que Abram deixou o Egito, Jehovah lhe alterou o nome para Abraham?

2º Por que sua mulher Sarai passou, de igual modo, a chamar-se Sarah? (*Gen.*, XVII.)

3º De onde provém a estranha coincidência de nomes?

4º Por que diria Alexandre Polístor que Abraão nasceu em Kamarina ou Uria, cidade de adivinhos, e que inventou a Astronomia?

5º "As reminiscências abraâmicas remontam a pelo menos três mil anos antes da época em que se supõe ter vivido o avô de Jacob" — diz Bunsen em seu livro *Egypt's Place in History* (V, 35).

(14) *Ísis sem Véu*, II. pag. 350.

SEÇÃO X

VÁRIOS SISTEMAS OCULTOS DE INTERPRETAÇÃO DE ALFABETOS E CIFRAS NUMÉRICAS

Não é lícito expor em uma obra impressa os métodos transcendententes da *Cabala*; mas podem ser descritos os seus diversos sistemas de processos aritméticos e geométricos para a interpretação de certos símbolos.

Os métodos de cálculo do *Zohar*, com suas três seções Gematria, Notaricon e Temura, e ainda o Albath e o Algath¹, são de prática muito difícil. Só é capaz de compreendê-los o cabalista que for um verdadeiro mestre em sua ciência. O simbolismo de Pitágoras requer tarefa ainda mais árdua; para compreender toda a essência de suas doutrinas seriam necessários anos de estudo, tal a multiplicidade de símbolos.

As principais figuras do simbolismo pitagórico são: o quadrado (o Tetraktys), o triângulo equilátero, o ponto no círculo, o cubo, o tríplice triângulo, e finalmente a quadragésima sétima proposição dos elementos de Euclides, inventada pelo próprio Pitágoras, que, à parte esta exceção, não foi o autor dos demais símbolos, como geralmente se supõe. Milhares de anos antes eram já conhecidos na Índia, de onde os trouxe o filósofo de Samos, não como uma curiosidade especulativa, mas como ciência demonstrada, conforme afirma Porfírio, citando o pitagórico Moderato:

“Os números de Pitágoras eram símbolos hieroglíficos, por meio dos quais ele explicava *todas* as idéias relativas à natureza das coisas.”²

A figura geométrica fundamental da Cabala, tal como se vê no *Livro dos Números*³, e que, segundo a tradição e o ensinamento da Doutrina Esotérica, a

(1) Aos que desejarem ampliar o estudo desta matéria, recomendamos que perlustrem as obras de Cornélio Agripa. — Veja-se *Ísis sem Véu*, vol. II, págs. 298-300. A palavra Gematria é uma metátese da grega *γραμματεία*, *gramateia*. Notaricon pode ser comparado a estenografia. Temura é *permutação*, ou seja, um processo de dividir o alfabeto e mudar a posição das letras.

(2) *De Vita Pythag.*

(3) Não sabemos de nenhuma biblioteca na Europa que inclua em seu catálogo

própria Divindade deu a Moisés no monte Sinai⁴, contém a chave do problema universal, em suas grandiosas mas simples combinações. Essa figura traz em si todas as demais.

O simbolismo dos números e de suas inter-relações matemáticas é também um dos ramos da Magia, especialmente da Magia mental, a adivinhação e a correta percepção clarividente. Os sistemas diferem, mas a idéia fundamental é a mesma em toda a parte. Conforme ensina Kenneth R. H. Mackenzie em *Royal Masonic Cyclopaedia*:

“Um sistema adota a unidade; outro a trindade; um terceiro a base de cinco. Há também os sistemas hexagonais, pentagonais, eneagonais, e assim por diante, até que a mente se perde só em contemplar os elementos da ciência dos números.”⁵

Os caracteres Devanâgari, em que geralmente se escreve o sânscrito, contém tudo o que há nos alfabetos hermético, caldeu e hebraico, e mais o simbolismo oculto do “som eterno” e o significado atribuído a cada letra em sua relação com as coisas espirituais e as coisas terrenas. Como o alfabeto hebreu tem apenas vinte e duas letras e dez números fundamentais, enquanto o Devanâgari se compõe de trinta e cinco consoantes e dezesseis vogais, perfazendo no total cinquenta e uma letras simples, com inúmeras combinações adicionais, é proporcionalmente muito mais ampla a margem deixada pelo sânscrito à especulação e ao conhecimento. Cada letra tem seu equivalente em outros idiomas, e em um ou vários números da tábuca de cálculos. Tem ainda muitos outros significados, que dependem das idiosincrasias e característicos da pessoa, objeto ou assunto a ser estudado.

Assim como os hindus pretendem que os caracteres Devanâgari lhes foram ensinados por Sarasvati, a inventora do sânscrito, a “língua dos Devas” ou Deuses (do seu panteão exotérico), assim também a maioria dos povos antigos reivindicam idêntico privilégio quanto à origem de seus alfabetos e idiomas. A Cabala chama ao alfabeto hebraico “letras dos Anjos”, que teriam sido comunicadas aos Patriarcas do mesmo modo por que o foram os caracteres Devanâgari aos Rishis pelos Devas. Os caldeus viram as letras do seu alfabeto traçadas no céu pelas “estrelas e cometas ainda instáveis” — assim diz o *Livro dos Números*; e os fenícios deviam o seu alfabeto sagrado ao colear das serpentes divinas. O Natar Khari ou alfabeto hierático dos egípcios, assim como sua linguagem secreta (sacerdotal), tem estreita relação com a antiquíssima “linguagem da DOUTRINA SECRETA”. É um Devanâgari, com adições e combinações místicas, nas quais entra em larga escala o Senzar.

algum exemplar desta antiga obra; mas é um dos “Livros de Hermes”, e dele há referências, inclusive transcrições, em muitas obras de filósofos antigos e medievais, entre as quais *Rosarium Philosoph.*, de Arnaldo di Villanova, *Opus de Lapide*, de Francesco Arnuphi, *Tractatus de Transmutatione Metallorum* e *Tabula Smaragdina*, de Hermes Trismegisto, e sobretudo o tratado de Raimundo Lully, *Ab Angelis Opus Divinum de Quinta Essentia*.

(4) Êxodo, XXV, 40.

(5) *Op. cit.*, sub-voce “Numbers”, pág. 514.

A eficácia e o poder dos números e letras de todos esses sistemas são bem conhecidos de muitos ocultistas ocidentais; mas ainda os ignoram os estudantes (quando não os próprios ocultistas) do Oriente. Por sua vez, os cabalistas europeus geralmente desconhecem os segredos alfabéticos do esoterismo hindu. Ao mesmo tempo, os leitores ocidentais em regra nada sabem de ambos os sistemas, nem de longe suspeitam dos sulcos profundos deixados no Cristianismo pelos sistemas esotéricos de numeração do mundo antigo.

No entanto, tais sistemas numéricos solucionam o problema da cosmogonia; sendo que os de figuras geométricas representam os números objetivamente.

Para bem compreender as idéias de Divinização e Abstração na antiguidade, é preciso estudar a origem das representações simbólicas dos filósofos daquele tempo. Os *Livros de Hermes* constituem o mais antigo repositório da simbologia numérica do ocultismo ocidental. Vemos ali que o número dez⁶ é a Mãe da Alma, e nele se unem a Vida e a Luz. Porque, segundo mostra o anagrama sagrado Teruph no *Livro das Chaves* (Números), o *um* nasceu do espírito, e o *dez* da matéria: “a unidade fez o dez, e o dez a unidade”; o que, sob outra forma, equivale ao conhecido aforismo panteísta: “Deus na Natureza, e a Natureza em Deus.”

A Gematria cabalística é aritmética, e não geométrica. É um método para decifrar o sentido oculto das letras, palavras e frases. Consiste em aplicar às letras de uma palavra o respectivo significado numérico, assim em sua forma externa como em sua expressão intrínseca. Assim o explica Ragon:

“O número 1 significava o homem vivente (um corpo em pé), pois o homem é o único ser que pode manter-se nessa posição. Acrescentando ao 1 uma cabeça, obtinha-se o P, o signo (ou letra) que simbolizava a paternidade, o poder criador. O R era o homem em marcha (com um pé adiante), caminhando, *iens, iturus* ⁷.

Os caracteres eram também supletivos da linguagem falada, pois cada letra representava ao mesmo tempo um som para o ouvido e uma idéia para a mente; como, por exemplo, a letra F, cujo som é *cortante*, como o do ar que se desloca velozmente através do espaço; fúria, fender, flecha, fusil, fuga são palavras que expressam e descrevem o que significam.” ⁸

Mas o que se acha transcrito pertence a outro sistema, o da formação primitiva e filosófica das letras — e não à Gematria.

A Temura é outro método da Cabala, por meio do qual um anagrama pode esconder um mistério. Assim, lemos no *Sepher Yetzireh*: “Um — o Espírito do Alahim de Vidas.” Nos mais antigos diagramas cabalísticos, os *Sephiroth* (o sete e o três) estão representados como rodas ou círculos, e Adão Kadmon, o homem primordial, como uma coluna vertical. “Rodas e serafins e as criaturas santas” (*Chioth*), diz o rabino Akiba. Ainda em outro sistema da Cabala simbó-

(6) Veja-se *Denarius Pythagoricus*, de Johannes Meursius.

(7) Ragon, *Maçonnerie Occulte*, pág. 426, nota.

(8) *Ibid.*, pág. 432, nota.

lica, denominado Albath, as letras do alfabeto são dispostas por pares em três filas. Os pares da primeira valem numericamente *dez*; e no sistema de Simeão Ben Shetah (um neoplatônico alexandrino que viveu no reinado do primeiro Ptolomeu) o par que vem na frente — o mais sagrado de todos — é precedido do número pitagórico: um, e um zero, 10.

Todos os seres, desde a primeira emanção divina, ou “Deus manifestado”, até a mais ínfima existência atômica, “têm o seu número particular, que distingue cada um deles e é a fonte de seus respectivos atributos, qualidades e destinos”. O acaso, como ensinava Cornélio Agripa, em realidade não é senão um termo desconhecido da progressão; e o tempo não passa de uma sucessão de números. E, portanto, sendo o futuro uma combinação de acaso e tempo, devem ambos entrar nos cálculos ocultos para saber o resultado de um acontecimento ou o destino que aguarda uma pessoa.

Disse Pitágoras:

“Entre os deuses e os números há uma relação misteriosa, na qual se fundamenta a *aritmancia*. A alma é um mundo dotado de movimento próprio; a alma se contém a si mesma, e é o quaternário, a Tetraktys [o cubo perfeito].”⁹

Há números faustos e nefastos, benéficos e maléficos. Assim, enquanto o ternário (3), primeiro número ímpar (pois a unidade, 1, é o número perfeito e subsiste por si mesmo em ocultismo), era a figura divina (ou o triângulo), a diáda (2) foi sempre mal vista pelos pitagóricos, porque representava a matéria, o princípio passivo e mau — o número de Mâyâ, a ilusão.

“Ao passo que o número *um* simbolizava a harmonia, a ordem ou o princípio do bem (o Deus único, expresso em latim por *Solus*, de onde vem a palavra Sol, o símbolo da Divindade), o número *dois* exprimia a idéia contrária. Assim teve início a ciência do bem e do mal. Tudo o que é duplo, falso, oposto à realidade única, era descrito como binário. Do mesmo modo se expressavam os contrastes que se observam na Natureza: noite e dia, luz e trevas, frio e calor, umidade e secura, saúde e doença, erro e verdade, macho e fêmea... Os romanos dedicaram a Plutão o segundo mês do ano, e celebravam no segundo dia desse mês cerimônias expiatórias em honra dos Manes — e daí se originou o mesmo rito instituído pela Igreja Latina e servilmente copiado. O Papa João XIX decretou no ano de 1003 que o dia 2 de novembro, segundo mês do outono, fosse consagrado à Festa dos Mortos.”⁹

Por outra parte, o triângulo, a figura geométrica por excelência, era altamente honrado em todos os países, pelas razões seguintes:

“Em geometria não se pode obter uma figura absolutamente perfeita nem com uma nem com duas linhas retas. Mas três linhas retas em conjunção produzem um triângulo, ou a figura absolutamente perfeita. Por isso é que o triângulo sempre simbolizou e ainda simboliza o Eterno — a primeira perfeição. A palavra designativa da Divindade principia, em latim como em francês, por um D, e em grego por um ‘delta’ ou triângulo, cujos três lados representam a trindade, ou os três reinos, ou ainda a

(9) Extraído de *Maçonnerie Occulte*, pág. 427, nota, de Ragon.

natureza divina. No centro do triângulo simbólico está a letra hebraica *Yod*, a inicial de Jehovah¹⁰ — o espírito animador, o fogo, o princípio gerador expresso nos idiomas setentrionais pela letra G, inicial de 'God', e cuja significação filosófica é geração.”¹¹

Como judiciosamente observa Ragon, a Trimurti hinduísta é personificada no mundo das idéias por Brahmâ, Vishnu e Shiva, ou Criação, Conservação e Destruição; e no mundo da matéria pela Terra, a Água e o Fogo ou o Sol¹². E é simbolizada pelo Lótus, a flor que vive graças à terra, à água e ao sol.

O Lótus, consagrado a Ísis, tinha a mesma significação no Egito; mas, como esta planta não medra nem na Palestina nem no Egito, foi substituída pelo lírio no simbolismo cristão. Em todas as igrejas gregas e latinas, vê-se nos quadros da Anunciação o Arcanjo Gabriel com esse símbolo trinitário na mão diante da Virgem Maria, e acima do altar-mor, ou sob o domo, o Olho do Eterno dentro do triângulo, em substituição do Yod hebraico ou Deus.

Em verdade, diz Ragon, houve um tempo em que os algarismos e as letras do alfabeto significavam algo mais que a representação de um simples som.

“Seu caráter era então mais nobre. Cada signo tinha, por sua forma, um sentido completo que, além do significado da palavra, comportava uma dupla¹³ interpretação, adaptada a uma doutrina dual. Assim, quando os sábios desejavam escrever algo que só

(10) Eliphas Lévi, *Dogme et Rituel*, I, 154.

(11) Condensado da obra citada de Ragon, pág. 428, nota.

(12) Ragon menciona o curioso fato de que em alemão os nomes dos quatro primeiros números” correspondem aos dos elementos.

“*Ein*, ou um, significa o ar, o elemento que, sempre ativo, penetra inteiramente a matéria, e que, por seu incessante fluxo e refluxo, é o veículo universal da vida.

“*Zwei*, dois, é derivado do antigo alemão *zweig*, que significa germe, fecundidade; e simboliza a terra, a mãe fecunda de todas as coisas.

“*Drei*, três, é o *trienos* grego, que representa a água; donde *tritões*, os deuses da água, e *tridente*, o cetro de Netuno — sendo o mar (ou a água) geralmente designado por *Anfitrite*, isto é, a água circundante.

“*Vier*, quatro, número que em flamengo significa fogo... É no quaternário que se encontra a primeira figura sólida, o símbolo universal da imortalidade, a Pirâmide, ‘cuja primeira sílaba quer dizer fogo’. Lísis e Timeu de Locros sustentavam que não havia uma só coisa cujo nome não tivesse raiz no quaternário... A engenhosa e mística idéia que induziu à veneração do ternário e do triângulo aplicou-se ao número quatro e à sua figura; dizia-se que representava um ser vivo, 1, veículo do triângulo, 4, veículo de Deus, ou do homem que traz em si o princípio divino.”

Finalmente, “os antigos representavam o mundo pelo número cinco. Deodoro o explica, dizendo que este número simboliza a terra, a água, o fogo o ar e o éter ou espírito. Daí a origem de *Pente* (cinco) e de *Pan* (o Deus), palavra que em grego significa ‘tudo’. (Corteje-se com Ragon, *op. cit.*, págs. 427-430.) Deixemos que os ocultistas indianos expliquem a relação entre a palavra sânscrita *Pancha* (cinco) e os elementos; pois que o grego *Pente* tem sua raiz nesse termo sânscrito.

(13) O sistema dos chamados caracteres *Senzar* é ainda mais admirável e complexo: cada uma das letras encobre vários significados, e um signo especial anteposto dá a chave do verdadeiro.

os doutos pudessem entender, inventavam uma história ou fábula, um sonho ou qualquer outra narrativa de ficção, envolvendo nomes de homens e localidades, cuja grafia pudesse revelar o pensamento verdadeiro do autor. Foram elaboradas desse modo todas as suas criações religiosas.”¹⁴

As denominações e os termos empregados tinham, cada qual, sua razão de ser. O nome de uma planta ou de um mineral indicava desde logo sua natureza ao Iniciado. Percebia este facilmente a essência das coisas quando representadas por tais caracteres. A escrita chinesa conserva ainda grande parte desse estilo gráfico e descritivo, embora esteja perdido o segredo do sistema em seu conjunto. Contudo, ainda hoje há na China quem seja capaz de escrever numa só página toda uma longa história ou a matéria de um volume inteiro: e os símbolos, que têm sua explicação histórica, alegórica e astronômica, sobreviveram até os nossos dias.

Por outra parte, existe entre os Iniciados uma linguagem universal, que os Adeptos, ou mesmo os discípulos, de qualquer nacionalidade, entendem como se fosse o seu próprio idioma. Os europeus, pelo contrário, possuem apenas um signo gráfico que é comum a todos: o & (e). Há uma linguagem mais rica em termos metafísicos que outra qualquer das existentes na terra; e cujas palavras são expressas por signos comuns. A chamada “Littera Pythagorae”, o Y grego (Y maiúsculo), por exemplo, escrita isoladamente em uma mensagem, seria tão explícita quanto uma página inteira de frases, porque servia de símbolo para muitas coisas — como a Magia branca e a Magia negra¹⁵. Suponhamos que um homem dirigisse a outro a seguinte pergunta: A que escola de magia pertence isto ou aquilo? e recebesse como resposta a letra com o braço direito mais grosso que o esquerdo; significava isso: à magia da mão direita, ou Magia divina. Mas se a letra fosse traçada do modo habitual, com o braço esquerdo mais grosso que o direito, significaria o contrário. No braço direito ou no esquerdo estava toda biografia de um homem. Na Ásia, e especialmente nos caracteres Devanâgari, cada letra tinha vários significados secretos.

As chaves proporcionadas pela Cabala representam uma parte do seu mais sagrado tesouro de conhecimentos, pois dão as interpretações do sentido oculto dos escritos apocalípticos. Assegura São Jerônimo que a Escola dos Profetas conheceu e ensinou essas interpretações, o que é bem possível. O versado hebraísta Molitor, em sua obra sobre a tradição, diz que:

“As vinte e duas letras do alfabeto hebraico eram consideradas uma emanção ou expressão visível das forças divinas inerentes ao inefável nome.”

Essas letras têm seus equivalentes numéricos, e são substituíveis por eles, tal como sucede nos outros sistemas. Por exemplo, a duodécima e a sexta letras

(14) Ragon, *op. cit.*, pág. 431, nota.

(15) Esotericamente o Y significa não só os dois caminhos da virtude e do vício como representa ainda o número 150, e com um traço por cima 150.000.

do alfabeto valem dezoito em um nome; as demais letras deste nome são sempre substituídas pela soma de seus correspondentes números — sendo todas essas cifras submetidas depois a um processo algébrico que as transforma novamente em letras; e, finalmente, estas últimas revelam ao investigador “os mais ocultos segredos da divina Permanência (o eterno em sua imutabilidade) no Futuro”.

[Grande parte desta seção, e não raro com o mesmo texto, é a primeira parte da Seção III do manuscrito de 1886.]

SEÇÃO XI

O HEXÁGONO COM O PONTO CENTRAL OU A SÉTIMA CHAVE

Discorrendo sobre a virtude dos nomes (Baalshem), Molitor acredita ser impossível negar que a Cabala, apesar de seus abusos de hoje, assenta em base profundamente científica. E argumenta que, se se pretende

“que ante o nome de Jesus todo e qualquer outro nome deve inclinar-se, por que não haveria de ter a mesma força o Tetragrammaton?”¹

Nisso há lógica e bom senso. Alguma virtude há de ter o hexágono formado por dois triângulos que se entrecortam: Pitágoras o considerava como o símbolo da criação; os egípcios como o da união do fogo e da água (ou da geração); os essênios nele viam o selo de Salomão; os judeus o escudo de David; os hindus o emblema de Vishnu (e assim é ainda nos dias atuais); e até na Polônia e na Rússia é reputado como um poderoso talismã. A universal veneração que os antigos dedicaram a este símbolo é motivo bastante para que não seja olhado com desprezo ou como coisa ridícula por quem lhe ignore o significado oculto. É de ver que o hexágono geralmente conhecido é substitutivo de outro usado pelos Iniciados. Em uma obra tântrica existente no Museu Britânico terrível maldição é invocada sobre aquele que revelar entre profanos o verdadeiro hexágono oculto, que tem os nomes de “Signo de Vishnu”, “Selo de Salomão”, etc.

Na sétima chave de *As Coisas Ocultas* vem explicado o grande poder do hexágono — com o seu signo central místico, o T, ou a Svástika, um setenário. Ali se diz:

“A sétima chave é o hieróglifo do setenário sagrado, da realeza, do sacerdócio [a Iniciação], do triunfo e do resultado real através do esforço. É o poder mágico em toda a sua plenitude, o verdadeiro ‘Reino Sagrado’. Na filosofia hermética é a quintessência resultante da combinação das duas forças do grande Agente Mágico [Akasha ou Luz Astral]... É igualmente Jakin e Boaz, ligados pela vontade do Adepto e submetidos à sua onipotência.”

(1) *Tradition*, cap. sobre “Números”.

Em magia, a força desta chave é absoluta. Todas as religiões consagraram o signo em seus ritos.

Atualmente só podemos ter um rápido vislumbre da longa série de obras pré-diluvianas, das quais só nos restam alguns fragmentos, não raro desfigurados. Apesar de serem todas a herança da Quarta Raça (hoje sepultada nas profundezas insondáveis do oceano), não se deve por isso rejeitá-las.

Conforme já dissemos, só havia uma Ciência na aurora do gênero humano: a Ciência Divina. Se a humanidade dela abusou ao chegar ao seu período adulto, sobretudo as últimas sub-raças da Quarta Raça-Raiz, foi por culpa e pecado dos que na prática profanaram o conhecimento divino — e não por culpa dos que permaneceram fiéis às doutrinas originais. Porque a moderna Igreja católica romana, contumaz em sua tradicional intolerância, houve por bem tachar agora como descendentes dos “Kishchuphs, Camitas, Kasdins, Cefenes, Ofitas e Khartumins” (todos “sequazes de Satã”), os ocultistas, maçons e até os inocentes espíritas — não se segue que realmente o sejam. A religião de Estado, a religião oficial de cada país, sempre e em todos os tempos se desembaraçou facilmente dos credos rivais, fazendo crer que eram perigosas heresias; e a velha religião de Estado católica romana o fez tanto quanto a moderna.

Mas o anátema em nada contribuiu para esclarecer o público sobre os mistérios das Ciências Ocultas. E, de certo modo, é até mais vantajoso para o mundo o ignorá-los. Os segredos na Natureza muitas vezes são como espada de dois gumes, que entre mãos indignas pode converter-se em arma homicida. Quem, nos dias de hoje, sabe alguma coisa do real significado e do poder intrínseco de certos caracteres e signos (talismãs), para fins ora benéficos ora maléficos?

Para o erudito das universidades modernas carece de sentido, apesar das referências encontradas na literatura clássica, tudo quanto se refere aos fragmentos rúnicos e aos escritos do Kischuph, disseminados nas antigas bibliotecas medievais; às cópias das letras ou caracteres efésios e milésios; ao três vezes famoso *Livro de Thoth*; e aos terríveis tratados (que ainda se conservam) de Targes, o Caldeu e de seu discípulo Tarchon, o Etrusco, que floresceram muito antes da guerra de Tróia. Quem neste século acredita na arte, descrita por Targes, de provocar e dirigir raios? No entanto, essa mesma arte está mencionada na literatura bramânica, e Targes copiou os seus “raios” dos “astras”, aqueles terríveis engenhos de destruição de que se valeram os árias do Mahâbhârata². Todo um arsenal de bombas de dinamite seria de pálida eficácia em comparação com essa espantosa arte, se algum dia viessem a conhecê-la os ocidentais. A idéia do *uril* de Lord Bulwer Lytton lhe foi inspirada por um antigo fragmento que ele traduziu. Foi até providencial que se houvessem queimado os livros descobertos no túmulo de Numa, evitando-se assim que os seus segredos caíssem em mãos dos fazedores de guerras iníquas, dos anarquistas e dinamitadores desta nossa época, que tanto se distingue por esse gênero de virtudes e filantropia...

(2) O “astra” era uma espécie de arco e flecha com que se podia destruir instantaneamente um exército inteiro. A ele se referem o *Ramâyana*, os *Purânas* e outras escrituras.

Mas a ciência de Circe e de Medéia não desapareceu. Podemos vê-la sob a aparente algaravia dos Sutras tântricos, no *Kuku-ma* dos butanenses, e dos Dugpas do Sikkim e “Gorros-Vermelhos” do Tibete, e ainda na feitiçaria dos Mûla-Kûrumbas do Nilgiri. Felizmente, poucos entendem as invocações da magia “negra”, afora os grandes praticantes da Via da Esquerda e os Adeptos da Via da Direita, em cujas mãos os segredos mágicos estão em segurança. Do contrário, poderiam os Dugpas, tanto ocidentais como orientais, facilmente descartar-se de seus inimigos; e estes constituem legião, porque os diretos descendentes dos feiticeiros pré-diluvianos votam ódio a todos os que não estão com eles, alegando que são seus adversários.

Quanto ao “Pequeno Alberto” (volume semi-esotérico que é uma relíquia literária) e ao “Grande Alberto”, com os inúmeros exemplares antigos que ainda existem, tristes reminiscências dos mitos de Mãe-Shipton e Merlin (referimo-nos aos falsos), não passam de imitações vulgares das obras originais que têm os mesmos nomes. Assim, o “Pequeno Alberto” é cópia deformada do grande livro escrito em latim pelo Bispo Adalberto, ocultista do século VIII, condenado no segundo Concílio de Roma. Sua obra foi novamente impressa alguns séculos depois com o título de *Alberti Parvi Lucii Libellus de Mirabilibus Naturae* ³. Sempre foram espasmódicos os rigores da Igreja Romana. Quando sabemos daquela condenação, que durante muitos séculos colocou a Igreja em uma situação bem equívoca no tocante aos Arcanjos, Virtudes e Tronos de Deus, é de causar pasmo que não houvessem os jesuítas destruído os arquivos da História da França, com todas as suas inumeráveis crônicas e anais, assim como os do Escorial da Espanha. A história e as crônicas de ambos os países referem-se extensamente a um talismã inapreciável ofertado a Carlos Magno pelo Papa. Consistia em um pequeno livro de magia (ou melhor, de feitiçaria), cheio de figuras e signos cabalísticos, frases misteriosas e invocações aos astros. Eram amuletos contra os inimigos do Rei (*les ennemis de Charlemagne*); amuletos que foram de grande eficácia, conforme nos diz o cronista, pois “todos eles [os inimigos] morreram de morte violenta”. O livro tinha por título *Enchiridium Leonis Papae*; foi bom que houvesse desaparecido e nunca fosse impresso.

Traços confusos do alfabeto de Thoth também podem ser vistos no Taro que atualmente se vende em quase todas as livrarias de Paris. Mas outra coisa é compreendê-los ou saber utilizá-los; e os muitos profissionais da *buena-dicha* que ali existem são tristes exemplos de infrutuosas tentativas para ler — já não diremos interpretar corretamente — o simbolismo do Taro sem o preliminar estudo filosófico desta ciência. O verdadeiro Taro, com toda a sua simbologia, é o dos cilindros babilônicos que se podem ver e estudar no Museu Britânico e em outros lugares. Esses rombos antediluvianos ou cilindros rotatórios da Caldéia estão à disposição de quem os queira examinar, com os signos sagrados que os recobrem; mas ainda passará algum tempo antes que sejam revelados os segredos dessas “rodas” de adivinhação, ou “globos giratórios de Hecate”.

(3) [O Pequeno Livro de Albertus Parvus Lucius referente às Maravilhas Ocultas da Natureza.]

como os chama De Mirville. Entretanto, temos as “mesas giratórias” dos nossos médiuns modernos, para as crianças; e a Cabala, para os adultos. É uma ficha de consolação.

O público é sempre propenso a empregar palavras que não entende, e a julgar as coisas *prima facie*. Mui difícil é distinguir a exata diferença entre a Magia Branca e a Magia Negra, pois é preciso discernir os motivos que as inspiram e de que dependem os seus efeitos últimos, e não os imediatos, embora aqueles demorem anos a manifestar-se. “Entre a mão direita e a mão esquerda [Magia] não há mais que um fio de aranha” — diz um provérbio oriental. Meditemos na sabedoria desta sentença, e esperemos até que tenhamos aprendido um pouco mais.

Agora temos que examinar mais detidamente a relação que há entre a Cabala e a Gupta Vidyâ, ocupando-nos ainda dos sistemas esotéricos e numéricos. Mas antes devemos seguir a linha dos Adeptos na era pós-cristã.

[Esta seção contém grande parte da Seção III do manuscrito de 1886.]

SEÇÃO XII

O DEVER DO VERDADEIRO OCULTISTA PARA COM AS RELIGIÕES

Depois de nos termos referido aos Iniciados pré-cristãos e seus mistérios, e conquanto ainda reste algo por dizer sobre estes últimos, devemos dedicar algumas palavras aos Adeptos dos primeiros tempos do Cristianismo, sem levar em conta suas doutrinas e crenças pessoais, ou o lugar que ocupam na história, tanto a sagrada como a profana. Nossa tarefa consistirá em analisar o Adeptado, com os seus anormais poderes taumatúrgicos, ou psicológicos (como agora se diz); dando a cada Adepto o que lhe é devido, mediante o exame dos anais históricos que lhe dizem respeito e o estudo da lei de probabilidades em relação aos mesmos poderes.

Mas primeiramente deseja a autora justificar em poucas linhas o que tem a expor.

Seria injusto ver nestas páginas um desafio ou menosprezo à religião cristã, e muito menos o propósito de ferir sentimentos alheios. O teósofo não crê em milagres, sejam divinos ou satânicos. A esta distância de tempo, não pode ele obter senão provas *prima facie*, julgando-as consoante os resultados que se alegam. Para ele não há Santos, nem Feiticeiros, nem Profetas, nem Adivinhos; mas somente Adeptos, ou homens capazes de produzir fatos de caráter fenomenal, e que devem ser julgados segundo os seus atos e palavras. A única distinção que ao teósofo cabe fazer atualmente depende dos resultados obtidos, se foram benéficos ou prejudiciais às pessoas sobre quem o Adepto exercitou os seus poderes. A separação arbitrária entre "milagres" desta ou daquela religião, feita por seus respectivos sectários e defensores, não pode *nem deve* merecer a atenção do ocultista. É perfeitamente explicável a atitude do cristão sincero e ortodoxo quando, seguindo os ditames de sua religião, considera Pedro e Paulo como santos e apóstolos gloriosos inspirados por Deus, e vê em Simão o Mago e Apolônio de Tiana feiticeiros e nigromantes a serviço de supostas, potências diabólicas. Mas o ocultista, que quer devotar-se à verdade, e somente à verdade, está igualmente no seu direito quando discorda de tão unilateral ponto de vista.

O estudante de ocultismo não deve pertencer a nenhum credo ou seita especial; cumpre-lhe, no entanto, manifestar o maior respeito por todas as crenças

e religiões, se aspira a tornar-se um Adepto da Boa Lei. Não se deve aprisionar nem pelo preconceito nem pelas opiniões sectárias, sejam quais forem; terá que formar suas próprias convicções e chegar a conclusões próprias, valendo-se das regras e métodos de verificação que lhe proporciona a Ciência a cujo estudo se consagrou. Deste modo, se o ocultista, por exemplo, segue o Budismo e considera Gautama Buddha como o maior Adepto que já existiu, como a encarnação do amor isento de egoísmo, da infinita caridade e da moral puríssima, também ele verá a Jesus sob o mesmo jorro de luz, proclamando-o outra encarnação das virtudes divinas. Venerará a memória do grande Mártir, ainda quando o não reconheça como o Deus Único e Supremo feito homem na terra e o “Verdadeiro Deus dos Deuses” no céu. Amará o homem ideal por suas virtudes pessoais, e não por causa dos louvores de antigos fanáticos e sonhadores, nem das sutilezas calculistas dos dogmas teológicos. Admitirá também a maioria dos “milagres declarados”, explicando-os de conformidade com as regras de sua Ciência e o seu próprio critério psíquico. Negando a esses fatos o nome de “milagres” — na acepção teológica de sucessos contrários às leis da Natureza — verá neles apenas uma diversificação das leis até então conhecidas pela Ciência, o que é coisa bem distinta. Por outro lado, o ocultista, considerando os aspectos de certos casos referidos nos Evangelhos, estejam ou não comprovados, incluirá muitos deles entre os de boa magia ou Magia divina; e terá razão em classificar alguns outros como simplesmente alegóricos — tal, por exemplo, o da expulsão de demônios de uma manada de porcos¹ —, julgando-os prejudiciais à verdadeira fé, se tomados ao pé da letra. Essa a atitude do ocultista genuíno e imparcial. Neste particular, até mesmo os muçulmanos fanáticos, que vêem em Jesus de Nazaré um grande profeta, e demonstram respeito para com Ele, dão com isso uma admirável lição de caridade aos cristãos, quando estes admitem e ensinam que “a tolerância religiosa é ímpia e absurda”², nunca se referindo ao profeta do Islã senão para qualificá-lo de “falso profeta”.

É, portanto, à luz dos princípios do Ocultismo que vamos agora estudar as figuras de Pedro e Simão, Paulo e Apolônio.

Não foi sem boas razões que escolhemos esses quatro Adeptos para serem focados nestas páginas. Foram eles os primeiros no Adeptado pós-cristão (segundo o testemunho de escritos sagrados e profanos) a vibrar a nota dos “milagres”, ou seja, dos fenômenos físicos e psíquicos. Somente o fanatismo e a intolerância teológica podia, tão maliciosa quanto arbitrariamente, separar as duas partes harmoniosas em duas manifestações distintas de — Magia Divina e Magia Satânica, artes “celestes” e artes “infernais”.

(1) *Mateus*, VIII, 30-34.

(2) *Dogmatic Theology*, III, 345.

SEÇÃO XIII

ADEPTOS PÓS-CRISTÃOS E SUAS DOCTRINAS

Que sabe o mundo em geral a respeito de Pedro e Simão, por exemplo? Não os menciona a história profana; e o que diz a chamada literatura sagrada se reduz a umas poucas referências, disseminadas nos *Atos dos Apóstolos*. Quanto aos livros “*apócrifos*”, esta denominação só por si inibe os críticos de fiarem nas suas informações. Sustentam, porém, os ocultistas que, apesar dos preconceitos e dos aspectos unilaterais que possam conter, os *Evangelhos* apócrifos narram mais sucessos e fatos historicamente verdadeiros que o *Novo Testamento*, inclusive os *Atos*. Os primeiros representam a tradição sem retoque; os outros, isto é, os *Evangelhos* oficiais, são lendas artificialmente elaboradas. A santidade do *Novo Testamento* é uma questão de crença pessoal e fé cega; e, se o dever nos manda que respeitemos a opinião particular do próximo, não somos obrigados a comparti-la.

Quem foi Simão, o Mago, e que sabemos sobre ele? Segundo os *Atos*, chamavam-no “o grande Poder de Deus”, por seus notáveis conhecimentos em Artes mágicas. Diz-se que este samaritano foi batizado pelo apóstolo Felipe; e que mais tarde o acusaram de haver oferecido dinheiro a Pedro e a João para que lhe ensinasse a ciência de produzir “milagres” verdadeiros, já que os falsos, conforme se afirmava, eram inspirados pelo Demônio¹. E é tudo — sem falar nas palavras injuriosas com que é diretamente alvejado por operar “milagres” desta última espécie.

Orígenes menciona que Simão esteve em Roma durante o reinado de Nero², e Mosheim o inscreve entre os inimigos declarados do Cristianismo³; mas a tradição oculta não o acusa de coisa mais grave que o haver-se negado a reconhecer “Simeão” como Vigário de Deus; e se este “Simeão” era ou não Pedro é matéria ainda discutida pelos críticos.

Não passa de calúnia o que Irineu⁴ e Epifânio⁵ dizem de Simão, o Mago — a saber, que ele se proclamava a encarnação da Trindade, sendo o Pai na Samaria,

(1) *Atos*, VIII, 9, 10.

(2) *Adv. Celsum*.

(3) *Eccles. Hist.*, vol. I, pág. 140.

(4) *Contra Haereses*, I, XVIII, 1-4.

(5) *Ibid.*, II, 1-6.

o Filho na Judéia e o Espírito Santo entre os gentios. Os tempos mudam, e os acontecimentos se sucedem; a natureza humana é sempre a mesma, sob todos os céus e em todas as épocas. A acusação não é mais que o resultado e o produto do tradicional e já clássico *odium theologicum*. Não há um só ocultista (e todos têm sofrido pessoalmente, uns mais, outros menos, os efeitos do rancor teológico) que seja capaz de acreditar em tais coisas pela simples afirmativa de um Irineu, se é que este realmente escreveu aquelas palavras. Acrescenta-se ainda que Simão se fazia acompanhar de uma mulher, apresentando-a como Helena de Tróia, que já teria passado por cem reencarnações e fora anteriormente, no começo dos tempos, Sofia, a Sabedoria Divina, emanção da Mente Eterna do próprio Simão, quando era ele o “Pai”; e, por último, que Simão havia com ela “engendrado os Arcanjos e os Anjos que criaram o mundo”, etc.

Ora, sabemos até que ponto uma história se desenvolve, altera e desfigura, ao passar de boca em boca só entre meia dúzia de pessoas. Mas, por outro lado, todas essas declarações têm a sua explicação, havendo nelas um fundo de verdade. Simão o Mago foi um cabalista e místico que, como tantos outros reformadores, tentou fundar uma nova religião inspirada nos ensinamentos básicos da DOUTRINA SECRETA, sem divulgar mais que o necessário dos mistérios. Por que, então um místico como Simão, profundamente imbuído da verdade das sucessivas encarnações (deixemos de parte o número de “cem”, como um provável exagero de seus discípulos), não haveria de referir-se a alguém que ele conhecesse psiquicamente como a heroína daquele nome, e nos termos em que o disse (se é que realmente o fez)? Não vemos em nossos próprios dias homens e mulheres, intelectualmente dotados e de projeção social, que, sem ser charlatães, possuem a íntima convicção de ter sido — um a rainha Cleópatra, outro Alexandre Magno, e um terceiro Joana d’Arc, e assim por diante? É uma questão de crença individual, baseada num conhecimento maior ou menor do Ocultismo e na aceitação da moderna teoria da reencarnação. Esta última difere do genuíno ensinamento da antiguidade, como veremos; mas não há regra sem exceção.

Quanto à afirmação de ser Simão, o Mago, “uno com Deus-Pai, Deus-Filho e Deus-Espírito Santo”, pode-se considerá-la de todo natural e razoável, se admitirmos que o Místico ou o Vidente tem o direito de usar uma linguagem alegórica, que neste caso ainda mais se justifica em face da doutrina da Unidade universal, ensinada pela Filosofia Esotérica. Todo ocultista dirá o mesmo, com fundamento em razões para ele científicas e lógicas, e de acordo com os princípios que professa. Não há um só vedantino que não deixe de dizer outrotanto diariamente: ele é Brâhman, e é também Para-brâhman, uma vez que rejeita a individualidade de seu espírito pessoal e reconhece o divino Raio que mora no Eu Superior, como reflexo do Espírito Universal. Tal é, em todos os tempos e idades, o eco da primitiva doutrina das Emanações. A primeira emanção do Desconhecido é o “Pai”; a segunda o “Filho”; e tudo e cada uma das coisas promanam do Único ou daquele Espírito Divino que é “incognoscível”. Eis aí por que dizia Simão que, quando ainda estava no seio do Pai, isto é, quando ele mesmo era o Pai (primeira emanção coletiva), engendrou em Sofia (ou Minerva, a Sabedoria Divina) os Arcanjos (o “Filho”), que criaram o mundo.

Os próprios católicos, compelidos pelos irrefutáveis argumentos dos filólogos e simbologistas (que reduziram a nula expressão os dogmas e as autoridades da Igreja, invocando inclusive a pluralidade dos Elohim na *Bíblia*), admitem hoje que os Arcanjos, ou a Tsaba, a primeira “criação” de Deus, devem ter colaborado na formação do Universo. Não é lícito supor que,

“embora só Deus houvesse criado os céus e a terra..., possam eles [os Anjos], mesmo sem nenhuma participação na criação primordial *ex-nihilo*, ter recebido o encargo de ultimar, continuar e manter a obra criada” ⁶?

— pergunta De Mirville ao replicar a Renan, Lacour, Maury e *tutti quanti* do Instituto de França.

Com algumas modificações, é precisamente isso o que ensina a DOCTRINA SECRETA. E em verdade não há uma só doutrina pregada pelos reformadores religiosos dos primeiros séculos de nossa era, que não tenha por base essa cosmogonia universal. Leia-se o que diz Mosheim sobre as várias “heresias” que descreve. O judeu Cerinto

“ensinou que o Criador deste mundo... o Soberano Deus do povo judeu, foi um Ser... que emanou do Deus Supremo”;

mas que depois

“decaiu gradualmente de sua virtude original e de sua dignidade primitiva”.

Basíledes, Carpócrates e Valentim, gnósticos do século II, sustentavam as mesmas idéias, com pequenas variações. Basíledes admitia sete Eões (Legiões ou Arcanjos), emanados da substância do Supremo. Dois deles, o Poder e a Sabedoria, produziram as hierarquias celestes de primeira classe e dignidade; destas emanaram as de segunda; as de segunda deram nascimento às de terceira, e assim sucessivamente; sendo cada ordem de evolução menos elevada que a precedente. Cada classe de hierarquia criou para si mesma um Céu onde morar; e a natureza de cada céu diminuía em pureza e esplendor à medida que se aproximava da terra. Assim, o número destas moradas celestes chegou a 365, e a todas presidia o Supremo Desconhecido, Abraxas, nome que, de acordo com o sistema grego de numeração, equivale ao número 365, contendo este, em seu significado místico, o número 355, ou seja, o valor do homem⁷. Era este um

(6) *Des Esprits*, t. II, pág. 337.

(7) Dez é o número perfeito do Deus Supremo entre as divindades “manifestadas”, porque o 1 simboliza a Unidade universal, ou princípio masculino da Natureza, e o 0 é o símbolo do elemento feminino, o Caos, o Abismo. Os dois formam assim o símbolo da Natureza Andrógina, como também o valor completo do ano solar, que era ainda o de Jehovah e de Enoch. No sistema pitagórico, o 10 simbolizava o Universo, era também o símbolo de Enos, filho de Seth, ou o “Filho do Homem”, que por sua vez é o símbolo representativo do ano solar de 365 dias, e que, por isso mesmo, se menciona como tendo vivido 365 anos. Na simbologia egípcia, Abraxas era o Sol, o “Senhor dos céus”.

Mistério gnóstico, baseado no da primitiva Evolução, cujo final foi o homem.

Saturnilo de Antioquia ensinava a mesma doutrina, ligeiramente modificada. Admitia que existem dois princípios eternos: o Bem e o Mal — ou seja, o Espírito e a Matéria. Os sete Anjos, que presidem aos sete planetas, são os Construtores do nosso Universo (o que é uma doutrina genuinamente oriental, pois Saturnilo era um gnóstico asiático). Esses Anjos são os guardiães naturais das sete regiões do nosso Sistema Planetário; e um dos mais poderosos dentre eles (que são Anjos da *terceira* ordem) é “Saturno”, o Gênio que preside ao planeta e o Deus do povo hebreu, Jehovah, venerado pelos judeus, que lhe consagraram o sétimo dia da semana, o sábado, ou Sabbath — o “dia de Saturno” também entre os escandinavos e os hindus.

Marcion adotava igualmente a doutrina dos dois princípios opostos do Bem e do Mal; mas dizia que entre os dois há uma terceira Divindade, de “natureza mista” — o Deus dos judeus, o Criador (com sua Legião) do mundo inferior, ou seja, o nosso mundo. Ainda que continuamente em luta com o princípio do Mal, este Ser intermediário também se opõe ao princípio do Bem, cujo título e lugar ambiciona.

Simão era, portanto, somente um filho de sua época, um reformador religioso como tantos outros, e um Adepto entre os cabalistas. A crença em sua existência real e em seus poderes extraordinários é uma necessidade para a Igreja, que exalta inconsideradamente as maravilhosas magias de Simão, a fim de dar maior relevo ao “milagre” de Pedro e à vitória deste sobre aquele.

Por outra parte, os representantes do cepticismo, acadêmicos e críticos letrados, porfiam em fazer tábua rasa do personagem. Assim, e depois de negar a própria existência de Simão, entenderam conveniente fundir a sua individualidade na de Paulo. O autor anônimo de *Supernatural Religion* procurou a toda a força demonstrar que Simão, o Mago, não foi nem mais nem menos que o apóstolo Paulo, cujas *Epístolas* Pedro reprovou, contradizendo-as tanto em público como em particular, e acusando-as de conterem “ensinamentos irracionais”. É bem possível que isso tenha acontecido, se considerarmos as diferenças de caráter entre os dois apóstolos.

“O Apóstolo dos gentios era destemido, franco, sincero e muito culto; o Apóstolo da Circuncisão era pusilânime, cauteloso, insincero e muito ignorante. É indubitável que Paulo havia sido iniciado, se não total, pelo menos parcialmente, nos mistérios teúrgicos. Sua linguagem, o estilo tão semelhante ao dos filósofos gregos, certas expressões, peculiares dos iniciados, são outros tantos sinais que apoiam esta opinião. Vemo-la corroborada pelo Dr. A. Wilder em um notável artigo intitulado ‘Paulo e Platão’, em que o autor expende uma observação sobremodo interessante e valiosa. Mostra que nas *Epístolas aos Coríntios* Paulo emprega frequentemente ‘expressões inspiradas pelas iniciações de Sabázio e Elêusis e pelas dissertações dos filósofos (gregos)’. Ele (Paulo) se qualifica a si mesmo de *idiota* — isto é, uma pessoa ineficiente na Palavra, mas versada na *gnose* ou conhecimento filosófico. ‘Nós falamos a sabedoria entre os perfeitos ou iniciados’, escreve ele, ‘não a sabedoria deste mundo, nem a dos Arcontes deste

O círculo simboliza o Princípio Uno Não-Manifestado; o seu plano é o eterno infinito, e só é cortado por um diâmetro durante os Manvantaras.

mundo, mas a sabedoria divina oculta em um mistério — e que *nenhum dos Arcontes deste mundo conheceu*⁸.

Que outra coisa podem significar tão inequívocas palavras do Apóstolo, se não que ele mesmo pertencia aos *Mystae* (Iniciados) e falava de assuntos que só nos Mistérios podiam ser explicadas? A frase 'a sabedoria divina oculta em um mistério que *nenhum dos Arcontes deste mundo conheceu*' evidentemente é uma referência direta ao Basileu da iniciação Eleusina. O Basileu fazia parte do estado maior do grande Hierofante, e era um arconte de Atenas; e como tal um dos principais *Mystae*, pertencentes aos Mistérios *interiores*, aos quais só obtinha acesso um pequeno e selecionado número de pessoas⁹. Os magistrados que tinham a seu cargo a vigilância dos Mistérios de Elêusis chamavam-se Arcontes.¹⁰

Mas primeiro vamos ocupar-nos de Simão, o Mago.

(8) I Cor., II, 6-8.

(9) Confrontar com *Eleusian and Bacchic Mysteries*, de Taylor.

(10) *Ísis sem Véu*, II, 89-90.

SEÇÃO XIV

SIMÃO E SEU BIÓGRAFO HIPÓLITO

Conforme dissemos em nossos primeiros volumes, Simão, o Mago, foi discípulo dos Tanaim de Samaria; e a reputação que alcançou, inclusive para merecer o título de “O Grande Poder de Deus”, dá testemunho da idoneidade e sabedoria de seus mestres. Mas os Tanaim eram cabalistas da mesma escola secreta a que pertencia o São João do *Apocalipse*, escola em que se cuidava de ocultar o mais possível o significado real dos nomes constantes dos Livros de Moisés.

Não obstante as calúnias e invejas acumuladas contra Simão, o Mago, pelos autores e compiladores anônimos dos Atos e de outros escritos, não foi possível esconder a verdade de que nenhum cristão era capaz de rivalizar com ele em feitos taumatúrgicos. A história que se conta, de que teria sofrido uma queda ao voar nos ares, partindo as pernas e suicidando-se logo depois, é simplesmente ridícula. A posteridade conheceu apenas uma versão parcial do fato. Se houvesse dado atenção aos discípulos de Simão, ter-se-ia apurado que talvez fosse Pedro quem quebrou as pernas; mas, a contraindicar esta hipótese, sabemos que Pedro era demasiado cauteloso para correr qualquer risco.

Segundo reconhecem vários autores eclesiásticos, nenhum Apóstolo jamais chegou a produzir semelhantes “maravilhas sobrenaturais”. Mas os devotos da Igreja dirão por certo que isso é mais uma prova de que era o Diabo quem atuava por intermédio de Simão. Foi ele acusado de blasfemar contra o Espírito Santo, somente porque sustentava que o “Espírito Santo” é a Mente (a Inteligência), ou a “Mãe de todas as coisas”. Mas vemos empregada a mesma expressão no *Livro de Enoch*, onde, por oposição ao “Filho do Homem”, se fala no “Filho da Mulher”. No *Códice dos Nazarenos*, no *Zohar* e nos *Livros de Hermes* idêntica expressão é usada; e até no apócrifo *Evangelho dos Hebreus* lemos que Jesus admitia o sexo feminino do Espírito Santo, designando-o por “Minha Mãe, o Espírito Santo”.

Depois de uma negativa de muitos séculos, a existência real de Simão, o Mago, foi afinal demonstrada, quer ele se chamasse Saulo, Paulo ou Simão. Encontrou-se na Grécia um manuscrito que o menciona com o último nome, pondo assim termo a maiores especulações.

Em sua *Histoire des Trois Premiers Siècles de l'Église*¹, o Sr. De Pressensé dá sua opinião sobre essa relíquia adicional do Cristianismo primitivo. Diz que, por causa dos numerosos mitos que envolvem a história de Simão, muitos teólogos (protestantes, devia ter acrescentado) foram induzidos à conclusão de que tudo não passava de um artificioso tecido de lendas. Mas acrescenta:

“Há nela fatos positivos, agora confirmados pelo testemunho unânime dos Padres da Igreja e pela narrativa de Hipólito, recentemente descoberta.”²

O manuscrito longe está de ser lisonjeiro ao suposto fundador do Gnosticismo ocidental. Apesar de reconhecer em Simão poderes excepcionais, estigmatiza-o como sacerdote de Satã — o que já é suficiente para demonstrar que foi elaborado por um cristão. Prova também que, como aquele outro “servo do Maligno” — Manes (assim qualificado pela Igreja), foi Simão um cristão batizado mas que um e outro sofreram perseguição, por serem demasiado versados nos mistérios do *primitivo* e verdadeiro Cristianismo. O segredo dessa perseguição era então evidente, como ainda o é hoje para quem estuda o assunto com imparcialidade. Desejando manter sua independência, não podia Simão submeter-se à autoridade de nenhum Apóstolo, e muito menos à de Pedro ou à de João, o fanático autor do *Apocalipse*. Daí as acusações de heresia, seguidas de “anátema” ou maldição.

A Igreja não perseguiu a Magia enquanto esta foi ortodoxa, porque a nova Teurgia, instituída e regulada pelos Padres, e agora conhecida como “graça” e “milagres”, era e ainda é, quando ocorre, simplesmente magia — quer seja consciente ou inconsciente. Os fenômenos que passaram à posteridade com o nome de “milagres divinos” foram produzidos graças a poderes adquiridos mediante grande pureza de vida e êxtase. A oração e a contemplação, aliadas ao ascetismo, constituem a melhor disciplina para o aspirante a teurgo, quando não há iniciação regular. Porque a oração fervorosa pela consecução de determinado objetivo não é mais que uma *vontade* concentrada, um intenso desejo, que se concretiza em magia inconsciente. Em nossos dias tivemos a comprovação disso por George Muller, de Bristol. Mas os “milagres divinos” são efeito das mesmas causas que produzem a feitiçaria. A única diferença consiste no resultado bom ou mau que se deseja, dependendo, assim, dos propósitos de quem opera.

Os anátemas da Igreja recaíam somente sobre os que se afastavam das fórmulas e atribuíam a si mesmos, e não a um Deus pessoal, a produção do ato milagroso. Daí o serem canonizados os Adeptos que lhe estavam submetidos e operavam sob os seus auspícios, ao passo que os outros foram excomungados e condenados pela Igreja à maldição eterna. O dogma e a autoridade foram sempre o flagelo da humanidade e os grandes inimigos da luz e da verdade³.

(1) *Op. cit.*, II, pág. 395.

(2) Citação feita por De Mirville em *Des Esprits*, tomo VI, págs. 41 e 42.

(3) Esta idéia foi admiravelmente exposta por Saint-George Lane-Fox em seu eloqüente apelo às diversas escolas e associações rivais na Índia. Diz ele: “Estou convencido de que a causa principal, posto que despercebida quase, que vos levou a em-

Talvez Simão (e com ele muitos outros) tenha rompido com a então nascente Igreja por ver que em seu seio se desenvolvia o vírus que mais tarde veio a desatar uma insaciável sede de poder e uma ilimitada ambição, que chegaram ao clímax no dogma da infalibilidade. As seitas e os cismas têm início já no século primeiro. Enquanto Paulo censura abertamente a Pedro, João vale-se de suas visões para caluniar os Nicolaítas, fazendo constar que Jesus os odiava. Merecem-nos, por isso, pouca atenção as imputações que se argüem contra Simão, o Mago, no manuscrito descoberto na Grécia⁴.

Esse manuscrito, cujo título é *Philosophumena*, a Igreja Grega o atribui a Santo Hipólito; mas a Igreja Romana diz que o seu autor foi um "herege anônimo", só porque ali se contém uma referência "muito aleivosa" a outro santo, o Papa Calisto. Contudo, gregos e latinos estão de acordo neste ponto: o *Philosophumena* é uma obra de singular e notável erudição. E sua autenticidade é confirmada pelos mais autorizados bibliólogos da universidade de Tubingen.

Quem quer que fosse o autor, eis como se manifesta a respeito de Simão:

"Simão, homem muito versado nas artes mágicas, enganou muitas pessoas, em parte com os artifícios de Trasímedes⁵ e em parte com o auxílio do Demônio⁶... Quis fazer-se passar por um Deus... Ajudado por suas artes diabólicas, tirou partido não só dos ensinamentos de Moisés, mas ainda das idéias inspiradas pelos poetas... Seus discípulos até hoje recorrem ao mesmo gênero de encantamentos. Por meio de feitiços, filtros, carícias atrativas⁷ e o que eles chamam de 'sonos', fazem com que os demônios exerçam influência sobre aqueles a quem desejam fascinar. Com esse objetivo, servem-se dos 'demônios familiares', como os denominam."⁸

Em outra passagem diz o manuscrito:

"O Mago (Simão) convidava os que desejavam interrogar o demônio a que escrevessem as perguntas em uma folha de pergaminho; esta, dobrada em quatro, era atirada a um braseiro, para que o fumo revelasse o que estava escrito ao espírito (ou demônio)

prender tais movimentos, foi um sentimento de revolta contra a imposição tirânica, por assim dizer universal, na grande maioria das instituições sociais e religiosas, de uma autoridade usurpada, sob qualquer forma que seja, para suplantar e eclipsar a única autoridade legítima e definitiva, a intuição da verdade em cada alma individual, a consciência real e efetiva, fonte suprema de sabedoria, que situa o homem acima do nível dos irracionais." (*Aos membros do Arya-Samâj, da Sociedade Teosófica, do Brahmo-Indo-Samâj e de outras Sociedades Religiosas e Progressistas da Índia.*)

(4) *Apocalipse*, II, 6.

(5) Estes "artifícios" nada têm de comum com a vulgar prestidigitação, tal como se define em nossos dias. Era uma espécie de malabarismo psicológico, se malabarismo há, em que participam a fascinação e o encantamento a fim de produzir ilusões; como que um hipnotismo em grande escala.

(6) Aqui o autor denuncia sua fé cristã.

(7) Evidentemente, passos magnéticos que provocavam o sono e a catalepsia.

(8) Os "elementais" utilizados pelos grandes Adeptos em trabalhos mecânicos, não em obras intelectuais; da mesma forma que os físicos empregam os gases e outras substâncias em suas experiências.

(*Philos.*, IV, IV). Sobre as brasas o Mago espalhava um pouco de incenso, juntamente com pedaços de papiro onde figuravam os nomes hebreus dos espíritos a quem se dirigia; e tudo era devorado pelas chamas. Quase no mesmo instante parecia que o Espírito *divino* se apoderava do Mago, e este, em estado de transe e articulando invocações ininteligíveis, respondia a todas as perguntas — enquanto aparições fantásticas surgiam e flutuavam por cima do braseiro (*ibid.*, III). Outras vezes, descia fogo do céu, pairando sobre objetos previamente designados pelo Mago (*ibid.*); ou então a divindade evocada atravessava o recinto, traçando no ar espirais de fogo (*ibid.*, IX).⁹

Tais descrições combinam com as de Anastácio, o Sinaíta:

“Viram Simão fazer andar as estátuas; viram-no precipitar-se nas chamas sem se queimar; metamorfosear o próprio corpo nos de animais diversos [licantropia]; provocar a aparição de fantasmas e espectros nos festins; *fazer com que os móveis do aposento se transportassem de um ponto a outro*, pela ação de espíritos *invisíveis*. Dizia-se escoltado por certo número de sombras, pretendendo que eram ‘almas dos mortos’. Finalmente, costumava elevar-se no ar e voar... (Anastas, *Patrol Grecque*, vol. LXXXIX, col. 523, quaest. XX).¹⁰

Diz Suetônio em seu *Nero*:

“Naquele tempo um Ícaro caiu, em sua primeira ascensão, junto ao compartimento de Nero, cobrindo-o de sangue.”¹¹

Estas palavras, que aludem evidentemente a algum acrobata vítima de queda ao perder o equilíbrio, passam como sendo uma prova de que foi Simão quem caiu¹². Mas este último era demasiado conhecido e famoso, se merecem crédito os Padres da Igreja, para que o seu nome fosse omitido e se limitasse o historiador a mencionar “um Ícaro”.

Sabe perfeitamente a autora que há em Roma um lugar chamado Simonium, perto da Igreja dos Santos Cosme e Damião (Via Sacra) e das ruínas do antigo templo de Rômulo, onde ainda hoje se vêem os fragmentos de uma pedra, na qual, segundo a tradição, o Apóstolo Pedro ajoelhou para render graças, a Deus por sua vitória contra Simão, ficando ali impressas as marcas de ambos os joelhos. Mas qual o valor dessa demonstração? Também os budistas de Ceilão mostram outras marcas impressas, não em fragmentos de pedra, mas sobre todo um rochedo, no Pico de Adam. No alto, em um dos terraços, há uma enorme pedra, sobre a qual se vê a impressão de um pé de mais de um metro de comprimento, ali existente desde há cerca de três mil anos. Por que devemos acreditar mais na lenda de São Pedro que nesta última? Tanto o “Príncipe dos Apóstolos” como o “Príncipe dos Reformadores” e o “Primogênito de

(9) Cit. por De Mirville, *op. cit.*, VI, 43.

(10) *Ibid.*, VI, 45.

(11) *Ibid.*, pág. 46.

(12) Amédée Fleury, *Rapports de St. Paul avec Seneque*, II, 100. Resumimos o que diz De Mirville em seu *Des Esprits*.

Satã” (como se chama a Simão), todos se prestam a lendas e ficções. Contudo, é lícito distinguir.

Que Simão pudesse voar, isto é, elevar-se no ar por alguns minutos, nada tem de impossível. Os *médiuns* do nosso tempo conseguiram idêntica proeza, graças a uma força que os espiritistas atribuem aos “espíritos”. Mas Simão o terá feito por sua própria virtude, utilizando uma força cega que não dá atenção às orações ou às ordens de Adeptos rivais, sem falar nos Santos. A verdade é que a lógica vai de encontro à suposição de que a queda de Simão resultasse das orações de Pedro. Havendo sido publicamente derrotado pelo Apóstolo, seus discípulos o teriam abandonado diante de tão notória prova de inferioridade, para converter-se em cristãos ortodoxos. No entanto, vemos que o próprio autor do *Philosophumena*, um cristão, diz precisamente o contrário. Simão, longe de perder o prestígio entre os seus discípulos e as massas, depois da suposta queda, ia diariamente pregar na Campânia romana. Além do mais, é inverossímil que Simão caísse das nuvens, e de “uma altura maior que a do Capitólio”, quebrando somente as pernas! Seria o caso de dizermos que uma queda assim tão bem sucedida já representava em si um verdadeiro milagre.

SEÇÃO XV

SÃO PAULO, O VERDADEIRO FUNDADOR DO CRISTIANISMO ATUAL

Podemos repetir com o autor de *Phallicism*:

"Todos nós somos pela *construção* — pela *construção cristã* inclusive, mas pela *construção* filosófica, é óbvio. Nada temos que ver com a realidade, na acepção científica, limitada e mecânica que lhe deu o homem; ou com o *realismo*. Tentamos mostrar que o misticismo é a própria vida e a alma da religião¹; ...que a *Bíblia não pode ser lida nem interpretada corretamente se a consideram de antemão um tecido de fábulas e contradições*; que Moisés não enganou o seu povo, mas falou aos 'filhos dos homens' na única linguagem que os *meninos* de pouca idade podem entender; que o mundo é realmente um lugar muito diferente do que se imagina; que aquilo que é ridicularizado como superstição é o único científico e verdadeiro *conhecimento*; e, finalmente, que a ciência moderna não só contém *superstição* em larga escala, mas ainda uma forma de superstição sobremodo destrutiva e fatal."²

Tudo isso está perfeitamente certo. Mas é igualmente verdade que o *Novo Testamento*, os *Atos* e as *Epístolas* (por mais real que seja a figura histórica de Jesus) são todas exposições alegóricas e simbólicas, e que "Paulo, e não Jesus, foi o verdadeiro fundador do Cristianismo"³, embora não fosse o da Igreja Cristã oficial. "Em Antioquia receberam os discípulos, pela primeira vez, o nome de cristãos", dizem os *Atos dos Apóstolos*⁴; anteriormente, e até algum tempo depois, não eram assim chamados, mas simplesmente nazarenos.

Vários escritores deste século e dos séculos passados perfilham esta opinião. Até agora, porém, não foi julgada merecedora de atenção, seja por temor de blasfêmia, seja como hipótese não provada. Vejamos, contudo, o que escreve o Dr.

(1) Mas não podemos admitir com o autor "que os ritos, o ritualismo, o culto formal e as orações são de absoluta necessidade"; pois o que é externo só pode crescer, desenvolver-se e ser objeto de adoração à custa e em detrimento do que é interno, do que é real e verdadeiro.

(2) H. Jennings, *op. cit.*, págs. 37-38.

(3) Ver *Ísis sem Véu*. II, 574.

(4) Cap. XI, 26.

A. Wilder em um artigo sob o título "Paulo, fundador do Cristianismo" ⁵:

"Homens como Irineu, Epifânio e Eusébio legaram à posteridade tal reputação de insinceridade e de práticas desonestas, que sentimos o coração desfalecer quando lemos a história dos crimes daquela época."

E mais ainda quando consideramos que todo o esquema do Cristianismo assenta em *suas* palavras. Mas atualmente encontramos outra confirmação na leitura correta dos símbolos bíblicos. No livro *The Source of Measures* lemos o que se segue:

"Convém não esquecer que o Cristianismo atual é obra de *Paulo*, e não de *Jesus*. Em vida foi Jesus um judeu obediente à lei; mais ainda, ele disse: 'Os escribas e os fariseus ocupam o lugar de Moisés; fazei e observai, portanto, tudo o que eles vos ordenam.' E ainda: 'Não vim para destruir, mas para cumprir a lei.' Desse modo, Jesus submeteu-se à lei até o dia de sua morte, e não podia, enquanto viveu, derogá-la um átimo sequer. Foi circuncidado e recomendou a circuncisão. Paulo, ao contrário, declarou que esta nada valia, e ele (Paulo) ab-rogou a lei. *Saulo e Paulo* — isto é, Saulo submetido à lei e Paulo liberto das obrigações da lei — não eram, em um só homem, senão os paralelismos *encarnados* de Jesus, que, submetido à lei, a observou até morrer em *Crestos*, para renascer em espírito, livre de suas obrigações, como *Christos* ou Cristo triunfante. O Cristo se libertou, mas era o Cristo em Espírito. Saulo, segundo a carne, era função e paralelo de Chrestos. Paulo, segundo a carne, era função e paralelo de Jesus quando este se tornou Cristo em Espírito; e, assim, teve autoridade na carne para ab-rogar a lei humana, do mesmo modo que foi Cristo uma primeira realidade para responder e servir à *apotheosis*." ⁶

A verdadeira razão de Paulo aparecer "ab-rogando a lei" só se pode encontrar na Índia, onde costumes e privilégios antiquíssimos são conservados até hoje em toda a sua pureza, a despeito dos abusos a que dão lugar. Apenas uma categoria de pessoas pode impunemente deixar de observar as instituições bramânicas, inclusive a das castas: são os *perfeitos* "Swamis", os Yogis, que alcançaram, ou se supõe terem alcançado, o primeiro escalão que conduz ao estado de *Jivanmukta*, ou seja, a plena Iniciação. E não há dúvida que São Paulo foi um Iniciado. Citaremos uma ou duas passagens de *Ísis sem Véu*, porque nada temos a acrescentar, sobre este assunto, ao que ali dissemos:

Leia-se Paulo; leiam-se os poucos originais que nos ficaram dos escritos atribuídos a este homem destemido, honrado e sincero: quem poderá afirmar que haja neles uma só palavra, uma só frase, em que Paulo signifique com o termo Cristo algo mais que a idéia abstrata da divindade pessoal que mora no homem? Para Paulo, Cristo não é uma pessoa, mas a personificação de uma idéia. "Se um homem está em Cristo, ele se torna uma outra criatura"; *nasceu de novo*, como depois da iniciação, porque o Senhor é espírito — o espírito do homem. Paulo foi o único apóstolo que compreendeu as idéias subjacentes nos ensinamentos de Jesus, apesar de nunca se haver encontrado com ele.

(5) Publicado em *Evolution*.

(6) *Op. cit.*, pág. 262.

Mas o próprio Paulo não era perfeito ou infalível.

Resolvido a iniciar uma nova e ampla reforma, que abrangesse a humanidade inteira, antepôs suas próprias doutrinas à sabedoria das idades e aos antigos Mistérios com a revelação final da Epopsia.

Outra prova de que Paulo pertenceu ao círculo de "Iniciados" vem-la na tonsura a que se submeteu em Concréia — onde se iniciou Lúcio (*Apuleio*) — "porque havia feito um voto". Os Nazaras (ou "postos à parte"), como nos informam as escrituras judaicas, usavam cabelos compridos e "não consentiam que a tesoura os cortasse", até o dia em que deviam sacrificá-los no altar da Iniciação. E os nazarenos eram uma classe de Teurgos ou Iniciados caldeus⁷.

Já mencionamos em *Ísis sem Véu* que Jesus pertencia a essa classe.

Diz Paulo: "Segundo a graça de Deus, que me foi outorgada, pus eu os fundamentos como sábio *mestre-construtor*."⁸

Esta expressão *mestre-construtor* aparece só uma vez em toda a *Bíblia*, e, empregada por Paulo, pode ser considerada como uma revelação completa. Nos Mistérios, a terceira parte dos ritos sagrados recebia o nome de *Epopsia*, que significa revelação, admissão aos segredos. É, em substância, o mais alto estado de clarividência — a clarividência divina... mas o real significado da palavra é "vigilância", de *ὀπτομαι*, "eu me vejo". Em sânscrito a raiz "āp" tinha originariamente a mesma significação, mas atualmente quer dizer "obter"⁹.

O vocábulo *epopsia* (*epopteia*) se compõe de *ἐπὶ* (*epi*), "sobre", e *ὀπτομαι*, (*optomai*), "olhar"; ou seja: vigiar, inspecionar — que é a função do mestre-construtor. É esta a origem do título de mestre-maçon, na Franco-Maçonaria, com a acepção que tinha nos Mistérios. Assim, quando Paulo se chama a si mesmo mestre-construtor, está usando uma expressão eminentemente cabalística, teúrgica e maçônica, que nenhum outro apóstolo empregou. Confessa-se, portanto, um Adepto, com direito a iniciar outras pessoas.

Se prosseguirmos investigando na mesma direção, com guias tão seguros como os Mistérios gregos e a Cabala, descobriremos facilmente o secreto motivo por que Paulo foi perseguido e detestado por Pedro, João e Tiago. O autor do *Apocalipse* era um cabalista de pura cepa, que acumulara todo o ódio hereditário de seus antecessores contra os Mistérios pagãos¹⁰. Durante a vida de Jesus, o seu rancor estendeu-se até mesmo a Pedro; e só depois da morte do Mestre comum é que vemos ambos os apóstolos — o primeiro dos quais usou a Mitra e o Petalon dos rabinos judeus — pregarem com tanto zelo a circuncisão. Pedro, que se sentia humilhado por Paulo e lhe reconhecia a superioridade em "erudição grega" e em conhecimentos filosóficos, via no outro

(7) *Ísis sem Véu*, II, pág. 574.

(8) *I Cor.*, III, 10.

(9) Em seu sentido mais lato, a palavra sânscrita tem o mesmo significado literal da palavra grega, pois ambas implicam "revelação" por meio da "bebida sagrada", e não por agente humano. Na Índia, os Iniciados bebiam o "Soma", licor sagrado que os ajudava a libertar a alma do corpo. Nos Mistérios de Elêusis era a bebida sagrada oferecida na Epopsia. Os Mistérios gregos derivam inteiramente dos ritos védicos bramânicos, e estes, por sua vez, dos Mistérios religiosos pré-védicos — a primitiva Filosofia-Sabedoria.

(10) E escusado advertir que o *Evangelho segundo São João* não foi escrito por este apóstolo, e sim por um platônico ou um gnóstico da escola neoplatônica.

apóstolo um mago, um homem contaminado pela "Gnose" e pela "sabedoria" dos Mistérios gregos — e daí, talvez, o chamá-lo de "Simão, o Mago", à guisa de comparação, e não como cognome¹¹.

(11) *Ísis sem Vêu*, II, págs. 90-91. Se Pedro, em seu agravo ao "apóstolo dos gentios", lhe deu aquele nome, não implica isso necessariamente que não existisse um Simão, o Mago, distinto de Paulo, pois é provável que a denominação chegasse a ser usada como um qualificativo genérico de desprezo ou insulto. Teodoreto e Crisóstomo, que naqueles tempos foram os primeiros e os mais fecundos comentadores do Gnosticismo, parecem considerar realmente Simão um rival de Paulo, e afirmam que entre os dois houve uma troca de mensagens. Como o primeiro propagava o que Paulo chamou "antítese da Gnose" (*Epístola I a Timóteo*), deve ter sido um sério adversário do apóstolo. Hoje temos suficientes provas da existência real de Simão, o Mago. (Veja-se nota em *Ísis sem Vêu*, II, pág. 91.)

SEÇÃO XVI

PEDRO FOI UM CABALISTA JUDEU, MAS NÃO UM INICIADO

Dizem os críticos da *Bíblia* que, segundo todas as probabilidades, Pedro nada teve com a fundação da Igreja Latina em Roma, mas apenas serviu como pretexto, de que se valeu pressurosamente o astuto Irineu, para que se dotasse a incipiente Igreja com um nome simbólico; pois o de Petra ou Kiffa era fácil de ser relacionado, por um jogo de palavras, ao de Petroma. Chamava-se Petroma a um par de tábuas de pedra que os Hierofantes usavam nas Iniciações, por ocasião do Mistério final. Nisto se resume o segredo da pretensão do Vaticano a ser a Sede de Pedro.

Conforme citamos em *Ísis sem Véu* ¹:

“Nos países orientais se designava o hierofante com o título de פֶּתָר (Pedro), que em caldeu e fenício significa intérprete.” ²

Assim, os papas têm o direito inegável de se dizerem sucessores do título de Pedro, se considerados como “intérpretes” do *neocristianismo*; mas dificilmente poderiam arrogar-se sucessores de Jesus Cristo, e muito menos intérpretes de suas doutrinas — porque a Igreja Oriental, muito mais pura e mais antiga que a hierarquia romana, é a que historicamente se manteve fiel aos ensinamentos primitivos dos Apóstolos, tendo-se recusado a acompanhar os dissidentes latinos, quando estes se separaram da Igreja Apostólica original. Mas o que é bastante curioso é que a Igreja Romana até hoje continue chamando “Igreja Cismática” à sua coirmã.

É desnecessário insistir nos argumentos que comprovam as afirmações acima: todos se encontram expostos em *Ísis sem Véu*, onde se explicam as palavras *Peter*, *Pater* e *Pitar*, e se esclarece a origem da “Sede de Pitah” Ali verá o leitor que no sarcófago da rainha Mentuhept da undécima dinastia egípcia (2 250 anos A. C, segundo Bunsen) foi descoberta uma inscrição reproduzida do capítulo XVII do *Livro dos Mortos*, e que data pelo menos de 4 500 anos A. C,

(1) *Eleusinian and Bacchic Mysteries* de Taylor, edição de Wilder, pág. X.

(2) Vol. II. págs. 91-4.

ou seja, de 496 anos antes da criação do mundo segundo a cronologia do *Gênesis*. Entretanto, o Barão Bunsen assinala um grupo de hieróglifos e fórmulas sagradas com a “misteriosa palavra” *Peterref-su* e uma série de comentários e interpretações, em um monumento cuja antiguidade remonta a não menos de 4 000 anos.

“Vale dizer que a inscrição (a verdadeira interpretação) já não era inteligível naquele tempo... Tenha o leitor em mente que um texto sagrado, um hino, contendo as palavras de um espírito desencarnado, se achava em condições tais, há cerca de 4 000 anos, que o não podiam entender os escribas reais.”³

“Não era inteligível” — para os não-iniciados, certamente; e o comprovam as várias e confusas interpretações. Não há dúvida, porém, que era — e ainda é — uma palavra misteriosa.

Acrescenta Bunsen mais adiante:

“Parece-me que o nosso PTR é literalmente o antigo ‘Patar’ hebreu e aramaico, que na história de José tem o significado específico de *intérprete*; donde é de concluir que também o termo *Pitrum* se aplica à interpretação de um texto, de um sonho.”⁴

A palavra PTR foi em parte interpretada graças a outra palavra análoga, escrita em outro grupo de hieróglifos encontrados sobre uma estela, e cujo signo é representado por um olho aberto, que De Rougé⁵ traduz por “aparecer”, e Bunsen por “iluminador” (o que é mais correto). Seja como for, a palavra *Patar*, ou *Peter*, situaria tanto o Mestre como o discípulo no círculo da Iniciação, relacionando-os com a DOCTRINA SECRETA; ao passo que dificilmente podemos deixar de ver na “Sede de Pedro” uma associação ao Petroma, o par de tábuas de pedra que os hierofantes usavam na Suprema Iniciação, durante o Mistério final, nem tampouco ao *Pitha-sthâna* (assento, ou lugar de assento), palavra empregada nos Mistérios Tântricos da Índia, para designar o sítio onde são dispersados os membros de Sâti e depois novamente reunidos, como os de Osíris por Ísis⁶. *Pitha* é um termo sânscrito, que também significa a sede dos Lamas iniciadores.

Se todos os vocábulos acima devem sua analogia a simples coincidências ou não, é o que aos nossos eruditos simbologistas e filólogos cabe decidir. Estamos expondo fatos — e nada mais. Outros escritores de maior cultura, e portanto mais dignos de ser ouvidos que a autora destas linhas, já mostraram, com elementos de suficiente evidência, que Pedro foi de todo estranho à fundação da Igreja Latina; que o seu suposto nome Petra e toda a história do seu apostolado em Roma não passam de meras especulações em torno de um jogo de palavras relacionado com o vocábulo que, em diversos países, sob uma forma ou outra,

(3) Bunsen, *Egypt's Place in History*, V, 90.

(4) *Ibid.*

(5) *Stele*, pág. 44.

(6) Veja-se: *Hindu Classical Dict.*, de Dawson, *sub-voce* “Pithâ-Sthânam”.

significava o hierofante ou intérprete dos Mistérios; e finalmente que, longe de morrer como um mártir em Roma, onde provavelmente nunca esteve, acabou os seus dias na Babilônia, em idade provecta.

O antiquíssimo manuscrito hebreu *Sepher Toldoth Jeshu* — seguramente um documento original e sobremodo precioso, a julgar pelo zelo com que os judeus o têm ocultado dos cristãos — refere-se a Simão (Pedro) como um “fiel servo de Deus”, que passou a vida em austeridades e meditação, e um cabalista e nazareno que viveu na Babilônia “no alto de uma torre, compondo hinos e pregando a caridade”, e aí morreu.

SEÇÃO XVII

APOLÔNIO DE TIANA

Dissemos em *Ísis sem Veu* que os mais eminentes professores de Teologia admitem que as obras da antiguidade foram, quase todas, escritas em linguagem simbólica, que só os Iniciados podiam compreender. Exemplo disso nos oferece a sùmula biogràfica de Apolônio de Tiana, que, como sabem os cabalistas, comprehendia toda a filosofia hermética, e em muitos aspectos representa como que uma cópia das tradições que nos restam do Rei Salomão. Assemelha-se a uma novela fantasista; mas, como no caso daquele rei, alguns fatos e acontecimentos históricos são expostos ao mundo sob o colorido da ficção.

A viagem à Índia simboliza, em todas as suas fases, as provas de um neófito; e ao mesmo tempo dá uma idéa da geografia e topografia de determinada região, tal qual é ainda hoje, se soubermos onde pesquisá-la. As longas conferências de Apolônio com os brâmanes, os sábios conselhos destes últimos e os diálogos com Menipo de Corinto proporcionariam, a quem fosse capaz de interpretá-los, um verdadeiro catecismo esotérico. Sua visita ao império dos homens sábios e sua entrevista com o rei destes, Hiarcas, oráculo de Anfiarau, expõem simbolicamente muitos dogmas secretos de Hermes (no sentido genérico deste nome) e do Ocultismo. O relato é maravilhoso; e, se o que dizemos não estivesse apoiado por numerosos cálculos já feitos, e o segredo já revelado pela metade, nunca a autora ousaria a empresa.

As viagens do grande Mago estão corretamente descritas, ainda que em estilo alegórico — isto é: tudo o que Damis conta aconteceu realmente — mas a narrativa é toda baseada nos signos do Zodíaco. Tal como a *transliterou* Damis, sob a direção de Apolônio, e como a *traduziu* Filóstrato, a história é verdadeiramente maravilhosa. Quando concluirmos o que agora pode ser externado a respeito do prodigioso Adepto de Tiana, tornar-se-á mais claro o que queremos dizer. Por enquanto, basta mencionar que os diálogos, se bem interpretados, desvendam alguns dos mais importantes segredos da Natureza.

Eliphas Lévi assinala a notável semelhança que existe entre o rei Hiarcas e o fabuloso Hiram, de quem Salomão adquiriu os cedros do Líbano e o ouro de Ofir. Mas o erudito cabalista guarda silêncio quanto a outra semelhança, que não podia ignorar. Além disso, conforme o seu invariável costume, ele desnor-

teia mais do que esclarece o leitor, afastando-o do verdadeiro caminho, sem nada ensinar.

Como a maior parte dos heróis históricos da remota antiguidade, cujas vidas e feitos diferem consideravelmente dos padrões observados no comum dos mortais, Apolônio de Tiana permanece até hoje uma esfinge que ainda não encontrou o seu Édipo. Sua existência está envolta em tal véu de mistério, que habitualmente é tomado por um mito. Mas, à luz dos cânones da lógica e do raciocínio, é óbvio que não se pode encará-lo por esse prisma. Porque, se assim fosse, se nele apenas víssemos um personagem de fábula, então a história não teria também direito aos seus Césares e Alexandres.

É fora de dúvida que Apolônio, cujas virtudes taumatúrgicas ninguém até hoje pôde superar, conforme o atestam irrecusáveis provas históricas, surgiu no cenário da vida pública e dele desapareceu sem que se soubesse de onde veio e para onde foi. A razão, porém, é fácil de explicar. Não houve meios nem recursos de que se não lançasse mão, sobretudo nos séculos IV e V de nossa era, para varrer da memória de todos a figura incomparável deste grande e santo homem. Os cristãos interceptaram a difusão de suas biografias, que eram numerosas e apoloéticas — e isso por bons motivos, conforme veremos. Só por milagre se salvou o diário de Damis, que é hoje a única fonte de informação. Cumpre não esquecer, todavia, que Justino, o Mártir, se refere com freqüência a Apolônio; sendo ele, por seu caráter veraz e inatacável, merecedor de todo o crédito, tanto mais que havia fortes razões para se sentir confuso e perplexo. Nem tampouco se pode negar que dificilmente se encontra, nos seis primeiros séculos, um só Padre da Igreja que tivesse deixado de falar em Apolônio; ainda que, seguindo o vezo da mal entendida caridade cristã, sua pena quase sempre fosse molhada na tinta negra do *odium theologicum*, da intolerância e do preconceito. São Jerônimo (Hieronymus) refere com minúcias a versão de uma suposta disputa entre São João e o sábio de Tiana — uma competição de “milagres” —; e aquele “fidedigno” santo¹ descreve com cores vivas a derrota de Apolônio, da qual pretende ver uma confirmação nos *apócrifos* de São João, cuja autenticidade a *própria* Igreja proclama duvidosa².

(1) Veja-se a *Introdução ao Evangelho de São Mateus*, de Barônio, I, 752, citado em De Mirville, VI, pág. 63. Jerônimo é o Padre que descobriu na biblioteca de Cesareia o autêntico e original *Evangelho* (texto hebraico) de Mateus, “escrito pelo próprio punho” do Apóstolo-publicano, como ele declara (Hieronymus: *De Viris Illustr.*, cap. III). Apesar disso, Jerônimo rejeitou o manuscrito, por herético, e o substituiu pelo texto grego que elaborou. Foi ainda ele quem adulterou o texto do *Livro de Job*, para reforçar a crença na ressurreição da carne (ver *Ísis sem Véu*, II, 181-182 e segs.), e o fez invocando o apoio de muitas autoridades ilustres.

(2) De Mirville dá a seguinte versão emocionante da “competição”: “João (segundo nos diz S. Jerônimo), ante a insistência de todas as Igrejas da Ásia em que proclamasse solenemente a divindade de Jesus [por causa dos milagres de Apolônio], retirou-se para orar com seus discípulos no monte de Patmos, e, entrando em êxtase, fez com que se ouvissem, entre clarões de relâmpagos e o estrugir de trovões, as palavras famosas: *In princípio erat verbum*. Quando chegou ao fim o sublime êxtase, que valeu a João o apelido de ‘Filho do Trovão’, Apolônio foi obrigado a fugir e desaparecer. Esta

É por isso que ninguém pode dizer quando e onde nasceu Apolônio, ignorando-se também a data e o lugar de sua morte. Alguns supõem que morreu com a idade de oitenta a noventa anos; outros que viveu cem, e até cento e dezesete anos. Mas não há quem possa dizer com segurança se ele findou seus dias no ano 96 de nossa era, em Éfeso, conforme opinam uns, ou se o evento ocorreu em Lindus, no templo de Palas Atenéia; ou se desapareceu do templo de Dictynna; ou se mesmo não morreu, como afirmam outros, tendo rejuvenescido (graças à Magia) quando chegou ao centenário, para prosseguir no seu trabalho em benefício da humanidade. Só os Anais Secretos registram o seu nascimento e o curso de sua existência. Mas “quem acredita em *tal* informação”?

Tudo quanto sabe a história é que Apolônio foi o entusiástico fundador de uma nova escola de contemplação. Talvez menos afeito à metáfora e mais prático que Jesus, preconizou ele, no entanto, a mesma quintessência de espiritualidade e as mesmas verdades de elevado sentido moral. Acusam-no de haver reservado seus ensinamentos às classes superiores da sociedade, em vez de fazer como Buddha e Jesus, que pregavam aos humildes e aos aflitos. Decorrido tanto tempo, é impossível julgar das razões que o induziram a proceder assim; mas é possível que a lei do Karma tenha algo a ver com isso. Nascido em família aristocrática, segundo se conta, é muito provável que desejasse, nesse particular, completar a obra inacabada de seu predecessor, levando “paz e boa vontade na terra” não só aos pobres e aos pecadores, mas a *todos* os homens; e daí a sua convivência com os reis e os poderosos da época. Apesar de tudo, os três “operadores de milagres”, Buddha, Jesus e Apolônio, revelam uma surpreendente analogia de propósitos. Como Jesus e como Buddha, Apolônio combatia toda ostentação externa de piedade, todo aparato supérfluo de cerimônias religiosas, o beatismo e a hipocrisia.

É também fora de dúvida que os “milagres” de Apolônio, em comparação com outros feitos semelhantes, sobrelevam em maravilha e variedade; e são ainda muito mais abonados pela história. O materialismo nega; mas as provas existentes e o testemunho da própria Igreja, que tanto combate o mago de Tiana, mostram que é verdade ³.

As imputações levantadas contra Apolônio foram tão numerosas quanto falsas. Dezoito séculos depois de sua morte, foi ainda difamado pelo Bispo Douglas em uma obra contra os milagres. Mas o Reverendíssimo Bispo agrediu ainda os fatos históricos. Porque não é nos *milagres*, senão na identidade de idéias e doutrinas, que podemos ver a semelhança entre Buddha, Jesus e Apolônio. Se estudarmos esta questão com isenção de ânimo e imparcialidade, não tardaremos em perceber que Gautama, Platão, Apolônio, Jesus, Amônio Sacas e seus discípulos basearam suas éticas na mesma filosofia mística;

foi a sua derrota, menos cruenta, mas tão rude quanto a de Simão, o Mago.” (“O Mago Teurgista”, VI, 63.) Em quanto a nós, jamais ouvimos falar de êxtases que provocassem trovões e relâmpagos, e não podemos compreender o significado que isso possa ter.

(3) É uma velha história. Todo teósofo sabe, por própria e amarga experiência, de quanto é capaz o ódio, a malícia e a perseguição clerical; e os extremos de falsidade, calúnia e crueldade a que podem conduzir, inclusive em nossos dias, os sentimentos desses pretensos servos de Deus e exemplos de “caridade cristã”!

que todos adoraram um só Ideal divino, já considerando-o como o "Pai", que vive no homem, do mesmo modo que o homem vive Nele, já como o Incompreensível Princípio Criador. Todos tiveram vida santa e divina. E os seus ensinamentos, dizia Amônio, vinham dos tempos de Hermes, cuja sabedoria aprendera na Índia. Era a mesma contemplação mística do Yogi: a união do Brâmane com o seu próprio Eu luminoso, o Âtman."⁴

Observa-se, assim, a identidade fundamental da Escola Eclética e das doutrinas dos Yogis ou místicos hindus, e sua origem comum com a do budismo primitivo de Gautama e de seus Arhats.

O *Nome Inefável*, em cuja busca tantos cabalistas (que não conhecem os Adeptos orientais, ou mesmo os europeus) consomem sua ciência e suas vidas, mora latente no coração de cada homem. Este mirífico nome⁵, que, 'segundo oráculos antiquíssimos, penetra os mundos infinitos *ἀφοιτῆτω στροφάλῃγγι*⁶, pode ser conhecida de duas maneiras: pela iniciação regular e pela "voz sutil" que Elías ouviu na caverna de Horeb, na montanha de Deus. E "Elías, ouvindo-a, cobriu a face com o seu manto, e pôs-se à entrada da caverna. E ali se deixou ouvir a voz"⁷.

Quando Apolônio de Tiana desejava ouvir a "voz sutil" cobria-se inteiramente com um manto de lã pura, sobre o qual punha ambos os pés, depois de executar alguns passes magnéticos, pronunciando então não o "nome", mas uma invocação muito conhecida dos Adeptos. Envolvia depois a cabeça e o rosto com o manto, e o seu espírito astral ou translúcido ficava livre. De ordinário não usava mais lã do que os sacerdotes do templo. A posse da combinação secreta do "nome" conferia ao hierofante poder supremo sobre todos os seres, humanos ou não, que lhe fossem inferiores em força anímica⁸.

Fosse qual fosse a escola a que pertencia, a verdade é que Apolônio de Tiana deixou um nome de fama imorredoiira. Sobre este homem prodigioso centenas de volumes foram escritos; sua personalidade tem sido analisada e discutida pelos historiadores; e não faltaram néscios e presunçosos que, incapazes de chegar a uma conclusão a respeito deste sábio, tentaram negar-lhe a existência real.

Quanto à Igreja, embora execrando-lhe a memória, sempre lhe reconheceu o caráter histórico. Atualmente parece que, usando de um velho e conhecido estratégia, os seus esforços tendem a dar um sentido diverso à impressão que ele deixou na posteridade. Os jesuítas, por exemplo, não deixando de admitir os "milagres" de Apolônio, puseram em marcha uma dupla corrente de pensamento, e o conseguiram, como sói acontecer a tudo o que empreendem. De um lado, representam Apolônio como um passivo "instrumento de Satã", cercado os seus poderes teúrgicos de uma auréola de luz maravilhosa e deslumbrante; de outro lado, consideram-no como personagem de uma engenhosa novela, escrita com objetivos predeterminados.

(4) *Ísis sem Véu*, II, 342.

(5) ["Maravilhoso".]

(6) [Círculo inexplorado ou inacessível, ou ciclo.]

(7) *I Reis*, XIX, 13.

(8) *Ísis sem Véu*, II, 343-44

Em suas volumosas “Memórias de Satã”, o Marquês De Mirville dedica todo um capítulo a este grande Adepto e desenvolve extenso arrazoado para convencer o leitor de que o autor dos fenômenos espíritos é o inimigo de Deus. De toda a trama darão idéia as passagens que da obra trasladamos. Tenha-se em mente que os livros de De Mirville, sem exceção, foram escritos sob os auspícios e com a autorização da Igreja de Roma.

“Seria deixar incompleta a história do primeiro século e um insulto à memória de São João passar em silêncio o nome daquele que teve a honra de ser o seu singular adversário, como Simão foi o de São Pedro, Elimas o de São Paulo, etc. Durante os primeiros anos da era cristã... apareceu em Tiana, na Capadócia, um daqueles homens extraordinários em que tão pródiga foi a escola pitagórica. Como o seu mestre, viajou pelo Oriente e se iniciou nas doutrinas secretas da Índia, do Egito e da Caldéia, adquirindo os poderes teúrgicos dos antigos magos e deixando perplexos todos os povos que sucessivamente visitava, os quais (somos obrigados a reconhecer) parece que lhe reverenciaram a memória. Este fato não pode ser posto em dúvida, a menos que se fechem os olhos a verídicas tradições históricas. Pormenores de sua existência nos foram transmitidos por um historiador do século IV, Filóstrato, que traduziu um diário de Damis, no qual este discípulo e dileto amigo do filósofo registrou dia por dia os fatos de sua vida.”⁹

De Mirville admite a possibilidade de *alguns* exageros, tanto por parte do autor como do tradutor do diário. Mas “não crê que ocupem muito espaço no relato”. E por isso lamenta que o abade Freppel, “em seus eloquentes *Ênsaios*”, tache de novela o diário de Damis”. Por quê?

“[Porque] o ensaísta funda sua opinião na similitude perfeita e, a seu ver, intencional desta lenda com a vida do Salvador. Mas, se ele [o abade Freppel] estudasse mais profundamente o assunto, poderia convencer-se de que nem Apolônio nem Damis nem Filóstrato jamais pretenderam honra maior que a de uma semelhança com São João. Só esse objetivo era suficientemente fascinante por si mesmo, e bastante escandalosa a imitação; porque, com suas artes mágicas, havia Apolônio conseguido aparentemente contrapesar vários dos milagres de Éfeso [operados por São João], etc.”¹¹

A *anguis in herba* [a cobra debaixo da erva] mostra a sua cabeça. É a similitude perfeita e admirável entre a vida de Apolônio e a do Salvador que coloca a Igreja entre Cila e Caribde. Negar a vida e os “milagres” do primeiro seria como negar a autenticidade mesma dos Apóstolos e Padres da Igreja sobre cujo testemunho assenta a vida do próprio Jesus. Seria perigoso atribuir ao “velho inimigo” a paternidade das boas ações, da ressurreição de mortos, das obras de caridade e das curas realizadas pelo Adepto. E daí o estratagema de estabelecer a confusão nas idéias dos que se fiam em autoridades e na crítica. A Igreja é muitíssimo mais previdente que todos os nossos grandes historiadores. A Igreja *sabe* que negar a existência de Apolônio seria também negar a do imperador Vespasiano com seus

(9) *Des Esprits*, tomo VI, pág. 62.

(10) *Les Apologistes Chrétiens au Second Siècle*, pág. 106.

(11) *Des Esprits*, *ibid.*

historiadores, as dos imperadores Alexandre Severo e Aureliano com *seus* historiadores, e finalmente negar a Jesus com todos os testemunhos que a Ele se referem; preparando assim o caminho para que o seu rebanho negue *a ela própria*.

É interessante ver o que, nessa emergência, diz a Igreja pela boca de seu porta-voz De Mirville. Que há de novo e de impossível no relato de Damis sobre as viagens de Apolônio à Caldéia e ao país dos gimnosofistas? pergunta ele. Antes de negar, atentai para o que eram naquele tempo esses países maravilhosos *por excelência*, e também no testemunho de homens como Pitágoras, Empédocles e Demócrito, que deviam saber o que estavam escrevendo. Que temos nós a reprovar em Apolônio, afinal de contas? Suas inúmeras predições e profecias, que se cumpriram admiravelmente, como as dos oráculos? Não, porque, mais bem estudadas hoje, sabemos o que eram¹². Os oráculos são agora, para nós, o que sempre foram para todo o mundo no último século, desde Van Dale a Fontenelle. Ou condenaremos Apolônio porque possuía o dom da segunda vista e podia ver à distância¹³? Não; porque tais fenômenos são agora endêmicos em metade da Europa. Talvez porque se gabava de conhecer todos os idiomas da terra, sem nunca os haver aprendido? Mas quem ignora ser esse o melhor critério¹⁴ para aferir a presença e assistência de um espírito, seja qual for a sua natureza? Ou porque acreditava na transmigração (reencarnação)? Em nossos dias há milhões de pessoas que nela ainda crêem. Ninguém pode imaginar o número de homens de ciência que almejam o restabelecimento da religião druídica e dos mistérios de Pitágoras. Ou é por ter conjurado os demônios e a peste? Os egípcios, os etruscos e os pontífices romanos fizeram a mesma coisa muito antes dele¹⁵. Por haver conversado com os mortos? Também hoje o fazemos, ou acreditamos fazê-lo, o que vem a dar no mesmo. Porque acreditava nas Empusas? Qual o demonólogo que ignora ser a Empusa o "demônio do Sul" a que aludem os *Salmos* de David, e que era temido então, como ainda o é em todo o Norte da Europa¹⁶? Porque podia tornar-se invisível à vontade? É uma das proezas do mesmerismo. Por ter aparecido depois de sua (suposta) morte ao imperador Aureliano sobre os muros de Tiana, obrigando-o a levantar o cerco desta cidade? Tal era a missão de todo herói no além-túmulo, e a razão do culto tributado aos Manes¹⁷. Por haver descido ao famoso antro de Trofônio,

(12) Muitos são os que *não o sabem*, e portanto não crêem neles.

(13) Certamente que assim é. Enquanto Apolônio pronunciava uma conferência em Efeso perante milhares de pessoas, viu o assassinato do imperador Domiciano em Roma, dando a notícia naquele mesmo instante a toda a cidade. Igualmente, viu Swedenborg, de Gotemburgo, o grande incêndio de Estocolmo, e o disse aos amigos; ainda não havia telégrafo.

(14) Não é um critério. Os Sâddhus da Índia e os Adeptos adquirem este dom por sua santidade de vida. Assim o ensina a Yoga-Vidyá, não havendo necessidade de "espírito" para tanto.

(15) No que respeita aos pontífices, a afirmação é algo duvidosa.

(16) Esta razão não é suficiente para que se creia em tal categoria de espíritos. Há outras razões mais autorizadas em que apoiar a crença.

(17) O objetivo de De Mirville é mostrar que todas essas aparições dos manes ou espíritos desencarnados são obra do Demônio, "simulacros de Satã".

de onde retirou um velho livro, que o imperador Adriano depois conservou por muitos anos em sua biblioteca de Ânzio? Também o criterioso e fidedigno Pausânias ali esteve, antes de Apolônio, e regressou sem que em nada se modificasse a sua crença. Por ter desaparecido ao tempo de sua morte? Assim aconteceu com Rômulo, Votan, Licurgo e Pitágoras¹⁸, e sempre em circunstâncias misteriosas, com aparições, revelações, etc. Detenhamo-nos aqui, e repitamos uma vez mais: Se a vida de Apolônio consistisse apenas em uma simples *novela*, jamais teria ela granjeado tanta celebridade em vida, nem dado lugar à formação de uma escola tão numerosa e entusiástica, que subsistiu até muito tempo depois de sua morte.

É de acrescentar que, se tudo isso não passasse de uma ficção novelesca, Caracala não teria erigido um monumento para honrar a memória de Apolônio¹⁹, nem Alexandre Severo teria colocado o seu busto entre os de dois semideuses e o do verdadeiro Deus²⁰; nem uma imperatriz teria mantido correspondência com ele. Mal refeito das fadigas do cerco de Jerusalém, não se apressaria Tito a escrever-lhe para marcar um encontro em Argos, e dizer ainda que, sendo ele, Tito, e seu pai devedores de tudo a Apolônio, o seu primeiro pensamento havia de ser dedicado ao seu benfeitor. Nem o imperador Aureliano mandaria construir um templo e um altar consagrados ao grande Sábio, em ação de graças pela aparição e o colóquio nos muros de Tiana. Essa entrevista *póstuma*, como se soube, salvou a cidade, porque dela resultou o levantamento do cerco por Aureliano. Além do mais, se a vida de Apolônio fosse pura fantasia, não a veríamos atestada por Vopisco²¹, um dos mais verazes historiadores do mundo pagão. Finalmente, não teria Apolônio merecido a admiração de um homem de caráter tão nobre como Epicteto, e ainda a de vários Padres da Igreja — como, por exemplo, Jerônimo, que, em um de seus mais inspirados momentos, escreveu:

(18) Podia ter aumentado a lista com os nomes do grande Shankarâchârya, Tsong-Kha-Pa e outros muitos Adeptos, inclusive seu próprio Mestre Jesus; pois tal é o critério que distingue o verdadeiro Adeptado, se bem que para “desaparecer” não seja preciso voar para o alto das nuvens.

(19) Ver *Dion Cassius*, XXVII, 2.

(20) Lamprídio, *Adriano*, XXIX, 2.

(21) É esta a passagem: “Aureliano decidira a destruição de Tiana, e só a um milagre de Apolônio deveu a cidade a sua salvação. Este homem tão famoso e tão sábio, este grande amigo dos Deuses, apareceu subitamente, em sua própria forma e figura, diante do imperador, quando este regressava à sua tenda, e lhe disse na língua panônia: ‘Aureliano, se queres fazer conquistas, renuncia os teus maus desígnios contra meus concidadãos; se queres mandar, abstém-te de derramar sangue inocente; e, se queres viver, não cometas injustiças.’ Aureliano, que conhecia Apolônio por lhe ter visto o retrato em muitos templos, ficou tomado de assombro; fez imediatamente voto de erguer uma estátua e um templo em honra de Apolônio, e retornou, de uma vez, às idéias de clemência.” E acrescenta Vopisco: “Se cada vez mais eu creio nas virtudes do *majestoso* Apolônio, é porque, depois de informar-me de tudo junto aos mais conspícuos varões, tive a confirmação Ulpiana.” (Flávio Vopisco, *Aureliano*.) Vopisco escreveu no ano 250, precedendo de um século a Filóstrato.

“Este filósofo viajante encontrava sempre o que aprender onde quer que estivesse; e com isso dia a dia se acentuava o seu progresso.”²²

Quanto aos prodígios que Apolônio realizou, Jerônimo os admite como tais, embora não se detenha em profundá-los; e certamente não assumiria essa atitude, se a tanto não o obrigassem os fatos.

Para terminar: Se Apolônio não fosse mais que um simples herói de romance, dramatizado no século IV, não teriam os Efésios testemunhado a sua gratidão entusiástica, erguendo-lhe uma estátua de ouro em sinal dos muitos benefícios que lhes prodigara²³.

[Esta Seção, desde o parágrafo que principia “Como a maior parte dos heróis históricos”, etc, até as palavras “Alexandre Severo”, é praticamente a mesma Seção IV do manuscrito de 1886.]

(22) *Ep. ad Paulinum*.

(23) O que acima está representa, em grande parte, uma condensação do que diz De Mirville (tomo VI, págs. 66-69).

SEÇÃO XVIII

FATOS SUBJACENTES NAS BIOGRAFIAS DOS ADEPTOS

A árvore se conhece pelos frutos, a natureza do Adepto por suas palavras e atos. As palavras de caridade e compaixão e os nobres conselhos de Apolônio (ou de seu fantasma sideral), conforme os relata Vopisco, indicam aos ocultistas quem foi o sábio de Tiana. Então, por que chamá-lo, dezessete séculos depois, “instrumento de Satã”? Deve haver um motivo, e motivo bem poderoso, para explicar e justificar o mistério dessa violenta animosidade da Igreja contra um dos homens mais esclarecidos de sua época.

A razão existe, e vamos decliná-la na palavra do autor da *Chave dos Mistérios Hebreu-Egípcios na Origem das Medidas*, juntamente com a do Professor Seyffarth. Este último esclarece e analisa as datas mais importantes da vida de Jesus, complementando e confirmando as conclusões do primeiro. Citaremos os dois ao mesmo tempo.

“Considerando-se os meses solares (de trinta dias, conforme um dos calendários usados pelos hebreus), todos os fatos memoráveis do *Antigo Testamento* ocorreram nas épocas dos equinócios e dos solstícios; como, por exemplo, a fundação dos templos e altares, e sua consagração [inclusive a dos tabernáculos]. Nesses mesmos dias cardeais se registraram os mais notáveis acontecimentos do *Novo Testamento*, a anunciação, o nascimento e a ressurreição de Cristo, e o nascimento de João Batista. Vemos, assim, que todas as datas marcantes do *Novo Testamento* estavam já santificadas, com muito tempo de antecipação, no *Antigo Testamento*, a começar pelo dia seguinte à criação do mundo, que era o do equinócio da primavera. Durante a crucificação de Jesus, no 14.º dia de Nisan, Dionísio Areopagita viu um eclipse do sol no céu da Etiópia, e exclamou: ‘Neste momento o Senhor (Jehovah) está padecendo.’ Cristo ressuscitou no domingo 17 de Nisan (22 de março), dia do equinócio da primavera (Seyffarth, citando Filon de Septen), ou seja, na Páscoa, quando o Sol infunde vida nova à terra. As palavras de João Batista: ‘Ele crescerá, mas eu diminuirei’ provam, segundo os Padres da Igreja, que João nasceu no dia mais longo do ano, e Cristo, que era seis meses mais moço, no dia mais curto, isto é, em 22 de junho e 22 de dezembro, respectivamente — os dias dos solstícios.

Mostra isso que, sob outro aspecto, João e Jesus representam sínteses da história do sol, em diferentes circunstâncias; e que, sucedendo uma à outra destas circunstâncias, estas palavras: ‘Dizem alguns que (em Jesus) João ressuscitou dos mortos’ (*Lucas*, II, 7)

não só não eram vazias de sentido, mas exprimiam uma verdade. (E esta consideração serve para explicar por que houve tanto empenho em interditar a tradução e a leitura da *Vida de Apolônio de Tiana*, de Filóstrato. Os que a leram no original viram-se na inelutável alternativa de concluir ou que a *Vida de Apolônio* foi tirada do *Novo Testamento*, ou que os relatos do *Novo testamento* foram tomados da *Vida de Apolônio*, tal a manifesta semelhança entre os dois. A explicação é fácil, quando se atenta em que o nome de Jesus (em hebraico יֵשׁוּעַ) e o de Apolônio (Apolo) significam o *Sol no céu*; e, assim, a história de um, com suas viagens através dos *signos* do Zodíaco e a personificação de seus sofrimentos, triunfos e milagres, tinha que ser a *história do outro*, sempre que houvesse um método comum de descrição. Parece também que durante muito tempo se soube que tais relatos assentavam todos em uma base astronômica; pois, ao fundar a Igreja secular (se assim podemos dizer), Constantino decretou, como uma das condições objetivas do culto instituído, que o venerável *dia do sol*, o domingo (em inglês *sunday*), fosse dedicado à adoração de Jesus Cristo. O profeta Daniel (*verdadeiro profeta*, como diz Graetz)¹, utilizando números piramidais, ou números astrológicos, predisse a ocultação do *Messias*, bem como o eclipse do sol que iria haver naquela época, o que basta para demonstrar seus conhecimentos astronômicos.

...Ora, a destruição do templo se deu no mês de Virgo do ano 71, e este é o número da *pomba*, como já dissemos, ou $71 \times 5 = 355$, formando com o *peixe* o número de Jehovah."

"Será possível", pergunta o autor mais adiante, indo assim ao encontro do pensamento íntimo de todos os cristãos e ocultistas que lêem e estudam a sua obra,

"será possível que os acontecimentos humanos se sucedam em coordenação com essas formas numéricas? Se assim for, teremos que Jesus, como figura astronômica, foi a confirmação de tudo o que estava profetizado, e talvez mais do que isso; e, como homem, pôde realizar plenamente, no oceano da vida, o tipo do predestinado. Não se infira que a personalidade de Jesus ficasse destruída, por ajustar-se, num de seus aspectos e *como uma condição*, a formas e relações astronômicas. Dizem os árabes: 'O vosso destino está escrito nas estrelas.'"²

E nem, pela mesma razão, ficaria "destruída" a "personalidade" de Apolônio. O caso de Jesus oferece as mesmas possibilidades que os de todos os Adeptos e Avatares, como Buddha, Shankarâchârya e Krishna, etc, que, para os seus seguidores e em seus respectivos países, são igualmente históricos e gozam de adoração idêntica à de Jesus de Nazaré pelos cristãos nesta parte do mundo.

Mas existe mais alguma coisa na velha literatura dos primeiros séculos. Jámblico escreveu uma biografia do grande Pitágoras, que

"é tão semelhante à história da vida de Jesus que se poderia tomá-la por uma imitação

(1) "Verdadeiro profeta", porque era um iniciado e profundo conhecedor da Astronomia Oculta.

(2) *Key to the Hebrew-Egyptian Mystery*, pág. 259 e segs. A astronomia e a fisiologia são os corpos; a astrologia e a psicologia as almas. As primeiras caem sob o olho da percepção sensorial; as segundas sob o olho interno ou "olho da alma"; mas tão todas ciências *exatas*.

desta. Diógenes de Laércio e Plutarco narram de maneira análoga a vida de Platão".³

Como estranhar então as dúvidas que salteiam todos os que estudam essas vidas? A própria Igreja conheceu tais dúvidas em seus primeiros tempos; e, ainda que só de um papa se tenha notícia de que foi notória e abertamente pagão, quantos outros não seriam demasiado ambiciosos para confessar a verdade!

Esse "mistério" (que verdadeiramente o é para todos os que, não sendo iniciados, desconhecem a chave da perfeita semelhança entre as vidas de Pitágoras, Buddha, Apolônio, etc.) é muito natural para aqueles que sabem que todos esses grandes homens eram Iniciados da mesma Escola. Para eles não há "imitação" nem "cópia" nas diversas biografias: todas são "originais", apresentadas, porém, com um só objetivo: descrever a vida mística e, ao mesmo tempo, a vida pública dos Iniciados, que vieram ao mundo para salvar, se não toda, pelo menos uma parte da humanidade. Assim, o programa traçado era o mesmo para todos eles. A "imaculada origem" atribuída a cada um entende com o seu "místico nascimento" durante o Mistério da Iniciação; apesar de mais bem informado, o clero, em sua ambição, contribuiu para que as múltiplas interpretações do fato em sentido literal. E declarou-se que a mãe de cada um dos Iniciados foi uma virgem, que concebeu o filho por obra do Espírito Santo, sendo eles por isso chamados "Filhos de Deus", conquanto, em verdade, nenhum tivesse mais direito ao título que os demais irmãos iniciados; pois todos foram, no concernente a suas vidas místicas, "sínteses da história do Sol" — outro mistério dentro do Mistério.

As biografias das personalidades externas com aqueles nomes nada tinham que ver com as vidas privadas dos heróis, das quais eram independentes; foram tão somente os anais místicos de suas vidas públicas e, paralelamente, de suas vidas *internas* como neófitos e Iniciados. Daí a uniformidade na elaboração de suas respectivas biografias.

Desde o princípio da humanidade, a Cruz, ou o Homem de braços estendidos horizontalmente, simbolizando a sua origem cósmica, foi relacionado à sua natureza psíquica e às lutas que conduzem à Iniciação. Mas, se se demonstra: 1.º que todo Adepto devia, e deve ainda, passar primeiro pelas sete e pelas doze provas de iniciação, estas representadas pelos doze trabalhos de Hércules; 2.º que se considera como dia de seu verdadeiro nascimento o em que ele nasce no mundo espiritual, recebendo por isso o nome de "duas vezes nascido", Dvija ou Iniciado, e contando-se-lhe a idade a partir deste segundo nascimento, quando em verdade se torna filho de um Deus e de Mãe imaculada; 3.º que as provas de todos estes personagens correspondem ao significado esotérico dos ritos de iniciação, os quais se relacionam por sua vez com os doze signos do Zodíaco, ver-se-á então o que significam as viagens de todos aqueles heróis através dos signos, do Sol no céu, e que cada caso individual é a personificação dos "sofrimentos, triunfos e milagres" de um Adepto, antes e depois da iniciação.

Quando tudo isso for explicado ao mundo em geral, compreender-se-á clara-

(3) *New Platonism and Alchemy*, pág. 12.

mente o mistério de todas essas exigências, e a razão de tanto se assemelharem entre si, a tal ponto que a história de uma parece ser a repetição da história de outra.

Citemos, por exemplo, as legendárias vidas (porque todas são *lendas* para fins exotéricos, em que pese às negativas em cada caso) de Krishna, Hércules, Pitágoras, Buddha, Jesus, Apolônio e Chaitanya. Suas biografias, no mundo profano, escritas por autores estranhos ao círculo de Iniciados, serão muito diferentes do que consta dos registros ocultos de suas vidas místicas. Entretanto, aparecem idênticos os característicos principais, por muito que se tenham velado e encoberto aos olhares profanos. Cada um é representado como um Soter (Salvador) de origem divina, título conferido pelos antigos aos deuses, heróis e reis insígnies. Todos, antes ou logo depois do nascimento, são perseguidos e ameaçados de morte (ainda que nunca sejam mortos) por um inimigo poderoso (o mundo da matéria e da ilusão), quer este inimigo se chame rei Herodes, rei Kansa ou rei Mâra (a Potência do Mal). Todos são perseguidos; e finalmente se diz que, terminados os ritos de iniciação, foram assassinados, isto é, mortos em suas personalidades *físicas*, das quais se libertam para sempre depois de sua espiritual "ressurreição" ou "nascimento". E com o desfecho por essa suposta morte violenta, descem ao Mundo Inferior ou Inferno — o reino da tentação, da concupiscência e da matéria, e, por conseguinte, das Trevas — de onde regressam glorificados como "deuses", havendo ultrapassado a condição de "Chrestos".

Assim, não é nos atos correntes da vida quotidiana dos Adeptos que se devem buscar os grandes traços de semelhança, mas no seu estado interno e nos acontecimentos capitais de sua missão como instrutores religiosos. Em tudo isso há um sentido ou base astronômica, que ao mesmo tempo serve para representar os graus e provas da iniciação; destas a mais importante é a descida ao reino das Trevas e da Matéria *pela última vez*, daí ressurgindo os Adeptos como "Sóis de Justiça". Esta prova, portanto, se encontra na história de todos os Soters, desde Orfeu e Hércules até Krishna e Cristo. Diz Eurípides:

Heracles, que veio das câmaras da Terra,
Deixando a mansão infernal de Plutão⁴.

E Virgílio escreve:

Tremeram diante de ti os lagos Estígios.
E também se amedrontou o porteiro de Orco...
Contra ti não se atreveu Tífon a lutar...

Ó *vero filho de Jove*,
E glória dos deuses, salve⁵!

Busca Orfeu no reino de Plutão a Eurídice, sua Alma perdida. Krishna, que é o sétimo Princípio, desce às regiões infernais para libertar seus seis irmãos

(4) *Heracles*, 807.

(5) *Eneida*, VIII. 274. ff.

— transparente alegoria da “Perfeita Iniciação”, em que os seis princípios se fundem no sétimo. Jesus desce também ao reino de Satã para remir a Alma de Adão, símbolo da humanidade física.

Alguma vez já pensaram os nossos letrados orientalistas em perquirir a origem da alegoria da “semente” daquela “Árvore da Vida”, da qual brotaram tantos ramos florescentes, desde que a plantaram os “Construtores”? Receamos que não. E no entanto poderiam encontrá-la até mesmo nas interpretações exotéricas e deturpadas dos *Vedas*, sobretudo no *Rig-Veda*, o mais antigo dos quatro e o mais fiel, onde esta semente, esta raiz dos futuros Salvadores, é chamada Vishvakarman, o Princípio-“Pai”, “além da compreensão dos mortais”; no *segundo* aspecto, Surya, o “Filho”, que se oferece em sacrifício a si mesmo; no *terceiro*, o Iniciado, que imola o seu Eu físico ao seu Eu *espiritual*. A nota tônica da Iniciação no maior dos Mistérios da Natureza ressoava no Vishvakarman, o “onicriador”, que (misticamente) se converte em Vikkartana, o “Sol privado de seus raios”, e sofre por causa de sua natureza demasiado ardente, para depois ser glorificado (pela purificação). Eis aí o segredo da maravilhosa “semelhança” entre as vidas místicas dos Adeptos.

Tudo isso tem um cunho alegórico e místico, e, não obstante, é perfeitamente compreensível e claro para os estudantes de Ocultismo oriental, que tenham algum conhecimento, ainda que superficial, dos Mistérios da Iniciação.

Em nosso universo objetivo de matéria e de falsas aparências, o Sol é o emblema mais eloquente da Divindade benfazeja e providente. No mundo subjetivo e ilimitado do Espírito e da Realidade, o astro radioso possui outro significado místico, que não pode ser inteiramente explicado ao público. Os chamados “idólatras” parses e hindus estão certamente mais perto da verdade, em sua religiosa reverência para com o Sol, do que podem supor atualmente aqueles que analisam friamente as coisas e sempre se enganam. Aos teósofos, que são os únicos capazes de compreender o significado, pode-se dizer que o Sol é a manifestação externa do Sétimo Princípio do nosso Sistema Planetário, enquanto a Lua é o seu Quarto Princípio, recebendo emprestado o brilho procedente do Sol e saturada dos refletidos impulsos passionais e maus desejos do seu corpo grosseiro e material, a Terra. Todo o ciclo do Adeptado e da Iniciação, com os seus mistérios, está relacionado com esses dois e com os Sete Planetas, e deles depende. A clarividência espiritual deriva do Sol; todos os estados psíquicos, as enfermidades e a loucura provêm da Lua.

Conforme os dados da própria História (cujas conclusões são notavelmente errôneas, ao passo que as premissas são em grande parte exatas), há uma surpreendente correlação entre as “lendas” dos fundadores de religiões (assim como entre os ritos e dogmas de todas estas) e os nomes e movimento aparente das constelações presididas pelo Sol. Não se há de inferir, porém, que os fundadores sejam mitos, e superstições as religiões. Estas representam as diferentes versões do mesmo natural e prístino Mistério, que serviu de base à Religião-Sabedoria e ao desenvolvimento subsequente de seus Adeptos.

E agora rogamos mais uma vez a quem nos lê que não dê ouvidos à acu-

sação, feita contra os teósofos em geral e contra a autora em particular, de que faltamos com o respeito devido a um dos maiores e mais nobres caracteres da história do Adeptado — Jesus de Nazaré —, ou mesmo de que nutrimos ódio à Igreja. A expressão da verdade não pode, com algum vislumbre de justiça, ser considerada blasfêmia ou manifestação de ódio. Toda a questão gira em torno deste ponto: Foi Jesus, nos anais do mundo, o único “Filho de Deus” e “Salvador” da humanidade? Foi o seu caso uma exceção, não houve precedente ou casos análogos? Foi seu nascimento o único sobrenatural e imaculado, não passando todos os outros de cópias blasfemas e satânicas, plágios por antecipação? Ou foi Ele somente o “filho de suas obras”, um homem eminentemente santo, um reformador entre tantos outros, que pagou com a vida a pretensão de tentar, num desafio à ignorância e ao despotismo, esclarecer a humanidade com os seus ensinamentos morais e filosóficos, e aliviar-lhe o jugo? A primeira hipótese requer uma fé cega e inquebrantável; a segunda se impõe pela razão e pela lógica. Por outra parte, acreditou sempre a Igreja no que atualmente crê, ou melhor, no que pretende crer para justificar seus anátemas contra os que dela discordam? Ou passou pelas mesmas angústias da dúvida, e, mais do que isso, por fases de negação e incredulidade, que só foram suplantadas pela força da ambição e o amor do poder?

A resposta tem que ser afirmativa quanto à segunda parte da alternativa. É uma conclusão irrefutável e uma dedução natural, que os fatos históricos autorizam. Sem nos referirmos por enquanto aos muitos papas e santos cujas vidas foram um desmentido flagrante à infalibilidade e à santidade que se arrogaram, pedimos ao leitor que concentre sua atenção na História Eclesiástica, que registra o crescimento e progresso da Igreja cristã (não do Cristianismo) e ali encontrará a resposta. Diz um autor:

“A Igreja sabe perfeitamente que o livre pensamento nasce do livre exame; e sabe que todas as dúvidas que hoje provocam o seu anátema nasceram do livre pensamento. E as ‘verdades sagradas’ por ela proclamadas têm sido alternativamente admitidas e rejeitadas, transformadas e alteradas, ampliadas e restringidas, pelos dignitários da hierarquia eclesiástica, inclusive no tocante aos dogmas mais fundamentais.”

Onde está o Deus ou o Herói cuja origem, vida e genealogia sejam mais obscuras ou difíceis de definir e aceitar que as de Jesus? Como se processou o dogma, hoje irrevogável, que se refere à sua natureza verdadeira? Por sua mãe, segundo os evangelistas, era um homem — um simples mortal; por seu Pai, é Deus! Mas como? É homem ou Deus, ou é Deus e homem ao mesmo tempo? indaga, perplexa, a autora. As discussões sobre este ponto têm custado à humanidade rios de tinta e caudais de sangue; e, contudo, as dúvidas subsistem. Nisto, como em tudo o mais, muito se contradizem os sábios Concílios, e frequentes vezes mudam de opinião. Recapitulemos, correndo a vista sobre os textos existentes. É História.

No primeiro Concílio de Antioquia, o Bispo Paulo de Samosata negou a divindade de Cristo; e, quando ainda estava em seu início o Cristianismo teo-

lógico, chamavam-no “Filho de Deus” somente em razão de Sua santidade e de Suas boas obras. Seu sangue era corruptível no sacramento da Eucaristia.

No Concílio de Nicéia, reunido no ano 325 de nossa era, Ario expôs suas doutrinas, que estiveram a pique de romper a unidade católica.

Dezessete bispos defenderam as teses de Ario, que foi exilado por causa delas. Não obstante, trinta anos depois, em 355 A. D., no Concílio de Milão, trezentos bispos subscreveram uma carta de adesão às idéias de Ario, embora dez anos antes, no segundo Concílio de Antioquia, houvessem os partidários de Eusébio proclamado que Jesus Cristo era o Filho de Deus e consubstanciado no Pai.

No Concílio de Esmirna (357 A.D.), o “Filho” já não era consubstancial. Triunfaram então os anomianos, que negavam essa consubstancialidade, e com eles os arianos. Um ano depois, o segundo Concílio de Ancira decretou que o Filho “não era consubstancial, mas apenas semelhante em substância ao Pai”. O Papa Libério sancionou esta decisão.

Durante vários séculos debateram e controverteram os Concílios, sustentando as mais opostas opiniões. E o resultado de todo esse labor foi o dogma da Santíssima Trindade, que, semelhante a Minerva surgida da frente de Júpiter, brotou do cérebro teológico, armada com todos os raios da Igreja. O novo mistério foi anunciado ao mundo em meio a terríveis contendas, em que o assassinio e outros crimes ocupavam o primeiro plano. O Concílio de Saragoça, no ano de 380, proclamou que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são uma mesma pessoa e que a natureza humana de Cristo é pura “ilusão” (um eco da doutrina hindu dos Avatares). “Uma vez nesse terreno movediço, os Padres tinham que incidir *in absurdum*, e foi o que aconteceu”. Como negar natureza humana a quem nasceu de mulher? A única voz sensata que se ouviu, em um dos concílios de Constantinopla, foi a de Eutíquio, que teve a coragem de dizer: “Deus me livre de especular sobre a natureza de meu Deus.” E tal atitude lhe valeu a excomunhão do Papa Flávio.

No Concílio de Éfeso (449 A. D.), obteve Eutíquio a sua desforra. Como Eusébio, o veraz Bispo de Cesaréia, o quisesse forçar a admitir *duas* naturezas distintas em Jesus Cristo, insurgiu-se o Concílio contra Eusébio e propôs que fosse queimado vivo. Os bispos levantaram-se como um só homem, e, incendiados de cólera, os punhos cerrados, pediram que Eusébio fosse partido em dois, a exemplo do que ele queria fazer a Jesus. Eutíquio foi reintegrado em suas funções e dignidade eclesiástica, enquanto Flávio e Eusébio eram depostos. Desde então os dois partidos se empenharam mutuamente em lutas cada vez mais violentas, a tal ponto que São Flávio, agredido a pontapés pelo Bispo Deodoro, morreu alguns dias depois em consequência dos golpes recebidos.

Adotavam-se nesses Concílios, resoluções as mais absurdas e incongruentes, daí resultando os paradoxos atuais da Igreja que se chamam dogmas. Por exemplo, foi submetida ao primeiro Concílio de Ancira (314 A. D.) esta proposição: “Quando se batiza uma mulher grávida, fica também batizada a criança que vai nascer?” O Concílio respondeu negativamente, sob o fundamento de que “aquele que recebe o batismo tem que dar seu consentimento, o que não é

possível com a criança ainda no ventre materno”. Deste modo, a inconsciência é um impedimento canônico ao batismo, e portanto não tem valor o que atualmente se ministra às crianças. Que será então das centenas de milhares de criancinhas pagãs que os missionários batizam durante as épocas de fome, ou por qualquer outro meio sorrateiramente “salvas” pelos tão zelosos Padres?

Acompanhem-se um após outro os debates e decisões dos numerosos Concílios, e observe-se a miscelânea de contradições em que se apóia a infalível Igreja Apostólica!

E agora podemos ver o que de paradoxal encerra, em seu sentido literal, a seguinte afirmação do *Gênesis*: “Deus criou o homem à sua imagem e semelhança.” Além de evidente que não foi o Adão de barro (do capítulo II) o homem assim criado à imagem de Deus, mas sim o Andrógino Divino (do capítulo I), ou Adão-Kadmon, podemos observar que Deus (o Deus dos cristãos pelo menos) é que foi criado pelo homem à sua própria imagem, entre os pontapés, as mortes e as lutas provocadas pelos primeiros Concílios.

Fato curioso, e que projeta um facho de luz na afirmativa de que Jesus foi um Iniciado e um Adepto mártir, é o que se menciona na obra, já tantas vezes citada, *The Source of Measures*, esta verdadeira “revelação matemática” — a saber:

“Atentemos na parte final do versículo 46 do capítulo XXVII do Evangelho de São Mateus: ‘Eli, Eli, Lama Sabachthani’, ou seja: ‘Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?’ É claro que esta é a versão dos manuscritos originais gregos. (Se não temos nenhum manuscrito hebreu sobre este ponto é porque em hebraico os enigmas estariam por si mesmos resolvidos, comparando-se o texto com as suas fontes no *Antigo Testamento*.) Os manuscritos gregos, sem exceção, dizem assim:

ΗΛΙ ΉΛΙ ΛΑΜΑ ΣΑΒΑΧΘΑΝΙ

São palavras hebraicas transliteradas em caracteres gregos. Ei-las:

אלי אלי למה שנהת-כי:

A Bíblia dá a seguinte tradução: ‘Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?’ Aqui estão as palavras; e que esta é a interpretação constante da Escritura não é possível duvidar ou discutir. Mas está errada, porque o verdadeiro sentido é outro — e precisamente o oposto do que se admitiu; isto é:

‘Deus meu, Deus meu, como me glorificas!’

Mais ainda: porque *lama*, embora corresponda a *como* ou *por que*, como palavra verbal implica a idéia de *deslumbrar*, e como advérbio poderia significar ‘quão deslumbradoramente’ ou coisa parecida.

O leitor desprevenido terá como forçosa a interpretação adotada, representando como que o cumprimento de um enunciado profético, conforme se vê da referência marginal ao versículo primeiro do *Salmo* 22, em que se diz:

‘Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?’

palavras cujo texto hebraico é o seguinte:

אלי אלי למה עינת-כי:

Até aí a referência é correta, e a interpretação acertada, mas com uma palavra totalmente diferente. As palavras são:

Eli, Eli, lamah azabvtha-ni?

Nenhuma argúcia humana, por mais erudita que seja, pode, em face da evidência, esconder que houve uma *falsidade de tradução*, e de tal modo que vulnerou seriamente o próprio caráter sagrado da narrativa.⁶

Durante dez anos ou mais, os revisores (?) da *Bíblia*, constituindo um grupo solene e respeitável dos mais ilustres hebraístas e helenistas da Inglaterra, reuniram-se com o objetivo de expurgar do livro sagrado os erros de tradução e sanar as omissões em que incorreram os seus predecessores menos doutos. Pretenderá alguém convencer-nos de que nenhum deles viu a diferença manifesta que há entre as duas palavras hebraicas — o *azabvtha-ni* do Salmo XXII e o *sabachthani* do Evangelho de São Mateus? Que não perceberam esta premeditada falsificação?

Porque foi uma “falsificação”. E se nos perguntarem por que os primeiros Padres da Igreja recorreram a tal expediente, responderemos sem tergiversar: foi porque as palavras *sacramentais* pertenciam, em seu verdadeiro significado, aos ritos dos templos pagãos. Eram pronunciadas após as terríveis provas da Iniciação, e estavam ainda bem frescas na memória de alguns Padres da Igreja quando se traduziu para o grego o *Evangelho de São Mateus*. E, finalmente, porque muitos Hierofantes dos Mistérios e um número ainda maior de Iniciados viviam naquela época, e a frase, se traduzida corretamente, mostraria que Jesus era só um Iniciado.

A exclamação: “Deus meu, Sol meu, esparziste sobre mim os teus fulgores”! concluía a ação de graças do Iniciado, “o Filho e glorioso Eleito do Sol”. Foram descobertas recentemente no Egito esculturas e pinturas em que se representa esta cerimônia. O candidato aparece entre os seus dois patronos divinos: um, “Osíris-Sol”, com cabeça de falcão, simbolizando a vida, e o outro, Mercúrio, com cabeça de íbis, o gênio psicopompo, que guia as almas depois da morte à sua nova morada, o Hades, representando a morte do corpo físico. Ambos estão vertendo sobre a cabeça do Iniciado o “jorro da vida”, a água da purificação, e os dois fluxos, entrelaçando-se, formam uma cruz. Para melhor encobrir a verdade, declarou-se que esse baixo-relevo é “a representação pagã de uma verdade cristã”. Des Mousseaux equipara Mercúrio a São Miguel, dizendo que é

“o assessor de Osíris-Sol, como São Miguel é o assessor ou Ferouer do Verbo”.

O monograma de Chrestos e o lábaro ou estandarte de Constantino (que, por sinal, nunca foi batizado, e morreu pagão) são símbolos derivados do rito egípcio, e significam também “a vida e a morte”. Muito antes de ser adotado o emblema da cruz como símbolo cristão, era empregado como sinal de mútuo reconhecimento entre os neófitos e os Adeptos. Diz Eliphas Lévi:

(6) Apêndice, VII, 301.

"O signo da cruz adotado pelos cristãos não pertence exclusivamente a eles. É cabalístico, e simboliza as oposições e o equilíbrio quaternário dos elementos. Vemos pelo versículo oculto do *Pater*, sobre o qual já chamamos a atenção em outra obra, que havia originariamente duas maneiras de fazer o sinal da cruz, ou, pelo menos, duas fórmulas distintas para lhe expressar o significado: uma reservada aos sacerdotes e iniciados; outra destinada aos neófitos e aos profanos."⁷

Pode-se agora compreender por que o texto hebraico do *Evangelho de São Mateus*, o Evangelho dos Ebionitas, foi subtraído para sempre à curiosidade do mundo.

Jerônimo encontrou o original hebreu do *Evangelho de São Mateus* na biblioteca de Cesaréia, fundada por Pânfilo Martir. "Os nazarenos, que em Beréia de Síria usavam este Evangelho, *me deram permissão para traduzi-lo*", escreve Jerônimo nos fins do século IV⁸; e mais: "No Evangelho usado habitualmente pelos nazarenos e ebionitas, por mim há pouco traduzido, e que muita gente considera o autêntico Evangelho de Mateus", ec.⁹

Que os apóstolos receberam de Jesus ensinamentos secretos evidencia-se das seguintes palavras de São Jerônimo, que o confessou talvez em um momento de espontaneidade. Escrevendo aos Bispos Cromácio e Heliodoro, ele se queixa: "Mui difícil foi a tarefa que Vossas Reverências me encomendaram (a tradução), pois o *próprio apóstolo São Mateus* não quis escrever em termos claros. Porque, se não se tratasse de um ensinamento secreto, teria acrescentado ao Evangelho alguns comentários *seus*; mas o escreveu em caracteres hebraicos, de seu próprio punho, dispondo estes de maneira tal que o sentido ficou velado, sendo perceptível somente às pessoas de maior religiosidade, e, no transcurso do tempo, aos que houvessem recebido de seus antecessores a chave interpretativa. E esses nunca deram o livro a ninguém para ser copiado. Uns apresentavam o *texto* de certa maneira; outros de maneira diferente."¹⁰ Diz ainda São Jerônimo, na mesma carta: "E sucedeu que, tendo sido este livro publicado por um discípulo de Maniqueu, chamado Seleuco, que também publicou um texto apócrifo dos *Atos dos Apóstolos*, foi isso motivo de escândalo, e não de edificação, já que o livro teve a aprovação de um sínodo que a própria Igreja não reconheceu."¹¹

(7) *Dogme et Rituel de la Haute Magie*, vol. II, pág. 88.

(8) (Hieronymus, *De Viris Illust.*, III.) "É de reparar que, muito embora digam os Padres da Igreja que *Mateus* escreveu em *hebraico*, todos eles usam a tradução *grega* como o único *genuíno* texto apostólico, sem a mínima referência ao *Mateus hebreu*. Fizeram-se muitas *adições especiais*, de que necessitava o Evangelho (grego)." (Olshausen, *Nachweis der Echtheit des Sämmtlichen Schriften des Neuen Test.*, pág. 32; Dunlap, *Sôd, the Son of Man*, pág. 44.)

(9) *Comentários a Mateus*, XII, 13, livro II. Jerônimo acrescenta que estava escrito em idioma caldeu, mas com caracteres hebraicos.

(10) "São Jerônimo", V, 445; Dunlap, *Sôd, the Son of Man*, pág. 46.

(11) Isto explica também a condenação das obras de Justino Mártir, que se guiava somente por este "Evangelho segundo São Mateus", como igualmente o devia fazer seu discípulo Taciano. De quão tardiamente chegou a Igreja a firmar o conceito da divindade de Cristo, podemos ajuizar pela circunstância de que no mesmo século IV Eusébio não denunciou o livro como espúrio, senão que o equiparou ao *Apocalipse* de São João. E, segundo mostra Credner (*Zur Gesch des Kan*, pág. 120), Nicéforo o

São Jerônimo confessa que o livro, cuja autenticidade ele atesta por o ter escrito Mateus de “seu próprio punho”, lhe era de mui difícil compreensão, porque estava em linguagem enigmática — apesar de o haver traduzido duas vezes. No entanto, Jerônimo tacha friamente de *heréticos* todos os comentários feitos sobre o mesmo livro, com exceção dos seus. Mais do que isso: Jerônimo sabia que este era o Evangelho *original* — e, sem embargo, cada vez mais se obstinou na perseguição aos “herejes”. Por quê? Porque admiti-lo significaria uma sentença de morte contra o dogmatismo da Igreja. É sabido que o *Evangelho segundo os Hebreus* foi o único reconhecido durante os quatro primeiros séculos pelos cristãos judeus, pelos nazarenos e pelos ebionitas. E nenhum destes proclamou a *divindade de Cristo*¹².

Os ebionitas foram os primeiros cristãos, e seu mais lídimo representante, o gnóstico autor das *Homílias Clementinas*. Conforme demonstra o escritor de *The Supernatural Religion*¹³, assumiu o Gnosticismo ebionita, naquele tempo, a idéia cristã em toda a sua pureza. Eram discípulos e prosélitos dos primitivos nazarenos ou cabalistas gnósticos. Acreditavam nos Eões, como os partidários de Cerinto, e que “o mundo foi ordenado pelos Anjos” (Dhyân-Chohans) — conforme lamenta Epifânio (*Contra Ebionitas*): “Ebion tomou dos nazarenos a idéia, e dos Cerintianos a forma.” “Decidiram eles”, continua, “que Cristo proveio da semente de um homem.”¹⁴

Consideremos também o seguinte:

“A insígnia de Dan-Escorpião é *morte-vida*, no símbolo ☿, em forma de *dois ossos cruzados sob um crânio*... ou *vida-morte*... o estandarte do imperador romano Constantino. Abel era Jesus, e Caim-Vulcano ou Marte o traspassou. Marte foi o deus guerreiro do imperador Constantino, e foi um soldado romano que traspassou a Jesus quando estava crucificado.

Mas o golpe em Abel foi a consumação de seu casamento com Caim, tendo este a forma de Marte-Gerador [Osíris-Sol] e Marte-Destruidor [Mercúrio, o Deus da Morte no baixo-relevo egípcio]. Este signo evoca ainda a idéia primordial do cosmos vivente, ou seja, a necessidade de nascimentos e mortes para a continuação da corrente da vida.”¹⁵

Citemos mais uma vez *Ísis sem Vêu*.

incluiu, em seu *Stichometry*, entre os Antilegômenos, juntamente com o *Apocalipse*. Os ebionitas, que foram os *verdadeiros* cristãos primitivos, repudiavam os demais escritos apostólicos, só usando o texto hebreu deste Evangelho (*Adv. Hoer.*, I, 26), e criam firmemente, como os nazarenos, que Jesus foi somente um homem, de “semente humana”, como diz Epifânio.

(12) *Ísis sem Vêu*, II, 181-3.

(13) *Op. cit.*, II, 5.

(14) Veja-se também *Ísis sem Vêu*, II, 180, até o fim do capítulo.

(15) *Source of Measures*, pág. 299. No baixo-relevo de Philloc, a que já nos referimos, esta “corrente da vida” é simbolizada pelos fluxos de água em forma de cruz vertidos sobre a cabeça do candidato à iniciação por Osíris (*Sol e Vida*) e Mercúrio (*a Morte*). Era a parte *final* dos ritos da iniciação, depois que o candidato saía vitorioso nas *sete* e nas *doze* provas a que se submetia nas criptas do Egito.

Gravada nas lousas de granito do ádito do Serapeu encontrou-se uma cruz latina de configuração nitidamente cristã, que os monges logo atribuíram, para justificar a sua procedência, a um "espírito de profecia" dos pagãos. É, pelo menos, o que afirma Sozômeno com ar de triunfo¹⁶. Mas a arqueologia e a simbologia, estes infatigáveis e implacáveis inimigos das falsas pretensões clericais, decifrando os hieróglifos da legenda que rodeia a cruz, descobriram, ainda que parcialmente, o seu verdadeiro sentido.

Segundo King e outros arqueólogos, a cruz foi ali colocada como o símbolo da vida eterna. O Tau, ou cruz egípcia, era usado nos Mistérios de Baco e de Elêusis. Simbolizando o poder gerador dual, punha-se a cruz sobre o peito do Iniciado, depois que se operava seu "novo nascimento" e os Mistas regressavam do batismo nas águas do mar. Era um signo místico, denotando que o nascimento espiritual havia regenerado sua alma astral e a unira com o seu espírito divino, e que ele estava preparado para subir em espírito à bem-aventurança das mansões eleusinas de luz e glória. O Tau era um mágico talismã e ao mesmo tempo um emblema religioso. Adoraram-no os cristãos por intermédio dos cabalistas e dos gnósticos, entre os quais era muito comum o seu uso, conforme se vê em numerosas jóias daquela época. Os últimos, por sua vez, tomaram dos egípcios o Tau (ou cruz com ansa), e a cruz latina dos missionários budistas, que a trouxeram da Índia (onde ainda hoje se pode vê-la) dois ou três séculos antes de Cristo. Os assírios, os egípcios, os antigos habitantes da América, os hindus e os romanos a usaram com ligeiras modificações de forma. Até os últimos tempos da Idade Média a cruz era considerada como um poderoso talismã contra a epilepsia e a obsessão demoníaca; e o "selo de Deus vivo", que, na visão do *Apocalipse*, trazia o Anjo vindo do Oriente para "marcar na fronte os servos de Deus", não era senão esse mesmo Tau místico — a cruz egípcia. Nos vitrais da Abadia de Saint Denis (França) o Anjo aparece na atitude de estampar esse signo na fronte do eleito, e a legenda reza: SIGNUM TAV. Em sua obra *Gnostics*, recorda King "que as imagens do eremita egípcio Santo Antão trazem habitualmente essa marca"¹⁷. São João Evangelista, o Hermes egípcio e os brâmanes hindus nos explicam o verdadeiro significado do Tau. É fora de dúvida que, para o apóstolo pelo menos, esta cruz significava o "Nome Inefável" porque mais adiante¹⁸ ele chama ao "selo do Deus vivo": "o nome do Pai escrito em suas fronteiras".

O Brahmâtma (chefe dos iniciados hindus) trazia na tiara duas chaves em cruz, como símbolo do mistério revelado da vida e da morte. Em vários pagodes budistas da Tartária e da Mongólia, a entrada de uma câmara do templo, geralmente com uma escadaria que leva ao *dâgoba* interior¹⁹, e os pórticos de alguns *prâchidas*²⁰ estão adornados com dois peixes em cruz, como se vê em certos zodíacos dos budistas. Não ficaríamos surpresos em saber que a sagrada divisa existente nos túmulos das catacumbas de Roma, "Vesica Piscis", tem sua origem nos signos zodiacais budistas. Temos um índice da universalidade simbólica da cruz na tradição maçônica de que o templo de Salomão foi edificado sobre três ordens de fundações em forma de tríplice Tau, ou três cruces.

(16) Outro historiador eclesiástico do século V, tão parcial como tendencioso, e portanto indigno de crédito. Sua história das lutas entre pagãos, neoplatônicos e cristãos de Alexandria e Constantinopla, nos anos de 324 a 439, dedicada ao imperador Teodósio, é um tecido de inexactidões deliberadas.

(17) *Gems of the Orthodox Christians*, I, 135.

(18) *Apocalipse*, XIV, 2.

(19) Dâgoba é um pequeno templo em forma de globo, onde se guardam as relíquias de Gautama.

(20) Prâchidas são construções de todos os tamanhos e formas, semelhantes aos nossos mausoleus e onde se colocam as oferendas votivas para os mortos.

Em seu sentido místico e como emblema, a cruz egípcia tem suas raízes no antiquíssimo conceito filosófico de *um dualismo andrógino de todas as manifestações da Natureza*, conceito que deriva da idéia abstrata de uma divindade igualmente andrógina; ao passo que o emblema cristão é simplesmente fortuito. Se houvesse de prevalecer a lei mosaica, Jesus teria que sofrer a pena de lapidação²¹. A cruz era um instrumento de suplício muito comum entre os romanos, mas como tal inteiramente desconhecido dos povos semitas. Era chamada "árvore da infâmia". Só mais tarde foi adotada como símbolo cristão; e durante as duas primeiras décadas após a crucificação os apóstolos a olhavam com horror²². Não era certamente na cruz cristã que João pensava quando falou no "selo do Deus vivo", mas no Tau místico, no Tetragrammaton (ou nome poderoso), que nos mais antigos talismãs cabalísticos estava representado pelas quatro letras hebraicas que compõem a Palavra Sagrada.

A famosa Lady Ellenborough, conhecida entre os árabes de Damasco e no deserto, depois de seu último casamento, pelo nome *Hanoun Medjouye*, tinha em seu poder um talismã — presente de um druso do Líbano — que, por certo signo gravado no ângulo esquerdo, se identificou como uma daquelas pedras chamadas na Palestina "amuletos messiânicos" do segundo ou terceiro século antes de Cristo. É uma pedra verde, de forma pentagonal, em cuja parte inferior está gravado um peixe, sobre o qual se vê o selo de Salomão²³, e mais acima as quatro letras caldeias Jod, He, Vau, He, IAHO, que compõem o nome da Divindade. As letras estão dispostas em uma ordem inusitada, de baixo para cima, formando o Tau egípcio. Rodeando-as, há uma legenda, que não temos o direito de declinar, uma vez que a jóia não nos pertence. O Tau, em seu significado místico, assim como a cruz "*ansata*", é a Árvore da Vida.

Sabe-se que os primeiros emblemas cristãos (antes que se tentasse representar plasticamente a imagem de Jesus) foram o cordeiro, o bom pastor e o *peixe*. A origem deste último, que tanto intrigou os arqueólogos, se torna assim compreensível. Todo o segredo está em que, enquanto a Cabala chama o Rei Messias de "Intérprete" ou Revelador do mistério, e o considera a quinta emanção, o *Talmud* designa o Messias, por motivos que vamos expor, com o nome de "DAG" ou *Peixe*. É uma reminiscência caldeia, que, conforme o próprio nome indica, se relaciona com o deus Dagon da Babilônia, o Homem-Peixe que era o instrutor e intérprete das pessoas a quem aparecia. Abarbanel dá a explicação do nome simbólico, dizendo que a vinda do Messias foi anunciada pela conjunção dos planetas Saturno e Júpiter no signo *Piscis*²⁴. Por isso, querendo os cristãos identificar o seu Christos com o Messias do *Antigo Testamento*, adotaram o símbolo do peixe, sem advertir em que sua verdadeira origem é anterior ao Dagon babilônico. A exortação de Clemente de Alexandria aos seus correligionários nos mostra como os cristãos primitivos vinculavam o ideal de Jesus diretamente às doutrinas pagãs e cabalísticas. Quando discutiam sobre a escolha do símbolo mais apropriado para evocar a figura

(21) Dizem os anais talmúdicos que Jesus, depois de morto por enforcamento, foi lapidado e sepultado sob as águas na confluência de dois rios. *Mishna Sanhedrin*, vol. VI, pág. 4; *Talmud*, de Babilônia, mesmo artigo, 43 a, 67 a.

(22) *Coptic Legends of the Crucifixion*, manuscrito XI.

(23) Não logramos compreender por que King, em sua obra *Gnostic Gems*, representa o selo de Salomão por uma estrela de cinco pontas, quando é hexagonal, como o signo de Vishnu na Índia.

(24) Em *Gnostics* reproduz King a figura de um símbolo cristão muito comum na Idade Média: três peixes unidos em forma de triângulo e trazendo gravadas as CINCO letras (o número sagrado dos pitagóricos), ΙΧΘΥΣ·Α essa mesma combinação cabalística se refere o número cinco.

de Jesus, foi este o conselho de Clemente: "Gravai na pedra de vossos anéis *uma pomba, um cordeiro tangido pelo vento (Argha) e um peixe.*" Ao dizer estas palavras, estaria ele influenciado pela recordação de Joshua (filho de Nun), chamado Jesus nas versões gregas e eslavas, ou teria esquecido a significação real desses símbolos pagãos²⁵?

E agora, com o auxílio dessas passagens, entressachadas aqui e ali em *Ísis sem Vêu* e outras obras análogas, estará o leitor em condições de ajuizar e decidir por si mesmo qual das duas explicações, a dos cristãos ou a dos ocultistas, é a que melhor se adapta à verdade. Se Jesus não foi um Iniciado, por que se teriam invocado todos esses incidentes *alegóricos* de sua vida? E por que despendeu tanto esforço e consumir tanto tempo: (a) em tentar ajustá-los a certas frases adrede escolhidas no *Antigo Testamento* e apresentadas como *profecias*; e (b) em conservar emblemas tão repletos de significação oculta, pertencentes à filosofia *mística* pagã? O autor de *Source of Measures* expõe essa *mística* intenção, mas só o faz incidentemente, em seu significado unilateral, cabalístico e numérico, sem se preocupar com a origem primitiva e espiritual, e limitando-se ao aspecto relacionado com o *Velho Testamento*. Atribui a alteração intencional da frase "Eli, Eli, Lama Sabachthani" ao já mencionado princípio dos "ossos em cruz sob uma caveira", no Lábaro,

"como um emblema da morte, que, colocado sobre a porta da vida, significa o *nascimento*, ou como o da associação de dois princípios opostos em um, à semelhança do conceito místico que fazia do Salvador homem-mulher"²⁶.

O autor se propõe demonstrar a fusão mística que os evangelistas fizeram de Jehovah, Caím, Abel, etc, com Jesus (segundo a numeração cabalística dos judeus); mas o que ele consegue é evidenciar que se tratava de uma fusão *forçada*, e que não dispomos de nenhum relato seguro sobre a vida real de Jesus, escrito por testemunhas oculares ou pelos apóstolos. Os relatos são todos baseados nos signos do Zodíaco.

"Cada... signo era dual ou macho-fêmea [na antiga astrologia mágica]; havia, por exemplo, Touro-Eva, e o Escorpião equivalia a Marte-Lupa ou Marte com a loba [em relação com Rômulo]. Ainda que estes signos fossem opostos, guardavam uma relação entre si, *ao se encontrarem no centro*; e assim era efetivamente, e em um sentido duplo a concepção do ano se dava no Touro, assim como a de Eva por Marte, seu oposto, era no Escorpião. O nascimento ocorria no solstício de inverno, o Natal. Pelo contrário, se a concepção se dava no Escorpião — como a de Loba por Touro —, o nascimento era em Leão. Escorpião simboliza a *humilhação* de Chrestos, ao passo que Leão significa a *vitória* de Christos. Touro-Eva desempenhava funções astronômicas, enquanto as de Marte-Loba eram espirituais em seu simbolismo."²⁷

(25) *Ísis sem Vêu*, II, 253-256.

(26) *Source of Measures*, pág. 301. Tudo isso assimila Jesus aos Grandes Iniciados e aos heróis solares; tudo isso é nitidamente pagão, sob uma nova modalidade — o tema cristão.

(27) *Op. cit.*, pág. 296.

O autor baseia tudo isso nas correlações e significados egípcios dos deuses e deusas; mas ignora as dos arianos, muito mais antigas.

"*Muth* ou *Mouth* era o cognome egípcio de Vênus (Eva, mãe de todos os vivos) [como Vach, mãe de todos os vivos, que era uma permutação do Aditi; sendo Eva uma de Sephira], ou a Lua. Plutarco (*Isis*, 374) nos informa de que Ísis era algumas vezes chamada *Muth*, palavra que significa *mãe*... (Issa, אִשָּׁה, mulher; *Ísis*, 372). Ísis — diz ele — é aquela parte da Natureza que sendo feminina, encerra em si mesma, como nutriz (nutrix), tudo quanto há de nascer... 'Certo, a Lua' (astronomicamente falando) 'exerce esta função sobretudo no Touro, sendo Vênus a casa (em oposição a Marte, o gerador, em Escorpião), porque o signo é luna, hipsoma. Pois que... Ísis Metheur difere de Ísis *Muth*, e no vocábulo *Muth* a noção de *dar à luz* pode estar oculta, e porque a frutificação deve efetuar-se estando o Sol com a Lua em *Libra*, não é improvável que primitivamente *Muth* significasse *Vênus* em *Libra*, e portanto a *Lua* em *Libra*'. (Beiträge zur Kenntniss, pars. II, S. 9, art. *Muth*).²⁸

E depois cita a Fuerst, em *Bohu*, para mostrar:

"a dupla interpretação da palavra *Muth* que nos proporciona, por ocultos meios, o significado real... *pecado*, *morte* e *mulher* são idênticos no signo, e estão em íntima e mútua conexão com *permuta* e *morte*²⁹.

O autor entende que essas coisas se referem unicamente aos símbolos exotéricos judeus "evemerizados", quando elas visavam principalmente a ocultar mistérios cosmogônicos, e, depois, os da evolução antropológica relacionados com as Sete Raças, desenvolvidas ou porvindoiras, e em especial as últimas sub-raças da Terceira Raça-Raiz. Entretanto, a palavra *vazio* [Caos primordial] é considerada equivalente a Eva-Vênus-Naamah, na definição de Fuerst, pois, conforme ele diz:

"Com este significado primitivo [de *vazio*] havia נָחוּ (*bohu*), tomado da cosmogonia bíblica e usado para definir o dogma [יש מאין *Jes* (us) *m'aven*, *Jes-us do nada*] da criação. [O que nos mostra que os autores do *Novo Testamento* eram bastante versados na Cabala e nas Ciências Ocultas, e confirma ainda mais o nosso asserto.] Por isso, traduziu Aquila a palavra οἶδεν, vulg. *vacua* (donde *vacca*, vaca)³⁰ por Onkelos e Samarit. וִיקְנִי.

A cosmogonia fenícia relacionou *Bohu* נָחוּ (*baau*) com a personificação divinizada da *substância primitiva*, chamando-a *mãe das raças dos deuses* [que corresponde a Aditi e Vach]. O nome aramaico נְהוּרָא, נְהוּרָא, נְהוּרָא (Ba'wθ, Buθθ, Buto, que designa a *mãe dos deuses* e que passou aos gnósticos da Babilônia e do Egito, é portanto idêntico a *Mot* ou *Muth* (נָחוּ) (B'wθ), derivado do fenício, em que se deu a troca do *b* por *m*.³¹

(28) Págs. 294-5.

(29) Pág. 293.

(30) E daí também os cornos de Ísis (a Natureza, a Terra e a Lua), como imitação de Vach, a deusa que para os hindus é a "mãe de tudo o que vive", idêntica a Virāj, e que, segundo o *Atharva Veda*, é filha de Kama, os primeiros desejos. "Tua filha, ó Kama! é chamada a *vaca*, aquela a quem os sábios dão o nome de Vach-Virāj." Foi amamentada por Brihaspati, o Rishi, o que é outro mistério.

(31) Págs. 295-6.

Diríamos antes que se aproximou de sua origem. A mística “evemerização” da Sabedoria e da Inteligência, atuando na evolução cósmica, isto é, *Buddhi* sob os nomes de Brahmâ e Purusha, como poder masculino, e sob o de Aditi-Vâch, como potência feminina (donde Sarasvati, deusa da Sabedoria), converte-se esotericamente em *Butos*, *Bythos* — O Abismo, e na fêmea pessoal e grosseiramente material chamada Éva, a “mulher primitiva” de Irineu, com o mundo surgindo do *Nada*.

“A explicação desta alegoria do 4º capítulo do *Gênesis* ajuda a compreender o desdobramento de um personagem em duas pessoas distintas, como Adão e Eva, Caim e Abel, Esaú e Jacob, etc. [macho e fêmea em cada caso]... Associemos agora vários pontos importantes que sobressaem na estrutura bíblica: 1º os do *Antigo* com os do *Novo Testamento*; 2.º aos fatos relacionados com o Império Romano; 3º aos usos do simbolismo e sua significação; 4º à chave para a leitura e interpretação dos signos; 5º à analogia entre a base da Grande Pirâmide e o *fundamento quadrático* da Bíblia; 6º e também à nova ordem instituída em Roma no tempo do imperador Constantino — e do encadeamento de tudo isso chegaremos ao seguinte³²:

Caim é... o círculo 360 do Zodíaco, o tipo exato e perfeito da divisão em quatro; daí seu nome de Melchizadik... [segue-se a demonstração geométrica e numérica]. Tem-se dito repetidamente que a construção da Grande Pirâmide teve por fim dar as medidas *dos céus e da terra*... [das esferas objetivas, como manifestação evolucionária do Cosmos puramente espiritual e subjetivo, acrescentamos nós]; e, portanto, suas dimensões incluiriam toda a substância da medida *dos céus e da terra*, ou, conforme a denominação antiga, da *Terra*, do *Ar*, da *Água* e do *Fogo*³³. (O lado da base da Grande Pirâmide equivalia ao diâmetro de uma circunferência de 2 400 pés. A característica deste número é 24, ou $6 \times 4 = 24$, isto é, o quadrado de Caim-Adão.) Pois bem: vê-se, pela reconstituição feita pelo erudito jesuíta Padre Atanásio Kircher, que o exposto acima corresponde, de acordo com os anais e tradições bíblicas, precisamente ao método empregado por Moisés no plano da construção do tabernáculo dos israelitas. Os *quatro quadrados interiores* foram consagrados a: 1º Moisés e Aarão; 2º Kohath; 3º Gershom; 4º Merari — sendo que os três últimos eram os chefes dos Levitas. Os atributos desses quadrados eram os mesmos atributos *primordiais* de Adão-Marte, e compunham-se dos elementos *Terra, Ar, Fogo e Água* — ou ים = lam = Água, כֶּנֶר = Nour = Fogo, רוּחַ = Ruach = Ar, e יִבְשָׁה = Iabeshah = Terra. As letras iniciais destas palavras são INRI — o símbolo geralmente interpretado como Jesus Nazarenus Rex Iudeorum — “Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus”. O quadrilátero INRI é o *quadrado de Adão*, que foi ampliado, como base, em outros quatro de $144 \times 2 = 288$, até o lado do grande quadrado de $288 \times 4 = 1152 =$ toda a circunferência. Mas este quadrado é o desdobramento de elementos também circulares, o que

(32) Se tivéssemos conhecido o erudito autor antes de publicar o seu livro, talvez o levássemos a acrescentar um sétimo elo, do qual derivam todos os que foram enumerados, porque lhes precede no tempo e os supera em significado filosófico, inclusive no que se refere à Grande Pirâmide, cuja base quadrada vinha, por sua vez, dos Mistérios Arianos.

(33) Nós diríamos: Matéria cósmica, Espírito, Caos e Luz divina, porque neste ponto o conceito egípcio era idêntico ao ariano. Contudo, assiste razão ao autor se atentamos para a simbologia oculta dos judeus. Foram estes em todos os tempos um povo de predominante índole materialista, não espiritual; apesar disso, consideravam “Ruach” como o Espírito Divino, e não como o “ar”.

pode ser indicado por 115-2. Ponhamos INRI dentro de um círculo, ou leiamos as letras na ordem em que se acham no quadrado, com os seus valores de 1521, e teremos ou seja: 115-2.



Mas já vimos que isso está indicado por Caim no 115 de seu nome; este 115 era o complemento necessário para formar o ano de 360 dias, com o equilíbrio do círculo típico, isto é, Caim.

Os quadrados angulares do quadrado maior são: A = Leo e B = Dan-Escorpião; vê-se que Caim trespassa Abel no cruzamento das linhas solsticial e equinocial, em relação a Dan-Escorpião no círculo celeste. Mas Dan-Escorpião confina com a Libra, ou Balança, cujo signo é ♎ (o do antigo *travesseiro* em que Iacob repousou *a parte posterior da cabeça*³⁴, e que está representado no símbolo: $\hat{\times}$ PS.

Também a insígnia de Dan-Escorpião é morte-vida, no símbolo: $\hat{\times}$.

Ora, a cruz é o emblema da *origem das medidas*, na forma *jeóvica da linha reta UM de uma denominação de 20612, a circunferência perfeita*. E isto, portanto, Caim, como Jehovah, o foi; porque o texto diz que *ele era Jehovah*. Mas a fixação de um homem nesta cruz correspondia ao seguinte: $113:355 \text{ a } 6561:5153 \times 4 = 20612$, como se mostrou. Ora, sobre a *cabeça* de Jesus crucificado colocaram os judeus a inscrição daquelas iniciais que sempre foram consideradas simbólicas, empregando-se e transmitindo-se à posteridade como um monograma de Jesus Chrestos, a saber: INRI, ou *Iesus Nazarenus Rex Judaeorum*; são, porém, inscritas na cruz (ou *forma cúbica da origem circular das medidas*) para medir a substância da *Terra*, do *Ar*, do *Fogo* e da *Água* — ou INRI = 1152, como se mostrou. Aqui temos o *homem* sobre a *cruz*, ou 113:355 em combinação com $6561:5153 \times 4 = 20612$. Estes são os números *da base da pirâmide*, derivados de 113:355, segundo a fonte hebréia; donde o quadrado de Adão, que é a base da pirâmide e o quadrado central do maior quadrado do *tabernáculo*. Pondo INRI dentro de um círculo, teremos 1152, ou seja, a circunferência deste. Mas Jesus ao expirar (ou Abel casado) pronunciou as palavras exatamente necessárias para exprimir tudo. Disse ele: *Eli, Eli, Lama Sabachthani...* Lidas tais palavras em *forma circular* e em seus valores numéricos derivados da forma de Adão, teremos: אֵלִי = 113; אֵלִי = 113, ou 113-311; לֶמָּה = 345, ou Moisés no círculo Caim-Adão da pirâmide: שְׂכָרָה = 710, igual à Pomba ou Jonah, e $710 \div 2 = 355$, ou 355-553. Finalmente, como determinante de tudo, יֵשׁ ou *ni*, onde נ = num. peixe = 565, e י = 1 ou 10; juntos: 565 יֵשׁ = יְהוֹרָה ou o valor de Cristo...

[Tudo isso] esclarece e explica a cena da Transfiguração no monte. Pedro, Tiago e João estavam ali presentes com Jesus; ou:

יָם	= Iami, Tiago	= água
יְבִשֶׁת	= Pedro	= terra
רוּחַ	= João	= Espírito, ar
יְבוּד	= Jesus	= fogo, vida.

(34) Ralston Skinner diz que o símbolo (os ossos cruzados e a caveira) contém a letra P, *Koph*, ou a forma de metade da cabeça atrás das orelhas. *The Source of Measures*, pág. 299.

Juntos = INRI. Observe-se, porém, que também estavam ali o profeta Elias e Moisés, ou **אלי** e **למה** ou Eli e *Lamah*, ou 113 e 345. E isso mostra que a cena da transfiguração está relacionada com o que ficou acima exposto³⁵.

Essa interpretação cabalística dos relatos evangélicos — que sempre se supôs retratassem os fatos tão notáveis, de sentido altamente místico, e nem por isso menos reais, da vida de Jesus — deve causar um estranho e terrível impacto na crença de alguns cristãos. O honrado e confiante crente que haja derramado lágrimas de comovida veneração e piedade, ao conhecer a história do curto período da vida pública de Jesus de Nazaré, terá de escolher um dos dois caminhos que se abrem à sua frente, depois de ler o que acima se expôs: ou a fé o deixará impermeável a toda luz provinda da razão humana, ou há de confessar a perda de seu Salvador. Aquele a quem até então havia considerado como a única encarnação de Deus na terra se desvanece ao sopro da própria leitura da *Bíblia* em sua interpretação correta. Além disso, se, conforme a autoridade mesma de Jerônimo, sua própria confissão autêntica e reconhecida, o Evangelho escrito por Mateus “contém matérias que são mais para *destruir* que para *edificar*” (o Cristianismo eclesiástico e dogmático, tão somente), que espécie de verdade se pode esperar de sua famosa *Vulgata*? A *revelação divina* foi substituída por uma série de mistérios *humanos* preparados por gerações de Padres da Igreja para forjar uma religião a seu modo. E que assim é, confirma-o um prelado da própria Igreja Latina, São Gregório de Nazianzeno, nas seguintes palavras escritas a seu amigo e confidente São Jerônimo:

“Nada exerce tanta influência nas pessoas como o palavreado; quanto menos o entendem, tanto mais o admiram... Os nossos padres e os nossos doutores disseram muitas vezes não o que pensavam, mas o que a necessidade e as circunstâncias os obrigaram a dizer.”

Quais os verdadeiros blasfemos ou os mais perigosos: os dogmatistas ou os ocultistas e teósofos? São os que pretendem impor ao mundo a aceitação de um Salvador por eles forjado, um Deus com as limitações humanas, e portanto finito e imperfeito? Ou os que dizem que Jesus de Nazaré foi um Iniciado, um santo e nobilíssimo caráter humano, ainda que, em verdade, um “Filho de Deus”?

Se a humanidade tem que aceitar uma religião supostamente sobrenatural, aos olhos do ocultista e do psicólogo é muito mais lógica a transparente alegoria que a respeito de Jesus oferecem os gnósticos. Estes, sendo ocultistas e tendo Iniciados como chefes, divergem tão somente no relato histórico e na explicação dos símbolos; não, porém, no substancial. Que dizem os ofitas, os nazarenos e outros “herejes”? Sofia, a “Virgem Celeste”, decide enviar Christos, sua emanção, em auxílio da humanidade, que está ameaçada de perecer e à qual Ilda-Baoth (o Jehovah dos judeus) e seus seis Filhos da Matéria (os Anjos

(35) Págs. 296-302. Segundo estes números, explica o autor, “Eli é 113 (colocando a palavra em um círculo); [I] *Jamah* é 345, e por uma troca de letras toma o mesmo valor **משה** (em um círculo) ou Moisés; e Sabachth é João, ou a pomba, o Espírito Santo, porque (em um círculo) é 710 (ou 355 X 2). A desinência *ní*, como *meni* ou 5651, se converte em Jehovah”.

inferiores terrestres) interceptam a luz divina. E então Christos, o perfeito³⁶

"unindo-se com Sofia [a Sabedoria divina], desceu através das sete regiões planetárias, e em cada uma delas assume uma forma análoga... [e] encarnou no homem Jesus no momento de seu batismo no Jordão. Então Jesus começa a operar milagres; antes, ignorava completamente sua própria missão".

Ao ver Ilda-Baoth que o seu reinado da Matéria ia chegar ao fim pela vinda de Christos, incitou os judeus contra Ele, e Jesus foi condenado à morte. Crucificado Jesus, Christos e Sofia abandonaram o seu corpo, restituindo-o à sua própria esfera. O corpo físico de Jesus retornou à terra, mas o seu Eu, o Homem-Interno, revestiu-se de um corpo *etéreo* ³⁷.

"Desde então ele foi simplesmente alma e espírito... Durante os *dezoito* meses em que permaneceu na terra depois de ressuscitado, recebeu de Sofia o perfeito conhecimento, a Gnose, que transmitiu aos poucos apóstolos que eram capazes de apreendê-la." ³⁸

Percebe-se em tudo isso um toque oriental e hindu; é verdadeiramente a Doutrina Esotérica, com exceção dos nomes e da alegoria. Corresponde mais ou menos à história de todo Adepto que obtém a Iniciação. O Batismo no Jordão é o rito da Iniciação, a purificação final, que se realiza nos pagodes sagrados, cisternas, rios e lagos dos templos do Egito e do México. O Christos perfeito e Sofia (a Mente divina e a Sabedoria divina) penetram o Iniciado no instante da cerimônia mística, por transferência do Mestre ao Discípulo, cujo corpo físico aqueles abandonam por ocasião da morte, para volverem ao Nirmânakâya, ou Ego astral do Adepto.

Diz o ritual budista de Âryâsangha:

"O Espírito de Buddha [coletivamente] projeta a sua sombra nos Bodhisattvas de sua Igreja."

E acrescentam os ensinamentos gnósticos:

"Quando ele [o espírito de Christos] houver reunido fora dos domínios de Ilda-Baoth todo o Espiritual, toda a Luz [que existe na matéria], então estará cumprida a Redenção, e o fim do mundo chegará." ³⁹

Dizem os budistas:

"Quando Buddha [o Espírito da Igreja] ouvir soar a hora, enviará Maitreya Buddha — e depois o mundo antigo será destruído."

(36) A personificação ocidental do Poder (não a de Deus) que os hindus chamam *Bija*, a "semente una", ou *Mahâ Vishnu*, ou aquele misterioso Princípio que em si contém a Semente do Avatarismo.

(37) "Ergue-te ao Nervi, deste corpo decrepito a que foste enviado. Sobe à tua primeira morada, ó bendito Avatar!"

(38) *The Gnostics and their Remains*. de King, págs. 100 e 101.

(39) *Loc. cit.*

O que King declara a respeito de Basílides pode aplicar-se, com viso de verdade, a todo reformador, seja de uma Igreja budista, seja de uma Igreja cristã. Afirma King que para Clemente de Alexandria só havia pouquíssima coisa, entre os ensinamentos místicos e transcendentais dos gnósticos, que merecesse anátema.

“Em sua opinião, este [Basílides] não foi *herege*, isto é, um reformador das doutrinas aceitas pela Igreja católica, mas tão simplesmente um especulador teosófico que desejava expressar verdades antigas por meio de fórmulas novas.”⁴⁰

Havia uma DOUTRINA SECRETA pregada por Jesus; e naquele tempo “segredo” significava “Mistérios de Iniciação”, mas todos estes foram repudiados ou deturpados pela Igreja.

Lemos nas *Homílias* Clementinas:

“E Pedro disse: ‘Lembramo-nos de que o nosso Mestre e Senhor nos recomendou: Reservai os mistérios para mim e os filhos de minha casa.’ Eis por que a seus discípulos ele também explicava em segredo os Mistérios do Reino dos Céus.”⁴¹

(40) *Op. cit.*, pág. 258.

(41) *Homílias*, XIX, XX, 1.

SEÇÃO XIX

SÃO CIPRIANO DE ANTIOQUIA

Os Eões (Espíritos Estelares) — emanados do “Desconhecido” dos gnósticos, e idênticos aos Dhyân-Chohans da Doutrina Esotérica — foram, e com eles o seu Pleroma, transformados em Arcanjos e “Espíritos da Presença” pelas Igrejas grega e latina, em detrimento do primitivo conceito. O Pleroma¹ passou a chamar-se “Legião Celeste”, sendo o nome antigo identificado com Satã e suas “legiões”. Em todos os tempos é a força que faz o direito; e a História está pontilhada de contrastes. A Manes deram os seus discípulos o cognome de “Paracleto”². Foi ele um oculista, mas passou à posteridade como um feiticeiro, por efeito da perseguição que lhe moveu a Igreja. Em compensação, e por via de contraste, a Igreja procurou e descobriu um competidor, na pessoa de Cipriano de Antioquia, que, se não era um “mago negro”, pelo menos como tal se declarava; e o promoveu à dignidade de Bispo, inscrevendo-o depois no catálogo dos santos, em reconhecimento dos seus atos de contrição e humildade.

Não é grande coisa o que a história sabe a respeito de São Cipriano, e que se baseia principalmente em seus próprios relatos, cuja veracidade, ao que se diz, foi certificada por São Gregório à imperatriz Eudóxia, a Fócio e à Igreja. O Marquês De Mirville³ encontrou o curioso documento na Biblioteca do Vaticano e o traduziu para o francês, pela primeira vez, segundo ele afirma ao leitor. Com a devida vênia, vamos transcrever algumas páginas da tradução, o que fazemos não por consideração propriamente ao feiticeiro arrependido, mas para que os estudantes de Ocultismo tenham a oportunidade de comparar os métodos da antiga Magia (ou Demonismo, como lhe chama a Igreja) com os da Teurgia e do Ocultismo do nosso tempo.

As cenas descritas se passaram na cidade de Antioquia, lá pelo meado do século III, uns 252 anos depois de Cristo, segundo esclarece o tradutor. O fei-

(1) O Pleroma era a síntese ou o conjunto das entidades espirituais. São Paulo emprega também este nome em suas epístolas.

(2) O “Consolador”, o segundo Messias, o intercessor. “Termo que designa o Espírito Santo.” Manes, discípulo do filósofo egípcio Terebinto, “ao invocar certo dia os demônios do ar, caiu do telhado de sua casa e morreu”. Assim o diz um tal Sócrates Cristão (I, I, citado por Tillemont; IV, 584).

(3) Cf. *op. cit.*, VI, 169-183.

ticeiro arrependido escreveu sua confissão depois de converter-se; e assim não é de surpreender que invective amiúde contra o seu iniciador "Satã" (ou "Serpente-Dragão", como ele chama). A natureza humana nos oferece exemplos análogos e mais modernos desse modo de proceder. Os hindus, persas e outros "pagãos" que se convertem ao cristianismo não cessam de atacar, em todas as ocasiões, a religião de seus antepassados.

Eis o que diz a Confissão:

"Ó vós, que negais os verdadeiros mistérios de Cristo! vêde minhas lágrimas. Vós, que vos corrompeis nessas práticas demoníacas, aprendei com o meu triste exemplo toda a estultícia dos engodos de que eles [os demônios] se valem... Eu sou aquele Cipriano que, consagrado a Apoio desde a infância, foi muito cedo iniciado em todas as artes do Dragão⁴. Antes de completar sete anos fui apresentado no templo de Mitra, e três anos depois meus pais conduziram-me a Atenas para receber a cidadania. Ali me foi igualmente permitido tomar parte nos mistérios de Ceres aflita por sua filha⁵, e cheguei a ser guardião do Dragão no templo de Palas.

Subi depois ao cume do Olimpo, a morada dos Deuses, como é chamado, onde fui iniciado no sentido e no significado *verdadeiro* de seus discursos [dos Deuses] e de suas ruidosas manifestações (*strepituum*). E lá me fizeram ver em imaginação (*fantasia*) [ou *Mâyâ*] as árvores e todas as ervas que operam tantos prodígios com o auxílio de demônios... Vi suas danças, seus combates, suas ciladas, ilusões e promiscuidades. Ouvi seus cânticos⁶. E vi, finalmente, durante quarenta dias consecutivos, a falange dos Deuses e Deusas, que do Olimpo enviavam, como se fossem reis, espíritos que os representassem na terra e em seu nome atuassem em todas as nações⁷.

Nesse tempo eu me alimentava exclusivamente de frutas, depois que o sol se punha, regime cujas virtudes me foram explicadas pelos sete sacerdotes dos sacrifícios⁸.

Quando fiz quinze anos, quiseram meus pais que eu conhecesse não só as leis naturais da geração e da morte dos corpos na terra, no ar e na água, mas também as leis relativas a todas as outras forças neles *enxertadas*⁹ (*insitas*) pelo Príncipe do Mundo com o objetivo de frustrar a sua primária e divina constituição¹⁰.

(4) "A grande serpente incumbida de vigiar o templo", comenta De Mirville. "Quantas vezes temos repetido que não era *símbolo*, nem personificação, mas realmente uma serpente ocupada por um deus!", exclama. A isto respondemos que em uma mesquita do Cairo, que nada tem de *pagã*, tivemos oportunidade de ver, como viram milhares de outros visitantes, uma enorme serpente que, segundo era corrente, ali vivia desde séculos, e à qual se tinha grande veneração. Estaria também "ocupada por um Deus", ou melhor, possuída?

(5) Mistérios de Deméter ou da "mãe aflita"

(6) Os dos sátiros.

(7) Esta passagem é suspeita, parecendo antes uma interpolação. Com as palavras atribuídas a São Cipriano, visaria De Mirville a uma confirmação do que ele próprio diz a respeito de Satã: que este e sua corte enviam demônios à terra para tentar a humanidade e passar por almas dos mortos, nas sessões espíritas.

(8) Este regime nada tem de pecaminoso. É a dieta dos chelas ainda hoje.

(9) "Enxertadas" — é bem o termo. Diz o *Catecismo do Lanu*: "Os sete Construtores enxertam as forças divinas e benéficas na grosseira natureza material dos reinos mineral e vegetal em cada segunda Ronda."

(10) Mas o Príncipe do Mundo não é Satã, como nos quer fazer crer o tradutor, e sim a Legião Planetária, coletivamente. É uma pequena calúnia teológica.

Aos vinte anos fui a Mênfis, em cujos santuários penetrei e onde me ensinaram tudo o que se refere às comunicações dos demónios [Daimones ou Espíritos] com as coisas da terra, sua aversão a certos lugares, sua simpatia e atração por outros, sua expulsão de certos planetas e de certos objetos, sua preferência pelas trevas e seu horror à luz¹¹. Ali soube o número dos Príncipes caídos¹² e o que acontece às almas humanas e aos corpos com os quais eles se comunicam.

Aprendi a analogia que existe entre os terremotos e as chuvas, entre o movimento da terra¹³ e o dos mares. Vi os espíritos dos Gigantes que, em meio às trevas subterrâneas, pareciam sustentar a terra, como um homem a conduzir a carga nos ombros¹⁴.

Aos trinta anos viajei à Caldéia para estudar o verdadeiro poder do ar, que alguns dizem situar-se no fogo, e outros, mais doutos, na luz [Akasha]. Ensinaram-me que os planetas são tão variados e diferentes entre si como as plantas na terra, e que as estrelas são semelhantes a exércitos dispostos em ordem de combate. Aprendi a divisão caldéia do Éter em 365 partes¹⁵, e observei que cada um dos demónios¹⁶ que o partilham entre si era dotado da força material necessária para executar as ordens do Príncipe e dirigir todos os movimentos ali [no Éter]¹⁷. Eles [os caldeus] me ensinaram como esses Príncipes tinham assento no Conselho das Trevas, sempre em oposição ao Conselho da Luz.

Conheci os Mediadores [não *médiuns* certamente, como inculca De Mirville]¹⁸, e, ao ver os pactos de obrigação mútua que estipulavam, fiquei maravilhado com a índole de suas cláusulas e juramentos¹⁹.

Crede-me: eu vi o Diabo. Crede-me: eu o abracei [como as bruxas no Sabá (?)]²⁰

(11) Aqui se alude evidentemente aos Elementais e aos Espíritos Elementários.

(12) Lendo esta obra, já percebeu o leitor qual é a verdade acerca deste ponto.

(13) É pena que o arrependido Santo não houvesse mais cedo comunicado à Igreja o que sabia sobre a rotação da Terra e o sistema heliocêntrico — o que teria poupado mais de uma vida humana, a de Giordano Bruno por exemplo.

(14) Em suas provas de iniciação também vêem os chelas, *quando em transe artificialmente provocado por eles mesmos*, a Terra sustentada por um elefante sobre uma tartaruga, sem apoio algum. Isso lhes ensina a distinguir o verdadeiro do falso.

(15) Que se referem aos dias do ano, e também a 7 X 7 divisões da esfera sublunar da terra, das quais sete são superiores e sete inferiores, com suas respectivas Legiões Planetárias ou “exércitos”

(16) “Daimon” não é “demônio”, como traduziu De Mirville, mas “Espírito”

(17) Com isto quer o tradutor corroborar sua dogmática afirmação de que o Pater Æter ou Júpiter é Satã, e que as pestes, os cataclismas e as tempestades causadoras de desastres se devem às hostes satânicas que habitam o Éter. Boa advertência para os homens de ciência!

(18) O tradutor substitui a palavra “Mediadores” por “médiuns”, e em nota ao pé da página se justifica dizendo que Cipriano *queria* referir-se aos *médiuns* do nosso tempo!

(19) Cipriano aludia simplesmente aos ritos e mistérios da Iniciação, à obrigação de guardar sigilo e aos juramentos que ligavam os Iniciados entre si. Mas o tradutor disso fez um Sabá de feitiçarias!

(20) “Doze séculos depois, em pleno Renascimento e na Reforma, o mundo viu Lutero fazer a mesma coisa [quer dizer: abraçar o Diabo?], em igualdade de condições, segundo ele mesmo confessa.” Assim o comenta De Mirville, em nota ao pé do texto [Des Esprits, t. VI, pág. 176], dando com isso uma demonstração do amor fraternal que une os cristãos. Ora, com a palavra Diabo (se realmente consta do texto original) Cipriano queria designar o seu iniciador e hierofante. Como se vê da continuação do

no tempo da minha juventude, e ele me saudou, chamando-me Jambres e declarando-me digno do ministério [iniciação]. Prometeu-me ajuda durante toda a minha vida, e um principado depois da morte²¹. Ao alcançar a grande honra [de ser um Adepto], sob a sua tutela, pôs ele às minhas ordens uma falange de demônios. E, ao despedir-me, exclamou: 'Coragem e bom êxito, excelente Cipriano', deixando o seu assento para acompanhar-me até a porta, o que foi motivo de grande admiração entre os que se achavam presentes.'²²

Depois de se despedir de seu iniciador caldeu, dirigiu-se para Antioquia o futuro feiticeiro e Santo. A confissão de suas "iniquidades" e de seu ulterior arrependimento é longa; mas trataremos de resumi-la. Tornou-se ele "um mago completo e acabado", cercando-se de uma legião de discípulos e de "candidatos ao exercício da perigosa e sacrílega arte". Ele mesmo se nos apresenta distribuindo filtros amorosos e encantamentos letais "para desembaraçar esposas jovens de seus maridos velhos, e para seduzir virgens cristãs".

Infelizmente não foi Cipriano imune à influência do amor, e deixou-se subjugar aos encantos da bela Justina, uma jovem convertida, depois de haver tentado em vão fazê-la partilhar da paixão que por ela sentia certo libertino chamado Aglaídes. Seus "demônios falharam", diz Cipriano, e este fato o indis pôs contra eles. Tal desgosto deu causa a uma desavença com o seu hierofante, a quem ele insiste em identificar com o Demônio. À desavença seguiu-se uma controvérsia entre o hierofante e alguns cristãos convertidos, sendo, como era de esperar, derrotado o "Maligno". Finalmente, o feiticeiro recebe o batismo e liberta-se do seu inimigo. E, tendo deposto aos pés de Antimes, Bispo de Antioquia, todos os seus livros de magia, ganhou foros de santidade, juntamente com a formosa Justina, que o havia convertido; ambos sofreram o martírio no tempo do imperador Diocleciano, e foram sepultados lado a lado na Basilica de São João de Latráo, em Roma, perto do Batistério.

relato, teria o Diabo deixado o seu assento para acompanhar Cipriano até a porta. Ora, nenhum Santo — ainda que um feiticeiro arrependido — seria tão néscio para dizer semelhante coisa.

(21) Todos os Adeptos recebem "um principado espiritual" depois da morte.

(22) O que mostra que se tratava do hierofante com os seus discípulos. Cipriano se confessa tão agradecido a seus mestres e instrutores como a maioria de outros convertidos, os modernos inclusive.

SEÇÃO XX

A GUPTA VIDYÂ ORIENTAL E A CABALA

Consideraremos agora novamente a identidade essencial que existe entre a Gupta Vidyâ oriental e o sistema da Cabala, salientando ao mesmo tempo a dessemelhança de suas interpretações filosóficas a partir da Idade Média.

Deve-se reconhecer que as opiniões dos cabalistas¹, em suas sintéticas conclusões quanto à natureza dos mistérios ensinados no *Zohar*, são tão contraditórias e desencontradas quanto as da própria Ciência em relação aos problemas do Universo. Do mesmo modo que os rosa-cruzes e os alquimistas da Idade Média (como o Abade Tritêmio, João Reuchlin, Agripa, Paracelso, Roberto Fludd, Filaleto, etc), em cujo nome juram, os ocultistas continentais vêem na Cabala judaica a fonte única e universal de sabedoria; e encontram nela o segredo de quase todos os mistérios metafísicos e divinos da Natureza, inclusive, conforme pensa Reuchlin, os da *Bíblia* cristã. Para eles, é o *Zohar* um tesouro esotérico de todos os mistérios do Evangelho cristão; e o *Sepher Yetzireh* é a luz que dissipa toda a obscuridade, a chave de todos os enigmas da Natureza.

Se muitos dos discípulos modernos dos cabalistas medievais têm alguma idéia do significado real da simbologia de seus Mestres, é outra questão. A maioria provavelmente nunca atentou para o fato de que os alquimistas tinham uma linguagem que lhes era peculiar, e que usavam como um véu a fim de protegê-los contra os perigos da época. Não era a linguagem-mistério dos Iniciados pagãos, que houvessem porventura traduzido e depois velado mais uma vez.

A situação hoje é a seguinte: como os antigos alquimistas não deixaram a chave de seus escritos, passaram estes a ser um mistério dentro de outro mistério mais velho. Lê-se e interpreta-se a Cabala unicamente à luz que sobre ela os místicos da Idade Média projetaram. E, como estes, em razão de sua Cristologia forçada, encobriram todos os seus ensinamentos com a máscara dogmática e teológica, sucede que cada místico, entre os nossos modernos cabalistas europeus e americanos, interpreta à sua maneira os antigos símbolos; e cada qual

(1) Entendemos como tais aqueles estudantes de Ocultismo que se dedicam quase exclusivamente à Cabala judaica, mal conhecendo ou ignorando as demais literaturas e ensinamentos esotéricos.

invoca, em suas controvérsias, os rosa-cruzes e alquimistas de há três e quatro séculos.

O dogma místico cristão é o “maëlstrom” central que sorve todos os antigos símbolos pagãos; e o Cristianismo antignostico, esta retorta moderna que substituiu o alambique dos alquimistas, destilou a Cabala — isto é, o *Zohar* hebreu e outras obras místicas dos rabinos —, deixando-a irreconhecível. E a este resultado se chegou: o estudante que hoje se interessa pelas Ciências Ocultas tem de acreditar que todo o ciclo simbólico do “Ancião dos Dias” e cada cabelo da compacta barba do Macropósopo se referem somente à história da vida terrena de Jesus de Nazaré! E nos dizem que a Cabala “foi primeiramente ensinada a um grupo selecionado de Anjos” pelo próprio Jehovah, que, por modéstia (como é de presumir), se apresentou como um simples terceiro Sephiroth, e, ainda por cima, feminino. Tantos cabalistas, tantas interpretações. Crêem alguns — e talvez com mais razão

— que a essência da Cabala é a base sobre a qual se edificou a Maçonaria

— pois que a moderna Maçonaria é inegavelmente o pálido e vago reflexo da primitiva Maçonaria Oculta, dos ensinamentos daqueles divinos maçons que instituíram os Mistérios dos Templos de Iniciação pré-históricos e pré-diluvianos, erigidos por Construtores verdadeiramente super-humanos. Declaram outros que as doutrinas expostas no *Zohar* dizem respeito somente a mistérios terrestres e profanos, sem relação alguma com especulações metafísicas, tais como a alma e a vida *post-mortem* — a exemplo do que também ocorre com os livros mosaicos. Outros ainda (e estes são os verdadeiros e genuínos cabalistas que receberam os ensinamentos dos rabinos iniciados) afirmam que, se os dois mais eruditos cabalistas da Idade Média, João Reuchlin e Paracelso, professaram religiões diferentes (pois o primeiro foi o Pai da Reforma, e o segundo era católico, pelo menos em aparência), o *Zohar* não pode conter muita coisa do cristianismo dogmático, em um como em outro sentido. Sustentam esses, portanto, que a linguagem numérica dos livros cabalísticos ensina verdades universais, e não as de uma religião em particular. Têm razão os que dizem que o misterioso idioma empregado no *Zohar* e em outras obras de literatura cabalística foi outrora, em um tempo de inconcebível antiguidade, a língua universal do gênero humano. Mas laboram completamente em erro quando acrescentam a inadmissível teoria de que *esse idioma foi inventado pelos hebreus, ou em sua origem pertencia aos hebreus, de quem o tomaram as demais nações.*

Estão equivocados, porque, se o *Zohar* (זוהר, ZHR), o *Livro do Esplendor*, provém do rabino Simeão Ben Jochai (seu filho Eleazar, também rabino, auxiliado por seu secretário Abbas, recopilou os ensinamentos de seu falecido pai em um livro chamado *Zohar*), a verdade é que tais ensinamentos não são originais do rabino Simeão, como o evidencia o Gupta Vidya. São tão antigos quanto o próprio povo judeu, e talvez muito mais ainda. Em resumo, os escritos que com o título de *Zohar* se atribuem ao rabino Simeão Ben Jochai são tão originais quanto as Tábuas sincrônicas egípcias depois de passarem pelas mãos

de Eusébio, ou quanto as *Epístolas* de São Paulo depois de sua revisão e correção pela "Santa Igreja" ².

Lancemos um rápido olhar retrospectivo sobre a história e as vicissitudes desse mesmo *Zohar*, tais como no-las dão a conhecer as tradições e os documentos dignos de fé. Não nos deteremos em discutir se a obra foi escrita um século antes de Cristo ou no primeiro século da era cristã. Basta saber que em todos os tempos existiu entre os judeus uma literatura cabalística; e que, embora não se possam encontrar-lhe os traços históricos senão a partir da época do Cativo, os documentos dessa literatura, desde o *Pentateuco* ao *Talmud*, foram sempre escritos em uma espécie de língua misteriosa, constituindo na realidade uma série de anais simbólicos que os judeus haviam copiado nos santuários egípcios e caldeus, adaptando-os à sua própria história nacional, se é que lhe podemos dar o nome de história. O que sustentamos, e nem o mais obstinado cabalista o negará, é que, embora a sabedoria cabalística fosse transmitida oralmente durante muitos séculos, até o tempo dos últimos Tanains pré-cristãos, e nela fossem muito versados David e Salomão, como se pretende, ninguém se atreveu a escrever texto algum até os dias do rabino Simeão. Em suma: antes do primeiro século de nossa era, nunca haviam sido reduzidos a escrito os conhecimentos que se encontram na Cabala.

Isto sugere ao crítico a seguinte reflexão. Vemos que os *Vedas* e a literatura bramânica da Índia antecederam de vários séculos a era cristã, sendo os próprios orientistas obrigados a reconhecer um par de milênios de antiguidade aos mais velhos manuscritos. Vemos que as principais alegorias do *Gênesis* já estavam inscritas nos ladrilhos da Babilônia muitos séculos antes de Cristo. Vemos que os sarcófagos egípcios dão seguidamente, ano após ano, provas irrefutáveis quanto à origem das doutrinas adotadas e copiadas pelos hebreus. Pois bem: apesar de tudo isso, ainda se exalta o monoteísmo judeu e o apresentam como um desafio às nações pagãs; e se alcandora a chamada Revelação Cristã sobre todas as outras Revelações, como o Sol sobre uma fiera de lampiões a gás. No entanto, é fora de toda dúvida, sem possibilidade de sofisma, que nenhum manuscrito cabalístico, talmúdico ou cristão, de quantos chegaram até a nossa geração, remonta além dos primeiros séculos de nossa era; ao passo que seguramente não se pode dizer outrotanto dos ladrilhos caldeus e dos papiros egípcios, ou mesmo de alguns escritos orientais.

Mas limitemos nossas indagações à Cabala, e principalmente ao *Zohar*, também chamado *Midrash*. Sabe-se que este livro se perdeu, depois que os seus ensinamentos foram dados a público pela vez primeira entre os anos de 70 e

(2) Como prova não é preciso mais que um simples exemplo. Pico de Mirandola, ao ver que a Cabala tinha mais de cristianismo que de judaísmo, pois expunha os dogmas da Trindade, da Encarnação e Divindade de Jesus, etc, reuniu todas as provas e lançou de Roma um desafio ao mundo nesse sentido. Diz Ginsburg: "Em 1486, quando só contava vinte e quatro anos de idade, Pico de Mirandola publicou noventa e duas teses [cabalísticas], que foram afixadas em Roma, e se dispôs a defendê-las na presença de todos os eruditos europeus que quisessem atender ao seu convite para virem à cidade eterna, correndo por conta dele as despesas de viagem."

110 de nossa era, ficando o seu texto disperso em alguns manuscritos menores, até o século XIII. É ridícula a opinião de que se tratava de uma composição de Moisés de León, de Valladolid (Espanha), que a fez passar como uma pseudografia de Simeão Ben Jochai; e isto foi muito bem refutado por Munk — embora não deixasse de assinalar mais de uma interpolação moderna no *Zohar*. É certo, porém, que foi Moisés de León quem escreveu o atual *Livro do Zohar*, cujo sabor literário, em virtude de colaborações, é mais cristão do que muitas obras propriamente desta religião. Munk o explica, dizendo parecer evidente que o autor se valeu de documentos antigos, entre os quais uma coleção de tradições e exposições bíblicas — ou *Midraschim* — hoje desaparecidas.

Ainda como prova de que só bem tarde conheceram os judeus o sistema esotérico do *Zohar* — ou, pelo menos, o haviam esquecido a tal ponto que as inovações e acréscimos introduzidos por Moisés de León não provocaram nenhum protesto, sendo até acolhidos com regozijo — apóia-se Munk na autoridade de um escritor judeu, Tholuck, de quem cita a seguinte informação: Haya Gaon, falecido em 1038, foi, ao que se sabe, o primeiro autor que expôs (e aperfeiçoou) a teoria dos Sephiroth, dando-lhes nomes que vemos também usados pelo Dr. Jellinek. Moisés Ben Schem-Tob de León, que entreteve íntima correspondência com os eruditos escribas cristãos da Síria e da Caldéia, pôde adquirir, por intermédio deles, o conhecimento de alguns dos escritos gnósticos³.

Além disso, o *Sepher Yetzireh* (*Livro da Criação*) — posto que atribuído a Abraão, e de texto muito arcaico — aparece mencionado pela primeira vez no século XI, por Jehuda Ho Levi (Chazari). E essas duas obras, o *Zohar* e o *Yetzireh*, são as fontes de todos os livros cabalísticos posteriores. Vejamos agora até que ponto o próprio cânon sagrado dos hebreus é digno de confiança.

A palavra “Cabala” (“Kabbalah”) deriva de uma raiz que significa “receber”, e é análoga ao termo sânscrito “smriti” (“recebido por tradição”), ou seja, representa um sistema de ensinamentos orais transmitidos de uma a outra geração de sacerdotes, como foi o caso das doutrinas bramânicas antes de serem reduzidas a manuscritos. Os judeus aprenderam dos caldeus os dogmas cabalísticos; e, se Moisés conheceu o idioma primitivo e universal dos Iniciados, como o conheciam todos os sacerdotes egípcios, e se estava a par do sistema numérico que servia de base ao mesmo idioma, é bem possível que tivesse escrito o *Gênesis* e outros “pergaminhos” (e nós admitimos que os escreveu). Mas os cinco livros hoje conhecidos com o nome de *Pentateuco* não são os anais mosaicos originais⁴. Nem foram escritos nos antigos caracteres hebreus quadrados, nem tampouco nos caracteres, samaritanos; pois ambos os alfabetos datam de época posterior à de Moisés, e o hebraico — como hoje se sabe — não existia no tempo do grande legislador, nem como idioma nem como alfabeto.

(3) Condensado de *Kabbalah*, de Isaac Myer, págs. 10 e segs.

(4) Não há no Decálogo uma só idéia que não seja o reflexo ou a paráfrase dos dogmas e da moral correntes entre os egípcios muito tempo antes da época de Moisés e de Aarão. (A Lei Mosaica, transcrição de fontes egípcias. Veja-se *Geometry in Religion*, 1890.)

Porque geralmente não se dá valor às afirmações contidas nos anais da DOCTRINA SECRETA do Oriente, e porque seja preciso, a fim de que o leitor compreenda e possa convencer-se, empregar nomes familiares e aduzir argumentos e provas documentais ao alcance de todos, ilustraremos esta exposição com os seguintes fatos, para demonstrar que os nossos assertos não se baseiam exclusivamente nos ensinamentos dos arquivos ocultos:

1º O eminente e erudito orientalista Klaproth negou peremptoriamente a antiguidade do chamado alfabeto hebraico, fundando-se em que os caracteres quadrados dos manuscritos bíblicos, atualmente usados na imprensa, se originaram, como é provável, da escrita palmiriana, ou de algum outro alfabeto semítico; de modo que a *Bíblia* foi simplesmente escrita com signos fonéticos caldeus de palavras hebraicas.

O falecido Dr. Kenealy observou com propriedade que os judeus e os cristãos se louvaram em

“fonogramas de uma língua morta e quase desconhecida, tão abstrusa como as letras cuneiformes que se vêem nas montanhas da Assíria”⁵.

2º Falharam as tentativas no sentido de retroceder a antiguidade dos caracteres quadrados hebraicos até a época de Esdras (458 A. C.).

3º Afirma-se que o alfabeto dos judeus foi copiado dos babilônicos durante o cativeiro. Mas há eruditos que não recuam os atuais caracteres quadrados hebreus além dos fins do século IV de nossa era⁶.

“Sucede com a Bíblia hebraica precisamente o mesmo que se daria com as obras de Homero se fossem impressas em caracteres ingleses e não em gregos, ou com as obras de Shakespeare se em caracteres birmaneses.”⁷

4º Os que sustentam ser o antigo hebraico o mesmo siríaco ou caldeu devem atentar para o que se lê em *Jeremias*, quando o Senhor ameaça a casa de Israel de levantar contra ela a antiga e poderosa nação dos caldeus:

“nação cuja língua não conheceis, não podendo entender o que eles dizem”⁸.

Esta mesma citação faz o Bispo Walton⁹, argumentando contra a suposta identidade do caldeu e do hebraico, e devia bastar para dirimir a questão.

5º O verdadeiro idioma dos hebreus no tempo de Moisés perdeu-se durante o cativeiro, quando os israelitas permaneceram entre os caldeus; e a língua destes foi então enxertada no hebraico, resultando dessa fusão uma variedade

(5) *Book of God*, Kenealy, pág. 383. A citação referente a Klaproth foi igualmente tirada dessa página.

(6) *Asiatic Journal*. N.S. VII, p. 275, citado por Kenealy.

(7) *Book of God*. loc. cit.

(8) *Op. cit.*, V, 15.

(9) *Prolegomena*, III, 13; citado por Kenealy, pág. 385.

dialética do caldeu, com um ligeiro colorido do idioma hebreu, que daí em diante deixou de ser falado¹⁰.

Quanto à nossa afirmação de que o atual *Antigo Testamento* não contém os Livros de Moisés originais, é confirmada pelas seguintes provas:

1.º Os samaritanos repudiaram os livros canônicos dos judeus e sua "Lei de Moisés". Não aceitaram nem os *Salmos* de David, nem os Profetas, nem o *Talmud* e o *Mishna*; mas tão somente os verdadeiros Livros de Moisés, em uma edição completamente diferente¹¹. Os Livros de Moisés e de Josué, dizem eles, foram totalmente desfigurados pelos talmudistas, ficando irreconhecíveis.

2.º Os "judeus negros" de Cochim (Índia Meridional) têm seus próprios Livros de Moisés, que a ninguém querem mostrar e que diferem muitíssimo dos atuais pergaminhos. Não são escritos em caracteres quadrados (semicaldeus e semipalmirianos), mas em letras arcaicas, segundo nos disse um daqueles judeus, letras que só eles e alguns samaritanos conhecem. Os judeus negros ignoram tudo sobre o cativo na Babilônia ou sobre as dez "tribos perdidas" (sendo estas mera invenção dos rabinos) — prova de que vieram para a Índia anteriormente ao ano 600 A. C.

3.º Os judeus caraitas da Criméia, que se consideram descendentes dos verdadeiros filhos de Israel (isto é, dos saduceus), repudiam o Torá e o Pentateuco das sinagogas, guardam a sexta-feira em vez do sábado, não aceitam os Livros dos Profetas nem os *Salmos* — e só admitem seus próprios Livros de Moisés e o que chamam sua única e verdadeira Lei.

Tudo isso evidencia que a Cabala dos judeus não é senão um eco infiel da DOUTRINA SECRETA dos caldeus; e que a Cabala autêntica se encontra no *Livro dos Números* caldeu, que alguns sufis persas atualmente possuem. Todos os povos da antiguidade tiveram suas tradições peculiares, inspiradas nas da DOUTRINA SECRETA ariana; e cada um deles ainda hoje se refere a um Sábio de sua raça que teria recebido a primitiva revelação de um Ser mais ou menos divino, fazendo-a codificar sob sua direção. Assim foi com os judeus — e com todos os outros povos. Do Iniciado Moisés receberam as suas Leis e os ensinamentos da Cosmogonia Oculta, embora depois os desvirtuassem inteiramente.

Em nossa doutrina, Adi é o nome genérico dos primeiros homens, vale

(10) Veja-se *Book of God*, pág. 385. Diz Butler (citado por Kenealy, pág. 489): "É preciso distinguir cuidadosamente entre o Pentateuco escrito em hebraico, mas em letras do alfabeto samaritano, e a versão do Pentateuco em língua samaritana. Uma das diferenças mais importantes entre os dois textos é a duração do período que transcorreu entre o dilúvio e o nascimento de Abraão. O texto samaritano indica um período de alguns séculos mais que o hebreu; e a versão dos Setenta o prolonga por mais alguns séculos que o texto samaritano." Convém observar que, na tradução autêntica da Vulgata latina, a Igreja romana adota o cômputo do texto hebraico; mas, em seu Martirológio, admite o da versão dos Setenta — pretendendo ao mesmo tempo que ambos são inspirados.

(11) Veja-se o *Journal*, do Rev. Joseph Wolff, pág. 200.

dizer, das primeiras raças dotadas de fala, em cada uma das sete zonas — e daí, provavelmente, o nome de “Ad-am”. Todos os povos dizem que aos primeiros homens foram revelados os mistérios divinos da criação. Assim, os sabeus (segundo uma tradição conservada nas obras sufis) crêem que, quando o “Terceiro Primeiro Homem” saiu do país adjacente à Índia para Babel, lhe deram uma árvore¹², depois outra, e depois uma terceira, em cujas folhas se achava registrada a história de todas as raças. “Terceiro Primeiro Homem” significa o que pertenceu à Terceira Raça-Raiz, e os sabeus também o chamavam “Adão”.

Os árabes do alto Egito e os maometanos em geral guardam a tradição de que o Anjo Azaz-el traz para Adão, sempre que este renasce, uma mensagem de Deus (o Verbo-Sabedoria). Os sufis explicam o significado da tradição dizendo que cada Seli-Alá (“escolhido de Deus”) recebe do mensageiro um livro destinado aos seus homens sábios.

A todas as nações, e não somente ao povo judeu, se refere a lenda narrada pelos cabalistas, segundo a qual o Anjo Raziel retomou, depois da Queda de Adão, o livro que a este havia sido entregue antes (livro cheio de mistérios, de signos e dos acontecimentos passados, presentes e futuros); mas que foi posteriormente restituído a Adão, a fim de que não ficassem os homens privados dos sábios ensinamentos que ali se continham. Adão, dizem, entregou o livro a Seth, que o transmitiu a Enoch, e este a Abraão, passando sucessivamente às mãos do mais sábio de cada geração. Beroso, por sua vez, conta que Xisuthros compilou um livro, seguindo as instruções de sua Divindade, livro este que foi enterrado em Zipara¹³ ou Sippara, a cidade do Sol, em Ba-bel-on-ya, sendo descoberto mais tarde e guardado no templo de Belos. Do mesmo livro tirou Beroso a sua história das dinastias pré-diluvianas de Deuses e Heróis. Elian (em *Nemrod*) fala de um falcão (emblemático do Sol) que, no começo dos tempos, trouxe para os egípcios um livro contendo a sabedoria de sua religião. O *Sam-Sam* dos sabeus é também uma *Cabala*, do mesmo modo que o árabe *Zem-Zem* (*Poço de Sabedoria*)¹⁴.

Segundo informação de um erudito cabalista, Seyffarth afirma que o antigo idioma egípcio era o mesmo hebraico antigo, ou um dialeto semítico; citando, como prova, umas “500 palavras” comuns às duas línguas. A prova não é muito consistente, em nossa opinião; apenas indica que os dois povos conviveram durante alguns séculos, e que, antes de adotar o caldeu como língua fonética, falavam os judeus o copta antigo. As Escrituras israelitas recolheram a sua sabedoria oculta da primitiva Religião-Sabedoria, que foi o manancial também de outros livros sagrados. Mas degradaram-na os hebreus com sua aplicação a coisas e mistérios mundanos, em vez de fixá-la nas esferas superiores e eternas,

(12) Uma árvore é simbolicamente um livro. O mesmo significado oculto tem a palavra “pilar”.

(13) A mulher de Moisés, uma das sete filhas de Jetro, sacerdote madianita, chamava-se Zipporah. Foi Jetro quem iniciou Moisés, e Zipporah simboliza um dos sete poderes ou faculdade ocultas que o Hierofante transmitia ao neófito,

(14) Veja-se *Book of God*, págs. 244 a 250

embora invisíveis. Sua história nacional (se é que lhe podemos reconhecer autonomia antes do regresso do cativo na Babilônia) não pode retroceder, um dia que seja, além da época de Moisés. O idioma de Abraão — se Zeruão (Saturno, emblema do tempo, “Sar” ou “Saros”, um “ciclo”) pode ser considerado como tendo alguma linguagem — não era o hebraico, mas o caldeu, talvez o árabe, e ainda mais provavelmente algum antigo dialeto indiano. São inúmeras as provas neste sentido, e aqui apresentaremos algumas; e ainda que, por comprazer aos obstinados e cabeçudos partidários da cronologia bíblica, encurtássemos os anos do nosso globo para ajustá-los às dimensões do leito de Procusto de 7000 anos, não seria evidentemente possível assinar ao hebraico a antiguidade pretendida, só porque supõem eles fosse a língua falada por Adão no Paraíso.

Diz Bunsen, em seu livro *Egypt's Place in Universal History*:

“Na tribo caldeia que se relaciona diretamente com Abraão, encontramos reminiscências de fatos que estão deturpados e se confundem com genealogias de homens ou datas de épocas. As memórias abraâmicas remontam pelo menos a três mil anos antes do avô de Jacob.”¹⁵

A *Bíblia* dos judeus foi sempre um livro esotérico, mas o seu significado oculto não permaneceu o mesmo desde a época de Moisés. É inútil tentar algo que se pareça com a história minuciosa das vicissitudes do chamado *Pentateuco*, dado o pouco espaço que podemos consagrar a este assunto, e, além do mais, essa história é bastante conhecida para necessitar de maiores dissertações. O que quer que fosse ou não fosse o *Livro da Criação* mosaico, desde o *Gênesis* aos Profetas, basta saber que o *Pentateuco* de hoje não é o original. As críticas de Erasmo, e até mesmo as de Sir Isaac Newton, mostram claramente que as Escrituras hebraicas sofreram um processo de alterações e remodelações, foram perdidas e reescritas uma dúzia de vezes antes do tempo de Ezra. Algum dia talvez se possa identificar o próprio Ezra com aquele sacerdote caldeu do Fogo e do Deus-Sol, Azara, um renegado que, ambicioso do poder, refundiu à sua maneira os antigos livros judeus perdidos, a fim de fundar uma Etnocracia. Era fácil a quem fosse versado no sistema de números esotéricos, ou em Simbologia, agrupar os fatos pelos fragmentos que as diferentes tribos conservaram, e com eles arquitetar um relato aparentemente harmônico da criação e evolução da raça judaica. Mas em seu significado oculto, desde o *Gênesis* até a última palavra do *Deuteronômio*, é o *Pentateuco* a narrativa simbólica dos sexos e a apoteose do Falicismo, sob personificações astronômicas e fisiológicas¹⁶. Sua coordenação, no entanto, não é senão aparente, e a mão humana se denuncia e aparece em todas as passagens do “Livro de Deus”.

Assim é que no *Gênesis* discutem os reis de Edom antes de haver reis em Israel; Moisés relata sua própria morte; Aarão morre duas vezes e é sepultado em dois lugares diferentes — sem falar de outras incongruências menores. São nugas para o cabalista, pois ele sabe que nenhum desses acontecimentos é históri-

(15) *Op cit.*, V, 85.

(16) Assim o demonstram plenamente *The Source of Measures* e outras obras.

co, mas a capa que oculta várias particularidades fisiológicas. O cristão sincero, porém, que aceita de boa fé todas essas “passagens obscuras”, atribui-lhes suma importância. Os maçons podem ver em Salomão um mito, e nada perdem com isso¹⁷, uma vez que todos os seus segredos são cabalísticos e alegóricos — ao menos para os poucos que os compreendem. Mas para o cristão representa uma grande perda o negar a história a existência de Salomão, filho de David e ascendente direto de Jesus. E não se justifica que os cabalistas queiram atribuir grande antiguidade aos pergaminhos bíblicos em poder dos eruditos; pois a verdade é que tanto os judeus como os cristãos afirmam que:

“Tendo-se perdido as Escrituras durante o cativeiro com Nabucodonosor, o levita e sacerdote Esdras, no tempo de Artaxerxes, rei da Pérsia, recebendo inspiração como profeta, pôde reconstituir integralmente os textos antigos.”¹⁸

Só uma inabalável confiança em “Esdras”, e principalmente em sua boa fé, pode aceitar como legítimas as cópias atuais dos Livros mosaicos, porque:

“admitindo que as cópias, ou melhor, os fonogramas feitos por Helcias, Esdras e vários editores anônimos fossem efetivamente genuínos e verdadeiros, devem ter sido destruídos inteiramente por Antíoco; e as atuais versões do Antigo Testamento terão sido elaboradas por Judas ou por compiladores desconhecidos, que provavelmente se valeram da versão grega dos Setenta, muito tempo depois do aparecimento e da morte de Jesus”¹⁹.

Assim, a fidelidade do atual texto hebreu da *Bíblia* depende da milagrosa versão grega dos *Setenta*, pois, tendo-se perdido depois as cópias originais, houve a retradução desse idioma para o hebraico. Mas, para sair deste círculo vicioso de provas, temos ainda que nos apoiar no testemunho de Josefo e Filon o Judeu, os dois únicos historiadores que afirmam ter sido a versão dos *Setenta* escrita nas circunstâncias mencionadas. Deve-se dizer, no entanto, que justamente essas circunstâncias não são muito apropriadas para inspirar confiança. Que diz Josefo? Diz que Ptolomeu Filadelfo, desejoso de ler em grego a Lei Hebraica, escreveu ao sumo-sacerdote dos judeus, Eleazar, solicitando *que lhe*

(17) Certamente que nem os maçons podem afirmar a existência *histórica* de Salomão. A ele não se referem nem Heródoto, nem Platão, nem escritor algum de renome, conforme Kenealy assinala; sendo bem estranho “que o famoso historiador grego escrevesse a história do Egito e da Babilônia sem nada dizer a respeito do povo judeu, sobre o qual havia reinado, pouco antes, o glorioso monarca Salomão, cujo esplendor dificilmente puderam igualar os maiores soberanos, ao ponto de empregar cerca de *oito mil milhões* de ouro na construção de um templo. Se Heródoto esteve no Egito e na Babilônia, como se explica que deixasse de visitar, a poucas milhas de distância, a esplêndida capital dos judeus, Jerusalém”? (*Book of God*, pág. 457.) Além de não haver prova alguma da existência das doze tribos de Israel, Heródoto, o mais escrupuloso dos historiadores, que nasceu no ano 484 antes de Cristo, não faz sequer a menor alusão aos israelitas, embora estivesse na Assíria no tempo de Ezra. Que significa tudo isso?

(18) Clemente, Vol. I, *Stromata*, Cap. XXII, pág. 448.

(19) *Book of God*, pág. 408.

enviasse seis homens de cada uma das doze tribos para que a traduzissem. Depois vem a história, realmente miraculosa, atestada por Aristeu, segundo a qual os setenta e dois tradutores, confinados em uma ilha, levaram a cabo sua tarefa em precisamente setenta e dois dias, etc.

Tudo isso é sobremodo edificante, e não haveria muita razão para pôr em dúvida a história, se nela não intervissem as “dez tribos desaparecidas”. Como é que, havendo desaparecido entre os anos 700 e 900 antes de Cristo, poderiam essas tribos, alguns séculos mais tarde, enviar, cada uma, seis homens para satisfazer os desejos de Ptolomeu; e depois sumir novamente do horizonte histórico? Um verdadeiro milagre.

Sem embargo, pretende-se que documentos tais como a versão dos *Setenta* sejam aceitos como a expressão direta de uma revelação divina; documentos escritos originariamente em uma língua de que nada se sabe, e em datas inverossímeis, por autores que tudo indica não passaram de mitos; documentos cujas cópias autênticas desapareceram sem deixar o menor fragmento. Apesar disso, há quem continue a falar do antigo hebraico como se houvesse alguém no mundo que dele conhecesse uma só palavra. Porque o hebraico era tão pouco conhecido que foi preciso escrever em uma língua *pagã* (o grego) a versão dos *Setenta*, assim como o *Novo Testamento*. E para isso não se apresenta razão mais convincente que a de Hutchinson: que o Espírito Santo quis ditar o Novo Testamento em grego.

Diz-se que o hebraico é um idioma antiquíssimo; mas dele não há sinal algum nos velhos monumentos, nem sequer na Caldéia. Entre as numerosas inscrições, de várias espécies, encontradas nas ruínas desse país,

“nunca se descobriu uma só que fosse em língua e caracteres caldeu-hebraicos; nem medalha ou jóia autêntica que contivesse esses caracteres de nova invenção, e se pudesse atribuir pelo menos à época de Jesus”²⁰.

O *Livro de Daniel* foi primitivamente escrito num dialeto misto de hebreu e aramaico, com exceção de alguns versículos em caldeu, intercalados mais tarde. Segundo Sir W. Jones e outros orientalistas, as línguas mais antigas encontradas na Pérsia são o caldeu e o sânscrito, sem traço algum do “hebraico”. Seria de surpreender que o houvesse, visto que o hebraico que os filólogos conhecem data de uns 500 anos antes de Cristo, e seus caracteres pertencem a uma época ainda muito posterior. E é de ver que os verdadeiros caracteres hebraicos, se de todo não desapareceram, foram de tal modo alterados que

“a simples inspeção do alfabeto mostra que ele passou por uma remodelação, *aparendo-se* os sinais característicos de algumas letras para torná-las mais quadradas e uniformes”²¹.

E assim não podiam ser lidas senão por um Rabino iniciado de Samaria ou por um “Jaino”; o novo sistema dos pontos massoréticos converteu os caracteres

(20) *Book of God*, pág. 453.

(21) *Asiatic Journal*, pág. 275, VII, citado por Kenealy, pág. 384.

em um enigma esfíngico. Vê-se agora a pontuação em todos os manuscritos menos antigos, e é tão arbitrária que por ela se pode dar a um texto a interpretação que convier. Serão suficientes dois exemplos apontados por Kenealy:

"Lemos no *Gênesis*, XLIX, 21: 'Nephthali é uma *cerva solta*; *ela dá palavras formosas*.' Mas com uma ligeira alteração dos pontos, Bochart muda isso em: 'Nephthali é uma *árvore que cresce e da qual brotam formosos ramos*.' Do mesmo modo, nos *Salmos*, XXIX, 9, em vez de: 'A voz do Senhor *faz parir as cervas, e descobre os bosques*', o Bispo Lowth nos dá a seguinte versão: 'A voz do Senhor *abate o carvalho e descobre os bosques*.' A mesma palavra hebraica pode significar 'Deus' ou 'Nada'..."²²

Alguns cabalistas sustentam que havia primitivamente unidade de conhecimento e de idioma. É também a nossa opinião; mas devemos acrescentar, para maior clareza, que um e outro se fizeram esotéricos desde a submersão da Atlântida. O mito da torre de Babel se refere a este forçado segredo. Ao caírem no pecado, os homens já não foram considerados dignos de participar daquele conhecimento, que, de universal que era, ficou reservado a uns poucos. Assim, o "idioma único" — ou língua-mistério — foi gradualmente recusado às gerações seguintes, limitando-se os diversos povos ao uso de suas respectivas línguas nacionais. Então, esquecido o antigo idioma de Sabedoria, disseram que o Senhor (um dos principais Senhores ou Hierofantes dos Mistérios de Java Aleim) havia semeado a confusão em todas as línguas da terra, para que os pecadores não se pudessem entender uns aos outros. Mas em todos os países e nações ficaram Iniciados, e os israelitas também tiveram os seus sábios Adeptos.

Uma das chaves desse Conhecimento Universal consiste em um sistema puramente numérico e geométrico, pois o alfabeto de cada uma das grandes nações tem um valor numérico para cada letra²³ e ainda um processo de permutação de sílabas e de sinônimos, que chegou à perfeição nos métodos ocultos indianos, mas que o hebraico decerto não possui. Os judeus empregaram o sistema aritmético-geométrico com o objetivo de ocultar suas crenças esotéricas sob a máscara de uma religião monoteísta popular e nacional. Os últimos que conheceram com perfeição o sistema foram os saduceus eruditos e "ateus" — os maiores adversários das pretensões dos fariseus e das confusas noções que estes

(22) *Book of God*, pág. 385.

(23) Falando sobre o significado oculto das palavras sânscritas, o Sr. T. Subba Row, em seu interessante artigo "Os Doze Signos do Zodíaco", dá as seguintes regras para descobrir "o profundo sentido da nomenclatura sânscrita nos antigos mitos arianos": "1º Achar os sinônimos da palavra usada que têm outras significações. 2º Determinar o valor numérico das letras componentes da palavra, segundo os métodos indicados nas antigas obras tântricas [*Tāntrika Shāstra* — obras de encantamento e magia]. 3º Examinar os antigos mitos ou alegorias, se os houver, que tenham alguma relação especial com a palavra de que se trata. 4º Permutar as diferentes sílabas da palavra e descobrir o significado das novas combinações assim formadas", etc. Mas Subba Row não menciona a regra mais importante. E não há dúvida que lhe assiste toda a razão. Os *Shāstras* tântricos são tão antigos quanto a própria Magia. Teriam também plagiado dos hebreus o seu esoterismo?

trouxeram da Babilônia. Sim, os saduceus, os ilusionistas, que diziam que as almas, os anjos e demais seres análogos eram simples ilusões, porque transitórios, no que se mostravam de acordo com o esoterismo oriental. E como rejeitavam todos os livros e escrituras, menos a Lei de Moisés, parece que esta última devia ser então bem diferente do que é hoje²⁴.

Tudo o que precede foi escrito com os olhos voltados para os nossos cabalistas. A inegável erudição de alguns deles não elimina o erro em que laboram, quando seguram as harpas de sua fé nos arbustos talmúdicos, isto é, nos manuscritos hebreus, de caracteres quadrados ou em ponta, existentes nas bibliotecas públicas, nos museus ou ainda nas coleções dos paleógrafos. Em todo o mundo não resta meia dúzia de exemplares dos autênticos manuscritos mosaicos hebreus; e, conforme já tivemos ocasião de dizer, os seus possuidores deles não se separaram, nem consentem que sejam examinados. Assim, como podem os cabalistas reclamar prioridade para o esoterismo hebreu, e pretender (como o faz um de nossos correspondentes) que “é mais antigo que todos os demais sistemas esotéricos [inclusive os egípcios e os arianos], sendo o hebraico a fonte ou raiz de todos os outros idiomas?”²⁵

Diz o nosso correspondente cabalista: “Estou cada vez mais convencido de que em tempos remotos existiu *uma poderosa civilização, com enorme soma de conhecimentos, havendo então um só idioma em toda a terra, idioma cuja essência é possível reconstituir por meio dos fragmentos que ainda existem.*”

(24) Sadoc, o fundador da escola dos saduceus, foi, por intermédio de Antígono de Soccho, discípulo de Simão o Justo. Desde a fundação da escola (uns 400 anos antes de Cristo), tinham os saduceus seu próprio e secreto *Livro da Lei*, que as massas desconheciam. Quando se deu a separação, os samaritanos só admitiam o *Livro da Lei de Moisés* e o *Livro de Josué*; e o seu *Pentateuco* é diferente da versão dos *Setenta*, e muito mais antigo. Em 168 A. C, foi saqueado o templo de Jerusalém, e desapareceram os seus livros sagrados (isto é, a *Bíblia* recopilada por Esdras e complementada por Judas Macabeu) (veja-se a obra *Josephus*, de Burder, vol. II, págs. 331-35). O sistema da *Massorá* concluiu a obra de destruição (inclusive da *Bíblia* novamente compilada por Esdras) que se iniciara com a transformação em quadradas das letras corniformes. Os saduceus não levaram a sério, portanto, o último *Pentateuco* aceito pelos fariseus, e o repudiaram. São eles acoiados de ateus; mas parece impossível que o fossem; pois, embora pregassem a liberdade de pensamento, de suas fileiras saíram os mais eminentes dos sumos-sacerdotes judeus. Consentiriam os fariseus e as demais seitas religiosas que ateus notórios fossem escolhidos para tão elevados cargos? A resposta é difícil para os fanáticos e intolerantes que acreditam em um Deus antropomorfo, pessoal; mas fácil para quem sabe encarar os fatos. Se diziam que os saduceus eram ateus, é porque suas crenças eram as mesmas do Iniciado Moisés — Iniciado que muito se distancia daquele herói e legislador judeu do Monte Sinai, tal como se veio mais tarde a descrever

(25) Segundo Piazzi Smyth e o autor de *The Source of Measures*, as dimensões da Grande Pirâmide correspondem às do templo de Salomão, da Arca da Aliança, etc. Ora, os cálculos astronômicos demonstram que a Pirâmide de Gizé foi construída 4 950 anos antes de Cristo, ao passo que Moisés escreveu seus livros — *ad argumentandum* — uns 2 400 anos antes da era cristã. Como podia ser isso? Entre o Faraó e Moisés, se um copiou o outro, certamente que não foi o primeiro. E a Filologia veio provar que não somente o idioma egípcio mas também o mongol são mais antigos que o hebraico.

Sim. Existiu realmente em idades passadas uma pujante civilização, e uma ciência oculta ainda mais poderosa, cujo objeto e extensão nem a Geometria nem a Cabala poderão jamais descobrir; porque a porta de acesso depende de sete chaves, e não basta uma, nem mesmo duas, para abri-la o suficiente a descortinar o que há no interior, só permitindo simples vislumbre.

Todo erudito não deve ignorar que há nas escrituras hebraicas dois estilos, facilmente discerníveis — *duas escolas*, por assim dizer: a jeovista e a eloísta. As passagens correspondentes a uma e outra escola foram de tal modo aglutinadas e fundidas por intervenções posteriores, que não raro se perderam os seus característicos externos. Sabe-se, contudo, que as duas escolas eram antagônicas. Uma ensinava doutrinas esotéricas; a outra, doutrinas exotéricas e teológicas. Os eloístas eram videntes (*roch*), e os jeovistas profetas (*nabhi*)²⁶; estes últimos, que depois se chamaram rabinos, eram geralmente profetas só em nome, em virtude do seu posto oficial, do mesmo modo por que ao Papa se dá o título de Vigário infalível de Deus na terra. Além disso, os eloístas usavam a palavra *Elohim* com o significado de “forças”, e, como na DOUTRINA SECRETA, identificavam sua Divindade com a Natureza; ao passo que os jeovistas faziam de Jehovah um Deus pessoal *ex-machina*, e empregavam o termo simplesmente como um símbolo fálico — sendo que alguns deles não acreditavam na Natureza metafísica, abstrata, resumindo tudo ao plano terrestre. Finalmente, os eloístas consideravam o homem como a imagem divina encarnada, o primeiro ser emanado dos Elohim em toda a criação; e os jeovistas o colocavam em último lugar, com o coroamento glorioso da criação animal — em vez de ser o cabeça de todas as criaturas racionais da terra²⁷.

Veja-se no *Zohar* a descrição de *Ain-Soph*, o Parabrahman ocidental ou semítico. Há passagens que muito se aproximam da idéia vedantina, como a seguinte:

“A criação [o Universo manifestado] é a vestimenta daquele que não tem nome, a vestimenta tecida com a própria substância da Divindade.”²⁸

Entre *Ain*, ou “o nada”, e o Homem Celeste há, porém, uma Causa Primeira Impessoal, a respeito da qual se disse:

“Antes que Ele desse uma forma a este mundo, antes que Ele produzisse alguma forma, só ele era, sem forma ou semelhança com o que quer que fosse. Quem, portanto,

(26) Só isso já demonstra como foram alterados os Livros de Moisés. Em *Samuel* (IX, 9) está escrito: “Ao profeta [*nabhi*] de hoje antigamente se chamava vidente [*roch*].” Ora, antes de *Samuel* não se encontra em parte alguma do *Pentateuco* a palavra “*roch*”, sendo em seu lugar empregada sempre a palavra “*nabhi*”; fica assim provado que os levitas posteriormente substituíram por outro o texto de Moisés. (Veja-se, para mais pormenores, o livro *Jewish Antiquities*, do Rev. D. Jennings, D. D.)

(27) Alguns cabalistas invertem os termos da proposição, o que se deve à deliberada confusão introduzida nos textos, especialmente nos quatro primeiros capítulos do *Gênesis*.

(28) *Zohar*, I, 2ª.

O pode definir, saber como Ele era antes da criação, pois que não tinha forma? E por isso nos é defeso representá-lo com alguma forma ou semelhança, inclusive por Seu sagrado nome, por uma simples letra ou um mero ponto.”²⁹

A frase que vem a seguir é, no entanto, uma evidente interpolação posterior, visto conduzir a uma flagrante contradição:

“E a isto se referem as palavras (*Deuteronomio*, IV, 9): ‘Não vistes semelhança alguma no dia em que o Senhor falou convosco’.”

Mas esta referência ao capítulo IV do *Deuteronomio* foi muito infeliz, considerando que no capítulo V se menciona que Deus falou “cara a cara” com o seu povo.³⁰

Nenhum dos nomes que se dão a Jehovah na *Bíblia* tem relação alguma com *Ain-Soph* ou a Causa Primeira e Impessoal (o Logos) da Cabala; todos eles se referem às *Emanações*.

Diz o *Zohar*:

“Porque, embora o Oculto dos Ocultos, para manifestar-se a nós, produzisse as Dez Emanações [Sephiroth] chamadas a Forma de Deus, a Forma do Homem Celeste, esta luminosa forma era demasiado ofuscante à nossa vista, e por isso Ele assumiu outra forma, pôs outra vestimenta, *que é o Universo*. Portanto, o Universo, ou mundo visível, é uma expansão posterior da Divina Substância, e a Cabala o chama ‘A Vestimenta de Deus’.”³¹

É a doutrina dos *Purânas* hindus, e especialmente do *Vishnu Purâna*. Vishnu penetra o Universo e é o Universo; Brahmâ se infunde no Ovo do Mundo, e dele ressurgue como o Universo; Brahmâ também desaparece com ele, e ali fica somente Brahman, o impessoal, o eterno, o não-nascido, o indescritível. O *Ain-Soph* dos caldeus e, mais tarde, dos judeus, é certamente uma cópia da Divindade védica; e o “Adão Celeste”, o Macrocosmo que reúne em si a totalidade dos seres, e é o *Ser* do Universo visível, tem o seu original no Brahmâ purânico.

Em *Sôd*, “o Segredo da Lei”, identificamos as expressões usadas nos mais vetustos fragmentos do Gupta Vidyâ, ou Conhecimento Secreto. E não é avançar demais afirmar que até mesmo um rabino, a quem seja de todo familiar o *hebraico* do seu especial ofício, não será capaz de compreender inteiramente os segredos deste, se não acrescentar às suas idéias um conhecimento sério das filosofias hindus. Retrocedamos, para um exemplo, à *Estância I* do LIVRO DE DZYAN.

O *Zohar* pressupõe, como a DOUTRINA SECRETA, uma Essência uni-

(29) *Zohar*, 42 b.

(30) “Cara a cara o Senhor falou convosco no monte, do meio do fogo” (*Deut.*, V, 4).

(31) *Zohar*, I, 2^a. Veja-se o ensaio do Dr. Ch. Ginsburg sobre: *The Cabbalah, its Doctrines, Developments and Literature*.

versal, eterna e passiva — porque absoluta — em tudo o que a razão humana chama de atributos. A Tríade pré-genética ou pré-cósmica é pura abstração metafísica. A noção de uma hipóstase trinitária em uma Essência divina desconhecida é tão antiga como o pensamento e a palavra. Hiranya-garbha, Hari e Shankara (o Criador, o Conservador e o Destruidor) são os três atributos manifestados dessa Essência, que aparecem e desaparecem com o Cosmos; constituem, por assim dizer, o Triângulo visível inscrito no sempre invisível Círculo. Esta é a mente-raiz primordial da humanidade pensante; o Triângulo pitagórico que surge da sempre oculta Mônada, ou Ponto central.

Platão a isso se refere, Plótino diz que é uma doutrina antiga, e sobre ela Cudworth observa que:

“Como Orfeu, Pitágoras e Platão afirmaram, todos eles, a idéia da divina Trindade hipostática, tomada sem dúvida alguma dos egípcios, é razoável supor que estes, por sua vez, houvessem recebido a doutrina de outra fonte.”³²

Essa fonte certamente foi a Índia. Com muita razão adverte Wilson:

“Sendo as versões gregas e egípcias bem mais confusas e deficientes que as dos hindus, é muito provável que entre estes últimos encontremos a doutrina em sua mais original, metódica e significativa forma.”³³

Eis, portanto, o sentido:

*“Só as Trevas enchiam o Todo sem limites, porque Pai, Mãe e Filho eram novamente Um.”*³⁴

O Espaço foi e é sempre o que é no intervalo dos Manvantaras. Desaparecido o Universo, tudo volta ao seu estado pré-cósmico homogêneo, isto é, sem aspectos. Assim o ensinaram os cabalistas, e é agora um ensinamento cristão.

O *Zohar* insiste sempre na idéia de que a Unidade Infinita ou Ain-Soph é inacessível à mente humana; e no *Sepher Yetzireh* vemos que o Espírito de Deus — o Logos, não a Divindade em si mesma — é chamado o Único.

“Único é o Espírito do Deus vivo... que vive eternamente. A Voz, o Espírito [do Espírito] e o Verbo: isto é o Espírito Santo.”³⁵

E também o Quaternário. Deste Cubo emana o Cosmos inteiro.

Diz a DOUTRINA SECRETA:

“Ele é chamado à vida. O Cubo místico, em que descansa a Idéia Criadora, o Mantra em manifestação [ou palavra articulada — Vâch] é o santo Purusha [ambos radiações da matéria primitiva] existem, na Eternidade, em estado latente na Divina Substância”

(32) Cudworth, I, III, citado por Wilson; *Vishnu Purâna*, I, 14, nota.

(33) *Vishnu Purâna*, Wilson, I, 14.

(34) Estância I, 5.

(35) *Mishna*, I, 9.

— isto é, durante o Pralaya.

E, no *Sepher Yetzireh*, quando os Três-em-Um vêm à existência (pela manifestação de Shekinah, a primeira efluência ou irradiação do Cosmos), o “Espírito de Deus”, ou Número Um³⁶, frutifica e desperta a Potência dual, o Número Dois, o Ar, e o Número Três, a Água; nestes “há trevas e o vazio, o limo e o esterco” — ou seja, o Caos, o Tohu-Vah-Bohu. Do Ar e da Água emana o Número Quatro, o Éter ou Fogo, o Filho. Tal é o Quaternário cabalístico. Este Número Quatro, que no Cosmos manifestado é o Uno ou o Deus Criador, para os hindus é o “Ancião”, Sanat, o Prajâpati dos *Vedas*, o Brahmâ dos brâmanes, o celeste Andrôgino, que se transmuda em masculino ao desdobrar-se em dois corpos — Vâch e Virâj. Para os cabalistas, ele é primeiramente o Jah-Havah, que se converte depois em Jehovah (como Virâj, seu protótipo); e, desdobrando-se em Adão-Kadmon, ou seja, em Adão-Eva no mundo sem forma e em Caim-Abel no mundo semi-objetivo, chega finalmente a ser o Jah-Havah, ou homem e mulher, em Enoch, filho de Seth.

Porque o verdadeiro significado do nome composto Jehovah (ao qual, tirando-se as vogais, se pode dar quase todas as acepções que se desejem) é: “homens e mulheres” — ou a humanidade desdobrada em seus dois sexos. Nos quatro primeiros capítulos do *Gênesis*, todo nome é uma permutação de outro nome, e cada personagem é ao mesmo tempo outra personagem diferente.

Os cabalistas traçam a figura de Jehovah desde o Adão de barro até Seth, o terceiro filho, ou melhor, a terceira raça de Adão³⁷. Assim, Seth é o Jehovah masculino; e Enos, como permutação de Caim e Abel, é o Jehovah macho e fêmea, ou a nossa espécie humana. Nas doutrinas hindus, Brahmâ-Virâj, Virâj-Manu e Manu-Vaivasvata, com sua filha e esposa Vâch, apresentam muita analogia com esses personagens, o que facilmente pode ser comprovado por quem se dê ao trabalho de comparar a *Bíblia* com os *Purânas*. Dizem estes que Brahmâ se criou a si mesmo como Manu, e que nasceu idêntico ao seu próprio ser original, ao constituir a parte feminina ou Shâtâ-rupâ (a de cem formas). Nesta Eva hindu, “mãe de todos os seres vivos”, Brahmâ criou Virâj, que é ele mesmo, mas em uma escala inferior, do mesmo modo que Caim é Jehovah num grau inferior: ambos são os primeiros varões da Terceira Raça.

A mesma idéia se acha implícita no nome hebraico de Deus (יהוה). Lendo-se da direita para a esquerda, temos “Jod” (י), o Pai, “He” (ה), a Mãe; “Vau” (ו), o Filho; e “He” (ה), que, repetido no fim da palavra, significa geração, o ato

(36) Em seu estado manifestado, ele é Dez, o Universo. Na Cabala caldéia é sem sexo. Na dos judeus Shekinah é feminino, e os primeiros cristãos, como também os gnósticos, consideravam o Espírito Santo como potestade feminina. No *Livro dos Números*, Shekinah perde o *h* final, convertendo-se no feminino “Shekina”. Nârâyana, o Agitador das Águas, também é sem sexo. Estamos convencidos de que Shekinah e Daiviprakriti ou a “Luz do Logos” expressam a mesma idéia filosófica.

(37) Os Elohim formam o Adão de barro, e nele Jehovah-Binah se desdobra em Eva. Depois o elemento masculino de Deus se converte em Serpente, tenta a si mesmo em Eva, nela se cria a si mesmo como Caim, passa a Seth e surge de Enoch, o Filho do Homem, ou a Humanidade, como Jod heva.

do nascimento, materialidade. Esta é, sem dúvida, uma razão suficiente para que o Deus dos judeus e dos cristãos seja um Deus pessoal, tanto quanto os masculinos Brahmâ, Vishnu ou Shiva do hinduísmo ortodoxo e exotérico.

Assim, a palavra JHVH, por si só, que é hoje aceita como o nome do “único Deus vivo [masculino]”, nos revela, se estudada com atenção, não só todo o mistério do *Ser* (no sentido bíblico), mas ainda o mistério da Teogonia Oculta, desde o supremo Ser divino, o terceiro na ordem da hierarquia transcendente, até o homem. Conforme esclarecem os melhores hebraístas:

“O nome verbal **הָיָה**, ou Hâyâh, ou E-y-e, significa *ser, existir*, ao passo que **חָיָה**, Châyâh, ou H-y-e, significa *viver* (no sentido de *movimento da existência*).”³⁸

Daí por que Eva representa a evolução, o incessante “vir-a-ser” da Natureza. Se agora tomarmos a quase intraduzível palavra sânscrita *Sat*, que significa a quintessência do Ser absoluto e imutável, ou Asseidade (na tradução de um hábil ocultista hindu), não lhe encontraremos equivalente em nenhum idioma; mas podemos aproximá-la de “Ain-Soph” ou “En-Soph” o Ser infinito. E a palavra “*Hâyâh*”, “ser”, no sentido de existência passiva e imutável, ainda que manifestada, pode talvez ser considerada como sinônima do termo sânscrito Jivâtma, vida ou alma universal, em seu significado secundário e cósmico; enquanto que “*Châyâh*”, “viver”, como movimento da existência, é simplesmente Prâna, a vida sempre cambiante, em seu sentido objetivo.

É à frente dessa terceira categoria que os ocultistas vêem Jehovah — a Mãe, Binah, e o Pai, Arelim. Assim o dá a entender o *Zohar*, quando explica a emanção e a evolução dos Sephiroth: em primeiro lugar, Ain-Soph; em seguida, Shekinah, a vestimenta ou o véu da Luz Infinita; depois, Sephira ou Kadmon; e em quarto e último lugar, a Substância espiritual emanada da Luz Infinita. Sephira é chamado a Coroa, e tem ainda seis outros nomes; ao todo sete, que são: 1.º Kether; 2.º o Ancião; 3.º o Ponto Primordial; 4.º a Cabeça Branca; 5.º a Face Longa; 6.º a Inacessível Altura; 7.º Ehejeh (“Eu Sou”)³⁹. Este Sephira sétuplo encerra em si os nove Sephiroth. Mas, antes de explicar como emanaram dela, vejamos o que diz o *Talmud* sobre os Sephiroth, segundo uma tradição arcaica, ou Kabbalah.

Há três grupos (ou ordens) de Sephirot: 1.º os Sephiroth chamados “atributos divinos” (a Tríade no Quaternário Sagrado); 2.º os sidéreos (pessoais); 3.º os metafísicos, ou uma perífrase de Jehovah, que são os três primeiros Sephiroth (Kether, Chokimah e Binah), os outros constituindo os “Espíritos da Presença” (e, portanto, dos planetas). Por estes últimos devemos entender os Anjos, não porque sejam sete, mas porque representam os sete Sephiroth, que encerram em si a universalidade dos Anjos.

(38) *The Source of Measures*, pág. 8.

(39) Este último nome identifica Sephira, a terceira potência, com Jehovah, o Senhor, que no meio da sarça ardente diz a Moisés: “Eu sou” (*Êxodo*, III, 6). Nesse tempo o “Senhor” ainda não era Jehovah. Não era o Deus masculino que falava, mas os Elohim manifestados, ou os Sephiroth em sua coletividade manifestada de sete, contidos na tríplice Sephira.

Dai se infere: (a) que, quando se separam os quatro primeiros Sephiroth, como Tríade-Quaternário (sendo Sephira a sua síntese), restam somente sete Sephiroth (assim como há sete Rishis); contando-se, porém, dez Sephiroth quando o Quaternário, ou Cubo divino primordial, se desdobra em unidades; (b) que, se Jehovah pode ser considerado como uma Divindade quando o incluímos nos três grupos ou ordens divinas dos Sephiroth, a coletividade dos Elohim ou o Quaternário individual Kether, convertendo-se em um Deus masculino, é apenas um dos Construtores do grupo inferior — um Brahmá judeu⁴⁰. Tentemos demonstrá-lo.

Do primeiro Sephira foram sucessivamente emanados os outros nove. O segundo é Hokmah (Chokmah ou a Sabedoria), potência ativa masculina, representado entre os nomes divinos como Jah, que, por permutação ou evolução em formas inferiores, se converte em Auphanim (ou as Rodas — a rotação cósmica da matéria) entre as legiões angélicas. De Chokmah emanou o terceiro, Binah, a Inteligência, uma potência passiva feminina, cujo nome divino é Jehovah, e cujo nome angélico entre os Construtores e as Legiões é *Arelim*⁴¹. Da união entre Chokmah, potência masculina, e Binah, potência feminina, vieram os demais Sephiroth, as sete ordens de Construtores.

Se damos a Jehovah o seu nome divino, passa ele a ser uma “potência feminina e passiva” no Caos. E se o consideramos como Deus masculino, é apenas um entre muitos, um Anjo, Arelim. Mas se, levando a análise ao mais alto ponto, lhe damos o seu nome masculino Jah, o da Sabedoria, não é ele ainda o “Altíssimo e Único Deus vivo”, porque está contido, com vários outros, em Sephira; e em ocultismo Sephira é uma terceira Potência (embora na Cabala exotérica ocupe o primeiro lugar) — além disso, é uma Potência de menor categoria que a Aditi védica (ou Água Primordial do Espaço), convertendo-se, depois de muitas permutações, na Luz Astral dos Cabalistas.

Vê-se, portanto, que a Cabala, tal qual é atualmente conhecida, se reveste da maior importância no que concerne à explicação das alegorias e “frases obscuras” da *Bíblia*. Mas como tratado esotérico dos mistérios da Criação quase não tem valor, em virtude das desfigurações que apresenta — salvo se examinada à luz do *Livro dos Números*, ou das doutrinas da Ciência Secreta Oriental, a Sabedoria Esotérica. As nações ocidentais não possuem nem a *Cabala* nem a *Bíblia* mosaica originais.

Do exposto se conclui que, diante das provas assim intrínsecas como ex-

(40) Os antigos brâmanes deram prova de sabedoria quando, sem outra razão além desta, passaram a prestar menos atenção a Brahmá individualmente que a outra qualquer das divindades. Adoravam-no, como síntese abstrata e coletiva, em todos os Deuses, vendo em cada um deles a sua representação. O Brahmá masculino é muito inferior a Shiva, que personifica, como o Lingam, a geração universal, ou a Vishnu, o conservador — sendo ambos, Vishnu e Shiva, os regeneradores da vida após a destruição. Fariam bem os cristãos se lhes seguissem o exemplo, e adorassem a Deus em Espírito, e não como Criador masculino.

(41) Palavra plural, que em sentido lato significa uma legião (coletividade); e literalmente: “o poderoso leão”

trínsecas, do testemunho dos mais insígnies hebraístas europeus e da própria confissão de eruditos rabinos judeus, a *Bíblia* se baseia essencialmente em “um antigo documento que sofreu numerosas interpolações e acréscimos”, e “o Pentateuco deriva de um documento mais antigo, ou do primitivo, através de outro documento suplementar”. Por isso, na falta do *Livro dos Números*⁴², os cabalistas ocidentais só estarão habilitados a assentar conclusões definitivas quando dispuserem, pelo menos, de alguns dados daquele “antigo documento”, que se encontram dispersos nos papiros egípcios, nos ladrilhos assírios e nas tradições perpetuadas pelos descendentes dos últimos nazarenos. Em vez de pesquisar esses dados, os cabalistas do Ocidente se apóiam — como autoridades e guias infalíveis — em Fabre D’Olivet e no maçom Ragon, aquele um homem de imensa erudição e de mente especulativa, mas que não era nem cabalista nem ocultista, ocidental ou oriental, e este último o mais ilustre entre os “filhos da Viúva”⁴³, ainda menos versado, porém, que o primeiro em orientalismo, pois o sânscrito era quase desconhecido na época em que viveram esses dois eminentes sábios.

(42) A autora só possui alguns extratos desse livro, umas doze páginas ao todo, citações textuais de tão valiosa obra, da qual talvez não restem mais que dois ou três exemplares.

(43) Os maçons.

SEÇÃO XXI

ALEGORIAS HEBRAICAS

Conhecendo tudo o que acabamos de expor, como pode o cabalista julgar das verdadeiras crenças esotéricas dos judeus primitivos com base exclusivamente no que lhe proporcionam os pergaminhos hebreus de que dispõe? Como pode o orientalista chegar a uma conclusão *definitiva* neste assunto, se a chave do sistema aritmético-geométrico, agora descoberta, é apenas uma das chaves do idioma universal?

A especulação cabalística de hoje corre parelha com a da Maçonaria moderna; e é em vão que esta se pretende filiar à Maçonaria arcaica dos templos. Não o consegue, porque evidenciado está que as suas afirmações não correspondem à verdade arqueológica.

Não será por saber se foi Hiram Abif realmente um arquiteto sidônio ou um mito solar que a humanidade há de ver revelado algum mistério da Natureza, digno de ser perscrutado; nem acrescentará informações novas à Sabedoria Oculta averiguar que privilégios exotéricos Numa Pompílio conferiu ao Collegium Fabrorum. Devemos antes estudar os símbolos à luz dos ensinamentos arianos, porque o simbolismo das antigas iniciações chegou ao Ocidente com os raios do Sol oriental.

Apesar disso, vemos eminentes maçons e simbologistas dizerem que todos esses símbolos e enigmas, cuja origem comum se perde na mais remota antiguidade, não foram mais que manifestações de habilidoso falicismo natural, ou emblemas de tipologia primitiva.

Muito mais perto da verdade está o autor de *The Source of Measures*, quando diz que os elementos de construção humanos e numéricos na *Bíblia* não excluem os elementos espirituais, embora hoje só muito poucos os compreendam. As palavras que transcrevemos são tão sugestivas quanto verazes:

"A ignorância corrompeu o uso de tais emblemas ao ponto de os converter em instrumentos de martírio e de tortura, como meios de propagar os cultos religiosos de toda espécie. Quando pensamos nos horrores de um culto a *Moloch*, a *Baal* e a *Dagon*; nos dilúvios de sangue que batizaram a Cruz de Constantino, sob a inspiração da Igreja secular... quando pensamos em tudo isso, e que a causa foi a ignorância do verdadeiro significado de *Moloch*, *Baal* e *Dagon*, da *Cruz* e do *T'phillin*, todos os quais procedem

de uma origem comum, e, em suma, não são mais que expressões de matemática pura e natural... sentimo-nos inclinados a amaldiçoar a ignorância e a descrer das chamadas *intuições* religiosas; e em nosso íntimo desperta o desejo de voltarmos àquele tempo em que só havia uma *língua* e um *conhecimento*... Mas, embora tais elementos [os da construção da pirâmide] sejam racionais e científicos... não se creia que esta descoberta implique a exclusão do *sentido espiritual* da *Bíblia*, ou da relação do homem com esse fundamento espiritual. Queremos construir uma casa? Pois casa alguma poderá ser edificada com materiais tangíveis *sem que antes esteja concluído o plano arquitetural da construção* — seja um palácio ou uma cabana. Assim sucede com aqueles elementos e aqueles números, que não são invenção do homem, mas lhe foram revelados na medida de sua capacidade para compreender o *sistema criador* do Deus eterno... Mas, *espiritualmente*, o valor disso consiste, para o homem, em que ele realmente pode, por meio da contemplação, transcender toda a construção material do Cosmos e chegar até o *pensamento* e a *mente* de Deus, para reconhecer o *plano* da criação cósmica antes de ser pronunciado o *'Faça-se!'*"²

Mas, por muita verdade que encerrem estas palavras de quem redescobriu (e de modo mais completo que outros o puderam fazer em passados séculos) uma das chaves da linguagem universal dos Mistérios, ao ocultista oriental não é possível aceitar as conclusões do ilustre autor de *The Source of Measures*. Ele se propôs "descobrir a verdade", e no entanto ainda acredita que:

"A *Bíblia* hebraica contém o melhor e o mais autêntico veículo de comunicação entre [o criador] Deus e o homem."

A isso objetamos nós, e o faremos em poucas palavras.

A verdadeira "*Bíblia* hebraica" desapareceu há muito tempo, conforme já tivemos oportunidade de mostrar em páginas anteriores; e as versões truncadas e as cópias falseadas e incompletas, que hoje existem, da *Bíblia* mosaica dos Iniciados, não autorizam tão categórica afirmação. O máximo que o orientalista pode certificar é que a *Bíblia* judaica, tal como a conhecemos, e em sua última interpretação que a chave redescoberta proporcionou, nos faz pressentir até certo ponto as verdades ali subjacentes antes que a mutilassem. Mas como pode ele saber o que continha o *Pentateuco* antes da recopilação de Esdras e das posteriores adulterações de rabinos ambiciosos?

Deixando de lado a opinião dos inimigos sistemáticos das Escrituras hebraicas, vamos limitar-nos à de seus mais afeiçoados admiradores, como Horne e Prideaux. As confissões do primeiro já são suficientes para dar uma idéia do que resta dos primitivos livros de Moisés, a menos que participemos de sua fé cega na inspiração do Espírito Santo.

Diz Horne que o escriba hebreu, quando deparava um manuscrito de qualquer autor, tinha o direito de alterar o texto como lhe parecesse conveniente,

(1) Sim. Mas não se poderá descobrir e muito menos provar este *sentido espiritual*, sem recorrer às Escrituras e à simbologia dos arianos. Entre os judeus, só os saduceus conservaram a espiritualidade; os demais a perderam desde o dia em que o "povo eleito" entrou na Terra Prometida, que o Karma nacional impediu Moisés de alcançar.

(2) *Op. cit.*, págs. 317-19.

por “estar convencido de que o inspirava o Espírito Santo”: podia mudar o sentido, suprimir trechos, copiar o que bem entendesse, e utilizar o todo ou uma parte como de sua própria autoria. Com razão observa o Dr. Kenealy que é quase impossível saber exatamente o que pensa Horne e surpreender-lhe uma idéia que

“possa contrariar a sua Igreja, tão cauteloso é em seu estilo e discreto no emprego das palavras, que até parece como se escrevesse em linguagem diplomática, sugerindo frequentemente conceitos que em verdade não eram os seus. Desafio qualquer pessoa que não seja um erudito a ler o seu capítulo a respeito dos ‘caracteres hebraicos’ e *apreender seja o que for* do que ele pretendeu explicar”³.

E no entanto escreve esse mesmo Horne:

“Estamos persuadidos... de que as coisas a que nos referimos provêm dos autores originais ou *compiladores* dos livros [*Antigo Testamento*]. Muitas vezes utilizavam eles outros textos, anais, genealogias e documentos semelhantes, que *acrescentavam* à obra ou nela interpolavam de modo mais ou menos condensado. Os autores do *Antigo Testamento* se aproveitaram com inteira liberdade e independência das fontes em que se inspiravam (isto é, das escrituras de outros povos). Côncios da ajuda do Espírito Divino, *adaptavam* suas próprias obras ou as alheias às necessidades da época. Mas nem por isso se pode acusá-los de haverem corrompido o texto da Escritura: *eles o escreveram*.”⁴

Mas como o escreveram? Apropriando-se de textos alheios; porque, como judiciosamente observa Kenealy,

“Este é o juízo de Horne acerca do *Antigo Testamento*: uma miscelânea de textos anônimos, compilados e reunidos, diz ele, pelos que recebiam a inspiração divina. Nunca um infiel, que eu saiba, já levantou tão grave imputação contra a autenticidade do *Antigo Testamento*”⁵

Creemos que é o bastante para demonstrar que nenhuma das chaves do sistema de linguagem universal será capaz de abrir a porta dos mistérios da Criação em um livro cujas frases, de caso pensado ou não, estão escritas de modo que se prestam às mais recentes ilações em matéria religiosa: falicismo, e nada mais. Há nas partes eloístas da *Bíblia* várias passagens que induzem a crer fossem iniciados os que as escreveram; e daí a coordenação matemática e a perfeita harmonia entre as dimensões da Grande Pirâmide e os números dos signos bíblicos. Mas, se alguma cópia houve, certamente que não foram os arquitetos da Pirâmide que copiaram do Templo de Salomão; tal não poderia ser, porque a primeira ainda existe como um soberbo e vívido monumento dos anais esotéricos, ao passo que o famoso templo só existiu nos pergaminhos hebreus de muito menor antiguidade⁶. Há uma grande distância entre admitir que alguns hebreus

(3) *The Book of God*, págs. 388-89.

(4) Hornes, *introdução*, vol. II, pág. 33, 10ª edição, conforme a citação do Dr. Kenealy, pág. 389.

(5) *The Book of God*, págs. 388-89.

(6) Diz o autor que a *quadratura* de Parker é “idêntica àquela medida perfeita

eram iniciados e afirmar que por esse motivo devemos considerar a *Bíblia* como a mais perfeita representação e modelo do Sistema Esotérico arcaico.

Além disso, em parte alguma da Bíblia se diz que o hebraico fosse a língua de Deus; e de semelhante jactância, pelo menos, estão livres de culpa os seus autores. Talvez porque, na época em que se editou a Sagrada Escritura, parecesse intempestiva a pretensão — e, conseqüentemente, perigosa. Os *compiladores* do *Antigo Testamento*, tal como figura no cânon hebreu, sabiam que no tempo de Moisés a língua dos iniciados era idêntica à dos hierofantes egípcios; e sabiam que nenhum dialeto do antigo siríaco ou do primitivo árabe foi o idioma universal dos sacerdotes. Contudo, há em todas essas línguas certo número de palavras que têm raízes comuns. Pesquisá-las é tarefa que compete à moderna Filologia, embora esta Ciência (sem quebra do respeito devido aos ilustres professores de Oxford e Berlim) pareça debater-se nas trevas cimerianas da hipótese.

Ahrens, quando se referiu à forma em que estavam ordenadas as letras nos sagrados pergaminhos hebreus, e observou que eram notas musicais, provavelmente nunca havia estudado a música ariana da Índia. No sânscrito as letras estão sempre dispostas nas olas sagradas de modo tal que podem tomar-se por notas musicais. Porque todo o alfabeto sânscrito e todas as palavras dos *Vedas*, da primeira à última, são notações musicais ou representações gráficas de sons musicais, sendo estes inseparáveis do significado da letra ou do texto escrito⁸. Como Homero, os hindus distinguem entre a “linguagem dos Deuses” e a “linguagem dos homens”⁹. Os caracteres Devanâgari são “a palavra dos Deuses” e o sânscrito é a língua divina.

Argumenta-se em defesa da versão atual dos Livros Mosaicos que foi pre-

que foi empregada pelos egípcios na construção da Grande Pirâmide, construção cuja finalidade foi *perpetuar tal medida e os seus usos*; e esclarece que “dela se derivou o *côvado sagrado*, que foi utilizado na construção do Templo de Salomão, da Arca de Noé e da Arca da Aliança” (pág. 22). É, sem dúvida, uma grande descoberta; mas prova somente que os judeus souberam aproveitar o cativeiro no Egito, e que Moisés era um grande Iniciado.

(7) O puro árabe arcaico de Yarab (antepassado do povo árabe), muito anterior a Abraão, em cuja época já se achava corrompido.

(8) Ver *The Theosophist* de novembro de 1879, artigo “Música Hindu”, pág. 47.

(9) As letras do alfabeto sânscrito são muito mais numerosas que a do hebraico, que tem somente vinte e duas. São todas musicais, e pronunciam-se, ou melhor, cantam-se — de acordo com as regras descritas nas antigas obras tântricas; chamam-se Devanâgari, a palavra ou linguagem dos Deuses. E como cada letra corresponde a um número, o sânscrito oferece um campo muito mais vasto de expressão, e é muito mais perfeito que o hebraico; este obedece a sistema idêntico, mas com aplicação limitada. Se os Deuses houvessem ensinado aos homens um dos dois idiomas, seria antes o sânscrito, cuja superioridade lhe confere indiscutível vantagem em relação ao hebraico, mais pobre e grosseiro. Porque, se é de crer que haja uma língua de origem divina, dificilmente se pode admitir que os Anjos, ou os Deuses, ou os Mensageiros celestes tivessem que partir de uma forma tosca e monossilábica para alcançar o idioma perfeito, como sucede na evolução lingüística terrena.

ciso “acomodar” o tipo de linguagem adotado à ignorância do povo judeu. Mas a expressão “tipo de linguagem” rebaixa o “texto sagrado” de Esdras e seus colegas a ínfimos níveis de religiões sem espiritualidade, grosseiras e fálicas. E semelhante alegação parece confirmar as suspeitas já manifestadas por alguns místicos cristãos e vários críticos e filósofos acerca dos seguintes pontos:

(a) O Poder Divino, no conceito de Unidade Absoluta, não se relaciona com o Jehovah e o “Senhor Deus” da *Bíblia* mais do que com qualquer outro Sephiroth ou Número. O Ain-Soph da *Cabala* mosaica é tão independente de toda relação como os Deuses criados quanto o próprio Parabrahman.

(b) Os ensinamentos velados no *Antigo Testamento* por expressões alegóricas são todos cópias dos Textos Mágicos da Babilônia, levadas a efeito por Esdras e outros; mas o primitivo texto de Moisés teve sua fonte no Egito.

Como prova podemos apresentar alguns exemplos, já conhecidos de quase todos os simbologistas de renome, e principalmente dos egiptólogos franceses. Por outro lado, nem Filon, nem os saduceus, nem qualquer filósofo judeu da antiguidade, pretenderam, como hoje pretendem os cristãos ignorantes, que se devam tomar em sentido literal os acontecimentos bíblicos.

Filon diz explicitamente que:

“As expressões verbais [no Livro da Lei] são fabulosas. É na alegoria que encontramos a verdade.”

Começemos pela última narrativa, a hebraica, e retrocedamos, se possível, à origem das alegorias.

1.º De onde vem, no primeiro capítulo do *Gênesis*, a Criação em seis dias, o descanso do sétimo dia, os sete Elohim e a divisão do Espaço em céu e terra¹⁰?

Em todas as cosmogonias, a separação entre o firmamento em cima e o Abismo ou Caos em baixo é um dos primeiros atos da criação, ou melhor, da evolução. Hermes, no *Pimandro*, fala de um céu dividido em sete círculos, com sete Deuses nestes, cada qual atuando em sua própria esfera. As inscrições cuneiformes relatam como Bel preparou as sete mansões dos deuses, e como o céu foi separado da terra. Na alegoria bramânica, todas as coisas são setenárias,

(10) No primeiro capítulo do *Gênesis*, a palavra “Deus” representa Elohim — Deuses no plural, e não um só Deus. A tradução no singular é infiel e artificiosa. Porque toda a *Cabala* explica suficientemente que os Alhim (Elohim) são sete; e que cada um deles cria uma das sete ordens enumeradas no primeiro capítulo, as quais correspondem alegoricamente às sete criações. Para prová-lo, basta contar os versículos em que está repetida a frase: “E viu Deus que isto era bom”; versículos que são em número de sete: os versículos 4, 10, 12, 18, 21, 25 e 31. E, em que pese à arbitrária suposição dos compiladores, de que a criação do homem ocorreu no sétimo dia, os Elohim, tendo feito o homem “macho e fêmea à imagem de Deus”, repetem pela sétima vez as palavras sacramentais “E isto era bom”, o que faz do homem a sétima criação e mostra a origem hindu deste conceito cósmico. Os Elohim são os Khnumus egípcios, ou “arquitetos-ajudantes”; os sete Amshaspendos dos zoroastrianos; os sete Espíritos subordinados a Illdabaorth, dos nazarenos; os sete Prajâpatis dos hindus, etc.

desde as sete zonas ou envoltórios do Ovo do Mundo até os sete continentes, as sete ilhas, os sete mares, etc. Os seis dias da semana e o sétimo, o Sábado, são baseados, em primeiro lugar, nas sete criações do Brahmá hindu; e, secundariamente, na ordem de geração, que é um conceito sobretudo fálico. Na cosmogonia babilônica, o homem e os animais foram criados no sétimo dia (ou sétimo período).

2º De uma costela de Adão os Elohim fizeram a mulher¹¹. Este processo também se encontra nos Textos Mágicos traduzidos por G. Smith:

“Os sete Espíritos tiraram a mulher da região lombar do homem”

— conforme menciona Sayce em suas *Hibbert Lectures*¹².

O mistério da mulher formada do corpo do homem repete-se em todas as religiões e em Escrituras muito mais antigas que a dos hebreus. Vemo-lo no *Avesta*, no *Livro dos Mortos* dos egípcios, e também nos *Purânas*, quando o Brahmá masculino separa de si mesmo a sua parte feminina, Vâch, e com ela engendra Virâj.

3º Os dois Adãos, o do primeiro e o do segundo capítulo do *Gênesis*, têm origem nos relatos exotéricos dos caldeus e dos gnósticos egípcios, com posteriores modificações oriundas das tradições persas, que em sua maior parte são antigas alegorias arianas. O Adão-Kadmon é a sétima criação¹³, o Adão de barro é a oitava; e nos *Purânas* temos Anugraha como a oitava criação, que os gnósticos egípcios também tinham. Irineu, em suas acusações aos herejes, diz quanto aos gnósticos que:

“Pretendem algumas vezes que ele [o homem] foi criado no sexto dia, e outras vezes no oitavo.”¹⁴

Escreve Geraldo Massey, autor de *The Hebrew and Other Creations*:

“Estas duas criações do homem, no sexto e no oitavo dia, foram a de Adão, ou homem de carne, e a do homem espiritual. São Paulo e os gnósticos chamaram ao homem carnal o primeiro Adão, ou homem da terra, e ao espiritual o segundo Adão, ou homem do céu. É, segundo diz Irineu, os gnósticos insistiam em que Moisés primeiramente se referiu à Ogdóada das Sete Potências com sua mãe Sofia (a antiga *Kefa* do Egito, ou o *Verbo vivo* em Ombos).”¹⁵

Sofia corresponde a Aditi, também com sete filhos.

Poderíamos continuar indefinidamente enumerando as “revelações judaicas” e suas respectivas fontes, se não fosse tarefa supérflua, pois outros já o fizeram — como Geraldo Massey, que exaustivamente se ocupou do assunto.

(11) *Gênesis*, II, 21-22.

(12) *Op. cit.*, pág. 395, nota.

(13) A sétima esotericamente; mas exotericamente é a sexta.

(14) *Contra Haereses*, I, XVII, 2.

(15) *Geraldo Massey*, *op. cit.*, pág. 19.

Escrevem-se anualmente centenas de volumes, tratados e folhetos em defesa da suposta "inspiração divina" da Bíblia; mas o estudo dos símbolos e as investigações arqueológicas se incumbem de restabelecer a verdade dos fatos (e, por conseguinte, a Doutrina Esotérica), confutando os argumentos baseados na fé e destruindo-os como a ídolos de pés de barro.

Há uma curiosa e erudita obra, *The Approaching End of the Age*, que se propõe resolver os mistérios da cronologia bíblica, e com isso provar a revelação direta de Deus ao homem; seu autor, H. Grattan Guinness, diz, entre outras coisas, o seguinte:

É impossível negar que no complicado ritual do Judaísmo há *uma cronologia septiforme de inspiração divina*."

Essa crença é ingenuamente aceita por milhares de pessoas, só porque ignoram as Bíblias dos outros povos. Massey¹⁶, em apenas duas páginas de um pequeno folheto, pulveriza todos os argumentos expostos e desenvolvidos por Guinness em nada menos que 760 páginas do seu livro; e o faz de maneira tão cabal que já não comporta réplica.

Diz Massey, referindo-se à Queda:

"Aqui, como antes, a gênese não principia pelo começo. Anteriormente à queda do primeiro casal, outra ocorreu, sendo em número de sete os que falharam. Vemos estes sete no Egito, onde são chamados 'Filhos da Inércia' (oito com a Mãe), e que foram expulsos do Am-Smen, o Paraíso dos Oito. Vemo-los também na lenda babilônica da Criação, como os Sete Reis Irmãos, semelhantes aos Sete Reis do *Livro da Revelação*; e como as Sete Potestades Não-Sencientes, ou os Sete Anjos Rebeldes que fizeram a guerra no céu; e ainda como os Sete Kronidas, ou Vigilantes, formados no interior do céu, que alargaram em abóbada, separando o que não era visível, e abrindo uma saída. Sua obra de criação foi em tudo idêntica à dos sete Elohim no *Livro do Gênesis*. Estes Kronidas são os Sete Poderes elementais do Espaço, que ficaram como os Sete Guardiães do Tempo. Deles se diz que 'seu ofício era vigiar, mas entre as estrelas do céu não o fizeram'; e o seu malogro foi a Queda. No *Livro de Enoch*, os mesmos Sete Vigilantes do céu são estrelas que, antes de expirado o seu mandato, desobedeceram às ordens de Deus, falhando à sua missão. Por isso Deus se irou contra eles, e os aprisionou até a consumação de seus crimes, no fim do ano *secreto*, ou grande ano do Mundo, isto é, até o Período de Precessão, quando tudo há de recomeçar e recompor-se. Enoch viu as Sete constelações depostas que pareciam sete grandes montanhas desmoronadas e em chamas — as sete montanhas da *Revelação*, sobre as quais está sentada a Dama Escarlate do Apocalipse."¹⁷

Essa alegoria admite sete chaves de interpretação, como sucede com todas as outras alegorias, sejam da *Bíblia* ou das religiões pagãs. Enquanto Massey acerta com a chave dos mistérios cosmogônicos, John Bentley, em seu livro *Hindu Astronomy*, pretende que a Queda dos Anjos, ou a *Guerra no Céu*, tal como a descrevem os hindus, não é mais que um simbolismo astronômico do

(16) *Op. cit.*, pág. 278.

(17) *The Hebrew and other Creations; with a reply to Professor A. H. Sayce*. pág. 19.

cômputo dos períodos de tempo, que entre os povos do Ocidente tomou a forma de guerra dos Titãs. Em uma palavra, ele conceitua essa alegoria em termos astronômicos.

O autor de *The Source of Measures* é da mesma opinião:

“A esfera celeste com a terra foi dividida [astronomicamente] em doze compartimentos, os quais se considerava possuírem *sexo*, sendo que os *senhores* ou *maridos* eram os respectivos planetas que os presidiam. Sendo esta a ordem estabelecida, a falta de correção oportuna traria, depois de certo tempo, o erro e a confusão, visto que de outro modo ficaria cada planeta regendo compartimento diferente. Em vez de consórcio legal, haveria relações ilícitas entre os planetas e os compartimentos, entre os ‘filhos de Elohim’ e as ‘filhas de H-Adão’ ou do *homem-terra*. Efetivamente, o quarto versículo do capítulo sexto do *Gênesis* comporta esta interpretação em lugar da usual, quando diz: ‘Naqueles dias, ou períodos, houve na terra nascimentos intempestivos, e também depois disso, quando os filhos de Elohim foram às filhas de H-Adão e com elas engendraram os frutos da prostituição, etc.’, o que simboliza aquela confusão astronômica.”¹⁸

Haverá em tudo isso unicamente uma engenhosa alegoria e uma personificação dos corpos celestes, por parte dos antigos mitólogos e sacerdotes, conforme dão a entender as eruditas explicações do autor? Levando-as mais longe, poder-se-ia abranger muito mais: proporcionariam uma das sete chaves verdadeiras de numerosos enigmas bíblicos (ainda que sem decifrar integralmente nenhum deles), em vez de uma chave-mestra científica e artificiosa. Provam elas, no entanto, que nem a cronologia nem a teogonia septiformes, nem a evolução de todas as coisas, são de origem divina na *Bíblia*. Vejamos em que fontes bebeu a *Bíblia* sua divina inspiração relativamente ao número sete.

Escreve Massey:

“O *Livro do Gênesis* nada nos diz sobre a natureza dos Elohim (palavra erroneamente traduzida por ‘Deus’), que são os criadores na cosmogonia hebraica e surgem quando a cena começa. Reza o *Gênesis* que no princípio os Elohim criaram o céu e a terra. Em milhares de livros se tem discutido a natureza dos Elohim, mas... sem resultado concludente... São sete os Elohim, quer sejam considerados como potestades da Natureza, deuses de constelações ou deuses planetários... como Pitris e Patriarcas, ou Manes e Pais dos tempos primitivos. Contudo, os gnósticos e os cabalistas judeus guardaram uma descrição dos Elohim que nos permite identificá-los com outras formas das sete potestades primordiais... Seus nomes são Ildabaoth, Jehovah (ou Jao), Sabaoth, Adonai, Eloeus, Oreus e Astanphaeus. Ildabaoth significa o Senhor Deus dos pais, isto é, dos Pais que precederam o Pai; e deste modo os sete se identificam com os sete Pitris ou Pais, na Índia (Irineu, B. I, XXX, 5). Além disso, os Elohim hebreus preexistiam, em nome e natureza, como deuses ou potestades fenícias. Sanchoniathon os menciona por seus nomes, e os descreve como auxiliares de Cronos ou do Tempo. Sob este aspecto, portanto, são os Elohim os guardiães do tempo no céu! Na mitologia fenícia, os Elohim são os sete filhos de Sydik [Melchizedek], idênticos aos Sete Cabiros, que no Egito são os Sete Filhos de Ptah, e no *Livro dos Mortos* os Sete Espíritos de Ra...; idênticos, na América, aos Sete Hohgates..., e, na Assíria, aos Sete Lumazi... Sempre sete em número... E *Kab* significa girar ao redor, donde a palavra ‘Kab-iri’... São também,

(18) *Op. cit.*, pág. 243.

na Assíria, os Ili ou Deuses, que eram sete!... Nasceram da Mãe no Espaço¹⁹; depois, os Sete Companheiros passaram à esfera do tempo como auxiliares de Cronos ou Filhos do Ascendente Masculino. Segundo diz Damascio em seus *Princípios Primitivos*, os Magos consideravam o espaço e o tempo como a origem de tudo; os deuses, de potestades que eram, passaram a guardiães do tempo para os homens. E sete constelações lhes foram assinadas ... Como os Sete giravam pelo arco da esfera, deram-lhes o nome de Companheiros dos Sete Marujos, Rishis ou Elohim. As primeiras 'Sete Estrelas' não são planetárias, mas as estrelas-guias de sete constelações que giram com a Ursa Maior, descrevendo o círculo do ano²⁰. Os assírios as chamavam os sete Lumazi, guias do exército de estrelas ou do rebanho de ovelhas celestes. Na linha descensional hebraica, ou de involução, estão os Elohim identificados, a nosso ver, pelos cabalistas e pelos gnósticos, que preservaram a sabedoria oculta ou Gnose, cuja chave é de todo necessária e essencial à perfeita compreensão da mitologia e da teologia... Há duas constelações de sete estrelas cada uma. Nós as chamamos as Duas Ursas. Mas as sete estrelas da Ursa Menor eram outrora consideradas como as sete cabeças do Dragão Polar — que é a besta de sete cabeças que vemos nos hinos acádios e no *Apocalipse*. O Dragão mítico teve sua origem no crocodilo, que é o dragão do Egito... Ora, em um culto particular, o de Sut-Tifon, o primeiro deus era Sevekh [o sétuplo], que tinha cabeça de crocodilo, tal como a Serpente, e cuja constelação era o Dragão... No Egito, a Grande Ursa era a constelação de Tifon, ou *Kepha*, a antiga genetriz, chamada a Mãe das Revoluções; e o Dragão de sete cabeças era seu filho Sevekh-Cronos, ou Saturno, chamado o Dragão da Vida. Assim, o dragão típico ou serpente de sete cabeças a princípio era feminino, mas depois o tipo se perpetuou como masculino, em seu filho Sevekh, a Serpente sétupla, em Ea, o Sétuplo... Iao Chnubis, e outros. Os dois aparecem no *Livro do Apocalipse*. Um é a Dama Escarlate, a mãe do mistério, a grande prostituta, que estava sentada em uma besta de cor escarlate, com sete cabeças, que é o Dragão vermelho do Pólo. Ela tinha em suas mãos as imundícias de sua fornicação. Temos aí os emblemas dos sexos masculino e feminino, que os egípcios situavam no Centro Polar, o útero da criação, indicado pela constelação da Coxa, chamada o Kheph de Tifon, o velho Dragão, no berço setentrional do Tempo, no Céu. Giravam ambos ao redor do *pólo celeste*, ou da Árvore (como era denominado), no eixo do movimento estelar. No *Livro de Enoch*, as duas constelações são identificadas como Leviatã e Behemoth-Bekhmur, ou Dragão e Hipopótamo-Ursa Maior, sendo o primeiro casal criado no jardim do Éden. De modo que a primeira mãe egípcia, Kefa [ou Kepha], cujo nome significa 'mistério', foi o protótipo da Chavah hebraica, nossa Eva; e, portanto, Adão é idêntico a Sevekh, o sétuplo, o Dragão solar, em que se combinam os poderes da luz e das trevas, e a sétupla natureza está simbolizada pelos sete raios do Iao-Chnubis gnóstico, deus do número sete, chamado ainda Sevekh, que como chefe dos Sete era uma das várias alegorias do primeiro pai."

Tudo isso dá a chave do protótipo astronômico da alegoria do *Gênesis*, mas não nos proporciona a do mistério do sétuplo enigma. O hábil egiptólogo mostra ainda que, segundo as tradições rabínica e gnóstica, Adão era o chefe dos Sete que caíram do Céu; e ele relaciona estes Sete com os Patriarcas, coincidindo neste ponto com o ensinamento esotérico. Por mística permutação, e devido ao mistério dos primevos renascimentos e ajustes, os Sete Rishis são

(19) São os Anupâdakas (Sem-Pai) da DOUTRINA SECRETA. Veja-se ESTÂNCIA I, 9, vol. I.

(20) Esta idéia é dos árias, que ali colocaram seus sete Rishis de "penachos cintilantes" (Chitra-Shikhandan). Mas tudo isso é mais oculto do que parece à primeira vista.

realmente idênticos aos Sete Prajâpatis, pais e criadores do gênero humano, e também aos Kumaras (os primeiros filhos de Brahmâ), que se recusaram a procriar e multiplicar-se. Esta aparente contradição explica-se pela natureza sétupla (ou quádrupla segundo os princípios metafísicos, o que dará no mesmo) dos homens celestes ou Dhvân-Chohans. Tal natureza foi já formada para dividir e separar; enquanto os princípios superiores (Âtma-Buddhi) dos “Criadores de Homens” são os Espíritos das sete constelações, seus princípios intermédios e inferiores se relacionam com a terra,

“sem desejo ou paixão, inspirados pela sabedoria divina, estranhos ao Universo e relutantes em procriar”²¹,

permanecendo como Kumâras (virgens e imaculados). Daí a versão de que se negaram a criar, sendo por isso amaldiçoados e condenados a nascer e renascer como “Adãos” — como diriam os semitas.

Translademos mais algumas linhas do substancioso trabalho de Gerald Massey, fruto de suas longas pesquisas em egiptologia e em outros tesouros da antiguidade. Mostra o trecho que em tempos idos a constituição setenária foi doutrina universal:

“Adão, como o Pai entre os Sete, identifica-se como o Atum egípcio... que também se chamava Adon, nome semelhante ao Adonai hebreu. Deste modo, a segunda criação do *Gênesis* se reflete e prossegue na criação posterior, segundo o mito que a explica. A Queda de Adão no mundo inferior trouxe a sua humanização na terra, processo em que o celeste se converteu em mortal. Esta é alegoria astronômica, que, tomada ao pé da letra, se considerou como a Queda do Homem, ou a descida da alma na matéria e a transformação do ser angélico em ser terreno... É o que se vê nos textos [babilônicos], quando Ea, o primeiro pai, ‘perdoou aos deuses conspiradores’, e ‘para redimi-los criou a humanidade’ (Sayce, *Hib. Lec.*, pág. 140)... Os Elohim são, portanto, a forma egípcia, acádica, hebraica e fenícia das Sete Potestades Universais — Sete no Egito, Sete no Acad, na Babilônia, na Pérsia, na Índia, na Bretanha; Sete entre os gnósticos e os cabalistas. Eram os Sete Pais precursores do Pai no Céu, porque anteriores à individualização da paternidade na terra... Quando os Elohim disseram: ‘Façamos o homem à nossa imagem e semelhança’, representavam os sete elementos, e eram sete potestades ou almas incumbidas de dar forma ao ser humano que ia surgir à existência — antes que o Criador fosse representado como um Deus antropomórfico e pudesse conferir aspecto humano ao homem adâmico. O primeiro homem, com seus sete elementos, princípios ou almas, foi criado à sétupla imagem dos Elohim²², e assim não podia ter sido formado à imagem do Deus único. Os sete Elohim gnósticos tentaram fazer um homem à sua própria imagem, mas não o conseguiram, porque lhes faltou potência viril²³. Falhou,

(21) *Visnu Purâna*, trad. de Wilson, I, 101. A época dos Kumaras é pré-adâmica, isto é, anterior à separação dos sexos — antes que a humanidade recebesse o fogo sagrado de Prometeu, o fogo criador.

(22) A Doutrina Secreta diz que esta foi a segunda criação, não a primeira, e que ocorreu durante a Terceira Raça, quando houve a separação de sexos, ou seja, quando os seres humanos começaram a nascer como homens e mulheres. Vejam-se os vols. III e IV: ESTÂNCIAS e seus Comentários.

(23) É uma deturpação ocidental da doutrina indiana dos Kumâras.

portanto, a sua desejada criação no céu e na terra... já que eles próprios careciam da alma da paternidade! Quando o gnóstico Ildabaoth²⁴, chefe dos Sete, exclamou: 'Eu sou o pai e o Deus', sua mãe Sofia [Achamoth] replicou: 'Não mintas, Ildabaoth, porque o primeiro homem (Anthropos, filho de Anthropos) está acima de ti.'²⁵ Isto é: o homem então criado à imagem da paternidade era superior aos deuses engendrados unicamente pela Mãe! Porque, tal como foi primeiro na terra, assim foi no céu depois [a Doutrina Secreta ensina o inverso]; e, portanto, os deuses primários não tinham alma, como as primeiras raças humanas... Os gnósticos ensinavam que os Espíritos do Mal, os Sete inferiores, provieram somente da grande Mãe, que os engendrou sem a paternidade! Foi, por conseguinte, à imagem do sétruplo Elohim que se formaram as sete raças, que alguns chamam de raças pré-adamitas, por serem anteriores à paternidade, só individualizada na segunda Criação hebraica."²⁶

Isso mostra, com suficiente clareza, como o eco da DOUTRINA SECRETA repercutiu em todos os pontos do globo, ao ensinar que a Terceira e a Quarta Raça de homens se completaram pela encarnação dos Manâsa-Putras, os Filhos da Inteligência (ou Sabedoria).

Entretanto, os judeus, embora houvessem copiado de povos mais antigos as linhas mestras de sua revelação, só possuíram três das sete chaves para combinar suas alegorias nacionais: a chave astronômica, a numérica (metrologia) e, principalmente, a antropológica, ou melhor, fisiológica. Daí resultou a mais fálica de todas as religiões, caráter transmitido em grande parte à teologia cristã, segundo se depreende das extensas citações que fizemos de uma das conferências do erudito egiptólogo Massey, que não vê ali senão mitos astronômicos e falicismo; é, pelo menos, o que transparece de suas explanações sobre a "paternidade" nas alegorias.

(24) Identificado com Jehovah por várias seitas gnósticas. — Veja-se *Ísis sem Véu*, vol. II, pág. 184.

(25) "Anthropos, filho de Anthropos", ou seja: "o homem, filho do homem". A Igreja vê aqui uma *profecia*, o reconhecimento de Cristo, o "Filho do Homem"!

(26) *Op. cit.*, págs. 23-24. 194

SEÇÃO XXII

A CRIAÇÃO E OS ELOHIM NO ZOHAR

A frase inicial do *Gênesis*, como sabem todos os hebraístas, é a seguinte:

בראשית ברא אלהים את השמים ואת הארץ

Pode ser interpretada de duas maneiras distintas, como sucede com todos os demais textos hebreus: uma exotérica, que é a dos intérpretes ortodoxos da *Bíblia* (os cristãos), e outra cabalística, que por sua vez se divide em dois métodos, o dos rabinos e o dos cabalistas propriamente ditos, ou método oculto. Tal como no idioma sânscrito, não há separação alguma entre as palavras do hebraico, que se ligam umas às outras, principalmente nos textos antigos. A frase acima, por exemplo, pode ser escrita de dois modos diferentes, a saber:

1º *Brashith bara Elohim eth hashamavim v'eth h'areths.*

2º *B'rash ithbara Elohim ethhashamavim v'eth' arets.*

São inteiramente diversos os sentidos.

A última frase significa: “No princípio *Deus criou os céus e a terra*”; ao passo que a primeira, excluindo toda idéia de começo, diz que “da eterna Essência [divina] [ou da *matriz*, ou também da cabeça] a Força [os Deuses] dual [andrógina] formou o duplo céu” — o céu superior e o céu inferior, explicados geralmente como os céus e a terra.

Esotericamente, a palavra “terra” quer dizer o “veículo”, dando a idéia de um globo vazio, em cujo interior se efetua a manifestação do mundo. Ora, segundo as regras para a leitura oculta dos símbolos, tais como as traçou o antigo *Sepher Yetzireh* (no *Livro dos Números* caldeu)¹, as quatorze primeiras letras (*Brasith raalaim*) explicam por si sós a teoria da “criação”, sem necessidade de esclarecimentos adicionais. Cada uma dessas letras é uma frase; e, se fizermos a comparação com a versão original hieroglífica ou pictórica do LIVRO DE

(1) O atual *Sepher Yetzireh* é um fragmento do original incorporado ao *Livro dos Números* caldeu. O que os cabalistas ocidentais hoje possuem foi consideravelmente retocado pelos rabinos da Idade Média, conforme o indicam seus pontos massoréticos. O sistema “Massorá” é um véu moderno, introduzido já em nossa era e aperfeiçoado em Tiberias. — Ver *Isis sem Véu*, II, págs. 430-31.

DZYAN, aos nossos olhos se descortinará a origem das letras fenícias e hebraicas. Todo um volume de explicações não ensinaria ao estudante do Simbolismo primitivo mais do que isto: uma cabeça de touro dentro de um círculo; uma linha reta horizontal; um círculo ou esfera; outro círculo com três pontos; um triângulo; uma svástica (ou cruz dos jainas); um triângulo equilátero inscrito em um círculo; sete pequenas cabeças de touro em três filas superpostas; um ponto negro redondo (uma abertura); e sete linhas, que significam o Caos ou a Água (feminina).

Quem quer que conheça o valor numérico e simbólico das letras hebraicas reconhecerá logo a identidade de significação entre esses símbolos e as letras de *B'rasitb raalaim*. *Beth* (b) quer dizer "morada" ou "região"; *Resh* (r), "círculo" ou "cabeça"; *Aleph* (a), "touro"²; *Shin* (s), "dente" (exotericamente, 300; em seu sentido oculto, um tridente, ou *três em um*); *Jodh* (i), a unidade perfeita ou "um"³; *Tau* (t), a "raiz" ou "fundamento" (equivalente à cruz dos egípcios e arianos). Repetem-se depois as letras *Beth*, *Resh* e *Aleph*. O outro *Aleph* que se segue significa os sete touros para os sete Alaim; *Lamedh* (l, em forma de agulhão), a "procriação ativa"; *He* (h), a "abertura" ou "matriz"; *Yodh* (i), o órgão da procriação; *Mem* (m), a "água" ou "caos", o Poder feminino junto ao masculino que o precede.

A mais satisfatória e científica interpretação exotérica da frase inicial do *Gênesis* (sobre a qual se tem baseado, com fé cega, toda a religião cristã, tal como a definem seus dogmas fundamentais) é inegavelmente a que Ralston Skinner expõe no Apêndice a *The Source of Measures*. Não podemos deixar de reconhecer que, de maneira clara e racional, nos dá ele a significação numérica da frase, assim como a de todo o primeiro capítulo do *Gênesis*.

Por meio do número 31 (a palavra "Al", 1 para *Aleph* e 30 para *Lamedh*) e de outros símbolos numéricos da *Bíblia*, comparados com as medidas empregadas na Grande Pirâmide do Egito, mostra Skinner a perfeita identidade entre estas medidas (côvados e polegadas) e os valores numéricos do Jardim do Éden, de Adão e Eva, e dos Patriarcas. Em resumo, faz ver o autor que todo o *Gênesis* está sintetizado na arquitetura da pirâmide, cujos signos e símbolos revelam

(2) No mais antigo dos simbolismos — o dos hieróglifos egípcios — uma cabeça de touro, isoladamente, simboliza a Divindade, o Círculo Perfeito, com o seu poder gerador latente. O touro completo representa um Deus solar, uma divindade *pessoal*, e é o símbolo do poder gerador ativo.

(3) Três Raças-Raízes eram passadas quando se degradou o símbolo da Unidade Abstrata, manifestada na Natureza como um Raio do Infinito (o Círculo), e se corrompeu no emblema fálico da geração, como se vê na própria *Cabala*. Essa perversão iniciou-se na Quarta Raça-Raiz, e teve como *pretexto* o Politeísmo, que havia sido instituído para preservar de toda profanação a Divindade Universal e Única. Os cristãos podem alegar ignorância deste significado, como escusa por sua não aceitação. Mas por que entoar louvores aos judeus mosaicos, que repudiaram todos os deuses, exceto o mais fálico, para depois se proclamarem monoteístas, sem o menor constrangimento? Jesus nunca reconheceu a Jehovah, e até contrariou os mandamentos de Moisés. Não admitiu senão o seu Pai Celeste, e proibiu todo culto público.

segredos astronômicos e até fisiológicos; parece, contudo, que não quer admitir os mistérios psicocósmicos e espirituais ali implícitos. Não se adverte também de que se deve buscar a raiz de tudo isso nas lendas arcaicas e no Panteão hindu⁴. E, assim despercebido, aonde o conduz seu grande e admirável labor? À conclusão, nada mais, nada menos, de que Adão, a terra e Moisés ou Jehovah são todos “a mesma coisa” — ou seja, ao *a-b-c* da Simbologia Oculta comparada; e à de que, sendo os dias do *Gênesis* “círculos reduzidos a quadrados pelos hebreus”, o resultado da obra do sexto dia culmina no princípio frutificador. Com isso a *Bíblia* instituiu o falicismo — nada mais. Lida a luz desse raciocínio, e de acordo com a interpretação que os eruditos ocidentais dão aos textos hebreus, não pode ela oferecer coisa mais elevada que elementos fálicos — raiz e pedra angular de seu sentido literal.

O antropomorfismo e a revelação cavam um abismo intransponível entre o mundo material e as estremas verdades espirituais. É fácil demonstrar que a Doutrina Esotérica não explica desse modo a criação.

Os católicos têm uma explicação que se aproxima muito mais do verdadeiro significado esotérico que a dos protestantes. Vários de seus santos e doutores admitem que os céus, a terra, os corpos siderais, etc., são obra dos “Sete Anjos da Presença”. São Diniz os chama “Construtores” e “Cooperadores de Deus”, e Santo Agostinho vai mais longe ainda, quando atribui aos Anjos a posse do pensamento divino — do protótipo, como ele diz, de cada uma das coisas criadas⁵. Finalmente, São Tomás de Aquino disserta longamente sobre este ponto, e conceitua a Deus como a causa primária e os Anjos como a causa secundária de todos os efeitos visíveis. E nisto, com algumas diferenças dogmáticas, o “doutor angélico” convizinha com as idéias gnósticas. Basílide considera os Anjos de inferior categoria como os construtores do nosso mundo material; e Saturnilo acreditava, com os sabeus, que os sete Anjos que presidem aos planetas são os verdadeiros criadores do mundo. O monge cabalista Tritêmio ensinou a mesma coisa em sua obra *De Secundis Deis*.

Segundo a DOUTRINA SECRETA, o eterno Cosmos, o Macrocosmo, do mesmo modo que o homem, o Microcosmo, se divide em três Princípios e quatro Veículos⁶, o conjunto formando sete Princípios. Na *Cabala* caldéia ou

(4) Para ele, tudo se resume em haver descoberto que o círculo celeste de 360° está determinado pela palavra “Elohim em sua forma plena e integral”, palavra que, colocada dentro do círculo, dá o valor de “3,1415 ou a relação entre a circunferência e o diâmetro *unidade*”. Mas isto é somente o aspecto matemático ou astronômico. Para conhecer todo o significado *setenário* do “Círculo Primordial”, é necessário interpretar a pirâmide e a *Bíblia* cabalística à luz da figura em que se baseou a construção dos templos da Índia. A quadratura matemática do círculo é apenas o *resumo* terrenal do problema. Os judeus se contentaram com os seis dias de atividade e um de descanso, o sétimo. Os progenitores da humanidade solucionaram os maiores problemas do Universo com os seus sete Raios ou Rishis.

(5) O *Gênesis* principia pela *terceira* fase da “criação”, saltando as duas primeiras.

(6) Os três princípios-raízes são: exotericamente, o Homem, a Alma e o Espírito (entendendo-se por “homem” a personalidade inteligente); esotericamente, a Vida, a

judaica, compõe-se o Cosmos de sete mundos: o Originário, o Inteligível, o Celeste, o Elementar, o Inferior (Astral), o Infernal (Kama-Loka ou Hades) e o Temporal (humano). No sistema caldeu, é no Mundo Inteligível (o segundo) que aparecem os “Sete Anjos da Presença”, ou Sephiroth (os três primeiros são realmente um, representando também a soma de todos). São ainda os “Construtores” de que fala a doutrina oriental; e só no terceiro mundo, ou Mundo Celeste, constroem os Sete Anjos da Presença os sete planetas do nosso sistema solar, que são os seus corpos visíveis. Portanto — conforme já se disse algures, com razão —, se o Universo foi feito da Substância ou Essência Eterna e Única, não foi esta Essência, ou Divindade Absoluta, que lhe deu forma; deram-na os Raios primários, os Anjos ou Dhyân-Chohans emanados do Elemento Único, que, com alternativas de luz e trevas, permanece, em seu Princípio-Raiz, como a sempiterna e única Realidade, desconhecida e no entanto onipresente.

O erudito cabalista ocidental S. L. MacGregor Mathers, cuja opinião não pode ser tachada de suspeita, porque desconhece a filosofia oriental e seus ensinamentos secretos, diz o seguinte a respeito do primeiro versículo do *Gênesis*, em um ensaio inédito:

“*Berashith Bara Elohim* — ‘No princípio os Elohim criaram!’ Quem são estes Elohim do *Gênesis*?

Va *Yivra Elohim Ath Ha-Adam Be-Tzalmo, Be-Tzelem Elohim Bara Otho, Zakhar Vingebar Bara Otham* — ‘E os Elohim criaram Adão à sua própria imagem, à imagem dos Elohim Eles os criaram, macho e fêmea Eles os criaram’. Quem são Eles, os Elohim? A versão corrente da *Bíblia* em inglês traduz a palavra Elohim por ‘Deus’; traduz um nome plural por um nome singular. Para coonestar o erro, alega-se unicamente que em verdade a palavra está no plural, mas não deve ser tomada nesse sentido: é ‘um plural que denota excelência’.

Trata-se, porém, de mera suposição, que o próprio *Gênesis*, I, 26, reduz a seu justo valor, conforme se vê no texto ortodoxo: ‘E Deus [Elohim] disse: Façamos o homem à nossa própria imagem, segundo a nossa semelhança’. Evidencia-se deste modo que ‘Elohim’ não é um ‘plural de excelência’, mas um nome realmente no plural, indicando mais de uma entidade’.

Alma e o Espírito. Os quatro veículos são: o Corpo físico, o Duplo Astral, a Alma animal (ou humana) e a Alma Divina — ou seja: Sthula Sharira, Linga Sharira, Kama Rupa e Buddhi (veículo de Atmâ, ou do Espírito). Para maior clareza: 1.º Buddhi, o sexto princípio, é o veículo do sétimo; 2.º Kama Rupa é o de Manas; 3.º Linga Sharira (o “duplo” do homem) é o de Jiva ou Prana; o Linga Sharira propriamente dito nunca pode deixar o corpo antes da morte (o que “aparece” é um corpo astral refletindo o corpo físico e servindo de veículo à alma humana ou inteligência); 4.º o Corpo físico, veículo de todos os princípios anteriores coletivamente. Os ocultistas admitem a mesma ordem de princípios na totalidade do Universo psicocômico.

(7) São Dionísio Areopagita, o suposto contemporâneo de São Paulo, e que foi o primeiro bispo de St. Denis, perto de Paris, ensina que a parte maior da “obra da criação” foi executada pelos “Sete Espíritos da Presença”, cooperadores de Deus e partícipes da Divindade (*Hierarq.*, pág. 196). E Santo Agostinho também pensa que “as coisas foram antes criadas nas mentes angélicas que na Natureza, isto é: os Anjos perceberam e conheceram todas as coisas em suas mentes antes que estas as trouxessem à existência real”. (Veja-se *De Genesis ad litteram*, I, II; resumido de *De Mirville*, II, 337-338.)

Cada palavra, segundo a regra, recebe a desinência que corresponde ao seu respectivo gênero. Há, contudo, exceções: alguns nomes masculinos formam o plural em *oth*, e alguns femininos o fazem em *im*; havendo ainda outros nomes que tomam indistintamente ambas as terminações. Deve-se, porém, observar que a terminação do plural não altera o gênero da palavra, que permanece o mesmo do singular.

Para descobrir o verdadeiro significado do simbolismo oculto na palavra Elohim, temos que recorrer à chave da doutrina esotérica judaica, à tão mal conhecida e ainda menos compreendida *Cabala*. Nela veremos que a palavra representa a união de dois Poderes, um masculino e outro feminino, coiguais e coeternos, em uma conjunção incessante para a manutenção do Universo: são o grande Pai e a grande Mãe da Natureza, em que se transfunde o Eterno e Único, antes que se possa manifestar o Universo. Porque, na *Cabala*, antes que a Divindade se transfunda e se desdobre em macho e fêmea, os mundos do Universo não podem vir à existência; ou, conforme as palavras do *Gênesis*, “a terra era sem forma e vazia”. Assim, a dualidade dos Elohim marca o fim do Vazio e das Trevas, o fim do Caos; porque só depois da conformação dual da Divindade é que o *Ruach Elohim* — o ‘Espírito dos Elohim’ — pode mover-se sobre a face das Águas. Mas tudo isso é uma parcela mínima da informação que o Iniciado pode recolher da *Cabala* no concernente à palavra *Elohim*.¹

Convém aqui advertir a confusão, por não dizer algo pior, que predomina nas interpretações ocidentais da *Cabala*. Dito assim, o desdobramento do Eterno e Único em dois, o Grande Pai e a Grande Mãe, revela de início um horrível conceito antropomórfico, com atribuir sexo às primárias diferenciações do Único. Mais errôneo é ainda identificar estas primárias diferenciações (o Purusha e o Prakriti da filosofia hindu) com os Elohim, ou poderes criadores, e atribuir a estas (para nós) inconcebíveis abstrações a formação e construção deste mundo visível de sofrimentos, pecados e tristezas.

Em verdade, a “criação dos Elohim”, a que nos referimos, é uma “criação” muito posterior; e os Elohim estão longe de ser as potestades supremas da Natureza; não são nem potestades de elevada categoria na hierarquia divina — mas simplesmente Anjos inferiores. Assim o ensinavam os gnósticos, que foram as mais filosóficas de todas as escolas do Cristianismo primitivo. Segundo sua doutrina, as imperfeições do mundo resultam da imperfeição de seus arquitetos ou construtores — os Anjos inferiores. Os Elohim hebreus correspondem aos Prajâpatis hindus; e a interpretação esotérica dos Purânas admite que os Prajâpatis formaram *somente* os corpos físicos e astral do homem, mas não lhe podiam dar a inteligência ou razão; e, portanto, “falharam em sua tentativa de criar o homem”, conforme se diz em linguagem simbólica.

Assim, os primeiros Padres cristãos, e até um não-iniciado como Santo Agostinho, atribuem aos Anjos ou Potestades Secundárias a criação do mundo visível; e São Dionísio, não só os chama “os Sete Anjos da Presença”, como acredita que o seu poder dimana da energia divina que os anima (*Fohat*, segundo a DOUTRINA SECRETA). Mas as trevas do egoísmo, que levaram as raças ocidentais a apegar-se tão obstinadamente ao sistema geocêntrico, fizeram-nas ainda esquecer e desprezar os fragmentos da verdadeira Religião, porque os despojariam, e ao pequeno globo que tomaram por centro do Universo, da honra insigne de terem sido “criados” diretamente pelo Infinito Deus, o Único, Sem Segundo!

Mas, para não repetir o que o leitor facilmente pode ver em outra parte desta obra, queremos apenas advertir-lhe que a “criação”, naquela passagem da *Bíblia*, não é a Criação primária, e que os Elohim não são “Deus”, nem sequer Espíritos Planetários superiores, senão os arquitetos deste planeta físico visível e do corpo ou veículo material do homem.

“E doutrina fundamental da Cabala que o desenvolvimento gradual da Divindade, da Existência negativa à positiva, está simbolizado no sucessivo desenvolvimento dos Dez Números da escala decimal, desde o zero à pluralidade, através da unidade. É a doutrina dos Sephiroth ou das Emanações.

Porque a Forma Negativa interna e oculta concentra um núcleo, que é a *Unidade* primária. Mas a Unidade é una e indivisível, não pode aumentar por multiplicação nem diminuir por divisão, pois $1 \times 1 = 1$, e não mais, e $1:1 = 1$, e não menos. E é na permanência da Unidade, ou Mônada, que consiste a validade do tipo da Divindade Una e Imutável. Isso também corresponde à idéia cristã do Deus-Pai: assim como a Unidade gera todos os números, assim a Divindade é o Pai de Tudo.”

A filosofia oriental jamais incidiria no erro que as palavras acima implicam; pois o “Único e Imutável”, Parabrahman, o Todo Absoluto e Uno, não é concebível em *relação* com o finito e condicionado. Não seriam usadas, portanto, expressões como aquelas, que em sua essência indicam tal relação. Admite-se então a separação absoluta entre Deus e o homem? Pelo contrário: a união é ainda mais íntima que no pensamento ocidental com a idéia de Deus como “Pai Universal”, pois os orientais sabem que o próprio homem, em sua substância imortal, é a Unidade Imutável, o Único, Sem Segundo.

“Mas acabamos de dizer que a Unidade é una e inalterável, seja por multiplicação, seja por divisão. Como se forma então a Dualidade? Por meio de reflexo. À diferença do zero, a Unidade é definível em parte — isto é, em seu aspecto positivo —, e sua definição cria de si mesma um ‘eikon’ ou ‘eidolon’, que com ela forma uma Dualidade. Assim, o número dois tem certa analogia com a idéia cristã do Filho como Segunda Pessoa. E como a Mônada vibra e se recolhe às Trevas do Pensamento Primordial, a Díade é deixada como seu substituto e representante. A Idéia Trina, o número três, é coigual com a Díade positiva; coigual e coeterna no seio da Unidade, embora derivada da Díade na sucessão numérica.”

A explicação parece indicar que o seu autor, Mathers, sabe que esta “criação” não é a verdadeira Criação divina ou primordial, pois que a Mônada (a primeira manifestação em *nosso* plano de objetividade) “se recolhe às Trevas do Pensamento Primordial”, isto é, à subjetividade da primeira Criação divina.

“E isto também corresponde, em parte, à idéia cristã do Espírito Santo e dos três que formam juntos uma Trindade na Unidade. Explica ainda a verdade geométrica de que sejam três o menor número de linhas retas necessárias para representar uma figura plana retilínea; ao passo que duas nunca podem fechar um espaço, sendo indispensável o complemento de uma terceira. Aos três primeiros números da escala decimal os cabalistas dão os nomes de Kether (a Coroa), Chokmah (Sabedoria) e Binah (Entendimento); e, por outro lado, associam-nos aos seguintes nomes divinos: a *Eheich*, “Eu existo” — a Unidade; a *Yah*, a Díade; a *Elohim*, a Tríade, Chamam também à Díade, *Abba*

— o Pai; à Tríade, *Aima* — a Mãe; sintetizando na palavra *Elohim* a eterna conjunção dos dois primeiros.

Mas o que fere particularmente a atenção do estudante da Cabala é a maliciosa persistência com que os tradutores da *Bíblia* têm suprimido toda referência à forma feminina da Divindade. Como acabamos de ver, substituíram o nome feminino plural “Elohim” pelo nome masculino singular “Deus”, Fizeram ainda mais: ocultaram intencionalmente que a palavra *Ruach*, “Espírito”, é feminina; e que, em consequência, o Espírito Santo do *Novo Testamento* é uma potestade feminina. Quantos cristãos já advertiram que na passagem da Encarnação o Evangelho de São Lucas (cap. 1, 35) menciona duas potestades divinas?

‘O Espírito Santo descerá sobre ti, e o Poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sobre.’ O espírito Santo (a potência feminina) desce, e o Poder do Altíssimo (a potência masculina) se une a ele. ‘E por isso também o Santo que de ti há de nascer será chamado o Filho de Deus’ — isto é, dos Elohim, as duas Potestades que descem.

No *Sepher Yetzireh*, ou *Livro da Formação*, está escrito:

‘Una é Ela, a Ruach Elohim Chiim (o Espírito dos Elohim Vivos)... Voz, Espírito e Verbo; e esta é Ela, o Espírito do Santo Único.’ Aqui vemos novamente a íntima relação que há entre o Espírito Santo e os Elohim. E um pouco mais adiante, no mesmo *Livro da Formação* — que, não o esqueçamos, é um dos mais antigos livros cabalísticos, atribuindo-se a sua autoria ao patriarca Abraão — deparamos a idéia de uma Trindade feminina, em primeiro lugar, dela procedendo uma Trindade masculina Ou, como se diz no texto: ‘Três Mães, das quais procedem Três Pais.’ No entanto, essa dupla Tríade forma, por assim dizer, uma só Trindade completa. É de notar ainda que o segundo e o terceiro Sephiroth (a Sabedoria e o Entendimento) são ambos designados por nomes femininos, Chokmah e Binah, conquanto ao primeiro esteja mais particularmente atribuída a idéia masculina, e ao segundo a idéia feminina, sob os respectivos títulos de Abba (o Pai) e Aima (a Mãe). A Grande Mãe, Aima, se acha magnificamente simbolizada no duodécimo capítulo do *Apocalipse*, que é sem dúvida um dos livros mais cabalísticos da *Bíblia*, pois o seu significado é de todo incompreensível sem as chaves da Cabala.

Por outra parte, no alfabeto hebraico (como no grego) não existem caracteres numerais próprios, e por isso a cada letra corresponde um valor numérico. Daí este consectário importante: cada palavra hebraica representa um número, e cada número uma palavra. A isto se refere o *Apocalipse* (XIII, 18) quando menciona o ‘número da besta’. Na *Cabala*, entende-se que as palavras de igual valor numérico estão relacionadas entre si; e a ciência da Gematria, que é a primeira divisão da Cabala literal, tem por fim descobrir essa relação. Além disso, cada letra do alfabeto hebraico tem para os iniciados da Cabala certo valor e significado hieroglífico, cuja correta aplicação dá a cada palavra o valor de uma frase mística, variável segundo a posição relativa das letras. Examinemos agora a palavra Elohim por esses diversos ângulos cabalísticos.

Inicialmente, podemos dividir a palavra em duas outras que significam: ‘A Divindade Feminina das Águas’ (compare-se com a grega Afrodite, que “surge da espuma do mar”). Também podemos dividi-la em ‘a Poderosa Estrela do Mar’ ou ‘o Poderoso que sopra sobre as Águas’. Pela combinação das letras obtemos ainda: ‘o Poder Silente de Iah’. E novamente: ‘Meu Deus, o Formador do Universo’ — porque *Mah* é um nome secreto cabalístico que se aplica à idéia de *Formação*. Mais uma vez obtemos: ‘Quem é meu Deus’; e também: ‘a Mãe em Iah’.

O número total é $1 + 30 + 5 + 10 + 40 = 86$ = ‘Calor Violento’ ou ‘o Poder do Fogo’. Adicionando as três letras do meio, temos 45; a primeira e a última, 41; e o resultado é: ‘a Mãe da Formação’. Por último, encontramos os dois nomes divinos ‘El’

e 'Yah' juntos da letra *m*, ou: 'Água', pois tal é o significado do nome fonético dessa letra, *mem*.

Dividindo a palavra em suas letras componentes e tomando-as como signos hieroglíficos, temos:

'A Vontade, aperfeiçoada pelo Sacrifício, progride por meio da inspiração, através de sucessivas transformações.'

A análise cabalística da palavra "Elohim", nos últimos parágrafos da passagem que acabamos de transcrever, mostra de forma concludente que os Elohim não são um, nem dois, nem tampouco uma trindade, e sim uma legião — o exército das potestades criadoras.

A Igreja cristã, fazendo de Jehovah — que é um destes mesmos Elohim — o Deus Supremo e Único, introduziu uma irreparável confusão na hierarquia celeste, em que pese aos tratados escritos sobre o assunto por São Tomás de Aquino e sua escola. A única explicação em seus livros sobre a natureza e a essência das inumeráveis classes de seres celestes mencionados na Bíblia — Arcanjos, Tronos, Serafins, Querubins, Mensageiros e outros — é que "a Legião angélica é a milícia de Deus". São "*criaturas* de Deus", ao passo que Ele é "Deus, o *criador*". Mas nada se acrescenta quanto às verdadeiras funções daqueles seres, e não se diz uma só palavra sobre o papel que realmente desempenham na economia da Natureza.

"São mais radiantes que as chamas, mais velozes que o vento, e vivem com amor e harmonia, iluminando-se mutuamente e alimentando-se com pão e uma bebida mística [a água e o vinho da comunhão?]. Como um *rio de fogo*, rodeiam o trono do Cordeiro, e velam as faces com as próprias asas. Só se afastam deste trono de amor e de glória para levar a influência divina às estrelas, à terra, aos reinos, e a todos os filhos de Deus, seus irmãos e discípulos; numa palavra, a todos os *seus semelhantes*... Seu número é o do grande exército do Céu (Sabaoth), maior que o das estrelas... A Teologia classifica em espécies estes luminares racionais, e diz que encerram em si tal ou tal posição da Natureza; que ocupam imenso espaço, ainda que de área determinada, estando circunscritos a certos limites, não obstante sua natureza incorpórea... Movem-se com maior rapidez que a luz ou o raio, dispõem de todos os elementos da Natureza, provocam à vontade miragens inexplicáveis [ilusões?], ora objetivas, ora subjetivas, e falam aos homens em linguagem umas vezes articulada e outras puramente espiritual." ⁸

Assim explica De Mirville, que mais adiante, nessa mesma obra, diz que a estes Anjos se refere a seguinte frase do *Gênesis*: "*Igitur perfecti sunt coeli et terra et omnis ornatus eorum.*" ⁹ A Vulgata traduziu arbitrariamente a palavra hebraica *tsaba* ("legião") por "ornamento". Munck prova este erro de substituição, e esclarece que o nome composto *Tsabaoth-Elohim* deriva de *tsaba*. Demais, Cornélio, "o mestre de todos os comentadores da *Bíblia*", segundo o conceito de De Mirville, nos indica que era esse o verdadeiro significado. Aqueles Anjos são as estrelas.

(8) *Des Esprits*, II, págs. 294-5.

(9) *Gênesis*, II, 1. [Assim, o céu, e a terra, e todo o seu exército foram acabados.]

Tudo isso, porém, nos ensina muito pouco a respeito das reais funções do exército celeste; e nada esclarece quanto ao seu lugar na evolução, nem quanto às suas relações com o mundo em que vivemos. Para responder à pergunta: "Quem são os verdadeiros criadores?", temos de recorrer à Doutrina Esotérica, pois só ela nos pode proporcionar a chave das teogonias expostas nas diversas religiões do mundo.

Vemos ali que o verdadeiro criador do Cosmos, e de toda a Natureza visível (se não de todas as legiões invisíveis de Espíritos ainda não submetidos ao "Ciclo de Necessidade" ou de Evolução), é o "Senhor coletivo, os Deuses", ou seja, a "Legião Operante", o "Exército", a coletividade que se traduz como o "Um em Muitos".

O Absoluto é infinito e não-condicionado, e não pode criar, porque injustável a ELE o conceito de uma relação com o que é finito e condicionado. Se tudo o que vemos, desde os rutilantes sóis e os majestosos planetas até a haste de erva e o ínfimo grão de pó, tivesse sido criado pela Perfeição Absoluta, e fosse obra direta da Energia *Primária* que de ELE procedeu¹⁰, então seria tudo isso perfeito, eterno e não-condicionado, como o seu Autor. Os milhões e milhões de coisas imperfeitas da Natureza testificam de modo irrecusável que são o produto de seres finitos e condicionados — Dhyan-Chohans, Arcanjos, ou que outro nome tenham¹¹. Em suma, essas obras imperfeitas são o resultado incompleto da evolução, dirigida por Deuses imperfeitos. Neste sentido o *Zohar* não é menos positivo que a DOUTRINA SECRETA, pois se refere aos auxiliares do "Ancião dos Dias", o "Sagrado Ancião", chamando-os Auphanim, ou as Rodas vivas do orbe celeste, que tomaram parte na criação do Universo.

Não é, assim, o "Princípio Absoluto" e Não-condicionado, nem mesmo o Seu reflexo, quem cria, senão os "Sete Deuses", que com a matéria eterna constroem e modelam o Universo, e o chamam à vida objetiva, nele refletindo a Única Realidade.

São esses os Criadores — a "Legião de Deuses"; ou seja, os Dhyan-Chohans

(10) Ao ocultista e ao chela não é necessário explicar a diferença entre *Energia* e *Emanação*. A palavra sânscrita *Shakti* é intraduzível. Pode ser *Energia*, mas é uma energia que procede de si mesma, não se devendo à vontade ativa ou consciente de quem a produz. O "Primogénito" ou Logos não é uma *Emanação*, mas uma energia inerente a Parabrahman, o Uno, e coeterna com Ele. O *Zohar* fala em *emanações*, mas reserva a palavra aos sete Sephiroth emanados dos três primeiros, a tríade Kether, Chokmah e Binah. A estes três, chama-os "in-*manações*", isto é, algo inerente e coevo ao sujeito, ou, em outra palavra, *Energias*.

(11) Não é possível explicar a imperfeição do Universo senão atribuindo sua formação a esses "auxiliares" — Auphanim, Prajâpatis semi-humanos, Anjos, Arquitetos, sob a direção do "Anjo do Grande Conselho", e demais Construtores Cósmicos a que se referem outros povos. Essa imperfeição é um dos argumentos da Ciência Secreta que depõem a favor da existência de tais "Potestades" ativas. E mostra como Filon estava mais próximo da verdade que os poucos filósofos de nossos países cultos, quando atribuiu a origem do mal à intervenção de potestades inferiores no ordenamento da matéria, inclusive na formação do homem — tarefa confiada ao divino Logos.

da DOUTRINA SECRETA, os Prajâpatis hindus, os Sephiroth dos cabalistas ocidentais, os Devas dos budistas, os Amshaspends dos zoroastrianos — forças cegas e, portanto, impessoais. Mas, se para os cristãos místicos a criação é obra dos “Deuses de Deus”, para o clero dogmático o Criador é o “Deus dos Deuses”, o Senhor dos Senhores”, etc.

Entre os israelitas, é “Jehovah” o maior de todos os Deuses.

“Sei que o Senhor [de Israel] é grande, e que o nosso Senhor está acima de todos os deuses.”¹²

“Porque todos os deuses dos povos são ídolos; mas o Senhor fez os céus.”¹³

Os *Neteroo* egípcios, palavra que Champollion traduziu por “os outros deuses”, são os Elohim da *Bíblia*; por trás deles se acha oculto o Deus Uno, considerado na diversidade de seus poderes¹⁴. Este Deus Uno não é Parabrahman, mas o Logos Não-manifestado, o Demiurgo, o verdadeiro Criador ou Modelador, que vem depois, representando a coletividade dos Demiurgos. Mais adiante acrescenta o eminente egptólogo:

“Vemos que os egípcios ocultaram e encobriram, digamos assim, o Deus dos Deuses por trás dos *agentes* que o rodeiam. Atribuíram a seus grandes deuses preexcelência sobre a Divindade única, transferindo para eles os atributos desta. Proclamaram incriação desses grandes Deuses... *Neith* é *aquele que é*, como Jehovah¹⁵. Thoth se criou a si mesmo¹⁶; não foi gerado. Mas o Judaísmo anulou tais deuses, ante a grandeza do seu Deus, e eles deixaram de ser simples potestades, como os Arcanjos de Filon, os Sephiroth da Cabala, as Ogdóadas dos gnósticos — para se fundirem e se transformarem no próprio Deus.”¹⁷

Desse modo, conforme ensina a Cabala, Jehovah é, quando muito, o “Homem Celeste”, ou Adão Kadmon, de quem, como veículo, se serve o Espírito autocriado, o Logos, para descer, manifestando-se, ao mundo fenomenal.

Tais são os ensinamentos da Sabedoria Arcaica, que nem mesmo os cristãos ortodoxos repudiarão, se com sinceridade e de mente aberta estudarem suas próprias Escrituras. Porque, lendo com atenção as *Epístolas* de São Paulo, concluirá que o “Apóstolo dos gentios” admite plenamente a DOUTRINA SECRETA e a Cabala. A Gnose que parece condenar não é — para ele como para Platão — aquele “supremo conhecimento da Verdade e do Deus Único”¹⁸, pois o que São Paulo

(12) *Salmos*. CXXXV. 5.

(13) *Salmos*, XCVI, 5.

(14) Ou antes, como Ormazd, Ahura-Mazda, Vitnem-Ahmi e todos os Logos não-manifestados. Jehovah é o Virāj manifestado, e corresponde a Binah, a terceira Sephira dos cabalistas, potestad feminina, cujo protótipo está mais nos Prajâpatis que em Brahmâ, o Criador.

(15) Neith é Aditi, evidentemente.

(16) O Logos gerado por si mesmo, como Nârâyana, Puroshottama e outros,

(17) *Mère d'Apis*, págs. 32-35. Citado por De Mirville.

(18) Veja-se *República*, I, VI.

combate não é a verdadeira, mas a falsa Gnose e seus abusos. De outro modo, como se explica que usasse a linguagem de um autêntico e genuíno platônico?

As idéias-tipos (*Archai*) do filósofo grego; as Inteligências de Pitágoras; as Emanações ou Eões dos panteístas; o Logos ou Verbo, arquétipo das Inteligências; a Sabedoria ou Sofia; o Demiurgo ou o Construtor do mundo sob a direção do Pai, de quem Ele procede; o infinito e desconhecido Ain-Soph; os Períodos Angélicos; os Sete Espíritos, representantes dos *Sete* de todas as cosmogonias antigas; são conceitos que se podem ver nos escritos de São Paulo, reconhecidos canonicamente pela Igreja como de inspiração divina.

Ali podemos encontrar também os Abismos de Ahriman, o Reitor do nosso mundo; o Pleroma das Inteligências; os Arcontes do Ar; os Principados, ou Metraton dos cabalistas. Podemos ainda facilmente identificar tais conceitos nos escritores católicos romanos, quando lidos em seus textos gregos e latinos, cujas traduções não oferecem mais que uma pálida idéia dos originais.

SEÇÃO XXIII

O QUE OS OCULTISTAS E OS CABALISTAS TÊM A DIZER

Com frequência os autores católicos invocam o *Zohar*, este inesgotável tesouro de mistério e sabedoria oculta.

Um erudito rabino e hebraísta eminente, que depois de convertido ao catolicismo tomou o nome de Cavalheiro Drach, seguindo os passos de Pico de Mirandola e João Reuchlin, assegurou aos seus novos correligionários que o *Zohar* contém quase todos os dogmas da religião católica. Sem entrar no mérito de seus argumentos nesse sentido — se procedentes ou improcedentes — daremos somente um resumo de suas informações, com um esclarecimento preliminar.

O *Zohar*, conforme já fizemos ver, não é uma manifestação genuína do pensamento hebreu. É uma coletânea, um compêndio das mais antigas doutrinas do Oriente, que, transmitidas oralmente a princípio, foram depois reduzidas a escritos esparsos durante o cativeiro de Babilônia, e finalmente compiladas pelo rabino Simeão Ben Jochai, nos começos da era cristã. Assim como a cosmogonia mosaica surgiu sob uma forma nova nos países da Mesopotâmia, assim também o *Zohar* foi um veículo em que se concentraram os raios luminosos da Sabedoria universal. Entretanto, por maior que seja a semelhança entre os seus ensinamentos e os dogmas cristãos, a verdade é que os compiladores do *Zohar* nunca tiveram Cristo em mente. Do contrário, não restaria hoje no mundo um só judeu da lei mosaica. E, a aceitar ao pé da letra o que diz o *Zohar*, todas as religiões podem apoiar-se em seus símbolos e descrições alegóricas; e isto simplesmente porque esse livro é um eco das verdades primitivas, e todo credo se baseia em alguma delas, sendo o *Zohar* um véu da DOUTRINA SECRETA. É coisa tão evidente que bastarão, para o comprovar, as explicações do já citado ex-rabino, Cavalheiro Drach.

O *Zohar*¹ refere-se ao Espírito ou Reitor que governa o Sol, explicando que esse Espírito não é o Sol propriamente, mas existe “nele ou *subjacente* a ele”. Drach esforça-se por demonstrar que por “Sol”, ou por Espírito Solar residente no Sol, o *Zohar* queria significar Cristo. Ao comentar a passagem que fala do

(1) Parte III. fol. 87 (col. 346)

Espírito Solar como “a pedra que os construtores rejeitaram”, afirma ele, em termos positivos, que:

“a Pedra Solar é o próprio Cristo”,

e, portanto,

“o Sol é, incontestavelmente, a segunda hipóstase da Divindade, ou Cristo”².

Se isso é verdade, os arianos védicos e pré-védicos, os caldeus e os egípcios, assim como os ocultistas de todos os tempos, foram sempre cristãos. Se não é verdade, então o Cristianismo da Igreja, exotericamente, é puro e simples paganismo; esotericamente, é Magia prática e transcendente, ou seja, Ocultismo.

Porque a “pedra” tem uma significação múltipla e uma existência dual, com gradações regulares, progressivas e regressivas. É, em verdade, um “mistério”.

Os ocultistas estão dispostos a admitir, com São Crisóstomo, que os infiéis, ou melhor, os *profanos*,

“cegos pela luz do Sol, perdem de vista o verdadeiro Sol ao contemplar o falso”.

Mas se este Santo, e com ele agora o Cavalheiro Drach, querem ver no *Zohar* e no Sol cabalístico “a segunda hipóstase”, não é isto razão para que todos os demais se deixem cegar por eles. O mistério do Sol é talvez o maior dos inumeráveis mistérios do Ocultismo. Um verdadeiro nó górdio, que a espada de dois gumes da casuística escolástica não é capaz de cortar. Um verdadeiro *deo dignus vindice nodus*: só os deuses podem desatá-lo. O significado é claro, e todos os cabalistas o entenderão.

Quando Pitágoras disse: *Contra solem ne loquaris*³, não se referia ao Sol visível, mas ao “Sol da Iniciação”, em sua forma trina. Dois destes aspectos são o “Sol do Dia” e o “Sol da Noite”.

Se por trás do luzeiro físico não houvesse um mistério, que as pessoas presentem instintivamente, por que todos os povos, desde os mais primitivos até os parses de hoje, se voltariam para o Sol durante suas orações? A Trindade Solar não é exclusiva do Masdeísmo, mas uma crença universal, tão antiga quanto o homem. Todos os templos da antiguidade davam frente para o Sol, e suas portas se abriam para o Oriente. Vejam-se os templos de Mênfis e Baalbec, as pirâmides do Velho e do Novo (?) Mundo, as Torres Circulares da Irlanda e o Serapeum do Egito. Só os Iniciados poderiam dar as razões desse costume e sua explicação filosófica, se o mundo estivesse disposto a ouvi-las, o que infelizmente não acontece.

Na Europa, o último sacerdote do Sol foi o iniciado Imperador Juliano,

(2) *Harmonie entre l'Église et la Synagogue*, t. II, pág. 427, do Cavalheiro Drach. Veja-se: *Des Esprits*, IV, págs. 38-39.

(3) “Não fales contra o Sol.”

hoje conhecido como o Apóstata⁴. Quis ele beneficiar o mundo, revelando pelo menos uma parte do grande mistério do *τριπλάσιος*, e morreu. Dizia ele a respeito do Sol que “há três em um”, e que o Sol central⁵ não é mais que uma precaução da Natureza: o primeiro Sol é a causa universal de tudo, o soberano Bem e a perfeição; o segundo é o Poder da suprema Inteligência, com domínio sobre todos os seres racionais, *νοερίζ*; e o terceiro é o Sol visível. A energia pura da inteligência solar promana daquele centro radiante que o Sol ocupa no céu, e essa energia pura é o Logos do nosso sistema. “O Misterioso Espírito-Verbo tudo produz por meio do Sol, e nunca opera por outro intermédio” — diz Hermes Trismegisto. Porque é *no* Sol, mais do que em qualquer outro corpo celeste, que o Poder [desconhecido] colocou a sede de sua morada.

Mas nem Hermes Trismegisto nem Juliano (iniciado ocultista) nem outro jamais deram a entender que essa Causa Desconhecida fosse Jehovah ou Júpiter. Eles se referiam à causa produtora dos “grandes Deuses” manifestados, ou Demiurgos, do nosso sistema (inclusive o Deus dos hebreus).

Nem era tampouco o nosso Sol visível, *material* — mero símbolo manifestado. O pitagórico Filolaus explica e completa Trismegisto, dizendo:

(4) Juliano morreu por um crime igual ao de Sócrates. Ambos divulgaram, um consciente e outro inconscientemente (pois o sábio grego nunca foi iniciado), uma parte do mistério solar, o sistema heliocêntrico (que era apenas uma parcela dos mistérios ensinados durante a Iniciação). O que se preservava com o sigilo não era o verdadeiro sistema solar, mas os mistérios relacionados com a constituição do Sol. Sócrates foi condenado à morte por juizes terrenos, juizes deste mundo; Juliano teve morte violenta porque lhe foi retirada a proteção que até então o cercava, ficando assim abandonado ao próprio destino kármico. Para o estudante de Ocultismo, há uma diferença significativa entre os dois gêneros de morte.

Outro memorável exemplo de revelação inconsciente de segredos referentes aos mistérios é o do poeta Públio Ovídio Naso, que, como Sócrates, não era iniciado. O Imperador Augusto, que o era, comutou-lhe a pena de morte na de exílio em Tomos, no Ponto Euxino. Esta repentina mudança de pena, com que o favor real beneficiou o poeta, serviu de tema às especulações de alguns escritores clássicos, não iniciados nos Mistérios. Citaram os escritos do próprio Ovídio para insinuar que o poeta teve ciência involuntária de uma grave e odiosa imoralidade do Imperador, devendo-se a esta circunstância o abrandamento da pena. Ignoravam que a divulgação, entre os profanos, de qualquer parte dos Mistérios, trazia sempre, como consequência, a pena de morte; e, em vez de olhar o ato de bondade e clemência em seu verdadeiro aspecto, dele se valeram para detratar o caráter moral de Augusto. As palavras do poeta não constituíam prova, já que, não sendo iniciado, não lhe podia ser explicado em que consistia o seu crime.

Há exemplos relativamente modernos de poetas que revelaram inconscientemente, em seus versos, uma parcela do conhecimento oculto, o que levou alguns Iniciados a falar com eles do assunto revelado, supondo que também fossem companheiros de iniciação. Este fato só demonstra que a sensibilidade poética é por vezes transportada além das fronteiras dos sentidos ordinários, chegando a ter vislumbres do que está impresso na Luz Astral. Em *The Light of Asia* (“A Luz da Ásia”) há duas passagens cuja leitura poderia sugerir a um Iniciado do primeiro grau que o autor Edwin Arnold estava iniciado nos *ashrams* do Himalaia, o que, entretanto, não acontecia.

(5) Prova de que Juliano conhecia o sistema heliocêntrico.

“O Sol é um *espelho* de fogo, onde se reflete o esplendor de suas chamas, que se efunde sobre nós. A este esplendor chamamos imagem.”

É evidente que Filolaus se referia ao Sol central espiritual, cujos esplendentes raios o nosso Sol físico apenas reflete. Tão claro é isso para os ocultistas como o era para os pitagóricos.

Admite-se que para os profanos da antiguidade pagã o Sol físico fosse o “Deus Supremo”; e parece que agora também passaram assim a considerá-lo os modernos católicos romanos, a julgar pelo que diz o Cavalheiro Drach. Se as palavras significam alguma coisa, foi isso o que deu a entender o ex-rabino, quando afirmou que “este Sol é, incontestavelmente, a segunda hipóstase da Divindade” — porque as palavras “este Sol” se referem ao Sol cabalístico, e “hipóstase” quer dizer a substância ou subsistência da Majestade de Deus, ou Trindade pessoal distinta. Sendo o autor um antigo rabino, e portanto muito versado em hebraico e nos mistérios do *Zohar*, deve conhecer o valor das palavras; e como, além disso, o seu objetivo era conciliar as “aparentes contradições” entre o Judaísmo e o Cristianismo, tanto maior é a procedência de nossa conclusão.

Tudo isso, porém, se entende com problemas e questões que serão naturalmente resolvidas no curso da doutrina. Sobre a Igreja Católica recai a acusação, não de adorar sob outros nomes os Seres Divinos que as nações da antiguidade adoraram, mas de lançar a pecha de idólatras aos pagãos antigos e modernos, assim como aos povos cristãos que sacudiram o jugo de Roma. A imputação, contra ela levantada por mais de um homem de ciência, de adorar os astros, como os antigos sabeus, ainda permanece de pé — sem contradita. Entretanto, nunca os chamados astrólatras renderam o seu culto aos planetas e estrelas considerados fisicamente, conforme teremos ocasião de mostrar antes de escrita a última página deste livro; e não é menos certo que só os filósofos devotados ao estudo da Astrologia e da Magia sabiam que a última palavra destas ciências havia de buscar-se nas forças ocultas dimanantes das constelações, onde unicamente seria possível encontrá-la.

[Esta Seção reproduz quase textualmente a subseção 2 da Seção V do manuscrito de 1886.]

SEÇÃO XXIV

OS MODERNOS CABALISTAS DA CIÊNCIA E DA ASTRONOMIA OCULTA

Diz a Cabala que há três Universos: o físico, o astral e o superastral, assim como há três ordens de seres: terrenos, supraterrêneos e espirituais.

Os homens de ciência podem rir, como lhes aprouver, dos “Sete Espíritos Planetários”; não podem, contudo, evadir a necessidade de Forças diretoras inteligentes, e muitos físicos, que não querem ouvir falar em ocultismo e em doutrinas arcaicas, sentem-se eles mesmos obrigados a elucubrar, no fundo de suas consciências, algo assim como um sistema semimístico.

A teoria da “força solar”, sustentada por Metcalf, e a do sábio polonês Zaliwsky, que considerou a eletricidade como força universal, cuja fonte é o Sol¹, são apenas reedições dos ensinamentos cabalísticos.

Zaliwsky tentou provar que a eletricidade, causadora “dos mais poderosos efeitos de atração, calor e luz”, está presente na constituição física do Sol e explica as suas peculiaridades. Esta opinião muito se aproxima do ensinamento oculto. Só admitindo a natureza gasosa do Sol e o poder magnético e elétrico da atração e repulsão solar é que se pode explicar: (a) a evidente ausência de perda de energia e de luminosidade no Sol, fenômeno inexplicável pelas leis ordinárias da combustão; (b) o comportamento dos planetas, que muitas vezes parece contradizer as leis conhecidas de gravitação e gravidade. E Zaliwsky supõe que esta “eletricidade solar” “é diferente de tudo quanto se conhece na terra”.

Pode-se desconfiar que o Padre Secchi, quando afirmou existirem

“forças de uma espécie inteiramente nova e de todo estranhas à gravitação, por ele descobertas no Espaço”²,

não o fez senão com o preconcebido objetivo de harmonizar a Astronomia científica com a Astronomia teológica.

(1) *La Gravitation par l'Electricité*. pág. 7: citada por De Mirville em *Des Esprits*, IV, 156.

(2) *Ibid.*, pág. 157.

Mas Nagy, membro da Academia de Ciências da Hungria, não era eclesiástico, e expôs uma teoria sobre a necessidade de Forças inteligentes, a tal ponto flexíveis que “permitem os caprichos e extravagâncias dos cometas”. Suspeita que,

“não obstante todas as investigações atuais sobre a velocidade da luz — *efeito deslumbrante de uma força desconhecida*... que tanto desafia a nossa compreensão —, *esta luz na realidade carece de movimento*”³.

O conhecido engenheiro francês e construtor de estradas de ferro C. E. Love, cansado de *forças cegas*, subordina à eletricidade todos os “agentes imponderáveis” (que passaram agora a ter o nome de “Forças”), e sustenta que a eletricidade é uma

“inteligência — ainda que de natureza material e estrutura molecular”⁴.

Na opinião de Love, estas Forças são agentes atomísticos, que possuem inteligência, vontade espontânea e movimento⁵. Ele as classifica, de acordo com os cabalistas, em Forças-causa, ou Forças substanciais, e Forças-efeito, derivadas das primeiras; sendo que as últimas são as únicas que operam em nosso plano físico.

Para ele, a matéria é eterna, como o são os Deuses⁶, e também a alma, que tem ainda, inerente em si, outra Alma de ordem mais elevada [Espírito], pre-existente, dotada de memória e superior à Força Elétrica. Esta Força Elétrica é subordinada às Almas Superiores, que a obrigam a atuar de conformidade com as leis eternas.

Os conceitos são confusos, mas têm algo de ocultismo. O sistema é inteiramente panteísta, e está exposto em uma obra de caráter científico. É natural que os monoteístas e os católicos romanos o combatam; mas quem acredita nos Espíritos Planetários e admite Forças vivas na Natureza não pode esperar outra coisa.

A esse respeito é curioso observar que, depois de tanto zombarem os modernos da ignorância dos antigos,

“que, por conhecerem apenas sete planetas [a despeito de terem uma ogdóada, que não incluía a Terra], inventaram Sete Espíritos ajustados a esse número”,

o eminente astrônomo francês Babinet justifique tal “superstição”, sem dar por isso, ao escrever na *Revue des Deux Mondes* que:

“A ogdóada dos antigos abrangia a Terra [errado], isto é, compunha-se de oito planetas — ou sete, se a Terra for excluída do número.”⁷

(3) *Memoire sur le Système Solaire*, pág. 7; *Des Esprits*, IV, pág. 157.

(4) *Essai sur l'Identité des Agents Producteurs du Son, de la Lumière*, etc, pág. 15; *Des Esprits*, IV, 157.

(5) *Ibid.*, pág. 218.

(6) Resumido de *Ibid.*, pág. 213. — *Des Esprits*, IV, 158.

(7) Maio de 1855; *Ibid.*, pág. 139.

Afirma De Mirville aos seus leitores:

"O Sr. Babinet há poucos dias me informava de que temos na realidade apenas oito grandes planetas, incluindo a Terra, e muitos planetas pequenos situados entre Marte e Júpiter... Herschel propôs chamar asteróides a todos os que estão além dos sete planetas principais." ⁸

Mas há, neste particular, um problema a resolver. Como sabem os astrônomos que Netuno é um planeta, ou que seja um astro pertencente ao nosso sistema? Netuno foi descoberto nos confins do que se chama o nosso mundo planetário, cujos limites tiveram que ser arbitrariamente ampliados para recebê-lo; mas que prova realmente matemática e infalível possuem os astrônomos de que seja um planeta, e um de *nosso*s planetas? *Nenhuma*. Netuno se encontra a uma distância tão incomensurável de nós que

"o diâmetro aparente do Sol em relação a Netuno é apenas 1/49 do que se vê da Terra",

e este astro, que só se distingue com um bom telescópio, se apresenta como um ponto de tal modo vago e impreciso que a sua inclusão entre os planetas do nosso sistema parece uma novela astronômica. O calor e a luz que chegam a Netuno é 1/900 dos recebidos pela Terra. Seu movimento e o de seus satélites sempre suscitaram muitas dúvidas. Não se harmonizam, pelo menos aparentemente, com os dos outros planetas. Seu sistema é retrógrado. Mas esta última anomalia contribuiu apenas para que os astrônomos inventassem novas hipóteses e supusessem que a inversão de Netuno se devesse a uma provável colisão com outro corpo celeste, etc.

Terá sido o descobrimento de Adams e Leverrier tão bem recebido porque era, como o Éter, uma oportunidade de acrescentar mais uma glória às previsões astronômicas e ao acerto dos modernos métodos científicos, e sobretudo ao poder da análise matemática? Parece que sim. Um planeta novo, que dilata em mais de quatrocentos milhões de léguas o nosso domínio planetário, bem merece ser anexado. Todavia, como no caso das anexações terrestres, as autoridades científicas só podem provar o "direito" porque dispõem da "força". Bastou uma observação ainda vaga do movimento de Netuno: *Eureka!* exclamaram; é um planeta!

Mas um simples movimento prova muito pouco. Hoje está de todo comprovado pela Astronomia que não há estrelas absolutamente fixas⁹. No entanto,

(8) *La Terre et notre Système Solaire*, Ibid.

(9) Se, como pensava Sir W. Herschel, as chamadas estrelas fixas são o resultado de combustão nebular, não podem ser mais fixas que o nosso Sol, que se supunha imóvel mas hoje se sabe que gira sobre o seu eixo em cada vinte e cinco dias. Entretanto, como a estrela fixa mais próxima dista do Sol oito mil vezes mais do que este dista de Netuno, as ilusões produzidas pelo telescópio devem ser também oito mil vezes maiores. Deixaremos, pois, em suspenso a questão, limitando-nos a repetir o que disse A. Maury em sua obra *La Terre et l'Homme* (1858): "É inteiramente impossível, até o presente, afirmar alguma coisa sobre a constituição de Netuno; só a analogia nos autoriza a atribuir-lhe movimento de rotação semelhante ao de outros planetas." (De Mirville, *Ibid.*, IV, pág. 140.)

continuam a ser assim chamadas na linguagem astronômica, apesar de já excluídas da imaginação científica. Em todo o caso, tem o Ocultismo uma estranha e peculiar teoria a respeito de Netuno.

Diz o Ocultismo que, se eliminássemos da moderna ciência astronômica várias hipóteses que lhe servem de apoio, fundadas em simples conjecturas (e que foram aceitas unicamente porque as enunciaram eminentes homens de ciência), daí resultaria que até mesmo a lei de gravitação, que se acredita universal, se opõe às mais elementares verdades da mecânica. E realmente não podemos censurar os cristãos (sobretudo os católicos romanos), ainda os mais instruídos dentre eles, porque se recusem a indispor-se com a Igreja por amor dos princípios científicos. Nem tampouco podemos reprovar que alguns deles aceitem com sincera fé as "Virtudes" e os "Arcontes" de trevas da Teologia, em vez de crer nas forças cegas da ciência.

"Nunca pode haver intervenção de espécie alguma na ordem e harmonia dos corpos celestes! A gravitação é a lei das leis; quem já viu uma pedra elevar-se no ar, contrariando a lei de gravidade? Os mundos sidéreos, que, eternamente fiéis a suas primitivas órbitas, jamais se apartam de seus respectivos caminhos, demonstram a permanência da lei universal. Nem se faz necessária qualquer intervenção, que só poderia ser desastrosa. Não importa que a rotação sideral se iniciasse por um acaso intercósmico, pelo desenvolvimento espontâneo de forças primárias latentes, ou por impulso definitivo de Deus ou dos Deuses. No estado atual da evolução cósmica, não é admissível nenhuma intervenção superior ou inferior. Se a houvesse, pararia o relógio do Universo e se aniquilaria o Cosmos."

São proposições soltas, verdadeiras pérolas de sabedoria, proferidas por lábios científicos, e ora escolhidas ao acaso para ilustrar uma pergunta. Levantamos nossas humildes cabeças e contemplamos o céu. Eis o que vemos: mundos, sóis, estrelas, miríades de cintilantes luzeiros, celestes, que acordam no poeta a imagem de um oceano infinito, sem praias, onde velozmente se movem inumeráveis frotas, milhões e milhões de naves, grandes e pequenas, que se entrecruzam, rodopiam e giram em todas as direções. E a Ciência nos diz que, sem possuírem timão nem bússola, sem haver farol que os guie, todos esses barcos sidéreos estão a salvo de colisões (à parte os acidentes fortuitos), porque uma lei imutável, embora cega, presidiu à construção da máquina celeste, que obedece a forças de aceleração constantes. Mas — perguntamos — quem a "construiu"? A Ciência responde que foi o produto da "auto-evolução".

Como, por outro lado, segundo a lei da inércia, que é um dos princípios fundamentais da Dinâmica,

"todo corpo persiste no estado de repouso ou de movimento enquanto não intervém uma força externa que altere esse estado",

faz-se preciso considerar tal força como autogerada ou espontânea (se não eterna, porque significaria o movimento perpétuo), e tão bem calculada e ajustada que perdure desde o começo até o fim do Cosmos. Mas ainda a "autogeração" há de ter uma origem, pois a geração "ex-nihilo" é tão contrária à razão como à

Ciência. Vemo-nos, assim, mais uma vez colocados entre as duas pontas de um dilema: devemos crer no movimento perpétuo ou na autogeração "ex-nihilo"? E se não devemos admitir nem um nem outra, que ou quem produziu a primeira vez essa força ou essas forças?

Existem em mecânica alavancas superiores que atuam sobre outras inferiores ou secundárias. As primeiras necessitam, porém, de um impulso, renovável periodicamente — pois de outro modo não tardariam a deter-se e retornar ao seu estado original. Que força externa as põe e mantém em movimento? Outro dilema!

O princípio de *não-intervenção* cósmica só teria razão de ser em um caso; se o mecanismo celeste fosse perfeito. Mas não o é. Longe de permanecer inalterável o movimento dos astros, ele se altera e muda com frequência, e as rodas da própria locomotiva sideral saem ocasionalmente de seus trilhos invisíveis, como é fácil comprovar.

Do contrário, por que havia Laplace de aludir à possibilidade de sobrevir, em tempos futuros, uma radical reforma no ordenamento dos planetas¹⁰? Ou por que havia Lefrange de sustentar que se vão estreitando gradualmente as órbitas dos planetas? Ou ainda por que deviam os astrônomos modernos declarar que o combustível solar se vai consumindo lentamente?

Se as leis e as forças que regem o conceito sideral fossem imutáveis, não poderia haver desgaste de substância, diminuição ou esgotamento de energia e de fluidos, nem outras modificações no panorama celeste; e tais ocorrências não são contestadas. Consequentemente, é preciso supor que essas modificações devem apoiar-se nas leis dinâmicas, e que as forças hão de regenerar-se por si mesmas em tais ocasiões, dando assim lugar a uma antinomia astral e como que a uma palinódia física; pois, como observa Laplace, teríamos então fluidos contraditórios consigo mesmos, reagindo em sentido oposto a todos os seus atributos e propriedades.

Newton preocupou-se com o movimento da Lua, cuja progressiva contração da órbita o deixava nervoso, fazendo-o temer que um dia o satélite viesse a cair sobre a Terra. O mundo, confessa ele, necessita de frequentes reparos¹¹. Herschel corrobora esta opinião, dizendo que, além dos desvios aparentes, há outros reais e efetivos; mas sente-se confortado pela crença de que algo ou alguém cuidará dessas coisas¹².

Podem objetar-nos que as convicções pessoais de alguns astrônomos religiosos, por maior que seja o seu cabedal científico, não constituem provas da existência e presença de Seres inteligentes e super-humanos no espaço, chamem-se Deuses ou Anjos. E o que importa é analisar o comportamento dos astros, para deduzir conclusões. Renan afirma que, de quanto sabemos dos

(10) *Exposition du vrai Système du Monde*, pág. 282.

(11) Veja-se a passagem citada por Herschel em *Natural Philosophy*, pág. 273. — *Des Esprits*, tomo IV, pág. 105.

(12) *Loc. cit.*

corpos celestes, nada confirma a presença de alguma Inteligência divina, seja intrínseca ou extrínseca.

Vejamos, diz Reynaud, se isso é um fato ou simplesmente mais uma suposição científica, vazia de sentido.

“As órbitas descritas pelos planetas estão longe de ser imutáveis. São pelo contrário, sujeitas a contínuas mudanças de posição e de forma. Alongamentos, contrações e alargamentos, oscilações da direita para a esquerda, aumento e diminuição de velocidade... e tudo isso em um plano que parece vacilar.”¹³

Com muita propriedade pondera Des Mousseaux:

“Eis uma marcha que tem muito pouco da precisão matemática e mecânica que lhe atribuem. Porque não conhecemos relógio algum que, depois de se atrasar em vários minutos, seja capaz de *por si mesmo* recobrar o tempo perdido, *sem que se dê corda ao seu mecanismo*”

Pois é o que se pretende com a lei e a força cegas.

Quanto à impossibilidade física (realmente um milagre aos olhos da Ciência) de que uma pedra se eleve no ar, contrariando a lei de gravidade, atente-se para a seguinte informação de Babinet, inimigo figadal dos fenômenos de levitação — e que nos é transmitida por Arago:

“Todos conhecem a teoria dos bólidos [meteoros] e dos aerólitos... Em Connecticut viu-se um imenso aerólito [uma massa de mil e oitocentos pés de diâmetro] bombardear toda uma região da América e voltar [pelos ares] ao ponto de onde havia caído.”¹⁴

Vemos nos dois casos — o de planetas que se corrigem por si mesmos e o de meteoros que retornam pelo ar ao ponto de partida — uma “força cega” que regula e suplanta as tendências naturais da “matéria inerte”, chegando por vezes a retificar os seus erros e corrigir as suas deficiências. Em verdade que se trata de coisa ainda mais “milagrosa” e até mais “extravagante” do que imaginar a existência de algum “Anjo-guia” dos elementos.

Deixemos que se riam os presunçosos do pensamento de Von Haller nestes versos:

Nas estrelas do céu, quem sabe?
Moram Espíritos gloriosos...
Assim como aqui reina o Vício,
Lá é soberana a Virtude¹⁵

(13) *Terre et Ciel*, pág. 28. *Ibid.*

(14) *Oeuvres d'Arago*, vol. I, pág. 219; citado por De Mirville em *Des Esprits*, III, pág. 462.

(15) “Die Sterne sind vielleicht ein Sitz verklärter Geister; Wie hier das Laster herrscht, ist dort die Tugend Meister.”

SEÇÃO XXV

OCULTISMO ORIENTAL E OCIDENTAL

Em *The Theosophist* de março de 1886¹, um membro da “Loja de Londres” da Sociedade Teosófica, respondendo ao “Solar Sphinx”, escreveu o seguinte:

“Cremos e afirmamos que o renascimento atual do conhecimento oculto provará algum dia que o sistema ocidental apresenta níveis de percepção que o sistema oriental — pelo menos tal como é exposto nas páginas de *The Theosophist* — ainda terá de alcançar.”²

Não é o autor do artigo a única pessoa que se acha sob aquela impressão errônea. Cabalistas dos mais eminentes nos Estados Unidos externaram o mesmo pensamento, evidenciando assim que é muito superficial a noção dos ocultistas do Ocidente sobre a verdadeira filosofia e os “níveis de percepção” das doutrinas orientais. Podemos facilmente demonstrar a procedência desta afirmação com alguns exemplos e a comparação entre as duas interpretações, oriental e ocidental, da doutrina hermética comum a todos os povos. Esta comparação é de todo necessária, porque sem ela ficaria incompleta a nossa obra.

Eliphas Lévi, considerado com razão por outro místico moderno, Kenneth Mackenzie, “um dos lídimos representantes da Filosofia Oculta moderna”³, é talvez o melhor e o mais esclarecido expositor da Cabala caldéia. Comparemos os seus ensinamentos com os dos ocultistas orientais.

Em cartas e manuscritos inéditos do grande cabalista francês, que nos foram proporcionados por um teósofo, seu discípulo durante quinze anos, es-

(1) Pág. 411.

(2) Sempre que expostas doutrinas ocultas nas páginas de *The Theosophist*, houve o cuidado de ressaltar que a matéria estava ainda incompleta, quando se não podia apresentá-la em sua totalidade; e nenhum autor procurou jamais enganar os seus leitores. Quanto aos “níveis de percepção” ocidentais no tocante a doutrinas realmente secretas, os ocultistas do Oriente de há muito os conhecem. Estão, assim, em condições de afirmar com segurança que o Ocidente pode estar de posse da Filosofia Hermética, como um sistema especulativo dialético, de que se serve admiravelmente, mas em que nada existe de ocultismo propriamente. O genuíno ocultista oriental permanece incógnito e em silêncio, nunca publica o que sabe, e raramente fala do assunto, pois conhece de sobra a pena reservada à indiscrição.

(3) Veja-se *The Royal Masonic Cyclopaedia*, artigo “Sepher Yetzireh”, pág. 368.

perávamos encontrar o que ele não havia querido publicar. Mas tivemos uma grande decepção. Em todo o caso, admitindo que esses escritos encerram a essência do ocultismo ocidental ou cabalístico, vamos analisá-los e fazer o seu confronto com a interpretação oriental.

Acertadamente ensina Eliphas Lévi, ainda que em estilo demasiado retórico para o bom entendimento dos principiantes, que

“A vida eterna é o movimento equilibrado pelas alternativas manifestações da força.”

Mas por que não acrescenta que este movimento é independente das Forças manifestadas em atividade?

“O Caos é o Tohu-vah-bohu no movimento perpétuo e a soma total da matéria primordial”

— diz ele. Mas deixa de acrescentar que a matéria só é *primordial* no início de cada nova reconstrução do Universo. A matéria *in abscondito* (como a chamaram os alquimistas) é eterna, indestrutível, sem princípio nem fim. Os ocultistas orientais a consideram a eterna Raiz de tudo o que existe, a Mulaprakriti dos vedantinos, o Svabhâvat dos budistas; numa palavra, a divina Essência ou Substância, cujas radiações se aglutinam periodicamente em formas graduais, desde o Espírito puro até a matéria mais densa. A Raiz, ou o Espaço, em sua abstrata presença, é a Divindade mesma, a Causa Única, Inefável e Desconhecida.

Para Lévi, também Ain-Soph é, como Parabrahman, a Ilimitada, Única e Infinita Unidade, sem segundo e sem causa. Ain-Soph é o ponto indivisível, e por estar “em toda a parte e em parte alguma” é o Todo Absoluto. É ainda “as Trevas”, por ser a Luz absoluta e a Raiz dos Sete Princípios Cósmicos fundamentais. No entanto, Eliphas Lévi, ao dizer apenas que “as Trevas cobriam a face da Terra”, deixa de esclarecer: (a) que “as Trevas”, neste sentido, significam a própria Divindade, e omite assim a única solução filosófica que pode a mente humana encontrar para esse problema; (b) que a palavra “Terra” não se refere ao nosso pequeno globo, que é um átomo do Universo; induzindo assim em erro o estudante incauto.

Em resumo, o seu ensinamento não abrange a Cosmogonia Oculta, senão que se adscrive à Geologia Oculta e à formação do nosso insignificante planeta. Assim o indica ao sintetizar deste modo a Árvore Sephirothal:

“Deus é a harmonia; a astronomia das Forças e a Unidade externa ao Mundo.”

Isso parece sugerir: (a) que Lévi ensina a existência extracósmica, assim limitando e condicionando não só o Cosmos como a Divina e Infinita Onipresença, que não pode estar fora do Universo, nem sequer do mais insignificante átomo; (b) que, omitindo todo o período pré-cósmico (isto é, anterior ao Cosmos manifestado), que é a verdadeira raiz do ensinamento oculto, expõe tão somente o significado cabalístico da letra morta do *Gênesis* e da *Bíblia*, sem penetrar em seu espírito e essência. Certamente que os “níveis de percepção” da mente ocidental não ganharão grande coisa com tão restrito ensinamento.

Depois de dizer algumas palavras sobre Tohu-vah-bohu (cujo significado Wordsworth traduziu graficamente por “desordem, confusão”), e de explicar que esse termo quer dizer Cosmos, diz Eliphas Lévi:

“Sobre as trevas do abismo [o Caos] estavam as Águas... A Terra [*la terre!*] era Tohu-vah-bohu, ou seja, estava em confusão, e as trevas cobriam a face do Abismo, e o Sopro ardente se movia sobre as Águas, quando o Espírito exclamou [?]: ‘Haja luz’, e houve luz. Assim, a terra [o nosso globo naturalmente] se achava em estado de cataclisma; *densos* vapores velavam a imensidão do firmamento, as águas cobriam a Terra, e um vento impetuoso agitava este tenebroso oceano, quando em dado momento o equilíbrio se revelou, e a luz reapareceu. As letras componentes da palavra hebraica ‘Bereshith’ (a primeira palavra do *Gênesis*) são: ‘Beth’, o binário, o Verbo manifestado em ato — letra *feminina*; depois, ‘Resch’, o Verbo e a Vida, o número 20, o disco multiplicado por 2; e ‘Aleph’, o princípio espiritual, a Unidade — letra masculina.

Colocai essas letras num triângulo, e tereis a Unidade absoluta, que, sem estar incluída entre os números, cria o número, a primeira manifestação, que é 2; e estes dois, unidos pela harmonia que resulta da analogia dos contrários [opostos], formam somente 1. Eis por que se dá a Deus o nome (plural) de Elohim.”

São proposições engenhosamente formuladas, mas enigmáticas, além de incorretas. Porque com a primeira frase “Sobre as trevas do abismo estavam as Águas” o cabalista francês extravia o estudante, o que o chela oriental e até um profano perceberão facilmente. Se o Tohu-vah-bohu está “em baixo” e as Águas “em cima”, segue-se que há uma distinção entre estas e aquele, o que não ocorre. Esse ponto é muito importante, porque modifica substancialmente a natureza da Cosmogonia, conduzindo-a ao nível do *Gênesis* exotérico — e é provável que tal resultado fosse o objetivo da declaração.

O Tohu-vah-bohu é o “Grande Abismo”, identificando-se com as “Águas do Caos” ou as Trevas Primordiais. Expondo a coisa de maneira diferente, Eliphas Lévi limita no espaço e condiciona em natureza o “Grande Abismo” e as “Águas”, que só podem separar-se no mundo fenomenal. Assim, desejoso de ocultar a última palavra da filosofia esotérica, deixa de indicar (intencionalmente ou não, pouco importa) o princípio fundamental da verdadeira Filosofia Oculta; ou seja, a unidade e a homogeneidade absoluta do Único e Eterno Elemento Divino — e faz da Divindade um Deus masculino.

Diz ele em seguida:

“Sobre as Águas estava o poderoso Sopro dos Elohim [os Dhyân-Chohans criadores]. Acima do Sopro apareceu a Luz, e sobre a Luz o Verbo... que a criou.”

Ora, aconteceu precisamente o contrário: foi a Luz Primordial que criou o Verbo ou Logos, do qual por sua vez procede a luz física.

Para ilustrar o seu conceito, apresenta Lévi a seguinte figura:



Não há ocultista oriental que, vendo esta figura, hesite em dizer que é um desenho mágico da “mão esquerda”, porque está completamente invertida, e representa a terceira fase do pensamento religioso, predominante do Dvâpara Yuga, quando o Princípio único já se separa em macho e fêmea, e a humanidade se aproxima da queda da materialidade, que conduz ao Kali Yuga. O chela de ocultismo oriental assim desenharia a figura:



Porque a DOUTRINA SECRETA nos ensina que a reconstrução do Universo se processa do seguinte modo: Nos períodos de nova geração, o Movimento perpétuo se converte em Sopros; do Sopros emana a Luz Primordial, em cujas radiações se manifesta o Pensamento Eterno, oculto nas trevas; e este se faz o Verbo (Mantra)⁴. Do Verbo ou Mantra surge à existência o Universo.

Continua Eliphas Lévi:

“Esta [a Divindade oculta] envia à Essência Eterna [as Águas do Espaço] um raio,

(4) Em sentido exotérico, o Mantra (ou a faculdade psíquica de transmitir a percepção ou o pensamento) é a parte mais antiga do Vedas, cuja parte restante são os *Brahmânas*. Em sentido esotérico, Mantra é o Verbo feito carne, ou que se tornou objetivo pela magia divina

sob cuja ação frutifica o germe primordial, e a Essência se expande⁵, dando nascimento ao Homem Celeste, de cuja mente surgem todas as formas.”

A Cabala expõe quase a mesma coisa. Mas para saber o que realmente ensina é preciso inverter a ordem seguida por Eliphas Lévi e substituir a palavra “sobre” por “em”, pois não pode haver “acima” nem “abaixo” em relação ao Absoluto. Eis como ele se expressa:

“Sobre as Águas, o poderoso Sopro dos Elohim; sobre o Sopro, a Luz; sobre a Luz, o Verbo, ou a Palavra, que a criou. Vemos aqui as esferas da evolução: as almas [?] conduzidas do centro obscuro [as Trevas] para a circunferência luminosa. No fundo do círculo inferior está o Tohu-vah-bohu, ou o caos que precede toda manifestação (*naissances*: geração). Então aparecem sucessivamente as Águas, o Sopro, a Luz e por último o Verbo.”

A construção das frases acima denota que decididamente o erudito abade tendia a antropomorfizar a criação, sem advertir que esta se formou de material preexistente, como se vê claramente no *Zohar*.

Eis como o “grande” cabalista ocidental contorna a dificuldade: silencia quanto à primeira fase da evolução, e imagina um segundo Caos.

Assim:

“O Tohu-vah-bohu é o Limbo dos latinos, ou o crepúsculo matutino e vespertino da vida⁶. Está em perpétuo movimento⁷, decompõe-se incessantemente⁸, e a decomposição se acelera à medida que o mundo se aproxima de sua regeneração⁹. O Tohu-vah-bohu dos hebreus não é exatamente o estado de confusão que os gregos chamavam de Caos e cuja descrição se vê no começo das *Metamorfoses* de Ovídio: k algo de maior e mais profunda significação. É o fundamento da religião, a afirmação filosófica da imaterialidade de Deus.”

Diga-se antes a afirmação da materialidade de um Deus pessoal. Se o homem tem que buscar sua Divindade no Hades dos antigos (pois o Tohu-vah-bohu, ou Limbo dos gregos, é o vestibulo do Hades), então não há por que nos admirarmos por mais tempo das acusações levantadas pela Igreja contra as “bruxas” e os feiticeiros versados no cabalismo ocidental, porque adorassem o bode Mendes, ou o diabo personificado por certos elementais ou larvas. Mas,

(5) O significado secreto da palavra “Brahmâ” é “expansão”, “desenvolvimento” ou “crescimento”.

(6) Por que não deu logo o significado teológico, tal como o define Webster? Para os católicos romanos é simplesmente o “purgatório”, ou a região fronteira entre o céu e o inferno (*Limbus patrum* e *Limbus infantum*); um para todos os homens, sejam bons, maus ou indiferentes, e outro para as almas das crianças que não receberam o batismo! Entre os antigos, Limbo designava apenas o que no *Esoteric Buddhism* se chama Kâma Loka, entre o Devachan e o Avitchi.

(7) Como Caos, o Elemento eterno; e não, por certo, como Kâma Loka.

(8) Prova de que por essa palavra Eliphas Lévi quis significar a região inferior do Akâsha terrestre.

(9) É evidente que ele se refere tão somente ao nosso mundo periódico, o globo terrestre.

em face da tarefa que se impôs — conciliar a magia judaica com o clericalismo romano, nada mais pôde dizer Eliphas Lévi.

Passa ele a examinar a primeira sentença do *Gênesis*, dizendo:

“Deixemos de lado a tradução vulgar dos textos sagrados, e vejamos o que se acha oculto no primeiro capítulo do *Gênesis*.”

Dá então corretamente o trecho hebraico, mas o reproduz assim:

“Bereschith Bara Eloim uth aschaman ouatti aares ouares ayete Tohu-vah-bohu ... Ouimas Eloim rai avur ouiai aour.”

E explica:

“A primeira palavra ‘Bereschith’ significa “gênese” e equivale a ‘natureza’.”

“O ato de gerar ou produzir”, dizemos nós, e não a “natureza”.

Prossegue Eliphas Lévi.

É, portanto, incorreta a tradução do texto bíblico. ‘Bereschith’ não quer dizer ‘no princípio’, porque isso aconteceu na fase da *força geradora*¹⁰, excluindo-se assim toda idéia de *ex-nihilo*... visto que do *nada* não pode surgir *algo*. A palavra ‘Eloim’ ou ‘Elohim’ significa as Potestades geradoras, e este é o sentido oculto do primeiro versículo... ‘Bereschith’ (‘natureza’ ou ‘gênese’); ‘Bara’ (‘criaram’); ‘Eloim’ (‘as potestades’); ‘Athat-ashamaim’ (‘os céus’); ‘ouath’ e ‘oaris’ (‘a Terra’). Ou seja: ‘As Potestades geradoras criaram indefinidamente (eternamente)’¹¹ as forças que consistem nos opostos equilibrados e que chamamos céu e terra, significando o espaço e os corpos, o volátil e o fixo, o movimento e o peso.”

Tal comentário, se correto, é demasiado vago para que o possa entender quem não conheça o ensinamento cabalístico. Não só as explicações do autor são insuficientes e equívocas (em seus livros são ainda piores), mas também está errada a sua transliteração do hebraico: o estudante que desejar compará-la com os símbolos e os números equivalentes das palavras e letra do alfabeto hebreu não obterá o resultado a que chegaria se as palavras estivessem corretamente formadas na tradução francesa.

A filosofia que Eliphas Lévi expõe como cabalística, mesmo comparada com a cosmogonia exotérica hindu, não é nem mais nem menos que misticismo católico adaptado à Cabala cristã. Sua obra *Histoire de la Magie* o demonstra plenamente, e deixa claro o seu objetivo, que aliás ele não procura dissimular. Enquanto, por um lado, declara ortodoxamente que

(10) Seria mais correto dizer: das forças que “novamente despertam”.

(11) A ação eternamente incessante não se pode chamar “criação”. É evolução, o eterno “vir a ser” dos filósofos gregos e dos vedantinos. É o “Sat” e o “Ser uno” de Parmênides, ou o Ser identificado com o Pensamento. Como dizer então que as Potestades *criaram* o movimento, se o movimento não teve princípio, mas existe na eternidade? Por que não dizer logo que as Potências de novo despertadas transferiram o movimento do plano eterno ao plano temporal do ser? Certamente que não é isso Criação.

“a religião cristã impôs silêncio aos oráculos mentirosos dos gentios, e acabou com o prestígio dos falsos deuses”¹²,

por outro lado promete provar em seu livro que o verdadeiro Sanctum Fegnum, a grande Arte Mágica, está naquela Estrela de Belém, que guiou os três Magos para que adorassem o Salvador do Mundo. E acrescenta:

“Provaremos que o estudo do Pentagrama sagrado havia de conduzir todos os Magos a conhecerem o novo nome que ia levantar-se acima de todos os nomes, e diante do qual se prosternariam todos os seres capazes de adorar.”¹³

Mostra isso que a *Cabala* de Lévi é misticismo cristão, e não Ocultismo; porque o Ocultismo é universal e não faz distinção entre os “Salvadores” (ou grandes Avatares) das diversas nações do mundo. Ele foi sem dúvida “o maior representante da moderna Filosofia Oculta”, tal como é geralmente estudada nos países católicos, onde foi afeiçoada ao gosto e às idéias preconcebidas dos estudantes cristãos. Mas nunca ensinou a verdadeira Cabala universal, e muito menos o Ocultismo oriental. Compare o estudante os ensinamentos do Oriente com os do Ocidente, e veja se a filosofia dos *Upanishads* “terá ainda de alcançar os níveis de percepção do sistema ocidental”. Cada qual tem o direito de defender sua escola preferida; mas para isso não é necessário depreciar o sistema do próximo.

Em virtude da grande semelhança entre muitas das “verdades” fundamentais do Cristianismo e os “mitos” do bramanismo, houve ultimamente um sério esforço no sentido de provar que o *Bhagavad Gita* e a maior parte dos *Brâhmanas* e dos *Purânas* datam de época muito posterior à dos Livros Mosai-cos, e até à dos *Evangelhos*. Mas, ainda que a tentativa fosse bem sucedida, de nada serviria o argumento, porquanto resta o *Rig Veda*, que, reduzido embora aos limites de tempo mais modestos que modernamente lhe querem atribuir, se reconhece sobreexceder em antiguidade ao *Pentateuco*.

Sabem muito bem os orientalistas que não podem arrancar os marcos fin-cados nessa “Bíblia da Humanidade”, que é o *Rig Veda*, para servirem de guia às religiões subseqüentes. Foi ali que, na aurora da humanidade intelectual, se estabeleceram os alicerces de todas as fés e todos os credos, de todas as igrejas e todos os santuários, que se edificaram depois. E tais alicerces ainda perma-necem. As Sete Divindades principais do *Rig Veda*, com seus trezentos e trinta milhões de correlações, são os Raios da Unidade sem par e sem limites, onde se podem encontrar os “mitos” universais, as personificações dos Poderes divinos e cósmicos, primários e secundários, e os personagens históricos de todas as religiões existentes ou desaparecidas.

Mas AQUILO nunca pode ser objeto de nenhuma adoração profana. Pode ser apenas “objeto de meditação, aquela meditação abstrata que os hindus praticam para chegar à absorção nele”. No começo de cada “aurora” de “criação”, a eterna Luz (que são Trevas) assume o aspecto do que se chama Caos: caos para o intelecto humano, mas a Raiz eterna para a percepção espiritual ou supra-humana.

(12) *Histoire de la Magie*, Intr., pág. 1.

(13) *Ibid.*, pág. 2.

“Osíris é um Deus negro.” Tais eram as palavras “em voz baixa” nas iniciações do Egito; porque o nómeno de Osíris é a obscuridade para o homem mortal. Neste Caos se formam as “Águas”, a Mãe Ísis, Aditi, etc. São as “Águas da Vida” em que se produzem (ou melhor, voltam a despertar) os germes primordiais, sob o influxo da Luz primária. É o divino Espírito, Purushottama, em seu aspecto de Nârâyana, o Agitador das Águas do Espaço, que frutifica e infunde o Soplo da vida no germe que vai ser o “Ovo Áureo do Mundo”, de onde surge o Brahmâ masculino¹⁴; deste nascendo o primeiro Prajâpati, o Senhor dos Seres, que se torna o progenitor do gênero humano.

E, conquanto não seja o Brahmâ masculino que contém em si o Universo, mas o Absoluto, cabe ao primeiro manifestá-lo em forma visível. Daí o relacionar-se Brahmâ com a reprodução das espécies, dando-se-lhe um símbolo fálico, assim como a Jehovah e outros deuses masculinos igualmente antropomórficos. Cada um destes deuses masculinos é o “Pai” de tudo o que existe, e se converte no “Homem-Arquetipo”. Entre ele e a Divindade Infinita medeia um abismo.

Nas religiões de deuses pessoais, degeneram estes de Forças abstratas em Potestades físicas. A Água da Vida — o “Oceano” da Mãe-Natureza — é considerada sob seu aspecto terrestre nas religiões antropomórficas. Observe-se como foi santificada pela magia teológica! Quase todas as religiões assim antigas como modernas, a consagraram e divinizaram. Se os cristãos a empregam como meio de purificação espiritual no batismo e na oração; e os hindus reverenciam as águas de seus arroios, lagos e rios sagrados; se os parses, os maometanos e os cristãos crêem igualmente na eficácia da água, é porque este elemento deve ter um profundo significado oculto. Em Ocultismo representa o Quinto Princípio cósmico do setenário inferior; pois, segundo os cabalistas, que distinguem entre as “Águas da Vida” e as “Águas da Salvação” (enquanto as confundem as religiões dogmáticas), todo o Universo visível foi formado pela água.

Disse de si mesmo o “Rei Pregador”:

“Eu, o Pregador, fui rei de Israel em Jerusalém, e me dediquei de todo o coração a esquadrihar e investigar com sabedoria todas as coisas que sucedem debaixo do céu.”¹⁵

E, referindo-se à grande obra e à glória do “Senhor Deus” (nome adotado na tradução da *Bíblia* para unificar os Elohim)¹⁶, diz que

“Ele se cobre de luz como de um vestuário, estende os céus como uma cortina, e põe nas águas as vigas das suas câmaras”¹⁷.

(14) Os Vaishnavas, que consideram Vishnu como o Deus Supremo, e o criador do Universo, dizem que Brahmâ nasceu do umbigo de Vishnu, o “imperecível”, ou melhor, do lótus que dele brotou. Mas por “umbigo” deve aqui entender-se o Ponto Central, o símbolo matemático do infinito, ou Parabrahman, o Único, Sem Segundo.

(15) *Eclesiastes*, I, 12, 13.

(16) Todo o mundo sabe que a *Bíblia* protestante não traduz palavra por palavra os primitivos textos gregos e latinos. O sentido está alterado com frequência, e escreveu-se “Deus” onde havia “Jahve” e “Elohim”.

(17) *Salmos*, CIV, 2-3.

significando assim que a Legião Divina dos Sephiroth construiu o Universo com o Oceano — as Águas dos Caos. Moisés e Tales tinham razão em dizer que somente a terra e a água podem produzir almas viventes, porque a água neste plano é o princípio de todas as coisas. Moisés era um iniciado, e Tales um filósofo, isto é, um homem de ciência (expressões idênticas no seu tempo).

A significação secreta daquele enunciado é que nos Livros Mosaicos a água e a terra representam a matéria-prima e o princípio criador (feminino) em nosso plano. No Egito, Osíris era o Fogo; e Ísis a Terra, ou seu sinônimo a Água; os dois elementos opostos (justamente por causa de suas propriedades contrárias) são necessários um ao outro para o objetivo comum: a procriação. A terra requer o calor solar e a chuva para fazer germinar as sementes.

Mas essas propriedades procriadoras do Fogo e da Água, ou do Espírito e da Matéria, são apenas símbolos da geração física. Os cabalistas judeus simbolizavam esses elementos simplesmente em sua aplicação às coisas manifestadas, reverenciando-os como os emblemas da produção da vida terrestre; mas a filosofia oriental os conceitua só como ilusória emanação de seus protótipos espirituais, sem que nenhum pensamento impuro ou ímpio contamine o seu simbolismo esotérico religioso.

Chaos, como já mostramos alhures, é *Theos*, que se converte em *Kosmos*: o Espaço, o continente de todas as coisas do Universo. Segundo rezam os ensinamentos ocultos, os caldeus, os egípcios e outros povos chamavam-no Tohu-vah-bohu (caos, confusão); porque o Espaço é o grande reservatório da Criação, de onde procedem não só as formas mas também as idéias, que não podem ser expressas senão por meio do Logos, a Palavra, o Verbo, o Som.

*Os números 1, 2, 3, 4 são as sucessivas emanações da Mãe [o Espaço], à medida que vai tecendo na descida o seu vestuário, que estende sobre os sete degraus da Criação*¹⁸. *O cilindro volta sobre si mesmo, porque uma ponta se une à outra no infinito, e aparecem os números 4, 3 e 2, o único lado do véu que podemos perceber, pois o primeiro número se perde em sua inacessível solitude.*

... O Pai, que é o Tempo Sem Limites, gera na Eternidade a Mãe, que é o Espaço infinito; e a Mãe gera o Pai nos Manvantaras, que são divisões de durações, naquele Dia em que o mundo se torna um oceano. Então a Mãe se converte em Nârâ [as Águas — o Grande Oceano], para que Nârâ [o Espírito Supremo] repouse ou se agite, quando se diz que 1, 2, 3, 4 descem para morar no mundo do invisível, enquanto 4, 3, 2 se tornam os limites do mundo visível, para cuidar das manifestações do Pai [o Tempo]."¹⁹

(18) A fim de prevenir más interpretações da palavra "criação", que tantas vezes empregamos, é oportuno citar as seguintes observações do autor de *Through the Gates of Gold*, por sua clareza e simplicidade: "As mentes ordinárias pensam que a palavra 'criar' implica a idéia de produzir alguma coisa do nada. Não é este, evidentemente, o significado. Somos mentalmente levados a imaginar um caos de onde o Criador retire os mundos. O lavrador, que é o produtor-tipo da vida social, há de ter os seus materiais; terra, céu, chuva, sol e sementes. Do nada, ele nada pode produzir. Do vácuo, não pode surgir a natureza. Devem existir, onde quer que seja, os materiais que permitam seja a natureza formada pelo nosso desejo de um universo", págs. 71-72.

(19) Comentários à ESTÂNCIA IX, sobre os Ciclos.

Tais palavras se referem aos Mahâyugas, cuja representação numérica é 432, e com a adição de zeros 4.320.000.

Pois bem: é demasiado estranho, para ser mera coincidência, que o valor numérico de Tohu-vah-bohu, ou “caos” da *Bíblia* (Caos que é, sem dúvida, o Oceano — “Mãe” ou as Águas do Espaço), seja constituído por esses mesmos algarismos. Vejamos o que diz um manuscrito cabalístico:

“Consta do segundo versículo do *Gênesis* que os Céus e a Terra estavam em “caos e confusão”, isto é, em ‘Tohu-vah-bohu’, e que ‘as trevas cobriam a face do abismo’, ou seja, que ‘o material perfeito com que havia de construir-se o mundo se ressentia da falta de organização’. A ordem dos dígitos dessas palavras, tais como se encontram — isto é, das letras representadas por seu valor numérico —, é 6.526.654²⁰ e 2.386. São números-chaves que, na arte da linguagem, se acham soltos e misturados; as raízes e as chaves da interpretação, mas cujo emprego depende de serem uma por uma reconhecidas. Sucodem-se na elocução simetricamente, vindo logo em seguida à frase: ‘Em Rash se desenvolveram os Deuses, os céus e a terra.’

Multiplicando uns pelos outros seguidamente os números das letras de ‘Tohu-vah-bohu’, da direita para a esquerda, e dispondo em ordem consecutiva os respectivos produtos, teremos as seguintes séries:

(a)					
30	60	360	2160	10800	43200
— ou sem os zeros finais					
3	6	36	216	108	432
(b)					
20	120	720	1440	7200	43200
— ou sem os zeros					
2	12	72	144	72	432

As séries terminam em 432, um dos mais famosos números da antiguidade, que, veladamente embora, aparece na cronologia anterior ao Dilúvio...”²¹

Mostra isso que o conhecimento do emprego dos números deve ter vindo da Índia para os judeus. Conforme vimos, nas séries finais aparecem, entre outras combinações, os números 108 e 1008, que são os números dos nomes de Vishnu (e daí as 108 contas do rosário dos Yogis); e o último termo, 432 (número realmente “famoso” na antiguidade indiana e caldéia), figura no ciclo de 4.320.000 anos dos hindus e no período de 432.000 anos atribuídos pelos caldeus a suas dinastias divinas.

(20) Lendo a palavra da direita para a esquerda, teremos: “t” = 4; “h” = 5; “bh” = 2; “v” = 6; “v” = 6; “b” = 2; “h” = 5; “v” ou “w” = 6. Em suma: “thu-vbh” = 4566256, ou “Tohu-vah-bohu”.

(21) Manuscritos de Ralston Skinner.

SEÇÃO XXVI

OS ÍDOLOS E OS TERAFINS

É fácil compreender o significado do “conto de fadas” do Qû-râmy caldeu. Seu *modus operandi* com o “ídolo da Lua” era igual ao de todos os semitas, antes que Terah, pai de Abraão, fizesse as imagens que, em virtude do seu nome, se chamariam Terafins; ou antes que o “povo eleito” de Israel deixasse de utilizá-las para fins de adivinhação.

Esses terafins eram tão “ídolos” quanto outra qualquer imagem ou estátua pagã¹. O mandamento: “Não te prosternarás às imagens de escultura” (ou terafins) deve ser de época posterior, ou não foi obedecido, pois o culto aos terafins e a adivinhação por meio deles parece que eram tão ortodoxos e generalizados que o “Senhor” mandou Ozéias ameaçar os israelitas de privá-los de seus terafins, dizendo:

“Porque os filhos de Israel ficarão por muitos dias sem rei... sem sacrifício e sem imagem.”

A *Bíblia* dá à palavra “matzebah”, estátua ou pilar, o significado de “sem éfode e sem terafim”².

Afirma categoricamente o Padre Kircher que a estátua do Serápis egípcio era, sob todos os aspectos, idêntica às dos serafins ou terafins do templo de Salomão.

Escreve Louis de Dieu:

“Eram talvez imagens de anjos, ou estátuas dedicadas aos anjos, a fim de atrair a elas a presença de um destes espíritos, de modo que respondessem aos que vinham consultá-las. Admitida esta hipótese, a palavra ‘terafim’ equivaleria a ‘serafim’, trocando-se o ‘t’ por um ‘s’, à maneira dos sírios.”³

(1) Que o terafim era uma estátua, e não outro objeto, prova-se em *I Samuel*, XIX, versículos 13 e seguintes, quando Michal toma um terafim e o põe na cama para representar o seu marido David, que fugia da perseguição de Saul. Era, portanto, uma estátua de homem, um *ídolo* em tamanho natural.

(2) *Op. cit.*, III, 4.

(3) Louis de Dieu, *Genesis*, XXXI, 19. Veja-se: *Des Esprits*, tomo III, pág. 257.

Que diz a versão dos *Setenta*? Traduz a palavra terafim de várias maneiras, ou seja, pelos seguintes termos gregos: *εἰδωλα* forma com a semelhança de alguém (*eidolon*, ou “corpo astral”); *γλυπτὰ*, o esculpido; *κενοτάφια*, escultura, no sentido de conter algo oculto, ou de receptáculo; *θηλουζ*, manifestações á *ἀλήθειαζ*, verdades ou realidades; *μορφώματα* ou *φωτισμοῦζ*, semelhanças brilhantes, luminosas. A última expressão denota claramente o que eram os terafins. A *Vulgata* traduz a palavra por “annuntientes”, os “mensageiros que anunciam”, mostrando assim que os terafins eram os oráculos. Por intermédio dos Adeptos e dos Sacerdotes Iniciados, os Deuses animavam essas estátuas para se comunicarem com as massas, nos templos do Egito, da Caldéia e da Grécia, e de outros povos.

Maimônides e Seldenus descrevem com muita clareza o processo para adivinhar ou conhecer o destino das pessoas e obter as instruções dos terafins⁴. Diz o primeiro:

“Os adoradores dos terafins pretendiam que a luz das principais estrelas [planetas] incidia e penetrava na estátua esculpida, de modo que as virtudes angélicas [dos regentes ou princípios animadores dos planetas] se comunicavam com eles e lhes ensinavam muitas artes e ciências úteis.”⁵

Seldenus, por sua vez, dá a mesma explicação e acrescenta que os terafins⁶ eram construídos e modelados segundo a posição de seus respectivos planetas, pois cada terafim estava consagrado a um “anjo estelar” especial, dos que os gregos chamavam *stoichæ*, e também segundo as figuras celestes chamadas “Deuses tutelares”:

“Os que interrogavam os *στοιχετα* recebiam o nome de *στοιχειωματικοί* ou adivinhos por meio dos planetas ou dos *στοιχετα* [elementos].”⁷

Amiano Marcelino afirma que as adivinhações dos antigos se realizavam sempre com a ajuda dos “espíritos” dos elementos (*spiritus elementorum*) — ou,

(4) Os terafins do pai de Abraão, Terah, o “fabricante de imagens”, eram os Deuses Cabiros, adorados por Micah, pelos danitas e outros povos, segundo a *Bíblia* (Juizes, XVII, XVIII). Eram idênticos aos serafins, que consistiam em imagens de serpente, com origem no sânscrito *Sarpa* (a “Serpente”), símbolo da imortalidade, consagrado a todos os deuses. Kiyun ou Kivan, o deus adorado pelos hebreus no deserto, é Shiva, o Saturno dos hindus. [O “h” zende é “s” na Índia; assim, “Hapta” é “Sapta”, e “Hindu”, “Sindhaya” (Prof. A. Wilder). O “s” vai-se abrandando progressivamente em “h”, desde a Grécia a Calcutá, desde o Cáucaso ao Egito — informa Dunlap. As letras “k”, “h” e “s” são, portanto, intercambiáveis.] A história da Grécia nos mostra que o arcadiano Dárdano recebeu uma dádiva de serafins, e os levou primeiro à Samotrácia e depois a Tróia, onde foram adorados muito antes dos gloriosos dias de Tiro e Sidon, se bem que a fundação de Tiro datasse de 2760 anos antes de Cristo. De onde os recebeu Dárdano? (*Ísis sem Véu*, I, 570.)

(5) Maimônides, *More Nevochim*, III, XXX.

(6) Eram de ouro os dedicados ao Sol, e de prata os dedicados à Lua.

(7) *De Diis Syriis, Teraph*, II, Syat, pág. 31.

em grego, πνεύματα τῶν στοιχείων. Mas testes últimos não são os “espíritos” das estrelas (planetários), nem seres divinos, senão simplesmente as criaturas que moram em seus respectivos elementos, chamadas espíritos elementares pelos cabalistas e elementais pelos teósofos⁸. Diz o jesuíta Padre Kircher:

“Cada um dos deuses tinha os seus instrumentos de adivinhação, e se manifestava por intermédio deles. Cada qual tinha sua especialidade.”

Serápis dava instruções sobre agricultura; Anúbis ensinava as ciências; Hórus aconselhava sobre assuntos de natureza psíquica e espiritual; Ísis predizia as inundações do Nilo; e assim por diante⁹.

Esse fato histórico apresentado pelo hábil e erudito jesuíta desprestigia o “Senhor Deus de Israel”, subtraindo-lhe todo direito de prioridade quanto a ser o *único* Deus vivo. E o *Antigo Testamento* é o próprio a reconhecer que Jehovah não usava de outro meio para se comunicar com os seus eleitos, o que o coloca em pé de igualdade com os deuses pagãos, inclusive os de menor categoria. No livro dos *Juizes*¹⁰ vemos que Micah consagrou a Jehovah um éfode e um terafim, imagens feitas por um artesão com a prata de duzentas moedas que sua mãe havia dado (veja-se a versão dos *Setenta* e a *Vulgata*). A edição da “Santa Bíblia” do Rei Jaime assim explica esta pequena amostra de idolatria:

“Naquele tempo não havia rei em Israel, cada qual fazia o que parecia direito aos seus olhos.”¹¹

Mas a prática devia ser ortodoxa, porque Micah, depois de contratar um sacerdote, um adivinho, para o éfode e o terafim, declarou: “Agora sei que o Senhor me fará bem.”¹² E, se parece abominável o ato de Micah — que

“tinha uma casa de deuses, e fez um éfode e um terafim, e sagrou sacerdote um de seus filhos”¹³

para o serviço deles e também da “imagem esculpida” dedicada por sua mãe “ao Senhor” —, outrotanto não sucedia naqueles tempos de uma só religião e um só idioma. Como pode a Igreja Latina condenar a prática, se o Padre Kircher, um de seus mais ilustres representantes, classifica os terafins de “santos instrumentos das revelações primitivas”, e se o *Gênesis* nos conta que Rebeca “foi interrogar o Senhor”, e o Senhor lhe respondeu (certamente por intermédio do

(8) O que os cabalistas chamam espíritos elementares são as sílfides, os gnomos, as ondinas e as salamandras; numa palavra, os espíritos da Natureza. Os Espíritos Angélicos pertencem a uma categoria diferente.

(9) *Oedipus*, II, 444.

(10) XVII, 3 a 5

(11) XVII, 6.

(12) XVII, 13

(13) XVII, 5.

terafim) com várias profecias¹⁴? E se isso não é suficiente, veja-se como Saul deplora o silêncio do éfode¹⁵, e como David consulta o tumim e recebe do Senhor conselhos orais quanto à melhor maneira de aniquilar os inimigos¹⁶.

No entanto, o tumim e o urim, que em nossos dias são objeto de tantas conjeturas e especulações, não foram inventados pelos judeus, nem o seu uso principiou com eles, não obstante as minuciosas instruções que Jehovah deu a Moisés sobre este assunto: o hierofante dos templos egípcios já usava um peitoral de pedras preciosas em tudo semelhante ao do sumo sacerdote israelita.

“Os sumos sacerdotes egípcios traziam, pendente do pescoço, uma imagem de safira, a que davam o nome de *Verdade*, porque através dela se manifestava a verdade.”

Não é Seldenus o único autor cristão que assimila o terafim dos judeus aos pagãos, expressando a convicção de que os primeiros herdaram o seu uso dos egípcios.

Além disso, o ilustre escritor católico Döllinger nos diz que:

“Os terafins foram empregados e conservados por muitas famílias hebraicas até a época de Josias.”¹⁷

Tanto o católico Döllinger como o protestante Seldenus opinam que no terafim dos judeus era Jehovah quem se revelava, e no dos pagãos eram os “espíritos malignos”. Este é o critério parcial do *odium theologicum* e do sectarismo. Mas está certo Seldenus quando diz que na antiguidade esses meios foram primitivamente instituídos com propósitos de comunicação angélica e divina. E

“o santo Espírito (ou melhor: espíritos) [não] falava aos filhos de Israel [unicamente] através dos urins e tumins, enquanto existia o tabernáculo”,

conforme nos quer inculcar o Dr. Cruden. Nem os judeus eram os únicos que necessitavam de um tabernáculo para tais comunicações teofânicas ou divinas; porque nenhuma “Filha da Voz Divina” ou Bath-Kol, chamada tumim, podia ser ouvida por judeus, pagãos ou cristãos, se não dispusessem de um tabernáculo apropriado para isso.

O “tabernáculo” era simplesmente o telefone arcaico daqueles tempos de magia, quando os poderes ocultos se adquiriam pela iniciação (como ainda hoje). O século XIX substituiu pelo telefone elétrico o “tabernáculo” feito especialmente com determinado metal e madeira, e tem mediadores naturais, em vez de sumos sacerdotes e hierofantes. Como estranhar, portanto, que os crentes

(14) *Gênesis*, XXV, 22 e segs.

(15) *I Samuel*, XXVIII, 6. Éfode era uma espécie de sobrepele de linho usada pelo sumo sacerdote; mas, como o tumim estava preso a ele, habitualmente se resumia com uma única palavra, *éfode*, o conjunto de acessórios da adivinhação.

(16) *I Samuel*, XXX, 7 e 8.

(17) *Paganism and Judaism*, IV, pág. 197.

de hoje não possam ir até os Espíritos Planetários e os Deuses, e logrem apenas comunicar-se com entidades não mais elevadas que “elementais” e “cascões animados” — ou seja, os demônios de Porfírio? Sobre o que eram estes, diz-nos o filósofo grego em sua obra *Dos Bons e Maus Demônios*:

“São os que ambicionam que os homens os tomem por deuses; o seu chefe quer que o reconheçam como o Deus Supremo.”

Certamente que em todos os tempos houve e há espíritos bons e maus, “deuses” benéficos e maléficos — e não hão de ser os teósofos que o neguem. Toda a dificuldade consistiu e consiste em distinguir entre uns e outros; e é isto precisamente o que a Igreja cristã desconhece, tanto quanto os seus seguidores profanos. Provam-no, sem dúvida, os inumeráveis erros teológicos, que tem cometido neste particular. Não é sensato qualificar de “demônios” os deuses do paganismo, para depois copiar servilmente os seus símbolos, forçando uma distinção entre bons e maus, sem outro argumento que o de serem respectivamente cristãos e pagãos.

Os elementos do Zodíaco não figuraram unicamente nas doze pedras de Heliópolis, chamadas “mistérios dos elementos” (*elementorum arcana*); mas, segundo muitos autores ortodoxos cristãos, também se achavam no templo de Salomão, e ainda hoje se podem ver em diversas igrejas da Itália, e até na de Notre Dame de Paris.

Dir-se-ia realmente que foi vã a advertência feita por São Clemente, citando palavras que teriam sido pronunciadas por São Pedro:

“Não adoreis a Deus como o fazem os judeus, que se julgam os únicos conhecedores da Divindade, sem perceber que, em vez de adorar a Deus, estão adorando os Anjos, os deuses lunares e a Lua.”¹⁸

Em verdade, é surpreendente que, não obstante as palavras acima, denunciadoras do erro judeu, continuem os cristãos adorando o Jehovah dos israelitas, o Espírito que se comunicava por intermédio do terafim. Que Jehovah era simplesmente o “gênio tutelar” ou Espírito do povo de Israel, um dos “pneumata tôn stoicheiôn” (ou dos “grandes espíritos dos elementos”), e nem sequer um “Espírito Planetário”, demonstram-no São Paulo e São Clemente, se têm algum sentido as suas palavras.

Segundo São Clemente, o termo *στοιχεῖα* não significa apenas “elementos”, mas também

“os Princípios cosmológicos geradores, e especialmente os signos [ou constelações] do Zodíaco, dos meses e dias, do Sol e da Lua”¹⁹.

Aristóteles usa o vocábulo na mesma acepção, pois diz: *τῶν ἀστέρων*

(18) *Stromata*, I, VI, 5.

(19) *Discurso aos Gentios*, p. 146 (edição inglesa).

στοιχεῖα [princípios das Estrelas]²⁰; e Diógenes Laércio chama δώδεκα στοιχεῖα, aos doze signos do Zodíaco²¹. E temos ainda o testemunho positivo de Amiano Marcelino, de que

“a antiga adivinhação se realizava sempre com ajuda dos espíritos dos elementos”,

isto é, dos mesmos πνεύματα τῶν στοιχείων [espíritos dos elementos]; e vemos em numerosas passagens da *Bíblia* (a) que os israelitas, inclusive Saul e David, recorriam à adivinhação por idênticos processos, e (b) que era o “Senhor” (ou Jehovah) quem lhes respondia às consultas. Assim, de que outro modo podemos considerar Jehovah, se não como um “spiritus elementorum”?

Não se vê, portanto, muita diferença entre o “ídolo da Lua”, o terafim caldeu que servia de meio de comunicação com Saturno, e o ídolo de urim e tumim, instrumento de Jehovah. Os ritos ocultos, que eram científicos no princípio — e constituíam a mais sagrada e solene das ciências —, descaíram para a feitiçaria (atualmente chamada de “superstição”), com a degeneração da humanidade.

Conforme explica Diógenes em sua *História*:

“Graças a suas detidas observações astronômicas, os sacerdotes caldeus conheciam melhor que ninguém o significado dos movimentos e a influência dos planetas, e podiam vaticinar os acontecimentos futuros. Davam a maior importância à doutrina dos cinco grandes orbes; que chamavam de intérpretes (e nós denominamos planetas). E, embora dissessem que ao *Sol* deviam a maior parte de suas predições sobre os acontecimentos notáveis, adoravam mais particularmente a Saturno. Vaticinaram muitos sucessos a grande número de reis, entre os quais Alexandre, Antígono, Seleuco e Nicanor, com tal exatidão que causou pasmo a todo o mundo.”²²

Donde se conclui que a declaração do Adepto caldeu Qû-tâmy — de que tudo quanto expõe em sua obra aos profanos foi ensinado por Saturno à Lua, por esta ao seu ídolo, e por este ídolo ou terafim a ele próprio — não implica idolatria maior que o emprego do mesmo método pelo rei David. Assim, não se pode ver na obra de Qû-tâmy nem um relato apócrifo nem um “conto de fadas”. O Iniciado caldeu viveu em época muitíssimo anterior à que se atribui a Moisés, em cujos dias a Ciência Sagrada do santuário estava ainda em pleno florescimento. Esta Ciência só começou a declinar quando no seu ádito se permitiu a admissão de espíritos mordazes como Luciano, atirando-se amiúde as pérolas do conhecimento oculto aos cães famintos da maledicência e da ignorância.

(20) *De Gener.*, I, II, IV

(21) Veja-se *Cosmos, de Ménage*, I, VI, 101.

(22) *Op. cit.*, I, II.

SEÇÃO XXVII

A MAGIA EGÍPCIA

Poucos estudantes de Ocultismo tiveram ocasião de examinar os papiros — estes redivivos testemunhos que comprovam a antiquíssima prática da Magia, boa e má, há muitos milhares de anos, e cuja origem se perde na noite dos tempos.

O uso do papiro prevaleceu até o oitavo século de nossa era, quando foi abandonado, cessando a sua fabricação. Então os mais curiosos exemplares exumados foram imediatamente adquiridos e levados para fora do país. Contudo, restam em Bulaq, perto do Cairo, alguns papiros admiravelmente conservados, dos quais a maioria ainda não foi decifrada¹.

Os outros, os que saíram do Egito e podem agora ser vistos nos museus e bibliotecas públicas da Europa, não tiveram melhor sorte. Há uns vinte e cinco anos, no tempo do Visconde de Rougé, poucos haviam sido decifrados, e somente em parte (cerca de dois terços); alguns deles pertencem ao Registro das Contas Sagradas, e contêm, intercalados, apontamentos bem curiosos com o fim de explicar os gastos reais.

É o que se pode verificar nas chamadas coleções Harris e Anastasi, assim como em alguns papiros recentemente descobertos. Um destes relata toda uma série de operações mágicas, executadas na presença dos faraós Ramsés II e Ramsés III. Há um papiro interessante, que data do século XV antes de Cristo, escrito por Tutmés no reinado de Ramsés V, último monarca da décima oitava dinastia, e onde estão anotados alguns pormenores referentes a contravenções ocorridas nos dias 12 e 13 do mês de Paophs. Mostra o documento que naquela época de “milagres” os impostos não recaíam somente sobre os vivos, estando

(1) “Os caracteres empregados nesses pergaminhos”, escreve De Mirville, “consistem às vezes em hieróglifos, dispostos verticalmente, uma espécie de taquigrafia linear (caracteres abreviados), em que o signo não raro se reduz a um simples traço. Outras vezes aparecem em linhas horizontais, formando uma escrita hierática ou sagrada, da direita para a esquerda, como em todas as línguas semíticas. E há, finalmente, os caracteres comuns do país, usados em documentos oficiais, geralmente contratos, e que desde a época dos Ptolomeus foram também adotados em inscrições nos monumentos.” (*Des Esprits*, V, págs. 81-82.) No Museu Britânico existe uma cópia do papiro de Harris, o *Papiro Mágico*, traduzido por Chabas.

as múmias também incluídas entre os contribuintes. A amplitude do fisco não admitia exceções; e o Khou da múmia infratora era punido “pelo sacerdote com exorcismos que o privavam de sua liberdade de ação”. E que era o Khou? Simplesmente o corpo astral ou o simulacro aéreo do cadáver ou da múmia — aquilo que os chineses chamam Hauen, e os hindus Bhût.

O orientalista do nosso tempo, ao ler esse papiro, não lhe dará certamente atenção, atribuindo o seu texto, com desprezo, à crassa superstição dos antigos. Verdadeiramente espantosa e inexplicável devia ser a estupidez e credulidade de nações (sob outros aspectos cultas e civilizadas) para manterem, durante milhares de anos, em sucessivas épocas, semelhante sistema de mútuos enganos! Sistema em que os sacerdotes enganavam o povo, os hierofantes aos sacerdotes, e até os fantasmas, “frutos da alucinação”, aos hierofantes.

A humanidade em peso, de Menes a Cleópatra, de Manu a Vikramâ-ditya, de Orfeu ao último áugure romano, compor-se-ia então de histéricos. Assim devia ser se é que o sistema todo não passava de pura fraude. Vida e morte estavam submetidas à influência de “conjuros” sagrados; porque raro é o papiro, ainda que seja um contrato de compra e venda, ou o mais simples documento relacionado com os assuntos do dia-a-dia, que se não encontre entremeado de magia, branca ou negra. Dir-se-ia que os sagrados escribas do Nilo, de ânimo deliberado, e numa antecipação profética do ódio racial, tomaram a si a tarefa, para eles improficua, de iludir e desnortear as gerações de uma futura raça branca de incrédulos, ainda por nascer! De um modo ou de outro, a verdade é que os papiros transbordam magia, como igualmente as estelas.

Sabemos, ademais, que o papiro não era apenas uma folha lisa, feita com a “matéria linhosa de um arbusto, e cujas capas, superpostas, formavam uma espécie de papel próprio para escrever”;

mas que este mesmo arbusto e os ingredientes e petrechos empregados para fabricar o papiro eram submetidos a um processo prévio de preparação mágica, segundo as instruções dos Deuses, que haviam ensinado esta arte, como todas as demais, aos sacerdotes hierofantes.

Entretanto, não faltam orientalistas modernos que parecem ter um vislumbre da verdadeira natureza destas coisas, e especialmente da analogia e relações entre a magia da antiguidade e os fenômenos psíquicos do nosso tempo. Chabas é um destes orientalistas, pois a sua tradução do papiro de “Harris” vem acompanhada das seguintes considerações:

“Sem recorrer às imponentes cerimônias da vareta de Hermes, nem às obscuras fórmulas de um impenetrável misticismo, um hipnotizador pode atualmente, por meio de alguns passes, causar perturbações no organismo do sujeito, inculcar-lhe o conhecimento de línguas estranhas, transportá-lo a um país longínquo, fazê-lo penetrar em lugares secretos, adivinhar os pensamentos de pessoas ausentes, ler cartas fechadas, etc... O antro da sibila moderna é um modesto gabinete; a trípode cedeu lugar a uma pequena mesa redonda, um chapéu, uma prancheta, qualquer peça de mobiliário comum. Só que a sibila de hoje supera o oráculo da antiguidade [como o sabe o Sr. Chabas?], pois

este se limitava a falar², ao passo que o oráculo dos nossos dias, escreve suas respostas. Ao comando do médium, descem os espíritos dos mortos e fazem estalar os móveis, e autores de séculos passados nos transmitem obras escritas por eles no além-túmulo. Os limites da credulidade humana não são agora mais estreitos do que o foram na aurora dos tempos históricos... Como a teratologia é hoje uma parte essencial da fisiologia geral, as *pretensas* Ciências Ocultas ocupam nos anais da humanidade de um lugar que não deixa de ter importância, e merecem, por mais de um motivo, a atenção do filósofo e do historiador.”³

Designemos nossas testemunhas: os dois Champollions, Lenormand, Bunsen, o Visconde de Rougé e outros egptólogos não menos eruditos, e vejamos o que dizem sobre a magia e a feitiçaria do antigo Egito. Podem esquivar a dificuldade atribuindo os fenômenos e as “crenças supersticiosas” a uma crônica anomalia fisiológica e psicológica, ou, se preferem, à histeria coletiva. Mas os fatos aí estão, e não podem ser contestados: atestam-nos centenas de misteriosos papiros, exumados após um repouso de quatro, cinco mil anos, ou mais, com o seu contexto mágico e suas provas da existência da magia antediluviana.

Uma pequena biblioteca, descoberta em Tebas, nos tem proporcionado fragmentos de todos os gêneros de literatura antiga. Muitos estão datados, verificando-se que pertencem à época admitida como a de Moisés. Livros ou manuscritos versando sobre ética, história, religião e medicina; calendários e registros, poemas e novelas — tudo isso pode ver-se nessa coleção; e antigas lendas, tradições de esquecidas eras (e já mencionadas no tempo de Moisés), ali são narradas e atribuídas a remotíssima antiguidade, ao período das dinastias de deuses e gigantes. Os textos, em sua maior parte, são fórmulas de exorcismos contra a magia negra, ou de ritual fúnebre: verdadeiros breviários ou vade-mécums do peregrino na eternidade. Estes se acham quase sempre escritos em caracteres hieráticos. Encabeçando os papiros aparece invariavelmente uma série de cenas, que mostram os sucessivos comparecimentos do defunto ante os vários deuses incumbidos de examiná-lo. Segue-se o julgamento da alma, e o terceiro ato principia com a sua imersão na luz divina. Os papiros chegam a medir por vezes quarenta pés de comprimento⁴.

Para dar uma idéia de como os modernos compreendem e interpretam o simbolismo egípcio (assim também o de outros povos), vamos reproduzir uma das descrições. Podemos escolher como exemplo o papiro do sacerdote Nevo-

(2) E as palavras “Mene, mene, tekel, upharsin”, escritas nas paredes do palácio de Baltazar “pelos dedos da mão de um homem”, com o corpo e o braço invisíveis? (*Daniel*, V, 5.) E os escritos de Simão o Mago, e os caracteres mágicos nas paredes e no ar das criptas de iniciação — sem falar nas tábuas de pedra sobre as quais o dedo de Deus gravou os mandamentos? Se alguma diferença há entre os escritos de um Deus e os de outros Deuses, consiste tão somente em suas respectivas naturezas; e se a árvore se conhece pelos frutos, cabe a preferência aos Deuses do paganismo. É o eterno “ser ou não ser”. Ou são todos verdadeiros (ou podem sê-lo de algum modo), ou são todos fraudes religiosas e produto da credulidade.

(3) *Papyrus Magique*, pág. 186.

(4) Veja-se, entre outros, o *Guide du Musée de Boulacq*, de Maspero,

loo (ou Nevolen), que se acha no museu do Louvre.

Primeiramente aparece o barco que transporta o esquife, uma arca negra, que contém a múmia do defunto. Ao lado está a mãe deste, bem como sua irmã — Ammenbem-Heb e Hooissanoob respectivamente. A cabeça e aos pés do cadáver estão Neftis e Ísis, vestidas de vermelho, e perto delas um sacerdote de Osíris envolto em sua pele de pantera, com o turbulo na mão direita, e quatro acólitos que conduzem as entranhas da múmia. O deus Anúbis (com cabeça de chacal) recebe o ataúde das mãos das carpideiras. Então a alma se ergue da múmia e do Khou (corpo astral) do defunto, e começa a adorar os quatro gênios do Oriente, as aves sagradas e Amon (sob a figura de um carneiro). Introduzido no “Palácio da Verdade”, o defunto comparece perante os seus juizes. A alma, representada por um escaravelho, está na presença de Osíris, e o Khou ou corpo astral permanece na porta.

Muito se hão rido os ocidentais das invocações às diversas divindades que presidem a cada um dos membros do corpo físico. Julgue-se pelo que dizem: no papiro da múmia Petamenoph, “a anatomia se faz teográfica”; “a astrologia é aplicada à fisiologia”, ou melhor, à “anatomia do corpo humano, ao coração e à alma”. “Os cabelos do defunto pertencem ao Nilo, seus olhos a Vênus (Ísis), suas orelhas a Macedo, guardião dos trópicos; seu nariz a Anúbis, sua têmpora esquerda ao Espírito que mora no Sol... Quanta coisa inadmissível, quantos absurdos, quantas orações indignas... a Osíris, para que no outro mundo proporcione ao defunto ovos, carne de porco e de ganso, etc.”⁵

Seria talvez mais prudente averiguar se tais palavras “ovos, carne de porco e de ganso” tinham algum outro significado oculto.

O Yogi indiano, a quem numa obra *exotérica* se convida a beber certo espírito tóxico até perder os sentidos, foi também considerado como um bêbado representativo de sua seita e condição, até descobrir-se que o significado esotérico de tal “espírito” era inteiramente outro: simbolizava a luz divina — o néctar da Sabedoria Secreta.

Os símbolos da pomba e do cordeiro, hoje tão frequentes nas Igrejas cristãs, talvez venham a ser exumados daqui a muitos séculos; e então se especulará sobre a razão por que foram objeto de adoração nos tempos atuais. E quem sabe se nas idades vindouras de elevada cultura e civilização asiática dirá, karmicamente, algum “ocidentalista” erudito: “Os ignorantes gnósticos e agnósticos das seitas do ‘Papa’ e de ‘Calvino’ (os dois monstruosos deuses no período cristão-dinamitista) eram de tal modo supersticiosos que adoravam uma pomba e um cordeiro.”

Sempre haverá totens portáteis para a satisfação e veneração das massas; e os deuses de uma raça serão transvertidos em demônios pela raça que vier depois. Os ciclos revolteiam nas profundezas do Letes; e o Karma alcançará a Europa, como alcançou a Ásia e suas religiões.

(5) De Mirville (de quem extraímos muito do que precede), em *Des Esprits*, V, págs. 81-85.

“Esse estilo grandiloquente e digno [do *Livro dos Mortos*], esses quadros tão plenos de majestade, essa ortodoxia do conjunto, que revela uma doutrina muito precisa sobre a imortalidade da alma e a sobrevivência do indivíduo”,

têm maravilhado alguns orientalistas, entre os quais De Rougé e o Abade Drival. A *psicostasia* (ou o julgamento da alma) é todo um poema para quem o sabe ler, e interpretar corretamente as imagens que encerra. No quadro descrito, vemos Osíris cornifrente com o seu cetro recurvo (o original do báculo dos bispos); em cima plana a alma, confortada por Tmei, filha do Sol da Justiça e deusa da Bondade e da Misericórdia; Hórus e Anúbis pesam as ações da alma. Em um dos papiros vê-se uma alma, condenada por glotonaria a renascer na terra com o corpo de um porco — dando isto motivo ao seguinte comentário de certo orientalista: “É uma prova inegável da crença na *metempsicose* ou transmigração das almas nos corpos de *animais*”, etc.

Pode ser que a lei oculta do Karma explique o caso de outro modo. Pode, a despeito do que pensem os orientalistas, ser uma alusão ao vício fisiológico acumulado para a reencarnação da alma, e que acarretará à personalidade mil tribulações e desditas.

“Primeiramente as torturas; depois a metempsicose *durante* três mil anos sob as formas de anjo, flor de lótus, garça, cegonha, andorinha, serpente e crocodilo: vê-se que o consolo proporcionado por semelhante progresso estava longe de ser satisfatório.”

Com estas palavras argúi De Mirville o caráter satânico dos deuses do Egito⁶. Ainda aqui uma simples consideração basta para esclarecer este ponto. Estão os orientalistas seguros de ter lido que “a metempsicose dura três mil anos”? A Doutrina Oculta ensina que o Karma espera três mil anos no umbral do Devacan (o Amenti dos egípcios), e que depois o *Ego* eterno reencarna para expiar em sua nova personalidade temporária os pecados cometidos em sua existência anterior.

O falcão, a garça, a flor de lótus, o pássaro, a serpente, numa palavra, todas as coisas da Natureza, tinham múltiplos e simbólicos significados nos antigos emblemas religiosos. O hipócrita que com aparências de santidade passou a vida praticando o mal, portando-se como a ave de rapina que só espera o momento oportuno de deitar as garras na vítima indefesa, será condenado pelo Karma a sofrer em uma vida futura o merecido castigo. Qual?

Se todo ser humano tem que finalmente progredir em sua evolução, e se esse “homem” há de tornar-se algum dia bom, sincero e perfeito, a sua condenação a reencarnar-se como falcão tem apenas um sentido metafórico. Não obstante suas virtudes e a excelência de suas qualidades pessoais, será provavelmente o alvo de imputações falsas e injustas, como as de hipocrisia, avareza e sordidez, sofrendo com isso mais do que lhe parecerá possível suportar.

A lei de retribuição é infalível; e quantas vezes não deparamos com essas inocentes vítimas das falsas aparências e da malícia humana, neste mundo de

(6) *Des Esprits*, V, págs. 84-85.

erros e ilusões! Vemo-las todos os dias, e são casos da experiência pessoal de cada um de nós.

Que orientalista pode afirmar com segurança que compreendeu as religiões da antiguidade? A linguagem metafórica dos sacerdotes só parcial e superficialmente tem sido decifrada; e ainda muito mal se conhece, até o presente, a ciência dos hieróglifos⁷.

Que diz *Ísis sem Véu* a respeito da doutrina egípcia do renascimento e transmigração das almas? Contraria em algum ponto o que acabamos de dizer?

"Convém advertir que esta filosofia dos ciclos, simbolizada pelos hierofantes egípcios no 'ciclo de necessidade', explica ao mesmo tempo a alegoria da 'Queda do Homem'. Segundo as descrições árabes, cada uma das sete câmaras das pirâmides — os maiores símbolos cósmicos do mundo — era conhecida pelo nome de um planeta. A peculiar arquitetura das pirâmides já denota por si a grandeza do pensamento metafísico de seus construtores. A cúspide se perde no claro céu azul da terra dos faraós, e simboliza o ponto primordial oculto no Universo invisível, de onde surgiram os protótipos espirituais da primeira raça humana. Em certo sentido, toda múmia ao ser embalsamada perdia um aspecto de sua personalidade física, e simbolizava a raça humana. Punha-se a múmia na atitude mais favorável para facilitar a saída da 'alma', que era obrigada a passar pelas sete câmaras planetárias antes de se libertar pela cúspide simbólica. Cada câmara representava ao mesmo tempo uma das sete esferas [de nossa Cadeia] e um dos sete tipos mais elevados da humanidade físico-espiritual que se julgava estar acima da nossa. Cada 3000 anos, a alma, figurativa de sua raça, devia retornar ao ponto de partida a fim de recomençar a peregrinação em busca de estados mais perfeitos de evolução física e espiritual. Em verdade temos que profundar as abstrusas metafísicas do misticismo oriental, antes de podermos compreender plenamente a infinita variedade de temas abrangidos pelo majestoso pensamento de seus expositores."⁸

Tudo isso ressumbra magia em seus pormenores; referindo-se ao mesmo tempo à evolução de nossas sete Raças-Raízes, cada uma com os característicos do seu "deus" e do seu planeta. Depois da morte, o corpo astral do iniciado devia representar em seus mistérios funerários o drama do nascimento e morte de cada Raça — o passado e o futuro — e atravessar as sete "câmaras planetárias", que, como já dissemos, também simbolizavam as sete esferas de nossa Cadeia.

A doutrina mística do Ocultismo oriental ensina que:

*"O Ego Espiritual [não o Khou astral] deve, antes de encarnar em novo corpo, visitar mais uma vez os lugares que deixou ao desencarnar-se. Precisa ver e conhecer por si mesmo todos os efeitos produzidos pelas causas [Nidânas] que foram geradas por suas ações em uma vida anterior; para que, vindo-as, reconheça a justiça do destino e ajude a lei de Retribuição [Karma] em vez de estorvá-la."*⁹

(7) Observa-se que tal dificuldade surgiu até mesmo com um idioma tão conhecido como o sânscrito, que é muito mais fácil de entender que a escrita hierática do Egito. Sabemos todos como às vezes se embaraçam os sanscritistas para encontrar o verdadeiro significado de uma palavra, em cuja tradução contradizem uns aos outros.

(8) *Op. cit.*, I, págs. 96-7.

(9) Livro II, Comentários.

As traduções de vários papíros egípcios pelo Visconde de Rougé, apesar de imperfeitas, têm uma vantagem: evidenciam que tanto a magia branca ou divina como a magia negra ou feitiçaria foram praticadas em todas as dinastias. O *Livro dos Mortos* — que é muito anterior ao *Gênesis*¹⁰ e aos demais livros do Antigo Testamento — o comprova em cada uma de suas linhas, cheio como está de orações e exorcismos contra a arte negra. Osiris é o vencedor dos “demônios aéreos”, e os fiéis imploram seu auxílio contra Matat, “cujos olhos despedem a invisível flecha”. Esta “invisível flecha”, que procede do olho do feiticeiro (vivo ou morto), é o que vulgarmente se chama “mau olhar” — cósmico em sua origem e terrestre em seus efeitos no plano microcósmico —, “circulando através do mundo”. Não cabe aos cristãos latinos tachar estas coisas de superstição, pois há em sua Igreja uma crença semelhante, incluindo-se em seu ritual uma oração contra a “flecha que circula na escuridão”.

De todos esses documentos, porém, o mais interessante é o papiro “Harris”, chamado na França “o papiro mágico de Chabas”, porque foi este último quem primeiramente o traduziu. É um manuscrito em caracteres hieráticos, adquirido em Tebas por Harris em 1855, e comentado e publicado por Chabas em 1860. Calcula-se a sua antiguidade entre vinte e oito e trinta séculos. Eis algumas passagens da tradução:

“Calendário dos dias fastos e nefastos... Quem fizer um touro trabalhar no dia 20 do mês de Pharmuths morrerá certamente. Quem no dia 24 do mesmo mês pronunciar em voz alta o nome de Seth verá conturbado o seu lar desde esse dia... Quem deixar sua casa no dia 5 de Patchous cairá doente e morrerá.”

O tradutor, cujos sentimentos de homem culto se revoltam, comenta:

“Se não tivéssemos esse texto sob os olhos, jamais poderíamos crer em semelhante servilismo na época dos Ramesidas.”¹¹

Pertencemos ao século XIX da era cristã, e estamos assim em plena civilização, sob a influência benéfica e luminosa da Igreja Cristã, em vez de estarmos sujeitos aos deuses da antiguidade pagã. Entretanto, conhecemos pessoalmente dezenas de pessoas, e ouvimos falar de centenas de outras, que acreditam ser um suicídio realizar qualquer negócio numa sexta-feira, empreender uma longa viagem numa segunda-feira, ou comer em mesa onde treze estejam sentados. Napoleão I se perturbava e empalidecia ao ver três lâmpadas acesas sobre a mesa. De nossa parte, concordamos com De Mirville em um ponto pelo menos: o de que semelhantes “superstições” são “resultado da observação e da experiência”. Se não estivessem corroboradas pelos fatos, a autoridade do calendário não se manteria sequer por uma semana, diz o citado escritor católico.

(10) Assim o afirmam Bunsen e Champollion. O Dr. Carpenter diz que o *Livro dos Mortos*, gravado em monumentos antiquíssimos, contém “frases idênticas às que se vêem no *Novo Testamento* com relação ao dia do Juízo Final... e foi provavelmente escrito uns 2.000 anos antes de Cristo”, — Veja-se *Isis sem Véu*, I, pág. 518.

(11) *Des Esprits*, V, pág. 88. Atualmente ainda existem na Índia, na China e em todos os países budistas calendários e horóscopos que registram idênticas interdições.

Mas prossigamos:

"Influências genéticas. — A criança nascida no dia 5 de Paophi será morta por um touro; a que nascer no dia 28, por uma serpente. Se no dia 4 de Athüar, sucumbirá em consequência de pancadas."

São predições do horóscopo. Em nossos dias ainda se crê na astrologia judiciária, cuja possibilidade científica Kepler admitiu.

Distinguiam-se duas espécies de Khous. Primeiro, os Khous justificados, ou seja, os que, submetidos ao tribunal de Osíris, eram absolvidos de seus pecados; estes gozavam de uma segunda vida. Segundo, os que eram culpados, "os Khous que deviam morrer pela segunda vez", os condenados; esta segunda morte não os aniquilava, consistindo a sentença em fazê-los errar de um a outro lugar, para atormentar os vivos. Sua existência tinha fases análogas às da vida terrena, e era tão forte o vínculo entre os mortos e os vivos que se fazia necessário observar certos ritos fúnebres com a prática de exorcismos e orações (ou melhor, conjuros mágicos)¹². Aqui está uma oração:

"Não permitas que o veneno se aposses de seus membros [do defunto]... nem que nele penetre uma alma de homem morto ou de mulher morta, nem que seja obsediado pelo fantasma de algum espírito."¹³

Comenta Chabas:

"Estes Khous eram seres da espécie a que pertencem os humanos depois da morte; eram exorcizados em nome do deus Chons... Os Manes podiam entrar nos corpos dos vivos, atormentá-los e obsediá-los. Contra tão *formidáveis* invasões, empregavam-se fórmulas, talismãs e especialmente estátuas ou *imagens divinas*¹⁴... Eram combatidos com o auxílio do poder dos deuses, e o deus Chon era o mais propício. Obedecendo às ordens do deus, os Khous conservavam, não obstante, a preciosa faculdade, neles inerente, de se acomodarem à vontade em qualquer outro corpo."

A fórmula mais frequente de exorcismo é muito sugestiva:

"Homens, deuses, eleitos, espíritos dos mortos, *amous*, negros, *menti-u*, não encareis com crueldade esta alma."

Era isso dirigido a todos aqueles que conheciam a *Magia*.

"Amuletos e nomes místicos": este capítulo é "muito misterioso" e contém invocações a Penhakahakerher, Uranaokarsankrobite, e outros nomes igualmente arrevesados. Diz Chabas:

"Temos provas de que nomes místicos semelhantes a estes eram correntios durante a permanência dos israelitas no Egito."

(12) Veja-se: *Des Esprits*, III, pág. 65.

(13) *Papyrus Magique*, pág. 163.

(14) *Ibid.*, pág. 168.

Podemos, de nossa parte, acrescentar que, ou procedessem dos egípcios ou dos hebreus, eram nomes de feiticeiros. Ao estudante bastará consultar as obras de Eliphas Lévi; por exemplo: o seu *Grimoire des Sorciers*. Nos exorcismos, Osíris é chamado de Mamuram-Kahab, e a ele se implora que impeça o ataque do Khou “duas vezes morto” ao Khou justificado ou aos seus parentes próximos, pois que o maldito, isto é, o fantasma astral

“pode tomar a forma que lhe *apraz*, apoderar-se de qualquer corpo e penetrar em qualquer lugar”.

Vê-se pelo estudo dos papiros egípcios que os súditos dos faraós não eram muito inclinados ao espiritismo daquele tempo; e que tinham medo do “bendito espírito” do defunto, mais do que os católicos romanos temem o diabo!

Mas evidenciam muitos papiros como é injusta e gratuita a acusação de “demônios” aos deuses do Egito, e leviana a arguição de que os sacerdotes exerciam seus poderes mágicos com a ajuda dos “anjos caídos”. Porque são frequentes os relatos de sentenças de morte proferidas contra os feiticeiros, como se os egípcios vivessem sob a proteção de uma Santa Inquisição. Vejamos um caso que ocorreu durante o reinado de Ramsés III e citado por De Mirville (que o copiou de Chabas):

“A primeira página começa com estas palavras: ‘Do lugar em que me encontro, ao povo do meu país.’ É de supor que o autor, usando a primeira pessoa, era um magistrado que redigia uma comunicação pública, segundo a fórmula usual. Eis aqui a parte substancial da acusação: ‘Este Haf, um homem mau, era um vigia [ou talvez um pastor] de ovelhas; disse ele: Poderia eu encontrar um livro que me desse grandes poderes?... E lhe foi dado um livro que continha as fórmulas de Ramsés-Meri-Amen, o grande deus e seu real dono. E o homem adquiriu o divino poder de fascinar os outros. Pôde ainda edificar uma casa, em que havia um compartimento *muito recôndito*, onde produziu homens de Menh [homúnculos mágicos?], e obteve... livros amorosos... roubados do Khen [biblioteca secreta do palácio] por intermédio do pedreiro Atirma, afugentando os zeladores e enfeitando outros... E nos livros procurou ler o futuro, e o conseguiu. Todos os horrores e abominações que o seu coração ansiava, ele os pôs em prática; todos e mais outros grandes crimes, tais como o *horror* [?] aos deuses e deusas. Sejam-lhe aplicadas igualmente as *grandes [severas?] prescrições, inclusive a pena de morte*, de acordo com as ordenações divinas.’ Não termina aqui o libelo; enumera e especifica os crimes. Fala em primeiro lugar de uma mão que foi paralisada por meio dos *homens de Menh*, a quem bastou dizer: ‘*Que tal efeito se produza*’, para que assim acontecesse. Vêm depois as *grandes abominações* que o fazem merecedor da morte... Então os juizes sentenciaram o réu: ‘Que seja morto, conforme as ordens do Faraó e segundo o que está escrito na linguagem divina.’”¹⁵

(15) Diz Maimônides em seu *Tratado da Idolatria*, referindo-se aos terafins dos judeus, que “eles conversavam com os homens”. Em nosso tempo, os feiticeiros cristãos da Itália e os negros do culto vodu de Nova Orleans fabricam pequenas estátuas de cera com a semelhança de suas vítimas, e as traspassam com agulhas. A ferida causada na figura repercute na pessoa que esta representa, podendo muitas vezes trazer-lhe a morte. Ainda ocorrem muitas mortes misteriosas, sem que se descubra nenhum vestígio da mão assassina.

Observa Chabas que

“abundam os documentos da espécie; mas a tarefa de os analisar um por um não pode ser levada a cabo com os limitados recursos de que dispomos”.

Em Tebas, no templo de Khous, deus que tinha poder sobre os elementários, encontrou o egiptólogo Prisse d'Avenne uma inscrição que, apresentada à Biblioteca Imperial (hoje Nacional) de Paris, foi primeiramente traduzida por S. Birch. Tal inscrição resume toda uma novela de magia, e remonta à época de Ramsés XII¹⁶, da vigésima dinastia. Ei-la, segundo a tradução do Visconde de Rougé, reproduzida por De Mirville:

“Esta inscrição nos diz que um dos Ramsés da vigésima dinastia, quando procedia à cobrança, em Naharain, dos tributos que as nações asiáticas pagavam ao Egito, se enamorou de uma filha do chefe de Bakhten (um de seus tributários). Casou-se com ela, e, tendo-a levado para o Egito, conferiu-lhe a dignidade de Rainha sob o nome real de Ranefrou. Pouco depois o chefe de Bakhten enviou um mensageiro a Ramsés, para solicitar-lhe o auxílio da ciência egípcia em benefício de Bent-Rosh, jovem irmã da rainha, por estar sofrendo de uma enfermidade que lhe paralisava os membros.

Pediu o mensageiro que um “sábio” fosse a Bakhten [um iniciado, Reh-Het]. O rei ordenou que todos os hierogramatistas do palácio e os encarregados dos livros secretos viessem à sua presença, e entre eles escolheu o escriba real Thoth-em-Hebi, homem muito erudito e inteligente, e o incumbiu de estudar a doença.

Chegando a Bahkten, viu Thoth-em-Hebi que Bent-Rosh estava possuída por um Khou (em-seh-² eru ker h'ou), mas declarou que não se sentia com forças para lutar contra ele¹⁷.

Onze anos se passaram, sem que melhorasse o estado da donzela. Seu pai, o chefe de Buhkten, enviou um novo mensageiro; e, atendendo à sua petição expressa, dirigiu-se para lá Khons-peiri-Seklerem-Zam, uma forma divina de Chons, o Deus Filho da Trindade tebana.

Logo que a saudou o Deus [encarnado], sentiu-se aliviada a enferma; e o Khou, que a obsediava, imediatamente manifestou o propósito de obedecer às ordens do Deus e disse: ‘Oh! grande Deus, que fazes desvanecer os fantasmas! Sou teu escravo, e regressarei ao lugar de onde vim’.¹⁸

Evidentemente, Khons-peiri-Seklerem-Zam era um verdadeiro hierofante pertencente à categoria dos “Filhos de Deus”, porque se diz que era uma das formas do deus Khons — o que significa uma encarnação, um avatar, do deus, ou um iniciado completo. Mostra ainda o texto que o templo, onde ele

(16) O Ramsés de Lepsius, que reinou uns 1300 anos antes de nossa era.

(17) Para se ter uma idéia da fidelidade com que foram traduzidos estes documentos egípcios, basta observar que a frase acima foi interpretada de maneira diferente por três egiptólogos. Rougé traduziu assim: “Ele a encontrou na iminência de cair sob o poder dos espíritos.” Chabas: “E o escriba viu que o Khou era muito mau.” Segundo outra versão: “Ele a encontrou com os membros inteiramente rígidos.” Alguma diferença há entre a “rigidez dos membros” e a obsessão por um Khou maligno.

(18) *Des Esprits*, V, págs. 247-8.

oficiava, tinha anexa uma escola de magia, com um Khen, ou seja, um recanto do templo a que só era permitido o acesso aos sumos sacerdotes. Aí ficava a biblioteca ou depósito dos livros sagrados, cujo estudo e conservação estavam a cargo de sacerdotes especiais (a quem os faraós consultavam nos casos de maior importância). Aí eles se comunicavam com os deuses, dos quais recebiam conselhos.

Em sua descrição do templo de Hierápolis, não se refere Luciano a “deuses que manifestam sua presença espontaneamente”¹⁹? Não diz, um pouco mais adiante, que, viajando certa vez com um sacerdote de Mênfis, este lhe contou que havia passado vinte e três anos nas criptas do seu templo, onde a deusa Ísis lhe ministrara diretamente instruções sobre a Magia? Lemos ainda que Sesóstris o Grande (Ramsés II) foi instruído nas Ciências Sagradas pelo próprio Mercúrio; e a este respeito observa Jablonsky que aí temos o motivo por que a palavra Amun ou Ammon (donde supõe derivar-se o nosso “Amém”) era uma verdadeira evocação à luz²⁰.

No papiro “Anastasi”, repleto de várias fórmulas para a evocação dos deuses, e de exorcismos para expulsar os demônios elementários, o versículo sétimo mostra claramente a diferença entre os Deuses verdadeiros, os Anjos planetários e as conchas ou cascões que os mortos deixam no Kâma-Loka, como que para atormentar a humanidade, aumentando-lhe a incerteza e a vanidade das indagações sobre a verdade fora do conhecimento oculto e do véu da iniciação. Reza esse versículo sétimo a respeito das evocações divinas ou consultas teomânticas:

“Ninguém deve invocar o grande e divino nome²¹ senão quando se sentir absolutamente puro e irrepreensível.”

Já o mesmo não ocorre com as fórmulas de magia negra. Reuvers, falando sobre os dois rituais de magia da coleção “Anastasi”, observa que: “inegavelmente formam o mais instrutivo dos comentários à obra sobre os *Mistérios egípcios*, atribuída a Jâmblico, e o melhor paralelo deste livro clássico, para compreen-

(19) Alguns tradutores supõem que Luciano se refere aos habitantes da cidade, mas não justificam a procedência dessa opinião.

(20) *Des Esprits*, V, págs. 256-7.

(21) Como pode De Mirville ver a Satanás no deus egípcio do grande Nome Divino, se ele mesmo admite, por outra parte, que nada havia que superasse em grandeza o nome do oráculo de Dodona, pois era o do deus dos hebreus, IAO ou Jehovah? Mais de quatorze séculos antes de Cristo, levaram os pelásgos este oráculo a Dodona e o deixaram com os antepassados dos helenos; sua história é bastante conhecida, e pode ser lida em Heródoto. Júpiter, que amava Dodona, a formosa ninfa do oceano, ordenou aos pelásgos que introduzissem o seu culto na Tessália. O nome do Deus do oráculo no templo de Dodona era Zeus Pelásgico, o Zeuspáter (Deus-Pai), ou, como o explica De Mirville, “era o nome *por excelência*, o nome que os judeus tinham por inefável, o nome impronunciável: *Jaoh-pater*; isto é, o que foi, é e será, o Eterno”. É o autor dá razão a Maury, quando este “identifica o Jehovah bíblico com o Indra védico”, e nem sequer tenta negar o nexo etimológico entre os dois nomes: “o grande e o *perdido* nome com o Sol e os raios”. Estranhas confissões, e ainda mais estranhas contradições.

der-se a taumaturgia das seitas filosóficas, baseada na antiga religião egípcia. Segundo Jámblico, a taumaturgia era exercida pelos ministros dos gênios secundários²².

Termina Reuvers com esta sugestiva informação, que é muito importante para os ocultistas que sustentam a antiguidade e a genuína origem de seus documentos:

“Tudo o que ele [Jámblico] expõe como teologia, nós o encontramos como história em nossos papíros.”²³

Mas então como negar a autenticidade e sobretudo a veracidade das obras clássicas de todos aqueles autores que escreveram a respeito da Magia e seus Mistérios, com o mais reverente espírito de admiração? Ouçamos Píndaro:

“Feliz o que desce ao túmulo assim iniciado, pois ele conhece a finalidade de sua existência e o reino²³ dado por Júpiter.”²⁴

E também Cícero:

“A iniciação não somente nos ensina a ser felizes nesta vida, como ainda a morrer com a esperança de algo melhor.”²⁵

Platão, Pausânias, Estrabão, Deodoro e muitos outros dão testemunho do grande benefício da Iniciação; e todos os Adeptos, completa ou parcialmente iniciados, partilham do entusiasmo de Cícero.

“Não vemos consolar-se Plutarco da perda de sua esposa, lembrando-se do que aprendera na iniciação? Não adquiriu ele nos mistérios de Baco a certeza de que ‘a alma [o espírito] permanece incorruptível, e de que existe um além?’... Aristófanes foi ainda mais longe: ‘Todos os que participavam dos mistérios’, dizia, ‘tinham uma vida pura, santa, tranquila; e morriam buscando a luz dos Campos Elíseos [Devachan] — ao passo que os outros não podiam esperar senão a eterna escuridão [a ignorância?]’.

... E quando se considera a importância que os Estados davam aos mistérios e à sua correta celebração, que buscavam assegurar nas estipulações de seus tratados, fácil é compreender por que tanto se preocupavam com este assunto.

Foram os mistérios objeto da maior solicitude pública e privada, o que era de todo em todo natural; pois, segundo Döllinger, ‘os Mistérios de Elêusis representavam a eflorescência da religião grega, a essência mais pura de todos os seus conceitos’²⁶.

Neles se recusava a admissão não só dos conspiradores, mas de quantos os não denunciassem; dos traidores, perjuros e libertinos²⁷... Porfírio pôde, assim, dizer: ‘No

(22) Reuvers, *Carta a Letronne sobre o número 75 do papiro Anastasi. Des Esprits*, V, 258.

(23) Os Campos Elíseos.

(24) *Fragmentos*, IX.

(25) *De Legibus*, II, IV.

(26) *Judaism and Paganism*, I, 184.

(27) *Frag. of Styg.*, ap. Stob.

momento da morte nossa alma deve estar como era durante os mistérios: livre de manchas, paixão, ódio, inveja ou cólera.”²⁸

Em verdade,

“A magia era considerada uma ciência divina, que conduzia a uma participação nos atributos da própria Divindade.”²⁹

Heródoto, Tales, Parmênides, Empédocles, Orfeu, Pitágoras, todos foram, cada qual em seu tempo, buscar a sabedoria junto aos grandes Hierofantes do Egito, com a esperança de resolver os problemas do Universo.

Diz Filon: Sabia-se que os Mistérios revelavam as operações secretas da Natureza³⁰.

“Os prodígios realizados pelos sacerdotes são tão autênticos, e as provas — se algum valor tem o testemunho humano — de tal modo convincentes, que Sir David Brewster, para não confessar que os teurgistas pagãos sobreexcederam em milagres aos cristãos, concede aos primeiros maiores conhecimentos em ciências físicas e em filosofia natural. A Ciência tropeça num dilema bastante incômodo...

A ‘Magia’, diz Psellus, ‘era a última parte da ciência sacerdotal. Investigava a natureza, o poder e a qualidade de todas as coisas sublunares: dos elementos e suas divisões, dos animais, das diversas plantas e seus frutos, das pedras e das ervas. Numa palavra, explorava a essência e o poder de todas as coisas. Daí os efeitos que produzia. Formava *estátuas* [magnetizadas] que proporcionavam a saúde, e fazia toda espécie de figuras e objetos [ou talismãs] que tanto podiam ser instrumentos de saúde como de enfermidade. Por arte de magia, muitas vezes aparecia fogo no céu, e então as estátuas riam e as lâmpadas acendiam espontaneamente.”³¹

Quanto ao asserto de Psellus de que a Magia fabricava “estátuas que proporcionavam a saúde”, está hoje provado que se não tratava de um sonho ou de vã jactância de um teurgista alucinado. Como diz Reuvers, isso passou a ser “história”: consta do *Papiro Mágico* de Harris e da estela votiva já referida. Tanto Chabas como De Rougé afirmam que:

“Na linha décima oitava desta mutilada inscrição se encontram as fórmulas relativas à aquiescência do deus [Chons], manifestada por um movimento comunicado à sua estátua.”³²

Sobre este ponto houve até uma discussão entre os dois orientistas. Enquanto De Rougé queria traduzir a palavra “han” por “favor” ou “graça”, Chabas insistia em que “han” significa “movimento” ou “sinal” feito pela estátua.

(28) *De Special Legi.*

(29) *Des Esprits*, V, págs. 278-9.

(30) *Ísis sem Véu*, I, pág. 25.

(31) *Ibid.*, I, págs. 282-3.

(32) *Des Esprits*, V, pág.

Os excessos do poder, o abuso do conhecimento e a ambição pessoal têm muito frequentemente conduzido à magia negra iniciados egoístas e pouco escrupulosos, tal como sucedeu, por causas idênticas, entre papas e cardeais da Igreja romana. Foi o predomínio da magia negra que determinou a abolição dos Mistérios, e não o Cristianismo, como erroneamente se tem suposto. Leia-se a *História de Roma* (vol. I) de Mommsen: ver-se-á que foram os próprios pagãos que puseram fim à profanação da Ciência Divina. Já 560 anos antes de Cristo haviam os romanos descoberto uma sociedade secreta, escola de magia negra da pior espécie, que celebrava mistérios importados da Etrúria, e o envenenamento moral então se difundiu rapidamente por toda a Itália.

"Foram perseguidos mais de sete mil iniciados, e em sua maior parte sentenciados à morte..."

Mais tarde, Tito Lívio se refere a outros três mil iniciados que também foram condenados à morte, pelo crime de envenenamento."³³

E ainda há quem não faça caso da magia negra e a negue!

Paulthier pode ou não demonstrar excessivo entusiasmo ao dizer que a Índia lhe parece como

"o grande e primitivo foco do pensamento humano, que terminou por abarcar todo o mundo antigo",

mas a idéia é exata. Esse primitivo pensamento conduziu ao conhecimento oculto, que se reflete em nossa Quinta Raça, desde os primórdios do Egito dos faraós até os nossos tempos modernos. Raros são os papiros hieráticos, exumados juntamente com múmias enfaixadas de reis e sacerdotes, que deixem de conter alguma informação de interesse para os estudantes de Ocultismo.

Aí está, em tudo isso, a Magia que agora se procura ridicularizar; magia que tem sua origem no conhecimento e na revelação dos tempos primitivos, conquanto a houvessem de tal modo profanado os feiticeiros atlantes, com suas práticas ímpias, que na raça subsequente se fez necessário encobrir com um denso véu os métodos para a obtenção dos chamados efeitos mágicos nos planos físico e psíquico.

No século atual ninguém acreditará naqueles relatos, a não ser o católico para atribuir aos fenômenos um caráter satânico. Não obstante, a Magia se acha tão infiltrada na história do mundo que, se esta for algum dia escrita, será preciso confiar nos descobrimentos arqueológicos e na egiptologia, inclusive nos escritos e inscrições hieráticas. Mas, se se insistir em fazer tábua rasa dessa "superstição das idades", tal história nunca virá à luz do dia.

Pode-se calcular a posição embaraçosa em que se vêem circumspectos egipólogos, assiriólogos, eruditos e acadêmicos; pois, tendo que traduzir e interpretar os velhos papiros e as inscrições arcaicas, ou estelas, dos cilindros da Ba-

(33) *Ibid.*, V, pág. 281.

bilônia, são obrigados a enfrentar o desagradável, e para eles repulsivo, assunto da magia, com seus encantamentos *et reliqua*. Ali encontram sóbrias e graves narrações, escritas pela pena de autores instruídos, sob a direta supervisão de hierofantes caldeus ou egípcios, os mais cultos filósofos da antiguidade. Esses documentos, eram redigidos na hora solene da morte e das exéquias dos faraós, sumos sacerdotes e outros dignitários da terra de Chemi, e tinham por objetivo apresentar a alma novamente nascida, a Alma Osirificada, diante do implacável tribunal do “Grande Juiz”, na região do Amenti, ali onde uma *mentira* pesava mais que o maior dos crimes.

Seriam porventura os escribas, hierofantes, reis e sacerdotes tão imbecis ou impostores para aceitar e fazer com que outros aceitassem tantos “contos de carochinha”, como os que se vêem nos mais respeitáveis papiros? Entretanto, não há outra saída.

O testemunho de Platão, Heródoto, Maneton e Syncellus, e o dos mais eminentes e fidedignos autores e filósofos que se ocuparam deste assunto, corroboram que os papiros registram (tão seriamente quanto em relação a qualquer fato histórico já conhecido e aceito sem objeção) as dinastias reais de Manes, a saber, das sombras e fantasmas (corpos astrais); assim como fenômenos ocultos e artes mágicas tais que até o mais crédulo ocultista do nosso tempo vacilaria em admitir como verídicos.

Encontraram os orientistas uma tábua de salvação: qualificar de “lendas da época deste ou daquele Faraó” os papiros que publicam e entregam à crítica dos saduceus literários. A idéia é engenhosa, mas carece em absoluto de sinceridade.

SEÇÃO XXVIII

A ORIGEM DOS MISTÉRIOS

Tudo quanto ficou exposto nas seções precedentes (e ainda cem vezes mais) era ensinado nos Mistérios desde tempos imemoriais. Se, no tocante a algumas nações menos antigas, a tradição histórica fala do primeiro aparecimento dessas instituições, sua origem, contudo, deve remontar à época da Quarta Raça-Raiz. Os Mistérios foram comunicados aos eleitos dessa raça quando a maioria dos atlantes já principiara a engolfar-se no pecado, tornando-se perigoso confiar a todos eles os segredos da Natureza.

Nas obras secretas atribui-se o início dos Mistérios aos Reis-Iniciados das dinastias divinas, no tempo em que os "Filhos de Deus" iam gradualmente permitindo que o seu país se convertesse em Kûkarma-des (a terra do vício).

A antiguidade dos Mistérios pode inferir-se da história do culto de Hércules no Egito. Segundo Heródoto, e conforme lhe disseram os sacerdotes, não era grego esse deus; eis como se manifesta o famoso historiador:

"Sobre o Hércules grego não pude encontrar informação alguma no Egito... o nome jamais veio da Grécia para o Egito... Hércules... conforme afirmam [os sacerdotes], é um dos doze (deuses maiores) procedentes dos oito deuses primitivos, 17.000 anos antes do ano de Amasis."

Hércules é de origem indiana; e o Coronel Tod (deixando de lado a sua cronologia bíblica) tem inteira razão, quando sugere que Hércules era o Balarâma ou Baladeva dos árias. Os Purânas, lidos com a chave esotérica, corroboram em quase todas as suas páginas a DOCTRINA SECRETA. Os autores clássicos compreenderam muito bem esta verdade, e eram unânimes em atribuir origem asiática a Hércules.

"O *Mahabharata* dedica uma seção à história de Hercûla, a cuja raça pertencia Vyasa... Deodoro se refere a essa mesma tradição, com ligeira variante. Diz ele: 'Hércules nasceu na Índia, e ali é representado, tal como entre os gregos, com uma clava e uma pele de leão.' Ambos os deuses [Krishna e Baladeva] são (senhores) da raça (*cûla*) de *Heri'*, donde os gregos derivaram o nome de Hércules."²

(1) Daí *Heri-cul-es*, da raça de *Heri*; e por contração Hércules.

(2) Tod. *Annals of Râjasthân*, I, págs. 32-3.

A Doutrina Oculta explica que Hércules foi a última encarnação de um dos sete "Senhores da Chama", como Baladeva, irmão de Krishna; que suas encarnações ocorreram na Terceira, na Quarta e na Quinta Raça-Raiz; e que mais tarde o seu culto foi introduzido no Egito por imigrantes procedentes de Lankâ e da Índia. E que do Egito foi levado para a Grécia, não pode haver dúvida; pois os gregos chegam a atribuir o berço de Hércules à cidade de Tebas; só os doze trabalhos do deus é que supõem realizados em Argos.

No *Vishnu Purâna* temos uma confirmação cabal do que dizem os ensinamentos ocultos. Aqui damos um breve resumo da alegoria purânica.

Raivata, neto de Sharyâti (quarto filho de Manu), não encontrando um varão digno para casar com sua encantadora filha, foi com ela ao país de Brahmâ, a fim de consultar o deus. Ao chegar ali, Hâhâ, Hûhû e outros Gandharvas estavam cantando diante do trono. Raivata esperou que terminassem; e, embora lhe parecesse que só um breve instante (Muhûrta) havia decorrido, a verdade é que muitos séculos se passaram.

Cessado o canto, Raivata, prosternando-se, expôs sua dificuldade ao deus. Então Brahmâ lhe perguntou quem ele desejava como genro; e, ouvindo-o mencionar alguns nomes, o Pai do Mundo sorriu e disse: "De todos os que nomeaste, já não vivem nem a terceira nem a quarta gerações [Raças-Raízes], porque muitas idades [Chata-Yugas, ou os quatro ciclos Yugas] transcorreram enquanto escutavas os nossos cantores. Agora está prestes a findar na terra a vigésima oitava grande era do atual Manu, e o período Kali se aproxima. Deves, portanto, confiar esta jóia virginal a outro esposo. Porque agora estais sós."

Aconselhou ao Rajá Raivata que se dirigisse à sua antiga capital, Kushasthali, que passara a chamar-se Dvâarakâ, em cujo trono real se achava uma emanção do Ser Divino (Vishnu), na pessoa de Baladeva, irmão de Krishna (que, como divindade completa, é considerado a sétima encarnação de Vishnu).

"Havendo assim recebido as instruções do Nascido do Lótus [Brahmâ], Raivata regressou à terra com sua filha, e viu que a raça humana diminuía de estatura³... perdendo o vigor físico e debilitando-se intelectualmente. Indo à cidade de Kushasthali, encontrou-a muito diferente", porque, segundo a alegórica explicação do comentarista, "Krishna havia reivindicado do mar uma parte da região", o que significa, em linguagem simples e clara, que se havia modificado a configuração dos continentes, "renovando-se a cidade", ou melhor, construindo-se outra nova, chamada Dvâarakâ. Porque no *Bhagavad Purâna*⁴ se lê que Raivata fundou e edificou Kushasthali no mar, e descobrimentos posteriores mostraram que estava no mesmo lugar de Dvâarakâ. Portanto, devia ser uma ilha anteriormente.

A alegoria do *Vishnu Purâna* refere que o rei Raivata deu a mão de sua filha "ao que maneja a rede do arado" (ou melhor, "do arado embandeirado"),

(3) Veja-se o que dizem as ESTÂNCIAS e os Comentários sobre a gradual diminuição da estatura do homem.

(4) *Op. cit.*, IX, III, 28.

Baladeva; e que este, “vendo que a donzela era excessivamente alta”... “lhe diminuiu a estatura com a ponta da relha do seu arado, e depois a recebeu como esposa”.

É uma transparente alusão às raças Terceira e Quarta, aos gigantes atlantes e às sucessivas encarnações dos “Filhos da Chama” e outras ordens de Dhyân-Chohans, nos heróis e nos reis das nações da terra, até o período de Kali Yuga, ou Idade Negra, cujo início se verifica já nos tempos históricos.

Outra *coincidência*: Tebas é a cidade de cem portas, e Dvârakâ tomou este nome por causa de suas numerosas portas, pois a palavra Dvâra significa “porta de acesso”. Hércules e Baladeva são ambos de temperamento apaixonado e ardente, e famosos por terem pele alva e acetinada. Dúvida não há de que Hércules é Baladeva em traje helênico. Arrian assinala a notável semelhança entre os Hércules tebano e hindu. Este último era adorado pelos surasênios, povo que construiu Metórea ou Matura (Mutra), cidade em que nasceu Krishna. Diz Arrian que Sandracottus (Chandragupta, avô do rei Ashoka, do clã de Moriya) era descendente direto de Baladeva.

Sabemos que nos primórdios da humanidade não havia Mistérios. O conhecimento (Vidya) era propriedade comum, e predominou universalmente durante toda a Idade de Ouro (Satya Yuga). Reza o Comentário:

Os homens ainda não haviam produzido o mal naqueles dias de felicidade e pureza, porque sua natureza era mais divina que humana.

Mas, ao multiplicar-se rapidamente o gênero humano, multiplicaram-se também as idiossincrasias do corpo e da mente, e o Espírito encarnado manifestou sua debilidade. Nas mentalidades menos cultas e sãs assomaram exageros naturais, e com eles as superstições. O egoísmo brotou de paixões e desejos até então desconhecidos, e os homens abusaram com demasiada frequência do seu poder e dos seus conhecimentos, até que por fim se impôs a necessidade de limitar o número dos *que sabiam*. E assim nasceu a Iniciação.

Cada nação organizou para si um sistema religioso especial, adaptado à sua capacidade intelectual e às suas necessidades espirituais. Os sábios, contudo, prescindiam do simples culto da forma, e restringiram o verdadeiro conhecimento a pouquíssimos eleitos.

A necessidade de encobrir a verdade, para resguardá-la de possíveis profanações, se fez sentir cada vez mais, de geração em geração; e assim o véu, ténue a princípio, foi-se adensando gradualmente, à medida que crescia o egoísmo pessoal. E isso conduziu aos Mistérios.

Foram eles instituídos em todos os povos e países, permitindo-se ao mesmo tempo que, para evitar conflitos e desentendimentos, se arraigassem crenças exotéricas nas mentes do público profano. Inofensivas e inocentes em sua fase inicial — à maneira de um acontecimento histórico exposto sob a forma de um conto adaptado à mente infantil — tais crenças podiam difundir-se entre o povo, sem prejudicar as verdades filosóficas e abstratas que se ensinavam nos santuários.

A observação lógica e científica dos fenômenos da Natureza, que conduz o homem ao conhecimento das verdades eternas — contanto que ele se acerque do umbral da observação liberto de todo preconceito, e procure ver com os olhos espirituais, em vez de se limitar ao aspecto físico das coisas — não se acha ao alcance das massas. As maravilhas do Espírito Único da Verdade, da sempre oculta e inacessível Divindade, não se podem descortinar e apreender senão por meio de Suas manifestações nos poderes ativos dos “deuses” secundários.

Se a Causa Única e Universal tem que permanecer para sempre *in abscondito*, Sua ação múltipla pode observar-se por seus efeitos na Natureza. Como a humanidade em geral só percebe e reconhece estes efeitos, permitiu-se que a imaginação popular desse forma aos Poderes que os produzem. Com o andar dos tempos, na Quinta Raça, a ariana, alguns sacerdotes menos escrupulosos se prevaleceram da fé ingênua do povo para elevar à categoria de deuses aqueles Poderes, isolando-os completamente da Causa Única e Universal de todas as causas⁵.

A partir de então, o conhecimento das verdades primordiais ficou inteiramente reservado aos Iniciados.

Os Mistérios tinham os seus pontos fracos e os seus defeitos, como naturalmente acontece com todas as instituições de que participa o elemento humano. Apesar disso, Voltaire caracterizou em poucas palavras os seus benefícios:

“Em meio ao caos das superstições populares, existiu uma instituição que impediu sempre o homem de cair na brutalidade absoluta: foi a dos Mistérios.”

Em verdade, conforme disse Ragon sobre a Maçonaria:

“Seu templo tem por duração o Tempo, e por espaço o Universo... ‘Dividamos para reinar’, diziam os astuciosos. ‘Unamo-nos para resistir’, disseram os primeiros maçons.”⁶

Ou melhor: disseram os primeiros Iniciados, que os maçons sempre reconheceram como seus mestres primitivos e diretos...

O primeiro e básico princípio da força moral e do poder é a associação e a solidariedade de pensamentos e de propósitos. Os “Filhos da Vontade e da Yoga” se uniram para resistir às terríveis e sempre crescentes iniquidades dos

(5) Naqueles remotos tempos, os brâmanes não eram uma casta hereditária, e um homem chegava a ser brâmane por seus próprios méritos e por via da Iniciação. Mas o despotismo insinuou-se pouco a pouco, e o filho de um brâmane passou a ser também brâmane, primeiro por direito de proteção e depois pelo de herança. Os direitos do sangue substituíram os do mérito, e assim nasceu a corporação dos brâmanes, que logo se converteu em poderosa casta.

(6) *Des Initiations Anciennes et Modernes*. “Os Mistérios”, diz Ragon, “foram o legado da Índia.” Nisto ele se equivooca, porque a raça ariana havia trazido da Atlântida os mistérios da Iniciação. Está, no entanto, com a razão quando diz que os Mistérios anteriores a toda civilização, e que, apurando a mente e a moral dos povos, serviram de base a todas as leis: civis, políticas e religiosas.

magos negros da raça atlante. Isso determinou a fundação de escolas ainda mais secretas, de templos de instrução e de mistérios, que só eram acessíveis aos que se submetiam a tremendas provas.

Tudo o que se pode dizer acerca dos primeiros Adeptos e de seus divinos Mestres há de parecer uma fábula. Necessário é, portanto, se queremos saber algo sobre os primitivos Iniciados, julgar a árvore por seus frutos; e examinar a conduta e a obra de seus sucessores da Quinta. Raça, refletidas nos escritos dos grandes clássicos e filósofos. Como viram os autores gregos e romanos, durante dois mil anos, a Iniciação e os iniciados?

Cícero se manifesta em termos bastante claros:

“Um iniciado deve praticar o mais possível todas as virtudes: justiça, fidelidade, liberalidade, modéstia, temperança. Estas virtudes fazem esquecer ao homem os talentos que lhe faltam.”⁷

Escreve Ragon:

“Quando os sacerdotes egípcios diziam: ‘Tudo para o povo, nada por meio do povo’ estavam certos. Em uma nação ignorante a verdade só deve ser revelada às pessoas dignas de confiança... Em nossos dias temos visto: ‘Tudo por meio do povo, nada para o povo’ — sistema falso e perigoso. A verdadeira máxima deve ser: ‘Tudo para o povo e com o povo.’”⁸

Mas, para que seja possível esta reforma, é indispensável que se opere uma dupla transformação no povo: 1.º divorciar-se de todo elemento exotérico de superstição e clericalismo; 2.º educar-se e instruir-se, para fugir ao perigo de se deixar escravizar a um homem ou a uma idéia.

Pode isso parecer paradoxal diante do que acabamos de dizer. Objetar-se-á que todos os iniciados eram “sacerdotes”, ou pelo menos os iniciados hindus, egípcios, caldeus, gregos, fenícios e outros hierofantes e Adeptos eram sacerdotes dos templos, e que eles próprios inventaram os credos exotéricos de suas respectivas religiões. Redarguiremos que “o hábito não faz o monge”. Se nos podemos louvar na tradição e no juízo unânime dos escritores antigos, sem falar nos exemplos que nos oferecem os “sacerdotes” da Índia, a nação mais conservadora do mundo, a verdade é que os sacerdotes egípcios não eram mais sacerdotes, no sentido que hoje damos a esta palavra, do que os brâmanes dos templos. Nunca poderemos conceituá-los como tais, se tomarmos como padrão o clero europeu.

Laurens observa com muita justeza que:

“Estritamente falando, os sacerdotes do Egito não eram ministros da religião. A palavra ‘sacerdote’, cuja tradução tem sido mal interpretada, guardava um significado muito diferente do que agora lhe damos. Na linguagem da antiguidade, e especialmente no que se refere à iniciação egípcia, o termo ‘sacerdote’ era sinônimo de ‘filósofo’... A

(7) *De Off.*, I, 23.

(8) *Des Initiations*, pág. 22.

instituição dos sacerdotes no Egito parece que foi realmente uma confederação de sábios que se reuniam para estudar a arte de governar os homens, centralizar o domínio da verdade, regulamentar-lhe a propagação e evitar os riscos de sua dispersão excessiva⁹

Os sacerdotes egípcios, como os antigos brâmanes, mantinham as rédeas do governo, segundo o sistema herdado dos iniciados atlantes. O culto puro da Natureza, nos primitivos tempos patriarcais, foi o patrimônio exclusivo dos que sabiam discernir o número por trás do fenômeno. A palavra “patriarca” se aplicava, em seu sentido original e prístimo, aos Progenitores da raça humana¹⁰ — os Pais, Chefes e Instrutores dos homens primitivos.

Mais tarde, os iniciados transmitiram seus conhecimentos aos reis humanos, do mesmo modo que o fizeram a seus antepassados os Mestres divinos. Era seu dever, e sua prerrogativa, revelar aqueles segredos da Natureza que fossem úteis ao gênero humano, as virtudes ocultas das plantas, a arte de curar os enfermos; e também despertar entre os homens o sentimento de amor fraternal e assistência mútua.

Não era um iniciado quem não soubesse curar, inclusive restituir à vida os que, caindo em estado de morte aparente (coma), estariam realmente mortos se fossem deixados por muito tempo em letargia¹¹. Aqueles que demonstravam tais poderes se distinguiram das multidões, e eram considerados reis e iniciados. Gautama Buddha foi um rei-iniciado e um curador, que fazia retornar à vida os que já se achavam no limiar da morte. Jesus e Apolônio também realizavam curas, e seus discípulos os veneravam como se fossem reis. Se houvessem falhado no ressuscitar os que já não aparentavam nenhum sinal de vida, certamente que os seus nomes não passariam à posteridade, pois esse poder era o sinal positivo e a prova mais cabal de que sobre o Adepto pousava a mão invisível de um Mestre divino, ou de que nele se encarnava um “deus”.

O privilégio da realeza passou dos faraós do Egito para os monarcas de nossa Quinta Raça. Os faraós eram todos iniciados nos mistérios da Medicina, e curavam enfermos, ainda que, por causa das terríveis provas e dificuldades da iniciação final, não pudessem chegar a ser perfeitos hierofantes. Gozavam, por tradição, do privilégio de curar, e nesta arte contavam com o auxílio dos hierofantes dos templos, se acontecesse ignorarem os segredos da Medicina oculta.

Vemos também que mais tarde, já nos tempos históricos, Pirro cura os doentes só com tocá-los com a ponta do pé; e que Vespasiano e Adriano não tinham senão que pronunciar algumas palavras, ensinadas por seus hierofantes, para devolver a vista aos cegos e o movimento aos paralíticos. A partir dessa

(9) *Essais Historiques sur la Franc-Maçonnerie*, págs. 142-143.

(10) A palavra “patriarca” se compõe dos vocábulos gregos *pátria* (família, tribo ou nação) e *archos* (chefe), representando o princípio paternal. Os patriarcas judeus, que eram pastores, legaram esse nome aos patriarcas cristãos; não eram sacerdotes, mas simplesmente os chefes de suas tribos, como os Rishis hindus.

(11) É uma impossibilidade da Natureza a ressurreição de um corpo realmente morto.

época, registra a história casos de igual prerrogativa conferida aos reis e imperadores de quase todas as nações¹².

O que se sabe dos sacerdotes egípcios e dos antigos brâmanes, e que todos os historiadores e clássicos da antiguidade confirmam, nos dá o direito de acreditar em muita coisa que para os cépticos não passa de tradição. Como podiam os sacerdotes egípcios adquirir conhecimentos tão maravilhosos, em todos os ramos da ciência, sem dispor de um manancial ainda mais antigo? Os “quatro” centros famosos de ensinamento do antigo Egito são historicamente menos duvidosos que os começos da Inglaterra moderna.

Foi no grande santuário de Tebas que Pitágoras, em seu regresso da Índia, estudou a ciência dos números ocultos. Foi em Mênfis que Orfeu popularizou a sua metafísica indiana, demasiado abstrata para as mentes da Magna Grécia; e foi lá que Tales e mais tarde Demócrito aprenderam tudo quanto sabiam. A Saís cabe a honra da admirável legislação e da arte de governar os povos, comunicadas por seus sacerdotes a Licurgo e Sólon, e cujos códigos haveriam de maravilhar as gerações futuras. E se Platão e Eudócio nunca tivessem ido fazer suas devoções no santuário de Heliópolis, é bem provável que o primeiro não deslumbrasse a humanidade com o seu sistema de ética, nem o segundo com os seus profundos conhecimentos de matemática¹³.

Ragon, o notável tratadista dos mistérios da iniciação egípcia (conquanto nada soubesse dos da Índia), não exagerou ao dizer que:

“Os sacerdotes do Egito conheciam toda a ciência dos hindus, persas, sírios, árabes, caldeus, fenícios e babilônios [acerca dos segredos da Natureza]. A filosofia da Índia, isenta de mistérios, penetrou na Caldéia e na Pérsia, dando origem aos Mistérios egípcios.”¹⁴

Os Mistérios foram anteriores aos hieróglifos¹⁵, e foi a necessidade de memorar em registros permanentes os seus segredos que determinou a adoção desse sistema de escrita. Constituíram a filosofia primitiva¹⁶, que serviu de pedra

(12) Os reis da Hungria arrogavam-se o dom de curar a icterícia. Aos duques de Borgonha atribuía-se o poder de livrar da peste as pessoas. Os reis da Espanha expulsavam os demônios do corpo dos possesores. Os reis da França, como recompensa às virtudes do bom rei Dagoberto, tinham a prerrogativa de curar as escrófulas. Francisco I, durante uma curta permanência em Marselha, por ocasião do casamento de seu filho, curou dessa doença mais de quinhentas pessoas, mediante simples imposição das mãos. Igual privilégio desfrutavam os reis da Inglaterra.

(13) Para mais informações quanto à universalidade de conhecimentos dos sacerdotes egípcios, consulte-se a obra *Essais Historiques*, de Laurence.

(14) *Des Initiations*, pag. 24.

(15) A palavra vem do grego *hieros* (sagrado) e *glupho* (eu gravo). Os caracteres egípcios eram consagrados aos deuses, assim como na Índia o Devanâgari é o “idioma dos deuses”.

(16) O mesmo autor apresenta (como também os ocultistas) uma objeção muito razoável à etimologia moderna da palavra “filosofia”, que se interpreta como “amor da sabedoria”, quando não é assim. Os filósofos eram cientistas, e a filosofia uma

fundamental para a filosofia moderna; mas a progênie, ao perpetuar os traços do corpo externo, extraviou no caminho a alma e o espírito do progenitor.

Ainda que a Iniciação não contivesse regras nem princípios, nem ensinamento algum especial de ciência, tal como a entendemos nos dias atuais, era a Ciência — a Ciência das Ciências. E, conquanto desprovida de dogmas, de disciplina física e de ritual privativo, era, não obstante, a única Religião verdadeira — a da verdade eterna. Externamente, era uma escola, um colégio, onde se ensinavam ciências, artes, ética, legislação, filantropia e o culto da verdadeira e real natureza dos fenômenos cósmicos; as provas práticas eram dadas secretamente durante os Mistérios.

Os que se mostravam capazes de aprender a verdade acima de todas as coisas, isto é, os que podiam contemplar a face sem véu da grande Ísis, e resistir ao deslumbrante e majestoso olhar da deusa, esses se tornavam Iniciados. Mas os filhos da Quinta Raça estavam demasiado submersos na matéria para que o pudessem fazer impunemente; e os que falhavam sumiam deste mundo sem deixar vestígios. Que rei, por mais poderoso que fosse, ousaria subtrair à jurisdição dos austeros sacerdotes o súdito que houvesse transposto o limiar do Adito sagrado?

Os nobres preceitos ensinados pelos Iniciados das primitivas raças propagaram-se até a Índia, o Egito, a Caldéia, a China e a Grécia, e difundiram-se por todo o mundo. Tudo o que há de bom, nobre e generoso na natureza humana, todas as faculdades e aspirações divinas, tudo isso os sacerdotes iniciados cultivavam e procuravam despertar e desenvolver nos iniciados. Seu código de ética, baseado no altruísmo, chegou a ser universal. Vemo-lo em Confúcio, o “ateu”, ao ensinar que “carece de toda virtude quem não ama o seu irmão”, e nesta máxima do Antigo Testamento: “Ama o teu próximo como a ti mesmo.”¹⁷ Os Grandes Iniciados eram como deuses. E Sócrates, no *Fedro* de Platão, declara:

“Os Iniciados têm a certeza de que andam em companhia dos deuses.”

ciência, não uma simples especulação verbalista, como hoje. A palavra se compõe de duas vozes gregas, que dão bem a entender o seu sentido oculto, e devia interpretar-se como “sabedoria do amor”. É no termo “amor” que se esconde a acepção esotérica; porque “amor” não é aqui uma expressão substantiva, mas o qualificativo que se dá a Eros, o princípio primordial da criação divina, sinônimo de *πῦθος*, o desejo abstrato de procriar da Natureza, do qual resulta uma série contínua de fenômenos. Não quer dizer, portanto, “afeto” ou “ternura”. Significa “amor divino”, o elemento universal da onipresença divina, que se difunde através da Natureza e é ao mesmo tempo a causa principal e o efeito. A “Sabedoria do Amor” (ou “Filosofia”) significa atração e amor por algo oculto e subjacente nos fenômenos objetivos, e o conhecimento de tudo isso. Filosofia implica a idéia do mais alto Adeptado — amor e assimilação à Divindade. Em sua modéstia, Pitágoras não queria que o chamassem filósofo (isto é, o que percebe o lado oculto das coisas visíveis, a causa e o efeito, a verdade absoluta), e se dizia apenas um sábio, ou seja, um aspirante à Filosofia ou Sabedoria do Amor — Amor em seu sentido esotérico, o amor que ainda não estava degradado pelos homens (como agora, em sua aplicação puramente terrestre).

(17) *Levítico*, XIX, 18.

E em outra passagem da mesma obra diz o grande sábio ateniense:

“E evidente que os fundadores dos Mistérios, ou assembléias secretas de iniciados, não eram simples mortais, mas gênios de grande saber que, desde os tempos primitivos, se esforçaram para nos fazer entender, por meio daqueles enigmas, que todo aquele que chegar impuro às regiões invisíveis será precipitado no abismo [a oitava esfera da Doutrina Oculta; isto é, perderá para sempre a sua personalidade]; ao passo que aquele que ali chegar já purificado das manchas deste mundo, e integrado nas virtudes, será recebido na mansão dos Deuses.”

São Palavras de Clemente de Alexandria, referindo-se aos Mistérios:

“Aqui termina todo ensinamento. Vêem-se a Natureza e todas as coisas.”

É, portanto, um Padre da Igreja cristã que assim se manifesta em termos semelhantes aos do pagão Pretextato, procônsul de Acaia (quarto século de nossa era), “homem de preeminentes virtudes”, para quem “privar os gregos dos Mistérios sagrados que uniam toda a humanidade” equivalia a suprimir todo o merecimento de suas vidas.

Teriam porventura recebido os Mistérios tantos louvores por parte dos mais nobres e ilustres homens da antiguidade, se fosse a sua origem puramente humana? Recorde-se tudo quanto a respeito dessa instituição sem par disseram não só os iniciados como aqueles que nunca o foram. Leia-se Platão, Eurípides, Sócrates, Aristófanes, Píndaro, Plutarco, Isócrates, Deodoro, Cícero, Epicteto, Marco Aurélio — sem falar em dezenas de outros sábios e escritores famosos.

O que haviam os Deuses e os Anjos *revelado*, as religiões exotéricas, a começar pela de Moisés, *velaram de novo*, e durante séculos ocultaram aos olhos do mundo. Iniciado foi José, o filho de Jacob; porque, de outro modo, não teria desposado Asenath, filha de Petephre¹⁸, sacerdote de Heliópolis e governador de On¹⁹. Todas as verdades que Jesus *revelou*, e que os próprios judeus e os cristãos primitivos compreenderam, foram *novamente veladas* pela Igreja que pretende servi-LO.

Ouçamos o que diz Sêneca, através de citação do Dr. Kenealy:

“O mundo... estando dissolvido e reintegrado no seio de Júpiter [ou Para-brahman], este Deus continua durante algum tempo inteiramente concentrado em si mesmo, e permanece oculto, de todo o ponto absorvido, por assim dizer, na contemplação de suas próprias idéias. E dele surge depois um novo mundo... Forma-se uma raça de homens inocentes.”

E, ao falar da dissolução do mundo, que implica a morte ou aniquilamento de tudo, ele [Sêneca] nos ensina que, quando chegar o último dia, e as leis da Natureza estiverem sepultadas sob as ruínas, o Pólo Sul, achatando-se, esmagará todas as regiões da África, e o Pólo Norte, soçobrando, arrastará consigo todos os países ao redor do seu eixo. O Sol, *assustado, ver-se-á privado de sua luz*; o palácio do céu, desmoronando-se, produzirá a vida e a morte a um só tempo; e a dissolução alcançará igualmente todas as divindades, que assim retornarão ao seu caos original.”²⁰

(18) “Potifar”, “aquele que pertence a Phre, o Deus-Sol”.

(19) “On” (o “Sol”), nome egípcio de Heliópolis, a “Cidade do Sol”.

(20) *Book of God*, pag. 160.

Tem-se a impressão de estar lendo, nos *Purânas*, o relato de Parâshara sobre o grande Pralaya. É quase a mesma coisa, conceito por conceito. Tem o Cristianismo algo semelhante? Abramos a *Bíblia*, no capítulo III da *Segunda Epístola de Pedro*, e veremos ali expostas as mesmas idéias.

“... Nos últimos dias virão escarnecedores... dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? Porque desde que os pais dormiram todas as coisas continuam como desde o princípio da criação.

Porque eles voluntariamente ignoram isto: que pela palavra de Deus, já desde a antiguidade existiram os céus e a terra, que foi tirada da água e no meio da água subsiste.

Pelas quais coisas pereceu o mundo de então, coberto pelas águas do dilúvio.

Mas os céus e a terra de agora a mesma palavra de Deus os reserva e os guarda para o fogo...

E o dia virá... no qual os céus e a terra passarão com um grande estrondo, e os elementos se fundirão por causa do grande calor...

Mas nós... esperamos novos céus e nova terra...”²¹

Se os intérpretes preferem ver nessa passagem alusões a uma criação, a um dilúvio, à promessa da vinda de Cristo e a uma Nova Jerusalém no céu, não é culpa de São Pedro. O que ele então queria significar era a destruição da Quinta Raça e o aparecimento de um novo continente para a Sexta Raça.

Os druidas compreendiam o significado do Sol na constelação do Touro, e por isso, quando todos os fogos se extinguíam no dia 1.º de novembro, só o seu fogo sagrado e inextinguível subsistia, para iluminar o horizonte, como os dos magos e dos modernos zoroastrianos. É, tal como as primeiras gerações da Quinta Raça, depois os caldeus e os gregos, e ainda mais tarde os cristãos (que o fazem até hoje, sem suspeitar o verdadeiro sentido), saudavam eles a “Estrela Matutina”, a formosa Vênus-Lúcifer²².

Estrabão fala de uma ilha próxima da Bretanha, onde Ceres e Perséfone eram adoradas com o mesmo ritual da Samotrácia. Era a ilha sagrada de Ierna, onde ardia o fogo perpétuo.

Os druidas criam no renascimento do homem; não como o explica Luciano:

“Que o mesmo *espírito* animará um novo corpo, não aqui, mas em outro mundo diferente.”

Acreditavam numa série de reencarnações neste mesmo mundo, porque, como diz Deodoro, ensinavam que as almas dos homens passam para outros corpos ao cabo de certo período²³.

(21) Versículos 3-13.

(22) Kenealy, em seu livro *Book of God* (págs. 162-3), transcreve de Vallancey o seguinte: “Não se passara ainda uma semana da minha chegada à Irlanda, procedente de Gibraltar, onde estudei o hebraico e o caldeu com judeus de vários países, quando ouvi uma jovem aldeã dizer a um rapaz que a acompanhava: ‘*Feach an Maddin Nag*’ (olha a estrela da manhã), apontando-lhe o planeta Vênus, o Maddena Nag dos caldeus.”

(23) Tempo houve em que o mundo inteiro, a humanidade toda, tinha uma

Os arianos da Quinta Raça receberam esses ensinamentos de seus antepassados da Quarta Raça, os atlantes. Conservaram religiosamente as doutrinas, enquanto a raça de seus progenitores, crescendo em arrogância a cada geração, pela aquisição de poderes super-humanos, gradualmente se aproximava do seu fim.

só religião e “um só idioma”. Diz Faber que “todas as religiões da terra foram, em sua origem, uma só, e provieram de um tronco único”.

SEÇÃO XXIX

A PROVA DO INICIADO-SOL

Começaremos pelos antigos Mistérios, que os árias primitivos receberam dos atlantes.

Max Muller descreveu magistralmente o estado mental e intelectual dos árias, ainda que de maneira incompleta.

“Vemos ali [no *Rig Veda*] um período da vida intelectual do homem, sem nenhum paralelo em outra parte do mundo. Nos hinos do *Rig Veda* o homem foi deixado a si mesmo para solucionar os enigmas da vida. Invoca os deuses, glorifica-os, adora-os. Mas, com todos esses deuses... sob ele e acima dele, o poeta primitivo não parece sentir-se à vontade. Ali também, em seu próprio peito, descobriu um poder que jamais está mudo quando ele ora, que nunca está ausente quando ele tem medo e se assusta. Esse poder dir-se-ia inspirar as suas orações, e, contudo, as escuta; parece viver nele, e, não obstante, sustenta-o, a ele e a tudo que o rodeia. O único nome que encontra para designar esse misterioso poder é ‘Brahman’; porque *Brahman* significa, etimologicamente, força, vontade, desejo e potência criadora.

Mas esse Brahman impessoal, logo que é nomeado, se desdobra em algo de estranho e divino, e acaba sendo um dos muitos deuses, um deus da grande trindade que ainda hoje é adorada.

Apesar disso, não tem nome o pensamento que está no seu interior; esse poder que é ele mesmo, que sustenta os deuses, os céus e todos os seres vivos, e que flutua diante de sua mente, concebido mas não manifestado. Por fim o poeta o chama ‘Atman’, porque *atman*, originariamente sôpro ou espírito, vem a significar o Eu, só o Eu; o Eu divino ou humano; o Eu criador ou sofredor; o Eu como o Único ou como o Todo; mas sempre o Eu, independente e livre. ‘Quem viu o primeiro nascido?’ pergunta o poeta. ‘Quando o que não tinha ossos (entenda-se: forma) produziu o que os teve? Onde estava a vida, o sangue, o Eu do mundo? Quem foi perguntar a alguém se o sabia?’ (*Rig Veda*, I, 164, 4.)

Uma vez expressa a idéia de um Eu divino, todas as demais lhe devem reconhecer a supremacia: ‘O Eu é o Senhor e o Rei de todas as coisas. Assim como todos os raios de uma roda estão contidos no cubo e no aro, todas as coisas se acham contidas no Eu, e neste Eu o estão todos os eus.’ (Brihadaranyaka. II, v, 15).¹

(1) *Chips from a German Workshop*, I, 69-70.

Esse Eu supremo, único e universal, era simbolizado no plano dos mortais pelo Sol, cuja efluência vivificante era por sua vez o emblema da Alma — matando as paixões terrestres, que foram sempre um obstáculo à reunião do Eu individual (o Espírito) com o Eu-Total. Daí o mistério alegórico, que só em largos traços pode ser aqui descrito. Era representado pelos “Filhos da Névoa ígnea” e “da Luz”. O segundo Sol (a segunda hipóstase do rabino Drach) aparecia posto em prova pelo hierofante, Vishvakarman, que cortava sete de seus raios e os substituíam por uma coroa de espinhos. Então o Sol, despojado de seus raios, se transformava em Vikartana. Depois disso, o Sol — cujo papel era desempenhado por um neófito já em condições de ser iniciado — tinha que descer ao Patala (as regiões infernais) para submeter-se à prova de Tântalo. Triunfante, ressurgia desse lugar de vício e iniquidade para voltar a ser um Karmasakshin, testemunha do Karma dos homens² e ascendia de novo em toda a glória de sua regeneração como Graha-Râja, Rei das Constelações, sendo chamado Gabhashtiman, ou “o que recuperou os seus raios”.

A “fábula” do panteão popular da Índia, nascida do misticismo poético do *Rig Veda* (a maior parte de cujas sentenças eram dramatizadas nos Mistérios religiosos), ampliou-se no curso de sua evolução exotérica em outras alegorias. Podemos vê-la ainda em algumas escrituras, entre elas as dos *Purânas*.

Nos hinos do *Rig Veda*, o Deus do Mistério, Vishvakarman, é o Logos, o Demiurgo, um dos deuses maiores e o deus supremo. Ele é o Criador de tudo (este o significado da palavra Vishvakarman), o “Grande Arquiteto do Universo”, o

“Deus onividente... Pai, Gerador e Dispensador, que dá nome aos deuses e está além da compreensão dos mortais”,

como todos os Deuses do Mistério. Esotericamente, personifica o Poder criador manifestado; e, misticamente, representa o sétimo princípio do homem, em sua coletividade. Porque é o filho de Bhûvana, a Essência luminosa autocriada; e da virtuosa, casta e adorável Yoga-Siddhâ, a Deusa virginal, cujo nome fala por si, personificando o poder da Yoga; a “casta mãe”, que cria os Adeptos.

Ainda nos hinos do *Rig Veda*, Vishvakarman cumpre o “grande sacrifício”, isto é, sacrifica-se pela salvação do mundo; ou, como diz o *Nirukta*, traduzido pelos orientistas:

“Primeiramente Vishvakarman ofereceu o mundo em sacrifício, e depois se sacrificou a si mesmo.”

Nas representações místicas de Vishvakarman, costuma-se dar-lhe o nome de Vithoba, sendo descrito como a “Vítima”, o “Homem-Deus” ou o Avatar crucificado no espaço.

[A respeito dos verdadeiros Mistérios e Iniciações, naturalmente que nada podemos dizer para o público: só devem conhecê-los os que são capazes de

(2) Sûrya, o Sol, é uma das nove divindades que presenciam todas as ações humanas.

iniciar-se. Podemos, no entanto, dar algumas indicações sobre as grandes cerimônias antigas que o público considerava como os Mistérios reais, e em que os candidatos eram iniciados com um extenso ritual e demonstrações de artes ocultas. Subjacentes a isso, na obscuridade e no silêncio, estavam os verdadeiros Mistérios, como sempre existiram e continuam a existir. No Egito, como na Caldéia e mais tarde na Grécia, celebravam-se os Mistérios em épocas fixas; e o primeiro dia era uma festividade pública, durante a qual os candidatos eram conduzidos com muita pompa à Grande Pirâmide, em cujo interior ficavam ocultos aos olhares do público. O segundo dia era consagrado às cerimônias de purificação, no fim das quais o candidato se apresentava vestido de branco. No terceiro dia³ era submetido às provas, examinando-se o seu progresso em conhecimentos ocultos. No quarto dia, após outra cerimônia simbólica de purificação, era deixado sozinho, e passava por diversas provas; e, por último, ficava em provocado estado de letargia, numa cripta subterrânea, durante dois dias e duas noites, imerso em total escuridão.

No Egito, o neófito em letargia era posto em um sarcófago vazio da pirâmide, onde se celebravam os ritos da iniciação. Na Índia e na Ásia Central era ele atado a um torno, até que o corpo entrava em letargia, e então, aparentemente morto, era transportado para a cripta. Passava a ser velado pelo hierofante, que "guiava a alma de aparição (corpo astral) desde este mundo de Samsâra (ilusão) até os reinos inferiores, de onde, se vencedor, tinha o direito de libertar sete almas *sufredoras*" (Elementários). Revestido de seu Anandamayakosha, ou corpo de beatitude, o Srotâpanna permanecia ali onde não devemos segui-lo, e ao regressar recebia a *Palavra*, com ou sem o "sangue do coração" do hierofante⁴.

(3) [Há uma lacuna no manuscrito de H. P. B., ora suprida pelo texto entre colchetes. — A. B.] [Ver "Notas Adicionais" em relação à parte que falta, e como aparecia no manuscrito de 1886. — Da Edição de Adyar, 1938.]

(4) Em *Ísis sem Véu* (vol. II, págs. 41-42), mencionamos parte destes ritos, e, falando sobre o dogma da Redenção, dissemos que remonta ao antigo Paganismo. Reproduzimos a passagem:

"Esta pedra angular de uma Igreja, que se presume edificada sobre rocha firme desde há muitos séculos, começa hoje a ser desenterrada pela ciência, que prova sua origem gnóstica. Mostra o Professor Draper que o dogma da redenção era quase desconhecido no tempo de Tertuliano, e que 'se originou entre os herejes gnósticos'. (Veja-se a obra *Conflict Between Religion and Science*, pág. 224)... Mas há suficientes provas de que nem o dogma da redenção nem os conceitos de Christos e de Sofia tiveram essa origem. O primeiro foi decalcado no original do rei Messiah, o princípio masculino da Sabedoria; e a segunda, no terceiro Sephiroth da Cabala caldéia, no Brahmâ e no Sarasvati dos hindus, assim como no Dionyso e na Deméter do paganismo. Aqui estamos em terreno firme, ainda que atendêssemos somente à circunstância de se haver hoje comprovado que o *Novo Testamento*, em seu texto completo, tal como agora o conhecemos, não apareceu senão uns trezentos anos após a época dos apóstolos — ao passo que o *Zohar* e outros livros cabalísticos datam do primeiro século anterior à nossa era, se não de tempo ainda mais remoto.

"Os gnósticos compartilhavam muitas idéias dos essênios, que tiveram os seus Mistérios maiores e menores dois séculos, pelo menos, antes da era cristã. Os essênios

Mas em verdade o iniciado não matava o hierofante — nem na Índia nem alhures, pois o homicídio era apenas simulado — a menos que o Iniciador houvesse escolhido aquele por seu sucessor e decidido comunicar-lhe a última e suprema PALAVRA, devendo morrer em seguida. Porque só um homem tinha, em cada nação, o direito de conhecer a “palavra”. Muitos foram os grandes Iniciados que deixaram assim o cenário do mundo, desaparecendo

“dos olhos dos homens tão misteriosamente como desapareceu Moisés no cume do monte Pisgah (*Nebo*, ou sabedoria oracular), depois de haver imposto suas mãos sobre Josué, que deste modo ‘se impregnou do espírito de Sabedoria’, isto é, se fez iniciado”.

Mas não o mataram; morreu. Matá-lo seria um ato de magia negra, não de Magia Divina. Foi a transfusão da luz, mais do que uma transferência de vida; foi uma transfusão de vida espiritual e divina — efusão de Sabedoria, não de sangue. Os inventores, não iniciados, do Cristianismo teológico tomaram ao pé da letra a linguagem alegórica, e instituíram um dogma cuja errônea e cruel expressão repugna ao espiritualismo “pagão”.

Todos os hierofantes e iniciados eram representações do Sol e do Princípio Criador (a Potência espiritual), como o foram Vishvakarman e Vikartana, desde a origem dos Mistérios.

Ragon, o conhecido maçom, aduz explicações e pormenores curiosos a respeito dos ritos solares. Mostra que o Hiram bíblico, o grande herói da maçonaria (o “filho da viúva”), é uma derivação de Osíris, o Deus-Sol, o inventor das

receberam também o nome de *Isarim* (ou *Iniciados*), e descendiam dos hierofantes do Egito, em cujo país se haviam estabelecido alguns séculos antes que os missionários do rei Ashoka os convertessem ao budismo monástico e mais tarde se fundissem com os cristãos primitivos. Provavelmente eram anteriores à profanação e à ruína dos templos egípcios nas sucessivas invasões de persas, gregos e outras hordas de conquistadores.

Muitos séculos antes dos gnósticos, e mesmo dos essênios, os hierofantes egípcios professavam o dogma da Redenção, simbolizado como o “batismo do sangue”, cuja virtude consistia, não em redimir a “queda do homem” no Éden, mas simplesmente em expiar as culpas passadas, presentes e futuras da ignorante e, no entanto, já corrompida humanidade. O hierofante podia optar entre oferecer um animal como vítima do sacrifício e dar sua própria vida pura e sem mancha em holocausto pela raça humana, no altar dos deuses aos quais esperava reunir-se. Este último sacrifício era absolutamente voluntário. No momento supremo e solene do “novo nascimento”, o Iniciador transmitia a “palavra” ao iniciado; e imediatamente lhe punha uma arma na mão direita, dando-lhe a ordem de *ferir*. Tal é a origem do dogma da Redenção no Cristianismo.”

Conforme diz Ballanche, citado por Ragon: “A destruição é o grande deus do mundo; justificando-se assim a concepção filosófica do Shiva hindu. De acordo com essa imutável e sagrada lei, via-se o Iniciado compelido a matar o Iniciador, pois do contrário a iniciação não estava completa... A morte engendra a vida.” (*Orthodoxie Maçonique*, pág. 104.)

Mas tudo isso revestia caráter emblemático e exotérico. A arma e o homicídio devem entender-se em sentido alegórico.

artes e o “arquiteto”; porque o nome de Hiram significa *o elevado*, título que se dava ao Sol. Sabem todos os ocultistas quão estreitamente se relacionam com Osíris e as Pirâmides as narrativas do *Livro dos Reis* que se referem a Salomão e à construção do seu templo. Sabem que todo o rito da iniciação maçônica está baseada na alegoria bíblica daquela construção, esquecendo os maçons (ou ignorando talvez) que a alegoria foi decalcada sobre os simbolismos egípcios ou outros ainda mais antigos. Ragon o explica, dizendo que os três companheiros de Hiram, os três “assassinos”, simbolizam os três últimos meses do ano; e que Hiram simboliza o Sol, quando este principia a declinar a partir o Sol, quando este principia a declinar a partir do solstício de verão. Todo o ritual constitui, portanto, uma alegoria astronômica.

“Durante o solstício estival, desperta o Sol cânticos de gratidão em tudo quanto respira. Eis por que Hiram, que o simboliza, pode comunicar a palavra sagrada, isto é, a vida, a todos os que têm o direito de recebê-la. Quando o Sol desce aos signos inferiores, toda a Natureza emudece, e Hiram não pode comunicar a palavra sagrada aos companheiros, que representam os três meses inertes do ano. O primeiro companheiro fere levemente a Hiram com uma régua de vinte e quatro polegadas de comprimento, símbolo das vinte e quatro horas da revolução diurna; é a primeira divisão do tempo, que, depois da exaltação do poderoso astro, tenta debilmente contra sua existência, desferindo-lhe o primeiro golpe. O segundo companheiro fere a Hiram com um *esquadro de ferro*, símbolo do inverno, figurado pela interseção de duas linhas retas que dividem o Zodíaco em quatro partes iguais, representativas das quatro estações, cujo centro simboliza o coração de Hiram; é a segunda divisão do tempo, que então assesta um golpe mais rude na existência do Sol. O terceiro companheiro atinge mortalmente a Hiram, golpeando-o na fronte com o seu malhete, cuja forma cilíndrica simboliza o ano, o anel ou círculo; é a terceira divisão do tempo, que termina por desferir o último golpe contra a existência do Sol *já moribundo*.

Desta interpretação se infere que *Hiram*, o *fundidor* de metais, o herói da nova lenda, na qual recebe o nome de *arquiteto*, é *Osíris*, o Sol da moderna iniciação; que *Isis*, sua viúva, é a *Loja*, o emblema da Terra (*loka* ou mundo, em sânscrito); e que *Hórus*, o filho de Osíris (ou da luz), o filho da viúva, é o *franco maçom*, ou seja, o iniciado que habita a loja terrestre (*o filho da Viúva e da Luz*).⁵⁵

E aqui temos que mencionar novamente os nossos amigos jesuítas, pois o ritual acima é obra deles. Vamos contar o que fizeram na chamada franco-maçoneria, para mostrar como têm jogado areia aos olhos das pessoas incautas a fim de que não vejam as verdades ocultas.

A Maçonaria possui grande parte do simbolismo, fórmulas e ritual do Ocultismo, transmitidos de geração em geração desde a época das primeiras iniciações. Os jesuítas, com o objetivo de converter a fraternidade maçônica em uma corporação inócua de fins negativos, introduziram na Ordem alguns de seus mais astutos emissários. Estes, depois de persuadirem os maçons a acreditar que o verdadeiro segredo se havia perdido com Hiram Abiff, os induziram a inserir esta crença em seus formulários. Inventaram então certos graus superiores, de aparência plausível mas espúrios, sob o pretexto de lançar mais luz

(5) *Orthodoxie Maçonnique*, págs. 102-104.

sobre o segredo perdido, levando o candidato a distrair-se com formas copiadas de coisas reais, mas sem nenhum conteúdo substancial. Tudo ardilosamente preparado para desorientar o neófito. E homens, sensatos e inteligentes sob outros aspectos, passaram a empenhar-se, com solene, grave e ardente zelo, em suas periódicas reuniões, na vã tarefa de descobrir "segredos imaginários", em lugar de fatos reais.

Se o leitor consultar a utilíssima e notável obra *The Royal Masonie Cyclopaedia*, verá, no artigo "Rosicrucianism", como seu autor, erudito e conspícuo maçom, demonstra o que os jesuítas têm feito para corromper a Maçonaria. Falando sobre o período em que se começou a conhecer a existência desta misteriosa irmandade (da qual tantos pretendem saber tanto, e nada sabem), diz o autor:

"Em tempos passados imperava o temor do invisível nas grandes massas da sociedade — temor que ainda não desapareceu de todo, como o provam recentes acontecimentos e fenômenos. Em consequência, os estudiosos da Natureza e da mente haviam de ficar em forçosa obscuridade, ainda não totalmente dissipada... Os sonhos cabalísticos de um João Reuchlin conduziram à ação impetuosa de um Lutero, e os pacientes trabalhos de um Tritenheim deram lugar ao moderno sistema da correspondência diplomática cifrada... É digno de nota que precisamente o século em que os Rosa-cruzes se mostraram pela primeira vez em público sobressaía na história como a época dos mais ousados esforços para romper as trevas do passado [o clericalismo e o papado]. Daí a desesperada oposição e a reação violenta, por parte dos que se viam ameaçados, contra tudo o que é misterioso ou desconhecido. Organizaram então falsas associações de rosa-cruzes e de maçons, que receberam a missão de embair os irmãos mais ingênuos da verdadeira e invisível Ordem, e atraí-los os segredos que inconscientemente revelassem. A todas as astúcias recorreram os chefes dessas inexpressivas e transitórias associações, em sua luta contra o progresso da verdade e em defesa própria, no afã de atraí-los, por persuasão, interesse ou terror, e ainda por meio da lisonja, afiliados que viessem a reconhecer o Papa como Mestre. Uma vez conquistados (e muitos convertidos sabem disto, embora não o usem confessá-lo), são eles tratados com desprezo e abandonados à própria sorte, para que se arranjem como puderem na luta pela vida, sem que sejam admitidos sequer ao conhecimento dessa miserável farsa, que a fé romana se julga com o direito de manter."

Mas, se a Maçonaria tem sido espoliada, coisa nenhuma pode destruir o verdadeiro e invisível Roca-cruz nem o Iniciado oriental. O simbolismo de Vishvakarman e Surya Vikartana sobreviveu, enquanto que Hiram Abiff foi realmente morto (e voltaremos ainda a esta questão). Não é um mero rito astronômico: é o mais solene dos ritos, um legado dos Mistérios Arcaicos, que atravessou as idades e chegou até nós. Representa todo um drama do Ciclo de Vida em sucessivas encarnações, e os segredos psíquicos e fisiológicos, que nem a Igreja nem a Ciência conhecem, muito embora desse mesmo rito provenham os mais importantes Mistérios do Cristianismo.

[Com a omissão de alguma controversa matéria da parte final, esta Seção é praticamente a mesma subseção 5 da Seção V do MS. de 1886.]

SEÇÃO XXX

O MISTÉRIO DO “SOL DA INICIAÇÃO”

Pode-se ter uma idéia mais precisa da antiguidade da DOUTRINA SECRETA quando se mostra o ponto da história em que os seus Mistérios estavam já profanados e postos a serviço de déspotas ambiciosos e de astutos sacerdotes.

Esses dramas religiosos de profunda ciência e filosofia, em que se representavam as grandes verdades do Universo espiritual e da sabedoria oculta, eram já objeto de perseguição muito antes do tempo de Platão e até de Pitágoras. Contudo, as primitivas revelações feitas ao gênero humano não desapareceram com os Mistérios; e ficaram como patrimônio reservado a futuras e mais espirituais gerações.

Conforme dissemos em *Ísis sem Véu*¹, já na época de Aristóteles os grandes Mistérios haviam decaído de sua prístina grandeza e solenidade. Seu ritual estava em desuso, ou havia descambado em grande parte para simples especulações sacerdotais, convertendo-se em pantomimas religiosas.

É inútil dizer quando apareceram na Europa pela primeira vez, inclusive na Grécia, pois que a história documentada (pode-se afirmar) principia com Aristóteles, e tudo quanto se passou antes dele é um inextricável tecido de confusas indicações cronológicas. Basta dizer que no Egito se conheciam os Mistérios desde os dias de Moisés; e que só foram introduzidos na Grécia quando Orfeu os trouxe da Índia.

Em um artigo sob o título: “Era conhecida a escrita antes de Panini?”², declara-se que os Pândus haviam conseguido domínio universal sobre outras raças, ensinando-lhes os Mistérios “sacrificiais”, uns 3300 anos antes de Cristo. Efetivamente, quando Orfeu, filho de Apoio ou Hélios, recebeu de seu pai a *forminge* (a lira de sete cordas, símbolo do sétuplo mistério da Iniciação), já os Mistérios existiam desde remotíssima antiguidade na Ásia Central e na Índia.

(1) Vol. I, pág. 15.

(2) *Five Years of Theosophy*, pág. 258. É uma questão curiosa a debater; apesar de saberem os orientistas que (para citar só um exemplo) ainda se conservam obras de Yalta, antecessor de Panini, e que há dezessete autores de glossários (Nirukta), conhecidos como anteriores a Yalta.

Segundo Heródoto, foi Orfeu quem trouxe os Mistérios da Índia; e Orfeu é muito anterior a Homero e Hesíodo. Assim é que no tempo de Aristóteles só restavam poucos Adeptos verdadeiros na Europa e no Egito. Os herdeiros dos que foram dispersados pela espada vitoriosa dos vários invasores do Egito antigo estavam dispersos por sua vez. Assim como oito ou nove mil anos antes a onda de conhecimento se havia deslizado lentamente das mesetas da Ásia Central para a Índia, a Europa e o Norte da África, cerca de 500 anos antes de Cristo começou ela a refluir para o seu ponto de origem. Durante os dois mil anos seguintes ficou quase totalmente ignorada na Europa a existência de grandes Adeptos. Entretanto, em alguns lugares secretos continuaram os Mistérios a ser celebrados em toda a sua pureza primitiva. O 'Sol da Justiça' ainda refulgia no céu da meia-noite; e, enquanto as trevas se estendiam sobre o mundo profano, a eterna luz dos Santuários Ocultos iluminava as noites da Iniciação.

Nunca foram tornados públicos os *verdadeiros* Mistérios. Eleusínias e Acræ para as multidões; o deus Εὐβουλη) do "bom conselho", a grande divindade órfica, para o neófito.

Quem era o Deus do Mistério, que os simbologistas confundem com o Sol? Todos os que têm uma noção da antiga fé exotérica dos egípcios sabem que para o povo Osíris era o Sol no Céu, o "Rei Celeste", Ro-Imphab; que os gregos chamavam ao Sol "o olho de Júpiter", como para o moderno parse ortodoxo é o "olho de Ormuzd"; que, além disso, o Sol era considerado o "Deus Onividente" (πολύφθαλμος), o "Deus Salvador" e o "Deus Preservador" (Αἰτίων τῆς σωτηρίας).

No papiro de Papheronmes, em Berlim, traduzido por Mariette Bey³, pode-se ler o seguinte:

"Glória a ti, ó Sol, divino infante... teus raios trazem a vida aos puros e aos que estão preparados... Os deuses [os Filhos de Deus], quando de ti se aproximam, estremecem de júbilo e de medo... Tu és o primeiro nascido, o Filho de Deus, o Verbo."⁴

A Igreja apropriou-se dos termos, e interpreta como vaticínios da vinda de Cristo as expressões do ritual da iniciação e as respostas dos oráculos pagãos. Mas nada disso tem fundamento, pois elas se aplicavam a todo iniciado digno. Se nos hinos e nas orações das Igrejas cristãs há expressões que foram usadas milhares de anos antes de nossa era nos escritos hieráticos, é simplesmente porque os latinos delas se apossaram sem a menor cerimônia, esperando que a posteridade nunca o percebesse. Fizeram tudo o que era possível para destruir os manuscritos pagãos; e a Igreja sentiu-se em segurança. Teve o Cristianismo, inegavelmente, seus grandes videntes e profetas, como todas as demais religiões;

(3) *La Mère d'Apis*, pag. 47.

(4) O que acabava de iniciar-se era chamado "primeiro nascido". Na Índia somente depois da suprema e final iniciação recebia o nome de *Dwijja* ("duas vezes nascido"). Todo Adepto é um "Filho de Deus" e um "Filho da Luz" depois que recebe a "Palavra", e passa ele próprio a ser o "Verbo" quando lhe são conferidos os sete atributos divinos ou da "lira de Apoio".

mas nada acrescenta ao seu mérito com infirmar o de seus predecessores.

Ouçamos o que diz Platão:

“Deves saber, ó Glauco, que quando eu falo da produção do bem é ao Sol que me refiro. O Filho tem perfeita analogia com o Pai.”

Diz Jâmblico que o Sol é “a imagem da inteligência divina ou Sabedoria”. Eusébio, repetindo as palavras de Filon chama o Sol nascente (ἀνατολή) de Anjo principal, o mais antigo, acrescentando que o Arcanjo, que é *polyonimous* (de muitos nomes), é o Verbo ou Cristo. A palavra Sol deriva de *solus*, o Único, ou “o que está só”, e o seu nome grego Hélios significa o “Altíssimo”. Deste modo, o emblema se faz compreensível. Nada obstante, os antigos distinguiam entre o Sol e seu protótipo.

Sócrates saudava o nascer do Sol, como ainda hoje o fazem os parses ou zoroastrianos. Homero, Eurípedes e Platão referem-se ao Júpiter-Logos, o “Verbo” ou o Sol. Os cristãos sustentam, porém, que, havendo o oráculo, consultado a respeito do deus Iao, respondido: “É o Sol”, daí se segue que

“os pagãos e os gregos conheciam o Jehovah dos judeus”⁵,

e que “Iao é o nosso Jehovah”. Ora, parece que a primeira parte da proposição nada tem a ver com a segunda, e muito menos se pode admitir como lógica a conclusão. Mas, se os cristãos insistem realmente em estabelecer identidade entre Iao e Jehovah, a tal não se opõem os ocultistas. Só que nesse caso Jehovah é também Baco.

É deveras estranho que os povos da Cristandade civilizada até agora porfiem tanto em agarrar-se à túnica dos judeus — que foram tão sabeus e adoradores do Sol⁶ quanto o populacho da Caldéia — e não cheguem a compreender que Jehovah é a versão judaica do Ja-va ou Iao dos fenícios, nome secreto de um dos muitos deuses do Mistério ou Cabiros.

Para os iniciados dos Mistérios, nunca foi Jehovah o “Deus supremo”, como o consideravam os hebreus; não era senão um Espírito Planetário, relacionado com o Sol visível — e o Sol visível era apenas a Estrela central, e não o Sol espiritual central.

“E o Anjo do Senhor lhe disse [a Manoah]: Por que assim me interrogas sobre o meu nome, sabendo que é secreto?”⁷

(5) Veja-se *Des Esprits*, IV, pág. 15.

(6) *II Reis*, XXIII, 4-14.

(7) *Juizes*, XIII, 18. Sansão, filho de Manoah, foi um iniciado desse Senhor “de Mistério” Ja-va. Antes de nascer, seus pais o destinaram a ser “Nazarita”, isto é, Chela ou Adepto. Seu pecado com Dalila e o corte de seus longos cabelos, que “nenhuma tesoura devia tocar”, denotam como ele soube cumprir os votos sagrados. A alegoria de Sansão prova o esoterismo da *Bíblia*, e também o caráter dos “Deuses de Mistério” dos judeus. Acerta Movers quando define o conceito fenício da luz ideal do Sol: uma influência espiritual que se irradia do Deus Supremo Iao, a “luz só perceptível pela

Em todo o caso, dificilmente se pode contestar a identidade do Jehovah do Monte Sinai com o deus Baco; e sem dúvida que é Dioniso, conforme dissemos em *Ísis sem Véu*⁸. Onde quer que se adorasse a Baco, era conhecida a tradição de Nisso e da caverna em que se criara o deus⁹. Fora da Grécia, era Baco o onipotente "Zagreu, o maior dos deuses", a cujo serviço esteve Orfeu, o fundador dos Mistérios. Deste modo, a não se admitir que Moisés foi um sacerdote iniciado, um Adepto, cujos feitos são narrados em termos alegóricos, será forçoso concluir que tanto ele como o seu povo israelita adoravam a Baco.

"E Moisés edificou um altar, e lhe deu o nome de *Jehovah-nisi* [isto é, Iao-nisi ou Dionisi]." ¹⁰

Para reforçar o asserto, recordaremos que o lugar onde nasceu Osíris, o Zagreu egípcio, ou Baco, foi o monte Sinai, chamado Nisso pelos egípcios. A serpente de bronze era um *nis* (𐤍𐤏), e Nisan é o mês da Páscoa dos judeus.

inteligência — o princípio físico e espiritual de todas as coisas, de que emana a Alma". Era a essência masculina ou Sabedoria; enquanto que a matéria primordial ou *Caos* se considerava como feminina. Assim, os dois primeiros princípios, coeternos e infinitos, eram já, para os fenícios, o espírito e a matéria. Mas este é o eco do pensamento judaico, e não a opinião dos filósofos pagãos.

(8) *Ísis sem Véu*, II, pág. 526.

(9) Dava-se o nome de Nissa à cidade de Bersan ou Citópolis, na Palestina; nome que tinha ligação, portanto, com o do monte Parnaso. Deodoro diz que Nissa estava situada entre a Fenícia e o Egito; Eurípides afirma que o culto de Dioniso viera da Índia para a Grécia, e Deodoro acrescenta o seu testemunho: "Osíris foi criado em Nissa, na Arábia Feliz; era filho de Zeus, e daí o nome Dio-Nisos, derivado de Zeus (genitivo *Dios*) e de Nissa", ou seja; o Zeus ou Júpiter de Nissa. Esta identidade de nomes é muito significativa. Na Grécia, somente Zeus era reconhecido como superior a Dioniso; e Píndaro diz: "O Pai Zeus tudo governa; e também governa a Baco."

(10) *Êxodo*, XVII, 15.

SEÇÃO XXXI

A FINALIDADE DOS MISTÉRIOS

Os primeiros Mistérios que a história registra são os da Samotrácia. Após a distribuição do Fogo puro, começava uma vida nova. Era o novo nascimento do iniciado, que então se tornava, como os brâmanes da Índia, um *dwija* — um “duas vezes nascido”.

Diz Platão no *Fedro*:

“Iniciados no que em verdade se pode chamar o mais bendito e sagrado de todos os mistérios... nós ficamos puros.”¹

Deodoro Sículo, Heródoto e o fenício Sanchoniaton, o mais antigo dos historiadores, afirmam que a origem dos Mistérios se perde na noite dos tempos, remontando provavelmente a milhares de anos antes do período histórico. E Jâmblico nos informa de que Pitágoras

“foi iniciado em todos os Mistérios de Biblos e de Tiro, nas cerimônias sagradas dos sírios e em todos os mistérios dos fenícios”.²

Em *Ísis sem Véu* escrevemos:

“Não fica bem aos nossos críticos modernos julgar os Mistérios [e seus Iniciados] só pelas aparências externas, quando vemos que homens de conhecida austeridade moral como Pitágoras, Platão e Jâmblico deles participavam e a eles se referiam com a maior veneração.”³

Mas é o que até agora tem feito a crítica, e sobretudo os Padres cristãos.

(1) *Fedro*, trad. inglesa de Cary, pág. 326.

(2) *Vida de Pitágoras*, pág. 297. “Tendo passado”, acrescenta Jâmblico, “vinte e dois anos nos santuários dos templos do Egito e em companhia dos Magos da Babilônia, que o instruíram em sua venerável ciência, não é de admirar que Pitágoras fosse versado em Magia e Teurgia, e chegasse, portanto, a realizar coisas que transcendiam a capacidade ordinária do homem e pareciam de todo incríveis aos olhos do mortal comum” (pág. 298).

(3) *Op. cit.*, I, pág. 287

Clemente de Alexandria estigmatiza os Mistérios, tachando-os de “obscenos e diabólicos”, embora em outras passagens de sua obra (que já tivemos ocasião de citar) afirme que os Mistérios de Elêusis eram idênticos aos dos judeus, e até copiados destes.

Dividiam-se os Mistérios em duas partes: os Mistérios menores, praticados em Agra, e os Mistérios maiores, em Elêusis. O próprio Clemente de Alexandria foi iniciado neles. Mas nunca se compreendeu bem o que era a Catarse, ou prova de purificação. Jámblico fala sobre a parte mais difícil dessa prova, e sua explicação devia satisfazer, pelo menos aos que se não deixaram cegar pelo preconceito.

“As representações desta espécie durante os Mistérios tinham o objetivo de nos libertar das paixões licenciosas, proporcionando deleite à vista e, ao mesmo tempo, o completo domínio sobre todo pensamento mau, através da grandeza e santidade que transluziam de todo o ritual.”

Observa o Dr. Warburton:

“Os melhores e os mais sábios homens do mundo são unânimes em reconhecer que os Mistérios eram uma instituição pura, que se propunha os mais nobres fins, pelos meios mais meritórios.”

Conquanto nos Mistérios fossem aceitas pessoas de ambos os sexos e de qualquer condição, que tinham até uma participação obrigatória neles, mui poucos eram, em verdade, os que alcançavam a suprema e final iniciação. Proclo, no quarto livro de sua *Teologia de Platão*, menciona os seguintes graus dos Mistérios:

“O rito de aperfeiçoamento precede a iniciação Telete, *Muesis*, e a iniciação *Epopsia*, ou apocalipse final [revelação].”

Teon de Esmirna, em sua obra *Matemática*, divide o ritual místico em cinco partes:

“A primeira é a purificação preliminar; porque os Mistérios não são comunicados a todos os que desejam conhecê-los, e algumas pessoas há que a voz do pregoeiro manda apartar... Para que elas não sejam excluídas dos Mistérios, necessário é que se submetam a certas purificações; e somente depois é que são admitidas aos sagrados ritos. A terceira parte se chama *Epopsia*, ou recepção. E na quarta, objetivo final da revelação, se dá a investidura, com o enfaixamento da cabeça e a colocação das coroas... depois disso, [o iniciado] pode ser um porta-archote ou um hierofante dos Mistérios, ou encarregar-se de outro setor do ofício sacerdotal. Mas a quinta parte — resultante de todas as anteriores — é a amizade e a comunhão interior com Deus. Era este o último e o mais importante de todos os Mistérios.”⁵

(4) Esta expressão não deve ser tomada ao pé da letra; pois (tal como na iniciação de algumas fraternidades) tem um significado secreto, já apontado por Pitágoras ao descrever suas impressões depois da iniciação, quando diz que foi coroado pelos deuses, em cuja presença bebeu “as águas da vida”. Nos Mistérios hindus havia a fonte da vida, e a bebida sagrada era o *soma*.

(5) T. Taylor, *Eleusinian and Bacchic Mysteries*. págs. 46-47.

A instituição dos Mistérios, hoje ridicularizada por certos escritores e qualificada como diabólica pelos Padres da Igreja, inspirou-se em propósitos os mais elevados e éticos. Desnecessário repetir aqui — pois já o dissemos em *Ísis sem Véu*⁶ — que, ou pela iniciação no templo, ou pelo estudo privado da Teurgia, todos os estudantes adquiriam a certeza e a prova da imortalidade do seu Espírito, e da sobrevivência da sua Alma.

Platão refere-se no *Fedro* ao que era a *Epopsia* final:

“Uma vez *iniciados* nestes *Mistérios*, os mais sagrados de todos, assim podemos dizer... ficávamos livres de males que, de outro modo, nos aguardariam em época futura. E em virtude desta divina *iniciação* ainda nos tornávamos espectadores de simples, completas, inalteráveis e benditas visões, que apareciam banhadas de uma luz argentea.”⁷

Esta velada confissão indica que os iniciados gozavam da Teofania: a visão dos Deuses e dos Espíritos imortais.

Conforme a acertada conclusão de Taylor:

“A parte mais sublime da *Epopsia* ou revelação final consistia na contemplação dos próprios Deuses [os elevados Espíritos Planetários], envoltos em resplandecente luz.”⁸

E Proclo declara em termos inequívocos:

“Em todas as iniciações e mistérios, os Deuses apareciam sob formas várias. Algumas vezes, deles não se via mais que uma luz indefinida; em outras, a luz tomava formas humanas, ou se mostrava com aspectos diferentes.”⁹

Vemos ainda, no *Livro de Shet* (ou do profeta Zirtusht):

“Tudo quanto existe na terra é a semelhança e a sombra de algo que está na esfera; enquanto esta resplendente coisa [o protótipo da Alma-Espírito] permanece *imutável*, o mesmo sucede com sua sombra. Quando a resplendente coisa se distancia da sombra, a vida também se afasta [desta última]. Por sua vez, essa luz é a sombra de algo ainda mais resplandecente que ela.”¹⁰

Assim fala o *Desâtir*, mostrando com isso a identidade de suas doutrinas esotéricas com as dos filósofos gregos.

A segunda afirmação de Platão confirma que os Mistérios antigos eram idênticos aos que ainda hoje praticam os budistas e os Adeptos hindus. Visões as mais sublimes e verdadeiras se obtinham por meio de uma disciplina metódica de iniciações graduais e com o desenvolvimento de poderes psíquicos. Os Mistas, na Europa e no Egito, se punham em íntima comunhão com aqueles a

(6) Vol. II, pgs. 111, 113.

(7) *Eleusinian and Bacchic Mysteries*, pág. 63

(8) *Op. cit.*, pág. 65

(9) Citado por Taylor, pág. 66

(10) Versículos 35-38

quem Proclo chama “naturezas místicas” e “Deuses resplandecentes”, porque, como diz Platão,

“éramos puros e imaculados, livres desta vestimenta a que damos o nome de corpo, e à qual estamos presos como a ostra à sua concha”¹¹.

Com relação ao Oriente, dissemos em *Ísis sem Véu*:

“A doutrina dos Pitris planetários e terrestres só era revelada *por inteiro*, na Índia antiga, como ainda hoje ocorre, no derradeiro momento da iniciação, e aos Adeptos de graus superiores.”¹²

Podemos agora explicar a palavra *Pitris* e acrescentar algo mais.

Na Índia, o chela do terceiro grau da iniciação tem dois Gurus ou Mestres: um é o Adepto em seu corpo físico; o outro, o desencarnado e glorioso Mahatma, que é também o conselheiro e instrutor dos Adeptos elevados. Poucos são os chelas aceitos que chegam a ver o seu Mestre vivo, o seu Guru, até o dia e a hora em que profere o voto definitivo e perpétuo. Foi isso o que demos a entender em *Ísis sem Véu*, quando escrevemos que poucos *faquires*¹³, por mais

“puros, sinceros e devotados que sejam, têm visto a forma de um pitar [antepassado ou pai] *humano* em seu corpo etéreo antes dos instantes solenes da primeira e da última iniciação. É em companhia de seu instrutor, de seu Guru, e precisamente antes que o *vatu-faquir* [o chela recém-iniciado] seja enviado ao mundo dos vivos, com sua vareta de bambu de sete nós por única proteção, que ele se vê subitamente posto face a face com a PRESENÇA desconhecida [de seu Pitar ou Pai, o glorioso Mestre invisível, o Mahatma desencarnado]. Contempla-o, e prostrar-se aos pés da forma impalpável; mas o grande segredo desta evocação não lhe é confiado, porque é o mistério supremo da sílaba sagrada”.

Conforme diz Eliphas Lévi, o iniciado *sabe*; e, por isso, “a tudo arrosta, e guarda silêncio. Diz o grande cabalitsa francês:

“Podeis vê-lo muitas vezes triste, nunca abatido ou desesperado; muitas vezes pobre, nunca envilecido nem miserável; muitas vezes perseguido, nunca acovardado nem vencido. Porque ele se recorda da viuvez e do assassinato de Orfeu, do exílio e da morte solitária de Moisés, do martírio dos profetas, das torturas de Apolônio, da cruz do Salvador; sabe em que estado de abandono morreu Agripa, cuja memória ainda hoje se calunia; sabe que provações teve de sofrer o grande Paracelso, e quanto suportou Raimundo Lula antes de ser-lhe infligida morte violenta. Recordar-se de que Swedenborg teve que simular insanidade, e até perdeu a razão, antes que lhe fosse perdoada a sua ciência; de que Saint Martin se viu obrigado a ocultar-se a vida toda; de que Cagliostro morreu abandonado nas

(11) *Fedro*, 64; citado por Taylor, pág. 64

(12) Vol. II, pág. 114.

(13) Então era desconhecida na Europa e na América a palavra *chela* (discípulo).

masmorras da Inquisição¹⁴; de que Cazotte subiu ao cadafalso. Sucessor de tantas vítimas, ele, o Iniciado, nada teme, mas compreende a necessidade de calar-se.”¹⁵

A Maçonaria assenta, segundo a grande autoridade de Ragon, sobre três graus fundamentais. Não a associação política conhecida como Loja Escocesa, mas a verdadeira e autêntica Maçonaria, alguns de cujos ritos são ainda conservados no Grande Oriente da França, e que Elias Ashmole, o célebre filósofo e ocultista inglês do século XVII, tentou em vão refundir nos moldes dos Mistérios da Índia e do Egito. O triplice dever de um maçom é estudar *de onde vem, quem é e para onde vai*; ou seja, o estudo de Deus, de si mesmo e da transformação futura¹⁶.

A iniciação maçônica foi decalcada sobre a dos Mistérios menores. O terceiro grau era conhecido desde tempos imemoriais, tanto no Egito como na Índia, e sua reminiscência ainda perdura nas Lojas atuais com a denominação de “morte e ressurreição de Hiram Abiff, o Filho da Viúva”. No Egito, este último se chamava “Osíris”; na Índia, “Loka-chakshu” (Olho do Mundo), e também “Dinakara” (o autor do dia), isto é, o Sol. Em toda a parte o próprio rito tinha o nome de “porta da morte”. O ataúde ou sarcófago de Osíris, morto por Tífon, era colocado no centro da Sala da Morte, com o neófito junto a ele e os iniciados em redor. Perguntava-se ao neófito se havia participado do assassinio; apesar de sua resposta negativa, e depois de passar por várias e duras provas, o Iniciador fingia golpeá-lo na cabeça com uma acha. Em seguida, era derrubado, e o corpo envolto em faixas como uma múmia; e derramavam-se lágrimas sobre ele. Sucediavam-se então os relâmpagos e os trovões; e o suposto cadáver era rodeado pelas chamas, até que, finalmente, se fazia levantar o candidato.

Ragon alude ao rumor de que, desempenhando em certa ocasião o imperador Cômodo o papel de Iniciador, o fez com tal realismo que chegou a matar o iniciado quando lhe assentou o golpe com a acha. Este fato mostra que os Mistérios menores não estavam de todo desaparecidos no século segundo de nossa era.

Os atlantes introduziram os Mistérios na América do Sul e na América Central, no Norte do México e no Peru, naqueles tempos em que

“Um peão vindo do Norte [onde outrora era também a Índia] podia alcançar, quase sem molhar os pés, a península do Alasca através da Mandchúria, do futuro golfo da Tartária e das ilhas Curilas e Aleútes; enquanto outro viajante, partindo do Sul, e provendo-se de uma canoa, podia atravessar o Sião, cruzar as ilhas da Polinésia e prosseguir a pé até o continente sul-americano.”¹⁷

Até a época da invasão espanhola, continuaram a existir os Mistérios. Os invasores destruíram os anais do México e do Peru; mas não puderam tocar com suas mãos sacrílegas as numerosas pirâmides (Lojas de uma vetusta Iniciação), cujas ruínas juncam as regiões de Puente Nacional, Cholula e Teotihuacan.

(14) Não é exato, e o Abade Constant (Eliphaz Lévi) o *sabia*. Por que publicou uma inverdade?

(15) *Dogme de la Haute Magie*, I, págs. 219-20.

(16) *Orthodoxie Maçonnique*, pág. 99.

(17) *Five Years of Theosophy*, pág. 214.

São sobejamente conhecidas as ruínas de Palenque, Ocozingo em Chiapas, e outras na América Central. Se as pirâmides e os templos em Guíngola e de Mitla algum dia revelaram seus segredos, a presente DOUTRINA demonstrará que foi uma precursora das maiores verdades da Natureza. Por enquanto, todos esses lugares bem que se podem chamar *Mitla*, "lugar de tristeza" e "mansão dos mortos (profanados)".

SEÇÃO XXXII

VESTÍGIOS DOS MISTÉRIOS

Diz, no artigo sobre o "Soll", a *Real Enciclopédia Maçônica*:

"Em todos os tempos, o Sol desempenhou importante papel como símbolo, especialmente na Franco-Maçonaria. O V.º M.º representa o Sol nascente; o S.º V.º o Sol meridiano; e o P.º V.º o Sol poente. Nos ritos druídicos, o arquidruída personificava o Sol e era assistido por dois outros oficiais, um representando a Lua no Ocidente, e o outro o Sol ao Sul em seu meridiano. É inteiramente inútil entrar em discussões prolixas acerca deste símbolo."

Tanto mais "inútil" porque Ragon já o discutiu amplamente, como se pode ver das citações feitas no final da Seção XXIX. Dissemos ali que a Maçonaria elaborou os seus ritos segundo o modelo oriental. E se é exato afirmar dos modernos Rosa-cruzes que "os seus conhecimentos caóticos talvez não sejam uma aquisição muito desejável", a observação é ainda mais verdadeira quando aplicada a todos os outros ramos da Maçonaria, pois os seus membros *nada* sabem do significado dos símbolos que adotam.

Muitas hipóteses, qual a qual mais inverossímil, têm sido aventadas, como, por exemplo, no caso das "Torres Redondas" da Irlanda, que bem ilustra a ignorância dos maçons. Segundo a *Real Enciclopédia Maçônica*, a idéia de que estejam relacionadas com a iniciação maçônica pode excluir-se desde logo, e nem merece exame. As "torres" que se encontram por toda a parte no Oriente da Ásia tinham relação com os Mistérios da Iniciação, nomeadamente com os ritos de Vishvakarman e Vikartana. Os candidatos à iniciação eram nelas encerrados durante três dias e três noites, sempre que não havia nas proximidades um templo dotado de cripta subterrânea. Não foi outro o objetivo que presidiu à construção dessas torres redondas. Monumentos de origem pagã, têm sido descreditadas pelo clero cristão, que desse modo "macula o próprio ninho"; mas permanecem ainda como relíquias indestrutíveis da sabedoria do passado.

Em nosso mundo objetivo e ilusório, nada há que não possa ser utilizado com dois fins: para o bem e para o mal. E foi assim que, nos últimos tempos, os antropomorfistas e os iniciados da *Via da Esquerda* se apropriaram da maior parte daquelas venerandas ruínas silenciosas, abandonadas por seus primitivos e sábios moradores, e as transformaram em monumentos fálicos.

Mas isto foi uma deturpação intencional e premeditada de seu verdadeiro significado, um desvio de seu primeiro uso.

O Sol, posto que sempre fosse, inclusive para os profanos, *μόνος οὐρανοῦ θεός* “o único e exclusivo Rei e Deus no Céu”, e o *Εὐβουλή* “o Deus do Bom Conselho” de Orfeu, teve em todas as religiões exotéricas um aspecto dual, antropomorfizado por aqueles. Assim, o Sol era Osíris-*Tifon*, Ormuzd-*Ahriman*, Bel-Júpiter e *Baal*, isto é, o luminar que dá a vida e dá a morte. E o mesmo monólito, a mesma coluna, pirâmide, torre ou templo, edificado originariamente para glorificar o primeiro princípio, ou aspecto superior, pôde com o tempo transverter-se no altar de um ídolo; ou, pior ainda, num emblema fálico em sua forma crua e brutal. O *Lingam* dos hindus tem um significado espiritual e altamente filosófico; mas os missionários nele só vêem um “emblema obsceno”, quando seu significado é o mesmo daqueles “baalim”, “chammanim” e “bamoth” com as colunas de pedra não talhada a que se refere a *Bíblia*, erigidas em honra do Jehovah masculino. Isso, porém, em nada altera o fato de que os *pureia* dos gregos, os *nur-hags* da Sardenha, os *teocalli* do México, etc, tivessem em sua origem caráter idêntico ao das “Torres Redondas” da Irlanda. Eram lugares sagrados de iniciação.

Em 1877, quem escreve estas linhas, apoiando-se nas opiniões de eminentes eruditos, atreveu-se a afirmar que há grande diferença entre os termos *Chrestos* e *Christos*, diferença que encerra profunda significação esotérica. Porque, enquanto *Christos* quer dizer “viver” e “nascer para uma vida nova”, *Chrestos*, na linguagem da iniciação, significa a morte da natureza interna, inferior ou pessoal do homem; o que dá a explicação do título bramânico de “duas vezes nascido”. E finalmente afirmou que

“muito tempo antes do Cristianismo havia *crestãos*, e entre eles estavam os essênios”.¹

Por causa desta declaração investiram para a autora com os mais ignominiosos epítetos. Mas, então como hoje, nunca ela ousou fazer uma afirmação de tanta seriedade sem contar com o apoio de quantas autoridades seja possível consultar.

Assim dizia na página seguinte:

“Observa Lepsius que a palavra *Nofre* significa *Chrestos* (o bom), e que ‘*Onnofre*’ um dos nomes de Osíris, equivale a ‘manifestação da bondade de Deus’. Sobre isto diz Mackenzie: ‘Naqueles primeiros tempos não era universal o culto de Cristo, isto é, não se havia ainda introduzido a Cristolatria; mas desde muitos séculos antes já existia o culto de *Chrestos* (o Bom Princípio), que até sobreviveu à difusão do Cristianismo, do que fazem prova monumentos existentes ainda hoje... E há um epitáfio pré-cristão com os seguintes dizeres:’

Υακινθε Λαρισαιων Δημοσιε Πρωξ Χρηστ Χαιρε

(1) Na *Epístola I de São Padro*, II, 3 Jesus é chamado “o Senhor *Chrestos*” (na Versão Grega, não na Versão Autorizada e Revista de Douay).

(2) *Spon, Misc. Erud.*, Ant., X, XVIII, 2.

Em seu livro *Roma Sotteranea*³, Rossi nos oferece outro exemplo em uma inscrição que reza: *Elia Chreste iti Pace* [*Elie, com Chrestos, em paz*].⁴

A todos esses testemunhos pode a autora hoje acrescentar o de um erudito escritor, que apóia sua opinião em uma demonstração geométrica. Em *The Source of Measures*, cujo autor talvez jamais tivesse ouvido falar no 'Deus de Mistério' Vishvakarman dos primitivos árias, há uma passagem bem curiosa, com várias notas e explicações. Ao tratar da diferença entre os termos Chrestos e Christos, conclui dizendo:

"Houve dois Messias. Um que desceu ao abismo para salvar o mundo: era o Sol, despojado de seus raios de ouro e coroado (para simbolizar esta perda) de raios negros como os espinhos. O outro era o vitorioso Messias que subiu ao topo do arco celeste e foi personificado no *Leão da tribo de Judd*. Em ambos os casos, o Messias carregou a cruz: no primeiro, como sinal de humildade; e no outro, para regular a lei da criação, sendo ele Jehovah."

E o autor passa a dar-nos a "prova" de que "houve dois Messias", como acima afirma. Deixando o divino e místico caráter de Jesus de todo independente do fato de sua vida mortal, ele o apresenta, sem nenhuma dúvida, como iniciado nos Mistérios egípcios, em cujo ritual figuravam a Morte e a Ressurreição espiritual do neófito, ou seja, a paixão do Chrestos em suas provas, e o novo nascimento pela regeneração — pois este era um rito universalmente observado.

O "abismo" aonde descia o iniciado oriental, conforme já dissemos, era Pâtâla, uma das sete regiões inferiores, governada por Vāsuki, o grande "Deus-serpente". Tem o Pâtâla, no simbolismo oriental, a mesma significação múltipla que Sir Ralston Skinner descobriu na palavra hebraica *shiac*, aplicada ao presente caso. Era um sinônimo de Escorpião, porque as profundezas de Pâtâla estavam "impregnadas do esplendor do novo Sol", representado pelo "nascido de novo" na glória; e Pâtâla era e é em certo sentido "um abismo, um túmulo, o lugar da morte e a porta do Hades, ou Sheol" — assim como, nas iniciações parcialmente exotéricas da Índia, devia o candidato passar pela matriz da novilha, antes de chegar a Pâtâla.

Em seu sentido não místico, Pâtâla é a região dos antípodas: na Índia, entende-se por Pâtâla o continente americano. Mas, simbolicamente, significava tudo aquilo e muito mais. E sua direta relação com a iniciação pode inferir-se do seguinte: a divindade que governa Pâtâla é representada no Panteão hindu como a grande Serpente ou Nāga, que os deuses e os Asuras empregaram à guisa de corda ao redor da montanha de Megara, para malaxar as águas do oceano e extrair delas o Amrita, o néctar da imortalidade.

Porque essa divindade (Vāsuki) é também a serpente Shesha, que serve de leito a Vishnu, e sustenta os sete mundos. É ainda Ananta, "o infinito", o

(3) Vol. I, tab. XXI.

(4) *Ísis sem Véu*, II, pág. 323.

símbolo da eternidade — e daí o “Deus da Sabedoria Secreta”, rebaixado pela Igreja ao papel de serpente tentadora, de Satã.

Tudo isso pode comprovar-se pela evidência mesma das exposições exotéricas dos atributos de vários deuses e sábios dos panteões hindus e budistas.

Dois exemplos serão suficientes para demonstrar quão pouco os nossos melhores e mais eruditos orientalistas são capazes de interpretar leal e corretamente o simbolismo dos povos orientais, quando ignoram os pontos de correspondência que só o ocultismo e a DOUTRINA SECRETA podem proporcionar.

1.º — O ilustre orientalista Professor Emílio Schlagintiweit, que tem viajado pelo Tibete, menciona em uma de suas obras uma lenda sobre esse país — uma lenda nacional, que ele assim resume:

“Nágârjuna [um personagem ‘mitológico’, ‘sem existência real’, segundo a opinião do sábio alemão] recebeu dos Nâgas o livro Paramârtha, ou, conforme outros, o livro *Avatamsaka*. Os Nâgas eram criaturas fabulosas com a natureza das serpentes, que pertenciam à categoria de seres superiores ao homem, e considerados protetores da lei de Buddha. Conta-se que Shâkyamuni ensinou a esses seres espirituais um sistema religioso muito mais filosófico do que o ensinado aos homens, os quais não estavam então bastante adiantados para recebê-lo.”⁵

Não o estão ainda hoje; pois “o sistema religioso mais filosófico” é o da DOUTRINA SECRETA, a Filosofia Oculta oriental, a pedra angular de todas as ciências, sempre rejeitada pelos imprudentes construtores, e agora talvez mais do que nunca, com a presunção própria da época atual. A alegoria significa simplesmente que, havendo sido Nagarjuna iniciado pelas “serpentes” (os Adeptos, os “sábios”), os brâmanes o expulsaram da Índia, temerosos de ver divulgados os mistérios de sua ciência sacerdotal (o que foi a verdadeira causa do seu ódio ao budismo); e então Nagarjuna se retirou para a China e o Tibete, onde iniciou muitas pessoas nos Mistérios ocultos ensinados por Gautama Buddha.

2.º — Não foi ainda compreendido o simbolismo oculto de Nârada, o grande Rishi, autor de alguns hinos do *Rig Veda*, que reencarnou mais tarde, no tempo de Krishna. Entretanto, de acordo com as Ciências Ocultas, Nârada, filho de Brahmâ, é um dos mais importantes personagens; em sua primeira encarnação está diretamente relacionado com os “Construtores”, e, portanto, com os sete Espíritos “Reitores” que, segundo a Igreja cristã, assistiram Deus na obra da criação. Esta grande personificação quase não foi advertida pelos orientalistas, que aludem apenas ao que Nârada teria declarado a respeito de Pâtâla, isto é, que “era um lugar de gozos sexuais e sensuais”. Consideram divertido este conceito, e sugerem a idéia de que Nârada “achou muito agradável o lugar”. Mas a frase indica tão somente que ele foi um Iniciado, em relação direta com os Mistérios, e que transpôs, como todos os outros neófitos que o precederam e sucederam, o “abismo entre os abrolhos”, na “condição de *Chrestos* sacrificial”, como a sofrida vítima que ali tem de descer — um mistério em verdade!

(5) *Buddhism in Tibet*. pág. 31.

Nârada é um dos sete Rishis, os “filhos da mente de Brahmâ”. Sua história confirma que durante sua encarnação foi um grande Iniciado, e que, tal como Orfeu, fundou os Mistérios. Reza o *Mahâbhârata* que Nârada, tendo frustrado o plano formado para povoar o Universo, porque desejava manter-se fiel ao seu voto de castidade, foi amaldiçoado por Daksha e condenado a um novo nascimento. Além disso, em sua vida durante a época de Krishna, foi ainda acusado de chamar de “falso mestre” ao seu pai Brahmâ, porque este o aconselhou a casar-se, recusando-se ele a obedecer. Mostra isso que era um Iniciado, contrariando assim o culto e a religião ortodoxa.

É curioso vermos este Rishi e chefe entre os “Construtores” e a “Legião celestial” com a mesma significação e dignidade do arcanjo Miguel na religião cristã. Ambos são varões “Virgens”, e ambos os únicos, em suas respectivas “legiões”, que se recusam a criar. Diz-se que por Nârada foram os Hari-ashvas dissuadidos de procriar; eram eles os cinco mil filhos de Daksha, que este havia destinado a povoar a terra. Desde então, os Hari-ashvas “se dispersaram por todas as regiões, e nunca mais regressaram”. Serão os Iniciados porventura encarnações dos Hari-ashvas?

No sétimo dia, que era o terceiro da prova final, ressurgia o neófito como homem regenerado que, depois de seu segundo nascimento espiritual, voltava à terra glorificado e vencedor da morte: era um Hierofante.

No livro de Moor intitulado *Hindu Pantheon*, pode ver-se uma lâmina em que se representa um neófito oriental em sua condição de *Chrestos*. O autor, porém, se equivoca ao tomar por Krishna a figura de Vithoba, o Sol ou Vishnu crucificado, chamando-o “Krishna crucificado no espaço”. Essa gravura aparece também em *Monumental Christianity*, do Dr. Lundy, obra em que o seu conspícuo autor reuniu grande número de provas dos “símbolos cristãos antes do Cristianismo”. Apresenta Krishna e Apolo “bons pastores” — Krishna sustentando a Concha cruciforme e o Chakra, e o mesmo Krishna “crucificado no espaço”, conforme a expressão do autor. Sobre esta figura, pode-se realmente dizer com o Dr. Lundy:

“Creio que essa representação é anterior ao Cristianismo... Em muitos aspectos semelha um crucifixo cristão... o desenho, a atitude, os sinais dos cravos nas mãos e nos pés, indicam uma origem cristã; mas a coroa parta de sete pontas, a ausência do lenho e da inscrição usual, e os raios de glória no alto, denotam origem diversa. Seria o homem-vítima, ou o sacerdote e a vítima, reunidos em um na mitologia hindu, oferecendo-se em sacrifício antes que existissem os mundos?”

Certamente que assim é.

“Seria porventura aquele segundo Deus de Platão, que a si mesmo se representava no Universo, sob a forma da cruz? Ou seria o seu homem divino, que devia ser açoitado, torturado, agrilhoado, ter os olhos queimados, e finalmente... ser *crucificado*?”

É tudo isso e muito mais. A filosofia religiosa arcaica era universal, e os seus Mistérios tão velhos quanto o homem. É o eterno símbolo do Sol (astronomicamente purificado), cuja mística regeneração era personificada pelos Iniciados,

em memória de uma Humanidade inocente, em que todos eram “Filhos de Deus”. Agora o gênero humano se converteu realmente em “Filho do Mal”. Mas com isto se diminui a dignidade de Cristo como ideal, e a de Jesus como homem divino? De maneira nenhuma. Ao contrário; conferir-lhe situação singular e única, glorificá-lo com primazia sobre todos os outros “Filhos de Deus”, isto só pode suscitar maus sentimentos entre os povos não cristãos, provocando-lhes o ódio e conduzindo a guerras e lutas iníquas. Por outra parte, se o incluímos em uma longa série de “Filhos de Deus” e Filhos da Luz divina, cada homem pode livremente escolher, entre aqueles vários ideais, o Deus a invocar em seu auxílio e a adorar assim na terra como no céu.

Muitos dos chamados “Salvadores” foram “bons pastores”, como Krishna por exemplo, e de todos eles se diz que “esmagaram a cabeça da serpente” — isto é, que venceram sua natureza sensual e conquistaram a oculta e divina Sabedoria. Apolo matou a serpente Piton, fato que o excluiu da acusação de ser ele próprio o grande Dragão, ou Satanás; Krishna externou a serpente negra Kálinâga; e o Thor escandinavo esmagou também a cabeça do simbólico réptil com a sua maça cruciforme.

No Egito, as cidades mais importantes estavam separadas do cemitério por um lago sagrado. O mesmo cerimonial do julgamento, que se realizava no mundo espiritual, tal como o descreve o *Livro dos Mortos* (“esse inestimável e misterioso livro”, no dizer de Bunsen), também se cumpria na terra durante os funerais da múmia. Quarenta e dois juizes ou assessores se reuniam à margem do rio e julgavam a “Alma” do defunto pelos atos praticados na terra. Depois, voltavam os sacerdotes ao recinto sagrado e informavam os neófitos da sorte provável da alma e do drama solene que nesse momento se representava no invisível reino para onde ela tinha partido. O *Al-om-jah*, ou hierofante supremo, incutia vigorosamente nos neófitos a crença na imortalidade do espírito.

Vejam agora um sucinto relato de quatro dos sete graus de Iniciação, nos Mistérios de Crata Nepoa celebrados pelos sacerdotes egípcios.

Depois de submeter-se em Tebas à prova preliminar das “doze torturas”, ao neófito se exigia que, para sair triunfante, dominasse as próprias paixões e nunca esquecesse, por um instante sequer, a idéia de seu Deus interior ou sétimo princípio. A seguir, para simbolizar o curso errante da Alma não purificada, tinha que subir uma série de escadas, e vagar nas trevas de uma caverna com muitas portas, todas fechadas. Vencidas estas provas, recebia o grau de Pastóforo, ao qual sucediam o segundo e o terceiro grau — os de Neócoro e Melanóforo. Então, conduzido a uma espaçosa câmara em que jaziam várias múmias, ficava em presença do ataúde que continha o corpo mutilado de Osíris. Essa câmara subterrânea era chamada “Portas da Morte”, e daí este versículo do *Livro de Job*:

“Diante de ti se abriram as portas da morte? Ou viste as portas da sombra da Morte?”⁶

(6) *Job*. XXXVIII, 17.

Assim pergunta o “Senhor”, isto é, o hierofante, o *Al-om-jah*, o Iniciador de Job, aludindo ao terceiro grau da iniciação. Porque o *Livro de Job é por excelência* o poema da iniciação.

Quando o neófito havia dominado os terrores dessa prova, era levado à “Câmara dos Espíritos” para que eles o julgassem. Entre outras regras de conduta recomendavam-lhe as seguintes:

“Não alimentar jamais desejos de vingança. Estar sempre disposto a ajudar um irmão em perigo, ainda que arriscando a própria vida. Dar sepultura aos mortos. Honrar pai e mãe acima de tudo. Respeitar os mais velhos e proteger os fracos. Ter sempre em mente a hora da morte e a da ressurreição em um novo e imperecível corpo.”

A pureza e a castidade eram especialmente encarecidas, e o adultério ameaçado com a pena de morte.

O neófito obtinha, assim, o grau de Cristóforo, e então lhe era comunicado o misterioso nome de IAO.

Compare o leitor os sublimes preceitos acima com os de Buddha e com os nobres mandamentos da “Regra de Vida” dos ascetas da Índia, e compreenderá a universalidade da DOUTRINA SECRETA.

É impossível negar, mas também não há como censurar a presença de um elemento sexual em muitos símbolos religiosos, sabido que nas tradições de todos os povos o homem da primeira raça “humana” não nasceu de pai e mãe. Desde os gloriosos “Filhos da mente de Brahmâ”, os Rishis; desde Adão Kadmon, com suas Emanações, os Sefirot, até os Anupâdakas “sem pais”, ou os Dhyâni-Buddhas, de quem provieram os Bodhisattvas e os Iniciados terrestres (homens) — a Primeira Raça foi considerada por todas as nações como formada de homens que nasceram sem pai nem mãe. O Homem — o “Manushi-Budsha”, o Manu, o “Enoch”, filho de Seth, ou o “Filho do Homem” (como é chamado) — veio a nascer pelo processo atual somente como consequência, como fatalidade inevitável da lei de evolução natural.

Quando o gênero humano chegou ao ponto extremo, o ponto de reversão, em que sua natureza espiritual devia ceder o passo à organização puramente física, teve que “cair na matéria” e na geração. Mas a evolução e a involução do homem são cíclicas: ele terminará como começou. Claro que às nossas mentes grosseiras e materiais tudo sugere idéias de materialidade; tudo, inclusive o sublime simbolismo do Cosmos, concebido na matriz do Espaço depois que a suprema Unidade penetrou ali, e a fecundou com o seu divino *Fiat*. Não se dava o mesmo com a humanidade primitiva.

O rito de iniciação da Vítima, que se sacrifica nos Mistérios e morre espiritualmente para salvar o mundo da destruição (na realidade, do despovoamento), foi instituído durante a Quarta Raça, em memória de um sucesso que, fisiologicamente, constitui hoje o mistério dos mistérios entre os enigmas deste Mundo.

Nas escrituras judaicas, Caim (masculino) e Abel (feminino) simbolizam o casal que se oferece em sacrifício — imolando-se a si mesmos (como per-

mutações de Adão e Eva, ou o dual Jehovah) e vertendo o próprio sangue “de separação e unidade”, pelo amor e salvação do gênero humano, e para inaugurar uma nova espécie ou raça fisiológica.

Mais tarde, conforme já dissemos, devia ainda o neófito, para renascer em sua perdida condição espiritual, passar pelas entranhas (a matriz) de uma novilha virgem⁷, sacrificada durante a cerimônia — o que representava também um grande mistério, alusivo ao processo do nascimento, ou melhor, à primeira entrada do homem neste mundo através de Vâch (a melodiosa vaca que proporciona o alimento e a água), o Logos feminino. Significava ainda o auto-sacrifício do “divino Hermafrodita” na Terceira Raça, a transformação da humanidade em homens realmente físicos, após a perda do poder espiritual.

Quando o homem entrou a saborear o fruto do mal paralelamente com o fruto do bem, a consequência foi a atrofia gradual de sua espiritualidade e o fortalecimento nele da materialidade. Este é o mistério do Hermafrodita, que os antigos mantiveram tão velado e secreto.

Não foi nem a ausência de sentimentos morais, nem o predomínio da grosseira materialidade, o que induziu os homens a considerar os seus deuses com um aspecto dual; foi antes o seu conhecimento dos mistérios e dos processos da primitiva Natureza. Dominavam melhor do que nós a ciência da fisiologia. E é aí que jaz oculta a chave do simbolismo da antiguidade, o verdadeiro foco do pensamento nacional; a chave das estranhas imagens bissexuais de quase todos os deuses e deusas dos panteões pagãos e monoteístas.

Diz Sir William Drummond em sua obra *Edipus Judaicus*:

“As verdades científicas eram os arcanos dos sacerdotes, porque constituíam as bases da religião.”

Mas que direito têm os missionários de criticar tão acerbamente os Vaishnavas e os adoradores de Krishna por causa do suposto significado obsceno de seus símbolos, se reconhecido está, por todos os autores que se não deixaram cegar pelo preconceito, que “Chrestos no Abismo” (seja este Abismo interpretado no sentido de sepulcro ou no de inferno) continha igualmente um elemento sexual, desde a própria origem deste símbolo?

Ninguém hoje o pode contestar. Os “Irmãos Rosa-cruzes da Idade Média foram, na Europa, tão bons cristãos quanto os outros; e, sem embargo, todos os seus ritos se baseavam em símbolos de significado predominantemente fático e sexual. Biógrafo dos Rosa-cruzes e grande autoridade na matéria, Hargrave Jennings, referindo-se a essa Fraternidade, diz que

“as torturas e o sacrifício do Calvário, a paixão da Cruz, representavam, na gloriosa e divina magia dos Rosa-cruzes, e em seu triunfo, o protesto e o apelo”.

Protesto — de quem? O protesto da Rosa crucificada, o mais grandioso

(7) Os árias substituíam a novilha viva por uma de ouro, prata ou qualquer outro metal. O rito ainda subsiste quando, na Índia, se confere a dignidade de brâmane ou “duas vezes nascido”.

e o mais descoberto dos símbolos sexuais, o Yoni e o Lingam, a "vítima" e o "assassino", os princípios masculino e feminino da Natureza. Veja-se, em uma obra posterior de Jennings, *Phallicism*, a viveza de sua descrição do simbolismo sexual, no que tem de mais sagrado para os cristãos:

"O sangue descia a flux da coroa, ou do aro de espinhos do Inferno. A Rosa é feminina. Suas sedosas e carmíneas pétalas são protegidas por espinhos. A Rosa é a mais bela das flores. A Rosa é a rainha do jardim de Deus [a Virgem Maria]. A Rosa por si só não é a idéia mágica (ou a verdade). Mas a 'Rosa Crucificada' ou a 'Rosa Martirizada' (a grande figura mística e apocalíptica) é o talismã, o protótipo, o objeto de adoração de todos os 'Filhos da Sabedoria' ou verdadeiros Rosa-Cruzes."⁸

Não de todos os "Filhos da Sabedoria", nem ainda dos *verdadeiros* Rosa-cruzes. Porque estes jamais dariam realce de modo assim tão grosseiro, do ponto de vista sensual e terreno, por não dizer animal, aos símbolos mais nobres da Natureza.

Para os Rosa-cruzes, a "Rosa" era um símbolo da Natureza, um símbolo da terra virginal e prolífica, mãe e nutriz do homem, que os iniciados egípcios consideravam como feminina e representavam por Ísis. Como todas as demais personificações da Natureza e da Terra, Ísis é a irmã e a esposa de Osíris, pois que a Terra e o Sol procedem do mesmo e misterioso Pai, e o Sol fecunda a Terra por insuflação divina, segundo o misticismo primitivo. Nas "Virgens do Mundo", nas "Donzelas Celestiais", personificou-se o ideal puro da Natureza mística; e, mais tarde, na Virgem humana, Maria, a Mãe do Salvador, o *Salvator Mundi* dos cristãos. A Teologia adaptou ao simbolismo arcaico⁹ a figura da donzela judia; não foi o símbolo pagão que serviu de modelo para o novo ensino.

Sabemos por Heródoto que os Mistérios foram trazidos da Índia por Orfeu, herói muito anterior a Homero e Hesíodo. Em verdade, pouco se sabe a respeito de Orfeu; e até época ainda recente a literatura órfica, inclusive no tocante aos Argonautas, era atribuída a Onomácritos, contemporâneo de Pisístrato, Sólon e Pitágoras; dizia-se que Onomácritos compilara essas tradições, em sua forma atual, lá para os fins do sexto século antes de Cristo, ou seja, uns 800 anos depois do tempo de Orfeu. Outra informação, porém, esclarece que no tempo de Pausânias existiu uma família de sacerdotes que, à semelhança dos brâmanes com os *Vedas*, decoraram todos os hinos órficos, e os transmitiram

(8) *Op. cit.*, pág. 141.

(9) Na *Ortodoxie Maçonnique* de Ragon (p. 105, nota) encontramos a seguinte explicação, oriunda talvez do árabe Olbumazar: "A Virgem dos Magos Caldeus. A esfera, o globo dos caldeus, mostrava em seus céus um menino recém-nascido, a quem chamavam de Cristo e Jesus, nos braços da virgem celestial. O bibliotecário alexandrino Eratóstenes, nascido 276 anos antes de nossa era, dava a essa virgem o nome de Ísis, mãe de Horus." Eis aqui exatamente o que Kircher diz em seu *Edipo egípcio* (III, 5), citando Olbumazar: "No primeiro decanato da constelação de Virgo, aparece uma donzela pura e sem mancha, chamada Oderenosa... sentada num lindo trono, amamentando um menino... um menino chamado Jesus, que significa Issa, ao qual também davam o nome de Cristo, na língua grega." — Veja-se *Ísis sem Véu*, II, 491, da edição inglesa.

oralmente de geração em geração. Ao situar a época de Orfeu em 1200 anos antes de Cristo, a Ciência oficial — que tanto escrupuleia de ampliar sua cronologia a períodos muito remotos — admite que os Mistérios, ou seja, o Ocultismo dramatizado, pertencem a uma época anterior à dos caldeus e egípcios.

Passamos agora a falar sobre a decadência dos Mistérios na Europa.

SEÇÃO XXXIII

OS DERRADEIROS MISTÉRIOS NA EUROPA

Conforme predisse o grande Hermes em seu diálogo com Esculápio, era chegado o tempo em que estrangeiros ímpios acusavam o Egito de adorar monstros, e em que nada mais havia de sobreviver além das inscrições gravadas nas pedras de seus monumentos — enigmas ininteligíveis à posteridade. Os hierofantes e os escribas sagrados estavam dispersos pelo mundo. Os que permaneceram no Egito viram-se obrigados, para evitar a profanação dos Mistérios, a buscar refúgio nos desertos e nas montanhas, e a fundar sociedades e congregações secretas, como a dos Essênios. Os que puderam cruzar os oceanos, emigrando para a Índia ou ainda para o continente agora chamado Novo Mundo, se comprometeram com solenes juramentos a guardar silêncio e a manter secretos os seus conhecimentos e a sua Ciência Sagrada, que deste modo, e mais do que nunca, foi subtraída à curiosidade humana.

Na Ásia Central e nas fronteiras setentrionais da Índia, a espada vitoriosa do discípulo de Aristóteles varreu do caminho de suas conquistas todo vestígio de uma religião de tradicional pureza, com o êxodo de seus adeptos para os pontos mais distantes e recônditos do globo.

Chegando ao seu fim o ciclo de ***, a primeira hora do desaparecimento dos Mistérios soara no relógio das Raças, com os feitos do conquistador macedônio. As últimas badaladas começaram a soar no ano 47 antes de Cristo.

Alésia, a grande cidade da Gália, a Tebas dos Celtas¹, tão famosa por seus antigos ritos de Iniciação e seus Mistérios, foi, conforme a descrição de Ragon, “a antiga metrópole e o túmulo das iniciações, da religião dos druidas e da liberdade da Gália”².

Foi, assim, no primeiro século antes de nossa era que soou a última hora, a hora suprema, dos Grandes Mistérios. A história nos mostra os povos da Gália central sublevados contra o jugo romano. O país estava submetido a César, e a

(1) Alésia é hoje *Ste.-Reine* (Costa do Ouro), na confluência dos rios Ose e Oserain. Sua queda é um fato importante da história celto-gaulesa.

(2) *Orthodoxie Maçonique*, pág. 22.

revolta foi esmagada, com o extermínio de toda a guarnição de Alésia (ou Alisa) e de seus habitantes, inclusive os druidas, os sacerdotes do Colégio e os neófitos; e a cidade inteira foi saqueada e arrasada.

Teve a mesma sorte, alguns anos mais tarde, a não menos famosa cidade de Bibracta, situada perto de Alésia. J. M. Ragon descreve o seu fim nestes termos:

"Bibracta, mãe das ciências, alma das primeiras nações [da Europa], cidade igualmente famosa por seu colégio sagrado de druidas, sua cultura e suas escolas, onde 40.000 alunos estudavam filosofia, literatura, gramática, jurisprudência, medicina, arquitetura, astrologia, ciências ocultas, etc. Rival de Tebas, Mênfis, Atenas e Roma, tinha um anfiteatro rodeado por colossais estátuas, com capacidade para 100.000 espectadores; erguera um capitólio, templos consagrados a Jano, Plutão, Proserpina, Júpiter, Apolo, Minerva, Cibele, Vênus e Anúbis. Entre esses suntuosos edifícios ficava a Naumaquia, com sua vasta bacia, admirável e gigantesca obra, em que flutuavam galeras e barcos destinados aos jogos navais. Havia, finalmente, um *Campo de Marte*, um aqueduto, fontes, banhos públicos e muralhas, cuja construção remontava aos tempos heróicos."¹

Tal era a cidade da Gália, onde morreram para a Europa os segredos das Iniciações nos grandes Mistérios, os Mistérios da Natureza e de suas esquecidas verdades ocultas.

César queimou os pergaminhos e os volumes da célebre biblioteca de Alexandria²; mas a história, que condena a ignomínia do general árabe Amrus, a quem coube completar a sinistra obra do grande conquistador romano, não tem para este uma palavra de vilipêndio, nem por aquele ato de vandalismo nem pela destruição de quase a mesma quantidade de preciosos documentos em Alésia.

Como não o tem para com o destruidor de Bibracta. Enquanto Sacrovir — o chefe gaulês que se revoltou contra o despotismo de Roma, no reinado de Tibério, e foi vencido por Sílio, no ano 21 de nossa era — morria com os seus companheiros de conspiração em uma pira funerária diante das portas da cidade, Bibracta era entregue ao saque, e todos os seus tesouros de literatura e de ciências ocultas destruídos pelo fogo.

Conforme diz Ragon, da outrora majestosa Bibracta, hoje Autun, só "alguns poucos monumentos, de gloriosa antiguidade, ainda subsistem, como os templos de Jano e Cibele".

Acrescenta Ragon:

"Arles, fundada dois mil anos antes de Cristo, foi saqueada em 270. Esta grande cidade da Gália, reconstruída 40 anos depois por Constantino, ainda hoje conserva alguns restos de seu antigo esplendor: o anfiteatro, o capitólio, um obelisco de granito com 17 metros de altura, um arco de triunfo, as catacumbas, etc. Assim acabou a civilização celto-gaulesa. César, como um bárbaro digno de Roma, havia já consumado a destruição

(3) *Orthodoxie Maçonnique*, pág.22.

(4) No ano 389 de nossa era, o povoleu cristão acabou de destruir o que restava, salvo algumas obras de inestimável valor, que os estudantes de ocultismo puderam salvar. Mas elas se perderam para o mundo.

dos antigos Mistérios, com o saque dos templos e colégios de iniciação e a matança dos iniciados e dos druidas. Ficou Roma; mas ela nunca teve senão os Mistérios Menores, sombras das Ciências Secretas. A Grande Iniciação estava extinta.”⁵

Damos algumas passagens do seu livro *Maçonnerie Occulte*, que se referem diretamente ao nosso assunto. Apesar de sua grande cultura e erudição, não deixa Ragon de incorrer em alguns erros de cronologia. Diz ele:

“Ao homem divinizado (Hermes) sucedeu o rei-sacerdote [o Hierofante]. Menes foi o fundador e o primeiro legislador de Tebas, a cidade dos cem palácios, que ele revestiu de magnificência e esplendor. Inaugura-se então a era sacerdotal no Egito. Os sacerdotes governam e fazem as leis. Diz-se que a partir de Menes houve 329 hierofantes, cujos nomes não passaram à história.”

Mas, porque chegassem a escassear os Adeptos genuínos, os sacerdotes, segundo afirma o autor, escolheram pseudo-adeptos entre os escravos, e os apresentaram à adoração das massas ignorantes, coroando-os e deificando-os.

“Cansados da ominosa tutela a que os sujeitavam os sacerdotes, rebelaram-se os reis e conquistaram a plenitude da soberania. Subiu ao trono Sesóstris, o fundador de Mênfis (1613 anos antes de Cristo, conforme se diz). À eleição dos sacerdotes sucedeu a dinastia dos guerreiros... Cheops, que reinou de 1178 a 1122 A. C., construiu a Grande Pirâmide, que tem o seu nome. Acusam-no de haver perseguido os sacerdotes e fechado os templos.”

É de todo incorreta esta versão, embora Ragon insista em dar-lhe cor histórica. A chamada pirâmide de Cheops, a Grande Pirâmide, foi construída 5.000 anos antes de Cristo, pelo menos, segundo os cálculos do Barão de Bunsen. Diz este em sua obra *Egypt's Place in Universal History*:

“As origens do Egito retrocedem a uns 9.000 anos antes da era cristã.”⁶

E como era na Grande Pirâmide que se celebravam os Mistérios e se realizavam as Iniciações (pois foi construída com essa finalidade), não é admissível, nem se compadece com os fatos conhecidos da história dos Mistérios, supor

(5) *Op. cit.*, pág. 23. O maçom belga J. M. Ragon é o autor não iniciado que mais sabia de Ocultismo. Durante cinquenta anos estudou os Mistérios, em toda a parte onde lhe foi dado encontrar vestígios deles. Em 1805 fundou em Paris a Fraternidade dos *Trinósofos*, em cuja Loja proferiu durante muito tempo (em 1818 e em 1841) conferências sobre as iniciações antigas e modernas, conferências que foram depois publicadas, mas que hoje se perderam. Foi ainda redator-chefe da revista maçônica *Hermes*. Suas melhores obras são: *La Maçonnerie Occulte* e *Fastes Initiatiques*. Depois de sua morte, ocorrida em 1866, muitos de seus manuscritos ficaram em poder do Grande Oriente da França. Um maçom de grau elevado informou a autora de que Ragon havia mantido correspondência, durante anos, com dois orientistas da Síria e do Egito, um dos quais era um cavalheiro copto.

(6) *Op. cit.*, IV, pág. 462.

que Cheops, se foi realmente o construtor da pirâmide, houvesse perseguido os sacerdotes iniciados e fechado os seus templos. Mas, além disso, ensina a DOUTRINA SECRETA que não foi Cheops quem construiu a pirâmide que tem o seu nome — sejam quais forem os seus grandes feitos.

Entretanto, é verdade que,

“em consequência de uma invasão etíope, e da formação de um governo por doze chefes confederados, o cetro egípcio caiu nas mãos de Amasis, homem de baixa condição”

— o que se passou no ano 570 antes de nossa era. E foi Amasis quem destruiu o poder sacerdotal,

“perecendo assim a antiga teocracia que durante tantos séculos assegurou aos seus sacerdotes a coroa do Egito, perante o mundo inteiro”.

Antes da fundação de Alexandria, era o Egito com seus sacerdotes e hierofantes um centro de atração para os estudantes de todos os países, e a este respeito diz Ennemoser:

“Como se explica que saibamos tão pouco sobre os Mistérios e o seu significado, não obstante haverem subsistido durante tantos séculos, em épocas tão diversas e em povos tão diferentes? A resposta está naquele rigoroso e universal sigilo a que se obrigavam os iniciados. Pode-se acrescentar outra causa: a perda ou destruição dos textos referentes aos conhecimentos secretos da antiguidade mais remota.

Os livros de Numa, descritos por Tito Lívio e encontrados no túmulo daquele rei, versavam sobre filosofia natural; mas sua divulgação não foi permitida, para que se não revelassem os mistérios mais secretos da religião do Estado... O Senado e os tribunos do povo decidiram... que os livros fossem queimados, e assim foi feito.”⁷

Cassain alude a um tratado, bastante conhecido nos séculos IV e V, e que se dizia ter pertencido a Cam (filho de Noé), o qual por sua vez o teria recebido de Jared, da quarta geração de Seth (filho de Adão).

A Alquimia era também ensinada no Egito por seus sacerdotes; sendo esta ciência, no entanto, tão velha quanto o homem. Entendem muitos autores, que Adão foi o primeiro Adepto; trata-se, porém, de um véu e um trocadilho sobre o nome, um de cujos significados é “terra vermelha”. A verdadeira interpretação, sob o véu alegórico, no-la dá o sexto capítulo do *Gênesis*, quando se refere aos “Filhos de Deus” que tomaram por esposas as filhas dos homens, às quais revelaram muitos mistérios e segredos do mundo fenomenal. Diz Olaus Borrichius que se deve buscar o berço da Alquimia em tempos remotíssimos. Alquimista e filósofo hermético era Demócrito de Abdera. Clemente de Alexandria escreveu muito sobre esta ciência, e acredita-se que Moisés e Salomão eram muito versados nela.

Diz W. Godwin:

(7) *History of Magic*, II, pág. 11.

"O primeiro documento autêntico relativo a este assunto é um edito de Diocleciano, cerca de 300 anos depois de Cristo, ordenando que se fizessem no Egito rigorosas investigações para descobrir todos os livros antigos que tratassem da arte de fazer ouro e prata, a fim de que fossem entregues às chamas, sem distinção."

A Alquimia dos caldeus e dos antigos chineses não foi a progenitora daquela outra Alquimia que floresceu entre os árabes muitos séculos depois.

Há uma Alquimia espiritual e uma transmutação física. O conhecimento de ambas era comunicado nas Iniciações.

SEÇÃO XXXIV

OS SUCESSORES PÓS-CRISTÃOS DOS MISTÉRIOS

Os Mistérios de Elêusis haviam desaparecido. Foram eles, no entanto, que deram os traços característicos da Escola Neoplatônica de Amônio Sacas, informando com sua doutrina da teurgia e do êxtase o sistema eclético. Foi Jámblico quem acrescentou a este a doutrina teúrgica egípcia, com suas práticas, tendo-se oposto o judeu Porfírio à introdução do novo elemento. Mas a Escola, com poucas exceções, praticava o ascetismo e a contemplação, e os seus místicos eram submetidos a uma disciplina tão rigorosa quanto a dos devotos hindus.

Os esforços dos neoplatônicos, ao contrário do que dizem seus acusadores, não se dirigiam a práticas de taumaturgia, necromancia e feitiçaria; mas visavam ao desenvolvimento das faculdades superiores do homem interno, o Ego espiritual. Sustentava a Escola que certo número de espíritos, habitantes de esferas independentes da Terra e do ciclo humano, serviam de mediadores entre os “Deuses” e os homens, e entre o homem e a Alma Suprema. Para dizer mais claramente: a alma do homem, graças à assistência dos Espíritos Planetários, chegava a ser “o receptáculo da Alma do mundo”, segundo a expressão de Emerson. Apolônio de Tiana afirmava gozar dessa faculdade, com as seguintes palavras (citadas por Wilder em seu *New Platonism*):

“Posso ver o presente e o futuro como em um claro espelho. O sábio [o Adepto] não necessita de aguardar as emanações da terra ou a corrupção do ar para prever as pragas ou epidemias: deve pressenti-las e deve conhecê-las — depois de Deus, mas antes dos homens. Os *theoi* ou deuses vêem o futuro; as pessoas comuns, o presente; os sábios o que está na iminência de suceder. A minha austeridade de vida produz uma agudeza dos sentidos, ou desperta alguma faculdade nova, a tal ponto que se torna possível a realização dos mais extraordinários feitos.”¹

A essas palavras Wilder acrescenta um comentário digno de atenção:

“É o que se pode chamar *fotografia espiritual*. A alma é a câmara onde se fixam igualmente os acontecimentos passados, presentes e futuros; e a mente deles toma conhecimento. Além do nosso mundo finito e condicionado, tudo é como se ocorresse em um mesmo dia ou fosse um só estado — o passado e o futuro compreendidos no

(1) *New Platonism and Alchemy*, pág. 15.

presente. Provavelmente é este o 'grande dia', o 'último dia', o 'dia do Senhor', a que se referem os autores bíblicos — o dia em que todos nós passamos, pela morte ou pelo êxtase. A alma então se liberta dos entraves do corpo, e sua parte mais nobre se une à natureza superior, compartilhando da sabedoria e presciência dos seres elevados.”²

Que o sistema dos neoplatônicos era idêntico ao dos vedantinos, pode-se inferir do que expõe o Dr. Wilder a respeito dos teósofos alexandrinos:

“A idéia capital dos neoplatônicos era a de uma única Essência Suprema... Todas as filosofias antigas ensinavam que os *theoi* (*θεοί*), deuses ou dispensadores, anjos, demônios e outros agentes espirituais, emanaram do Ser Supremo. Amônio aceitou a doutrina dos livros de Hermes, segundo a qual do Divino Todo procedeu a Sabedoria Divina; da Sabedoria procedeu o Demiurgo ou Criador; e do Criador os seres espirituais subordinados; advindo por último o mundo e seus habitantes. O primeiro está contido no segundo, o primeiro e o segundo no terceiro, e assim por diante, até o fim da série.”³

Aí temos um eco fiel da crença dos vedantinos, e que se filia diretamente aos ensinamentos orientais.

“Doutrina afim com esta é a da Cabala judaica ensinada pelos Pharsis ou Fariseus, que a tomaram provavelmente dos Magos persas, como parece sugerir a denominação daquela seita. Está ela substancialmente exposta no seguinte resumo.

O Ser Divino é o Todo, a fonte da existência, o Infinito. É incognoscível. O Universo O revela e por Ele subsiste. No princípio, Sua refulgência difundiu-se por toda a parte⁴. Depois, Ele recolheu-se a Si mesmo, e assim formou ao Seu redor um espaço vazio. Neste espaço, irradia sua primeira emanação, um raio que contém o poder gerador e conceptivo — e daí o nome de IE ou Jah. Este, por sua vez, produz o *tikkun*, o *arquétipo* ou a idéia da forma; e nesta emanação, que também encerra os poderes macho e fêmea, ou potências geradora e conceptiva, estão as três forças primárias: a Luz, o Espírito e a Vida. O *tikkun* se une ao raio, ou a primeira emanação, que o penetra; e por esta união também se acha em perpétua comunicação com a infinita fonte. É o modelo, o homem primordial, o Adão Kadmon, o *macrocosmo* de Pitágoras e outros filósofos. Dele procederam os *Sephiroth*... Dos *Sephiroth* emanaram sucessivamente os quatro mundos, cada um procedendo do que está imediatamente acima dele, e o inferior envolvendo o seu superior. São estes mundos menos puros à medida que descem na escala; e o ínfimo é o mundo material.”⁵

Essa velada exposição do Ensino Secreto deve agora ser esclarecida aos nossos leitores. Os mundos citados são:

“*Aziluth* é povoado por emanções puríssimas [a Primeira e quase espiritual Raça humana]. *Beriah*, o segundo, por uma ordem inferior de habitantes, servidores dos

(2) *Loc. cit.*

(3) *Op. cit.*, págs. 9-10.

(4) Esta Divina Refulgência, esta Divina Essência, é a luz do Logos. Mas os vedantinos não empregam o pronome pessoal “Ele”; dizem “Aquilho”.

(5) *Loc. cit.*, nota, pág. 10.

primeiros [Segunda Raça]. *Jesirah*, o terceiro, habitado pelos querubins e serafins, os Elohim e B'ni-Elohim ('Filhos de Deus' ou *Elohim*, nossa Terceira Raça). O quarto mundo, *Asiah*, é a morada dos *Klipputh*, cujo chefe é Belial [feiticeiros atlantes]."⁶

Estes mundos são os desdobramentos terrenos de seus arquétipos celestes; não passam de sombras e reflexos transitórios e perecíveis de raças mais duradouras, se não eternas, que habitam outros mundos, para nós invisíveis. Desses quatro mundos (raças-raízes) que nos precederam, derivam as almas dos homens de nossa Quinta Raça, a saber: o intelecto (Manas, o quinto princípio), as paixões e os apetites mentais e corporais.

Entre os mundos-arquétipos surgiu um conflito chamado a "Guerra no Céu"; e muitos evos mais tarde outra luta foi suscitada entre os atlantes⁷ de Asiah e os da Terceira Raça-Raiz, os B'ni Elohim ou "Filhos de Deus"⁸. Então recrudesceram o mal e a iniquidade. Havendo o gênero humano (na última sub-raça da Terceira Raça-Raiz)

"pecado em seus primeiros pais [uma alegoria fisiológica, sem dúvida!], de cujas almas provieram as de todos os homens",

conforme nos diz o *Zohar*, foram os homens "exilados" para corpos mais materiais, a fim de

"expiar o pecado e desenvolver a virtude da bondade".

Ou antes, segundo explica a DOUTRINA SECRETA, para cumprir o ciclo de necessidade e progredir em sua tarefa de evolução — tarefa de que ninguém se pode eximir, nem pela morte natural, nem pelo suicídio; pois devemos todos atravessar o "Vale dos Abrolhos", antes de entrar nas planícies do repouso e da luz divina. E assim os homens continuarão a renascer em novos corpos, "até que estejam suficientemente puros para passar a uma forma superior de existência".

Quer isso dizer que, desde a primeira até a sétima Raça, se compõe a humanidade do mesmo elenco de atores, que desceram das altas esferas para levar a cabo sua excursão artística em nosso planeta, a Terra. Iniciando a jornada como espíritos puros, baixamos ao mundo — sim! — com a inata sede da verdade (agora parcialmente revelada pela DOUTRINA SECRETA); e a lei cíclica nos trouxe até ao vértice invertido da matéria, cujo fundo já transpusemos. E a mesma lei de gravitação nos fará subir lentamente às esferas superiores, ainda mais puras que as de onde partimos.

Previsões, profecias, oráculos! Fantasias ilusórias da exígua percepção do

(6) *Loc. cit.*, nota.

(7) Veja-se *Esoteric Buddhism*, de A. P. Sinnett, 8.^a ed., págs. 57-58.

(8) Veja-se *Ísis sem Véu*, vol. I, págs. 589-595: Os "Filhos de Deus" e sua guerra com os Gigantes e os Magos.

homem, que toma por imagens reais as sombras e os reflexos, e confunde acontecimentos passados com visões proféticas de um futuro que não existe na Eternidade! O nosso macrocosmo e o seu insignificante microcosmo, o homem, repetem ambos a mesma série de sucessos universais e individuais em cada estação, como em cada prosclênio a que o Karma os conduz para representarem os seus respectivos dramas da vida. Não podiam existir falsos profetas, se não houvesse os verdadeiros. E houve uns e outros em todas as épocas; mas nenhum deles viu senão o que já se havia passado e fora anteriormente representado, como cenas prototípicas; em esferas superiores, se o vaticínio se referia a sucessos coletivos, faustos ou infaustos; ou em uma vida precedente, se diziam respeito somente a um indivíduo. Porque cada acontecimento se acha estampado em uma como que memória indelével do que foi e do que há de ser, o que, em suma, não é senão o sempre presente na Eternidade.

Os "mundos" e as purificações, de que tratam o *Zohar* e outros livros cabalísticos, tanto se referem ao nosso globo e às nossas raças como a outros globos e outras raças que o precederam no grande ciclo. Estas verdades fundamentais eram representadas nos Mistérios; e o último ato do drama, ou epílogo, era a *anastasis* ou "existência continuada", como também a "transformação da Alma".

Por isso, diz o autor de *The New Platonism and Alchemy* que essas doutrinas ecléticas se refletiam nas *Epístolas* de São Paulo, e que

"com maior ou menor intensidade se propagaram pelas Igrejas. Daí passagens como estas: 'Estáveis mortos no erro e no pecado; andáveis segundo o *aeon* deste mundo, segundo o *archon* que tem o domínio do ar.'⁹ 'Nós não lutamos contra a carne e o sangue, mas contra as dominações, as potestades e os senhores das trevas, contra a maldade dos espíritos das regiões empíricas.'¹⁰ Mas Paulo era evidentemente hostil ao esforço intentado em Éfeso, segundo parece, no sentido de misturar o Evangelho com as idéias gnósticas da escola hebreu-egípcia. Assim é que escreveu a Timóteo, seu discípulo predileto: 'Guarda incólume o precioso depósito que te confiei; repudia as novas doutrinas e os princípios antagônicos do que falsamente se chama Gnose, professados por algumas pessoas, que deste modo se desviaram da fé.'^{11 12}

Mas como a Gnose é a ciência do Eu superior, e a fé cega é uma questão de temperamento e emotividade; e como a doutrina de Paulo era ainda bem recente, e suas interpretações estavam muito mais veladas que a dos gnósticos, a fim de ocultar a verdade, as idéias destes últimos tiveram a preferência de todos os que se empenhavam com ardor na busca da verdade.

Por outra parte, muitos eram os mestres que professavam a "falsa Gnose" no tempo dos Apóstolos, e tão eminentes quanto o podia ser qualquer rabino convertido. Se o judeu Malek, que tomou o nome de Porfírio quando se converteu, passou a combater a teurgia, movido por antigas tradições e reminiscên-

(9) *Efésios*, II, 1-2.

(10) *Ibid.*, VI, 12.

(11) *I Timóteo*, VI, 20-21.

(12) *Loc. cit.*, nota.

cias, houve outros instrutores que a praticaram. Foram taumaturgos Plótino, Jámblico e Proclo. Este último

“compendiou em um sistema completo a teosofia e a teurgia de seus predecessores”¹³.

Quanto a Apolônio, diz Wilder que,

“apoiado por Clemente e Atenágoras, na Igreja, e pelos doutores da Sinagoga e da Academia, cumpriu sua tarefa ensinando uma doutrina comum a todos”¹⁴.

Assim, nem o Judaísmo nem o Cristianismo refundiram a antiga Sabedoria pagã; mas esta última é que contribuiu, lenta e insensivelmente, para modelar a nova fé, que, além disso, recebeu a influência do sistema teosófico eclético, inspirado diretamente na Religião-Sabedoria. Do neoplatonismo provém tudo quanto há de grandioso e nobre na teologia cristã. De sobra se sabe, para que seja necessário repeti-lo, que Amônio Sacas, “o instruído por Deus” (*theodidaktos*) e “o amigo da verdade” (*philalethes*), fundou a sua escola com o objetivo de beneficiar o mundo com o ensinamento de algumas partes da Ciência Secreta cuja revelação foi então permitida¹⁵.

A nossa moderna Sociedade Teosófica foi inaugurada segundo os mesmos princípios; pois a escola neoplatônica de Amônio visava, com o nosso movimento atual, a conciliar todas as seitas e todos os povos sob a fé comum da Idade de Ouro, esforçando-se por dissuadi-los de suas intransigências (em matéria religiosa pelo menos) e provando que os diversos credos têm todos uma origem comum: a Religião-Sabedoria.

O sistema teosófico eclético não surgiu nem se desenvolveu tão somente no século III de nossa era, como inculcam alguns autores inspirados pela Igreja; mas vem de época muito anterior, conforme já o assinalava Diógenes Laércio. Este menciona que o sistema retrotraí aos começos da dinastia dos Ptolomeus; ao tempo do grande vidente e profeta egípcio Pot-Amun, sacerdote do deus da Sabedoria, Amun. Até aquela época não havia cessado a comunicação dos adeptos da Índia Superior e da Bactriana com os filósofos do Ocidente.

“No reinado de Filadelfo... os mestres helenos rivalizavam com os rabinos do Colégio de Babilônia. Os sistemas budista, vedantino e dos magos eram ensinados juntamente com as filosofias da Grécia... O judeu Aristóbulo dizia que a ética de Aristóteles fora inspirada na lei de Moisés (!); e Filon tentou interpretar o Pentateuco de acordo com as doutrinas de Pitágoras e da Academia. Afirma Josefo que o Livro do Gênesis foi escrito por Moisés em linguagem filosófica, isto é, em estilo figurado; e que os essênios do Carmelo estavam reproduzidos nos terapeutas do Egito, os quais, por outro lado, Eusébio equipara aos cristãos, embora realmente já existissem muito antes da era cristã.

(13) *Op. cit.*, pág. 18.

(14) *Op. cit.*, pág. 8.

(15) Nenhum cristão ortodoxo igualou, e muito menos superou, a Amônio, na prática das virtudes e da verdadeira moral cristã, nem na beleza do seu sistema de ética, apesar de haver o sábio alexandrino deixado o Cristianismo, que era a religião de seus pais.

O Cristianismo, por sua vez, também era ensinado em Alexandria, tendo passado por análoga metamorfose. Panteno, Atenágoras e Clemente eram muito versados na filosofia platônica, e perceberam sua essencial unidade com os sistemas orientais.”¹⁶

Posto que filhos de pais cristãos, Amônio amava a verdade acima de tudo, e foi um verdadeiro “filaletto”. Quis ele conciliar os diferentes sistemas para que formassem um todo harmonioso, porque já havia advertido a propensão do Cristianismo a sobrancear as ruínas de todos os outros credos, que a Igreja esperava destruir. Que nos diz a história?

Ouçamos, através de citação do Dr. Wilder, o historiador eclesiástico Mosheim:

“Vendo Amônio que não só os filósofos gregos, mas também os das diferentes nações bárbaras, coincidiam entre si nos pontos essenciais, tomou a si a empresa de explicar e harmonizar os dogmas de todas as seitas, de modo que se evidenciasse, além de sua origem comum, que todas tendiam ao mesmo fim.

Ainda segundo Mosheim, ensinava Amônio que a religião popular ia *pari passu* com a filosofia, e que a corrupção de uma contaminava gradualmente a outra com superstições, mentiras e conceitos puramente humanos; cumprindo, portanto, restitui-la à sua pureza original, com a purgação das escórias e a exposição de princípios filosóficos fundamentais. Porque, afinal, o pensamento de Cristo foi restaurar e reviver a Sabedoria dos antigos em sua prístina integridade.”¹⁷

Mas — que era esta “Sabedoria dos antigos”, que o fundador do Cristianismo teve em mente? O sistema ensinado por Amônio em sua Escola Teosófica eclética era constituído pelas migalhas que lhe foi permitido recolher do tesouro de conhecimentos pré-diluvianos. A *Enciclopédia de Edimburgo* assim descreve os ensinamentos neoplatônicos:

“Amônio adotou as doutrinas predominantes no Egito sobre Deus e o Universo, considerados como um grande Todo; sobre a eternidade do mundo, a natureza das almas, o império da Providência [Karma] e o governo do mundo pelos demônios [*daimons* ou espíritos, arcanjos]. Instituiu ainda um sistema de disciplina moral, que permitia vivesse o povo de acordo com as leis de seu país e os ditames da natureza; mas exigia do sábio a exaltação da mente por meio de exercícios contemplativos e da mortificação¹⁸, a fim de poder gozar da presença e do auxílio dos demônios [inclusive de seu próprio *daimon*, ou sétimo princípio]... e ascender depois da morte até à presença do Pai Supremo [Alma Suprema]. Para conciliar as religiões populares, e particularmente a cristã, com o novo sistema, apresentou com alegoria toda a história dos deuses pagãos, sustentando que eram apenas ministros celestes¹⁹, com direito a um grau menor de adoração. Reconhecia em Jesus Cristo um grande homem e amigo de Deus, mas dizia

(16) *Op. cit.*, págs. 3-4.

(17) *Op. cit.*, pág. 5.

(18) “Mortificação” tem aqui um sentido moral, e não físico: reprimir vícios e paixões, e viver com a maior sobriedade possível.

(19) Este ensinamento foi incorporado à doutrina da Igreja de Roma, com o seu culto dos Sete Espíritos.

que a sua intenção não foi abolir o culto dos demônios²⁰, mas tão-somente purificar a antiga religião.”

Mais não era possível dizer, exceto aos “filaletos” iniciados, “pessoas devidamente instruídas e disciplinadas”, a quem Amônio comunicava suas doutrinas mais importantes,

“impondo-lhes a obrigação do sigilo, como antes o haviam feito Zoroastro e Pitágoras, e era de rigor nos Mistérios [em que se exigia dos neófitos ou catecúmenos o juramento de não divulgarem o que aprendessem]. O grande Pitágoras dividia seus ensinamentos em exotéricos e esotéricos”²¹.

Não procedeu Jesus do mesmo modo? Não disse que aos seus discípulos era dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas que às multidões falava por meio de parábolas de duplo significado?

Continua o Dr. Wilder:

“Amônio encontrou, assim, já preparada a sua tarefa. Sua profunda intuição espiritual, seus vastos conhecimentos e sua intimidade com os padres cristãos Panteno, Clemente e Atenágoras, e com os mais doutos filósofos da época, tudo o capacitava para a obra que tão bem soube levar a cabo... Os resultados do seu ministério ainda hoje são perceptíveis em todos os países do mundo cristão, pois não há sistema de doutrina que não contenha a marca de sua mão plástica. Todas as filosofias antigas tiveram partidários entre os modernos, e até a mais antiga, o Judaísmo, passou por modificações sob a influência dos ensinamentos do alexandrino ‘instruído por Deus’.”²²

A Escola Neoplatônica de Alexandria, fundada por Amônio, e paradigma proposto para a Sociedade Teosófica, ensinava a Teurgia e a Magia, como as haviam ensinado Pitágoras e outros, anteriormente. E, segundo Proclo, as doutrinas de Orfeu, que era natural da Índia, de onde viera para a Grécia, foram a origem dos sistemas posteriores.

“Pitágoras aprendeu nos Mistérios Órficos o que Orfeu expunha sob o véu de alegorias; e Platão adquiriu depois um perfeito conhecimento de tudo isso pelos escritos de Orfeu e Pitágoras.”²³

Os “filaletos” eram classificados em neófitos (*chelas*) e iniciados ou mestres; e o sistema eclético se baseava em três princípios fundamentais, de caráter

(20) A Igreja, tergiversando, transformou o culto dos demônios em culto dos diabos. “Daimon” significa Espírito, e se refere ao nosso Eu Superior, ou sétimo Princípio, e aos Dhyân-Chohans. Jesus proibiu os seus fiéis de irem ao templo “como o fazem os fariseus”, e recomendava a oração em segredo no mais recôndito do aposento (ou seja: a comunhão com o próprio Deus de cada um). Consentiria Jesus, ante a existência de milhões de famintos, a construção de suntuosas igrejas?

(21) *Op. cit.*, pág. 7.

(22) *Ibid.*

(23) *Op. cit.*, pág. 18.

puramente vedantino: uma Essência Suprema, Única e Universal; a eternidade e indivisibilidade do espírito humano; e a Teurgia, ou arte dos Mantras.

Conforme vimos, tinham os “filaletos” ensinamentos secretos ou esotéricos, como as demais escolas místicas; e, do mesmo modo que aos iniciados, era-lhes defeso revelar fosse o que fosse dos dogmas secretos. Com a diferença de que para o iniciados eram muito mais severas as penas impostas em caso de perjúrio. Tal proibição vigora ainda em nossos dias, assim na Índia como entre os cabalistas judeus da Ásia²⁴.

Podem-se apontar, entre as razões do sigilo, as sérias dificuldades e os percalços inerentes ao discipulado, bem como os perigos próprios da iniciação. O candidato moderno, tal como seu predecessor da antiguidade, terá que vencer ou sucumbir, se — o que é ainda pior — não perder o juízo. Mas não há nenhum perigo para aquele que for sincero e veraz em seus propósitos, e sobretudo isento de egoísmo, estando assim preparado para enfrentar as tentações.

“Quem reconhecia em toda a plenitude o poder de seu espírito imortal, não duvidando um instante sequer de sua onipotente proteção, esse nada tinha que recear. Mas aí do candidato a quem o mais leve temor — produto mórbido da matéria — fazia perder a fé em sua invulnerabilidade. Condenado estava o que não tinha confiança absoluta em sua força moral para aceitar o fardo desses terríveis segredos.”²⁵

Nas iniciações neoplatônicas esses perigos não existiam. O egoísta e o indigno falhavam em suas tentativas, e este malogro era o seu castigo. O escopo primordial era: “a reunião da parte com o *todo*”. O Todo era Uno, com inumeráveis nomes. Os árias o chamavam *Dui*, “o brilhante Senhor dos céus”; os caldeus e os cabalistas, *Iao*; os samaritanos, *Iabe*; os escandinavos, *Tuisco* ou *Tiu*; os bretões, *Duw*; os gregos, *Zeus*; e os romanos, *Júpiter*. Mas era sempre o *Ser*, o *Facit*, único e supremo²⁶, o Não-Nascido, a inesgotável fonte de todas as

(24) O *Talmud* refere a lenda dos quatro *Tanaim* que entraram no *jardim das delícias* (alegoria da iniciação final na ciência oculta).

“Segundo nos ensinam os santos mestres, os quatro que entraram no jardim das delícias foram: Ben Asai, Ben Zoma, Acher e o rabino Akiba.

“Ben Asai olhou — e perdeu a visão.

“Ben Zoma olhou — e perdeu a razão.

“Acher devastou a plantação” (confundiu tudo, e falhou).

“Mas Akiba, que havia entrado em paz, saiu também em paz; porque o Santo (bendito seja o seu nome!) havia dito; ‘Este ancião é digno de servir-me com glória.’”

Diz A. Franck em sua *Kabbalah*:

“Os rabinos da Sinagoga, eruditos comentadores do *Talmud*, interpretam o *jardim das delícias*, onde entraram os quatro personagens, como aquela misteriosa e terrível ciência que pode conduzir os intelectos fracos até à insanidade.” Nada tem a temer o puro de coração, que empreende o estudo desta ciência com o propósito de se aperfeiçoar e alcançar mais rapidamente a prometida imortalidade. Mas há de temer aquele que faz da ciência das ciências um pecaminoso pretexto para fins mundanos. Este último nunca poderá resistir às invocações cabalísticas da suprema iniciação. (*Ísis sem Véu*, II, pág. 119.)

(25) *Ísis sem Véu*, II, pág. 119.

(26) Veja-se *New Platonism*, pág. 9.

emanações, o eterno manancial de luz e vida, de que cada um de nós traz em si um raio na Terra.

Foram Pitágoras e, posteriormente, Apolônio que trouxeram da Índia o conhecimento dos Mistérios e das regras e métodos para produzir o êxtase, que os neoplatônicos incorporaram ao seu sistema. A divina Vidyâ ou Gnose tinha seu brilhante foco em Âryavarta, para onde haviam desde o princípio dos tempos afluído as chamas da Sabedoria Divina, até chegar a ser o centro do qual se irradiavam as “línguas de fogo” por todos os pontos do globo. Que era o *Samâdhi* senão esse

“êxtase sublime, esse estado durante o qual nos são reveladas as coisas divinas e os mistérios da Natureza”,

de que nos fala Porfírio?

“O eflúvio da alma divina comunica-se ao espírito humano, sem reservas, realizando sua união com a natureza divina e permitindo a ele, embora no corpo, participar do que não está no corpo”

— acrescenta Porfírio.

Sob o título de Magia, eram assim ensinadas todas as ciências, físicas e metafísicas, naturais e sobrenaturais (como tais consideradas pelos que ignoram a onipresença e a universalidade da Natureza).

“A Magia Divina faz do homem um deus; a magia humana cria um novo diabo.”

Dissemos em *Ísis sem Véu*:

“Nos *Vedas* e nas *Leis de Manu*, a literatura mais antiga que o mundo conhece, vemos que muitos ritos mágicos eram praticados e permitidos pelos brâmanes²⁷. No Tibete, na China e no Japão, ainda hoje se ensina o que os antigos caldeus ensinavam. Os sacerdotes desses países corroboram com o exemplo seus ensinamentos; isto é, que a austeridade física e a pureza moral desenvolvem o poder anímico da auto-iluminação, que, ao conceder ao homem o domínio de seu espírito imortal, lhe confere também poderes verdadeiramente mágicos sobre as entidades elementais inferiores a ele. No Ocidente é a Magia tão antiga quanto no Oriente. Os druidas da Grã-Bretanha a praticavam nas silenciosas criptas de suas profundas cavernas; e Plínio consagra mais de um capítulo à ‘sabedoria’ dos chefes celtas²⁸. Os druidas da Gália ensinavam tanto as ciências físicas como as ciências espirituais. Explicavam os segredos do Universo, o movimento harmonioso dos corpos celestes, a formação da Terra e, sobretudo, a imortalidade da alma²⁹. Em seus sagrados bosques — academias naturais construídas pela mão do Invisível Arquivo — os iniciados se reuniam à hora silente da meia-noite para meditar sobre o que foi e o que será o homem³⁰. Não necessitavam de luz artificial em seus templos, porque a casta diva da noite enviava seus argênteos raios sobre as cabeças

(27) Veja-se o Código publicado por Sir William Jones, cap. IX, pág. 11.

(28) Plínio, *Hist. Nat.*, XVI, 14; XXV, 8; XXX, 1, etc.

(29) Pompônio Ihes atribui o conhecimento das mais altas ciências.

(30) César, III, 14.

coroadas de carvalho; e os bardos, com suas brancas vestes, sabiam conversar com a solitária rainha da abóbada estrelada.”³¹

Nos gloriosos dias do Neoplatonismo já não existiam os bardos, porque estava findo o seu ciclo, e os últimos druidas haviam perecido em Alésia e Bibracta. Mas a escola neoplatônica se manteve florescente, poderosa e próspera durante largo tempo. Contudo, ao abraçar a sabedoria ária em suas doutrinas, falhou na prática da sabedoria dos brâmanes. Demonstrando de modo ostensivo sua superioridade moral e intelectual, preocupou-se demasiado com os grandes e os poderosos da terra. Enquanto os brâmanes e os Yogis, versados em filosofia, metafísica, astronomia, ética e religião, preservavam sua dignidade da influência dos príncipes, mantendo-se afastados do mundo, e não se permitindo visitá-los, nem lhes solicitar o mais ligeiro favor³², os imperadores Alexandre Severo e Juliano e a maior parte dos cortesãos e aristocratas professaram os dogmas dos neoplatônicos, que viviam em livre contato com o mundo.

O sistema prevaleceu durante vários séculos, contando entre seus partidários os vultos mais ilustres e respeitáveis da época. Hipácia, mestra do bispo Sinésio, foi um dos ornamentos da Escola até o dia fatídico e vergonhoso em que a assassinaram as turbas cristãs instigadas pelo bispo Cirilo de Alexandria. A Escola finalmente se transferiu para Atenas, sendo depois fechada por ordem do imperador Justiniano.

Observa muito judiciosamente o Dr. Wilder que

“autores modernos têm comentado as opiniões dos neoplatônicos sobre estas questões [metafísicas], mas raramente as interpretam corretamente, ainda que tivessem a intenção ou o desejo de fazê-lo”³³.

As poucas especulações que os neoplatônicos deixaram escritas³⁴ acerca dos universos sublunar, material e espiritual não permitiam que a posteridade os julgasse com justiça, ainda mesmo que os primeiros vândalos cristãos, os últimos cruzados e os fanáticos da Idade Média não houvessem destruído três quartas partes do que restara da biblioteca de Alexandria e das escolas posteriores.

Afirma Draper que só o Cardeal Ximenes

(31) Plínio, XXX: *Ísis sem Véu*, I, pág. 18.

(32) Diz um escritor moderno: “O cuidado que dispensavam à juventude, educando-a e despertando nela generosos sentimentos e virtudes morais, honra sobremodo os antigos brâmanes. Suas máximas e seus discursos, segundo relatam os historiadores, provam que eram doutos em filosofia metafísica, astronomia, moral e religião. Se os reis e príncipes desejavam os conselhos e as bênçãos destes santos varões, tinham que ir em pessoa ou enviar mensageiros. Conheciam as virtudes secretas das plantas e dos minerais; perscrutavam os mistérios da Natureza; e a psicologia e a fisiologia eram para eles como livros abertos; em tudo isso consistindo a ciência chamada *Magia*, vista agora com tanto desprezo.

(33) *Op. cit.*, pág. 9.

(34) Amônio não escreveu uma só linha, segundo o costume dos reformadores.

“atirou às chamas nas praças de Granada oitenta mil manuscritos árabes, dos quais muitos eram traduções de escritores clássicos”.

Na biblioteca do Vaticano há tratados raríssimos e preciosos da antiguidade, com passagens inteiras rasuradas e obliteradas, “para que nelas fossem interpoladas absurdas salmodias”. Sabe-se, além disso, que mais de trinta e seis volumes de Porfírio foram queimados, ou destruídos de outra maneira, pelos “Padres” da Igreja. O pouco que se conhece das doutrinas ecléticas se acha quase todo nas obras de Plótino e desses mesmos Padres da Igreja.

Diz o autor do *New Platonism*:

“O que foi Platão para Sócrates e o apóstolo João para o mestre da fé cristã, também o foi Plótino para com Amônio. A Plótino, Orígenes e Longino devemos o pouco que se sabe do sistema dos ‘filaletos’. A estes, que eram iniciados, estavam confiadas as doutrinas internas.”³⁵

Explica-se, por isso, a razão por que Orígenes chama de “idiotas” as pessoas que crêem no Jardim do Éden e nos mitos de Adão e Eva; como também por que tão poucos são os escritos desse Padre da Igreja que chegaram até nós. Entre o sigilo obrigatório, o voto de silêncio e o que a maldade destruiu pelos meios mais ignóbeis, é verdadeiramente um milagre que se tenha conservado alguma coisa dos ensinamentos neoplatônicos.

(35) *Op. cit.*, pág. 11.

SEÇÃO XXXV

SIMBOLISMO DO SOL E DAS ESTRELAS

“E o céu era visível em sete círculos, e os planetas apareciam com todos os seus signos, em forma estrelada, e as estrelas eram divididas e numeradas segundo os Regentes que nelas estavam, e conforme o seu movimento de revolução, pela ação do Espírito divino.”¹

Aqui, Espírito significa Pneuma, a Divindade coletiva, manifestada nos “Construtores”, ou, segundo a expressão da Igreja, nos “Sete Espíritos da Presença”, ou *mediantibus angelis*, de quem diz São Tomás de Aquino: “Deus nunca opera senão por intermédio deles”.

Esses sete “Regentes” ou Anjos medianeiros eram os Deuses Cabiros dos antigos. E tanto era assim que a Igreja se viu forçada a reconhecê-lo, embora procure ao mesmo tempo dar uma explicação, que, de tão inepta e sofisticada, a ninguém é capaz de convencer. Querem os Padres que o mundo acredite que os Anjos Planetários da Igreja são seres divinos, são os genuínos Serafins², enquanto que os Deuses ou Anjos dos antigos, com os mesmos nomes, regentes dos mesmos planetas, eram e são “falsos”. Não seriam estes últimos mais do que imposturas, hábeis arremedos preparados pela solécia de Lúcifer e dos anjos caídos. Vejamos: que são os Cabiros?

O nome Cabiros é derivado da palavra hebraica *habir*, grande; ou ainda de *Kabar*, outro nome da deusa e do planeta Vênus. Os Cabiros eram adorados em Hebron, a cidade dos Anakim ou Anakas (reis, príncipes). São os Espíritos Superiores Planetários, “os maiores Deuses” e “os mais poderosos”. Como Orfeu, Varrão os chama *εὐδυνάτοι* [forças benéficas], “Potências divinas”. A palavra *Kabirim*, quando aplicada a homens, e as palavras *Heber*, *Gheber* (com referência a Nemrod ou aos “gigantes” do *Gênesis*, VI) e *Kabir* derivam todas da “Palavra misteriosa, inefável, impronunciável”.

Os Cabiros representam assim a *tsaba*, a “legião celestial”. A Igreja, porém,

(1) *Hermes*, IV, 6.

(2) Plural de *Saraph* (שרף), “ardente”, “ígneo” (*Isaías*, VI, 2-6). São considerados servidores imediatos do Onipotente, “seus mensageiros”, anjos ou *metratons*. No *Apocalipse*, são “as sete lâmpadas que ardem diante do trono do Senhor”.

que se inclina diante do anjo Anael (regente de Vênus)³, relaciona o planeta Vênus com Lúcifer, o Satã, chefe dos anjos rebeldes, tão poeticamente apostrofado pelo profeta Isaías: “Oh! Lúcifer, filho da manhã!”⁴. Todos os Deuses de Mistério eram Cabiros; e como estes “sete lictores” se relacionam diretamente com a DOUTRINA SECRETA, é de suma importância fixar sua verdadeira condição.

Suidas define os Cabiros como os deuses que comandam todos os outros demônios ou Espíritos, *καβειρους δαιμονας* [Kabeirous daimonas]. Segundo Macrobio, são

“os Penates e as Divindades tutelares, graças aos quais nós vivemos, aprendemos e conhecemos”⁵.

Os terafins, de que se serviam os hebreus para consultar os oráculos de Urim e Tumim, eram símbolos hieroglíficos dos Cabiros. Contudo, os bons Padres fizeram de Kibir um sinônimo de diabo; e de *daemon* (espírito) um demônio.

Os Mistérios dos Cabiros, que judeus e pagãos celebravam em Hebron, eram presididos pelos sete Deuses Planetários, entre os quais Júpiter e Saturno, com os seus nomes de mistério, chamando-se-lhes *αξιοχερος* [axio-cheros] e *αξιοχερα* [axiochersa] (são designados por Eurípides como os *αξιοχρεως ο θεος* [o mais notável deus]). Por outra parte, Creuzer mostra que tanto na Fenícia como no Egito os Cabiros foram sempre os sete planetas conhecidos da antiguidade, que com seu pai o Sol (ou seu “irmão mais velho”, como o chamaram outros) constituíam uma poderosa ogdóada⁶, ou seja, as oito potestades superiores, os *παρεδοι* [Paredoi] ou assessores solares, que executavam ao redor do Sol a dança sagrada circular, símbolo do movimento de rotação dos planetas. Além disso, Jehovah é o mesmo que Saturno.

É natural, portanto, que o escritor francês D’Anselme aplique aqueles termos *αξιοχερος* e *αξιοχερα* a Jehovah e seu Verbo, estando correta essa aplicação. Porque, se vamos qualificar de “infernais” e “lascivos” a “dança circular” das Amazonas nos Mistérios (que é a “dança circular” dos planetas, caracterizada como o “movimento do Espírito divino conduzido sobre as vagas do grande Oceano”), então devemos dar também os mesmos qualificativos à dança de David⁷, à das

(3) Para os caldeus e os egípcios, Vênus era esposa de Proteu e mãe dos Cabiros, filhos de Phra ou Emepth (a luz divina ou o Sol). Segundo a Cabala e a religião cristã, os Anjos regem os astros na seguinte ordem: Miguel, o Sol; Gabriel, a Lua; Samuel, Marte; Anael, Vênus; Rafael, Mercúrio; Zacariel, Júpiter; e Orifiel, Saturno. Astro-lógica e esotericamente, diferem os lugares dos “regentes”; como também diferem na Cabala judaica, ou melhor, na verdadeira Cabala caldéia

(4) *Isaias*, XIV, 12.

(5) *Saturno*, I, III, IV.

(6) É mais uma prova de que os antigos conheciam sete planetas, além do Sol; pois, de outro modo, qual seria o oitavo astro? O sétimo e mais dois, conforme já dissemos, eram planetas dos “mistérios” e o que falta tanto pode ser Urano como outro.

(7) *II Samuel*, VI, 20-22.

filhas de Shiloh⁸ e aos saltos dos profetas de Baal⁹, pois eram todos idênticos e faziam parte do culto sabeu. A dança do rei David, durante a qual ele se desnudou na via pública em presença de suas servas, dizendo:

“E eu o farei [dançar lascivamente! diante de Jehovah (יהוה)] e serei ainda mais desprezível do que isso”,

certamente que era mais censurável que todas as “danças circulares” dos Mistérios, ou até mesmo que a *râsa mandala* da Índia¹⁰, que é a mesma coisa. Foi David quem introduziu na Judéia o culto de Jehovah, depois de haver convivido por muito tempo com os tírios e os filisteus, entre os quais eram comuns estes ritos.

“David nada sabia a respeito de Moisés, e, se introduziu o culto de Jehovah, não lhe deu caráter monoteístico, considerando-o simplesmente como o culto de um dos muitos deuses (Cabiros) das nações vizinhas, uma divindade tutelar, escolhida e preferida entre ‘todos os outros deuses’.”¹¹

E que era um dos Chabires “associados” do Sol. Os *Shakers* ainda hoje executam a “dança circular”, com as suas contorções, porque, dizem eles, são impulsionados pelo Espírito Santo. Na Índia, é Nârâ-yana “o que se move sobre as águas”; e Nârâyana é Vishnu em sua forma secundária, e Vishnu tem por avatar Krishna, em cuja honra as bailadeiras dos templos (“Nâch-girls”) dançam o “bailado circular” — Krishna representando o Deus-Sol, e elas os planetas simbolizados pelas Gopis.

Veja agora o leitor o que dizem as obras do católico De Mirville e a *Monumental Christianity* do protestante Dr. Lundy, e detenha-se por um instante no exame da sutil casuística dos argumentos desses dois escritores. Quem quer que ignore as versões ocultas sentir-se-á impressionado com as supostas provas apresentadas para demonstrar com que artimanha e pertinácia “Satã se empenhou durante milênios em tentar a humanidade”, que não tinha a proteção de uma Igreja infalível, a fim de que o reconhecesse como o “único Deus vivo”, e aos seus demônios como anjos santos.

Deve o leitor revestir-se de paciência, e estudar com atenção o que De Mirville expõe em prol da doutrina de sua Igreja. Para melhor corejo com a versão dos ocultistas, citaremos aqui algumas passagens, textualmente:

“São Pedro nos adverte: ‘Possas o divino Lúcifer nascer em vossos corações’¹². [Ago-

(8) *Juizes*, XXI, 21 e segs.

(9) *I Reis*, XVIII, 26.

(10) Esta dança, a *râsa mandala*, executada pelas Gopis ou pastoras de Krishna, o Deus-Sol, ainda hoje se pode ver no Rajputana (Índia); e é incontestavelmente a mesma dança circular simbólica e teo-astronômica dos planetas e signos zodiacais, que se celebrava milhares de anos antes de nossa era.

(11) *Ísis sem Véu*, II, pág. 45.

(12) *II Epístola*, I, 19. Reza o texto inglês: “Até que a estrela do dia nasça em vos-

ra o Sol é Cristo]... 'Do Sol enviarei o meu filho', diz o Eterno pela voz dos profetas; e, tendo-se convertido em história a profecia, repetiram por sua vez os Evangelistas: 'O Sol, nascendo nas alturas, nos visita.'¹³

Ora, disse Deus, por intermédio de Malaquias, que o Sol nasceria para aqueles que temessem o seu nome. Só os cabalistas podem explicar-nos o que Malaquias queria dar a entender por "Sol de Justiça"; mas os teólogos gregos, e também os protestantes, interpretaram esta expressão como significando, metaforicamente, Cristo. Entretanto, como a frase: "Do Sol enviarei o meu Filho" foi literalmente copiada de um Livro Sibilino, é difícil compreender que se possa atribuí-la a uma profecia referente ao Salvador Cristão, ou classificá-la como tal, a menos, em verdade, que o identifiquemos com Apolo.

Vergílio também diz: "Eis que se aproxima o reinado da Virgem e de Apolo"; e Apolo, ou Apolion, é hoje, para muitos, uma forma de Satã, e considerado como o protótipo do Anticristo. Se a profecia sibilina: "Do Sol Ele enviará seu Filho" se refere a Cristo, segue-se que Cristo é o mesmo que Apolo; e, assim, por que chamar demônio a este último? Ou então nada tem a ver a profecia com o Salvador Cristão; e neste caso por que apropriá-la?

Mas De Mirville vai ainda mais longe, quando cita as seguintes afirmações de São Dionísio Areopagita:

"O Sol é a especial significação e a imagem de Deus...¹⁴ É pela porta oriental que a glória do Senhor penetrava nos templos [dos judeus e dos cristãos; esta glória divina é a luz do Sol]... 'Edificamos nossas Igrejas com a frente para o Oriente' — diz por sua vez Santo Ambrósio — 'porque durante os Mistérios começamos renunciando àquele que está no Ocidente'."

"Aquele que está no Ocidente" é Tifon, o deus egípcio das trevas, pois os egípcios chamavam o Ocidente "a Porta Tifônica da Morte". Assim, os Padres da Igreja copiaram o Osíris dos egípcios, mas pouco se preocuparam com o seu irmão Tifou.

Diz ainda De Mirville:

"O profeta Baruch¹⁵ fala das estrelas que rejubilam em seus *barcos e cidadelas*. O *Eclesiastes* aplica os mesmos termos ao Sol, qualificando-o de 'o admirável barco do Altíssimo' e

sos corações." Mas esta pequena diferença carece de importância, porque *Lúcifer* tanto é a estrela do dia como a da "manhã", e a substituição é mais agradável aos ouvidos devotos. Nas *Bíblias* protestantes há várias alterações como essa.

(13) A tradução inglesa substitui a palavra "Sol" por "aurora". Decididamente, os teólogos católicos são mais corajosos e sinceros que os protestantes. *Des Esprits*, IV, págs. 34-38.

(14) O mesmo diziam, nos tempos antigos, os egípcios e os sabeus, cujos deuses manifestados Osíris e Bel tinham o Sol como símbolo. Mas eles adoravam também uma divindade suprema.

(15) A Bíblia protestante proscreveu este profeta; conservou-o, porém, a *Literatura Apócrifa*, que, de acordo com o art. VI da Constituição da Igreja Anglicana, "deve ser lida para servir como exemplo de vida e instrução de conduta" (?), não para firmar doutrina.

‘a cidadela do Senhor’, *φύλαξι*¹⁶. Em ambos os casos, não pode haver dúvida quanto a este ponto, porque o autor sacro afirma que ‘é um *Espírito* que governa o curso do Sol’. Ouvi o que diz o *Eclesiastes* (I, 6): ‘E o Sol também nasce, e seu espírito, iluminando tudo em caminho circular (*gyrat gyrans*), retorna sobre os seus giros’.¹⁷ [Ver Douay].

De Mirville, ao que parece, cita textos que os protestantes repudiam ou desconhecem, pois na Bíblia destes não existe um capítulo XLIII do *Eclesiastes*¹⁸, nem é o Sol que retorna “sobre os seus giros”, e sim o vento. É uma questão a ser dirimida entre as duas Igrejas, a de Roma, e a dos protestantes. O que nos cabe sinalar é o forte elemento de sabeísmo ou heliolatria existente no Cristianismo.

Havendo um Concílio Ecumênico vetado com sua autoridade a astrolatria cristã, declarando a inexistência de Almas siderais no Sol, na Lua ou nos planetas, São Tomás de Aquino chamou a si o exame do caso. E concluiu o “doutor angélico” que tais expressões não implicavam a idéia de uma “alma”, mas simplesmente a de uma Inteligência que, sem residir no Sol ou nos astros, os assiste; uma Inteligência que os “guia e dirige”¹⁹.

Fortalecido com a explicação, o autor cita em seguida Clemente de Alexandria, recordando ao leitor a opinião deste filósofo quanto à relação que existe “entre o Sol e os sete braços do candelabro — as sete estrelas do *Apocalipse*”:

“Os seis braços presos ao candelabro central (diz Clemente) têm lâmpadas; mas o Sol, colocado no centro dos braços móveis (*πλανητών*), espazse os seus raios sobre todos eles. Este candelabro de ouro oculta mais um mistério: é o signo de Cristo, não só por sua forma, mas porque irradia sua luz por intermédio do ministério constituído pelos sete espíritos primitivamente criados e que são os ‘sete olhos do Senhor’²⁰.

Portanto [argui De Mirville], os planetas principais são relativamente aos sete espíritos primordiais, segundo S. Clemente, o que o Sol-candelabro é com relação a Cristo — a saber: suas naves, seus *φύλαξαι*.

Tudo isso é bastante claro, sem dúvida; embora não vejamos como possa resolver a questão. Os sete braços do candelabro dos israelitas, assim como os braços “errantes” do candelabro dos gregos, tinham um significado muito mais

(16) *Cornelius a Lapide*, V. 248

(17) *Eclesiastes*. XLIII. As citações acima foram tiradas do capítulo “Da Teologia Solar, Cristã e Judaica”, em *Des Esprits*, IV, 35-38.

(18) Este capítulo XLIII é o da Sabedoria de Sirach, na versão dos Setenta. (Nota da tradução francesa de A DOUTRINA SECRETA.)

(19) Não obstante, a Igreja conservou em seu ritual sacro os “ritos da estrela” dos Iniciados pagãos. Nos Mistérios Mitríacos pré-cristãos, o candidato que saísse vitorioso na prova das “doze torturas”, antes da iniciação final, recebia um bolo redondo, ou biscoito feito de pão ázimo, que simbolizava, em um de seus significados, o disco solar, e era conhecido como o *maná* (pão celeste)... Sacrificava-se depois um carneiro, e às vezes um touro, e com o seu sangue se aspergia o candidato, como sucedeu na iniciação do imperador Juliano. As sete regras ou Mistérios, simboliza-as o *Apocalipse* (cap. VI) r.os sete selos que são abertos e entregues aos “nascidos de novo”.

(20) Ver *Stromata*, Liv. V, cap. VI, pg. 241.

natural e um sentido puramente astrológico. Efetivamente, desde os magos e os caldeus até o tão ridicularizado Zadkiel, todos os astrólogos disseram em suas obras que o Sol está no meio dos planetas, com Saturno, Júpiter e Marte de um lado, e Vênus, Mercúrio e a Lua do outro lado; e que a linha dos planetas que passa através da Terra significou sempre, conforme já o mencionava Hermes, o fio do destino, ou seja, aquilo cuja ação (influência) se chama destino²¹.

Mas, símbolo por símbolo, preferimos o Sol a um candelabro. Pode-se compreender como este chegou a representar o Sol e os planetas; mas não é possível aplaudir a escolha do símbolo. Vemos grandiosidade na imagem poética que faz do Sol o símbolo do “olho de Ormuzd” ou de Osíris, ou o considera como o veículo (Vâhan) da Divindade suprema; mas não atinamos em que se possa glorificar a Cristo como representá-lo pela parte central de um candelabro de sinagoga²².

Mostra o *Apocalipse* que há dois Sóis: um que é adorado, e outro que adora:

“Encontra-se o Verbo no capítulo VII, com o Anjo que se eleva ao nascer do Sol, conduzindo o selo do Deus vivo... Divergem os comentadores quanto à personalidade deste Anjo, mas Santo Ambrósio e muitos outros teólogos vêem nele o próprio Cristo... É o Sol *adorado*. No capítulo XIX, porém, vemos um Anjo que se acha *no* Sol e que convida todas as nações a congregarem-se para a grande ceia do Cordeiro. Neste caso é, literal e simplesmente, o Anjo do Sol, que se não pode confundir com o ‘Verbo’, pois o apóstolo o distingue deste último — do Rei dos Reis ou Senhor dos Senhores... O Anjo *no* Sol parece ser um Sol que adora. Quem poderá ser? Quem, se não a Estrela da Manhã, o Anjo da Guarda do Verbo, seu *ferouer* ou *Anjo da Face*, do mesmo modo que o Verbo é o Anjo da Face (ou da Presença) de seu Pai, sua principal fortaleza e atributo, como o indica seu nome (Mikael), o poderoso reitor glorificado pela Igreja, o *Rector potens*, que há de vencer o Anticristo; o Vice-Verbo, em suma, que representa o seu senhor e parece ser *uno com ele?*.”²³

Sim, Mikael é o suposto vencedor de Ormuzd, Osíris, Apolo, Krishna, Mitra, etc; numa palavra, de todos os Deuses solares, conhecidos ou desconhecidos, que agora são equiparados aos demônios ou a “Satã”. Sem embargo, o “Vencedor” não se dedignou de adornar-se com os despojos dos inimigos vencidos — isto é, com suas personalidades, seus atributos e até os seus nomes convertendo-se em *alter ego* de tais demônios.

“Assim, o Deus-Sol é aqui o *Honover* ou o Eterno. O príncipe é Ormuzd, porque é o primeiro dos sete Amshaspends [as cópias demoníacas dos sete Anjos originais] (*caput angelorum*); o cordeiro (*hamal*), o Pastor do Zodíaco e o antagonista da Serpente, Mas

(21) Mui judiciosamente diz S. T. Coleridge: “A razão sempre indicou ao homem, instintivamente, o objetivo último das ciências... Não padece dúvida que a astrologia será de um modo ou outro o termo complementar da astronomia, pois deve haver relações químicas entre os planetas... uma vez que as diferenças de magnitude e de distância entre eles não se podem explicar de outra maneira. De nossa parte, acrescentaremos: entre os planetas e a Terra com a sua humanidade.

(22) Diz o autor que “a parte central do candelabro representa Cristo” (pág. 40).

(23) *Des Esprits*, IV. págs. 41-42.

o Sol (o olho de Ormuzd) também tem o seu reitor, Korshid ou o *mitraton*, que é o *ferouer* da face de Ormuzd, seu Ized, ou a Estrela da Manhã. Os masdeístas tinham um Sol trino... Para nós, este *Korshid-mitraton* é o primeiro dos gênios *psi copompos*, o guia do Sol, o imolador do touro [ou do cordeiro] terrestre, cujas feridas são lambidas pela serpente [no famoso monumento de Mitra].²⁴

Quando São Paulo se referiu aos Governadores deste mundo, os Cosmocratas, apenas repetiu o que haviam dito todos os filósofos dos dez séculos anteriores à era cristã; mas foi mal compreendido, e muitas vezes deploravelmente interpretado. Damascio reproduz ensinamentos de escritores pagãos, ao dizer que

“Há sete séries de cosmocratas ou forças cósmicas, que são de duas categorias: a primeira, que é a mais elevada, regula e dirige o mundo superior; a segunda, o mundo inferior [o nosso].”

Exatamente o que os antigos ensinavam. Jâmblico expõe este princípio da dualidade de todos os planetas e corpos celestes, dos deuses e dos *daemons* (espíritos). Divide também os Arcontes em duas classes: a mais espiritual e a menos espiritual. Esta última se relaciona mais com a matéria, pois os seus Arcontes se revestem de matéria e têm *forma*; ao passo que os da primeira classe são incorpóreos (*arûpa*).

Mas que têm a ver com tudo isso Satã e seus anjos? Talvez unicamente a identidade dos dogmas zoroastriano e cristão, e a de Mitra, Ormuzd e Ahriman com o Pai, o Filho e o Diabo dos cristãos. Quando dizemos ‘dogmas zoroastrianos’, queremos significar os ensinamentos exotéricos dessa religião. Como se explica que entre Mitra e Ormuzd haja as mesmas relações que entre Cristo e o arcanjo Miguel?

“Ahura Mazda diz ao Santo Zaratustra: ‘Quando eu *criei* [por emanção] Mitra... eu o criei para que fosse invocado e adorado como eu próprio.’”

Movidos pela necessidade de reformas, os árias zoroastrianos transformaram os Devas, os brilhantes deuses da Índia, em *devs* ou diabos. Mas o Karma incumbiu os cristãos de vingarem os hindus neste ponto: Ormuzd e Mitra são agora os *devs* de Cristo e Mikael são o reverso e o aspecto sombrio ou tenebroso do Salvador e do Arcanjo. Também há de chegar a hora kármica da teologia cristã. Os protestantes já começaram a escrever o primeiro capítulo da religião que se proporá converter em demônios e ídolos os “Sete Espíritos” e suas Legiões da Igreja Católica Romana. As religiões tem o seu karma, como os indivíduos, Virá o dia em que ruião os conceitos humanos fundados no agravo aos nossos irmãos que não pensam como nós. “Não há religião superior à verdade.”

Os zoroastrianos, masdeístas e parses tomaram à Índia suas concepções religiosas; os judeus tomaram à Pérsia sua teoria dos Anjos; e os cristãos a tomaram dos judeus.

Daí a última interpretação da teologia cristã sobre o candelabro de sete

(24) *Ibid.* pág. 42.

braços, para grande desgosto da sinagoga, que se vê forçada a partilhar o símbolo com o inimigo hereditário — interpretação segundo a qual o candelabro representa as sete Igrejas da Ásia e os sete planetas cujos anjos são os guardiães dessas Igrejas.

Daí também a convicção de que os judeus, inventores daquele símbolo, destinado ao seu tabernáculo, eram uma espécie de sabeus, que confundiram mais tarde os planetas com os espíritos destes, reunindo-os em um só Deus, a que chamaram Jehovah. Disso dão testemunho Clemente de Alexandria, São Jerônimo e outros.

E Clemente, que, como iniciado, conhecia o sistema heliocêntrico, ensinados nos Ministérios milhares de anos antes de Galileu e de Copérnico, o explica dizendo que:

“Esses diversos símbolos se relacionam com os fenômenos sidéreos, e figuram a totalidade das criaturas que unem o céu à terra... O candelabro representa o movimento dos sete luminares que descrevem sua revolução astral. À direita e à esquerda do candelabro surgem os seis braços, cada um com sua lâmpada, porque o Sol está colocado como um castiçal no centro dos planetas, sobre os quais esparze a sua luz... Quanto aos querubins, que têm doze asas entre as duas, representam o mundo sensorial dos doze signos do Zodíaco.”²⁵

A despeito de provas como essa, obstinam-se os teólogos romanos em apresentar como demoníacos o Sol, a Lua e os planetas nas épocas anteriores ao advento de Cristo, e só posteriormente como divinos. É bem conhecido este verso órfico: “É Zeus, é Adas, é o Sol, é Baco.” São nomes sinônimos entre os poetas e escritores clássicos. Assim, para Demócrito “a Divindade é uma alma em um fogo orbicular”, e este fogo é o Filho. Segundo Jâmblico, o Sol é “a imagem da Inteligência divina” e segundo Platão, “um ser vivo e imortal”. Por isso, quando perguntaram ao oráculo de Claros quem era o Jehovah dos judeus, a resposta foi: “É o Sol.”

Podemos acrescentar as seguintes palavras do salmista:

“No Sol colocou um tabernáculo para si mesmo...”²⁶ Sua saída é desde uma extremidade do céu, e o seu curso até a outra extremidade dele, e ao seu calor nada se esconde.”²⁷

Assim, Jehovah é o Sol e, portanto, também o Cristo da Igreja de Roma. Compreende-se agora a crítica de Dupuis a propósito destes versículos, assim

(25) *Stromata*, V, VI. Não obstante a opinião de Clemente de Alexandria, escrita nos primeiros tempos do Cristianismo pelo renegado neoplatônico, a Igreja até hoje persiste em seu erro consciente. Já não podendo contrariar as afirmações de Galileu, tenta ainda levantar dúvidas sobre o sistema heliocêntrico.

(26) Lê-se na *Bíblia* anglicana: “Neles (os céus) colocou um tabernáculo para o Sol.” Mas esta tradução é errônea e carece de sentido, não se harmonizando com o versículo seguinte; pois há coisas que estão “ocultas ao seu calor” — se as últimas palavras devem referir-se ao Sol.

(27) *Salmos*, XIX, 4, 6.

como a dolorosa impressão do Abade Foucher ao exclamar: “Nada mais favorável ao sabeísmo do que este texto da Vulgata!” Apesar da alteração que aparece no texto anglicano, tanto a Vulgata como a Versão dos Setenta traduzem corretamente o original, dizendo: “No Sol estabeleceu a sua morada.” E a Vulgata declara que o “calor” dimana diretamente de Deus, e não do Sol, pois que Deus sai do Sol e nele mora, e efetua o percurso: *in sole posuit ... et ipse exultavit*. Donde se infere que os protestantes tinham razão em acusar São Jerônimo de haver dito que:

“Deus nos permitiu adorar: o Sol.”

E isso a despeito da frágil escusa de que o verdadeiro sentido da frase é que:

“Deus permitiu que o adoremos no Sol”,

o que vem a dar no mesmo.

Em suma, vê-se por tudo isso que, enquanto os pagãos situavam no Sol e nos planetas só as potestades inferiores da Natureza, os Espíritos representativos, por assim dizer, de Apolo, Baco, Osíris e outros deuses solares, os cristãos, em sua aversão à Filosofia, apropriaram-se dos lugares sidéreos, e agora as reservam ao uso exclusivo de sua divindade antropomórfica e dos seus anjos — novas modalidades em que se transformaram os antiquíssimos deuses. Alguma coisa era preciso fazer para desalojar os antigos inquilinos: cuidou-se então em degradá-los como “demônios”, diabos ou espíritos malignos.



[Esta Seção enfeixa quase toda a primeira parte da Seção V do manuscrito de 1886.]

SEÇÃO XXXVI

ASTROLOGIA OU CULTO SIDÉREO DOS PAGÃOS

Os Terafins de *Terah*, o “fabricante de imagens”, pai de Abraão, e os deuses Cabiros estão diretamente relacionados com o antigo culto sabeu, ou astro-latria. O deus Kiyun ou Kivan, adorado pelos judeus no deserto, é Saturno e também Shiva, e foi posteriormente chamado Jehovah. A astrologia precedeu a astronomia, e ao chefe dos hierofantes no Egito se dava o título de *astronomus*¹. Um dos nomes do Jehovah judaico, “Sabaoth”, ou “Senhor das Legiões” (Tsa-baoth), pertence aos caldeus sabeus, e a raiz da palavra é *tsab*, que quer dizer “carro”, “navio” e “exército”. Sabaoth, portanto, significa literalmente a *armada do navio*, a *tripulação* ou uma *legião naval*, pois o céu, na doutrina, era metaforicamente o “oceano superior”.

Em sua interessante obra *The God of Moses*, Lacour assim explica todos esses termos:

“Os exércitos celestes, ou legiões do céu, significam não somente a totalidade das constelações celestes, mas também os Aleim de quem eles dependem. Os *aleitz-baout* são forças ou *almas* das constelações, as potestades que mantêm e guiam os planetas em seu movimento ordenado... Jae-va-Tzabaout significa o chefe supremo dos corpos celestes.”

Convém advertir, porém, que Jae-va-Tzabaout ou Jehovah-Sabaoth era um nome coletivo e representava a principal “Ordem de Espíritos”; não um espírito principal.

Os sabeus adoravam em suas imagens *esculpidas* unicamente as legiões celestiais — os anjos e os deuses dos planetas; em verdade, não se pode afirmar que adorassem os astros. Sabemos por Platão que entre as estrelas e as constelações só os planetas tinham direito ao título de *theoi* (Deuses), pois este nome era derivado de *θεῖν* correr ou circular. Seldenus nos diz também que eles eram ainda chamados

“Θεοὶ βουλευοὶ (deuses-conselheiros) e *ψαλδοφοροὶ* (*lictiores*), porque estavam presentes ao consistório do Sol, *solis consistorio adstantes*.”

(1) Quando o hierofante alcançava o último grau, surgia do sagrado recinto chamado *Manneras* e recebia o *Tau* de ouro, que colocava no peito e com o qual era enterado ao morrer.

Diz o erudito Kircher:

"Aos Sete Anjos presidentes, por causa dos cetros que empunhavam, deram os nomes de *rabdóforos* e *lictores*."

Em sua mais simples expressão e em seu significado popular, é isso naturalmente um culto fetichista. Entretanto, a astrolatria esotérica não consistia absolutamente em culto aos ídolos, pois que os nomes de "conselheiros" e "lictores" não se aplicavam aos planetas em seus corpos materiais, mas aos seus Regentes ou "Almas" (Espíritos). Se não é idolátrica a invocação "Pai nosso que estais no céu", ou "Santo *tal* que estais no céu", também não o serão as de: "Pai nosso que estais em Mercúrio", "Nossa Senhora que estais em Vênus", "Rainha dos Céus", etc, porque encerram precisamente a mesma idéia, e o nome não altera a essência do fato. A expressão "nos céus" ou "no céu", usada nas orações cristãs, não pode ter sentido abstrato. Morada, seja de Deus, Anjos ou Santos (considerados como individualidades e seres antropomórficos), deve significar necessariamente um lugar, um ponto determinado do "céu"; assim, pouco importa à finalidade do culto seja esse lugar o "céu" em geral, sem nenhuma designação particular, ou o Sol, a Lua ou Júpiter.

Argumento fútil é dizer que havia,

"no mundo antigo como nos tempos modernos, duas divindades e duas hierarquias distintas ou *Isabas*, no céu... de um lado o Deus vivo com sua legião angélica, e de outro Satã ou Lúcifer com seus conselheiros e lictores ou anjos *caídos*".

Querem os nossos adversários que Platão e os antigos fossem adoradores do demônio, e que dois terços da humanidade ainda o sejam em nossos dias. "Toda a questão está em saber distinguir entre Deus e Satã."

Os cristãos protestantes não vêem referência nenhuma a anjos no *Pentateuco*; podemos, portanto, deixá-los de lado.

Os católicos romanos e os cabalistas encontram essa menção; os primeiros porque aceitam a angelologia dos judeus, sem suspeitar que as "hostes *tsabeanas*" eram uma colônia que se havia estabelecido em território judeu e procedente de países gentios; os segundos porque aceitam os frutos da DOUTRINA SECRETA, reservando para si a polpa e deixando a casca para os incautos.

Cornélio Lápide, orientado provavelmente por cabalistas eruditos, expõe e demonstra com acerto o significado da palavra *tsaba* no primeiro versículo do capítulo II do *Gênesis*. Há sem dúvida equívoco dos protestantes em sua interpretação, porque os anjos estão mencionados no *Pentateuco* com a palavra *tsaba*, que significa "legiões" de anjos. Na Vulgata a palavra foi traduzida por *ornatus*, que quer dizer "exército" do céu. Deste modo, incorreram em grave erro os intérpretes bíblicos da Igreja protestante e os *sábios* materialistas que não encontraram os "anjos" mencionados por Moisés. Porque no versículo

"Assim os céus e a terra e toda a sua legião foram acabados" ²

(2) *Gênesis*, II, 1.

a palavra “legião” significa “o exército das estrelas e dos anjos”, parecendo que os dois últimos vocábulos são termos permutáveis, na fraseologia da Igreja. Cita-se Cornélio Lápide como autoridade neste particular; diz ele:

“Tsaba não quer dizer: ou um ou outro, e sim: um e outro, ou ambos, siderum ac angelorum.”

Se os católicos têm razão neste ponto, também a têm os ocultistas quando afirmam que os Anjos da Igreja Romana não são nem mais nem menos que os “Sete Espíritos Planetários”, os Dhyân-Chohans da filosofia esotérica budista ou os Kumâras, “os Filhos da Mente de Brahma”, conhecidos pelo nome patronímico de Vaidhatra. Convencer-nos-emos facilmente da identidade entre os Kumâras, os Dhyân-Chohans cósmicos, ou Construtores, e os Sete Anjos das Estrelas, ou Espíritos Planetários, se estudarmos suas respectivas biografias, e sobretudo os característicos de seus chefes Sanat-Kumâra (Sanat-Sujâta) e o Arcanjo Miguel. Os caldeus davam-lhes o nome de Kabirim (Planetas). Todos eles eram “potestades divinas” (Forças).

Diz Fuérot que o nome Cabiros era empregado para designar os sete filhos de עריק, e significava Pater Sadic, Caim, Júpiter e também Jehovah.

Há sete Kumâras — quatro exotéricos e três esotéricos — e os nomes destes últimos são mencionados no Sâmkhya de Gaudapâpâchârya³. Todos são “deuses virgens”, que permanecem eternamente puros e inocentes, recusando procriar. Em seu primitivo aspecto, estes sete arianos “Filhos da Mente de Deus” não são os regentes dos planetas, e moram muito além da região planetária.

Mas a mesma transferência misteriosa de uma função ou dignidade para outra observa-se igualmente na concepção cristã dos anjos. Os “Sete Espíritos da Presença” são os assistentes perpétuos de Deus, e figuram ainda como “Regentes das Estrelas”, com os mesmos nomes de Miguel, Gabriel, Rafael, etc. — as divindades animadoras dos sete planetas. Basta dizer que o arcanjo Miguel é chamado o “invicto combatente virgem”, porque “recusou procriar”⁴; e isto o relaciona com Sanat Sujâta e o outro Kumâra deus da guerra.

Algumas citações devem ser feitas para ilustrar o que acabamos de expor.

Em seu comentário sobre os “sete castiçais de ouro” de que fala o evangelista São João, diz Cornélio Lápide:

“As sete luzes correspondem aos sete braços do candelabro que no tabernáculo de Moisés e no templo de Salomão representavam os sete [principais] planetas... ou melhor, correspondem aos sete principais Espíritos, cuja missão é velar pela salvação dos homens e das Igrejas.”

(3) Eis os três nomes secretos: “Sana, Sanat Sujâta e Kapila”. Os quatro deuses exotéricos são chamados Sanat Kumâra, Sananda, Sanaka e Sanatâna.

(4) O outro Kumâra, “deus da guerra”, tem no sistema hindu os cognomes de “eterno celibatário” e “guerreiro virgem”. É o São Miguel dos arianos.

Diz São Jerônimo:

“O candelabro de sete braços era, realmente, o símbolo do mundo e de seus planetas.”

E São Tomás de Aquino, o grande doutor da Igreja católica, escreve:

“Não me recordo de já ter encontrado nas obras dos santos e dos filósofos alguma palavra que negue serem os planetas guiados por seres espirituais... Parece-me que é possível demonstrar que os corpos celestes estão regidos por uma inteligência, seja diretamente por Deus, seja por intermédio dos anjos. Mas creio que esta última forma seja mais consentânea à ordem de coisas estabelecida, que São Dionísio afirma não comportar exceção, sendo tudo no mundo governado por Deus através de agentes intermediários.”⁵

Vejamos agora o que dizem os pagãos.

Todos os autores e filósofos clássicos, que escreveram sobre o assunto, repetem com Hermes Trismegisto que os sete Regentes (os planetas, incluindo o Sol) eram os associados e colaboradores do Todo Desconhecido, representado pelo Demiurgo, e tinham o encargo de manter o Cosmos (nosso mundo planetário) dentro de sete círculos.

Plutarco no-los mostra como a representação do “círculo dos mundos celestes”. Dionísio de Trácia e o douto Clemente de Alexandria também dizem que os Reitores ou Regentes estavam representados, nos templos egípcios, como rodas misteriosas ou esferas sempre em movimento; e daí a afirmação dos iniciados de que o problema do moto perpétuo havia sido resolvido nos santuários da Iniciação⁶. Esta doutrina hermética foi exposta por Pitágoras e, antes deste,

(5) Eis o texto original: ‘Cœlestia corpora moveri a spirituali creatura, a nemine Sanctorum vel philosophorum, negatum, legisse memini...’ (*Opusc.* X, art. III). “Mihi autem didetur, quod *demonstrative* probari posset, quod ad aliquo intellectu corpora cœlestia moveantur, vel a Deo immediate, vel a mediantibus angelis. Sed quod mediantibus angelis ea moveat, congruit rerum ordine, quem Dionysius infallibilem asserit, ut inferiora a Deo per *Media* secundum cursum communem administrentur” (*Opusc.* II, art. I). Se assim é, se Deus *nunca* interfere nas leis da Natureza, estabelecidas para todo o sempre, deixando que atuem os seus administradores, por que se há de tachar como idólatras os “pagãos” que chamavam deuses a esses agentes?

(6) Em uma das obras de Des Mousseaux sobre demonologia (*Oeuvres des Demons*, se me não engano), declara o autor haver ouvido do abade Huc, mais de uma vez, o relato que se segue.

Em uma lamaseria do Tibete viu o missionário uma tela, não ligada a qualquer aparelho mecânico, conforme pôde o visitante certificar-se com inteira liberdade. A tela representava uma paisagem lunar; mas o astro não estava morto e imóvel; muito pelo contrário, nele havia movimento e vida. Podia-se dizer que a cena estava iluminada pela nossa própria Lua, ou então pelo seu duplo vívido. As fases, os aspectos e o movimento do nosso planeta se reproduziam no seu fac-símile. “Via-se o astro em forma de crescente e com o brilho do plenilúnio; ocultar-se atrás das nuvens; despontar e pôr-se — tudo exatamente como se fosse o satélite da Terra. Era, numa palavra, a reprodução

por Orfeu. Proclo a menciona como a “doutrina ensinada por Deus”. Jâmblico a ela se refere com a maior veneração. E Filóstrato diz que toda a corte sideral do céu babilônico era representada nos templos

“por globos de safira, que serviam de pedestais para as imagens de ouro de seus respectivos deuses”.

Os templos da Pérsia eram especialmente famosos por essas representações. Se podemos crer no que diz Cedrenus,

“Ao entrar o imperador Heráclio na cidade de Bazacum, ficou pasmado à vista da imensa máquina construída pelo rei Cósroes e que representava a abóbada celeste com os planetas em movimento e os anjos que os presidiam.”⁷

Foi por meio de “esferas” desse tipo que Pitágoras estudou astronomia nos *adyta arcana* dos templos a que teve acesso. E foi lá, durante a sua iniciação, que lhe foi demonstrada, com a perpétua rotação dessas esferas (as “misteriosas rodas” de Clemente de Alexandria e São Dionísio, ou as “rodas do mundo” a que alude Plutarco), a verdade do que lhe haviam ensinado, ou seja, do sistema heliocêntrico, que era o grande segredo dos santuários.

Todas as descobertas alcançadas pela astronomia moderna, e mais os segredos que lhe podem ser revelados no futuro, se continham nos observatórios secretos e nas câmaras de iniciação dos antigos templos da Índia e do Egito. Os caldeus ali faziam os seus cálculos; mas ao mundo profano só revelavam o que ele era capaz de compreender.

Objetar-nos-ão que os antigos desconheciam o planeta Urano e consideravam o Sol como um dos planetas, ainda que o principal e o mais importante. Mas como alguém o pode saber? Urano é um *nome moderno*; e uma coisa é certa: os antigos conheciam um planeta, um “planeta misterioso”, cujo nome jamais enunciavam, e do qual só podia falar o astrônomo mais graduado, o hierofante.

O sétimo planeta não era o Sol, mas o oculto Hierofante Divino; dizendo-se que tinha uma coroa, e que abarcava dentro de sua roda “setenta e sete rodas menores”. No secreto sistema arcaico dos hindus, o Sol é o Logos visível, “Surya”; acima dele há outro, o Homem divino ou celeste, que, depois de insti-

perfeita e resplendente da pálida rainha da noite, tão venerada pelos povos da antiguidade.” Sabemos, por nossa vez, de muitas fontes fidedignas e testemunhas, oculares, que “máquinas” análogas (que não são telas pintadas) existem em certos templos do Tibete; assim como “rodas siderais” que representam os planetas e servem a fins idênticos — astrológicos e mágicos.

O relato de Huc, copiado do livro de Des Mousseaux, foi reproduzido em *Isis sem Veu* (vol. I, pág. 441).

(7) Cedrenus, pág. 338. Fossem acionadas por mecanismos de relojoaria, ou por forças mágicas, aparelhos semelhantes — com todos os planetas em movimento — podiam ver-se nos santuários; e ainda há alguns no Japão, em um templo secreto e subterrâneo dos antigos Micados, e em mais dois outros lugares.

tuir o sistema do mundo de matéria segundo o arquétipo do Universo Invisível, ou Macrocosmo, dirigia durante os Mistérios a celeste Râsa Mandala — e então se dizia que,

“ao dar com o pé direito o impulso a *Tyam* ou Bhûmi [a Terra], ele a faz girar em uma dupla revolução”.

E que diz Hermes? Explicando a Cosmogonia egípcia, assim falou o Trismegisto:

“Escuta, ó filho meu!... A Potestade formou também sete agentes, que encerram em seus círculos o mundo material, e cuja ação se chama destino... Quando tudo foi entregue ao domínio do homem, os Sete lhe comunicaram seus poderes, desejando com isso favorecer a inteligência humana. Mas, logo que o homem conheceu sua verdadeira essência e sua própria natureza, quis penetrar nos círculos e além deles, e assim romper a circunferência, usurpando o poder daquele que domina o Fogo [o Sol], Depois de roubar uma das Rodas do Sol do fogo sagrado, caiu na escravidão.”⁸

Não é a Prometeu que o texto aqui se refere. Prometeu simboliza e personifica toda a humanidade, mas em relação a um acontecimento passado durante a infância desta, ou seja: o “Batismo de Fogo” — um mistério dentro do grande Mistério de Prometeu, e cuja revelação por enquanto só pode ser feita em suas linhas gerais. Em virtude do extraordinário incremento da inteligência humana, isto é, do quinto princípio (Manas), paralisaram-se as percepções espirituais. O intelecto vive geralmente e medra a expensas da sabedoria; e a espécie humana ainda não está de modo algum preparada para compreender o terrível drama da desobediência do homem às leis da Natureza, e a “Queda” consequente. Terá que aguardar o momento propício.

(8) Champollion, *Égypte Moderne*, pág. 42.

SEÇÃO XXXVII

AS ALMAS DAS ESTRELAS HELIOLATRIA UNIVERSAL

A fim de mostrar que os antigos jamais “confundiram as estrelas com os Deuses” ou com os anjos, nem o Sol com o Deus Supremo, mas adoravam somente o Espírito de todas as coisas e reverenciavam os Deuses menores, que se supunha residirem no Sol e nos planetas, convém assinalar a diferença entre esses dois cultos.

Não se devem confundir Saturno — o “Pai dos Deuses” — e seu homônimo o planeta que tem oito satélites e três anéis. Os dois Saturnos

— posto que idênticos em certo sentido, como o são o homem físico e sua alma, por exemplo — têm que ser distinguidos um do outro, no que diz respeito ao culto.

Distinção semelhante impõe-se ainda, e com maior razão, no caso dos sete planetas e seus Espíritos, aos quais se atribui nos ensinamentos secretos a formação de todo o Universo. Análoga diferença também é de notar entre as estrelas da Ursa Maior — a Riksha, a Chitra Shikhandin, “a de brilhante penacho” — e os Rishis, os sábios mortais que apareceram na Terra durante o Satya Yuga.

Se as visões dos profetas de todas as épocas — inclusive os da Bíblia — denotam essa estreita relação entre os astros e os deuses, alguma razão deve haver para isso. Não é necessário retroceder a períodos remotos de “superstição” e “fantasias anticientíficas”: porque na idade moderna encontramos homens eminentes que compartilham essas crenças. Sabe-se que o insigne astrônomo Kepler — e com ele muitas outras figuras não menos ilustres

— acreditava que os corpos celestes exercem influência, favorável ou adversa, sobre o nosso destino, e que tão todos dotados, inclusive a nossa própria Terra, de almas vivas e pensantes.

A esse respeito, vale citar a opinião de Le Couturier:

“Estamos quase sempre inclinados a criticar, sem maior atenção, tudo o que respeita à astrologia e suas idéias. Entretanto, a nossa crítica, para ser justa e digna desse nome, e sob pena de lhe faltar objeto, devia pelo menos tomar conhecimento do que são realmente as idéias astrológicas. E quando, entre os homens que assim criticamos,

vemos nomes tais como os de Regiomontano, Tycho Brahe, Kepler, etc, há fortes razões para procedermos com o máximo de cautela. Kepler tornou-se astrônomo em consequência de sua profissão de astrólogo. Para ganhar a vida, vendia figuras genéticas, que indicavam a posição dos astros no momento de nascer um indivíduo e serviam para compor os horóscopos. O eminente astrônomo cria nos princípios da astrologia, sem aceitar, contudo, todos os seus inconsequentes resultados.¹

Não obstante, a ciência da astrologia é proclamada pecaminosa, e como tal condenada pela Igreja, juntamente com o ocultismo. É duvidoso, porém, que o “culto místico das estrelas” possa ser objeto de escárnio tão facilmente como muita gente supõe — ou pelo menos os cristãos. As legiões de Anjos, Querubins e Arcanjos Planetários são idênticas às dos deuses menores do paganismo. Quanto aos “deuses maiores”, se os astrólogos pagãos — conforme seus próprios adversários reconhecem — consideravam Marte simplesmente como a personificação da força da única Divindade suprema e impessoal, Mercúrio a da onisciência, Júpiter a da onipotência, e assim por diante, segue-se que a “superstição” dos pagãos em verdade se tornou a “religião” popular dos países civilizados. Porque, se para estes Jehovah é a síntese dos sete Elohim, o centro eterno de todos aqueles atributos e forças, o Alei dos Aleim e o Adonai dos Adonim; se Marte hoje se chama Miguel, a “fortaleza de Deus”; Mercúrio, Gabriel, “a onisciência e firmeza de Deus”; e Rafael, “o poder de abençoar e curar do Senhor”; — então o que temos é apenas uma troca de nomes, sem alteração dos caracteres essenciais.

A mitra do Dalai-Lama² tem sete quinas em honra dos sete principais Dhyâni-Buddhas. No ritual fúnebre dos egípcios, atribuía-se ao defunto a seguinte exclamação:

“Eu vos saúdo, ó Príncipes que estais em presença de Osíris!... Concedei-me a graça de ver destruídos os meus pecados, como o fizestes aos sete espíritos que seguem o seu Senhor.”³

Sete raios ornaram a cabeça de Brahmâ, que é acompanhado pelos sete Rishis nos sete Svargas. A China tem seus sete pagodes; os gregos tinham seus sete Ciclopes, sete Demiurgos e sete Deuses de Mistério, os sete Cabiros, cujo chefe era Júpiter-Saturno, ou o Jehovah dos judeus. Agora esta última divindade passou a ser considerada como chefe de todas as demais, o supremo e único Deus; sendo o seu antigo lugar ocupado por Mikael (Miguel), o “Chefe da Legião” (*tsaba*), o “Generalíssimo do exército do Senhor”; o “Vencedor do Demônio” (*Victor diaboli*); o “Arqui-sátrapa da Milícia Sagrada”, e o matador do “Grande

(1) *Musées des Sciences*, pág. 230.

(2) [Lama (em tibetano: *bLa-ma*) quer dizer o Único superior. O título era no início restrito aos superiores dos mosteiros, e ainda é exclusivo dos abades e monges de grau mais elevado; embora hoje se aplique impropriamente a quase todos os monges e sacerdotes lamaístas. — Waddell.]

(3) Tradução do Visconde de Rougemont. Ver: *Les Annales de Philosophie Chrétienne*, 7.º ano, 1861.

Dragão”. Mas a astrologia e o simbolismo, não tendo razões para encobrir as idéias velhas com máscaras novas, conservaram o verdadeiro nome de Mikael, “que era Jehovah” — sendo Mikael o Anjo da face do Senhor⁴, “o guardião dos planetas” e a imagem viva de Deus, a quem representava as suas visitas à Terra; porque, conforme está expresso em hebraico, é um מִיכָאֵל, ou seja, o que é como Deus ou semelhante a Deus. Foi ele quem expulsou a serpente⁵.

Mikael, sendo o regente do planeta Saturno, confunde-se com Saturno⁶. Seu nome de mistério é Sabbathiel, porque preside ao *sabbath* dos judeus, como também ao sábadastroológico. Uma vez assim identificada a figura do vencedor cristão do demônio, sua reputação fica exposta ainda a maior perigo em outras identificações. Os anjos bíblicos são chamados Malachim, mensageiros entre Deus (ou melhor, *os Deuses*) e os homens. Em hebraico, a palavra מַלְאָכִים Malach, significa também “um Rei”, e Malech ou Melech era o mesmo que Moloch e que Saturno, o Seb dos egípcios, a quem estava consagrado o sábadastro ou *Dies Saturni*. Os sabeus distinguiram entre o planeta Saturno e o Deus regente deste astro, e tal distinção era muito mais nítida que a dos católicos romanos entre as estrelas e seus Anjos. Os cabalistas têm o Arcanjo Miguel como patrono da sétima obra da Magia.

“No simbolismo teológico... Júpiter [o Sol] é o Salvador ressurto e glorioso, e Saturno é o Deus Pai, ou o Jehovah de Moisés.”⁷

Assim diz Eliphas Lévi, que o *devia* saber.

Jehovah e o Salvador, como Saturno e Júpiter, são, portanto, idênticos; e sendo Miguel chamado a imagem viva de Deus, parece que a Igreja se arrisca quando apresenta Saturno como Satã — o *anjo mau*. Mas Roma é forte em casuística, e tentará safar-se galhardamente desta dificuldade, como de muitas outras, chamando a si mesma toda a glória. Não obstante, parece como se todos os seus dogmas e ritos fossem outras tantas páginas arrancadas à história do ocultismo e logo adulteradas.

É um escritor católico quem agora confessa que é sumamente tênue a linha de separação entre a Teogonia caldéia e cabalística, de um lado, e a Angelologia e a Teodicéia da Igreja Romana, de outro. Custa a crer no que vêem os nossos olhos quando lemos passagens como estas (atenção para as que se acham em *itálico*):

“Um dos traços característicos de nossas Escrituras Sagradas é a *calculada discrição com que se enunciam os mistérios menos úteis diretamente à salvação*... Assim, além destas ‘miríades de miríades’ de criaturas angélicas que acabamos de mencionar⁸, e de todas

(4) *Isaías*, LXIII, 9. “O Anjo de sua presença”.

(5) *Apocalipse*, cap. XII: “7. E houve guerra no céu, e Miguel e seus anjos batalhavam contra o dragão... “9. E foi expulso o grande dragão.”

(6) É também o Espírito animador do Sol, e ainda de Vênus.

(7) *Dogme et Rituel*, II, pág. 116.

(8) Se fossem enumeradas, ver-se-ia que são as “legiões” e os coros dos Devas dos hindus, e os Dhyân-Chohans do budismo esotérico.

estas divisões prudentemente elementares, há sem dúvida muitas outras cujos verdadeiros nomes não chegaram até nós⁹. Porque, como muito bem diz São João Crisóstomo, há certamente (*sine dubio*) muitas outras *Virtudes* [seres celestes] cujas denominações estamos ainda longe de conhecer... As nove ordens não são de modo algum as únicas que povoam o céu, onde, ao contrário, *moram innumeráveis tribos* de seres infinitamente variados, dos quais seria impossível *dar a menor idéia* em linguagem humana... Paulo, que *conhecia os seus nomes*, nos revela sua existência'. (De *Incomprehensibili Natura Dei*, Livro IV).

Seria, portanto, *um grave equívoco ver somente erros* na angelologia dos cabalistas e dos gnósticos, tão severamente tratados pelo apóstolo dos gentios, porque a censura deste recata apenas sobre os exageros e as interpretações viciosas daqueles, e ainda mais sobre a aplicação de tão nobres títulos às desprezíveis personalidades de usurpadores demoníacos¹⁰. Nada, às vezes, se parece tanto à *linguagem dos santos* como a *linguagem dos réus* [santos e demônios]. É preciso aprofundar este estudo em seus dois aspectos (o do credo e o da profissão), e, o que é mais importante, confiar *cegamente na autoridade do tribunal* [a Igreja de Roma, é claro] para poder discernir onde se encontra o erro. A Gnose condenada por São Paulo não deixa contudo de ser, para ele como para Platão, o supremo conhecimento de todas as verdades e do Ser por excelência, *ὄντως ὄν* (*República*, livro VI). As idéias tipos, *αρχαί*, do filósofo grego, as *inteligências* de Pitágoras; os eões e as emanções, motivo de tantos anátemas contra os primeiros hereges; o Logos ou Vergo, Chefe dessas Inteligências; o Demiurgo [dos pagãos] que construiu o mundo sob a direção de seu Pai; o Deus desconhecido; o *En-Soph* ou O Infinito [dos cabalistas]; os períodos angélicos¹¹; os sete Espíritos; os abismos de Ahriman; os *Reitores* do mundo; os *Arcontes* do ar; o *Deus deste mundo*; o *pleroma* das inteligências; o *metraton* dos judeus; tudo isso se encontra, palavra por palavra, como tantas verdades, nas obras de nossos mais eminentes doutores e nos escritos de São Paulo.¹²

Se um ocultista desejasse acusar a Igreja de uma série de plágios, teria necessidade de acrescentar mais alguma coisa? E depois de tão plena confissão, temos ou não o direito de inverter os conceitos, e dizer dos católicos romanos e outros o que eles dizem dos gnósticos e dos cabalistas: "que se apropriaram de nossas expressões e repudiaram nossas doutrinas"? Porque os "promotores da falsa Gnose" não são os que usurparam as expressões cristãs, mas em verdade foram os Padres e os teólogos que se apossaram do nosso tesouro, e desde então não cessam de o malbaratar.

As linhas acima transcritas explicarão muita coisa àqueles que buscam a verdade, e nada mais que a verdade. Elas demonstram a origem de certos ritos da Igreja, até hoje inexplicáveis para os ingênuos, e esclarecem a razão por que

(9) O que não foi empecilho a que a Igreja de Roma as adotasse *quand même*, aceitando os nomes que alguns Padres ignorantes, ainda que sinceros, tomaram aos cabalistas — judeus e pagãos.

(10) Tachar de "usurpadores" os Seres que antecederam ao Cristianismo, e cujos nomes este apropriou, é levar demasiado longe o anacronismo paradoxal!

(11) Ou *idades divinas*, "os dias e os anos de Brahmā".

(12) *Des Esprits*, II, pgs. 325-26. É também o que dizemos. E isso prova como a Igreja tomou os seus dogmas e nomes sagrados aos *magos* e aos cabalistas. Paulo jamais condenou a verdadeira Gnose, e sim a *falsa*, que hoje a Igreja aceita.

expressões tais como “Nosso Senhor o Sol” figuravam nas orações dos cristãos até o século V, e até mesmo o século VI de nossa era, incorporadas à liturgia, sendo depois substituídas por “Deus Nosso Senhor”.

Não esquecer que os primeiros cristãos representavam a Cristo nas paredes de suas necrópoles subterrâneas à semelhança e com os atributos de Apolo, em atitude de afugentar o lobo Fenris, que tenta devorar o Sol e os planetas.

[Omitidos alguns pontos controversos, esta Seção é praticamente a mesmo subseção III da Seção V do manuscrito de 1886.]

SEÇÃO XXXVIII

ASTROLOGIA E ASTROLATRIA

Os livros de Hermes Trismegisto contêm o significado exotérico, ainda velado para todos (salvo para os ocultistas), da astrologia e da astrolatria dos Khaldi [caldeus]. As duas matérias estão intimamente entrelaçadas. A astrolatria, ou adoração das coortes celestes, é o resultado natural de se conhecerem apenas meias verdades da astrologia, cujos adeptos preservavam cuidadosamente do profano os princípios ocultos e a sabedoria que lhes foram ensinadas pelos Regentes dos planetas, ou "Anjos". Daí os dois aspectos: a astrologia divina, para os iniciados; a astrolatria supersticiosa, para os profanos.

Afirma São Justino:

"Desde a invenção dos hieróglifos, somente homens esclarecidos e selecionados (excluindo-se os homens vulgares) é que foram iniciados — no segredo dos templos — em todas as ciências astrológicas, inclusive a de caráter mais abjeto, isto é, aquela astrologia que depois se substituiu nas praças públicas."

Grande diferença havia entre a sagrada ciência ensinada por Petosíris e Necepo (os primeiros astrólogos de que falam os manuscritos egípcios, e que, segundo se acredita, floresceram no reinado de Ramsés II (Sesóstris)¹ e a vil impostura dos charlatães caldeus, que degradaram o conhecimento divino nos últimos tempos do império romano. Podemos com propriedade designar a primeira sob o nome de "Astrologia superior cerimonial", e a segunda sob o de "Astrolatria astrológica". Aquela se baseava no conhecimento, pelos iniciados, das Forças imateriais (imateriais para nós) ou Seres espirituais, que influenciam e dirigem a matéria. Chamadas Arcontes e Cosmocratas pelos antigos filósofos, eram elas, nos planos superiores, os tipos ou paradigmas de entidades inferiores e mais materiais na escala da evolução, os elementais e espíritos da Natureza, que os sabeus adoravam, sem suspeitar sua diferença essencial.

Por esse motivo, a "astrolatria", quando não era mera simulação, degenerava quase sempre em magia negra. Foi a forma predominante da astrologia popular

(1) Sesóstris ou o faraó Ramsés II, cuja múmia foi descoberta por Maspero, do Museu de Bulaq, e que se admite tenha sido um dos maiores reis do Egito, avô de Ramsés III, o último soberano de uma das antigas dinastias.

ou exotérica, em que se ignorava inteiramente o fundamento apotelesmático da primitiva ciência, cujas doutrinas só eram comunicadas na iniciação. Assim, enquanto os verdadeiros hierofantes se alcandoravam como semideuses no ápice do conhecimento espiritual, os *hoi polloi* caldeus mergulhavam na superstição — há dez mil anos como hoje — e na sombra fria e letal dos vales da matéria.

A influência dos astros é dual. Há a influência de ordem física e fisiológica, a exotérica, e há a influência altamente espiritual, moral e intelectual, conferida pelo conhecimento dos Deuses planetários. Por não ter senão um conhecimento imperfeito da Astrologia, chamou-a Bailly, no século XVIII, “a Mãe louca de uma filha ajuizada”, a Astronomia. Por outra parte, Arago, um dos luminares do século XIX, admite a influência sidérea do Sol, da Lua e dos planetas, e pergunta:

“Onde encontraremos a influência lunar refutada por argumentos que a ciência ouse perflhar?”

E o próprio Bailly, depois de condenar a Astrologia tal como era publicamente praticada, não se dispõe a fazer o mesmo quanto à verdadeira Astrologia. Diz ele:

“A astrologia judiciária, em sua origem, foi o resultado de um sistema que tinha os seus fundamentos; foi a obra de uma nação esclarecida, que desejou profundar os mistérios de Deus e da Natureza.”

Vemos que um cientista de época mais recente, Philippe Lebas, membro do Instituto de França e professor de História, chega a assinalar, sem o perceber, a verdadeira raiz da astrologia, em um interessante artigo sobre essa matéria, no *Dictionnaire Encyclopédique de France*. Entende ele, e o manifesta aos seus leitores, que o haverem professado a astrologia tantos homens de grande inteligência constitui, por si só, razão suficiente para não se considerar esta ciência como um acervo de sandices.

“Se em política proclamamos a soberania do povo e da opinião pública, podemos admitir, como até agora, que somente neste ponto se deixe o gênero humano enganar completamente? E que durante tantos séculos, e em todas as nações, fossem as mentes dominadas pelo mais grosseiro absurdo, sem outras bases que a imbecilidade humana, de um lado, e o charlatanismo, de outro? Como é possível que durante mais de cinquenta séculos tenham sido os homens, em sua grande maioria, ou tolos ou velhacos?... Ainda que não possamos separar, na astrologia, o que é realidade e o que é invenção ou mero devaneio... repetiremos com Bossuet e outros filósofos que ‘nada do que prevaleceu durante algum tempo podia ser absolutamente falso’. Não é verdade, em todo o caso, que há uma recíproca reação física entre os planetas? Não é também certo que os planetas exercem influência sobre a atmosfera, e portanto uma ação, pelo menos indireta, sobre os vegetais e os animais? Não já demonstrou a ciência estes dois fatos, sem mais lugar para dúvidas?... E não é igualmente certo que a liberdade do homem não é absoluta, que na vontade individual influem todas as coisas, e por conseguinte os planetas? Não é verdade que a Providência [o *Karma*] atua sobre nós e dirige os homens, segundo as relações que estabeleceu entre eles e as coisas visíveis do Universo?... É isso a astrolatria, em sua essência. Somos obrigados a reconhecer que os antigos Magos tive-

ram a guiá-los um instinto superior à época em que viveram. Quanto ao conceito materialista da aniquilação da liberdade moral do homem, que Bailly atribui à astrologia, não tem razão de ser. Todos os astrólogos, sem exceção, admitiram que o homem pode reagir contra a influência dos astros. Este princípio se acha consagrado nos *Tetrabiblos* de Ptolomeu, verdadeiras escrituras astrológicas, nos capítulos II e III do Livro I.²

São Tomás de Aquino nos ofereceu uma corroboração antecipada das palavras de Lebas, ao dizer que:

“Os corpos celestes são a causa de tudo quanto sucede neste mundo sublunar, pois influem indiretamente nas ações humanas; mas nem todos os efeitos que produzem são inevitáveis.”³

Os ocultistas e os teósofos são os primeiros a reconhecer que há astrologia branca e astrologia negra. Entretanto, deve a astrologia ser estudada em ambos os aspectos por aqueles que desejem conhecê-la a fundo: os resultados, bons ou maus, não dependem dos princípios, que são os mesmos nos dois casos, mas do próprio astrólogo. Assim, Pitágoras, que aprendeu o sistema heliocêntrico nos livros de Hermes, dois mil anos antes de Copérnico, nele baseou toda a Ciência da Teogonia divina, da comunicação com os Reitores do mundo (os Príncipes dos “Principados” de São Paulo), de sua evocação, da origem de cada planeta e do próprio Universo, das fórmulas de encantamento, e da consagração de cada uma das partes do corpo humano ao seu correspondente signo zodiacal.

Nada disso pode ser tomado por coisa infantil ou absurda, e muito menos “diabólica”; e só assim o considerarão os profanos e ignorantes em filosofia e ciências ocultas. Nenhum pensador digno deste nome, que reconheça a existência de um laço comum entre o homem e a Natureza, assim visível como invisível, terá por “infantilidades ou absurdos” as velhas relíquias da Sabedoria Arcaica, como por exemplo o *Papiro de Petemenoph* — tão injustamente menosprezadas por muitos acadêmicos e homens de ciência. Mas, pelo contrário, descobrindo nesses vetustos documentos a aplicação de leis e postulados herméticos, tais como

“a consagração dos cabelos ao celeste Nilo, da têmpora esquerda ao espírito vivente no Sol, e da têmpora direita ao espírito de Ammon”,

ele se esforçará por estudar e compreender melhor a “lei das correspondências”. E não porá em dúvida a antiguidade da astrologia, sob o fundamento de que alguns orientistas atribuem o odíaco a uma invenção dos gregos do período macedônio; porque contra esta errônea suposição militam várias razões, entre as quais as provas decisivas proporcionadas pelos últimos descobrimentos no Egito e por uma leitura mais cuidadosa dos hieróglifos e inscrições das primeiras dinastias.

As polêmicas suscitadas sobre os textos dos chamados “papiros mágicos” da coleção Anastasi evidenciam a antiguidade do Zodíaco. Conforme se lê nas

(2) *Op. cit.*, pág. 422.

(3) *Summa*, Quest. XV. Art. V, sobre os Astrólogos; Vol. III, págs. 2-29.

Cartas a Letronne, os papiros discorrem extensamente a respeito das quatro bases ou

“fundamentos do mundo, sendo impossível confundir-lhes a identidade, como afirma Champollion, porque somos forçados a reconhecer neles os “pilares do mundo” de que nos fala São Paulo. São estes fundamentos invocados com os deuses de todas as zonas celestiais, e inteiramente análogos, além disso, aos *Spiritualia nequitiae in celestibus* do mesmo apóstolo”⁴.

Essa invocação se fazia nos mesmos termos... da fórmula depois reproduzida por Jâmblico, a quem não se pode negar o mérito de haver transmitido à posteridade o antigo e primitivo espírito dos astrólogos egípcios.”⁵

Letronne queria provar que os zodíacos egípcios datavam do período romano; mas o descobrimento da múmia de Sensaos veio demonstrar que

“Todos os monumentos zodiacais do Egito eram eminentemente astronômicos. Os túmulos reais e os ritos funerários constituem verdadeiras tábuas de constelações e de suas influências em todas as horas de cada mês.

Assim, as tábuas genetiácas provam por si mesmas que têm muito maior antiguidade que a atribuída à sua origem. Todos os zodíacos dos sarcófagos de épocas posteriores são simples reminiscências dos zodíacos pertencentes ao período mitológico [arcaico].”

A primitiva astrologia era tão superior à chamada astrologia judiciária moderna quanto o são, como guias, os planetas e os signos do zodíaco aos postes de iluminação. Berosse mostra a soberania sideral de Bel e de Milita (o Sol e a Lua), que, juntamente com “os doze senhores ou deuses do Zodíaco”, os “trinta e seis deuses conselheiros” e as “vinte e quatro estrelas, juizes deste mundo”, suportam e guiam o Universo (nosso sistema solar), e vigiam os mortais, a quem revelam seus próprios decretos e o destino da humanidade. Com razão diz a Igreja Latina que a astrologia judiciária, tal como hoje se conhece, consiste na:

“Predição materialista e panteísta, por meio do próprio planeta objetivo, independentemente de seu Regente [o Milac dos judeus, o ministro do Eterno incumbido de anunciar a vontade deste aos mortais]. A ascensão ou a conjunção do planeta no momento em que nasce o indivíduo decidem a sua sorte, assim como o tempo e o modo em que há de morrer.”⁶

(4) “Os principados e potestades [nascidos] nos céus” (*Efésios*, III, 10). O versículo “Porque, ainda que haja alguns que são chamados deuses, no céu ou na terra (como há muitos deuses e muitos senhores)” (*I Cor.*, VIII, 5) mostra, pelo menos, que Paulo admitia a pluralidade de “deuses”, chamando-os “demons” (espíritos, não *diabos*). Principados, Tronos, Dominações, Reitores, etc., são nomes cristãos de Deuses da antiguidade. E os Arcanjos e Anjos são os Devas e Dhyân-Chohans das religiões antigas.

(5) Réplica de Reuvens aos conceitos errôneos de Letronne sobre o zodíaco de Denderá.

(6) Santo Agostinho (*De Gen.*, I, III) e Delrio (*Disquisit.*, IV, III) são citados por De Mirville para mostrar que “quanto mais coisas verdadeiras dizem os astrólogos, e exatas são as suas profecias, tanto mais devemos desconfiar, porque é assim que o seu pacto com o diabo se manifesta com toda a clareza”.

Sabem todos os estudantes de ocultismo que os corpos celestes estão intimamente relacionados, durante cada Manvantara, com a humanidade deste ciclo particular; e alguns crêem que os grandes personagens nascidos nesse período têm — como os outros mortais, mas em grau muito maior — o seu destino traçado em sua própria constelação ou estrela, qual biografia antecipada escrita pelo espírito da mesma estrela. A mônada humana em seus primeiros passos, por assim dizer, é esse próprio espírito ou alma da estrela (ou planeta). Assim como o Sol irradia a sua luz e os seus raios sobre todos os corpos do espaço compreendidos nos limites do seu sistema, assim também o Regente de cada astro, a Mônada-Raiz, faz brotar de si mesma a mônada de cada alma “peregrina”, nascida em sua própria casa e em seu próprio grupo.

Os Regentes são esotericamente sete, e tanto podem ser chamados Sephiroth como “Anjos da Presença”, Rishis ou Amshasponds. “O Uno não é um número” — está escrito em todos os livros esotéricos.

Dos Kasdim e dos Gazzim (astrólogos), a nobre ciência primitiva passou aos Khartumim Asaphim (teólogos) e aos Hakamim (ou cientistas, os magos de categoria inferior), e destes aos judeus durante o cativeiro. Os Livros de Moisés caíram no esquecimento por alguns séculos; e, ao serem redescobertos por Hilkiyah, haviam perdido seu verdadeiro significado para o povo de Israel. A primeva Astrologia Oculta estava já em decadência quando Daniel, o último iniciado judeu da velha escola, se tornou chefe dos magos e dos astrólogos da Caldéia. Nesse tempo, o próprio Egito, cuja sabedoria promanava da mesma fonte que a da Babilônia, havia degenerado de sua grandeza antiga, e sua glória principiava a eclipsar-se.

Não obstante, a Ciência arcaica havia deixado no mundo suas marcas eternas; e os sete grandes Deuses primitivos reinaram para sempre na astrologia e nos calendários de todas as nações da terra. Os nomes dos dias da semana cristã são os nomes dos deuses dos caldeus, que por sua vez os copiaram dos árias. Na opinião de Sir W. Jones, a uniformidade destes nomes prediluvianos em todos os povos, desde os indianos aos godos, permaneceria inexplicável se não fosse conhecida a recomendação dos oráculos caldeus, registrada por Porfírio e a que se referiu Eusébio:

“Devem estes nomes ser divulgados primeiro entre as colônias egípcias e fenícias, e depois entre os gregos, com a expressa recomendação de se invocar cada um dos deuses unicamente no dia que tem o seu nome...”

A famosa afirmação de Juvenal (*Sátiras*, VI), de que “não houve um só astrólogo que deixasse de pagar bem caro a ajuda recebida do seu gênio”, está longe de provar que este gênio fosse diabólico; como tampouco a morte de Sócrates é prova de que o seu “demônio” fosse um habitante do mundo inferior (se é que existe). Tais argumentos servem apenas para evidenciar a estultície e a maldade humanas, pois escravizam a razão ao fanatismo e ao preconceito. “A maioria dos grandes escritores da antiguidade, entre eles Cícero e Tácito, acreditaram na astrologia e em suas predições”; e “a pena de morte, pronunciada em quase toda a parte contra os matemáticos [astrólogos] cujas predições falhavam, nem lhes diminuía o número nem lhes perturbava a tranquilidade de espírito.”

Assim diz Apolo nos oráculos: 'Devo ser invocado no dia do Sol; Mercúrio, conforme as suas instruções; depois Cronos [Saturno], e depois Vênus; não se deixando de chamar sete vezes cada um destes deuses'." ⁷

Observa-se aqui um pequeno erro. A Grécia não adquiriu seu conhecimento astrológico do Egito ou da Caldéia, mas diretamente de Orfeu, como nos diz Luciano⁸. Foi Orfeu que ensinou as ciências hindus a quase todos os grandes monarcas da antiguidade; e foram estes, com o beneplácito dos deuses planetários, que fizeram registrar os princípios da astrologia — como o rei Ptolomeu, por exemplo. Conta Luciano:

"O beócio Tirésias granjeou muita fama na arte de predizer o futuro... Naquele tempo, não se encarava a adivinhação de modo tão leviano como hoje, e nunca se empreendia obra alguma sem consultar previamente os adivinhos, cujos oráculos se baseavam todos na astrologia... Em Delfos a virgem encarregada de anunciar o futuro era o símbolo da Virgem Celeste... ou Nossa Senhora."

No sarcófago de um Faraó egípcio há uma representação da mãe de Ra, Neith, a bezerra que deu à luz o Sol e cujo corpo está ornado com estrelas e os discos do Sol e da Lua; o seu nome é também mencionado como a "Virgem Celeste" ou "Nossa Senhora da Abóbada Estrelada".

A astrologia judiciária em sua forma atual data da época de Deodoro, segundo ele próprio o declara⁹. Mas a astrologia caldéia era conhecida e aceita por homens eminentes da história, tais como César, Plínio e Cícero, que contava entre seus melhores amigos os astrólogos Lucius Tarrutius e Nigidius Figulus, cuja celebridade igualou à dos profetas. Marco Antônio sempre viajava acompanhado de um astrólogo recomendado por Cleópatra. Augusto, quando subiu ao trono, teve o seu horóscopo elaborado por Teágenes. Por meio da astrologia e da adivinhação, descobriu Tibério uma conspiração para arrebatá-lo o trono. Vitélio não se atreveu a desterrar os caldeus porque estes lhe tinham vaticinado a morte no mesmo dia em que fossem expulsos. Vespasiano consultava diariamente os astrólogos, e Domiciano não se movia sem pedir o conselho dos adivinhos. Adriano foi um astrólogo erudito. Todos os imperadores, inclusive Juliano (cognominado o *Apóstata* precisamente porque não o quis ser) acreditavam nos "deuses planetários" e os invocavam em suas orações. Ademais, o imperador Adriano "predisse tudo o que lhe ia acontecer durante um ano, desde as calendas de janeiro até 31 de dezembro". Nos reinados dos mais ilustres imperadores, havia em Roma uma Escola de Astrologia, onde se ensinavam secretamente as influências ocultas do Sol, da Lua e de Saturno¹⁰.

Ainda hoje a astrologia judiciária é cultivada pelos cabalistas. Eliphas Lévi,

(7) *Preparatio Evangelica*, I, XIV.

(8) *Ast.*, IV, pág. 60.

(9) *Hist.*, I, II.

(10) Todos estes pormenores podem ver-se com maior amplitude na obra *Egypte*, de Champollion.

o moderno mago francês, expõe os rudimentos desta ciência em seu livro *Dogme et Rituel de la Haute Magie*. Mas para a Europa se perdeu a chave da astrologia cerimonial ou ritual, com os terafins e os urins e tumins da magia. E daí o dar de ombros com que o nosso século materialista vê as coisas da astrologia, considerando-a como impostura.

Contudo, nem todos os homens de ciência a desprezam; e só nos podemos felicitar ao ler no *Musée des Sciences* a sugestiva e sincera observação de Le Cousturier, cientista de grande nomeada. Não deixa de ser curioso, pensa ele, ver que, enquanto por um lado são justificadas por Dalton as audaciosas especulações de Demócrito, por outro lado

“Os sonhos dos alquimistas também se encaminham para uma certa reabilitação. As minuciosas investigações de seus sucessores, os químicos, lhes infundem uma vida nova, e é realmente admirável observar como as descobertas modernas vêm contribuindo para absolver as teorias medievais da acusação de absurdas, contra elas levantada. Se, por exemplo, conforme demonstrou o Coronel Sabine, a direção de uma peça de aço, suspensa a poucos centímetros do solo, pode ser modificada pela posição da Lua, que dista 240.000 milhas do nosso planeta, como será possível tachar de extravagante a crença dos astrólogos antigos [e também dos modernos] na influência dos astros sobre o destino humano?”¹¹

(11) *Op. cit.*, pág. 230.

SEÇÃO XXXIX

CICLOS E AVATARAS

Já tivemos oportunidade de assinalar que as biografias dos Salvadores do mundo são emblemáticas, devendo ser interpretadas em seu sentido místico; e que o número 432 tem uma significação evolutiva cósmica. Vimos como essas duas verdades projetam luz sobre a origem do Cristianismo exotérico, e dissipam muitos pontos obscuros de seus primórdios. Pois não é claro que os nomes e os personagens que figuram nos Evangelhos Sinópticos e no de São João estão longe de ser históricos? Não parece evidente que os compiladores da vida de Cristo, desejosos de apresentar o nascimento do seu Mestre como um acontecimento cósmico, astronômico e predeterminado por Deus, trataram de coordená-lo com o fim do ciclo secreto de 4.320?

Mas, examinando-se os fatos, verifica-se que não se ajustam a esse ciclo mais do que ao outro de "trinta e três anos solares, sete meses e sete dias", ou seja, o ciclo lunissolar em que o Sol ganha um ano solar sobre a Lua, e que também se diz apoiar a mesma pretensão.

A combinação dos três algarismos 4, 3, 2 com zeros correspondentes ao respectivo ciclo e Manvantara foi e é eminentemente hindu, e permanecerá secreta, embora se revelem alguns de seus caracteres significativos. Esta combinação se refere, por exemplo, ao Pralaya das raças em suas periódicas dissoluções, que são sempre precedidas da vinda e encarnação de um Avatar especial sobre a Terra. Todas as nações da antiguidade, tais como o Egito e a Caldéia, adotaram esses algarismos, que muitíssimo antes eram já de uso corrente entre os atlantes. Não há dúvida que alguns dos mais instruídos Padres da Igreja primitiva, que haviam, quando ainda pagãos, esquadrinhado os segredos dos templos, eram sabedores de que os algarismos se referiam ao mistério avatárico ou messiânico; e cuidaram, por isso, de adaptar este ciclo ao nascimento do seu Messias. Mas falharam, porque as cifras se relacionam com o fim de cada Raça-Raiz, e não com um indivíduo em particular. Seus esforços, mal orientados, conduziram, por outra parte, a um erro de cinco anos. Se o que eles afirmavam a respeito da importância e da universalidade do acontecimento fosse correto, como seria possível que tamanho erro escapasse em um cômputo cronológico previamente traçado nos céus pelo dedo de Deus?

Além disso, se exata fosse a aplicação do ciclo ao nascimento de Jesus, que faziam então os Iniciados pagãos e até mesmo judeus? Teriam eles, como guardiães da chave dos ciclos secretos e dos Avatares, e herdeiros da sabedoria ária, egípcia e caldeia, deixado de reconhecer o seu grande “Deus Encarnado”, uno com Jehovah¹. o seu Salvador do fim dos tempos, aquele que todos os povos da Ásia esperam ainda como o seu Avatar Kalki, Maitreya Buddha, Soshios, Messias, etc?

Aqui está o segredo de tudo isso. Há ciclos dentro de outros ciclos maiores, todos contidos no Kalpa de 4.320.000 de anos. É no fim deste ciclo que se espera o Avatar Kalki, o Avatar cujo nome e características são secretos, mas que virá de Shamballa, a “Cidade dos Deuses”, situada no Ocidente para algumas nações, no Oriente para outras, e no Serentrião ou no Sul para outras ainda. Esta é a razão por que, desde o Rishi indiano a Vergílio, e desde Zoroastro à última sibila, todos, a partir do início da Quinta Raça, profetizaram, cantaram e prometeram a volta cíclica da Virgem (a constelação Virgo) e o nascimento do Menino-Deus para restaurar a Idade de Ouro na Terra.

Ninguém, por fanático que seja, ousará sustentar que a era cristã tenha restituído o gênero humano à Idade de Ouro, havendo Virgo, desde então, entrado realmente em Libra.

Tracemos, tão sumariamente quanto possível, a verdadeira origem das tradições cristãs.

Primeiro que tudo, vêem os intérpretes cristãos, em certos versos de Vergílio, uma direta profecia do nascimento de Cristo. Entretanto, é impossível descobrir nela algum característico da época atual. A profecia consta da famosa écloga quarta de Vergílio; meio século antes de nossa era, Pólio solicita que as musas da Sicília celebrem em seus cânticos os grandes acontecimentos do futuro.

É chegada a última era da predição de Cumas², e recomeça a grande série de idades [que se repete continuamente no curso da revolução do nosso mundo]. Agora retorna a Virgem Astréia, e recomeça o reinado de Saturno. Agora *desce dos reinos celestiais uma nova progénie*. Recebe tu, ó casta Lucina! com sorriso propício o Menino que há de encerrar a presente Idade de Ferro³ e abrir para o mundo inteiro a Idade de Ouro... Este Menino partilhará a vida dos Deuses, e verá os heróis convivendo com os Deuses; e ele próprio será visto pelos heróis e pelo mundo pacífico... Então já não temerá a grei

(1) Nas 1326 passagens do *Novo Testamento* em que aparece o nome “Deus”, nada há que indique compreender o significado desta palavra outros seres além de Deus. Pelo contrário, em 17 passagens Deus é chamado o Deus único. Em 320 outras, o Pai. Em 105, é invocado em termos altissonantes e enfáticos. Em 90, as preces e ações de graça são dirigidas ao Pai. Por 350 vezes se diz que o Filho é inferior ao Pai. E Jesus é chamado o “Filho do Homem” 50 vezes; e “homem” 70 vezes. Não há um só lugar da *Bíblia* onde se declare que Deus encerra em si três Seres ou Pessoas distintas, sendo contudo um único Ser ou Pessoa. — Dr. Carlos von Bergen, *Lectures in Sweden*.

(2) [Refere-se Vergílio aos oráculos e predições da famosa sibila de Cumas, a que alude o *Dies irae* da Igreja cristã no versículo: *Texte David cum Sibila*, isto é, segundo os textos de David e da Sibila. — Nota da trad. espanhola]

(3) Kali Yuga, a Idade de Ferro ou Idade Negra.

o terrível leão; e também morrerá a serpente, e perecerá a enganadora planta com o seu veneno. Vem, portanto, ó Menino predileto dos Deuses, ó nobre descendente de Júpiter!... Vê como o mundo inteiro estremece ao saudar-te: as terras, os mares e os céus exaltam a tua glória.”⁴

Nestes versos os cristãos descobrem a “profecia sibilina da vinda de Cristo”. Mas quem poderá realmente afirmar que algumas das frases citadas encerram uma visão profética do nascimento de Jesus ou da fundação da religião cristã? Já teria porventura chegado ao fim aquela “última era” — a Idade de Ferro ou Kali Yuga? Muito pelo contrário, encontra-se atualmente em seu pleno vigor; não apenas porque o dizem os hindus, senão por experiência pessoal do mundo inteiro. Onde está aquela “nova raça descida dos reinos celestiais”? Foi a geração que, nascida do paganismo, se transferiu para o Cristianismo? Ou é a raça que compõe as nações atuais, sempre em preparativos de guerra, sempre intolerantes e invejosas, prontas para investir umas contra as outras, tomadas do ódio que faz inimigos cães e gatos, e sempre mentindo e enganando-se reciprocamente? Será esta a promedida Idade de Ouro, em que já não nos molestará nem a peçonha da serpente nem o veneno destilado por alguma planta? E em que viveremos todos em segurança, sob o benigno governo de soberanos escolhidos por Deus?

As mais caprichosas fantasias de um fumador de ópio não seriam capazes de sugerir mais inadequada descrição da Idade de Ouro, se como tal houvésssemos de conceituar a nossa época ou qualquer outra desde o primeiro ano da era cristã. As matanças entre as seitas, dos cristãos pelos pagãos, e dos pagãos e dos hereges pelos cristãos; os horrores da Idade Média e da Inquisição; as torrentes de sangue derramado pela posse de alguns acres de território e a submissão de um punhado de infiéis; a “paz armada”, com milhões de soldados em armas, prontos para entrar em combate; a astuciosa diplomacia dos Judas e dos Cains; e, em vez do “benigno governo de soberanos divinos”, o domínio universal do cesarismo, do “direito da força” substituindo a “força do direito”, com suas inevitáveis progênes de anarquistas, socialistas, incendiários e destruidores de toda espécie. Eis aí o quadro.

A profecia da sibila e a inspiração poética de Vergílio falharam em todos os pontos, conforme vemos.

“As suaves espigas de trigo amarelecem os campos”,

diz o poeta. Mas isso também ocorria antes de nossa era.

“As rosadas uvas penderão das grosseiras sarças, e o carvalho rugoso destilará [ou poderá destilar] rociado mel.”

Mas até agora isso não aconteceu.

Devemos buscar outra interpretação. Qual? A Sibila, como milhares de outros profetas e videntes, de cujas profecias somente alguns poucos registros sobreviveram até nós (embora não aceitos por cristãos e infiéis), a Sibila, dizemos,

(4) Vergílio, *Égloga*, IV

falou em termos que só os iniciados podem compreender. Aludiu aos ciclos em geral e ao grande ciclo em particular. Vejamos como os *Purânas* corroboram as suas palavras, entre outros o *Vishnu Purâna*:

“Quando as práticas ensinadas pelos Vedas e as instituições legais estiverem chegando ao seu fim, e se aproximar o término do Kali Yuga [a “Idade de Ferro” de Vergílio], um aspecto daquele Ser Divino, que por sua própria natureza espiritual existe em Brahmâ, e é o princípio e o fim [Alfa e ômega] ... descenderá sobre a Terra: ele nascerá na família de Vishnuyashas, um eminente brâmane de Shamballah ... dotado dos oito poderes sobre-humanos. Com sua força irresistível, destruirá ... todos aqueles cujas mentes estiverem votadas à iniquidade. Depois restabelecerá a justiça na Terra, e as mentes dos que viverem no fim da idade Kali ficarão despertas e translúcidas como o cristal⁵. Os homens, assim transformados pela virtude dessa era singular, serão como as sementes de seres humanos [os Shisthas ou sobreviventes do futuro cataclisma], e darão nascimento a uma raça obediente às leis da Krita Yuga [ou Satya Yuga, a Idade de Ouro ou Idade da Pureza]. Porque está escrito: ‘Quando o Sol, a Lua, e Tishya [os asterismos ou constelações], e o planeta Júpiter se acharem em uma mesma casa, a Krita Yuga [a Idade de Ouro] ressurgirá.’”⁶

Os ciclos astronômicos dos hindus — os que são objeto de ensinamentos públicos — têm sido suficientemente compreendidos; mas outro tanto não sucede com o seu significado esotérico, na aplicação dos assuntos transcendentes que com eles se relacionam. O número de ciclos era considerável, variando desde o ciclo Mahâ Yuga⁷ de 4.320.000 anos até os pequenos ciclos setenário e quinquenal. Os cinco anos desde último se chamavam, respectivamente, Samvatsara, Parivatsara, Idvatsara, Anuvatsara e Vatsara, a cada um dos quais se atribuíam propriedades secretas. Vridhdhagarga os menciona em um tratado que está hoje em poder de um templo (*matham*) trans-himalaico, explicando a relação existente entre esse quinquênio e o ciclo Brihaspati, baseada na conjunção do Sol e da Lua em cada período de sessenta anos. É um ciclo sobremodo misterioso e importante para os acontecimentos de um país, e especialmente para a nação indo-ariana.

(5) Diz-se que no fim de nossa raça o gênero humano, por via de sofrimentos e provações, se fará mais espiritual. A clarividência será uma faculdade comum a todos. Estaremos aproximando-nos de uma condição espiritual semelhante à das raças Terceira e Segunda.

(6) *Vishnu Purâna*, Wilson, IV, XXIV. 228.

(7) A Grande Idade.

SEÇÃO XL

CICLOS SECRETOS

O ciclo de cinco anos, a que nos referimos no final da seção precedente, compreende sessenta meses solares siderais, ou 1.800 dias; sessenta e um meses solares, ou 1.830 dias; sessenta e dois meses lunares, ou 1.860 lunações; e sessenta e sete meses asterolunares, ou 1.809 dias desta espécie.

Em seu livro *Kâla Sankelita*, o Coronel Warren considera, com muita propriedade, estes anos como ciclos; e efetivamente o são, pois cada ano tem sua importância especial e se relaciona com determinados sucessos nos horóscopos dos indivíduos. Diz ele que o ciclo de sessenta anos

“compreende cinco ciclos de doze anos, cada um dos quais equivale a um ano do planeta Brihaspati (ou Júpiter) ... Menciono este ciclo porque verifiquei constar de alguns livros; mas não sei de nenhuma nação ou tribo que meça o tempo de acordo com esse cômputo”¹.

A ignorância é muito natural: o Coronel Warren nada podia conhecer dos ciclos secretos e de sua significação. Acrescenta ele:

“Os nomes dos cinco ciclos ou Yugas são: ...1. Samvatsara, 2. Parivatsara, 3. Idvatsara, 4. Anuvatsara, 5. Udravatsara.”

O ilustre Coronel podia, no entanto, facilmente averiguar que “outras nações” tinham o mesmo ciclo secreto: bastaria lembrar-se de que os romanos também usavam o *lustrum* (ou quinquênio) em seus cômputos cronológicos, medida essa tomada inegavelmente aos hindus e cujo produto por 12 dá o ciclo de sessenta anos². Nas imediações de Benares ainda se encontram vestígios de todos esses ciclos e de instrumentos astronômicos talhados na rocha, como sempiternas recordações da iniciação arcaica, às quais Sir W. Jones (por sugestão dos sábios brâmanes que o assessoraram) chamou “registros pretéritos” ou computadores. Mas idênticas relíquias também existem em Stonehenge. Conforme diz Higgins, Waltire verificou que os pequenos montes tumulares que rodeiam

(1) *Op. cif.*, pág. 212.

(2) Pelo menos o significado secreto no templo era o mesmo.

esse templo gigantesco representavam com exatidão a magnitude e a posição das estrelas fixas, formando como que um campo planetário completo.

Segundo afirma Colebrooke, o ciclo dos *Vedas*, a que se refere o *Jyotisha* (um dos Vedangas que trata de astronomia), é a base do cálculo para todos os demais ciclos, maiores ou menores³; mas os *Vedas*, embora arcaicos os seus caracteres, foram escritos muito depois que os homens da Terceira Raça, instruídos pelos Dhyân-Chohans, houvessem registrado suas observações feitas com o auxílio de gigantes instrumentos astronômicos e matemáticos. Maurice está no caminho certo quando diz que todos

“os monumentos circulantes de pedra foram erguidos como símbolos permanentes de ciclos astronômicos por uma raça que, por desconhecer o uso da escrita ou porque razões políticas o proibiam, não dispunha de outro meio seguro para instruir os estudantes ou transmitir seus conhecimentos à posteridade”.

Maurice apenas se equivoca no tocante à última suposição; pois foi para ocultar esse patrimônio de saber à posteridade profana, legando-o somente aos iniciados, que os homens de então erigiram aqueles monumentos, a um tempo observatórios de pedra e tratados de astronomia.

É coisa sabida que, assim como os hindus dividiam a Terra em sete zonas, também os antigos povos mais ocidentais (os caldeus, os fenícios e até mesmo os judeus, que receberam dos brâmanes os seus conhecimentos, direta ou indiretamente) adotavam em suas numerações sagradas e secretas as bases de 6 e 12, embora empregassem ainda o 7 quando estes números não se prestavam às operações. Aproveitaram, assim, a base numérica de 6, que foi a cifra exotérica dada por Ária Bhatta. Os arqueólogos e os matemáticos podem facilmente encontrá-la em todos os povos e em todas as nações, figurando em seus respectivos ciclos, desde o primeiro ciclo secreto de 600⁴ até o menor deles. Daí a divisão do globo em 60 graus, que, multiplicados por 60, deram 3600 — o “grande ano”. Daí também a hora com os seus 60 minutos de 60 segundos cada um. Os povos asiáticos têm um ciclo de 60 anos, ao qual sucede a sétima década feliz. Os chineses têm o seu pequeno ciclo de 60 dias, os judeus outro de 6 dias, e os gregos um de 6 séculos (o Naros outra vez).

Os babilônios tinham um “grande ano”, que era o Naros multiplicado por 6. O ciclo Van dos tártaros era de 180 anos, ou três vezes 60; multiplicando-se por 12 X 12, isto é, por 144, temos 25.920 anos, período exato da revolução celeste.

A Índia é o berço da matemática, conforme o demonstra Max Müller em seu livro *Chips from a German Workshop*, capítulo “Our Figures”. Vejamos o que, com muito acerto, expõe Krishna Shâstri Godbole em *The Theosophist*:

“Os judeus... representavam os números dígitos (1 a 9) com as nove primeiras letras do seu alfabeto; as dezenas (10 a 90) com as nove letras seguintes; as quatro primeiras centenas (100 a 400) com as quatro últimas letras; e as demais centenas (500 a

(3) *Asiatic Researches*, vol. VIII, págs. 470 e seguintes.

(4) O Naros, transformado sucessivamente em 60.000, 60 e 6, e em outros ciclos secretos com o acréscimo de zeros.

900) com as segundas formas das letras *kaf* (11.^o), *mim* (13.^o), *nun* (14.^o), *pe* (17.^o) e *sad* (18.^o). Representavam os outros números pela combinação dessas letras, segundo o seu valor. ... Os judeus atuais ainda empregam em seus livros hebraicos essa mesma notação numérica. Os gregos adotavam um sistema de numeração semelhante ao dos judeus, mas ampliavam o uso das letras do alfabeto colocando atrás delas um traço ou uma linha oblíqua para indicar os milhares (1.000 a 9.000), as dezenas de milhar (10.000 a 90.000) e as centenas de milhar (100.000). Estas últimas, por exemplo, eram representadas pela letra *rho* com um traço atrás, ao passo que o *rho* por si só valia 100. Os romanos formavam os números mediante a combinação aditiva (à direita) ou subtrativa (à esquerda) de sete letras do seu alfabeto, a saber: I (=1), V (=5), X (=10), L (= 50), C ("centum" = 100), D (= 500) e M (= 1.000). Assim, XX = 20, XV = 15 e IX = 9. São os chamados algarismos romanos, adotados por todas as nações européias que usam o alfabeto romano. Os árabes, no início, imitaram o método de seus vizinhos judeus, e o chamaram *Abjad*, nome formado com as quatro primeiras letras do alfabeto hebraico: *alif*, *beth*, *gimel* (ou antes, *jimel*, isto é, *jim*, não possuindo o árabe a letra 'g') e *daleth*, correspondentes aos números 1, 2, 3 e 4. Mas, quando, no começo da era cristã, estiveram na Índia, em viagens de comércio, viram que ali era usada a notação decimal, e passaram desde então a adotá-la, sem alterar sequer a forma de escrever da esquerda para a direita, embora a deles fosse em sentido inverso. Introduziram o sistema na Espanha e em outros países das costas do Mediterrâneo, que estiveram sob o domínio árabe durante aquela sombria fase da história da Europa, e logo depois o uso da notação decimal se estendeu às demais nações do continente. É, portanto, evidente que os árabes conheciam bem a matemática ou ciência do cálculo, numa época em que os outros povos pouco ou nada sabiam dela. Admite-se também que os árabes aprenderam com os hindus a aritmética e a álgebra, que depois ensinaram às nações ocidentais. É uma prova convincente de que a civilização ariana é muito mais antiga que a de qualquer outra nação do mundo; e, como os *Vedas* são o mais vetusto monumento daquela civilização, sua origem deve, portanto, remontar a uma antiguidade remotíssima.⁵

Mas, enquanto a nação judaica, por exemplo, considerada por tanto tempo como a mais antiga na ordem da criação, nada sabia de aritmética, nem do sistema decimal, este já era conhecido na Índia desde muitos séculos antes da era cristã.

Para que se tenha certeza da imensa antiguidade das nações arianas da Ásia e de seus conhecimentos astronômicos, é preciso estudar algo mais que os *Vedas*. O sentido secreto destes últimos nunca o poderão compreender os orientalistas da presente geração, porque as obras astronômicas que abertamente oferecem as verdadeiras datas e provam a antiguidade do país e de sua ciência escapam ao alcance dos colecionadores de utensílios e de velhos manuscritos da Índia, por motivos que, demasiado óbvios, não necessitam de explicação. Sem embargo, perdidos e ignorados entre essa população de memórias fenomenais e cérebros metafísicos, existem ainda hoje, na Índia, astrônomos e matemáticos, modestos Shâstris e Pandits, que se têm dedicado a investigações naquele sentido, conseguindo provar, de modo satisfatório para muita gente, que os *Vedas* são os livros mais antigos do mundo. Um destes investigadores é o Shâstri há pouco citado, que publicou em *The Theosophist*⁶ um artigo substancial, em que demonstra, matematicamente e astronomicamente, que:

(5) *The Theosophist*, agosto de 1881. "Antiquity of the Vedas", pág. 239.

(6) Agosto de 1881 a fevereiro de 1882.

"Se... o exame crítico das escrituras pós-védicas, desde os *Upanishads* e *Brâmanas* até os *Purânas*, nos faz retroceder a 20.000 anos antes de Cristo, então a época em que foram escritos os *Vedas* não pode datar de menos de 30.000 anos antes da era cristã, e devemos atualmente admitir que esta é a idade desse *Livro dos Livros*." ⁷

E quais são as suas provas? Os ciclos e a evidência proporcionada pelos asterismos. Daremos em seguida alguns extratos do seu artigo "A Antiguidade dos *Vedas*" (que, por sua extensão e profundidade, é mais um tratado astronômico), selecionando o suficiente para se ter uma idéia dos argumentos aduzidos e do significado que o autor dá ao ciclo quinquenal de que temos falado. Aqueles a quem, por sua competência em matemática, interessarem as demonstrações expostas devem ler o artigo em sua íntegra ⁸ e julgar por si mesmos.

"10. Somâkara, em seus comentários ao *Shesha Jyotisha*, cita uma passagem do *Satapatha Brâhmana*, que contém uma observação sobre a mudança dos trópicos, encontrada também no *Sâkhâyana Brâhmana*, conforme o menciona o Professor Max Müller em seu prefácio ao *Rigveda Samhitâ* (vol. IV, nota ao pé da pág. XX). Eis a passagem: 'A noite de lua cheia de Phâlguna é a primeira noite de Samvatsara, o primeiro ano do ciclo quinquenal'. Aqui vemos claramente que o ciclo quinquenal, que, segundo o sexto versículo do *Jyotisha*, se inicia no primeiro dia de Mâgha (janeiro-fevereiro), em tempos anteriores começava no 15.º dia de Phâlguna (fevereiro-março). Ora, quando principia o 15.º dia de Phâlguna do primeiro ano (Samvatsara) do ciclo quinquenal, a Lua, de acordo com o *Jyotisha*, está em

$$\frac{95}{124} = \frac{1}{1 + \frac{1}{3 + \frac{8}{29}}} \text{ ou } \frac{3}{4} \text{ do Uttara Phâlguni;}$$

e o Sol em

$$\frac{33}{124} = \frac{1}{3 + \frac{1}{1 + \frac{8}{25}}} \text{ ou } \frac{1}{4} \text{ do Purva Bhâdrapadâ.}$$

Donde se infere que a posição dos quatro principais pontos sobre a eclíptica era então a seguinte:

Solstício de inverno — em 3°29' de Purva Bhâdrapadâ

Equinócio de primavera — no princípio de Mrigashirsha

Solstício de verão — em 10º de Purva Phâlguni

Equinócio de outono — na metade de Jyeshthâ

Vimos que o ponto equinocial da primavera coincidia com o começo de Krittikâ no ano 1421 a.C. Portanto, desde o começo de Krittikâ até o de Mrigashirsha se passaram $1421 + 26 \frac{2}{3} \times 72 = 1421 + 1920 = 3341$ anos a.C, supondo ser de 50º por ano a

(7) *The Theosophist*, outubro de 1881, pág. 127.

(8) *The Theosophist*, out. 1881, pág. 22.

razão da *precessão*. Se considerarmos a razão como sendo de $3^{\circ}20'$ em 247 anos, o tempo se eleva a $1516 + 1960,7 = 3476,7$ anos antes de Cristo.

Quando o solstício de inverno, em virtude de seu movimento retrógrado, coincidiu depois com o começo de Purva Bhādrapadā, então o início do ciclo quinquenal se transferiu do dia 15 para o dia 1.º de Phālguna (fevereiro-março). Esta mudança ocorreu 240 anos depois da observação acima, isto é, no ano 3101 a.C., data que é da maior importância, porque assinala o começo de uma era. O início de Kali Yuga (a palavra *kali* deriva de *kal*, que significa calcular) funda-se, portanto, em um fato astronômico, embora digam os eruditos europeus que é uma data imaginária.

INTERCÂMBIO DE KRITTIKĀ E ASHVINĪ⁹

Vemos assim que os asterismos, em número de vinte e sete, se contavam a partir de Mrigashirsha, quando o equinócio da primavera estava em seu início, e que se continuou adotando essa maneira de contar até que o mesmo equinócio retrocedeu ao começo de Krittikā, quando esta se tornou a primeira das constelações. Porque então se havia mudado o solstício de inverno, recuando de Phālguna (fevereiro-março) a Māgha (janeiro-fevereiro), ou seja, de um mês lunar completo. E do mesmo modo o lugar de Krittikā foi ocupado por Ashvinī, passando esta a ser a primeira constelação, encabeçando todas as demais, quando o seu início coincidiu com o ponto equinocial da primavera, ou, por outras palavras, quando o solstício de inverno estava em Pansha (dezembro-fevereiro). Ora, desde o começo de Krittikā até o de Ashvinī vão duas constelações, ou $26 \frac{2}{3}$, e é de 1.920 anos o tempo necessário ao equinócio para percorrer essa distância em sentido retrógrado, à razão de 1 em 72 anos. Portanto, a época em que o equinócio da primavera coincidiu com o começo de Ashvinī, ou com o fim de Revati, foi o ano 499 depois de Cristo, ou seja: 1.920 menos 1.421.

OPINIÃO DE BENTLEY

12. Cabe registrar aqui a importante observação de Bentley em suas investigações sobre as antiguidades indianas. Diz ele: 'O primeiro asterismo lunar na divisão de vinte e oito foi chamado Mūla, que significa raiz ou origem. Na divisão de vinte e sete, o primeiro asterismo lunar teve o nome de Jyeshthā, isto é, o mais antigo ou o primeiro, e portanto de importância igual ao precedente' (veja-se *Historical View of the Hindu Astronomy*, pág. 4). Donde se conclui que o equinócio da primavera esteve, em certa época, no princípio de Mūla, e que esta constelação era a primeira quando se contavam

(9) O estudo imparcial dos livros védicos e pós-védicos mostra que os antigos árias conheciam muito bem a precessão dos equinócios, cuja posição "retrocedia até dois (e às vezes três) asterismos, sempre que a precessão chegava a dois asterismos (mais exatamente $2 \frac{11}{61}$) ou cerca de 29° , equivalendo ao movimento do Sol em um mês lunar, o que determinava o retrocesso das estações em uma lunação completa ... Parece fora de dúvida que, no tempo do *Sūrya Siddhanta*, do *Brahmā Siddhanta* e de outros antigos tratados de astronomia, o ponto equinocial da primavera ainda não tinha alcançado o começo de Ashvinī. encontrando-se alguns graus a este da mesma constelação ... Os astrônomos europeus alteram, em cada ano, de uns $50''$, 25 para oeste, o início de Áries e o dos outros signos do Zodíaco, e assim ficam sem significação os nomes dos signos. No entanto, estes signos são tão fixos como as próprias constelações, por onde se vê que neste particular os astrônomos ocidentais parecem menos avisados e científicos que os seus antigos confrades arianos (*The Theosophist*, out. 1881, pág. 23).

vinde e oito, inclusive Abhijit. Ora, desde o começo de Mrigashirsha até o de Mûla vão catorze constelações ou 180; e portanto a data em que o equinócio da primavera coincidiu com o começo de Mûla foi, pelo menos, de $3.341 + 180 \times 72 = 16.301$ anos antes de Cristo. A posição dos quatro pontos principais sobre a eclíptica era então a seguinte:

Solstício de inverno — no começo de Uttara Phâlguni no mês de Shrâvana

Equinócio de primavera — no começo de Mûla em Kârttika

Solstício de verão — no começo de Purva Bhâdrapada em Mâgha.

Equinócio de outono — no começo de Mrigashirsha em Vaishâkha

UMA PROVA DO BHAGAVAD GITÂ

13. O *Bhagavad Gitâ*, do mesmo modo que o *Bhâgavata*, menciona uma observação indicativa de antiguidade ainda mais remota que a atribuída por Bentley. As passagens vão transcritas abaixo, na ordem em que ali se encontram.

‘Eu sou o Mârgashirsha [isto é, o primeiro] entre os meses e a primavera [isto é, a primeira] entre as estações.’

Prova isso que o primeiro mês da primavera foi, em certa época, Mârgashirsha. Uma estação compreende dois meses, e o nome de um mês sugere a estação ...

‘Eu sou o Samvatsara entre os anos [que são em número de cinco], a primavera entre as estações, o Mârgashirsha entre os meses e o Abhijit entre as constelações [que são vinte e oito].’

Evidencia-se com isso que houve tempo em que o primeiro ano do ciclo quinquenal se chamava Samvatsara, o *Madhu* ou primeiro mês da primavera era Mârgashirsha, e Abhijit a primeira das constelações, coincidindo com o ponto equinocial da primavera. Calculemos agora a data desta observação. Do começo de Mûla ao de Abhijit há três constelações, e portanto a data deve ser, pelo menos, $16.301 + 3/7 \times 90 \times 72 = 19.078$, isto é, cerca de 20.000 anos antes de Cristo. O Samvatsara principiava, nessa época, no mês de Bhâdrapadâ, correspondente ao solstício de inverno.”

Temos, assim, matematicamente provado que os *Vedas* contam 20.000 anos de antiguidade. E é uma demonstração exotérica. Todo matemático, se não se deixou obcecado por idéias preconcebidas, pode facilmente chegar a esse resultado; e um astrônomo amador, desconhecido mas de invulgar inteligência, S. A. Mackey, já nos deu a confirmação disso sessenta anos atrás.

Sua teoria a respeito dos Yugas hindus e sua duração é sumamente curiosa e se aproxima bastante dos ensinamentos ocultos. Diz ele:

“Segundo refere a obra *Asiatic Researches* (tomo II, pág. 131), ‘o grande antepassado de Yudhister reinou 27000 anos ... no fim da Idade de Bronze’. Lê-se ainda na mesma obra (tomo IX, pág. 364): ‘No começo do *Cali Yuga*, durante o reinado de Yudhister¹⁰. E Yudhister principiou a reinar imediatamente depois da inundação chamada Pralaya.’

Vemos aí três afirmações distintas com relação a Yudhister... Para explicar essas aparentes diferenças, temos que recorrer aos livros de ciência dos árias, que dividem os céus e a terra em *cinco* partes desiguais, por meio de círculos paralelos ao equador. É de suma importância atentar para essas divisões ... uma vez que é delas que decorre a do Mahâ-Yuga em suas quatro partes componentes. Sabem os astrónomos que há nos céus um ponto chamado pólo, ao redor do qual parece girar toda a esfera celeste em vinte e quatro horas. A noventa graus desse pólo foi imaginado um círculo, o *equador*, que divide os céus e a terra em duas partes iguais, o Norte e o Sul. Entre o equador e o pólo há outro círculo imaginário, o círculo de *perpétua aparição*, e entre este e o equador há um ponto nos céus, chamado *zênite*, por onde passa mais um círculo imaginário, paralelo aos outros dois, completando-se o circuito com o círculo de *perpétua ocultação* ... Nenhum astrónomo europeu, além do autor, fez aplicação destes círculos ao desenvolvimento dos misteriosos números hindus. Segundo se diz em *Asiatic Researches*, Yudhister designou Vicramaditya¹¹ para reinar em Cassimere, que fica aos 36 graus de latitude. E nesta latitude o círculo de perpétua aparição se estende até 72 graus de altitude, à distância de apenas 18 graus do zênite; mas do zênite ao equador, sob esta latitude, há 36 graus, e do equador ao círculo de perpétua ocultação há 54 graus. Aqui temos o semicírculo de 180° dividido em quatro partes, na proporção de 1, 2, 3, 4, ou seja: 18, 36, 54, 72. Se os astrónomos hindus conheciam ou não o movimento da Terra, pouco importa ao caso, visto que as situações aparentes são as mesmas; e, se isto pode causar alguma satisfação a certas pessoas de *consciência mais exigente*, estou disposto a admitir que eles acreditavam na rotação da esfera celeste em torno da Terra. Mas é inegável que haviam observado o movimento *progressivo* das estrelas no percurso do Sol, através dos pontos equinociais, à *vazão* de 54 segundos de grau por ano, o que significava uma revolução completa do Zodíaco em 24.000 anos. Também observaram que, durante esse tempo, o ângulo de inclinação variava, *dilatando* ou *contraíndo* a largura dos trópicos em quatro graus de cada lado, progressão de movimento que transportaria os trópicos do equador aos pólos no fim de 540.000 anos. Durante esse tempo, o Zodíaco teria realizado 22 1/2 revoluções, expressas pelos círculos paralelos do equador aos pólos ... Ou, o que vem a dar no mesmo, o pólo norte da eclíptica se teria deslocado do pólo norte da Terra para o equador ... Assim, os pólos estariam invertidos ao cabo de 1.080.000 anos, o que corresponde precisamente à duração do Mahâ-Yuga, que os hindus dividiram em quatro partes desiguais e proporcionais a 1, 2, 3 e 4, isto é: 108.000, 216.000, 324.000 e 432.000. Temos deste modo a prova positiva de que tais números resultaram de *antiquíssimas observações astronômicas*, e portanto não merecem as expressões de desdém com que a eles se referem os ensaístas, repetindo as vozes de Bentley, Wilford, Dupuis e outros.

Vamos agora mostrar que nada tem de *absurda* e *inadmissível* aquela referência ao reinado de 27.000 anos de Yudhister. Mas é possível que os ensaístas¹² ignorem que houve vários Yudhisters ou Judhisters. Diz o autor de *Asiatic Researches* (tomo II, pág. 131): ‘O grande antepassado de Yudhister reinou 27.000 anos, no fim da Idade de

(10) [Cali = Kali, e Yudhister = Yudhistera].

(11) [Ou Vikramaditya.]

(12) [Autores de ensaios sobre Astronomia.]

Bronze ou Terceira Idade'. Aqui devo novamente pedir que se atente para a projeção que representa um plano daquela máquina, qualificada como coisa grosseira pelo segundo dos sobreditos senhores. Trata-se de um *esferóide oblongo*, chamado astrolábio pelos antigos. O eixo mais comprido corresponde ao eixo polar da Terra, e forma com o horizonte um ângulo de 28°; então as sete divisões acima do horizonte até o pólo norte (o templo de Buddha) e as sete desde o pólo norte até o círculo de perpétua aparição representam os quatorze Manvantaras, ou longuíssimos períodos de tempo, cada um dos quais, segundo o *Asiatic Researches* (tomo III, pág. 258 ou 259) foi o reinado de Menu [Manu]. Mas o Capitão Wilford nos dá a seguinte informação (tomo V, pág. 243): 'Os egípcios tiveram quatorze dinastias, e os hindus também quatorze, cujos soberanos foram chamados Menus'...

É fácil confundir estes quatorze grandes períodos de tempo com os do Cali Yuga de Delhi, ou de outro lugar situado na latitude de 28°, onde o espaço em branco desde o sopé do Meru ao sétimo círculo, a contar do equador, constitui a parte percorrida pelo trópico durante o período imediato. A proporção é muito diferente na latitude de 36°, e por isso diferem os cálculos nos livros hindus. Por causa dessa discrepância, Bentley declara que 'não se pode ter confiança nos números hindus'. Ao contrário, isso é uma prova de que os hindus *observavam* com exatidão os movimentos celestes sob diferentes latitudes.

Alguns livros hindus nos informam de que 'a Terra tem dois eixos, que são rodeados por sete filas de céus e infernos, à distância de um *raju* cada um'. Pouca explicação é necessária, quando se compreende que as sete divisões, entre o equador e o zênite, são chamadas *Rishis*, ou *Rachas*. Mas o que mais importa ao nosso objetivo é saber que os hindus deram um nome a cada uma dessas divisões transpostas pelos trópicos durante cada revolução do Zodíaco. Até 36° de latitude, em que o pólo ou Meru estava nove graus elevado em Cassimere, as divisões se chamavam *Shastras*; aos 28° de latitude, em Delhi, onde o pólo ou Meru estava com a altura de sete graus, chamavam-se *Menus*; mas sob 24°, em Cacha, onde o pólo ou Meru não estava com mais de seis graus de altitude, o nome era *Sacas*. De acordo com *Asiatic Researches* (tomo IX), Yudhister, filho de Dherma [Dharma] ou [ou *Justiça*], era o primeiro dos seis Sacas. Este nome significa *o extremo*; e como cada coisa tem duas extremidades, Yudhister tanto se aplica à primeira como à segunda. Como, por outra parte, a divisão setentrional do círculo de perpétua aparição é a primeira do Cali Yuga, supondo ascendentes os trópicos, chamou-se a divisão ou reinado de Yudhister. Mas a divisão que antecede imediatamente o círculo de perpétua aparição é a última da terceira idade ou *Idade de Bronze*, e por isso foi chamada Yudhister. O seu reinado precede o do outro, quando o trópico ascende para o pólo ou Meru; daí o dizer-se que é o *pai* do outro, o 'grande antepassado de Yudhister, [que] reinou vinte e sete mil anos, no fim da idade de bronze'.

Os antigos observaram que o Zodíaco avançava à razão de 54 segundos aproximadamente em cada ano; e, desprezando a fração, calcularam que executaria uma revolução completa em 24.000 anos. E, observando que o ângulo dos pólos variava cerca de 4 graus em cada volta, calcularam os três números levando em conta essa variação, o que daria *quarenta e cinco voltas do Zodíaco* em cada semi-revolução dos pólos. Mas, tendo verificado que quarenta e cinco voltas não fariam coincidir o trópico setentrional com o círculo de perpétua aparição, devido a uma diferença de trinta minutos de grau, que exigia se deslocasse o Zodíaco meio signo mais, e isto não era possível, como sabemos, em menos de 3.000 anos, foram estes acrescentados no fim da *idade de bronze*. Deste modo se explica a ampliação para 27.000 anos do reinado de Yudhister. Contudo, em outra ocasião eles não alteraram a duração normal de 24.000 anos do reinado de cada um desses monarcas cíclicos; mas completaram o tempo estabelecendo uma *regência*

de 3.000 ou 4.000 anos no fim de cada período. Em *Asiatic Researches* (tomo II, pág. 134) se diz que 'Paricshit [Parikshit], o grande sobrinho e sucessor de Yudhister, reinou durante o intervalo entre a *idade de bronze* e a *idade de terra*, ou Cali Yuga, e morreu no começo desta última'. Vemos aqui um *interregno* no fim da *idade de bronze* e antes do início do Cali Yuga; mas como em um Mahâ Yuga de 1.080.000 anos não pode haver senão um Yuga de bronze, ou Treta Yuga, isto é, a Terceira Idade, segue-se que o reinado de Paricshit deve ter ocorrido no segundo Mahâ Yuga, quando o pólo havia retornado a sua posição original, ao cabo de 2.160.000 anos: é o que os hindus chamam Prajanâtha Yuga. De forma análoga procederam outros povos mais recentes, que, enamorados dos mesmos números, dividiram o ano comum em doze meses de trinta dias, representando o resto de cinco dias e fração como o reinado de uma pequena serpente que morde a própria cauda e se divide em cinco partes, etc.

Mas 'Yudhister principiou a reinar *imediatamente depois da inundação chamada Pralaya*', isto é, no fim do Cali Yuga (ou idade do calor), quando o trópico havia passado do pólo para o outro lado do círculo de perpétua aparição, que coincide com o horizonte setentrional. Aqui os trópicos ou solstício de verão estariam novamente no mesmo paralelo de declinação setentrional, no *começo* de sua primeira idade, tal como estavam no fim da *terceira idade* ou Treta Yuga, chamada a idade de bronze...

O exposto é o bastante para demonstrar que os livros de ciência dos hindus nada contêm de absurdo, nem acusam ignorância, presunção ou credulidade; senão que encerram os mais profundos conhecimentos de astronomia e geografia.

Diante de tudo isso, não consigo atinar com as razões que induziram aqueles senhores de consciência exigente a insistirem que Yudhister fosse um homem mortal, um personagem da vida real. A menos que receassem o que poderia suceder em relação a Jared e seu avô Matusalém?"¹³

(13) [Estas notas representam a tradução livre de trechos do livro *Mythological Astronomy* (1826) de S. A. Mackay (ou Mäckey), págs. 109-176. Nota da Ed. de Adyar.]